

Pão Vivo



CRBBM

**Casa de Recuperação e Benefícios
Bezerra de Menezes**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Pão Vivo

Estudo sobre a Queda Espiritual e
o Corpo Fluídico de Jesus à luz das obras de
Kardec, Roustaing e complementares

Autores:
GILBERTO PEREZ CARDOSO
JORGE DAMAS MARTINS
JULIO COUTO DAMASCENO
MAURÍCIO NEIVA CRISPIM
PEDRO SILVEIRA MARTINS
SÉRGIO THIESEN

Pão Vivo

Estudo sobre a Queda Espiritual e o
Corpo Flúidico de Jesus à luz das obras
de Kardec, Roustaing e complementares

CRBBM
Casa de Recuperação e Benefícios
Bezerra de Menezes
Rio de Janeiro

© 2014 - GILBERTO PEREZ CARDOSO,
JORGE DAMAS MARTINS, JULIO DAMASCENO,
MAURÍCIO NEIVA CRISPIM, PEDRO SILVEIRA MARTINS
e SÉRGIO THIESEN

REVISÃO:
GILBERTO PEREZ CARDOSO
JORGE DAMAS MARTINS
JULIO COUTO DAMASCENO
MAURÍCIO NEIVA CRISPIM
PEDRO SILVEIRA MARTINS
SÉRGIO THIESEN

Capa:
Azamor Serrão Neto
Sobre a foto da “Quinta do Tribus”

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
PROIBIDA A VENDA**

Proibida a reprodução fotomecânica sem
a autorização da
CASA DE RECUPERAÇÃO E
BENEFÍCIOS BEZERRA DE MENEZES

Direitos reservados a:
CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS
BEZERRA DE MENEZES
Rua Bambina, 128 - Botafogo
Rio de Janeiro - RJ - CEP.: 22.251-050
<http://www.crbbm.org>
Tel.: (21) 2266-2901 e 2266-6567

Nossa homenagem:

- Ao centenário da desencarnação de Frederico Pereira da Silva Jr.;
- Aos 150 anos da publicação de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”;
- Aos 180 anos de nascimento de Bittencourt Sampaio;
- Aos 200 anos de nascimento de Maurice Lachâtre.

AGRADECIMENTOS

“Glória a Deus nas alturas e paz na Terra à toda a Humanidade. Que a doce paz de Jesus reine hoje e sempre em nossos corações”
- senha espiritual da Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes

Não cansaremos jamais de agradecer aos nossos mentores e amigos espirituais o apoio recebido não apenas ao longo deste trabalho, para a produção deste volume, mas ao decorrer dos últimos dez anos, quando tivemos a alegria de publicar sucessivamente um livro por ano, cada qual com estruturas e conteúdos bastante diversos; e isso apesar da correria do dia a dia, das nossas limitações e tropeços em meio à caminhada, e a todo tipo de entrave enfrentado nesse tempo.

Esses volumes têm produção artesanal. Não são feitos por editoras, com todo o rigor da técnica e da qualidade editorial que se vê nas livrarias. A um olhar mais apurado, estão cheios de defeitos em relação à técnica de editoração, muitos dos quais conhecemos, mas simplesmente não conseguimos resolver, por falta de conhecimento especializado; outros talvez sequer percebamos, pela mesma razão; mas o certo é que estão impregnados de ideal, do mais puro ideal cristão, do desejo ardente de “gritar dos telhados” aquilo que aprendemos em secreto, compartilhando com os nossos irmãos em Cristo o que estiver ao nosso alcance. É isso o que os justifica, e que ao mesmo tempo atenua as suas imperfeições.

Sua distribuição é gratuita, mas em cada exemplar entregamos os melhores tesouros de nossos corações.

Quem sabe sentindo amor em cada página, e percebendo o genuíno respeito que temos por todos aqueles que discordam de nossas posições, possam igualmente os nossos irmãos entenderem também o que proclamamos como a “volta do Cristianismo do Cristo”; na forma desse Espiritismo mais progressista, aberto ao diálogo, mais sereno na troca de ideias, mais fraterno e solidário na busca da Verdade que avança sempre na linha do horizonte, a cada novo passo dado?

Aos nossos mentores, pois, o nosso obrigado. A Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, Azamor Serrão, Ignácio Bittencourt, José Luiz de Magalhães, Estrela Branca, e aos amigos de sempre, aqui representados pelos nossos Indalício Mendes e Ivo de Magalhães, a nossa eterna gratidão.

Que Jesus os abençoe, hoje e sempre!

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| PREFÁCIO..... | 13 |
| I - O CORPO FLUÍDICO DE JESUS E AS MATERIALIZAÇÕES..... | 33 |
| <i>Gilberto Perez Cardoso</i> | |
| II - EVOLUÇÃO, QUEDA DO HOMEM E AS REENCARNAÇÕES | 61 |
| <i>Jorge Damas Martins</i> | |
| 1. LEI, LIBERDADE E CONSEQUÊNCIAS | 65 |
| 2. CRIAÇÃO MENTAL | 77 |
| 3. FORMAÇÃO DA CRIAÇÃO MENTAL | 107 |
| 4. TENTAÇÃO, INFRAÇÃO, EXPULSÃO E REENCARNAÇÃO | 139 |
| III - PATERNIDADE LEGAL E CIENTÍFICA | 177 |
| <i>Jorge Damas Martins</i> | |
| 1ª. PARTE: PATERNIDADE LEGAL | 179 |
| 1. O REINO SEM FRONTEIRAS DE JESUS | 179 |
| 2. O REINO DE JESUS NÃO TERÁ FIM | 180 |
| 3. A HISTORICIDADE DOS ARQUIVOS GENEALÓGICOS | 181 |
| 4. JOSÉ E MARIA SÃO DA CASA DE DAVI | 182 |
| 5. MARIA: PROMETIDA A JOSÉ | 183 |
| 6. A EXPLICAÇÃO DO ANJO GABRIEL | 185 |
| 7. JESUS: O CUMPRIMENTO DAS ESCRITURAS | 188 |
| 8. JESUS, ASPECTO DE UMA CRIANCINHA | 188 |
| 9. MARIA: MÃE DE JESUS | 190 |
| 10. JOSÉ: RESPOSTA À ANUNCIAÇÃO DO ANJO GABRIEL | 190 |
| 11. A PATERNIDADE LEGAL | 191 |
| 12. CONCLUSÃO | 193 |
| 2a. PARTE: PATERNIDADE CIENTÍFICA | 195 |
| 1. O COMITÊ DA SOCIEDADE DIALÉTICA DE LONDRES .. | 195 |
| 2. SIR WILLIAN CROOKES | 195 |
| 3. PESQUISA PSÍQUICA | 195 |
| 4. FLORENCE COOK: A TUTELA DOS CROOKES | 196 |
| 5. 22 DE ABRIL DE 1872: UM DIA MARCANTE | 197 |
| 6. KATIE KING: UMA MULHER VIVA | 198 |
| 7. A BIOLOGIA DO SUPRANORMAL | 199 |
| 8. KATIE KING E FLORENCE COOK | 199 |
| 9. TIPOS PSICOBIOFÍSICOS DIFERENTES | 200 |

SUMÁRIO (CONT.)

III - PATERNIDADE LEGAL E CIENTÍFICA (CONT.)

2ª. PARTE (CONT.)

| | |
|---|-----|
| 10. PROVA FOTOGRÁFICA | 201 |
| 11. CONTROLE CIENTÍFICO DA MÉDIUM | 201 |
| 12. FOTOGRAFIA PSÍQUICA | 202 |
| 13. UM CASO DE REENCARNAÇÃO: ANNE OWEN MORGAN | 202 |
| 14. A RECOMPOSIÇÃO ECTOPLASMÁTICA | 203 |
| 15. A DESENCARNAÇÃO DE FLORENCE COOK | 203 |
| 16. 40 ANOS DEPOIS | 204 |
| 17. O ESTADO PSÍQUICO DE CROOKES | 204 |
| 18. A PATERNIDADE CIENTÍFICA | 204 |

IV - A ORIGEM DO ESPÍRITO 205

Jorge Damas Martins

V - CONCORDÂNCIA UNIVERSAL 217

Júlio Damasceno

VI - VÃO SIMULACRO 255

Júlio Damasceno

VII - TRÊS PEDRAS DE TROPEÇO E A QUEDA ESPIRITUAL.. 291

Júlio Damasceno

| | |
|------------------------------------|-----|
| 1. SIMPLICIDADE E IGNORÂNCIA | 297 |
| 2. NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO | 315 |
| 3. QUEDA E RETROGRADAÇÃO | 327 |

VIII - JESUS, NEM DEUS NEM HOMEM 345

Júlio Damasceno

| | |
|---|-----|
| 1. TRANSIÇÃO PLANETÁRIA E EVOLUÇÃO BIOLÓGICA.... | 347 |
| 2. EPIGENÉTICA | 350 |
| 3. EVOLUÇÃO E ESPIRITUALIZAÇÃO | 353 |
| 4. O EFEITO ORLOFF E OS MUNDOS SUPERIORES | 357 |
| 5. JESUS E O FUTURO DE NOSSA ESPÉCIE | 385 |
| 6. JESUS, ESPÍRITO PURO ENTRE OS MAIS PUROS | 397 |
| 7. CONCLUSÃO | 399 |

SUMÁRIO (CONT.)

| | |
|---|------------|
| IX - OS QUATRO MISSIONÁRIOS | 409 |
| <i>Maurício Neiva Crispim</i> | |
| 1. OS OPERÁRIOS DO CRISTO | 413 |
| 2. O ESPIRITISMO E A CIÊNCIA | 421 |
| X - A TEORIA DA QUEDA | 433 |
| <i>Maurício Neiva Crispim</i> | |
| 1. TEORIA, MODELOS E ESPECULAÇÕES | 444 |
| 2. QUAIS SÃO AS FRONTEIRAS OU LIMITES | 450 |
| 3. O PURO PENSAMENTO | 452 |
| 4. A TEORIA DE TUDO | 456 |
| 5. CIÊNCIA E RELIGIÃO | 462 |
| 6. AS CONEXÕES | 465 |
| 7. UMA TEORIA INTEGRAL | 470 |
| 8. CONCLUSÃO | 476 |
| X - A CIÊNCIA ESPÍRITA LADO A LADO COM ROUSTAING ... | 481 |
| <i>Pedro Silveira Martins</i> | |
| 1. A PESQUISA ESPÍRITICA | 483 |
| 2. OS FENÔMENOS ESPIRÍTICOS NA VIDA DE JESUS | 494 |
| 3. OS FENÔMENOS ESPIRÍTICOS NOS EVANGELHOS | 498 |
| XI - REFLEXÕES SOBRE O CORPO DE JESUS E A FÍSICA MODERNA | 515 |
| <i>Sérgio Thiesen</i> | |

PREFÁCIO

“Não vos ocupeis destes homens: deixai-os. Pois, se o seu intento ou a sua obra provém dos homens, destruir-se-á por si mesma; mas se, ao invés, verdadeiramente vem de Deus, não conseguireis arruiná-la. Não vos esponhais ao risco de serdes encontrados combatendo contra Deus” - Gamaliel (At. Cap.5, vv. 38 e 39).

“Em caso de dissidências, aquele que crer estar com a razão deverá prová-lo, sendo mais caridoso e mais benevolente. O erro estará, evidentemente, com aquele que denegrir o outro e atirar-lhe pedra”. (Allan Kardec - “Viagem Espírita em 1862”, 2a. ed. FEB, pág. 143)

“Tudo se reduz a explicar ainda melhor, cada vez mais clara e evidentemente, até que se compreenda. A única dificuldade que pode surgir como causa de dissensões, é não se haver explicado bastante. O remédio diante de qualquer condenação é apenas o de insistir, explicando sempre mais claramente. O problema não é de modificar, mas de ser compreendido. (Pietro Ubaldi, Prefácio de “O Sistema”)

PREFÁCIO

“Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo. [...] Muitos, pois, dos seus discípulos, ouvindo isto, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir? Sabendo, pois, Jesus em si mesmo que os seus discípulos murmuravam disto, disse-lhes: Isto escandaliza-vos? [...] O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos digo são espírito e vida. [...] Desde então muitos dos seus discípulos tornaram para trás, e já não andavam com ele. Então disse Jesus aos doze: Quereis vós também retirar-vos? Respondeu-lhe, pois, Simão Pedro: Senhor, para quem iremos nós?”(Jo. 6 vv. 51, 60, 61, 63 e 66-68)

A Verdade sempre surpreende ao espírito humano. Chega sem avisar... Assusta. Incomoda. Às vezes até irrita. Contraria. Agita por dentro e por fora... Alguns poetas a comparam com o sol. A poesia tem mesmo o dom de traduzir o indizível, e a imagem nos parece muito apropriada, sigamos com ela.

A Verdade é também um sol. Suas ondas de luz se reapresentam em cada amanhecer, sempre as mesmas, mas com nuances novos, tonalidades mil. Suas multicores estão sempre no céu, à disposição de todos, mas é preciso erguer o rosto para vê-las, e tempo para que os olhos se habituem com o seu brilho para só então, com vagar, apreender-se toda a riqueza de luz e cores que revelam.

Adormecidos nas faixas da matéria, os seus raios de calor fazem também muitas vezes o papel de nos despertar, de nos sacudir, tirando-nos das zonas de conforto das certezas do presente, convidando-nos a soerguer-nos para os desafios e conquistas de cada dia.

Diante dessa luz, as reações são diversas. Há os que se encantam. Os que fecham os olhos e cobrem o rosto. Os que se escondem, envergonhados. Mas, ainda aqui constata-se a generosidade da Vida, que nas primeiras horas do dia apresenta aquela luz mais tênue, a temperatura mais branda, calibrando passo a passo a intensidade de luz e calor para que as transições sejam suaves, preparando-nos pouco a pouco para o ápice do meio-dia.

É por isso que a revelação é progressiva. Consume séculos. A cada amanhecer, um novo avanço... Quantas lágrimas e quanto sangue já foi derramado, no passado, para nos oferecer as certezas de que hoje nos orgulhamos? Em quantos erros in-

corremos, alimentando a ortodoxia das próprias convicções?

Uma prece de gratidão deveria sempre exalar-se de nossos corações em direção ao Criador, pedindo pelos Espíritos dos grandes e pequenos missionários de todos os tempos, de todos os campos do progresso humano. Profetas, filósofos, cientistas, poetas, artistas, até os simples, os pequeninos do mundo, que deram tantas vezes a vida por um ideal. Deixamos aqui a nossa... A todos eles o nosso reconhecimento, a nossa gratidão em forma de prece.

Agora é a nossa vez, o nosso tempo. A hora de nossa contribuição. Nossa geração recebeu de legado o seu quinhão de verdades e conquistas já efetuadas, mas traz consigo também a sua missão, os seus desafios, a sua parte de esforço na caminhada do progresso, tanto no âmbito da sociedade, em geral, quanto na seara espírita, em particular. Fazemos isso reunindo, pesquisando, estudando, discutindo, processando, por assim dizer, todo o acervo de obras já obtidas para que se consubstanciem em verdadeiro aprendizado coletivo:

“O que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem”. (Allan Kardec, “A Gênese”, Cap. I, item 13)

Ao trabalho, pois! Estamos já no século XXI e contamos com mais de cento e cinquenta anos de Doutrina Espírita, mas é importante lembrar que estamos apenas no começo de uma longa trajetória de estudo, aprendizado e progresso, porque o Consolador “estará eternamente” conosco (Jo.14:16). Significa que ainda temos muito a descobrir, estudar, aprender... A cada dia, pois, o seu cuidado, e a cada qual a sua tarefa.

Vejamos, pois, o que se apresenta para o dia de hoje...

Nesse volume um pequeno grupo de amigos decidiu reunir-se para tratar de temas bastante controversos na seara espírita: o chamado “Corpo Fluídico” de Jesus, a “Queda Espiritual” e a Origem do Espírito, à luz das obras de Kardec, Roustaing, Pietro Ubaldi e outras complementares.

Chegamos a este propósito quase que naturalmente, impedidos meio pela curiosidade e meio pelas circunstâncias...

Estudamos todos, há muitos anos, as obras de Kardec, Roustaing e Ubaldi, e as entendemos como complementares e como partes integrantes da Doutrina Espírita (não do “kardecismo”), assim como Chico, Divaldo, Yvone e tantos outros...

Procuramos sempre demonstrar esta relação de continuidade e complementariedade através de estudos apresentados por meio de palestras, nos mais variados lugares.

Nesses encontros, deparando-nos muitas vezes com a divergência de opiniões, no meio espírita, sobre Roustaing e seu papel nas primeiras horas de nossa Doutrina, percebemos que não havia sido publicada ainda uma biografia extensa do grande advogado de Bordeaux. A discussão sobre a sua figura apoiava-se mais em opiniões e adjetivos do que em alguma pesquisa substantiva. Propusemo-nos a estudá-la. Surgiu assim o volume “Jean Baptiste Roustaing, Apóstolo do Espiritismo”(2005), de autoria dos confrades Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros¹, depois de quase vinte anos de pesquisa e milhares de páginas de fontes primárias trazidas diretamente da França. O título da obra diz bem o que encontramos sobre o célebre advogado de Bordeaux ao longo deste trabalho...

Em outras oportunidades as perguntas remetiam-nos a possíveis contradições entre as obras de Kardec e Roustaing, chamando-nos a atenção para um paradoxo corrente em nosso movimento: se o próprio Codificador diz, na Revista Espírita, que os três primeiros volumes da Codificação e “Os Quatro Evangelhos” não se contradizem², como pode alguém neles encontrar contradição? Tão díspares eram os comentários sobre este assunto, que por via das dúvidas decidimo-nos a compará-los nós mesmos, página a página, bem naquela linha do “São Tomé”, do “ver para crer”. Surgiram assim mais três volumes dedicados a esta finalidade, todos publicados recentemente, entre 2008 e 2011³, e à disposição do exame daqueles que se interessarem em fazê-lo a fim de verificar, com seus próprios olhos, a convergência de conteúdos apontada por Kardec.

Finalmente, defrontamo-nos com a curiosidade em torno de Emílie Collignon, a médium de “Os Quatro Evangelhos” e,

1 Vide “Jean Baptiste Roustaing, Apóstolo do Espiritismo”, de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros, Rio de Janeiro, CRBBM, 2005; edição on line disponível para download gratuito no site www.crbbm.org.

2 “É um trabalho considerável e que tem, para os espíritas, o mérito de não estar, em nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada em “O Livro dos Espíritos” e em “O Livro dos Médiuns”. As partes correspondentes às que tratamos em “O Evangelho segundo o Espiritismo” o são em sentido análogo” - Revista Espírita de Junho de 1866, pág. 257, Ed. FEB.

3 No mesmo endereço virtual acima o leitor poderá encontrar também para download gratuito as obras “Em Verdade Vos Digo” (Estudo Comparado de “Os Quatro Evangelhos” e “O Evangelho Segundo o Espiritismo”); “Examinai Tudo” (Estudo Comparado de “Os Quatro Evangelhos” e “O Livro dos Espíritos”); e “O Dom de Deus” (Estudo comparado de “Os Quatro Evangelhos” e “O Livro dos Médiuns”, todos organizados por Julio Damasceno e publicados pela CRBBM, respectivamente em 2008, 2010 e 2011.

insistindo mais uma vez no caminho da pesquisa e da apuração dos fatos, descobrimos que ela foi na verdade uma das grandes médiuns do Espiritismo nascente e que, além da obra publicada em parceria com Roustaing, contribuiu igualmente para a Codificação com diversas mensagens publicadas em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, “O Céu e O Inferno” e na “Revista Espírita”. Como já dissemos alhures, benditas as vidas cujas obras falam silenciosamente em sua própria defesa⁴...

A receptividade a esses trabalhos não poderia ter sido melhor. As pessoas perceberam que não estávamos ali manifestando as nossas opiniões em polêmicas vazias, nem desrespeitando a opinião de quem quer que fosse, mas simplesmente compartilhando as conclusões de estudos bem fundamentados, consistentes o bastante para “enfrentar a razão⁵” com a solidez dos fatos. Aliás, à série de livros publicados, denominamos justamente “Examinai Tudo”. Não estávamos ali fazendo apologia deste ou daquele autor ou obra, em qualquer sentido, mas apenas resgatando a história e os fatos e colocando-os para livre exame do público, silenciando a algazarra da polêmica para que se pudesse ouvi-los. Foi bastante fazer silêncio, no entanto, para que um canto maravilhoso ecoasse pelos ares. Era a voz da histórica, falando-nos na intimidade de nossos corações, revelando-nos Roustaing, Collignon e “Os Quatro Evangelhos” com o brilho que lhes é próprio, o qual, em meio ao tumulto, não tivéramos até então a oportunidade de apreciar...

Quase nove mil exemplares da coleção “Examinai Tudo” foram distribuídos gratuitamente, em todo o Brasil, desde 2005. Ao final de cada apresentação de seu conteúdo ficou sempre o sentimento de utilidade, de estar realmente trazendo uma abor-

4 Aqueles que tiverem curiosidade de conhecer mais sobre Collignon e suas obras basta acessar também o site www.crbbm.org, onde temos todas elas traduzidas para o português e disponíveis para download: “Conversas Familiares sobre o Espiritismo”, “A Educação Maternal, o Corpo e o Espírito” e “A Educadora Emilie Collignon”, todas trazidas para o Brasil e organizadas pelos confrades Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros (publicação CRBBM). Com relação às mensagens recebidas por Collignon e publicadas em “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (ESE), são as seguintes: 1) “A Indulgência”, do Espírito Joseph, mentor de Émilie-Collignon (ESE, Cap. X, 16); 2) “Espiritismo Prático”, do Espírito Dufêtre, bispo de Nevers (ESE, Cap. X, 8); 3) “A fé, mãe da esperança e da caridade”, do Espírito Joseph, mentor da Sra. Collignon e recebida em Bordeaux em 1862 (ESE, Cap. XIX, 11); 4) “Pelas suas obras é que se reconhece o cristão”, Espírito Simeão, Bordeaux, em 1863 (ESE, Cap. XVIII, 16); 5) “Perdão das Ofensas”, Espírito Simeão, Bordeaux, em 1862 (ESE, Cap. X, 14) e 6) “Dever-se-á pôr termo às Provas do Próximo?”, Bernardino, Espírito Protetor, Bordeaux, 1863 (ESE, Cap. V, 27).

5 “Fê racional só o é a que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da Humanidade” – Allan Kardec, epígrafe de “O Evangelho segundo o Espiritismo”.

dagem nova sobre temas antigos, de estar ajudando ao nosso movimento a sair de impasses através do estudo, da troca de ideias livre, saudável, fraterna e jovial. Sentindo-se respeitadas em suas opiniões, mesmo quando contrárias às nossas, e expostas aos fatos com isenção e propriedade, as pessoas sentiram-se livres para fazer seus julgamentos e chegar às suas próprias conclusões.

Este volume surge como resultado destes encontros. Nelles, surgiram questões novas, ainda não tratadas nos estudos já citados, mas que demandam igualmente atenção e estudo de nossa parte.

A questão do “Corpo Fluídico” surgiu sempre de imediato.

Como citamos muitas vezes o primeiro parágrafo do comentário sobre “Os Quatro Evangelhos” publicado na Revista Espírita, em 1866 (vide nota 2, acima), logo em seguida ao seu lançamento, surgiram naturalmente as questões sobre a continuidade do mesmo, no qual o Codificador apresenta suas reservas em relação a algumas novidades apresentadas na obra de Roustaing e Collignon e, em especial, quanto à revelação do corpo fluídico de Jesus. Talvez seja útil lembrarmos aqui as considerações de Kardec na ocasião:

“O autor desta nova obra [...] em vez de proceder por gradação, quis atingir o fim de um salto. Assim, tratou certas questões que não tínhamos julgado oportuno abordar ainda e das quais, por consequência, lhe deixamos a responsabilidade, bem como aos Espíritos que as comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular nossa marcha pelo desenvolvimento da opinião, até nova ordem não daremos às suas teorias nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de as sancionar ou as contraditar. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todo o caso, necessitam da sanção do controle universal, e, até mais ampla confirmação, não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita.

Quando tratarmos destas questões, fá-lo-emos categoricamente. Mas é que então teremos recolhido documentos bastante numerosos nos ensinos dados de todos os lados pelos Espíritos, a fim de poder falar afirmativamente e ter a certeza de estar de acordo com a maioria; é assim que temos feito, toda vez que se trata de formular um princípio

capital. Já dissemos cem vezes: Para nós a opinião de um Espírito, seja qual for o nome que traga, tem apenas o valor de uma opinião individual; nosso critério está na concordância universal, corroborada por uma lógica rigorosa, para as coisas que não podemos controlar com os próprios olhos. De que nos serviria dar prematuramente uma doutrina como verdade absoluta se, mais tarde, devesse ser combatida pela generalidade dos Espíritos?” (“Revista Espírita” - RE, Junho de 1866, pág. 258 da Ed. FEB).

Dentre as questões controversas, no seu entender, o Codificador destaca especialmente a do “corpo fluídico” de Jesus, que deixa também “de quarentena” para sanção futura:

“Dissemos que o livro do Sr. Roustaing não se afasta dos princípios de “O Livro dos Espíritos” e de “O Livro dos Médiuns”. Nossas observações assentam sobre a aplicação desses mesmos princípios à interpretação de certos fatos. É assim, por exemplo, que ele dá ao Cristo, em vez de um corpo carnal, um corpo fluídico concretizado, tendo todas as aparências da materialidade, e dele faz um gênero. Aos olhos dos homens que então não tivessem podido compreender sua natureza espiritual, deve ter passado em aparência, expressão incessantemente repetida no curso de toda a obra, para todas as vicissitudes da Humanidade. Assim se explicaria o mistério de seu nascimento: Maria não teria tido senão as aparências da gravidez. Este ponto, posto como premissa e pedra angular, é a base sobre a qual ele se apoia para a explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus.

Sem dúvida nada há nisso de materialmente impossível para quem quer que conheça as propriedades do invólucro perispiritual. Sem nos pronunciarmos a favor ou contra essa teoria, diremos que ela é, pelo menos, hipotética, e que se um dia fosse reconhecida errônea, faltando a base, o edifício desabaria. Esperamos, pois, os numerosos comentários que ela não deixará de provocar da parte dos Espíritos, e que contribuirão para elucidar a questão. Sem a prejudicar, diremos que já foram feitas sérias objeções a essa teoria, e que, em nossa opinião, os fatos podem perfeitamente ser explicados sem sair das condições da humanidade corporal”. (RE, Junho de 1866, págs. 258/259 da Ed. FEB)

Apesar das ressalvas, Kardec conclui o seu artigo recomendando aos espíritas o estudo de “Os Quatro Evangelhos”:

“Estas observações, subordinadas à sanção do futuro, em nada diminuem a importância desta obra, que, ao lado

de coisas duvidosas, em nosso ponto de vista, encerra outras incontestavelmente boas e verdadeiras, e será consultada com proveito pelos espíritas sérios”. (RE, Junho de 1866, pág. 259 da Ed. FEB)

Bem, o Codificador deixou para “sanção futura” essas questões em aberto, e em especial a do “corpo fluídico”. Como as observações acima já contam quase 150 anos, parece-nos oportuno retomá-las e visitar o assunto, para ver a que nos leva...

Chegamos, assim, à definição do primeiro grande tema deste volume – “O Corpo Fluídico”.

Para completar a introdução deste primeiro item, no entanto, é preciso também lembrar que ele ganhou ainda mais notoriedade – e controvérsia – depois do capítulo de “A Gênese” dedicado à questão do desaparecimento do corpo de Jesus, no qual Kardec se manifesta pessoalmente contrário à tese do caráter especial do corpo do Cristo. A citação é um pouco longa, mas é importante trazê-la toda para que tenhamos aqui o pensamento completo do nosso querido mestre lionês sobre a matéria:

“A estada de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa, pelo que respeita à sua mãe, como nas condições ordinárias da vida. Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo, em seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, revela os caracteres inequívocos da corporeidade. São acidentais os fenômenos de ordem psíquica que nele se produzem e nada têm de anômalos, pois que se explicam pelas propriedades do perispírito e se dão, em graus diferentes, noutros indivíduos. Depois de sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. É tão marcada a diferença entre os dois estados, que não podem ser assimilados.

“O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, propriedades que diferem essencialmente das dos fluidos etéreos; naquela, a desorganização se opera pela ruptura da coesão molecular. Ao penetrar no corpo material, um instrumento cortante lhe divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, cessa-lhes o funcionamento e sobrevém a morte, isto é, a do corpo. Não existindo nos corpos fluidicos essa coesão, a vida aí já não repousa no jogo de órgãos especiais e não se podem produzir desordens análogas àquelas. Um instrumento cortante ou outro qualquer penetra num corpo fluídico como se penetrasse numa massa de vapor, sem lhe ocasionar qualquer lesão. Tal a razão por que não podem morrer os corpos dessa espécie e por que os seres

fluídicos, designados pelo nome de agêneres, não podem ser mortos.

“Após o suplicio de Jesus, seu corpo se conservou inerte e sem vida; foi sepultado como o são de ordinário os corpos e todos o puderam ver e tocar. Após a sua ressurreição, quando quis deixar a Terra, não morreu de novo; seu corpo se elevou, desvaneceu e desapareceu, sem deixar qualquer vestígio, prova evidente de que aquele corpo era de natureza diversa da do que pereceu na cruz; donde forçoso é concluir que, se foi possível que Jesus morresse, é que carnal era o seu corpo

Por virtude das suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas, que repercutem no centro sensitivo ou Espírito. Quem sofre não é o corpo, é o Espírito recebendo o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Num corpo sem Espírito, absolutamente nula é a sensação. Pela mesma razão, o Espírito, sem corpo material, não pode experimentar os sofrimentos, visto que estes resultam da alteração da matéria, donde também forçoso é se conclua que, se Jesus sofreu materialmente, do que não se pode duvidar, é que ele tinha um corpo material de natureza semelhante ao de toda gente.” (“A Gênese”, de Allan Kardec, Cap. XV, item “Desaparecimento do Corpo de Jesus”)

A estas considerações, o Codificador acrescenta mais algumas também de natureza moral:

“Aos fatos materiais juntam-se fortíssimas considerações morais. Se as condições de Jesus, durante a sua vida, fossem as dos seres fluídicos, ele não teria experimentado nem a dor, nem as necessidades do corpo. Supor que assim haja sido é tirar-lhe o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera, como exemplo de resignação. Se tudo nele fosse aparente, todos os atos de sua vida, a reiterada predição de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para que lhe afastasse dos lábios o cálice de amarguras, sua paixão, sua agonia, tudo, até ao último brado, no momento de entregar o Espírito, não teria passado de vão simulacro, para enganar com relação à sua natureza e fazer crer num sacrifício ilusório de sua vida, numa comédia indigna de um homem simplesmente honesto, indigna, portanto, e com mais forte razão de um ser tão superior. Numa palavra: ele teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais as consequências lógicas desse sistema, consequências inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem.

Jesus, pois, teve, como todo homem, um corpo carnal

e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhes assinalaram a existência”. (“A Gênese”, de Allan Kardec, Cap. XV, item “Desaparecimento do Corpo de Jesus”)

Não entraremos agora no mérito da questão do “Corpo Fluídico”, porque ao longo deste volume a teremos muitas vezes sob exame. Voltaremos a ela, portanto, oportunamente.

Outra questão que apareceu com muita frequência, em nossos encontros, foi a da “Necessidade da Encarnação”, que nos remete diretamente a um dos aspectos da chamada “Queda Espiritual”.

“Kardec nos ensina que a encarnação humana é uma etapa necessária para a evolução do Espírito, independente de qualquer tipo de queda, e em Roustaing temos que só viemos para os mundos materiais a partir de algum tipo de erro, pelo mau uso do livre-arbítrio depois de atingirmos o estado da humanidade. Não estaria aí uma contradição das duas obras?” – perguntavam-nos.

“Kardec ensina também que o Espírito não retrograda, nem degenera. A teoria da Queda não estaria igualmente em contradição com este ponto?” – acrescentavam outros.

À primeira vista a leitura das duas obras parece confirmar a percepção de contradição. A título de exemplo, vale lembrar que, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo” encontramos, no seu capítulo IV, uma mensagem de São Luiz afirmando claramente a encarnação humana como necessária ao nosso progresso, em qualquer hipótese:

“25. É um castigo a encarnação e somente os Espíritos culpados estão sujeitos a sofrê-la?”

A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência. Sendo soberanamente justo, Deus tem de distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder. Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça. Mas, a encarnação, para todos os Espíritos, é apenas um estado transitório. É uma tarefa que Deus lhes impõe, quando iniciam a vida, como primeira experiência do uso que farão do livre-arbítrio. Os que desempenham com zelo essa tarefa transpõem rapida-

mente e menos penosamente os primeiros graus da iniciação e mais cedo gozam do fruto de seus labores. Os que, ao contrário, usam mal da liberdade que Deus lhes concede retardam a sua marcha e, tal seja a obstinação que demonstrem, podem prolongar indefinidamente a necessidade da reencarnação e é quando se torna um castigo. – S. Luís. (Paris, 1859.)”

Em Roustaing, por sua vez, logo no primeiro Tomo, item 59, encontramos exatamente o ensino contrário...

“Que é o que devemos pensar da opinião que se formula assim: “Do mesmo modo que, para o Espírito em estado de formação, a materialização nos reinos mineral e vegetal e nas espécies intermediárias e igualmente a encarnação no reino animal e nas espécies intermediárias é uma necessidade e não um castigo resultante de falta cometida, também, para o Espírito formado, que já tem inteligência independente, consciência de suas faculdades, consciência e liberdade de seus atos, livre arbítrio e que se encontra no estado de inocência e ignorância, a encarnação, primeiro, em terras primitivas, depois, nos mundos inferiores e superiores, até que haja atingido a perfeição, é uma necessidade e não um castigo”?

Não; a encarnação humana não é uma necessidade, é um castigo, já o dissemos. E o castigo não pode preceder a culpa. O Espírito não é humanizado, também já o explicamos, antes que a primeira falta o tenha sujeitado à encarnação humana. Só então ele é preparado, como igualmente já o mostramos, para lhe sofrer as consequências”.

Ora, entendemos perfeitamente àqueles que, baseados nestas duas citações, trazidas aqui apenas a título de referência, dentre as muitas disponíveis sobre o mesmo tema, tenham neste item um exemplo concreto de uma possível “contradição” entre as obras de Kardec e Roustaing. “*A divergência nos dois textos é evidente. Irrecusável!*” – dizem-nos.

Outra vez sem entrar ainda no mérito da questão, posto que este assunto será também amplamente discutido ao longo deste volume, acreditamos que esse item seja mesmo um bom exemplo, mas em outro sentido, não o da suposta contradição, conforme exposto acima, mas sim da necessidade que temos de estudar sempre, e tudo, com mais vagar e mais profundidade...

Sim, porque, numa segunda leitura é sempre possível descortinar aspectos novos de um mesmo tema. Vejamos, abaixo, uma outra citação de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, no seu capítulo III, item 16, essa de Santo Agostinho:

“Já se vos há falado de mundos onde a alma recém-nascida é colocada, quando ainda ignorante do bem e do mal, mas com a possibilidade de caminhar para Deus, senhora de si mesma, na posse do livre-arbítrio. Já também se vos revelou de que amplas faculdades é dotada a alma para praticar o bem. Mas, ah! há as que sucumbem, e Deus, que não as quer aniquiladas, lhes permite irem para esses mundos onde, de encarnação em encarnação, elas se depuram, regeneram e voltam dignas da glória que lhes fora destinada”. (Sto.Agostinho, Paris, 1862)

Nessa passagem a encarnação material é colocada como castigo, não como necessidade, exatamente como ensina a obra “Os Quatro Evangelhos”, conforme visto acima...

Seria possível a contradição de dois textos diferentes dentro de um mesmo volume da Codificação Kardequiana, justo em relação a um ponto tão relevante para a Doutrina e para a compreensão de nossa experiência planetária? São Luiz e Santo Agostinho por ventura se contradisseram?

Para não nos estendermos muito, nesta introdução, vejamos ainda mais dois rápidos exemplos que confirmam, no mesmo sentido, o quanto ainda carecemos de reflexão sobre esse assunto. Nas duas obras, tanto na de Kardec quanto na de Roustaing, encontramos a seguinte frase:

“O Espírito não retrograda” (“O Livro dos Espíritos”, Q.118,178a, 194a, 398a, 612, 613 e 778)

“O Espírito não retrograda” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo II, item 164)

Ora, se a obra de Roustaing nos traz o ensino da Queda, como pode confirmar o da Codificação, quando nos diz que o Espírito não retrograda em sua trajetória evolutiva? O senso comum acredita que a possibilidade da queda se antepõe ao ensino da não retrogradação. Será essa uma contradição da obra “Os Quatro Evangelhos” em relação à ela mesma?

Ou, ainda, para concluir a introdução deste tema: na questão 86 de “O Livro dos Espíritos” tem-se que “O mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita”.

Perguntamos nós: se o mundo corporal poderia nunca ter existido, como pode nele a encarnação ser necessária para o progresso espiritual? Ou, em termos mais filosóficos: como pode algo cuja existência é desnecessária, ser considerado necessário para alguma coisa?

Não, a Codificação não pode contradizer-se em si mesma... Sabemos todos que ela é obra do Cristo e de seus mensageiros. A aparente contradição só pode resultar de uma interpretação equivocada ou limitado entendimento de nossa parte, e então temos de estudar, pensar, analisar para encontrar as respostas desejadas.

Voltaremos, pois, também com mais calma a esse assunto, mais à frente, para ver a que nos leva um estudo mais apurado.

Finalmente, a terceira e última questão, também relacionada ao tema “Queda Espiritual” e tão relevante e interessante quanto as duas já apresentadas, e frequentemente trazida aos nossos debates mais ou menos nos seguintes termos:

“Toda a Codificação nos ensina que o homem foi criado “simples e ignorante”. A Obra de Ubaldi nos diz que não, que fomos criados perfectíveis e conscientes. Não estará aí igualmente um exemplo frisante de contradição, entre as duas obras?”

Começamos sempre o nosso trabalho procurando entender o ponto de vista dos que nos procuram com estas questões, e neste caso é curioso que estejamos todos de acordo com as duas primeiras sentenças da questão formulada, embora chegando a conclusões distintas, a partir delas.

Sim, o ensino de que fomos criados “simples e ignorantes” permeia toda a Codificação, assim como a Revista Espírita.

Em nossas pesquisas, encontramos no período de 1857 a 1869 um total de 22 citações com essa expressão; trouxemos algumas, a título de exemplo:

“Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes.”
(“O Livro dos Espíritos”, Q.115)

“Os Espíritos são criados simples e ignorantes”. (“O Céu e o Inferno”, Cap.III – O Céu, item 6)

“As almas são criadas simples e ignorantes”. (“O Que é Espiritismo”, item 114)

“O Espírito foi criado simples e ignorante”. (RE, Nov. 1858, pág.456 da Ed. FEB)

“Conforme a Doutrina Espírita, as almas foram e ainda são criadas simples e ignorantes”. (RE, Dez. 1859, pág. 482 da Ed. FEB)

“Os Espíritos saem das mãos do Criador simples e ignorantes”. (RE, Maio 1861, pág. 236 da Ed. FEB)

“Não conhecemos, e provavelmente jamais conheceremos, o ponto de partida da alma humana. Tudo quanto sabemos é que os Espíritos são criados simples e ignorantes”. (RE, Jan. 1862, pág. 17 da Ed. FEB)

“Ignoramos absolutamente em que condições se dão as primeiras encarnações da alma; é um desses princípios das coisas que estão nos segredos de Deus. Apenas sabemos que são criadas simples e ignorantes” (RE, Jan. 1864, pág. 45 da Ed. FEB)

“Os Espíritos são criados simples e ignorantes” (Revista Espírita, Março 1865, págs. 99 e 100 da Ed. FEB)

É verdade também que na obra Ubaldiana se ensina que fomos criados perfectíveis e conscientes, bem distantes, portanto, do estado de simplicidade e ignorância revelado na Codificação Kardequiana, o que mais uma vez, a princípio, parece confirmar a contradição das duas obras. Vejamos dois pequenos trechos, a título de exemplo:

“Deus, causa primeira sem causa, não tem princípio nem fim e tudo gera sem ter sido gerado. Deus simplesmente “é”, e tudo Ele “é”, não encerrado no limite de nenhuma dimensão. As várias dimensões nascerão depois, entre as quais o tempo e o espaço, apenas como limites do ser, enquanto Deus é o ser sem limites. Eis, então, que Deus transcendente, que “é” acima e independente de qualquer criação Sua, acima da atual, como de qualquer outra possível, eis que Deus realiza, com respeito à atual, a Sua primeira criação, feita de espíritos perfeitos. Ele destacou do Seu seio, por Amor, seres feitos à Sua imagem e semelhança, para amá-los, incluindo-os na Sua própria felicidade”. (“Deus e Universo”, Cap. VIII)

“A verdadeira criação foi única, a dos espíritos puros, isto é, a que Deus realizou em Seu seio, distinguindo-se interiormente em muitos “eu sou”, feitos à Sua imagem e semelhança. O nosso universo físico não foi uma criação, foi um desmoronamento da criação”. (“Deus e Universo”, Cap. X)

Kardec sempre evitou, respeitosamente, a questão das origens. Seu bom-senso lhe fazia ver que a Doutrina ainda estava, ao seu tempo, plantando as suas bases, os seus fundamentos, e que não seria oportuno então avançar para questões de tal complexidade. Os Espíritos Superiores que orientavam o seu trabalho apoiaram reiteradamente essa decisão. Os exemplos

são diversos, reunimos alguns apenas de “O Livro dos Espíritos” para não nos estendermos muito nesta introdução:

“17. É dado ao homem conhecer o princípio das coisas?

Não, Deus não permite que ao homem tudo seja revelado neste mundo.

“Um fato patente domina todas as hipóteses: vemos matéria destituída de inteligência e vemos um princípio inteligente que independe da matéria. A origem e a conexão destas duas coisas nos são desconhecidas”. (Nota de Kardec à questão 28 de “O Livro dos Espíritos)

“O princípio das coisas está nos segredos de Deus.” (“O Livro dos Espíritos”, Q.49);

“Quanto, porém, ao modo por que nos criou e em que momento o fez, nada sabemos”. (“O Livro dos Espíritos”, Q.78)

“A época e o modo por que essa formação [a dos Espíritos] se operou é que são desconhecidos.” (“O Livro dos Espíritos”, Q.79)

“Mas, repito ainda uma vez, a origem deles [dos Espíritos] é mistério.” (“O Livro dos Espíritos”, Q.81)

“O ponto inicial do Espírito é uma dessas questões que se prendem à origem das coisas e de que Deus guarda o segredo. Dado não é ao homem conhecê-las de modo absoluto, nada mais lhe sendo possível a tal respeito do que fazer suposições, criar sistemas mais ou menos prováveis. Os próprios Espíritos longe estão de tudo saberem e, acerca do que não sabem, também podem ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas. [...]

Qual a origem do Espírito? Onde o seu ponto inicial? Forma-se do princípio inteligente individualizado? Tudo isso são mistérios que fora inútil querer devassar e sobre os quais, como dissemos, nada mais se pode fazer do que construir sistemas. (Nota de Kardec à questão 613 de “O Livro dos Espíritos”)

A decisão de não avançar nesse tema não levou os Espíritos orientadores da Codificação a silenciá-lo de todo, porém. Ficaram algumas “pistas”, algumas “dicas”, talvez exatamente para preparar o desenvolvimento futuro da matéria. Afinal, a Doutrina é progressiva...

Nas questões 85 e 86 de “O Livro dos Espíritos” encontramos, por exemplo, as primeiras informações sobre uma criação

primeira toda espiritual:

“85. Qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corpóreo, é o principal, na ordem das coisas?

“O mundo espírita, que preexiste e sobrevive a tudo.”

86. O mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita?

“Decerto [...]”

Kardec julgou essa informação tão importante que a reproduziu no resumo da Doutrina Espírita, no item VI da introdução de “O Livro dos Espíritos”, exatamente nos mesmos termos:

“O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo.

“O mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter jamais existido, sem que por isso se alterasse a essência do mundo espírita”.

Essa revelação tem um valor muito especial. Descobre apenas um pouco do véu sobre a nossa origem, mas traz alimentos substanciais para nossa reflexão.

“Deus é Espírito” (Jo., 4:24) , ensina-nos Jesus. Ora, se entendemos que toda “causa inteligente” tem “efeito inteligente”⁶ faz sentido que uma causa espiritual tenha igualmente um efeito espiritual. A informação de que “o mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente a tudo” estabelece ainda uma linha de coerência entra as três revelações, porque confirma e explica a ideia de “imagem e semelhança” da revelação mosaica (Gênesis, 1:26).

Até aí vamos bem mas, ... como enquadrar, nesta linha de raciocínio, a ideia de que fomos criados “simples e ignorantes”? Como pode o efeito ser exatamente a oposição completa da causa que lhe dá origem, justo no seu “momento zero”, logo em seguida à sua criação? Na natureza não é assim. O calor é mais intenso próximo à chama. A água mais pura próxima à fonte... O efeito é tão mais semelhante à sua causa quanto mais próximo dela se encontra. Causa inteligente/efeito inteligente; causa espiritual/efeito espiritual; causa quente/efeito quente, causa luminosa/efeito luminoso. A sugestão de que a inteligência, no caso, é potencial, para se desenvolver mais tarde, não resolve o

6 A expressão “Todo efeito inteligente há de ter uma causa inteligente” é recorrente na Codificação Kardequiana; encontramos-la, por exemplo, em “O Livro dos Espíritos”, Conclusão, item IX; “O Livro dos Médiuns”, Cap.II, item 9; e “A Gênese”, Cap. XI, item 1, só para citar algumas passagens.

dilema. O raio de sol não nasce escuro e frio na sua origem, para só brilhar e aquecer-se depois...

E, por outro lado, se o mundo material poderia “jamais ter existido”, por que então existe? Aliás, o mesmo “Livro dos Espíritos” nos diz também que a evolução começa exatamente da matéria, seguindo “do átomo ao arcanjo”, conforme o apresentado na questão 540. Então, se o mundo material poderia “jamais ter existido”, poderemos dizer o mesmo da matéria, do átomo? E, por derivação, o mesmo sobre a Evolução? A Evolução, que começa do átomo, poderia também não ter existido? Então, por que existe???

Bem, acreditamos que esse breve introito já seja suficiente para validar, também neste caso, a ideia de que precisamos falar mais sobre esse assunto, estudá-lo melhor ainda, com mais vagar, trocar mais ideias sobre ele, rever juntos as passagens de obras relevantes que lhe estejam relacionadas...

Se o prezado leitor se interessa pelos temas propostos, e se dispõe de tempo para uma boa conversa entre amigos, veio ao lugar certo. Não temos aqui a intenção de convencer ninguém de coisa alguma ou de chegar a alguma conclusão especial sobre este ou aquele assunto, mas sim de estudar, trocar, compartilhar ideias e notas de maneira estruturada, organizada, produtiva, de tal modo a contribuir, no limite de nossas possibilidades, para o enriquecimento do debate sobre questões que entendemos relevantes para o progresso de nossa Doutrina.

Essa obra é resultado do esforço de um grupo de amigos, e o nosso desejo é que outros tantos possam se juntar a nós a partir deste pequeno “regalo” que oferecemos aos que generosamente nos concedam um pouco de seu tempo e atenção...

Com este trabalho concluí-se um ciclo de dez anos de publicações, iniciado em 2005, quando do I Congresso Roustaing, de Brasília. Esse será o décimo e último volume da coleção “Examinai Tudo”, legado principal deste período, lembrança carinhosa ofertada como presente para as próximas gerações ...

Encerramos essa introdução com uma pequena mensagem aos companheiros da Casa de Recuperação, a nossa babinha, do Rio de Janeiro, Casa de Bezerra de Menezes.

Que Deus abençoe sempre esta Casa, pelo esforço feito com essas publicações – todas com distribuição gratuita - e pelo

trabalho de divulgação das obras de Kardec, Roustaing e Pietro Ubaldi, entre outras.

Que as sementes de luz espalhadas por todo o Brasil, e até além-mar, iluminem também os corações de seus integrantes presentes e futuros com o mesmo ideal, com esse mesmo entusiasmo pela volta do Cristianismo do Cristo.

Saudamos aqui aos seus dirigentes, médiuns e colaboradores e àqueles que nos leem lembrando o lema que temos visto nos demais volumes e que desta vez se aplica com perfeição a este nosso esforço a “doze mãos”: “o melhor bem é o bem que fazemos juntos”.

A todos, paz.

Goiânia, 06 e 07 de Junho de 2014
X Congresso Jean Baptiste Roustaing

Gilberto Perez Cardoso
Jorge Damas Martins
Julio Damasceno
Maurício Neiva Crispim
Pedro Silveira Martins
Sérgio Thiesen

**I - O “CORPO FLUÍDICO”
DE JESUS E AS
MATERIALIZAÇÕES**

Gilberto Perez Cardoso

O “Corpo Fluídico” de Jesus e as Materializações

Gilberto Perez Cardoso

O corpo “fluídico” de Jesus é um tema sobre o qual ouço falar, com naturalidade, desde minha infância. Tendo nascido no seio de família espírita, cujos membros eram frequentadores assíduos do Grupo Espírita Aracy, em Campos, no Estado do Rio de Janeiro, onde despontava nas décadas de 1950 e 1960 o famoso médium Peixotinho, acompanhei de perto parte desse período da vida do médium que ficou célebre no movimento espírita por ser um excepcional medianeiro de efeitos físicos, em especial materializações de espíritos.

Acostumei-me, desde cedo, a ouvir detalhadas narrativas de meu pai sobre materializações de espíritos. E também sobre interessantes estudos que fazia sobre a obra de Jean Baptiste Roustaing, destacando-se nesse aspecto, como um dos líderes, a figura notável do Dr. Albano Seixas Filho, eminente médico e professor que morou nessa cidade na época, portador de enciclopédica cultura e vasto conhecimento doutrinário.

Por isso mesmo, no ambiente em questão, dada a naturalidade com que se via, se falava e se convivia com materializações, nada mais óbvio para explicar a interessante fenomenologia envolvendo o Divino Mestre, narrada em abundância no Novo Testamento, do que se admitir a hipótese de Jesus ter sido um agêner e de ter tido um corpo “fluídico”. Isto sendo aceito, ficam facilmente justificáveis todos os extraordinários relatos evangélicos, magnificamente destrinchados pela obra de Roustaing.

Quero destacar aqui, em especial, do que se registrou nas Escrituras acerca do Cristo no período que antecedeu sua crucificação, com fenômenos que claramente insinuam Sua capacidade em desmaterializar e rematerializar o corpo denso com que se revestiu para exercer a missão junto a nós. Não estou invocando aqui a fenomenologia apresentada pelo Divino Mestre após a crucificação, claramente indicando sua natureza de agêner, como se verifica com espíritos de variados graus de evolução ao se materializarem e que a literatura espírita e espiritua-lista registra.

Fenômenos posteriores ao episódio no Gólgota, narrados nas excelentes crônicas dos evangelhistas, colocam Jesus obviamente como protagonista no papel de agêner e ajudam bastante na Sua caracterização como tal. Fatos anteriores, no entanto, embora mais raros, podendo situá-lo nessa condição, reforçam

a hipótese de Jesus ter sido um agênera em toda Sua trajetória.

Vejamos, por exemplo, o que nos diz Lucas, no seu Evangelho, no capítulo 4, versículos de 28 a 30, referindo-se ao que ocorreu após Jesus ter lido, na sinagoga, passagem do livro do profeta Isaías, que antevia a vinda do Messias prometido, tendo concluído o Mestre que, naquele momento, a profecia de Isaías havia se cumprido. “Diante dessas palavras, todos na sinagoga se enfureceram. E, levantando-se, expulsaram-no para fora da cidade e o conduziram até um cimo da colina sobre a qual a cidade estava construída, com a intenção de precipitá-lo de lá. Ele, porém, PASSANDO PELO MEIO DELES, prosseguiu seu caminho”. Ora como podemos interpretar esse trecho referido por Lucas? Percebe-se, claramente, que Jesus atravessou os corpos dos perseguidores, num fenômeno só possível caso seu corpo físico tivesse a propriedade da desmaterialização ou da intangibilidade. E nós sabemos que tal propriedade é possível nos Espíritos materializados que se encontram desencarnados. As reuniões de efeitos físicos acompanhadas por diferentes sábios informam-nos fartamente disso.

Isso poderia acontecer, teoricamente, por dois diferentes mecanismos: o Espírito materializado atravessaria os corpos densos porque promoveria a relativa desagregação molecular de seu corpo materializado, permitindo a interpenetração da matéria; nesse caso, o corpo da entidade materializada atravessaria o obstáculo físico; numa outra opção, a entidade materializada lançar-se-ia na quarta dimensão e desapareceria momentaneamente de nosso plano, retornando à terceira dimensão logo após ter “contornado” o obstáculo. Para Zollner a melhor opção seria essa última.

Os Espíritos encarnados não possuem, que se saiba, essa propriedade de desmaterialização de seus corpos e nem a de, por vontade própria, mergulharem com o corpo físico na quarta dimensão, retornando em seguida à terceira. Lembremo-nos de que Espíritos encarnados possuem o cordão de prata, que liga seus perispíritos a seus corpos materiais. Ora, para que seja explicado o fenômeno ocorrido com Jesus, de ter simplesmente “atravessado” a multidão, sem choques ou danos físicos, temos de considerar que o Mestre desmaterializou seu corpo físico momentaneamente ou mesmo levou-o à quarta dimensão por instantes, fugindo à perseguição da turba enfurecida. Mais provavelmente, se quisermos considerar o que nos conta Lucas, Ele promoveu a desmaterialização ou momentânea intangibilidade de seu “corpo fluídico” (seu corpo não oriundo de fusão de espermatozóide e óvulo) dessa forma atravessando os corpos físicos da multidão, sem lesioná-los ou mesmo incomodá-

-los. Atravessou-os incólume. Por conta disso, é sugestiva, por esse exemplo, a natureza agênere de Jesus, mesmo antes da crucificação. Para um Espírito encarnado, portador de cordão de prata, tal desmaterialização redundaria, fatalmente, na desencarnação. Para um agênere, não. O agênere poderia sofrer desaglutinação dos componentes do corpo físico e, algum tempo depois, operar a reaglutinação dos elementos. Como está descrito nas reuniões de materialização.

Fora tal passagem descrita por Lucas, relembro o registro, contido na obra “Os Quatro Evangelhos”, coordenada por Roustaing, que informa que Jesus, dos 13 aos 30 anos, teria frequentemente se desmaterializado e rematerializado de acordo com as circunstâncias e necessidade. Isso normalmente, face à sua condição de agênere.

Muita gente, infelizmente, mesmo se dizendo estudiosa da Doutrina Espírita, desdenha e nem sequer lê a obra de Roustaing, esquecendo-se da admoestação de Paulo: “Examinai tudo, retende o bom”; ou as recomendações de Kardec, em “A Gênese”, capítulo I, parágrafo 13: “... enfim, a doutrina não foi ditada completa nem imposta à crença cega; porque ela é deduzida do trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhes põem sob os olhos, pelas instruções que eles dão, instruções estas que o homem estuda, compara e das quais tira ele mesmo as suas conclusões e aplicações. Numa palavra, o que caracteriza a revelação espírita é que sua origem é divina, que a iniciativa pertence aos Espíritos, e que a elaboração é o resultado do trabalho do homem”.

A grande verdade é que o exame cuidadoso de “Os Quatro Evangelhos” resulta na descoberta de ensinamentos e teses de excepcional profundidade espiritual e de cristalina lógica, não tendo passado a obra despercebida, como era de se esperar, de grandes nomes que dela se tornaram admiradores e cultivadores do seu estudo, dentre os quais podemos incluir Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, Guillon Ribeiro, Antônio Luiz Sayão, Chico Xavier, Emmanuel, Newton Boechat e tantos mais.

Constituem aspectos que julgo marcantes no trabalho de Roustaing:

1º) A interpretação, lógica e em concordância com a revelação espírita, dos evangelhos segundo Mateus, Marcos, Lucas e João. Os extraordinários fenômenos que cercaram o nascimento, vida e morte de Jesus são esclarecidos com base nas leis magnéticas, de atração e repulsão de fluidos ou energias e destacando a intervenção mediúnica, que é notável em diversos trechos. Com Roustaing, o termo milagre perde sua conotação de impossibilidade ou mesmo de inexplicabilidade.

2º) A lapidar questão da “queda espiritual”. Em “Os Quatro Evangelhos” encontramos os motivos da encarnação (a primeira) e das dores e sofrimentos experimentados pelas criaturas encarnadas. O afastamento da harmonia Divina levou-nos ao mergulho periódico na carne até que venha a ocorrer a recuperação do estado inicial, vigente antes da “queda”. Sem a “teoria da queda”, fica-se a duvidar da Bondade e Justiça Divinas que obrigariam um ser, sem culpa, a iniciar evolução (classificada como “normal”) a partir de dificuldades e sofrimentos não merecidos. A “queda”, por outro lado, está em toda parte do universo e posiciona-se em toda a cultura humana, como um símbolo, fazendo parte, como diz Jung, do “inconsciente coletivo”. A queda está na Bíblia, no simbolismo do afastamento de Adão e Eva do paraíso; na mitologia grega, romana, germana e eslava, com as lendas de seres decaídos e desterrados, buscando sofregamente a recomposição e a harmonia; e até na Medicina, no corpo teórico da Homeopatia, dada ao mundo por Samuel Hahnemann. Na obra “Filosofia Homeopática”, de autoria de James Tyler Kent, um dos mais notáveis discípulos de Hahnemann, escreve o autor sobre a “psora”. Segundo Kent, “a psora seria o princípio de toda enfermidade física. Se a psora não houvesse se estabelecido como um miasma sobre a raça humana, as outras enfermidades crônicas não teriam oportunidade de existir e a suscetibilidade às doenças agudas inexistiria. Todas as doenças do homem se fundamentam na psora; por isso, é ela o fundamento da Doença; todas as demais vieram depois. A PSORA É A CAUSA FUNDAMENTAL, E É A DESORDEM PRIMITIVA OU PRIMÁRIA DA RAÇA HUMANA. É o estado desordenado da economia interior da raça humana. Se a raça humana houvesse permanecido em um estado de ordem perfeito, a psora não teria podido existir. A suscetibilidade à psora abre uma questão demasiadamente ampla para ser estudada numa Escola de Medicina. É muito extensa, pois vai desde o mal primitivo da raça humana, sua primeira enfermidade verdadeira...”

Como se não bastasse, várias religiões e filosofias orientais citam a “queda” sob roupagens diferentes: “dia e noite de Brahma”, etc... No século XX, destacamos a filosofia de Pietro Ubaldi, explicada na sua monumental obra de 24 volumes, toda ela centrada na “Queda Espiritual”, argumento muito bem apresentado em todos os volumes da Obra e estudado em minúcias em “Deus e Universo”, “O Sistema” e “Queda e Salvação”. Há que se destacar apenas que há algumas peculiaridades sobre o entendimento da queda espiritual que são diferentes nas obras de Roustaing e de Ubaldi. Merecem estudo aprofundado.

Modernamente, portanto, coube a Roustaing a primazia de

destacar esse tema nevrálgico, sem o qual não se consegue conciliar Deus e seus atributos com a encarnação e as dificuldades, dores e provas enfrentadas pelas criaturas em evolução.

3º) O chamado corpo “fluídico” de Jesus. “Fluídico”, aos mais distraídos, poderia significar algo etéreo, nebuloso e, portanto, pouco denso, o que não é exato. O termo “fluídico”, adotado pelos Espíritos em “Os Quatro Evangelhos”, significando como algo derivado do fluido cósmico universal, infelizmente trouxe consigo outras conotações, com o termo “fluídico” fazendo supor que o corpo de Jesus não teria consistência sólida, sendo algo intangível e pouco palpável, o que é falso. O termo “fluídico”, adjetivando o corpo do Cristo, empregado pelos Espíritos e citado por Roustaing em toda a Obra, significa que o mesmo foi formado por aglutinação de fluidos retirados da Natureza (principalmente de vinhedos e trigais, segundo a revelação espiritual) e não proveniente do processo habitual no plano humano, fruto da fusão de espermatozóide e óvulo. Por isso, a expressão “corpo fluídico” denota, na verdade, que o corpo do Cristo não teria sido formado pelo método biológico convencional, ou seja, fusão de espermatozóide e óvulo, com posterior desenvolvimento embrionário, mas sim por aglutinação de fluidos manipulados pela potente mente crística. Fluidos retirados de diversos setores da Natureza.

O termo “fluídico”, realmente, traz muita confusão ao correto entendimento, pois dá a idéia de algo ora líquido, ora vaporoso; o corpo “fluídico” de Jesus, pelo que nos é dado saber, apresentava todas as características físicas de um corpo humano normal, formado segundo a Biologia do plano em que ora vivemos. Para a maioria dos dicionários, o termo “fluídico” quer dizer algo intangível, que não se pode apalpar; ora, o corpo do Cristo era palpável, tangível. Uma definição mais empregada pela Física informa que fluido seria “substância que se deformaria continuamente quando submetida a uma tensão de cisalhamento” (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Fluido>, vide Wikipédia). Fluidos, ainda na definição dada pela Física, incluiriam “gases, plasmas e sólidos plásticos. Os fluidos compartilham a propriedade de não resistir à deformação e apresentam a capacidade de fluir, podendo tomar a forma de seus recipientes. A Física classifica ainda os fluidos em líquidos e gases” (vide Wikipédia, idem).

Ora, tais definições, a meu ver, não são exatamente o que os Espíritos querem dizer quando se referem a fluidos, seja na obra Kardequiana, seja na obra de Roustaing. A noção de fluido é mais ampla, estando mais próxima de alguma diferenciação do fluido cósmico universal, segundo a conceituação fornecida a Kardec pelos Espíritos, ou mesmo do conceito de Energia, ex-

presso por “Sua Voz”, por exemplo, na monumental “A Grande Síntese” de Pietro Ubaldi. O próprio ectoplasma, matéria prima das materializações, parece se constituir de elementos que vão desde fluidos finos (talvez melhor definidos como uma espécie de quintessência de certas energias), passando por energias diversas e culminando em elementos materiais, como muito bem explica o Espírito André Luiz na obra “Nos Domínios da Mediunidade”, via psicografia de Chico Xavier. Veremos o assunto mais adiante.

Admitindo-se a pureza crística e a desnecessidade da encarnação do Mestre Divino, por ser Espírito puro (vide pergunta número 113 de “O Livro dos Espíritos”) e nunca haver falido, por não ter sofrido a “queda”, é lógico que o imaginemos não sujeito às leis biológicas habituais do plano que habitamos, que são leis reguladoras do universo que contém seres em queda espiritual.

Teria Jesus, então, não só a dispensa de encarnar (porque nunca faliu e por ser Espírito puro), mas também a capacidade de aglutinar as energias necessárias à formação de seu corpo, não elaborado pelo processo biológico comum, mas em tudo semelhante aos corpos humanos, com a mesma consistência, Anatomia, Histologia e Fisiologia.

Quero aqui lembrar ao leitor o capítulo 1 do excelente livro “A Caminho da Luz”, de autoria do Espírito Emmanuel e psicografia de Chico Xavier, edição da Federação Espírita Brasileira, capítulo intitulado “Gênese Planetária”, onde o autor espiritual conta que desde a formação da Terra todas as operações para sua estruturação geológica e para a viabilização da vida têm sido supervisionadas por Jesus.

Nessa obra há informações muito interessantes sobre a função e o poder do Cristo, expressos na ciclópica e hercúlea tarefa de organização de um planeta, desde a aglutinação neste de seus elementos físicos primordiais até a condução do nascimento em sua superfície de formas primitivas de vida e ao desenvolvimento desta até o ponto em que nos achamos.

No capítulo 1 da referida obra há uma informação muito importante fornecida por Emmanuel. Fala da “comunidade dos Espíritos puros”; comenta que Jesus faz parte dessa comunidade e diz que ela se reuniu em duas ocasiões próximo à Terra para solução de questões. “A primeira verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no tempo e no espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os pródromos da vida da matéria em ignição...” A partir daí, fala Emmanuel do trabalho realizado por Jesus e seus auxiliares na gênese planetária e do processo de iniciação da vida no planeta. Emmanuel cognomina Jesus de “O Divino

Escultor”.

Ora, uma entidade que supervisionou todas as etapas não só da formação física, geológica do planeta, com aglutinação no seu bojo dos elementos primordiais, mas também quanto ao surgimento da vida no próprio, evidencia uma capacidade de total controle sobre os elementos físicos e vitais que existam sobre o planeta. Daí, não se pode conceber, em aceitando tais revelações, que o Divino Mestre possa ter qualquer dificuldade na manipulação de fluidos, sejam eles de que natureza forem. E daí também se conclui que Jesus, como governador e “escultor” do planeta, não pode ter qualquer dificuldade em aglutinar ou dispersar fluidos ou mesmo qualquer tipo de material. Pode, com o simples uso da vontade, Espírito Puro que é, requisitar à Natureza fluidos para formar seu corpo, como também dispersá-los quando convier. Daí também se conclui que o corpo de que se revestiu, embora não fosse fruto do mecanismo biológico predominante no planeta para formação de corpos, foi um exemplar semelhante ao habitual.

Se assim não fosse, como explicar o sangue proveniente das feridas oriundas dos suplicios? O corpo de Jesus, portanto, foi “fluídico” por ter sido formado pela reunião de fluidos, energias, tomados à Natureza, assim como as “materializações” são corpos oriundos de elementos doados pelo médium de efeitos físicos, pelos participantes das reuniões e por elementos cedidos pela Natureza. Os espíritos materializados, não obstante, têm corpos visíveis e tangíveis; podem-se-lhes auscultar batimentos cardíacos e tomar-se-lhes o pulso. Entretanto, seus corpos não são fruto de ligação de espermatozóide e óvulo. Se espíritos evolutivamente mais atrasados podem se materializar em corpos densos e a Bíblia se refere a vários desses chamados “agêneres” (vide o “Livro de Tobias”) por que o Cristo, governador do planeta, não poderia?

Ora, só podemos imaginar que estruturar um corpo material por aglutinação de fluidos, como o que costuma acontecer em reuniões de materialização, seja uma operação fácil para quem exerce a função de governador do planeta e que lhe vem supervisionando a evolução desde os tempos em que o que hoje é estudado pela moderna Geologia na época não passava de simples condensação de nebulosa.

Não seria coerente com essas informações e constatações uma visão acanhada de um Cristo que, sendo governador do planeta e, supervisionando-lhe a estruturação desde o início e também ao nascimento, formação e evolução dos seres vivos que no orbe habitem, tivesse que se submeter a processo encarnatório penoso e evitado de limitações, tais quais observamos ser

habitual na Terra, ainda planeta de provas e expiações, infelizmente. Admitir um Jesus limitado por vicissitudes próprias de mundo de provas e expiações é negar-lhe a característica de Espírito Puro. Contrariaria, por exemplo, a pergunta de número 625 de “O Livro dos Espíritos”: “qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem, para lhe servir de guia e de modelo? Resposta: vede Jesus.”

É importante lembrar que, ao longo da História, desde os dias iniciais dos registros sobre a vida de Jesus, coexistem as concepções adotadas por duas grandes correntes de pensamento com concepções diversas em relação à natureza do Mestre: os que admitem que o Mestre nasceu de fusão de espermatozóide e óvulo e os que defendem a idéia de que Jesus foi um agênera ectoplásmico, nessa hipótese admitindo-se se tratar de Espírito Puro, portanto, sem necessidade e sem possibilidade de encarnar. Quero recordar aqui que “O Livro dos Espíritos”, na pergunta de número 113, exatamente sobre “Espíritos Puros”, diz que tais entidades “percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria”. Mais adiante comenta: “... não têm mais provas nem expiações a sofrer. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos percíveis...” Incluo-me francamente na segunda categoria, e acompanho a corrente formada por diversas escolas a partir do período depois de Cristo (D.C.): docetismo (século II); marcionismo (século II); valentinianos (século II); monofisismo (século II); maniqueísmo (século III até século XII); arianismo (século IV); eutiquianismo (século V); neo-maniqueísmo (século XII); gnosticismo (desde século I até século V); catarismo (século XII até século XIV).

As materializações aí estão como evidências lógicas para explicar a realidade e a plausibilidade do “corpo fluídico” de Jesus e por essa razão acho que vale a pena nos estendermos sobre elas nesse capítulo. A existência das materializações e seu estudo oferecem-nos a base biológica para uma argumentação sólida em defesa da tese do “corpo fluídico de Jesus”.

E o que não falta na literatura espírita são obras e relatos, escritos por homens notáveis e pessoas sérias, e com credibilidade, acerca de materializações de espíritos. Podem ser citados diversos sábios, como William Crookes (premiado com o Nobel), Charles Richet (também premiado com o Nobel), Gustave Geley e muitos mais. Há obras notáveis, publicadas desde há muitas décadas, que primam pela minúcia nas pesquisas sobre materializações e cuja análise detalhada não caberia no espaço disponível atual, mas que recomendo ao leitor interessado e ao pesquisador.

Há coisas curiosas sobre as materializações. O termo

“ectoplasma”, por exemplo, empregado sempre que nos referimos às materializações, foi cunhado pela primeira vez por Charles Richet, famoso médico francês, Professor da Faculdade de Medicina de Paris e ganhador do Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia em 1913 pela descoberta da anafilaxia. Ao observar fenômenos de efeitos físicos provocados pela médium Eusápia Paladino, verificou certas “protuberâncias parecendo sair do próprio corpo da médium”, denominando-as, então, de “ectoplasma”. A palavra resulta da combinação das raízes gregas “ektós”, significando “fora” e “plasma”, “formação”. Necessário é não confundirmos o “ectoplasma” estudado inicialmente na Metapsíquica e, em seguida, pela Parapsicologia e Psicobiofísica, com o ectoplasma analisado na Biologia. Neste último caso, denomina ele a porção mais externa do citoplasma, em oposição ao endoplasma, terminologias referentes à célula, unidade da matéria viva.

O ectoplasma é formado por “fluidos” de uma extensa gama de constituintes, desde o gasoso ao sólido; para tanto, convém consultarmos André Luiz na obra “Nos Domínios da Mediunidade”, psicografia de Chico Xavier, quando fala dos fluidos “A”, “B” e “C”, sobre o que vamos comentar mais adiante. No seu aspecto mais sólido constitui o ectoplasma substância visível e palpável no plano material, tendo sido estudado exaustivamente por sábios diversos no início do século XX. Tem consistência, peso (já foi pesado por diversas vezes mediante pesquisas feitas por investigadores sérios) e demonstra, em geral, grande sensibilidade à luz, quando tende a se desfazer... Possui ainda a propriedade de se movimentar segundo o comando mental do médium pelo qual se exterioriza, adotando formatos e configurações diversos sob a influência também dos encarnados presentes à reunião de ectoplasma. É substância altamente plástica, suscetível de ser talhada pelo pensamento e vontade da pessoa. Manipulada pelos desencarnados presentes à reunião de efeitos físicos, molda-se ao campo magnético representado pelo corpo espiritual destes, fazendo-os visíveis e tangíveis à assistência física. O processo assemelha-se à clássica experiência do ímã e da limalha-de-ferro: as partículas de limalha, dispersas ao acaso sobre uma folha de papel, desarrumadas, adotam aspecto organizado, exatamente na configuração das linhas-de-força magnéticas de magneto situado logo abaixo do papel. Desenha-se neste, pela arrumação da limalha, em decorrência da atuação do campo-de-força, a figura do ímã.

O ectoplasma parece se compor, de acordo com informações obtidas por vários cientistas, de material proteico, gorduroso e celular, onde abundariam leucócitos, segundo Scherenck-

-Notzing. Já James Black, analisando a matéria ectoplasmática, chegou à fórmula química: C120 H1184 S5 O249, o que parece corroborar a predominância do material proteico. Entretanto, se nos ativermos a essas informações, apenas tocaremos nos aspectos físicos do ectoplasma, já que, conforme nos indica o Espírito André Luiz, em obras psicografadas por Chico Xavier, este tem uma parte material e a correspondente espiritual.

Segundo o que depreendemos dos livros “Nos Domínios da Mediunidade” e “Missionários da Luz”, o ectoplasma parece se compor de elementos materiais, extraídos do médium, dos encarnados assistentes às reuniões, de plantas e de animais; e de recursos espirituais, referidos por André Luiz em “Nos Domínios da Mediunidade” como “fluidos A”, reservando a designação de “B” aos recursos do médium de efeitos físicos e dos encarnados da assistência e “C” para aqueles tomados à Natureza terrestre. O Professor Hernani Guimarães Andrade, Diretor do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas, com sede em São Paulo, atualmente desencarnado, propôs ainda os termos ectomineraloplasma para designar o ectoplasma extraído de corpos minerais; ectofitoplasma, tirado de vegetais; ectozooplasma, retirado de animais, inclusive o homem. É deste notável pesquisador o estudo mais interessante e completo sobre as “ectoplasmas” na atualidade, incluído na fabulosa obra de sua autoria, intitulada “Espírito, Perispirito e Alma”, “Ensaio sobre o Modelo Organizador Biológico”, Editora Pensamento. Aliás, recomendo ao leitor interessado a referida obra, no sentido de aprofundar conhecimentos sobre o assunto.

Daí gostaria de desenvolver este estudo sobre as ectoplasmas, tocando em aspectos que me parecem interessantes, sendo fruto de minhas próprias observações e informações colhidas com familiares amigos e conhecidos.

O ectoplasma, na sua contraparte material, realmente parece conter elementos celulares. Prova disso foi uma interessante pesquisa executada no Rio de Janeiro pelo Dr. Roberto Silveira, médico e amigo nosso de anos, companheiro de estudos espirituais desde o início das reuniões de nosso grupo de estudos. O Dr. Roberto desenvolveu inestimável labor, alcançando ao mesmo tempo os intentos da caridade e o da pesquisa, no Grupo Espírita Regeneração, no Rio, instituição presidida, na época em que ele desenvolveu tais estudos, pela Professora Leda Rocha, também componente do nosso grupo. A bem da verdade, ela foi mais que componente, pois o grupo se reuniu por muitos anos na residência dela até sua desencarnação em 2002. O Dr. Silveira, certa vez, conseguiu alguma quantidade de ectoplasma em reunião de efeitos físicos realizada no Grupo Espírita

Regeneração com o médium Fábio Machado, desencarnado em 1985. Foi um trabalho delicado e que exigiu presteza e argúcia por parte do Dr. Silveira. O material teve que ser colhido no escuro e transportado em tal estado, rapidamente, desde o Grupo Espírita Regeneração, situado na rua São Francisco Xavier, até o laboratório, na rua Barão de Lucena, no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro. O Dr. Roberto teve de fazer a preparação do conteúdo com prensa, em várias lâminas, já prevendo a desintegração do mesmo em pouco tempo, após a exposição à luz do microscópio óptico. De fato, ao contato com esta, o tecido se desintegrava, dificultando a focalização. Entretanto, a substituição rápida das lâminas permitiu a visualização do ectoplasma, que foi fotografado antes de se desintegrar, através da incidência da luz. Ficaram registradas em notáveis fotografias, pertencentes ao Dr. Silveira, células no meio do material ectoplasmático, semelhantes em tudo às células vivas, excetuando-se o fato de serem desprovidas de núcleo. A experiência não poderia ter sido conduzida por alguém mais gabaritado, uma vez que o Dr. Silveira é conceituado citologista no meio médico carioca, tendo sido até presidente da Sociedade Brasileira de Citologia.

O ectoplasma parece emanar das cavidades naturais existentes no corpo físico do médium, tais como boca, narinas, ouvidos e reto, sua exteriorização provocando, por vezes, diminuição de peso e de tamanho do mesmo. Sobre isto, tenho o precioso e insuspeito testemunho de meu pai, Talvani Sanfim Cardoso, na época ainda encarnado e residente em Campos, Estado do Rio. Como tive chance de assinalar, fora ele designado pelo Alto para fotografar os Espíritos que se materializavam através da faculdade do Peixotinho, durante as memoráveis reuniões ocorridas no Grupo Espírita Aracy, em Campos, na década de 1950. Narrou-me vários fatos a merecerem citação, relativos àqueles eventos: certa vez, convidado pela Scheilla, enfermeira materializada naquela ocasião, penetrou na “cabine”, contígua ao salão de reuniões do Grupo Aracy. Ali costumava se recolher o Peixotinho, no início das reuniões, permanecendo deitado numa modesta cama até o final das mesmas. Ao adentrar o recinto, meu pai se espantou: o médium se apresentava fisio-nomicamente idêntico ao aspecto conhecido por todos, deitado de lado, em sono profundo, só que com o corpo físico reduzido à metade das dimensões normais, guardadas as proporções anteriores de cabeça, tronco e membros! Aliás, muito se poderia falar daquelas notáveis manifestações. Conheci pessoalmente o Peixotinho, participei de inúmeras reuniões públicas com sua presença e desfrutei, quando ainda criança, de vasto receituário homeopático vazado por sua benemérita mediunidade, embora

nunca tivesse tido a chance de observar diretamente alguma das reuniões de ectoplasmia produzidas por sua mediunidade, visto ter ele desencarnado em 1966, quando eu estava com apenas com 13 anos. Contudo, guardei na mente a imagem de sua figura modesta, generosa e desprendida, a exteriorizar pura bondade e muito amor em torno de si. Nesse ponto, cumpre referir-me a alguns dados biográficos e a fatos significativos que marcaram a última jornada terrena dessa excepcional criatura e grande médium.

Francisco Peixoto Lins, ou Peixotinho, como todos os conheceram, nasceu a 1 ° de fevereiro de 1905, em Pacatuba, Ceará. As informações que se seguem foram fornecidas pelo seu filho, Dr. Guilbert Vieira Peixoto, e publicadas em “Reformador” de agosto de 1966, logo após a desencarnação do médium. Passou a infância em Fortaleza, criado pelos tios, pois ficara órfão de mãe precocemente. Iniciou sua educação em um seminário. Nesta época começaram a se lhe manifestar dúvidas sobre a existência de Deus, assim como se inconformava com as diferenças sociais e o nascimento de crianças anormais.

Aos catorze anos, deixou sua terra e embrenhou-se na Amazônia. Durante dois anos trabalhou na extração de borracha nos seringais, enfrentando perigos e tendo de conviver com a solidão e exiguidade de recursos.

Retornou ao Ceará, quando se lhe manifestou a mediunidade, sob forma obsessiva, visto que, no início, era envolvido por Espíritos sofreadores que o faziam um “valentão”. Apesar do físico franzino, possuía enorme força de vontade, evitando sair de casa para não ser influenciado por obsessores e causar perturbações. Isso depois de um episódio em que, após travar luta com vários homens, foi transportado para praia deserta, ileso. Mergulhou, certa vez, em estado de catalepsia, sendo considerado morto, estado de que despertou após mais de 20 horas de amortalhado. A seguir, foi acometido de paralisia que o prostrou por 6 meses, sem perspectiva de cura. Um dia, a União Espírita Cearense, sabedora do seu caso, enviou confrades a visitá-lo e esses companheiros, com preces e passes, o libertaram da falsa enfermidade. Começou, então, seu aprendizado no Espiritismo, sendo Viana de Carvalho um dos abnegados orientadores.

Em 1926 veio para o Rio de Janeiro, então capital da República e se apresentou para servir ao Exército, na Fortaleza de Santa Cruz. Posteriormente, foi transferido para Macaé. Em Macaé iniciou seus serviços no Espiritismo, fundando o Grupo Espírita Pedro com outras pessoas. Na mesma cidade veio a se casar com Benedita Vieira Peixoto, conhecida pelo apelido de Baby. Grande e iluminada criatura, formava com Peixotinho um

casal exemplar. Notável foi a presença e atuação de dona Baby junto a Peixotinho durante o exercício de sua missão.

Sua vida militar foi intercalada de transferências. Para onde era transferido, porém, fundava um posto de receituário mediúnico homeopata. Assim ocorreu em Imbituba, Santos, Rio de Janeiro, Campos, etc...

Em 1946 foi transferido de Imbituba para a Fortaleza de São João, no Rio de Janeiro. Reencontrou-se com velhos amigos. Das reuniões semanais na residência de um deles, Antônio Alves Ferreira, nasceu um culto doméstico que se transformou no Grupo Espírita André Luiz, cuja sede provisória funcionou no escritório de Jacques Aboab, à rua Moncorvo Filho, 27, sobrado, na Tijuca. Hoje o Grupo André Luiz possui uma sede própria e funciona com expressivo número de frequentadores às suas atividades.

Do Rio transferiu-se para Santos, em 1948. Lá frequentou o Centro Espírita Ismênia de Jesus. No mesmo ano encontrou-se com Chico Xavier. Realizou, com este, em Pedro Leopoldo, várias reuniões de materialização e de tratamento.

Transferido para Campos em 1948, iniciou seus serviços no Grupo Espírita Joana D'Arc. Pouco depois, com o crescimento da frequência ao seu culto doméstico, nasceu o Grupo Espírita Aracy, sua guia espiritual e que, na última encarnação, fora-lhe filha. Dedicou ao Grupo Aracy seus últimos anos na carne.

Sofria de asma brônquica, compreendendo ser essa a sua provação. Apesar de tudo, era alegre e brincalhão. Como médium, sempre teve comportamento exemplar e inatacável, nunca comercializando a faculdade. Viveu pobre e exclusivamente dos vencimentos de oficial da reserva do Exército, no posto de capitão. Dedicou-se muito ao tratamento de casos de obsessão, chegando mesmo a levar doentes para o próprio lar, onde os hospedava junto à família. Passou por testemunhos sérios e sofreu ingratidões que soube perdoar, não desanimando nunca de servir.

Desencarnou às 6 horas da manhã do dia 16 de junho de 1966, em Campos, deixando viúva e 9 filhos.

Talvani, meu pai, manteve constante convívio com o Peixotinho durante seus últimos anos de encarnado. Observou muitos outros fatos interessantes durante as reuniões de materialização. Gravou comunicados de espíritos materializados em fita magnética, alguns desses, apesar do tempo, ainda audíveis e em nosso poder. Gravou ele uma linda palestra de Pietro Ubaldi em visita ao Aracy, na década de 1950 e um pronunciamento do espírito André Luiz, materializado. Certa vez, foi convidado pela

Scheilla, então materializada, a tocar o abdome do Dr. Albano Seixas Filho, médico e professor famoso em Campos, participante assíduo das reuniões, notável estudioso do Espiritismo. A Scheilla embebeu-lhe os dedos numa substância que se lhe afigurou “gelada”, pedindo que tocasse a parede abdominal do médico, estando deitado, na direção de um ponto luminoso estampado na altura da vesícula biliar. Grande foi sua surpresa ao perceber a penetração de seus dedos através dos tecidos, sem qualquer resistência. Repetiu a experiência várias vezes, sentindo no interior do órgão, fragmentos de maior consistência (cálculos biliares?). O Dr. Albano não referiu dor nem evidenciou qualquer reação, tão comum nas pessoas operadas ou naquelas portadoras de processos abdominais agudos, quando a estimulação do peritônio provoca náuseas e vômitos. Curioso é que a “substância gelada”, trazida pela enfermeira espiritual, permitia a penetração da matéria através da matéria, sem resistência, sem dor e sem resultar em infecção, como veio a constatar. Parece que as moléculas se afastavam à aproximação da matéria especialmente tratada – os dedos com a “substância gelada” -, retornando ao seu lugar primitivo quando da retirada desta última, não restando sequer cicatriz! Parecia ocorrer um perfeito reacoplamento, sem descontinuidades.

De outra vez, houve uma reunião especialmente programada em benefício do meu avô, Oscar Sanfim Cardoso, que viria a desencarnar em 1954. Havia pouco que um linfoma fora detectado em seu organismo e o encontro objetivava levar-lhe algum tratamento espiritual. Deitado numa maca posta no salão de reuniões, sofreu o exame e a intervenção de alguns médicos espirituais materializados. Em seguida, um dos Espíritos chamou pelo meu pai e pelo Dr. Albano Seixas, levando-os a um canto da sala. Ali expôs sobre algo semelhante a um negatoscópio (tela fluorescente usada em hospitais para iluminar radiografias) uma “chapa” ou algo parecido, de regiões corporais do meu avô, demonstrando, com precisão, em imagem cintilante, os setores acometidos. O diagnóstico não deixava dúvidas: tratava-se realmente de um linfoma, um tipo de câncer dos gânglios linfáticos, com metástases disseminadas, atingindo já o cérebro, o que definia mau prognóstico. Cabe aqui assinalar que na Campos de 1954 mal se conseguia uma radiografia simples de tórax, quanto mais processos de diagnóstico por imagem mais sofisticados. Tal exame mostrado pelos Espíritos materializados assemelhava-se às modernas cintilografias por radioisótopos e tomografias computadorizadas, métodos de introdução muito mais recente na Medicina.

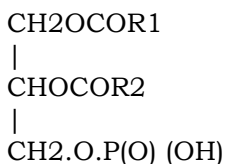
De outra feita, meu avô Oscar foi submetido a uma ci-

rurgia na Santa Casa de Campos, presente o Dr. Mário Goulart, médico cirurgião muito amigo de nossa família, gozando de elevado conceito científico entre a comunidade médica daquela cidade, inclusive ultrapassando suas fronteiras. O Peixotinho, sabedor do momento exato em que se realizaria a intervenção, concentrou-se, deitado, em sua residência, na rua Miguel Herédia. Talvani, meu pai, teve acesso ao centro cirúrgico, acompanhando toda a operação. Foi feita uma incisão ampla, a partir da axila e em direção ao dorso, para retirar massas e gânglios tumorais. Este foi o exame que confirmou histologicamente a hipótese de linfoma. O cirurgião fechou a incisão, tendo permanecido a cicatriz, suturada, no local correspondente ao corte. Saindo da Santa Casa, dirigiu-se meu pai à residência do Peixotinho. Surpreso, encontrou-o a despertar, referindo dores na axila e região dorsal. Ao tirar a camisa, meu pai visualizou no corpo do médium uma linha avermelhada no trajeto das regiões citadas, perfeitamente superponível em localização à incisão executada pelo cirurgião no meu avô Oscar!

As reuniões, além de trazerem lenitivo físico aos que dela participavam, também reforçavam a convicção na imortalidade, através dos notáveis fenômenos ocorridos. O ectoplasma do Peixotinho diferia daquele que observamos corriqueiramente pela característica de se apresentar luminoso e tanto mais quanto maior fosse a elevação da Entidade materializada. Eu, pessoalmente, já assisti a algumas reuniões de materialização com o médium Fábio Machado, desencarnado na década de 1980, e com outros medianeiros. Entretanto, a obscuridade prevalece e os Espíritos só podem ser bem observados por nós ao se colocarem muito próximos. Contudo, tornam-se visíveis à distância por conduzirem objetos fosforescentes que os identificam quando afastados. Isto não tira, em absoluto, a autenticidade do fenômeno, pois já assisti a objetos pesados flutuarem junto ao teto, executarem movimentos e oscilações, conduzidos pela força ectoplasmática de forma a anular a gravidade ou seguir trajetos impossíveis de serem executados por qualquer pessoa presente fisicamente, que estivesse desejando fraudar. Isto sem contar as precauções adotadas antes do início das reuniões a que assistimos, como a contenção do médium, o isolamento das pessoas presentes, a colocação de talco, certos objetos ou fitas em pontos-chaves do recinto, impedindo entradas, movimentações ou saídas dos presentes, no decorrer dos trabalhos.

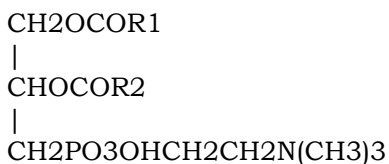
O ectoplasma do Peixotinho, por ser luminoso, clareava totalmente o recinto, tornando visíveis os Espíritos, o médium e os encarnados, inviabilizando por completo qualquer fraude. Flores surgiam no ambiente, trazidas de regiões distantes, sem

que existissem nas imediações. Objetos eram transportados até o teto e faziam evoluções notáveis, perfumes surgiam no ambiente. Numa ocasião, meu pai penetrou na “cabina”, levado por desencarnado, sendo advertido de que a Espiritualidade iria materializar, por momentos, a fim de ser registrada, a “usina-de-força”, um aparelho empregado nos trabalhos de efeitos físicos e que serviria para estabelecer e variar os campos magnéticos empregados nos fenômenos ocorridos nessas reuniões. Certa vez, recebeu do espírito José Grosso a informação de que a substância “fosfato de lecitina” entraria na composição química do ectoplasma. A Bioquímica registra a “lecitina” como fazendo parte dos “Fosfatídeos”, uma das subdivisões dos Lipídeos, conhecidos de forma vulgar como gorduras. Os Fosfatídeos são compostos que apresentam tal nome por conterem um átomo de Fósforo. Além deste, contêm glicerol, ácidos graxos e uma base nitrogenada. Os Fosfatídeos são derivados do ácido fosfatídico, cuja fórmula química é:



Os Fosfatídeos são encontrados nos tecidos animais e vegetais. A Fosfatidilcolina (lecitina) e a Fosfatidilserina (cefalina) estão em grande quantidade na composição das membranas celulares e nas membranas das organelas intracelulares.

A fórmula química da lecitina é:



A informação, uma vez se confirmada a posteriori por investigações adequadas, cresceria de importância face a conclusões mais ou menos recentes da Biologia Molecular. Há tempos se pensava que as membranas celulares fossem formadas por uma espécie de “sanduíche”, em que as fatias de “pão” correspondessem a camadas de proteínas e o “recheio” a dupla camada lipídica. Na atualidade, sabemos que a membrana celular corresponde a uma dupla camada lipídica, na qual se distribuem,

ancorados, blocos de proteínas, emergindo pela face interna ou externa da membrana ou, às vezes, não emergindo, permanecendo na sua intimidade. Os lipídios cresceram em importância na composição química das membranas celulares. Acresce-se a isto o fato de que a célula nervosa apresenta expressiva camada “extra” de gorduras a envolver o seu axônio, cilindro especializado em conduzir o impulso nervoso. Talvez aí esteja a importância dos lipídios, conseqüentemente, da lecitina.

Outro fato curioso prende-se às recomendações dadas pelos Espíritos para que as pessoas que participassem das reuniões de materialização com o Peixotinho consumissem grande quantidade de pescado. Ora, o pescado é rico em gorduras, proteínas e em Fósforo, elemento fundamental na composição química da lecitina. Os participantes das reuniões evitavam comer carne bovina ou de aves por 48 horas que antecedessem as reuniões, que ocorriam às terças e sábados.

Entretanto, significativas, se correlacionadas com o exposto, são as informações dadas por “A Grande Síntese”, do Professor Pietro Ubaldi. Nesta obra monumental, já referida por nós neste livro, Ubaldi captou uma “corrente de pensamentos” ou noûre traçando uma síntese magnífica do conhecimento humano, conseguindo, através da comparação, demonstrar que os diversos fenômenos da Vida correspondem a uma mesma Lei, que se desdobra em outras, menores em cada campo de manifestação. As leis que regem reações químicas têm o mesmo modelo e se assemelham àquelas que determinam as mudanças sociais. Os fatos observados na aparência não denunciam sua origem comum, o que ocorre quando vistos em profundidade. Ubaldi concebe o Universo como formado de uma imensa substância, diferenciada em matéria, energia e espírito. Admite e justifica a evolução desta substância com a transformação da matéria em energia e desta em espírito.

Como bem assinala o comentário à pergunta de número 540 de “O Livro dos Espíritos”, com relação à evolução do princípio espiritual, “na Natureza tudo se encadeia, desde o átomo até o arcanjo, que iniciou sua jornada como átomo...” Observamos a perfeita concordância entre as informações contidas na Codificação e aquelas emitidas por “Sua Voz”. Mas voltemos à opinião de “Sua Voz” sobre o ectoplasma. Conforme expus acima, a matéria, a energia e o espírito são diferenciações da substância. Um se transforma no outro. Aliás, a própria Ciência já demonstrou, até experimentalmente, a conversão da matéria em energia, faltando a da energia em espírito. Entretanto, todos os fenômenos da Vida exigem maturação e repetição para se fixarem e progredir. Assim sendo, a energia, após ser liberada

das estruturas atômicas, atravessa extenso processo de amadurecimento, viajando por diversas formas na individuação do espectro até que a onda tende a retificar-se aumentando o comprimento e diminuindo a frequência. A forma energética madura se propaga até encontrar uma resistência. Mergulha, assim, nos átomos ou conglomerados atômicos, modificando-lhes o equilíbrio interno e ensejando a formação de um “moto vorticoso” ou vórtice, primeira expressão do espírito, recém-diferenciado na substância. O átomo físico assim investido adota movimentos diferentes e passa a ter comportamento químico mais complexo. Está preparado para iniciar a “química orgânica”, com propriedades diversas daquelas observadas na inorgânica. Nem todos os átomos, contudo, respondem igualmente a este impulso da “energia amadurecida”. Os átomos de elementos mais leves, por oporem menor resistência à penetração eletrônica, são aqueles convocados mais precocemente a constituir os tijolos do edifício da Vida! Os elementos simples, de baixo peso atômico, que estavam presentes em maior proporção no planeta quando do surgimento da Vida, foram exatamente o Hidrogênio, Carbono, Nitrogênio e Oxigênio. Naquela época, presumivelmente, sob a forma de Hidrogênio livre, vapor d’água (H₂O), amônia (NH₃) e gás carbônico (CO₂), como bem aventa a Ciência de nossos dias. Por essas razões, foram “invadidos” mais precocemente pela energia madura, originando os primeiros “motos vorticosos”. O “moto vorticoso” origina um “eixo” que passa a ser uma espécie de “alma” da cadeia atômica a se formar em seguida. A propriedade extraordinária e singular do átomo de Carbono de formar cadeias, ainda não totalmente compreendida pelos químicos, baseia-se neste notável fenômeno.

Com as explicações de “A Grande Síntese”, podemos agora entender a significação do ectoplasma para a Evolução, o mesmo podendo-se dizer quanto ao elemento Fósforo, fundamental na fórmula da lecitina. Acontece que, pela proporção existente nos seres vivos e pelo seu peso atômico (31), o Fósforo é o próximo elemento, após Hidrogênio, Carbono, Nitrogênio e Oxigênio, a ser influenciado pelas “energias maduras”, estabelecendo novos “motos vorticosos”. Daí a presença em quantidade apreciável do elemento químico Fósforo na matéria ectoplasmática. Esta corresponderia a verdadeiro pressentimento do futuro material, representando substância protoplasmática mais evoluída e sutil. Por este raciocínio, o ectoplasma tenderia, através de múltiplas experimentações e repetições, a se fixar como matéria orgânica no planeta, cada vez mais, até se estabilizar como tal daqui a muitos séculos, sabemos lá quando! Por representar um esforço da Natureza em direção ao novo, traz em si mesmo ainda certa

imperfeição, como bem alerta “A Grande Síntese”, característica dessas iniciativas. Isto explica a estrutura falha de algumas materializações, quando partes anatômicas das Entidades Espirituais são supridas por formações contínuas, com aparência de véus, panos ou algodões.

O ectoplasma, por outro lado, é passível de ser “perdido” ou “doado” pelas pessoas em geral, e num grau mais acentuado pelos médiuns, especialmente os de efeitos físicos. Importante se torna, então, para estas pessoas, o conhecimento do momento em que esta perda começa a se dar, de forma a que o processo possa ser controlado sem dispêndio adicional de energias.

Um outro aspecto curioso é a provável relação entre as mitocôndrias, organelas intracelulares citadas por André Luiz como verdadeiros acumuladores de energia espiritual, através dos quais a mente transmitiria ao corpo físico variados estados, e o ectoplasma. Como os processos de retenção e liberação deste correspondem a reações interessando trocas de energia, é de se supor a ligação entre a substância e a maior ou menor atividade das organelas, nos diferentes estados mediúnicos.

Colhi interessantes informações sobre a missão do Peixotinho com pessoas que participaram das reuniões no Grupo Espírita Aracy de Campos, na década de 1950. Isso ocorreu ao longo de anos.

A senhora Maria Pinheiro Gonçalves, mais conhecida no Grupo Aracy como “Teresa”, desencarnada em 1986, participou ativamente das reuniões com o Peixotinho. Os encontros iniciavam-se sempre com estudos evangélicos, seguidos de hinos religiosos. A recomendação de se evitar toda espécie de carne na refeição, exceção feita ao pescado, era seguida à risca, pelo menos por 48 horas antes. Conheceu ela várias Entidades que se materializavam: Scheilla, Bezerra de Menezes, José Grosso (antigo participante do bando do cangaceiro Lampião), Palminha, Garcez, João de Deus, Aracy. Uma má concentração ambiental era seguida de dificuldade no processo de materialização, o que se corrigia com hinos e preces. Constatou vários fenômenos de efeitos físicos, tais como o transporte de pedras, flores, conchas, o surgimento de perfumes e a materialização, na “cabine”, de aparelhos e “maquetes de órgãos”. Os Espíritos mais evoluídos, tais como Bezerra, apareciam em ectoplasma luminoso, resplandecendo o ambiente. Peixotinho sofria de asma brônquica. Quando não estava na plenitude de suas forças físicas, os Espíritos materializavam apenas partes do corpo, em geral a “garganta ectoplásmica”, quando desejavam manifestar alguma instrução para os presentes; ou as mãos, quando o objetivo era tratamento espiritual. A senhora “Teresa” teve a oportunidade

de tocar e apalpar as Entidades materializadas, parecendo-lhe a sensação “semelhante à carne, porém mais leve, tal qual espuma endurecida”. Por diversas vezes entrou na cabine, identificando o médium, adormecido, enquanto Entidades materializadas caminhavam no outro compartimento.

O casal Ivone e Wilson Werneck, residente em Campos, tem anos de serviços prestados ao Espiritismo, com dedicação e persistência, tendo acompanhado o Peixotinho em sua missão. Assistiram a fenômenos de “luzes espontâneas no recinto”, perfumes, surgimento de flores e pedras, tendo presenciado casos curiosos, como o de um menino, morador em Rio Bonito, que engoliu um parafuso; durante a reunião, o objeto primeiro localizou-se no subcutâneo, para, em seguida, ser transportado inteiro para as mãos do companheiro no recinto. Assistiram à extraordinária materialização do Ministro Clarêncio, de Nosso Lar, que surgiu iluminando toda a sala; túnica até os joelhos, em luz, bordada; na mão direita um cajado luminoso. Caminhou até o centro da sala e proferiu palestra que instruiu e tocou a todos os presentes. A senhora Ivone foi operada espiritualmente de um “cisto ovariano”, o que foi constatado a posteriori numa cirurgia material pelo Dr. Jayme Faria, notável cirurgião campista, estudioso do Espiritismo e um dos elementos mais cultos da Fundação Pietro Ubaldi em Campos. As operações espirituais deixavam fina cicatriz que, em geral, desaparecia no dia seguinte. Os pacientes não acusavam dor ou qualquer sensação desagradável. Referiam o toque da mão do Espírito materializado como “morno, macio e aveludado”. As Entidades materializavam os mais diversos “aparelhos” destinados a tratamento espiritual.

Acrescentou ainda o casal Werneck que os Espíritos, ao lado de várias instruções edificantes para os presentes, ainda faziam previsões de acontecimentos futuros, tais como: a diminuição da luminosidade nas futuras materializações, poupando maior cota de energia a ser empregada no próprio tratamento espiritual; doenças futuras consequentes ao mau uso da radioatividade pelo homem (esta revelação ocorreu na década de 1950 e a entrevista em fevereiro de 1986, antes mesmo do desastre de Chernobyl!); o surgimento de uma nova e persistente doença, mesmo depois de certo controle de alguns tipos de câncer (AIDS?); a confirmação de todos os fatos coincidentes em várias revelações proféticas sobre os terríveis acontecimentos que enfrentamos atualmente e que se agravarão num futuro próximo: poluição, catástrofes, afundamento de faixas extensas de terra, maremotos, tsunamis, epidemias, desestabilizações psicológicas e sociais (o chamado “fim dos tempos” com a prometida “transição planetária”!)

A senhora Adette Ferreira Vianna, viúva de Ramiro Vianna, grande trabalhador do Espiritismo em Campos, já desencarnado, também teve longa convivência com o Peixotinho. Seu primeiro contato com o médium deu-se em 1940, na primeira semana espírita de Macaé. Assistiu à cura de vários casos pelo receituário homeopático do médium, inclusive o do próprio filho, Walter Ferreira Vianna; presenciou fenômenos de aparecimento espontâneo de pedras no recinto, flores (numa das reuniões, Leopoldo Machado recebeu uma flor que, submetida posteriormente a exame por botânicos competentes, provou ser proveniente da Índia, de uma espécie inexistente no Brasil).

Caso interessante relatou-nos ela quando de uma reunião ocorrida em 14 de setembro de 1953, em Pedro Leopoldo, residência do Chico Xavier, presentes o médium mineiro, Peixotinho, Ramiro Vianna, senhora Adette Vianna e nosso avô, Oscar Sanfim Cardoso. Manifestou-se o espírito Paulo Sérgio, filho do casal Ramiro e Adette Vianna, desencarnado precocemente aos 2 anos de idade, em 1950. Deixou ele em parafina a forma dos seus pés carnais, com certas características anatômicas familiares à sua mãe. Deu em seguida uma mensagem, através do Chico, dirigida a seus pais. Os “pés de parafina” do Paulo Sérgio encontram-se em poder da senhora Adette, sem fissuras ou estragos. A mensagem do Paulo Sérgio encontra-se no livro “Tempo e Amor”, de Chico Xavier e Clóvis Tavares.

Newton Boechat também foi testemunha de diversas reuniões de materializações protagonizadas pelo Peixotinho. Assistiu a várias na antiga sede do Grupo Espírita André Luiz, no Rio de Janeiro. Esteve pessoalmente com José Grosso, Palminha, Garcez e Scheilla materializados. Narrou-me a indescritível manifestação, em uma das reuniões, do Doutor Bezerra de Menezes materializado, surgindo para todos “de dentro de uma parede” em direção ao recinto. Segundo Boechat, Bezerra se assemelhava a potente diamante, fulgurante, iluminando todo o local. Também presenciou reuniões com participação do Chico (de quem era grande e íntimo amigo) e Peixotinho, em Pedro Leopoldo. Numa dessas reuniões, assistiu a curioso fato, que me narrou e que agora reproduzo.

Contou-me ele que, numa reunião de materialização com Peixotinho, a que assistiu, se não me engano, em Pedro Leopoldo, quando Chico Xavier ainda morava ali, abertos os trabalhos, estando o médium na cabine, a porta desta se abriu e surgiu, materializada, brilhante, a enfermeira Scheilla, muito conhecida na literatura mediúnica, em especial naquela relacionada a Peixotinho, já que Scheilla era uma enfermeira que sempre se materializava nos trabalhos mediúnicos propiciados por aquele

médium. Scheilla deixou a cabine, trazendo um aparelho médico materializado em suas mãos e veio através de um corredor aberto entre as pessoas que compunham a reunião, brilhante na sua ectoplasmia; passou na frente de uma fileira onde estavam sentadas pessoas, depois caminhou até outra fileira aberta, foi até onde se encontrava uma pessoa que necessitava de tratamento, aplicou o aparelho sobre essa pessoa, depois retornou, passando de novo em frente à fileira anterior, andou no corredor, entrou na cabine e se desmaterializou. Mas o fato curioso é que ela veio, inicialmente, brilhante mas, no momento em que passou em frente à tal fileira, sua figura apagou-se momentaneamente, ofuscou-se, sua luminosidade diminuiu, tornando-se quase opaca; depois ela normalmente recuperou a luminosidade. Na volta, ao passar pela mesma fileira, novamente se tornou opaca, restaurando a seguir o brilho anterior, até reingressar na cabine. O Newton Boechat notou aquilo, achou muito esquisito e resolveu perguntar ao Chico Xavier, como ele explicaria o episódio. E o Chico então lhe explicou o seguinte. Disse que naquele dia, estavam ali, na primeira fila, para serem beneficiados pelo tratamento espiritual, alguns homens de negócio, que não conseguiam se afastar completamente de seus problemas empresariais. Então, no momento em que a Scheilla, materializada, se aproximava deles, os raios mentais que eles emitiam, desequilibrados, desarmonizados, se chocavam com o perispírito da enfermeira, que estava revestido de ectoplasma e faziam com que a vibração dos átomos que formavam o ectoplasma se modificasse e, ao se alterar a vibração, reduzia-se a luminosidade com que o espírito se apresentava. Verificamos assim como é prática essa informação dos espíritos, no sentido de que deveremos manter uma certa harmonia no pensamento nas reuniões de efeitos físicos.

A questão dos agêneres, por isso tudo, constitui tema muito interessante a ser estudado. O entendimento do que são e como ocorrem as materializações é fundamental para a compreensão da questão dos agêneres. E não deveria ser estranho se discutir a possibilidade de Jesus ter sido um agêneres quando de sua passagem por aqui. Agêneres, no dizer do próprio Allan Kardec, quando comenta sobre esse assunto em “O Livro dos Médiuns”, capítulo VII, tópico 125, são criaturas que se apresentam com toda a forma material, mas que não foram biologicamente geradas, segundo o significado das raízes gregas da palavra, “a” e “géine”. Kardec informa que o fenômeno, por mais extraordinário que possa parecer, não seria mais sobrenatural que outros estudados em “O Livro dos Médiuns”. Seria uma espécie de aparição tangível, em que espíritos se revestem de

matéria física, aparentando uma pessoa encarnada, sendo diferentes dessa apenas pelo fato de não terem sido formados por fusão de espermatozóide e óvulo, como ocorre segundo as leis da Biologia convencional. Em “A Gênese”, capítulo XIV, tópico 36, volta Kardec a falar dos agêneres. Na Revue Spirite, em diversas ocasiões, o mestre de Lion discorre sobre eles.

Na verdade, após o advento das materializações e seu estudo minucioso por parte de diversos investigadores, não há dificuldade em se entender o que seria um agêner e mesmo os mecanismos que norteiam a sua aparição.

A questão dos agêneres é muito curiosa para estudos, não só do ponto de vista científico, envolvendo todas as complexas situações que determinam a aglutinação dos fluidos necessários à formação, em pouco tempo, de uma estrutura praticamente idêntica ao corpo físico de um encarnado, como também do ponto de vista histórico, uma vez que aparições de agêneres são descritas pelas escrituras e são objeto de relatos muito interessantes, inseridos na literatura espírita. Podemos relacionar alguns, notáveis, e que merecem registro e estudo.

O “Irmão X”, pela psicografia de Chico Xavier, na obra “Lázaro Redivivo”, no capítulo “a palavra do morto”, nos conta o famoso episódio que se acha registrado no I livro de Samuel, capítulo 28, versículos de 7 a 15. Trata-se do encontro de Saul, rei de Israel, com o profeta Samuel, então desencarnado, às vésperas de importante batalha. “Irmão X” narra que Saul, pressionado pela enorme responsabilidade do futuro confronto, impacienta-se e acaba por recorrer a uma pitonisa (médium) que moraria na localidade de En-Dor e frente à qual chega, disfarçado, com a intenção de ouvir a palavra do grande profeta que lhe fora instrutor na infância. É evidente que se sabia, na ocasião, ser possível a comunicação dos “vivos” com os “mortos” e Saul não desconhecia tal fato. Diante da pitonisa, o disfarce é descoberto e Saul, invocando sua autoridade de rei, ordena que a médium lhe ponha em contato com Samuel. Instantes depois, surge no recinto uma nuvem vaporosa, que dá forma ao profeta Samuel, personificado num esplêndido agêner materializado! Samuel não se apresenta mais, contudo, como imaginava Saul, na arrogância e imponência de outrora, quando ostentava as insígnias do “enviado de Jeová”, mas simples, humilde e pobre, em sua nova situação espiritual. O diálogo que se segue é significativo, quando o profeta tenta convencer Saul a desistir da empreitada, deitar armas e reconciliar-se com os filisteus. Como registra a história, Saul não quis e marchou teimosamente, no dia seguinte, com seus batalhões, rumo às experiências que a morte nos proporciona. Trata-se de um dos mais notáveis casos

de materialização de agêneres que a Bíblia registra.

Outro caso de agêneres na Bíblia que merece nossa atenção é o citado por Kardec no capítulo XXVII, parágrafo 8 de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, e também no capítulo XXV da mesma obra, no parágrafo 5, ao mencionar o agêneres (“anjo”) que esteve com Tobias. É importante alertar que nas edições mais populares da Bíblia nada será encontrado sobre Tobias e o anjo, pois nestas não há o “Livro de Tobias”. Porém, a “Bíblia de Jerusalém”, uma das mais completas e que é utilizada comumente como fonte de pesquisa, insere no Velho Testamento “O Livro de Tobias”, narrando em detalhes o interessante episódio envolvendo o agêneres. Conta “O Livro de Tobias” as peripécias do “anjo” Rafael que, atendendo aos apelos de Tobias pai, acompanha Tobias filho em sua perigosa viagem, protegendo-o, auxiliando-o em seu casamento, livrando-o e à sua esposa de obsessores, impedindo que fosse devorado por um enorme peixe e trazendo-o de volta, casado, são e salvo, à casa do pai. Ao fim, recebendo ofertas de recompensas, recusa todas, informando que Deus o enviara para ajudá-los em função de merecimento e, pedindo que narrassem o ocorrido para a posteridade, “desapareceu diante deles e eles não o puderam ver mais” (Tobias, XII:21). Surpreendente, não é mesmo, caro leitor, uma materialização que se prolongou durante todo o período que a Espiritualidade julgou necessário para que a família de Tobias pudesse ser atendida nos seus merecimentos, é claro.

Notável, também, é o episódio envolvendo Jan Huss, o líder religioso tcheco, considerado precursor da Reforma, movimento que pretendeu revigorar o cristianismo em seus princípios originais. Quando Huss se achava preso e já próximo de perecer numa fogueira, na cidade de Constança, em 1415, aconteceu o interessante episódio com um agêneres. Quem nos narra esse comovedor encontro é o consagrado J.W. Rochester, na obra “Os Luminares Tchecos”, romance histórico em torno das figuras de Jan Huss e Jerônimo de Praga. Huss, para nós, espíritas, tem grande significado, pois presume-se que tenha reencarnado, mais adiante, como Allan Kardec. O prefácio da obra descreve, com muita propriedade, os argumentos e informações que respaldam a tese, bastante plausível, de que Huss teria retornado como Kardec. Aliás, vai além, quando revela uma outra personalidade que teria sido animada pelo Espírito que viria a ser Kardec, o do centurião romano Quirílius, que chegou a oferecer fuga a Jesus, quando este se encontrava preso, proposta gentilmente recusada pelo Mestre, ao revelar-lhe que “iria ainda ter a oportunidade de morrer por Ele, porém no futuro...” O centurião mais tarde converteu-se ao cristianismo e passou a ser o “pai

João”, retratado por Rochester na obra “Herculanum”.

Huss, em sua cela, próximo da execução, ora fervorosamente e recebe uma graça do Alto. Conforme descreve magistralmente Rochester, surge à sua frente uma nuvem esbranquiçada, crepitando em faíscas, iluminando a cela em tons levemente azulados, dando forma, materializada, à figura alta de um homem em trajes clericais bizantinos, trazendo nas mãos uma cruz e um evangelho. Huss indaga de quem se trata e o agênera informa ser “aquele que primeiro trouxe a luz divina do Evangelho à sua pátria (República Tcheca) e cujos restos descansam em Velehrad.” Em seguida, o agênera recomenda a Huss muita firmeza perante a morte próxima, prometendo ajuda permanente e as recompensas da vida espiritual. Na verdade, o agênera materializado referiu-se à cidade de Velehrad, situada na Morávia, atual República Tcheca, que guarda o túmulo daquele que se chamou Metódio. Metódio e Cirilo, seu irmão, são hoje considerados patronos, ao lado de Bento, da Europa. Conta-se que o cristianismo penetrou na Europa Central no século VIII, mas desenvolveu-se mesmo com a ida à região, em 863, de dois irmãos religiosos provenientes da cidade greco-bizantina de Tessalônica: Cirilo e Metódio. Tiveram ampla atuação na evangelização das populações locais. Cirilo teria criado o alfabeto cirílico. Cirilo, contudo, antes denominado Constantino, veio a falecer em Roma, em 869 e seus despojos carnisais descansam na igreja de São Clemente, nessa cidade. Metódio retornou à Morávia no mesmo ano e atuou intensamente, até desencarnar em 6 de abril de 885, estando seus restos mortais sepultados em Velehrad ou, mais exatamente, Velehrad. O agênera que se manifestou a Huss na cadeia foi, portanto, Metódio. Por causa de sua origem, trajava vestes clericais bizantinas, de onde se originava.

Por último, não podemos deixar de registrar o provável encontro com um agênera ocorrido com o nosso conhecido Bezerra de Menezes e destacado por seus biógrafos. Os anos de estudo no Rio de Janeiro, na Faculdade de Medicina (atual UFRJ) foram muito difíceis para Bezerra, que frequentemente recorria ao expediente de dar aulas para ajudar nas despesas. Numa ocasião, Bezerra não sabia mais o que fazer perante o problema do pagamento de taxas da Faculdade e despesas com a pensão onde morava, estando em risco de ser despejado. Desesperado, orou fervorosamente e apelou para Deus. Não demorou muito e um jovem bateu-lhe à porta. Desejava tratar aulas de matemática. A princípio Bezerra, a contragosto, tentou recusar, pois matemática não era disciplina muito de seu gosto. O candidato insistiu, pois estava muito necessitado e Bezerra, lembrando-se então de sua situação periclitante, resolveu dar as aulas, pe-

dindo um tempo para se preparar. Surpreendentemente, o aluno ofereceu pagar tudo adiantado, alegando que, assim, corria menos risco de esbanjar os recursos, provenientes de mesada. Com muita relutância, Bezerra acabou concordando, acertando dia e horário de início das aulas. Com a quantia, Bezerra pagou as taxas da Faculdade e quitou o aluguel. Depois, embrenhou-se na biblioteca, preparando-se para as aulas de matemática... que nunca aconteceram, pois o estudante não mais apareceu... Era, provavelmente, um agênera, de quem Bezerra recebeu providencial auxílio.

II - A EVOLUÇÃO, A QUEDA DO HOMEM E AS REENCARNAÇÕES

Jorge Damas Martins

A EVOLUÇÃO, A QUEDA DO HOMEM E AS REENCARNAÇÕES

Jorge Damas Martins

EVOLUÇÃO
Semper ascendens

De muito longe venho, em surtos milenários;
vivi na luz dos sóis, vaguei por mil esferas
e, preso ao turbilhão dos motos planetários,
fui lodo e fui cristal, no alvor de priscas eras.

Mil formas animei, nos reinos multifários:
fui planta no verdor de frescas primaveras
e, após desenvolver impulsos embrionários,
galguei novos degraus: fui fera dentre as feras.

Depois que em mim brilhou o facho da razão,
fui o íncola feroz das tribos primitivas
e como tal vivi, por vidas sucessivas.

E sempre na espiral da eterna evolução,
um dia alcançarei, em planos bem diversos,
A glória de ser Luz na Luz dos universos.

R. C. ROMANELLI
(O PRIMADO DO ESPÍRITO)

1. LEI, LIBERDADE E CONSEQUÊNCIAS

“O Espírito sofre pelo mal que fez, de maneira que sendo a sua atenção constantemente dirigida para as consequências desse mal, melhor compreende os seus inconvenientes e trata de corrigir-se”. (“O Céu e o Inferno” – Allan Kardec – Capítulo VII, parte 1ª - item 7).

O que mais aflige a alma humana, o seu problema central, no atual estágio evolutivo, é a DOR.

Aqui, não temos por escopo, de maneira nenhuma, ditar receitas que nos livrem da dor, fazendo dela apenas algo que incomoda, sem nenhum critério de aperfeiçoamento espiritual, muito pelo contrário, mostraremos por que a sofremos e como se deve fazer para, através dela, galgarmos níveis mais amplos de consciência.

Encarado assim o sofrimento, fica claro que a resignação, diante da dor, só será alcançada quando soubermos a sua origem, ou seja, somente com a compreensão de que a dor é proveniente de nós mesmos. A sua causa é de nossa responsabilidade e não de qualquer outro fator externo.

Desta forma, o Ser deve encarar, face a face, o seu sofrimento e conscientizar o mecanismo psicológico da culpa, trazendo conforto e coragem para suportá-lo.

Por exemplo: Se tivéssemos de passar pela dor e esta fosse mesmo lei da Vida, necessária a todos, seria desanimador saber que estaríamos sofrendo porque a Vida quis assim. Ficariamos passíveis para lutar contra um agente fatal, fruto talvez de um desequilíbrio da mãe-natura ou de um deus não providente, por não ser onipotente, ou um deus sádico, por não ser bondoso. Mas, conhecendo a origem da dor como responsabilidade nossa, não temos do que nos queixar, nem a quem reclamar, a não ser a nós mesmos e, então, devemos buscar uma profunda reflexão, através de uma sólida orientação psicológica que nos ajude a resgatar o chamado mal cármico.

Esta introdução nos leva a assuntos tremendos: a EXPULSÃO DO PARAÍSO e a QUEDA ESPIRITUAL, filha do PECADO ORIGINAL. A linguagem é mítica, mas a abordagem que imprimiremos será à luz da lei biológica da reencarnação e da psicologia evolutiva - principalmente a junguiana -, passando por diversos contextos espiritualistas. Cabe ainda esclarecer que quanto à psicologia nos manteremos o mais que possível afastado de seu linguajar técnico, acessível apenas aos que, como nós, temos essa formação acadêmica. Não! Nossa abordagem percorrerá a linguagem comum das religiões exotéricas e esotéricas.

Então temos, a princípio, ideologicamente falando, o Ser num estado de bem-aventurança relativa, de paz perfectível, posicionado numa espécie de colônia espiritual: O JARDIM DO ÉDEN (delícia, gozo)¹, o Paraíso, o Céu, o REINO DE DEUS (Lc. 17:21), que o Espírito gradativamente conquista, sem dor e com a ajuda de orientadores evolutivos capazes, em linha reta², alcançando níveis cada vez mais amplos de consciência.

Esta felicidade originária só foi perdida - expulsão do Paraíso -, quando o Ser, por livre vontade, desobedeceu ao princípio da Lei estabelecida pelo Criador, para a manutenção da organicidade cósmica. Esta rebeldia espiritual, que é causa nossa, é o princípio da DOR, desarranjo psíquico e nódoa perispiritual. Observemos a instrução dada por Allan Kardec:

“É o que se contém na grande figura emblemática da QUEDA DO HOMEM e do PECADO ORIGINAL: uns cederam à tentação, outros resistiram. O Espírito, à medida que seu livre arbítrio se desenvolve é que muitas vezes lhe acontece extraviar-se, tomando o mau caminho, por desatender aos conselhos dos bons Espíritos. A isso se pode chamar A QUEDA DO HOMEM (“O Livro dos Espíritos”, Q.122 e 262)”.

E corrobora Pietro Ubaldi:

“Não se poderia explicar de outra forma como, em um mundo criado por um Deus bom, que nos ama, andasse o homem em busca de felicidade por toda a parte e não recolhesse como fruto senão sofrimento. Proponho a quantos neguem A TEORIA DA QUEDA que expliquem como na lógica da criação possa existir tão gritante contradição” (“Um Destino Seguindo Cristo”, Cap. VI, pág. 87).

Logo, quando se diz que sofremos pelo mal que fizemos, esse sofrer está colocado no sentido de pagar ou resgatar um débito criado por nós mesmos. Mas existe outro tipo de sofrimento, aquele que sentimos pela ignorância dos outros, como ensina Ubaldi:

A infelicidade alheia transforma-se em dor para mim porque é também minha própria infelicidade (“A Nova Civilização do Terceiro Milênio”, Cap. XIII, p. 114).

Para esse tipo psicológico, temos como exemplo Jesus de

1 Hortus voluptatis – Vulgata Latina.

2 Em linha reta para Deus (O Consolador, Emmanuel, perg. 243).

Nazaré, de quem as revelações são unânimes em afirmar que Ele nunca errou, mostrou-se sempre obediente ao esquema harmonioso da Lei e, no entanto, quando esteve entre nós, sofreu.

“Quem de vós me acusa de ter errado?” (Jesus - Jo. 8:46).

Este sofrimento foi por ver a ignorância e a persistência da humanidade no mal: A qual não O compreendeu e, por isso, ainda não se libertou:

“Mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu e os seus não o receberam” (Jo. 1:10-11).

Um amigo, o escritor Newton Boechat, coloca muito bem esta questão, no seu livro “O espinho da insatisfação”, ao dizer que somos espinhos na “carne” do Cristo quando persistimos na desobediência à vontade de Deus. Este tipo de sofrimento mostrar a existência não só da DOR EXPIATÓRIA, fruto do mal, mas também a realidade da DOR AMOR, fruto da ignorância alheia.

Mas, é o sofrimento expiatório que nos diz mais de perto, e que explica o nosso atual estado de falta de bem-aventurança, de enfermidade espiritual. Analisemos esta situação, angustiada, que a teologia costuma chamar de estado de desgraça.

O que é desgraça?

DES 1º / GRAÇA 2º

1º) DES quer dizer: TIRAR (ação contrária)

2º) GRAÇA quer dizer: bênçãos divinas

Logo DESGRAÇADO é o estado de SEM GRAÇA.

Para o Apóstolo Paulo de Tarso, GRAÇA é a manifestação divina, a PRESENÇA DE DEUS na consciência. Então, desgraçado é o ser que se coloca longe da presença da Graça Divina, em situação de sofrimento. Aliás, foi um Salmo que inspirou o Apóstolo:

“Os justos se alegram com Deus e nele se abrigam. Todos os corações retos (obedientes) são felizes (Sl. 63:11)”.

Quando nos colocamos longe da presença divina?

Certamente, quando resolvemos trilhar um caminho segundo a nossa vontade, exclusivista, voltados para os nossos próprios interesses, fazendo-nos equivocadamente centro da

Vida e não à disposição Dela, como exemplifica Jesus no Monte das Oliveiras:

“Pai, que não seja feita a minha vontade (egoísmo),
mas a Tua Vontade (altruísmo)” – Lc. 22:42.

Quando se trilha um caminho egoísta, personalista, colocando a vontade da criatura acima da do Criador, entra-se no estado de desgraça, sem Deus. Esta é a verdade: o mal é trilhar um caminho diferente daquele que é a Vontade de Deus.

O que nós vemos sobre isto na visão mítica da Gênese de Moisés?

Adam³ vivia no Jardim do Éden (gozo – Gn. 2:8) e era sempre visitado por Deus (Gn. 3:8) que lhe deva a seguinte regra (lei):

“Não deves comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque no dia que dela comeres terás de morrer (Gn. 2:17)⁴.”

Adam deveria obedecer a tal lei, esta era à vontade de Deus e a infração teria, como consequência, a perda das delícias do Jardim (expulsão)⁵. A criatura deveria fazer a Vontade Divina e não a dela. A vida do Espírito deve girar em torno do Criador e não fazê-la mover-se circunscrita em torno dele, Ser criado. É o menor quem deve girar em torno do maior. Somos nós que entramos no trem e ele nos leva, não o levamos nas costas. É a Vida que impulsiona tudo e nós devemos entrar na Vontade da Vida e sermos levados segundo Seu desejo. Não devemos tentar frear este Impulso-Lei, que pode ser comparado a uma engrenagem.

Como funciona uma engrenagem?

São duas peças dentadas que devem girar simultaneamente num movimento harmônico. Se colocarmos simbolicamente nas peças, a livre vontade e, uma delas, resolver girar um movimento contrário à outra, gera-se o atrito e, a persistência, redundará na quebra dos dentes das peças. Agora imaginemos esse sistema de movimento entre o Criador e a criatura - sendo o Criador Infinito e Imutável e o Espírito finito e apenas à seme-

3 Adam é a melhor maneira de escrever em nossa língua portuguesa o nome Adão. É assim que escreveremos de agora em diante.

4 Esta morte não é o não-ser e sim o estado de desgraça.

5 Castigo: é lógico que é o Ser, psicologicamente, quem se castiga a si próprio.

lhança de seu Causador⁶. A desobediência ao esquema harmônico do movimento gera um atrito-dor, em que o único prejudicado será a parte limitada, a criatura, como continua ensinando Ubaldi:

“Na luta Lei-criatura o único que sai com os ossos quebrados é o homem” (“A Nova Civilização do Terceiro Milênio”, Cap. VIII, pág. 116).

Ora, vamos repetir para que fique bem gravado: O mal está em se fazer uma vontade diferente da de Deus, o que tem, como consequência, a dor, o estado de desgraça, sem Deus: As maldições que miticamente foram imputadas a Adam:

“Com sofrimento te nutrirás do solo”. Gn. 3:17

“Com o suor do teu rosto comerás teu pão”. Gn. 3:18.

“Ao pó retornarás (encarnação)”. Gn. 3:20

Esta opção do Espírito em fazer a sua vontade exclusivista, em ter a vontade como propriedade sua, é simbolizada na Gênese de Moisés na figura da nãhã (serpente): mais ASTUTA que todos os animais dos campos que Deus tinha feito (Gn 3:1).

Ora, a ASTÚCIA é um desequilíbrio mental que leva o Ser a confundir liberdade-amor com abuso-desobediência (libertinagem).

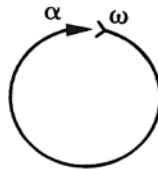
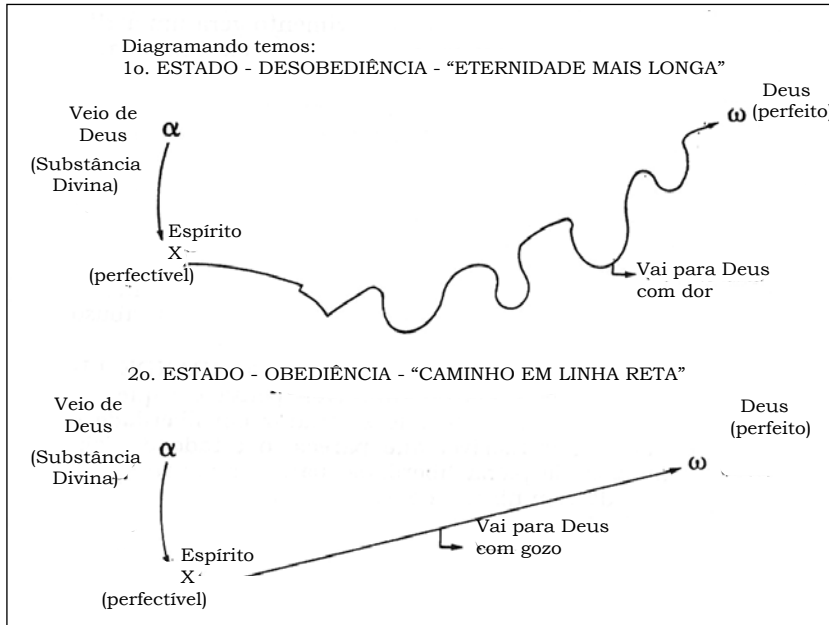
O que o astuto não compreende é que, a GRANDE LIBERDADE, é cumprir a Lei imutável; pensa ele que ela está no descumprimento, mas isto não se traduz em liberdade e, sim, em prisão. Por incrível que pareça, o estado de felicidade, ou melhor, de plena liberdade, para ser vivido, exige da criatura o determinismo de sua vontade relativa ante a absoluta do Pai.

Pietro Ubaldi, o Apóstolo da Úmbria, mostra a inviabilidade da ideia exclusiva de livre-arbítrio. Para ele, a liberdade é relativa e pequenina. Podemos dizer assim: devemos chegar a Deus de qualquer maneira, seguindo contente uma trajetória obediente ou um caminho mais longo, gerado pela desobediência:

“Existem criaturas que marcham para o Alvo, Deus, em linha reta, sem vacilações, são os Espíritos nobilíssimos, que descobriram a essência divina em si mesmos. Outros há que caminham descrevendo grandes curvas, repetindo marchas e refazendo velhos esforços, ficam à mercê de inúmeras vicissitudes” (“Nosso Lar”, Cap. 44).

⁶ Gn. 1:26: Façamos o homem a nossa imagem (Substância divina) e à semelhança (não da mesma potência) nossa.

Todo o Espírito deve sair de um ponto Alfa (perfectível) e chegar a um ponto Ômega (perfeito); o menor caminho (obediência) entre eles, segundo a geometria euclidiana, é uma reta, mas o Espírito poderá, usando sua liberdade (abuso), escolher um caminho longo, cheio de curvas, trazendo para si a infelicidade:



SÍMBOLO ORIENTAL: Veio de Deus e vai para Deus.
 A cobra mordendo o seu próprio rabo
 (Ap. 1: 8; 21: 6; 22: 13).

“A lei natural é a lei de Deus. É a única verdadeira para a felicidade do homem. Ele só é infeliz quando dela se afasta” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 614).

Para Pietro Ubaldi o primeiro estado é resumido em quatro períodos trifásicos e o segundo num período duplo unitário:

1º ESTADO: Caminho curvo e longo:

Crescer, conquistar, combater.
Roubar, matar, destruir.
Empobrecer, sofrer, refletir.
Compreender, reconstruir, progredir.

2º ESTADO: Caminho reto e curto:

Crescer – Progredir

“Crescer não é crime nem erro. É a substância da vida e a vontade da lei. O crime e o erro residem na direção que demos a esse crescimento. Se tivesse sido sábia e consciente, dirigir-se-ia imediatamente ao termo final. Da inconsciência do involuído é que derivou o longo desvio dos quatro fatigantes e dolorosos períodos. Se se tratasse de mundo consciente, o primeiro termo, “crescer”, poderia coincidir com último, “progredir” ou, em outras palavras, constituir-se na efetiva conquista de conhecimento e felicidade, precisamente como a Lei deseja ao homem” (“A Nova Civilização do Terceiro Milênio”, Cap.VIII, pág. 112-3).

Assim o livre-arbítrio é pequenino, relativo, pois existe o determinismo de chegarmos à perfeição cósmica. A liberdade está, apenas, na escolha do caminho a percorrer: curva longa e sofrida ou reta curta e contente.

No 1º CASO, o do não cumprimento espontâneo da lei, há um DETERMINISMO INCONSCIENTE E COAGIDO: o ser desobedece porque quer e é impulsionado, coagido, a obedecer pela dor.

No 2º CASO, o do cumprimento espontâneo da lei, existe um DETERMINISMO LIVRE E CONSCIENTE: o Ser obedece por que quer e sabe por que deve obedecer.

Concluimos então que o gozo supremo está na aceitação do determinismo divino que o Apóstolo João chama de a gloriosa liberdade dos Filhos de Deus, que não são nascidos da carne nem do sangue, mais da vontade divina (Jo 1:13).

Como a Vida se manifesta nestes dois casos?

Começamos pelo que nos é mais próximo, evolutivamente falando: O DETERMINISMO INCONSCIENTE E COAGIDO. Podemos exemplificar este caso com o que ocorre constantemente no campo familiar: é recebida em nosso lar, como filhinho

querido, merecendo total dedicação, amor e apoio, uma entidade que foi objeto de desavenças e ódios em vidas pretéritas; INCONSCIENTEMENTE, entre problemas de geração e conflitos domiciliares, somos COAGIDOS, sem compreender, a expandir o amor que existe em nós. Apesar da expiação sofrida, estamos realizando o DETERMINISMO da lei, que deseja, acima de tudo, e até mesmo sem consultar a nossa vontade, a confraternização espiritual.

Passemos agora para o 2º caso, distante de nós degraus e degraus evolutivos. O DETERMINISMO LIVRE E CONSCIENTE tem como modelo a figura de Jesus, quando em sua peregrinação rumo à crucificação no Gólgota. O fenômeno da Cruz era o DETERMINISMO divino ao qual o Mestre deveria de LIVRE aceitação, entregar-se CONSCIENTEMENTE. Esta verdade resume um dos ensinamentos crísticos que diz: “Meu Pai, se possível, passa de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero e, sim como Tu queres. Se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a Tua vontade” (Mt. 26:39 e 42).

Citamos acima que o mal gera a dor, que age como o remédio amargoso, mas necessário à cura da enfermidade contraída (mal) livremente, pela vontade do Espírito, rebelde perante a Lei divina.

Como funciona a terapia da dor?

Quando o sofrimento se manifesta na alma humana esta permanece concentrada, ou seja, de atenção voltada para ele. Ora, o Ser, nestas condições, fica mentalmente num monodermismo invencível, nada consegue desviar sua atenção. Vive ele uma tensão, só aliviada com a anulação deste sofrimento; por isso, seu único desejo e principal objetivo é livrar-se do sofrimento. Ninguém liberta da mente a atenção no sofrimento que está passando. Único remédio: corrigir o mal, que provocou o inconveniente da dor:

“Nos equilíbrios da lei até o mal se torna útil... O mal é enquadrado a serviço do bem. Satanás (personificação do mal) goza de liberdade até o ponto que Deus quer e está prostrado e amarrado a Seus pés... Satanás não existe senão para involuntária e inconsciente missão benéfica, fora da qual lhe resta apenas autodestruir-se... A essência da destruição do mal se conserva latente dentro dele e é imposta inexoravelmente pela natureza mesma do organismo de forças de que ele se constitui: o mal carrega consigo o germe da própria destruição... A única razão que mantém vivo o mal é exatamente sua função benéfica... Satanás acaba sendo - suprema ironia - escravo do bem e operário de Deus (“A Nova Civilização do Terceiro Milênio”, Cap. X).

Esta correção visa à busca do estado originário perdido. É o abandono da situação de desgraça para reconquistar a unificação com o Criador, estado de graça. É a vivência plena da Lei harmônica de Deus; logo, se a dor é o PROBLEMA FUNDAMENTAL da alma revoltada, Deus é o PONTO PRINCIPAL E ÚNICO do Espírito, que procura se regenerar.

Então, com Deus somos felizes e sem Ele, infelizes. Ele é a Vida. Deus é tão necessário como o ar de que necessita o corpo.

Certa vez, o Cristo disse: “Pai nosso que estais nos Céus” (Mt. 6: 9). Céus tem como origem etimológica a palavra ar, logo traduzindo o trecho evangélico temos: Pai nosso que estais nos ARES. O ar é elemento fundamental para se ter vida. Ou se respira e se está vivo, ou não, e se está morto⁷.

Tendo esta visão, Moisés escreveu misticamente na Gênese (2:7) que Adam passou a ser alma vivente, Ser que tem vida, quando Deus soprou em suas narinas o fôlego de vida. O Sopro (ar) traz a Vida de Deus. Como precisamos de ar para viver e sem ele não vivemos, o ar é elemento importantíssimo para nossa existência, assim também, é Deus. Ele é tão necessário quanto o ar, aliás, Ele é, TAMBÉM, o próprio ar⁸.

Eis aqui o processo terapêutico da dor. A falta de Deus na consciência é semelhante à insuficiência respiratória. Ninguém pode viver bem com falta de ar. Pode possuir as melhores oportunidades materiais (acepipes, sexo, fortuna, amores...), mas sua condição de abafado (sem ar) será sempre angustiante. O homem que padece neste estado dispneico não pensa duas vezes em usar todos os seus bens para conseguir alívio.

Voltado para as conquistas materiais desenfreadas, o homem começa a construir as grades de sua própria prisão (abafamento). Enquanto procura o ganho excessivo, sua mente vive num torpor ilusório ante a presença real de Deus - é o estado de maya tão comentado em todo o pensamento oriental. Quando o imediatismo absoluto de sua vida o leva à fatura, o Ser continua a sentir-se ainda não realizado, e, mais, completamente engolido pelo mundo.

A psicologia da insaciabilidade deixa o homem preso na quantidade de fatos externos que o abafam diante da pobreza de valores qualitativos internos:

7 PAULO DE TARSO, também, certa vez disse: “É Deus quem nos dá vida, RESPIRAÇÃO e tudo mais”. (Atos dos Apóstolos 17:25).

8 Onipresença. Sem o TAMBÉM teríamos o panteísmo, com O TAMBÉM aceitamos o monismo.

“A PSICOLOGIA DA INSACIABILIDADE generalizando-se, em plena abundância nos torna miseráveis” (“A Nova Civilização do Terceiro Milênio”, Cap.VII, pág. 95).

Esta corrida na direção dos bens externos, sem a atenção para o mundo espiritual, acaba provocando no Ser o atrofiamento dos órgãos psíquicos do entendimento, da visão, da audição... Eis aí a dor⁹. A Vida exige a expansão e o pleno funcionamento desses órgãos e, para isto, ela usa das reencarnações purificadoras que agem como filtro para as nódoas do corpo astral (ou perispírito).

Dizíamos que Deus é o ponto principal do Espírito que deseja se regenerar. A psicologia moderna já vislumbra isto também, através de um de seus maiores representantes: Viktor E. Frankl. Sua ideia principal e revolucionária é a LOGOTERAPIA (Psicoterapia e Sentido da Vida): a cura pela valorização da vida, firmada no Deus pleni-presente, ou seja, precisamos trazer o Criador para a consciência da criatura, que é o estado de graça, de delícia, de gozo, de saúde, de bem-aventurança, o Paraíso originário e perdido.

Então Temos:

| |
|---|
| DOENÇA - Ausência ilusória de Deus na consciência SAÚDE - Presença real de Deus na consciência |
|---|

Para estes dois estados de alma temos como PRIMEIRO EXEMPLO o doutor de Tarso, Paulo, o Apóstolo:

“Desgraçado homem que sou quem me libertará do corpo da morte” (Rm. 7:24).

“Nós habitamos no corpo do pecado” (Rm. 6:6).

“O salário do pecado é a morte” (Rm. 6:23).

Para o SEGUNDO EXEMPLO, o Médico Divino, Jesus:

“Eu e o Pai somos um” (Jo. 10:30).

“Eu vos deixo a paz dos Céus” (Jo. 14:27).

Era esta unificação de Jesus com Deus que gerava a saúde plena do Mestre¹⁰, o que possibilitou a ressurreição dele num corpo de luz (Lc. 24: 51).

9 Sto. Agostinho: “ai da alma audaciosa que se afastou de Deus, na esperança de possuir alguma coisa melhor! Quer se vire ou se revire para trás, quer se volte para os lados ou para adiante, tudo lhe é duro” (“Confissões”, Cap. VI, item 16).

10 É isto que quer dizer o pensamento dos antigos: mente sã corpo são.

JESUS - Mente unificada (sã), corpo de luz e pleno de saúde.

JUDAS - Mente dividida (enferma), corpo com vísceras divididas (por causa do suicídio) – Atos 1:18.

Concluído, ainda lembramos o dizer esotérico de Jesus: “O olho é a luz do teu corpo; se temos um olho simples todo o nosso corpo terá saúde” (Lc. 11:34-36).

Olho simples significa: mente obediente, visão ampla e audição espiritual.

Num balanço escriturístico citaremos alguns versículos, lembrando sempre de observá-los não pela letra que mata, mas no Espírito que vivifica:

MENTE EM TREVAS – Infelicidade.

1) “Toda a cabeça está doente e todo o coração enfermo. Desde a planta do pé até a cabeça não há no homem coisa sã, senão feridas, contusões e chagas inflamadas” – Isaías, 1:5-6.

2) “Não há entre os homens um que seja reto” – Miquéias, 7:2.

3) “Não é justo o homem perante Deus e nada que nasce de mulher é puro” – Jó, 25:4.

MENTE DE LUZ – Felicidade

1) Jesus: uma só saúde dos pés à cabeça – Lucas, 24:51.

2) A retidão na vivência da lei – Mateus, 26:42.

3) O Filho do Homem não gerado pelo corpo, mas no poder de Deus – Lucas, 1:35.

וַיִּבְרָאֵת בְּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ: וְהָאָרֶץ
 רֵחָה וְרוּחַ נֹשֵׁף עַל־פְּנֵי הַמַּיִם הַיְהוּם וְרוּחַ אֱלֹהִים
 מְדַבֵּר עַל־פְּנֵי הַמַּיִם: וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי אוֹר וַיְהִי
 אור: וַיִּבְרָא אֱלֹהִים אֶת־הַיּוֹמָר כְּרִשּׁוֹם וְהַכּוֹל אֱלֹהִים בֵּן
 הַיּוֹמָר וְבֵן הַחֹשֶׁךְ: וַיִּבְרָא אֱלֹהִים | לְאוֹר יוֹם וְלַחֹשֶׁךְ
 וַיִּבְרָא לַיְלָה וְהַיָּרֵב וְהַיָּרֵב יוֹם אֶחָד: ■
 וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי רִקְוֵה בְּתוֹךְ הַמַּיִם וְיִהְיֶה כֵן
 מִן הַמַּיִם: וַיִּשַׁשׂ אֱלֹהִים אֶת־הַרְקִיעַ וְהַכּוֹל בֵּן הַמַּיִם
 אֲשֶׁר מִתַּחַת לְרִקְוֵה וְבֵן הַמַּיִם אֲשֶׁר מִעַל לְרִקְוֵה וַיִּבְרָא
 כֵּן: וַיִּבְרָא אֱלֹהִים לַרְקִיעַ שָׁמַיִם וְהַיָּרֵב וְהַיָּרֵב
 יוֹם שֵׁנִי: ■

וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יִקַּח הַמַּיִם מִתַּחַת הַשָּׁמַיִם אֶל־מַקְוֵם אֶתֶר
 וְתִרְאֶה הַיָּבֵשָׁה וְהַיָּרֵב: וַיִּבְרָא אֱלֹהִים | לַיְבֹשֶׁה אֶרֶץ
 וּלְמַקְוֵה הַמַּיִם וַיִּבְרָא יָמִים וַיִּבְרָא אֱלֹהִים כְּרִשּׁוֹם: וַיֹּאמֶר
 אֱלֹהִים תִּרְשָׁע הָאָרֶץ וְדָשָׂא עֵשֶׂב מִרֵעֵי יָרֵעַ עֵץ פֶּרִי
 עֵשֶׂה פֶרִי לְמַטֵּ אֲשֶׁר וְרִשְׁבוּ עַל־הָאָרֶץ וְהַיָּרֵב:
 וַתִּשָּׂא הָאָרֶץ דָּשָׂא עֵשֶׂב מִרֵעֵי יָרֵעַ לְמִינֵהוּ וְעֵץ עֵשֶׂה
 פֶּרִי אֲשֶׁר וְרִשְׁבוּ לְמִינֵהוּ וַיִּבְרָא אֱלֹהִים כְּרִשּׁוֹם: וַיִּבְרָא
 עֵרֶב וְהַיָּרֵב יוֹם שְׁלִישִׁי: ■

וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי מְאוֹרַת הַיּוֹם וְהַלַּיְלָה כֵּן
 הַיּוֹם וְכֵן הַלַּיְלָה וְהָיָה לְאוֹר וְלַמַּצְרִים וְלַיָּמִים וְלַיָּמִים:

וְהָיָה לְמִשְׁחַת הַיּוֹם כְּרִקְוֵה הַשָּׁמַיִם לְהָאָרֶץ עַל־הָאָרֶץ וְהָיָה
 כֵּן: וַיַּעַשׂ אֱלֹהִים אֶת־שֵׁשׁ הַמְּאוֹרַת הַיּוֹלִים אֶת־הַמַּשְׁמַר
 הַיּוֹלִים לְמַשְׁחַת הַיּוֹם וְאֶת־הַמַּשְׁמַר הַיּוֹלִים לְמַשְׁחַת
 הַלַּיְלָה וְאֶת הַיָּבֵשָׁה: וַתֵּן אֹתָם אֱלֹהִים כְּרִקְוֵה
 הַשָּׁמַיִם לְהָאָרֶץ עַל־הָאָרֶץ: וְלַמַּשְׁלַל בַּיּוֹם וּבַלַּיְלָה
 וְלַהַכּוֹל כֵּן הָאָרֶץ וְכֵן הַחֹשֶׁךְ וַיִּבְרָא אֱלֹהִים כְּרִשּׁוֹם:
 וְהַיָּרֵב וְהַיָּרֵב יוֹם רְבִיעִי: ■

וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יִשְׂרָצוּ הַמַּיִם עֵרֶב וְשֵׁשׁ הַיּוֹם וְשֵׁשׁ יוֹמֵם
 עַל־הָאָרֶץ עַל־פְּנֵי רִקְוֵה הַשָּׁמַיִם: וַיִּבְרָא אֱלֹהִים אֶת־
 הַחַיָּוִת הַיּוֹלִים וְאֶת כָּל־נֶפֶשׁ הַחַיָּה | וְהַרְמִשָּׁה אֲשֶׁר
 שָׂרָצוּ הַמַּיִם לְמִינֵיהֶם וְאֶת כָּל־שֹׁרֵף כֹּהֵן לְמִינֵהוּ וַיִּבְרָא
 אֱלֹהִים כְּרִשּׁוֹם: וַיִּבְרָד אֹתָם אֱלֹהִים לְאֶמֶר פֶּרִי וְרֵב
 וּמִלְאָ אֶת־הַמַּיִם בַּחַיָּוִת וְהַיּוֹם יָרֵב הָאָרֶץ: וְהַיָּרֵב
 וְהַיָּרֵב יוֹם חַמִּישִׁי: ■

וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים וַתִּשָּׂא הָאָרֶץ נֶפֶשׁ חַיָּה לְמִינֵהּ כַּחַד
 וְרִמַּשׁ וְחַיָּוִת אֶרֶץ לְמִינֵהּ וְהַיָּרֵב: וַיַּעַשׂ אֱלֹהִים אֶת־
 כָּל־הָאָרֶץ לְמִינֵהּ וְאֶת־הַיָּבֵשָׁה לְמִינֵהּ וְאֶת כָּל־רִמַּשׁ
 הָאָרֶץ לְמִינֵהּ וַיִּבְרָא אֱלֹהִים כְּרִשּׁוֹם: וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים
 גַּעֲשׂוּ אֲדָמָה בְּצַלְמֵנוּ כְּדִמְיוֹנוֹ וְרִדּוּ בְדִמְיוֹנוֹ וְהַיּוֹם וְהַיּוֹם
 הַשָּׁמַיִם וּבְבְרָתָהּ וּבְבְרָתָהּ וּבְבְרָתָהּ וּבְבְרָתָהּ וּבְבְרָתָהּ עַל־
 הָאָרֶץ: וַיִּבְרָא אֱלֹהִים | אֶת־הָאָדָם בְּצַלְמֵנוּ בְּצַלְמֵנוּ אֱלֹהִים
 בְּרָא אֱדָם וְכֵן וְכֵן בְּרָא אֶת־הָאָדָם: וַיִּבְרָד אֹתָם אֱלֹהִים
 וַיֹּאמֶר לָדָם אֱלֹהִים פֶּרִי וְרֵב וּמִלְאָ אֶת־הָאָרֶץ וּבְרָשָׁה
 וְרִדּוּ בְדִמְיוֹנוֹ וְהַיּוֹם וְהַיּוֹם הַשָּׁמַיִם וּבְבְרָתָהּ וְהַיּוֹם עַל־
 הָאָרֶץ: וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים הָיָה עֹתָהּ לָדָם אֶת־קִלְעֵשֶׂב |
 וְרֵעַ יָרֵעַ אֲשֶׁר עַל־הָאָרֶץ וְאֶת־קִלְעֵשֶׂב אֲשֶׁר
 בָּהּ מִרֵעֵי יָרֵעַ וְרֵעַ לָדָם הָיָה לְאֶבְרָהָם: וְהַיָּרֵב יוֹם
 שֵׁשִׁי: ■

וַיִּבְרָא וּלְקִלְעֵשֶׂב הַשָּׁמַיִם וּלְקִלְעֵשֶׂב וְרִמַּשׁ עַל־הָאָרֶץ אֲשֶׁר
 בָּהּ נֶפֶשׁ חַיָּה אֶת־קִלְעֵשֶׂב עֵשֶׂב לְאֶבְרָהָם וְהַיָּרֵב: וַיִּבְרָא
 אֱלֹהִים אֶת־קִלְעֵשֶׂב עֵשֶׂה וְהַיָּרֵב יוֹם שֵׁשִׁי וְהַיָּרֵב
 וְהַיָּרֵב יוֹם שֵׁשִׁי: ■

2. CRIAÇÃO MENTAL

“E Deus viu que tudo era bom...” (Gênesis, 1:31).

GÊNESIS – 1 a 2:4 a:

1 – A PRINCÍPIO criou Eloim os CÉUS e a terra.

2 – A terra era informe e vazia: a escuridão encobria a face do Infinito, e a força ativa de Eloim fecundava sobre as águas.

3 – E disse Eloim: “venha a haver luz”, e houve luz.

4 – E viu Eloim que a luz era boa; e determinou um meio de separação entre a luz e a escuridão.

5 – E chamou Eloim à luz, dia, e à escuridão, chamou noite: e foi tarde e foi manhã, DIA UM.

6 – E disse Eloim: “venha a haver um firmamento no centro das águas e que separe águas e águas!”.

7 – E fez Eloim o firmamento que separou as águas que haviam de ficar debaixo do firmamento das que deviam ficar por cima.

E assim se deu.

8 – E Eloim chamou o firmamento “CÉU”. E foi tarde e foi manhã, DIA SEGUNDO.

9 – E Eloim prosseguiu dizendo: “juntem-se as águas que estão debaixo do ‘CÉU’, e se veja o elemento seco!”.

10 – E chamou Eloim ao elemento seco, terra, e à massa das águas, mares. E considerando Eloim estas coisas, viu que eram boas.

11 – E Eloim prosseguiu dizendo: “produza a terra relva, ervas que deem sementes e árvores frutíferas que deem sobre a terra, segundo cada espécie, frutos contendo sua própria semente”.

E assim se deu.

12 – E a terra começou a produzir relva; erva que dá semente de sua espécie e árvores frutíferas, cuja semente estava no fruto, segundo sua espécie. E viu Eloim que assim era bom.

13 – E foi tarde e foi manhã, DIA TERCEIRO.

14 – E disse Eloim: “haverá no firmamento focos de luz para fazerem a separação entre o dia e a noite; que eles sirvam, também, de sinais, tanto para as estações, para os dias e para os anos.

15 – E terão de servir de luzeiros no firmamento, no “CÉU”, para iluminarem a terra”.

E assim foi.

16 – E fez Eloim os dois grandes focos luminosos: o foco maior para dominar o dia e o foco menor para a noite e fez também estrelas.

17 – E Eloim os colocou no firmamento para fazerem

resplandecer luz sobre a terra.

18 – E para dominar o dia e a noite e para operarem a separação entre a luz e a escuridão. E viu Eloim que assim era bom.

19 – E foi tarde e foi manhã, DIA QUATRO.

20 – Disse também Eloim: “fervilhem as águas um “fervilhar” de almas possuindo o fôlego de vida e criaturas que voem sobre a terra na face do firmamento”.

21 – E passou Eloim a criar os vários peixes e todos os animais que se arrastam; os quais FERVILHAM ABUNDANTEMENTE NAS ÁGUAS segundo as suas espécies e todas as criaturas voadoras aladas segundo as suas espécies.

22 – Então, Eloim os abençoou dizendo: “CRESCEI e tornai-vos muitos, e enchei as águas dos mares e tornem-se muitas as criaturas voadoras na terra”.

23 – E foi tarde e foi manhã, DIA QUINTO.

24 – E disse Eloim: “produza a terra almas vivas segundo sua espécie, animais que rastejam, quadrúpedes e toda a animalidade, conforme a sua espécie”.

E assim foi.

25 – E fez Eloim da terra toda a animalidade segundo sua espécie, os que rastejam segundo sua espécie, e todo o quadrúpede segundo sua espécie. E viu Eloim que era bom.

26 – E Eloim também, por fim, disse: “façamos o Adam à nossa imagem refletida, conforme a nossa semelhança; e dominarão sobre o peixe do mar e sobre as criaturas voadoras do firmamento, e sobre o gênero quadrúpede, e sobre toda a terra e todas as criaturas que se movem na superfície da terra”.

27 – E Eloim passou a criar o Adam segundo a sua imagem, a imagem de Eloim o criou: pênis e vagina o criou.

28 – E abençoou-os Eloim e disse-lhes Eloim: “CRESCEI e tornai-vos muitos, e enchei a terra, e sujeita-a, e dominai sobre os peixes do mar, e as criaturas voadoras do firmamento e sobre o gênero quadrúpede e todas as criaturas que se arrastam sobre a terra”.

29 – E continuou Eloim, dizendo: “Eu vos dou todas as ervas que dão semente, que estão sobre toda a superfície da terra, e todas as árvores que dão frutos com semente; isso será vosso alimento”.

30 – “E a toda animalidade da terra, e a toda a criatura voadora do firmamento, e a tudo o que se arrasta sobre a terra, em que haja alma viva; dou toda a erva verde para mantimento”.

31 – Então, considerando Eloim todas as coisas que tinha feito VIU QUE ERAM MUITO BOAS; e foi tarde, e foi manhã, DIA SEXTO.

1 – E acabaram de criar o “CÉU” e a terra e todo o seu

EXÉRCITO.

2 – E terminou Eloim, no DIA SÉTIMO, a obra que criou, e cessou no dia sétimo toda a obra que criou.

3 – E abençoou Eloim ao dia sétimo e santificou-o porque nele cessou toda a sua obra, que CRIOU Eloim para FAZER.

4a – Estas são as origens do “CEÚ” e da terra ao serem CRIADOS.

2.1. A PRINCÍPIO

“A PRINCÍPIO CRIOU ELOIM os CÉUS e a TERRA. A terra era informe e vazia; a escuridão encobria a face do Infinito, e a FORÇA ATIVA de Eloim FECUNDAVA sobre as águas” (Gn. 1:1-2).

O Hexameron - termo usado pelos estudiosos bíblicos para o texto que narra em seis dias as obras dos Eloim - é por demais rico em expressões técnicas e misteriosas. Cada palavra expressa rigorosamente uma peça de um todo lógico e profundo. É um tratado científico que se desvela gradativamente, com as asas da intuição; por isso, é um texto sempre novo através dos tempos. A sua análise nos mostrará isso!

A palavra PRINCÍPIO está desvinculada de qualquer ideia de tempo. Ela é por assim dizer: atemporal. Retrata a própria eternidade. Não está como alguns teólogos pensam, nas origens das obras, nem mesmo nos seis dias cósmicos de que nos fala o Hexameron. É a Eternidade em si, que nunca começou. Nisso se confunde com o Criador, ou melhor, é o Seu próprio Estado de Consciência.

Moisés resumiu esta verdade na expressão: *él ‘ölám*, Deus de Eternidade (Gn. 21:33) e, Roustaing, confirma: “A única eternidade existente que se possa citar é Deus” (“Os Quatro Evangelhos”¹¹ [ou QE], Tomo II, pág. 181). O PRINCÍPIO é um estado que exclui absolutamente toda a mudança, é o verdadeiro agora, sempre estável, não fluente.

“É algo de qualitativamente – diz Pietro Ubaldi – diferente do tempo, postando-se precisamente em posição antípoda. Ela (a Eternidade) não é o prolongamento de um tempo, que, embora avançado, sempre está limitado pela duração. É um tempo imóvel que não anda e jamais passa. É a ausência do tempo” (“Deus e Universo”, Cap.V, p. 59).

A Eternidade é a suprema quietude dinâmica, expressão “absurda” para o nosso intelecto, trancafiado nas malhas do

¹¹ “Os Quatro Evangelhos” ou QE.

tempo; mas verdadeira para as asas do pássaro tenro de nossa intuição, em seus primeiros voos para o infinito do coração.

A palavra criar, *bará* (em hebraico), é um termo apenas atribuído a Deus. É a ação divina que tem, por efeito, algo de novo e extraordinário. Nenhuma língua tem um vocábulo tão especializado. Este verbo não indica a criação do nada. É um absurdo pretende-se que o nada crie alguma coisa! O nada não cria nada, porque não existe. A Substância, usada por Deus para criar, não foi o vazio e, sim, uma matéria que nos escapa aos sentidos e aos instrumentos desenvolvidos por enquanto (“O Livro dos Espíritos”, Q. 36).

Continuando nossa análise, é necessário que entendamos bem quem é que manipula essa matéria sutil para a criação de algo novo e extraordinário. Moisés diz que foram os ELOIM e não a Divindade absoluta, também fala em YHWH ELOIM¹². Quem são eles? Por que não foi a Divindade...? Ou foi... ?

ELOIM é o plural hebraico de *el* (deus), logo são os deuses ou Espíritos puros, protetores de nações, governadores de planetas, etc.

Na Bíblia há varias evidências em relação a isto. Certa vez a médium de Endor viu o Espírito desencarnado de Samuel aparecer-lhe e disse ela ao rei Saul: “Vejo um dos Eloim...” (I Sm. 28:13).

Eloim são os ARCANJOS católicos, os DEVAS hindus ou os ESPÍRITOS SUPERIORES E PUROS dos espíritas¹³. Temos vários deles no Antigo Testamento: Dagon era o deus (*el*) dos filisteus (Jz. 16:23); Astarté era dos síndônios; Camos de Moab; Milcon dos filhos de Amon (I Rs. 11: 33); os Eloim Enath, Arphad, Sepharvaim, Ana e Ava da Assíria (II Rs. 18:34) e YHWH dos hebreus (Ex. 3:18).

Estes seres formam uma Comunidade espiritual. Emmanuel fala na Comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos¹⁴. Jesus é o Governador da Terra, o YHWH ELOIM dos Hebreus¹⁵, por isso, disse Isaías:

12 O primeiro capítulo da Gênese fala em Eloim. E só no segundo capítulo é que aparece a Comunidade de Avatares ou deuses (Eloim) com a supervisão de YHWH. Assim, YHWH ELOIM é o órgão ou espírito diretor de nosso Sistema Planetário.

13 “Evolução em Dois Mundos”, Cap.I, pág. 19 – Inteligências Divinas em comunhão indescritível com o supremo Senhor, Divindade.

14 “A Caminho da Luz”, Xavier”, Cap.I, pág. 17.

15 Bittencourt Sampaio diz que Moisés interrogou a N. S. Jesus-Cristo na aparição tangível que Ele fez no Monte Sinai. Quando Moisés perguntou o nome daquele Espírito, Ele respondeu: Eu Sou Quem Sou: dize aos filhos de Israel: Eu Sou enviou-me a vós (Ex. 3:14) – Ver “Jesus Perante a Cristandade”, Cap. II, pág. 44.

“Nascerá YHWH em ti [Israel] e de lá se verá a sua glória-energia” (Is. 60:2)¹⁶. E o próprio Mestre confirma esta verdade: “Se não credes que EU SOU¹⁷, morreis em vossos erros. Perguntaram-lhe, então, os judeus: Quem és tu? Respondeu-lhes Jesus: Acima de tudo, aquilo mesmo que vos estou dizendo: Eu Sou” (Jo. 8:24-25).

Analisando quem são os Eloim, de uma maneira geral e, YHWH, em particular, perguntávamos, também, por que Moisés disse que foram esses seres angélicos e não a Divindade Absoluta quem criou o tudo, através da manipulação da tal matéria sutil. Agora já temos base para responder. É a Divindade quem cria, mas, **INDIRETAMENTE**, através dos Eloim, que são um com Ela¹⁸, ou melhor, são eles os obreiros do Eterno, que criaram **DIRETAMENTE** pela inspiração divina, manifestante neles, como disse Jesus: “Não crês que estou no Pai e o Pai (está) em mim? O Pai que habita em mim **FAZ AS OBRAS** Dele” (Jo 14:10).

Os Eloim criaram, com a matéria divina, os **CÉUS** e a **TERRA**.

CÉUS, com “s”, não é a abóbada celeste ou o firmamento, é o equilíbrio orgânico, o estado de bem-aventurança, a paz suprema, é a manifestação perfeita do amor, como atração, simpatia, afeto...

Já para a **TERRA**, os hebreus tinham duas palavras:

- 1º) ‘eres – sentido dimensional – espacial
- 2º) ādamāh – sentido material – solo

O Gênesis 1:1 fala de ‘eres, que é, neste contexto, o Espaço Infinito, o Todo. Logo, “**OS CÉUS E A TERRA**” significam: o Todo orgânico, o Infinito em equilíbrio perfeito.

Os gregos chamavam este Todo de **KÓSMOS** que quer dizer **BELEZA**, os latinos de **MUNDUS**, que significa **PUREZA**. Os antigos também chamavam essa Beleza e Pureza, equilibradas no **TODO**, de **UNIVERSO**: a **UNIDADE NA DIVERSIDADE**.

O Todo era sem forma e nele nada habitava, por isso, não havendo nada em movimento, inexistia, também, o tempo, que é consequência deste. Deus ainda não tinha diferenciado a matéria sutil originária em luz, assim, a escuridão encobria a face do Infinito.

16 Há um versículo que explica bem essa tese: “Agora sei que YHWH é maior que todos os Eloim” (Êx. 18:11); nas traduções vulgares não podemos perceber a profundidade do ensinamento: Agora sei que o Senhor é maior que todos os deuses.

17 Nome que deu a si mesmo no Monte Sinai.

18 Jesus disse: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10:30).

O processo criativo começou¹⁹, quando a FORÇA ATIVA, ou VONTADE ONIPOTENTE da Divindade, atuou inspirando os Eloim, que fecundaram as ÁGUAS, ou melhor, a matéria-prima homogênea²⁰, ainda não diferenciada. J.-B. Roustaing chama a essa substância de Fluido Universal e diz que ela:

“Toca de perto a Deus²¹ e Dele parte, como manifestação Dele e constitui pela sua Quinta-essência e mediante as combinações, modificações e transformações de que é passível, o instrumento e o meio de que serve a Inteligência Suprema para, pela onipotência de sua vontade²², operar, no infinito e na eternidade, todas as criações espirituais, materiais e fluidicas²³ destinadas à vida e à harmonia universais, para operar a criação de todos os mundos, de todos os seres em todos os reinos da natureza, de tudo o que se move, vive, é” (QE, Tomo I, pág. 288).

Assim, até os Espíritos partem desta ÁGUA originária:

“O Espírito, na origem da sua formação – continua Roustaing – como essência espiritual, princípio de inteligência, sai do todo universal. O que chamamos o todo universal é o conjunto dos fluidos existentes no espaço... A vontade do Senhor Deus... anima²⁴ esses fluidos para lhes dar o ser, isto é, para mediante uma combinação sutilíssima, cuja essência só nas irradiações divinas se encontra, fazer deles essências espirituais, princípios primitivos dos Espíritos em germe e destinados a sua formação” (QE, Tomo I, pág. 289).

Quando a vontade dos Eloim fecundou o fluido universal, manifestou-se a primeira obra cósmica.

19 Origem do tempo, porque houve a origem do movimento.

20 “O Livro dos Espíritos” chama essa substância de matéria disseminada no Espaço, pergunta 39. Andre Luiz chama de Fluido Cósmico, Plasma Divino, Hausto do Criador, Força Nervosa do Todo-Sábio ou Elemento Primordial (“Evolução em Dois Mundos”, Cap.I, pág. 19). Damácio: No começo existia somente a água, que se endureceu formando a terra, ver De Prima Principia. Egito: No início era Num, o Abismo Aquático. Livro da Derrota de Apopis: Foi meu Pai o Abismo Aquático quem os criou. Heráclito de Éfeso: Almas exalam do ÚMIDO, Ver Fragmento 12.

21 Substância mais íntima com Deus.

22 Força ativa fecundante, Gn. 1:2.

23 “Tudo é dele, tudo é por ele, tudo é nele” - Romanos 11:36; “É nele que temos a vida, o movimento e o ser”, Atos dos Apóstolos,17: 28; (Deus) criara o mundo da matéria informe, Sabedoria 11:17 e “O Todo é o grande ventre materno no qual lanço as sementes de todas as coisas”, Bhagavad Gita, XIV: 3.

24 Fecundava. Gn 1: 2.

2.2. A LUZ:

“E disse Eloim: ‘venha a haver luz’, e houve luz” (Gn. 1:3).

A LUZ foi a primeira manifestação da matéria-prima homogênea ou ÁGUA. Devemos lembrar ao leitor que esta luz não é a física, ou seja:

- 1º) A luz do Sol;
- 2º) A luz das estrelas;
- 3º) A luz da Lua, que é solar, mas indiretamente.

Estas só surgiram no quarto dia cósmico.

Então que luz é essa? É a luz metafísica, ou como alguns chamam: a luz espiritual ou matéria radiante. É esta a primeira criação, a substância-base para a manifestação dos planos energético e material, através de congelamentos dimensionais gradativos. André Luiz fala isso mesmo:

“Qualquer aprendiz de ciência elementar, no Planeta, não desconhece que a chamada MATÉRIA DENSA (plano físico) não é senão a ENERGIA RADIANTE (plano energético) condensada. Em última análise, chegaremos, a saber, que a matéria é LUZ COAGULADA (plano metafísico), substância divina²⁵, que nos sugere a onipresença de Deus” (“E a Vida Continua”, Cap.IX, págs. 69-70).

Diz a narração escriturística que os Eloim viram que a luz metafísica era boa e a chamaram dia, à escuridão, noite. Como poderemos entender, em espírito e verdade, estes termos: DIA e NOITE²⁶?

Da Gênese 1:2, quando interpretamos a frase: a escuridão encobria a face do infinito, vimos que a vontade dos Eloim ainda não havia diferenciado ou fecundado a ÁGUA ou substância prima. Logo, dedutivamente, podemos afirmar que escuridão ou noite é o LUGAR ou região, onde a força ativa de Deus ainda não fecundou, ou seja, não modificou a matéria homogênea que a penetra e circunda. É um lugar, em repouso, que ainda não entrou em atividade. Por conseguinte dia, nesse versículo, é o lugar em que a ÁGUA ou fluido universal, já foi diferenciado e está em processo dinâmico ou criativo, de planos energéticos e físicos,

25 É substância divina porque o toca de perto e dele parte, como foi citado acima o pensamento de J.-B. Roustaing.

26 Não são dia e noite no sentido normal que damos a essas palavras porque o Sol só virá aparecer no quarto dia.

através de resfriamentos ou congelamentos progressivos²⁷. Eis aí, em linguagem figurada, a criação das variadas colônias espirituais (planos energéticos) e seus respectivos planetas (planos físicos), que as colônias circundam.

E continua enfático o quinto versículo do Hexameron, revelando: “e foi tarde e foi manhã, DIA UM”. A expressão tarde e manhã significa que o ciclo (eon ou dia) se desenvolveu, através dos tempos, até se concluir a primeira era ou o primeiro dia cósmico.

2.3. O FIRMAMENTO

“E disse Eloim: “venha a haver um firmamento no centro das ÁGUAS e que separe ÁGUAS e ÁGUAS!”. E fez Eloim o firmamento que separou as águas que haviam de ficar debaixo do firmamento das que deviam ficar por cima. E assim se deu. E Eloim chamou o firmamento “Céu”. E foi tarde e foi manhã, Dia Segundo” (Gn. 6-8).

O Gênesis é ricamente profundo e obscuro. Por vezes, palavras iguais têm significado diferentes, como é o caso do versículo seis deste capítulo, que repete três vezes a palavra ÁGUA, todas elas com significados diferentes. Diz Allan Kardec:

“Não rejeitemos, pois, a Gênesis bíblica; ao contrário, estudemo-la... Trata-se de uma época rica de alegorias, cujo SENTIDO OCULTO SE DEVE PESQUISAR; que se deve comentar e explicar com o auxílio das luzes da razão e da Ciência” (“A Gênesis”, Cap. XII, item 12, pág.246)

Estudemos primeiro a expressão no centro das águas: ÁGUAS é o fluido universal, força nervosa do Todo-Sábio, onde, segundo André Luiz²⁸, aí “vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes no oceano”²⁹. Sendo essas ÁGUAS infinitas, porque banham o Todo (“O Livro dos Espíritos”, Q. 35), não poderemos ter, para elas, um CENTRO no sentido que se dá para o ponto equidistante da circunferência. Onde esse ponto no Infinito? Ou melhor, qual o centro do Todo? Não existe! O centro do Infinito está em toda parte.

Por exemplo, podemos citar que no lugar aonde foi criado

27 Os textos orientais chamam figuradamente esta verdade de Dia de Brahma (fase dinâmica) e Noite de Brahma (fase de repouso).

28 “Evolução em Dois Mundos”, Cap. I, pág. 19.

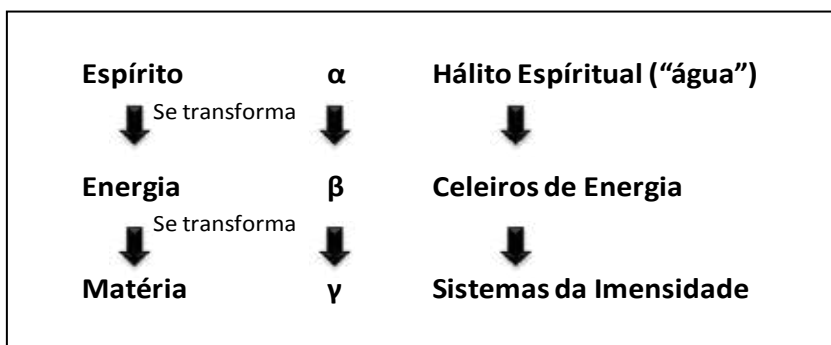
29 A palavra OCEANO citada por André Luiz é bem apropriada para o termo ÁGUA usado por Moisés.

o nosso Sistema Solar, era um centro das águas que entrou em atividade pela vontade dos Eloim, formando-o.

André Luiz sintetiza a formação do Sistema Solar da seguinte maneira:

“Nessa substância original (as Águas), ao influxo do próprio Senhor Supremo (A Divindade), operaram as Inteligências Divinas³⁰ a Ele agregadas, em processo de comunhão indescritível³¹ ... Extraíndo desse HÁLITO ESPIRITUAL os CELEIROS DA ENERGIA com que constroem os SISTEMAS DA IMENSIDADE” (“Evolução em Dois Mundos”, Cap.I, pág. 19).

Foi verdadeiramente isso que “Sua Voz” revelou a Pietro Ubaldi, em A Grande Síntese³²:



Eis aí, em linguagem simples, didática e poética, o conceito einsteniano: Energia é igual à massa multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz.

$$E = mc^2$$

“E a matéria não é senão fluidos espessados e solidificados, do mesmo modo que o gelo dos rios não é senão uma concentração do leve vapor que deles se desprende sob a ação dos raios solares”. (QE, Tomo I, pág. 160).

E = Energia ou Celeiros da Energia.

M = Matéria ou Sistema de Imensidade.

C² = Luz ou PRIMEIRO ESTADO DIFERENCIADO DA MATÉRIA PRIMA HOMOGÊNICA, Água ou Fluido Universal.

30 Eloim, Devas, Arcanjos, Espíritos Puros ou Espíritos Prepostos...

31 “Eu e o Pai somos UM”. Jesus (Jo 10:30).

32 Esta obra é chamada por Emmanuel, no seu prefácio psicografado por F. C. Xavier, de O Evangelho da ciência. Ver edição FEB de 1939.

Falamos, de uma maneira geral, sobre a formação do Sistema Solar. Agora, particularizando cada vez mais, passemos a narrar a origem de nosso planeta TERRA.

O lúcido Emmanuel³³ comenta a origem do nosso orbe, através da ação da Comunidade dos Seres Angélicos, despreendendo-o da nebulosa solar:

“Que força sobre-humana pôde manter o equilíbrio da nebulosa terrestre, destacada do núcleo central do sistema, conferindo-lhe um conjunto de leis matemáticas (....) imaginemos a sua composição nos primeiros tempos de existência, como planeta... laboratório de matérias ignescentes, o conflito das forças telúricas e das energias físico-químicas opera as grandiosas construções do teatro da vida, no imenso cadinho onde a temperatura se eleva, por vezes, a 2.000 graus de calor, como se a matéria colocada num forno, incandescente, estivesse sendo submetida aos mais diversos ensaios... As descargas elétricas, em proporções jamais vistas da Humanidade, despertam estranhas comoções no grande organismo planetário... Nessa computação de valores cósmicos... delibera-se a formação... da LUA³⁴ ... a âncora do equilíbrio terrestre nos movimentos de translação que o globo efetuará em torno da sede do sistema; o manancial de forças ordenadoras da estabilidade planetária e, sobretudo, o orbe nascente necessitaria da sua luz polarizada cujo suave magnetismo atuaria decisivamente no drama infinito da criação e da REPRODUÇÃO de todas as espécies, nos variados reinos da Natureza... As vastidões atmosféricas são amplos repositórios de energias elétricas e de vapores que trabalham as substâncias torturadas no orbe terrestre. O frio dos espaços atua, porém, sobre esse laboratório de energias incandescentes³⁵ e a condensação dos metais verifica-se com a leve formação de crosta solidificada: formam-se os primitivos oceanos³⁶, onde a água tépida sofre pressão difícil de descrever-se. A atmosfera está carregada de vapores aquosos”.

Vamos colocar tudo isso, que Emmanuel falou, em uma apresentação mais sintética, recorrendo-nos de um esquema

33 “A Caminho da Luz”, Cap.I, pág. 18-22.

34 Este satélite, bem como o Sol e as estrelas, só serão vistos do nosso planeta terrestre, no quarto dia cósmico. Gn. 1:14-19.

35 A atuação do frio dos espaços sobre o planeta incandescente dá origem a uma “atmosfera imensa carregada de TODAS AS ÁGUAS em vapor... Atmosfera espessa e ardente, impenetrável aos raios solares”. Ver Allan Kardec, “A Gênese”, Cap. XII, item 5, pág.240.

36 Allan Kardec, “A Gênese”, Cap.XII, item 5, pág.240: As águas cobrem TODA A SUPERFÍCIE do globo.

cronológico e didático, feito por Kardec (“A Gênese”, Cap. XII, item 5, págs. 240-241), sobre a origem da Terra:

1º) Aglomeração da matéria cósmica universal (água), num ponto do espaço (centro das águas).

2º) Nebulosa (solar) que deu origem, pela condensação da matéria, à Terra.

3º) Estado primitivo, fluídico e incandescente da Terra.

4º) Atmosfera imensa carregada de TODA ÁGUA em vapor.

5º) Endurecimento da superfície da Terra, pelo resfriamento.

6º) Formação das camadas graníticas.

7º) As águas cobrem TODA A SUPERFÍCIE do globo.

Voltemos a analisar o texto bíblico:

Um firmamento... que separe águas e águas: Este versículo encaixa-se perfeitamente com o que vimos acima. Firmamento (râgía) em hebraico indica algo como uma lâmina.

É, portanto, concebido como um sustentáculo que suporta, acima de si, as águas superiores, que se precipitam em forma de chuva sobre a Terra. Neste mesmo primeiro livro de Moisés encontramos essa explicação, quando se comenta, alegoricamente, sobre o dilúvio bíblico:

“Romperam-se todas as fontes do abismo grande e as portas do céu (firmamento) foram abertas; e foi a chuva sobre a terra” (Gn. 7:11-12).

No resumo de Allan Kardec, vimos que o item 4º diz ser a atmosfera, naquela época, imensa e carregada de TODA A ÁGUA em vapor. O firmamento é então, uma palavra técnica e poética, acima de tudo, que separou TODA A ÁGUA, em duas partes: as águas que haviam de ficar por baixo³⁷ do firmamento, das outras, que deviam ficar por cima³⁸ E assim se deu, diz Moisés³⁹.

E foi tarde e foi manhã... e os ciclos correram, através dos tempos, formando a Segunda Era ou o segundo dia cósmico.

37 Origem do mar, que primitivamente, era unitário.

38 Que quando precipitadas, são chamadas chuvas.

39 O firmamento é também chamado de CÉU, como se diz popularmente, entretanto não deve ser confundido com CÉUS: harmonia cósmica, ou com as moradas celestes (colônias espirituais).

2.4. O MAR E O ELEMENTO SECO

“E Eloim prosseguiu dizendo: “juntem-se as águas que estão debaixo do CÉU, e se veja o elemento seco!”. E chamou Eloim ao elemento seco, TERRA, e à massa das águas, MARES. É considerando Eloim estas coisas viu que eram boas” (Gn. 1:9-10).

A análise da Gênese à luz da razão, como recomendou Allan Kardec, mostra-nos o quanto o seu autor era intuitivo e didático.

No item 5º do resumo acima, o Codificador afirma que, nesta era, já havia o endurecimento da superfície da Terra, por causa do resfriamento; e, no item 6º, vai além, já falando em formação das camadas graníticas. Mas, as águas debaixo encobriam TODA A SUPERFÍCIE DO GLOBO, como se observa no item 7º, formando, assim um mar único, que no original hebraico se escreve no plural, mares (yammin), no sentido de um todo, ou uma só massa, em hebraico miqweh.

Allan Kardec prossegue com seu resumo cronológico das obras:

- 1º) Superfície da terra pouco acidentada.
- 2º) Águas pouco profundas.
- 3º) Grandes intumescimentos da crosta sólida.
- 4º) Retirada das águas para lugares baixos.

Com esses novos dados, podemos prosseguir.

A superfície da Terra era pouco acidentada e, por isso, as águas encobriam todo o globo, fazendo-se elas, assim, pouco profundas. Com o passar do tempo, grandes intumescimentos da crosta sólida surgiram e, logo houve a retirada das águas para lugares baixos.

Moisés resumiu tudo isso, num só versículo:

“Juntem-se as águas (retiradas para lugares baixos, formação dos vários mares primitivos) que estão debaixo do CÉU e se veja o elemento seco! (surgimento dos grandes intumescimentos da crosta sólida)”.

Este elemento seco - em hebraico *ãdamãh* -, é que irá produzir o VEGETAL, o ANIMAL e o HOMEM, gradativamente, através da evolução.

2.5. O VEGETAL

“E Eloim prosseguiu dizendo: “PRODUZA A TERRA relva, ervas que deem sementes e árvores frutíferas que deem sobre a terra, segundo cada espécie, frutos contendo sua própria semente”. E assim se deu. E a terra começou a produzir relva, erva que dá semente de sua espécie e árvore frutíferas, cuja semente estava no fruto, segundo sua espécie. E viu Eloim que assim era bom. E foi tarde e foi manhã, Dia Terceiro” (Gn. 1:11-15).

O elemento seco, **ĀDAMĀH**, é o conjunto de todas as espécies de matéria, que têm suas propriedades relativas, segundo leis naturais e imutáveis (QE, Tomo I, pág. 292). É, em linguagem clara e científica, O REINO MINERAL.

Diz O Livro dos Espíritos que o mineral, através das transformações que a evolução proporciona, chega à perfeição, como Espírito Puro⁴⁰, ou melhor, o Espírito Puro começou por ser uma pequena partícula do reino mineral⁴¹.

Como isto ocorre? Como o mineral espiritualiza-se? A Obra de Roustaing, estudando esta questão, ensina:

“Ao serem formados os mundos primitivos, na sua composição entram todos os princípios, de ordem espiritual, material e fluidicas, constitutivos dos diversos reinos que os séculos terão de elaborar... O princípio inteligente se desenvolve ao mesmo tempo em que a matéria e com ela progride, passando da inércia à vida... Tais princípios sofrem passivamente, através das eternidades e sob a vigilância dos Espíritos prepostos⁴², as transformações que os hão de desenvolver passando sucessivamente pelos reinos MINERAL, VEGETAL e ANIMAL e pelas formas e ESPÉCIES INTERMEDIÁRIAS que se sucedem entre cada dois desses reinos... Chegam dessa maneira... ao PERÍODO PREPARATÓRIO DO ESTADO DE ESPÍRITO FORMADO, isto é, ao estado intermediário da encarnação animal e do

40 “Tudo se encadeia na Natureza, desde o ÁTOMO PRIMITIVO (pequena partícula do mineral) até o arcanjo (Espírito Puro), que também começou por ser átomo” – Q. 540. No original francês de “O livro dos espíritos” se encontra: *commencé par l’atome*: começou por ser átomo, como bem traduziu Guillon Ribeiro. Há tradutores que interpretam: começou pelo átomo. A preposição pelo também pode guardar o mesmo sentido, como observa o Prof. Antônio Geraldo da Cunha: pelo, contração da preposição PER com o pronome Lo: Per: “Modernamente na linguagem internacional da química, é usado para indicar que um dado elemento químico participa na sua proporção máxima em determinado composto: permanganato (de potássio), per cloreto (de sódio), etc.” (Ver Dicionário etimológico da língua portuguesa, Ed Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1982).

41 “Deus tem poder para suscitar destas pedras filhos a Abrão” (Lc 3: 8 e Mt.3: 9).

42 Eloim ou Arcanjos.

estado espiritual consciente. Depois, vencido esse período preparatório, chegam ao estado de CRIATURAS possuidoras do LIVRE ARBÍTRIO, com INTELIGÊNCIA capaz de raciocínio, INDEPENDENTES e RESPONSÁVEIS pelos seus atos” (QE, Tomo I, págs. 289-290).

Vamos apenas nos deter, agora, no período evolutivo que o princípio inteligente realiza no reino mineral. Mais uma vez recorreremos a J.-B. Roustaing, no seu Os Quatro Evangelhos:

“Em sua origem, a essência espiritual... Espírito em formação, passa primeiro pelo reino mineral. Anima o mineral, se desse modo nos podemos exprimir, servindo-nos dos únicos recursos que oferece a linguagem humana apropriada às vossas inteligências limitadas. Tudo, com efeito, na Natureza, tem existência, porquanto tudo morre. Ora, aquilo que morre traz em si o princípio da vida, sendo consequentemente animado por uma inteligência relativa... Certamente, em tal caso (reino mineral), não há pensamento, nem ação. A essência espiritual, neste estado, se mantém inconsciente de seu ser. Ela é, eis tudo... No estado então de simples essência de vida... ela constrói o mineral, a pedra, o minério, atraindo e reunindo os elementos dos FLUÍDOS apropriados, por meio de uma ação magnética atraente, dirigida e fiscalizada pelos Espíritos prepostos... O mineral morre quando é arrancado do meio em que o colocara o autor da natureza. A pedra tirada da pedreira, o minério extraído da mina, deixando de existir, do mesmo modo que a planta separada do solo, perde a vida natural... A essência espiritual, que residia nas paredes do mineral, retira-se daí por uma ação magnética... e é transportada para outro ponto ... O corpo do mineral e seus despojos, são utilizados pela humanidade, de acordo com o que suas necessidades lhe impõem... Não vos admireis de que a coesão subsista no mineral, por séculos muitas vezes, depois que dele se retirou a essência espiritual que foi necessária à sua formação⁴³ ... A essência espiritual sofre, no reino mineral, sucessivas materializações, necessárias a prepará-las para passar pelas formas intermediárias, que participam do mineral e do vegetal... dizemos – MATERIALIZAÇÕES, por não podermos dizer – ENCARNAÇÕES para estrear-se COMO SER ... Depois de haver passado por essas formas e espécies intermediárias... a essência espiritual... passa ao REINO VEGETAL” (QE, Tomo I, págs. 290-293).

----- X -----

43 O corpo humano, em certas condições, não conserva coesas todas as suas partes materiais, embora o Espírito já se tenha retirado dele?... Não se observam, entre os vegetais, casos de longa duração material? (QE, I, 292).

Moisés, num poder de síntese fantástico, resume toda essa evolução, do princípio inteligente pelo reino mineral, até às fronteiras do mundo vegetal, com a seguinte frase:

“PRODUZA⁴⁴ A TERRA (ādamāh) relva e ervas que deem semente e árvores frutíferas”.

O escritor sagrado não apresenta sutilezas ou distinções botânicas, mas reconhece, apenas, três grupos latos de vida vegetal, talvez pressentindo que essa classificação simples incluiria todos os casos:

1º) relva – hb – deshe’

2º) ervas – hb – eçebh (que produzem sementes conforme sua espécie)

3º) árvores – hb –‘ec (que produzem fruto, cuja semente está no mesmo).

Busquemos em Roustaing a evolução através do reino vegetal:

“É um desenvolvimento, mas ainda sem que o ser tenha consciência de si. A existência material é então mais curta (que no reino mineral), porém mais progressiva. Não há nem consciência, nem sofrimento⁴⁵. Há sensação... Assim, a árvore da qual se retira o galho experimenta uma espécie de eco da seção feita, mas não sofrimento. É como uma repercussão que vai de um ponto a outro... É um abalo magnético⁴⁶ o que a árvore experimenta, abalo que prepara o Espírito em estado de formação para o desenvolvimento do seu ser... Morto o vegetal, a essência espiritual é transportada para outro ponto e, depois de haver passado, sempre em marcha progressiva, pelas NECESSÁRIAS E SUCESSIVAS MATERIALIZAÇÕES, percorre as formas e espécies intermediárias, que participam do vegetal e do animal. Só então, nestas últimas fazes de existência... o Espírito em formação... passa ele ao REINO ANIMAL” (QE, Tomo I, pág. 293).

E foi tarde e foi manhã, terceiro dia cósmico.

44 Produza, em hebraico: tadsé.

45 As plantas: não têm percepções e não tem a sensação da dor – “O Livro dos Espíritos”, Q. 587.

46 As plantas: recebem IMPRESSÕES físicas que atuam sobre a matéria - “O Livro dos Espíritos”, Q. 587.

2.6. O SOL, A LUA E AS ESTRELAS

“E disse Eloim: “haverá no firmamento focos de luz para fazerem a separação entre o dia e a noite; que eles sirvam, também, de sinais, tanto para as estações, para os dias e para os anos. E terão de servir de luzeiros no firmamento, no “céu”, para iluminarem a terra”. E assim foi. E fez Eloim os dois grandes focos luminosos: o foco maior para dominar o dia e o foco menor para a noite e fez também estrelas. E Eloim os colocou no firmamento para fazerem resplandecer luz sobre a Terra, e para dominar o dia e a noite, e para operarem a separação entre a luz e a escuridão. E viu Eloim que assim era bom. E foi tarde e foi manhã, Dia Quatro” (Gn. 1:14-19).

Allan Kardec chama o espaço de tempo, que compreende todo o TERCEIRO DIA cósmico, de PERÍODO DE TRANSIÇÃO (A Gênese, p.240-1). Foi nesta era, como falamos acima, que o reino vegetal eclodiu através da evolução do mineral, e que – continua Kardec – O Sol começa a atravessar a atmosfera brumosa, provocando, predominantemente, um calor úmido. Fimda a terceira era, penetra o nosso orbe noutra, denominada, PERÍODO SECUNDÁRIO ou QUARTO DIA cósmico. Nesta fase, afirma Kardec, a temperatura era menos ardente e a atmosfera mais depurada.

Por causa da maior rarefação de nossa ambiência atmosférica, passou a existir (no sentido de serem vistos da superfície do planeta Terra): o Sol, a Lua e as estrelas. Seria absurdo concebermos que Moisés colocaria o efeito, Terra, preexistindo à causa, o Sol.

Outro ponto de crítica tem sido o da criação do Sol, depois da luz. Sempre nos recorrendo aos conhecimentos e a didática de Allan Kardec, vem ele em defesa da revelação de Moisés, dizendo:

“O Sol não é o princípio da luz universal; é uma concentração do elemento luminoso em um ponto, ou, por outra, do FLUÍDO que, em dadas circunstâncias, adquire as propriedades luminosas. Esse fluido que é a causa, havia necessariamente de preceder ao Sol, que é apenas um efeito. O Sol é a CAUSA, relativamente à luz que dele se irradia; é EFEITO, com relação à que recebeu” (“A Gênese”, Cap.XII, item 8, pág.243).

O texto original usa o termo luzeiro (ma’ôr) para designar os focos luminosos vistos no firmamento. Moisés foi bastante cauteloso em não citar, literalmente, as palavras Sol e Lua, pois

esses astros, em hebraico, recebem o nome de deuses: Semes e Yerah, respectivamente. Para fugir ao culto dos astros⁴⁷ comum entre egípcios, babilônicos, fenícios e os habitantes primitivos de Israel, o Hexameron cita as expressões: foco maior (Sol) para dominar o dia e o foco menor (Lua) para a noite.

Os luzeiros tinham determinadas incumbências:

- 1º) Separação entre o dia e a noite.
- 2º) Resplandecer luz sobre a terra.
- 3º) Sinais para os tempos, festas e estações.
- 4º) Sinais para os dias.
- 5º) Sinais para os anos.

Israel seguia o sistema luni-solar: o ano contava 12 meses, alternadamente de 29 ou 30 dias⁴⁸, com o acréscimo periódico de um mês suplementar, pois o ano lunar é mais curto 11 dias que o solar. O início do ano era chamado de primavera do ano (II Cr. 36:10) e o término, no outono, saída do ano (Ex. 23:16). Os antigos hebreus, sempre poéticos e alegóricos, chamavam o por do sol, bô', que significa literalmente entrar. Entrar aonde? Na morada dele (Hc. 3:11) ou na tenda (Sl. 19:4) do Sol.

Como os israelitas descreviam estes focos luminosos?

1º) O FOCO MAIOR – SOL

- . Quando nasce, o dia começa (Gn. 19:23; II Sm. 23: 4)
- . Ao se por, o dia termina (Gn. 15:12; Ex. 22:25...)
- . O grau de seu calor indica quanto o dia já progrediu (I Sm. 11:9; Ne. 7:3)
- . Sua força desvanece as neblinas (Sb. 2:4)
- . Seca a terra, queimam os montes, a vegetação e os homens (Eclo. 43:3 e 4; Jn. 4: 8)
- . Cega os olhos (Eclo. 43:4)
- . Considerado fonte de cura (Ml. 3:20)
- . A regularidade do seu percurso foi determinada por Deus (Br. 6:59)

2º) O FOCO MENOR – LUA

- . Admirada por sua beleza (Ct. 6:10)
- . A branca (lebânâh) (Is. 30:16)
- . Em viagem noturna davam PREFERÊNCIA à época de Lua cheia (Pv. 7: 20)

. As lunetas faziam parte dos enfeites femininos, por causa da fertilidade e, também, pela interessante semelhança entre o

⁴⁷ “Sim, naturalmente vãos eram todos os homens que ignoravam a Deus e que, partindo dos bens visíveis, não foram capazes de conhecer Aquele que é, nem considerando as obras, reconhecer o Artífice. Mas foi... a abóbada estrelada... os luzeiros do céu que eles consideram como deuses, regentes do mundo!” (Sabedoria, 13:1-2).

⁴⁸ Uma comparação do Gn. 7:11 com 8:3-5 e 15 resulta que um período de 5 meses contava 150 dias, sendo o mês, portanto, de 30 dias.

ciclo da mulher e o da Lua. (Is. 3: 19)

. Pendurada nos pescoços dos animais. Finalidade: assegurar fertilidade (Jz. 8: 21)

. Podia ter uma influência nefasta sobre o homem (Sl. 121:6)

. Maravilha da criação (Sl. 8: 3)

. Era considerada capaz de afetar a mente. No Novo Testamento a palavra lunático (grego), literalmente, quer dizer: ferido pela lua (Mt. 4:24; 17:15).

Alguns estudiosos interpretam a palavra dominar, do versículo 18, como sendo uma referência à astrologia. Os antigos sabiam, também, sobre a influência dos astros na fertilidade da mulher, na pesca, no crescimento das plantas, na ocorrência das chuvas e no destino do homem. Dizem as Escrituras, que YHWH perguntou a Jó se ele chegou a conhecer os ESTATUTOS DO CÉU (mapa astral), ou a perceber a INFLUÊNCIA DO FIRMAMENTO NA TERRA (38:33). Emmanuel interrogado sobre esta influência astrológica, respondeu:

“As antigas ASSERTIVAS ASTROLÓGICAS têm a sua razão de ser. O campo magnético e as conjunções dos planetas influenciam no complexo celular do homem físico, em sua formação orgânica e em seu nascimento na Terra; porém, a existência planetária é sinônima de luta. Se as influências astrais não favorecem a determinadas criaturas, urge que estas lutem contra os elementos perturbadores, porque, acima de todas as VERDADES ASTROLÓGICAS, temos o Evangelho, e o Evangelho nos ensina que cada qual receberá por suas obras, achando-se cada homem sob as influências que merece” (“O Consolador”, Q. 140).

Fim do quarto dia cósmico.

Calendário de Festas Judaicas

| Mês | Dia | Festa |
|--------------------|-----|----------------------------------|
| Nisã (Abril) | 14 | Páscoa |
| | 15 | Pães Asmos |
| | 21 | Encerramento da Páscoa |
| Sivã (Junho) | 6 | Pentecoste |
| Tisri (Outubro) | 1 | Festa das Trombetas |
| | 2 | Começo do Ano Cívico |
| | 10 | Dia da Expição |
| | 15 | Começo da Festa dos Tabernáculos |
| | 21 | Fim da Festa dos Tabernáculos |
| Quisleu (Dezembro) | 25 | Festa da Dedicção |
| Adar (Março) | 13 | Dia de Nicanor |
| | 14 | Dia de Purim |

2.7. OS ANIMAIS

“Disse também Eloim: ‘fervilhem as águas um fervilhar de almas possuindo o fôlego de vida e criaturas que voem sobre a terra na face do firmamento’. E passou Eloim a criar os vários peixes e todos os animais que se arrastam; os quais fervilham abundantemente nas águas segundo as suas espécies e todas as criaturas voadoras aladas segundo a sua espécie. Então, Eloim os abençoou dizendo: “CRESCEI e tornai-vos muitos, e enchei as águas dos mares! E tornem-se muitas as criaturas voadoras na terra”. Foi tarde e foi manhã. DIA QUINTO. E disse Eloim: “PRODUZA A TERRA almas vivas segundo sua espécie, animais que rastejam, quadrúpedes e toda a animalidade, conforme a sua espécie”. E foi assim. E FEZ ELOIM DA TERRA toda a animalidade segundo sua espécie, os que rastejam segundo sua espécie, e todo o quadrúpede segundo sua espécie. E viu Eloim que era bom” (Gn. 1:20-25).

Moisés traça o percurso evolutivo dos animais, de uma maneira técnica, lógica e altamente darwiniana. Acompanhem-lo passo a passo...

Com o surgimento do Período Terciário (“A Gênese”, Cap. XII, item 5, pág.241) ou QUINTO DIA cósmico, a mãe natura abre um painel completamente novo em nosso orbe, trazendo, à baila, seres que possuem o fôlego de vida (nephesh hayyâ). Então, todas as condições do planeta estavam formadas para receber os animais: Atmosfera depurada; temperatura atual (de hoje) produzida pelo calor solar.

Os seres vivos, primitivamente, fervilharam (shereç) nas águas. Não diz o texto bíblico que a massa líquida produziu os animais; o que se diz é que eles foram gerados, através da evolução do elemento terra (âdamâh):

1º) Produza a terra... Gn. 1: 24.

2º) E fez Eloim da terra... Gn. 1: 25.

3º) YHWH-Eloim formando da terra... Gn. 2:19.

A classificação dos animais feita por Moisés, não é científica, mas leva em conta a utilidade e o comportamento deles:

a) Vários peixes – grandes e pequenos;

b) Os animais que rastejam (nas águas) – tannin – cobras d’água, polvo, estrela do mar, etc.

c) As criaturas voadoras aladas – ‘ôph – todas as variedades de aves;

d) Animais que rastejam (na terra) – ou que andam rente a terra – remeç⁴⁹ – répteis e insetos, respectivamente;

49 A palavra hebraica remeç significa tantos os animais que rastejam (répteis), como os que andam rente à superfície (insetos, por exemplo).

- e) Quadrúpede – hayyâ – animais selvagens;
f) Toda a animalidade – behemã – animais domésticos: cão, gato, boi, ovelha, etc.
Vejamos como ocorre a evolução no reino animal.

“As ÚLTIMAS “MATERIALIZAÇÕES”, que o Espírito em formação passa no REINO VEGETAL, são aquelas em que a Essência começa a ter a IMPRESSÃO DE UM ATO EXTERIOR, ainda que sem consciência de sua causa e de seus efeitos, HÁ SENSAÇÃO DE SOFRIMENTO... Preparado para a vida ativa, exterior, para a vida de relação, passa ele ao REINO ANIMAL... torna-se então princípio inteligente de uma INTELIGÊNCIA RELATIVA, a que chamais – INSTINTO; de uma inteligência relativa às necessidades físicas, à conservação, a tudo o que a vida material exige⁵⁰, dispoendo de vontade e de faculdade, mas limitadas àquelas necessidades... ao fim a que é destinado em a natureza, sob os pontos de vista da conservação, da reprodução e da destruição... Sempre em estado de formação, pois que NÃO POSSUI ainda livre arbítrio⁵¹, inteligência independente capaz de raciocínio⁵², consciência de suas faculdades e de seus atos⁵³. O Espírito, sem sair do reino animal, seguindo sempre uma marcha progressiva contínua e de acordo com os progressos realizados e com a necessidade dos progressos a realizar⁵⁴, passa por todas as fases de existência, sucessivas e necessárias ao seu desenvolvimento e por meio das quais chega às formas e ESPÉCIES INTERMEDIÁRIAS, que participam do animal e do homem⁵⁵. Passa depois por essas espécies intermediárias,

50 “Na maioria dos animais domina o instinto. Mas, não vêes que muitos obram denotando, acentuada vontade?É que têm inteligência, porém limitada... alguns animais praticam atos combinados, que denunciam vontade de operar em determinado sentido e de acordo com as circunstâncias. Há, pois, neles, uma espécie de inteligência, mas cujo exercício quase que se circunscreve à utilização dos meios de satisfazerem às suas necessidades físicas e de proverem à conservação própria” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 593).

51 “Os animais não são simples máquinas, como supondes... A liberdade possui-na restrita aos atos de vida material” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 595).

52 “A vida inteligente lhe permanece em estado latente” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 598).

53 “Os animais não têm consciência do seu eu” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 598).

54 “Os animais progredem... pela força das coisas, não, como o homem, por ato da própria vontade... razão por que não estão sujeitos à expiação” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 602).

55 “A inteligência é então uma propriedade comum, um ponto de contato entre a alma dos animais e a do homem... os animais só possuem a inteligência da vida material. No homem, a inteligência proporciona a vida moral” (“O Livro dos Espíritos”, Q.604. a). “Há entre a alma dos animais e a do homem distância equivalente (linguagem figurada, achamos nós) à que medeia a alma do homem e Deus” (“O Livro dos Espíritos”, Q.597. a).

que, pouco a pouco, insensivelmente, o aproximam cada vez mais do reino humano. Atingindo o ponto de preparação⁵⁶ para entrarem no REINO HUMANO... estado espiritual consciente ... momento que os nossos sábios, tão pouco sabedores dos mistérios da natureza, não logram definir⁵⁷, momento em que cessa o instinto e começa o pensamento” (QE, Tomo I, págs. 293-295).

Moisés, diz no versículo 22 do Hexameron, que os Eloim abençoaram os animais dizendo: CRESCEI, ou melhor, EVOLVEI, para atingirdes o estado de Espírito formado ou nível espiritual consciente. Este crescimento ou evolução só pode ser feito através da vivência nas múltiplas formas ou reencarnações, por isso a expressão bíblica: multiplicai-vos!

2.8. ADAM

“E os Eloim também, por fim, disseram: “FAÇAMOS o ADAM à nossa IMAGEM refletida, conforme a nossa SEMELHANÇA; e dominarão sobre o peixe do mar e sobre as criaturas voadoras do firmamento, e sobre o gênero quadrúpede, e sobre toda a terra e todas as criaturas que se movem na superfície da terra”. E os Eloim passaram a criar o Adam segundo a sua imagem, à imagem de Eloim o criou; PÊNIS E VAGINA os criaram. E abençoou-os Eloim e disseram-LHES Eloim: “CRESCEI e tornem-vos muitos, e enchei a terra, e sujeitai-a, e dominai sobre os peixes do mar, e as criaturas voadoras do firmamento e sobre o gênero quadrúpede e todas as criaturas que se arrastam sobre a terra”... Então, considerando os ELOIM essas coisas que tinham feito viram que ERAM MUITO BOAS; e foi tarde e foi manhã DIA SEXTO” (Gn. 1:26-28 e 31).

Com a criação (bârâ) de Adam (‘adhâm), a obra prima dos Eloim, completa-se o SEXTO DIA cósmico, ou segundo Kardec, o PERÍODO QUATERNÁRIO ou PÓS-DILUVIANO.

O grande profeta da comunidade YHWH-Eloim, Moisés, chama o resultado máximo da evolução animal, de Adam; J.-B. Roustaing o denomina de Espírito formado e Kardec diz que Adam é a raça dos ESPÍRITOS que ele personifica (“A Gênese”, Cap.XII, item 23,pág.256).

O que significa a palavra Adam?

A semelhança entre as palavras ādamâh, para a terra, e

56 “Trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o PRINCÍPIO INTELIGENTE sofre uma transformação e se torna ESPÍRITO” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 607. a).

57 “Elos que ainda não podeis apreender” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 604).

‘Adhâm (Adam), para o Espírito formado, é sem dúvida proposital, para indicar a origem do Espírito, que procedeu, através da evolução, do pó da terra (afar âdamâh – Gn. 2:7), ou átomo primordial (“O Livro dos Espíritos”, Q.540). Que Moisés quis dizer isto, nas aparências das palavras, não há a menor dúvida; mas semelhança não é identidade! O que significa ‘adhâm etimologicamente?

| | |
|------------------------|--------------------|
| | ADI - PRIMEIRO |
| SÂNSCRITO (língua mãe) | AHAM - EU |
| | ADÂM – PRIMEIRO EU |

A expressão “primeiro eu” não quer dizer o primeiro Espírito de uma série e, sim, primeiro estado espiritual para o Ser que atingiu a consciência de si mesmo (“O Livro dos Espíritos”, Q.600). Este estado inicial também é chamado, por Paulo de Tarso, de primeiro homem ou espírito vivente (I Co. 15:45), que continuará a buscar, através da evolução, a perfeição - como o Pai celestial é perfeito (Mt. 5:48), ou o nível de Espírito puro, como ensina Roustaing.

Este estado espiritual superior também mereceu as considerações do Doutor da Gentilidade, Paulo de Tarso, que o chamou de o último Adam, o celestial, espírito vivificante ou segundo homem (I Co 15: 45 e 47-8).

Enquanto Adam percorria os reinos inferiores e não tinha a consciência de si mesmo, era Espírito em formação. Classificando, temos:

1º) ESPÍRITO EM FORMAÇÃO – Adam em formação
(inteligência latente).

A) REINO MINERAL – Atração

a) Espécies intermediárias entre o mineral e o vegetal

B) REINO VEGETAL – Sensação

b) Espécies intermediárias entre o vegetal e o animal

C) REINO ANIMAL – Instinto

c) Espécies intermediárias entre o animal e o homem.

2º) ESPÍRITO FORMADO - Adam formado (inteligência desabrochada)⁵⁸

Responsabilidade dos seus atos.

Consciência do seu futuro.

58 Citações de “O Livro dos Espíritos”.

Vida moral.
Livre-arbítrio
Consciência do seu eu
Faculdade de pensar em Deus

3º) ESPÍRITO PERFEITO - último Adam (consciência místico-unitária)⁵⁹

Eu e o Pai somos um
Espírito vivificante
Poder para dar e retomar a vida
Misericordioso
Puro de coração
Pacífico

| |
|---|
| EVOLUÇÃO |
| ADAM EM FORMAÇÃO → ADAM FORMADO → ÚLTIMO ADAM |

Moisés também instrui que Adam foi criado à IMAGEM (be-salmenû) de Deus. Esta verdade também é ensinada por Jesus: “Sois deuses”⁶⁰, indicando com isso que temos a nossa origem na Substância divina, na qual estamos e na qual nos movemos.

“O Livro dos Espíritos” afirma o Adam à imagem de Deus da seguinte maneira:

- 1º) O Espírito é uma centelha etérea (Q.88).
- 2º) O Espírito é uma centelha anímica (Q.139).
- 3º) O Espírito é uma centelha divina (Q. 613).

Uma simples comparação, com o próprio “O Livro dos Espíritos”, mostra o Espírito criado como a IMAGEM de Deus:

- 1º) Deus é Etéreo (Q.13 – Imaterial).
- 2º) Deus é Autoconsciente (Q.1 – Inteligência Suprema).
- 3º) Deus é a Divindade (Q.13 - Único).

O autor do Hexameron vai além da IMAGEM com Deus, e diz ser o Adam, também, criado à SEMELHANÇA (kidemûtênû) de Deus. Não devemos confundir semelhança com identidade. O Ser criado, agora consciente, não é Infinito, não é Todo-Poderoso, Todo-Sábio e, diz Roustaing, que ele:

“Nunca poderá igualar-se a Deus... jamais... por mas

⁵⁹ Citações do Novo testamento

⁶⁰ João 10: 34. Citação crística transcrita do Salmo de Asafe 82: 6.

adiantado que seja... tem de aprender sempre, através das eternidades” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, pág. 327).

A SEMELHANÇA é uma relação abstrata, que deve subsistir entre a IMAGEM e Deus, ou melhor, é o que a imagem expressa, que a fez semelhante ao Criador. Uma explicação mais didática é a que se segue:

| ADAM | DEUS |
|---|----------------------|
| Centelha espiritual | Espírito Cósmico |
| Domina sobre os reinos inferiores a ele | Domina sobre Tudo |
| Vida eterna | Vida Sempiterna |
| Livre-arbítrio | Lei |
| Inteligente | Suprema Inteligência |

Continuando nosso estudo, chegamos a um dos pontos mais profundos de todas as revelações escriturísticas. Moisés filtra o pensamento do YHWH e revela, sem rodeios:

“E ELOIM passou a criar o Adam...PÊNIS E VAGINA os criou”.

O original hebraico escreve Zakar e Ngebah que são, respectivamente, os órgãos sexuais, masculino e feminino. Os termos macho e fêmea só surgiram na versão grega, a Septuaginta, no segundo século antes da era cristã⁶¹.

Alguns eruditos interpretando corretamente a palavra Adam como sendo também a raça humana ou uma coletividade de Espíritos, equivocam-se quando dizem que numa coletividade há diferença de sexos (machos e fêmeas) e que então, Moisés quis dizer, usando os termos pênis e vagina, que a divisão dos sexos na espécie humana é obra de Deus, e corresponde ao seu plano providencial.

Não é isso que Moisés instrui. Neste texto não se fala em macho ou fêmea como entidades separadas ou individuais. Adam é simplesmente o Ser espiritual macho-fêmea, em uma única individualidade, o andrógono, o hermafrodita em poten-

61 Versão autorizada pelo rei egípcio Ptolomeu II, cognominado Filadelfo (309 a 247 A.C). A tradução da obra “A Gênese”, de Allan Kardec, publicada pela FEB, traz um engano: “na versão dos setenta... escrita em Grego no século da era cristã”. Depois da palavra século falta, evidentemente, a palavra antes (16ª edição de 1973, Cap. XII, item 17, pág.252).

cial, não diferenciado em varão e fêmea⁶². Vejamos os seguintes versículos da Gênese bíblica:

“Eloim fez o Adam à sua imagem, à imagem de Eloim o fez, macho e fêmea, os fez” (Gn. 1: 27).

ויברא אלהים את האדם בצלמו בצלם
אלהים ברא אתו זכר ונקבה ברא אתם :

“Macho e fêmea os fez e abençoou-os e fez o nome dele Adam, no dia que o fez” (Gn. 5:2).

זכר ונקבה בראם וברך אתם ויקרא
את שמם אדם ביום הבראם :

Logo, há uma só unidade macho-fêmea e o seu nome é um só, englobando o Espírito completo: ADAM. Busquemos a confirmação desta verdade em outras fontes:

ROUSTAING: “Nos mundos elevados não há macho e fêmea no sentido que dais a estas expressões” (QE, Tomo I, pág. 160)

O LIVRO DOS ESPÍRITOS: “Têm sexos os Espíritos? Não como entendeis... os sexos dependem da organização... Em uma nova existência, pode O ESPÍRITO que animou o corpo de um homem animar o de uma mulher? Decerto... que prefere? ... Isso pouco lhe importa” (Q. 200-202).

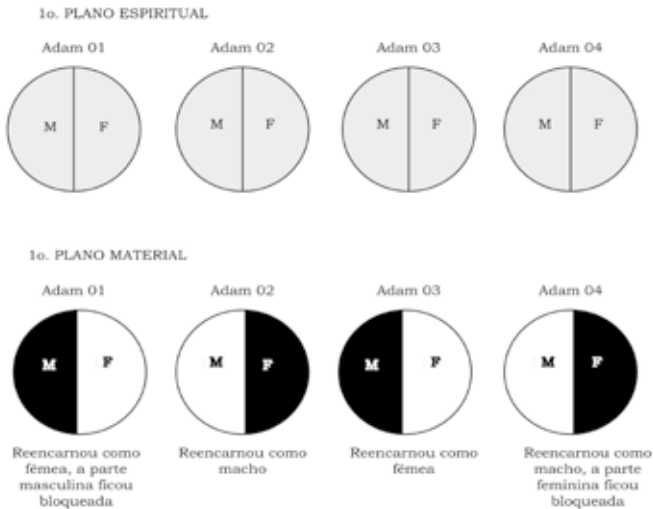
O CÉU E O INFERNO : “Os Espíritos não têm sexo... não temos motivos para ser de natureza masculina ou feminina: - os Espíritos não se reproduzem. DEUS CRIOU-OS COMO QUIS” (1a.Parte, Cap.II, item 11, pág.183)

Outros estudiosos como S. ATANÁSIO, S. GREGÓRIO NISSENO, S. JOÃO DAMASCENO e MOISÉS BAR KEPHA afirmavam ser Adam uma unidade macho-fêmea, como os anjos do Céu que segundo JESUS (Mt. 22: 23-33) não se dão em casamento, por que são hermafroditos perfeitos. Com o surgimento da reencarnação humana, a unidade originária foi quebrada no dualismo universal, que a evolução reunificará. Exemplificando temos a cor CINZA, que é a unificação do PRETO com o BRAN-

62 Esta Diferenciação dos sexos só irá ocorrer no Gênesis 3:21, depois do chamado pecado original.

CO, mas não é nenhuma das duas em particular.

Diagramando, temos:



O original hebraico é mais profundo que a versão grega, pois fala em pênis-vagina. Quando se está encarnado, ou se tem pênis (macho), ou se tem vagina (fêmea). O Espírito em si mesmo, não é um nem outro, é unidade perfeita: pênis-vagina. Que o leitor não confunda ESPÍRITO com seu CORPO ESPIRITUAL ou PERISPÍRITO.

* * *

Depois, o texto da Gênese diz: CRESCEI. Já vimos que essa palavra significa evolui. É o convite da Lei para que todos os Espíritos procurem sair do primeiro estado de consciência espiritual rumo ao nível de Espírito perfeito, ou último Adam, segundo Paulo de Tarso. COMO e ONDE ocorre esta evolução?

Sigamos com J.-B. Roustaing:

“Quando se vos falou do Espírito no estado de infância⁶³, no estado, por conseguinte, da ignorância e da inocência; quando se vos disse que o Espírito era criado simples e ignorante⁶⁴, tratava-se, está bem visto, da fase da preparação do Espírito⁶⁵ para entrar na humanidade... Atingindo o ponto de preparação... os Espíritos se prepa-

63 “Para o Espírito... há infância... em sua origem” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 189).

64 “Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 115)

65 Allan Kardec chama este estado preparatório de embrião de ser inteligente. Ver “O Céu e o Inferno”, 1ª parte, Cap. IX, item 20, p. 132.

ram, de fato, em mundos AD-HOC⁶⁶, para a vida espiritual consciente, independente e livre. É nesse momento que entram naquele estado de inocência e de ignorância. A vontade do soberano Senhor lhes dá a consciência de suas faculdades e, por conseguinte, de seus atos, consciência que produz o livre arbítrio, a vida moral, a inteligência independente e capaz de raciocínio, a responsabilidade... A encarnação é uma necessidade para o Espírito no estado de formação⁶⁷, é indispensável ao seu progresso, ao seu desenvolvimento, como meio de lhe proporcionar e ampliar progressivamente a consciência de ser, o que ele não logrará senão pelo contacto com a matéria. É a união desses dois princípios que dá lugar ao desenvolvimento intelectual... para entrar na vida ativa, consciente, independente e livre, o Espírito tem necessidade de se libertar inteiramente do contacto forçado em que esteve com a carne, de esquecer suas relações com a matéria, de se depurar dessas relações. É nesse momento que se prepara a transformação do instinto em inteligência consciente... Suficientemente desenvolvido no estado animal, o Espírito é, de certo modo, restituído ao todo universal, mas em condições especiais: é conduzido aos mundos AD-HOC... Chegados, quanto a desenvolvimento intelectual, ao ponto em que recebeu o Dom precioso e perigoso do livre arbítrio, os Espíritos, iguais sempre... puros nessa fase de inocência e de ignorância, igualmente submetidos a Espíritos encarregados de os guiar e desenvolver⁶⁸, têm a liberdade de seus atos e podem, no ESTADO FLUÍDICO, progredir, indo desse período de INFÂNCIA e de INSTRUÇÃO à PERFEIÇÃO, mediante contínuos e sucessivos progressos” (QE, Tomo I, págs. 294-295, 321, 308, 323).

2.9. A CRIAÇÃO MENTAL

“E acabaram de criar o céu e a terra e todo o seu EXÉRCITO. E terminou Eloim, no dia sétimo, a obra que criou, e CESSOU no dia sétimo toda a obra que criou. E abençoou Eloim ao dia sétimo, e santificou-o, porque nele CESSOU toda a sua obra, que CRIOU Eloim PARA FAZER. Estas são as origens do céu e da terra ao serem criados” (Gn. 2:1-4 a).

66 Plano Espiritual. EMMANUEL em mensagem dada ao médium Chico Xavier, em 1937 (ver “Os Exilados da Capela, Cap. IV, pág. 36-40), afirma que “a promoção do princípio espiritual do animal à racionalidade humana SE PROCESSA FORA DA TERRA, dentro de condições e aspectos que não posso vos descrever, dada a ausência de elementos analógicos para as minhas comparações”, como também diz Rousstaing: “Ainda hoje seria cedo para desenvolver esse ponto” (QE, Tomo I, item 295).

67 Reinos inferiores: mineral, vegetal e animal.

68 Bons Espíritos – “O Livro dos Espíritos”, Q.262.

O verbo cessou (wayyânah), que muitos erradamente traduzem por repouso, não declara esgotado o Poder Divino. Apenas sugere que os Eloim não continuaram mais criando simplesmente por que assim desejaram. O texto bíblico diz que os Eloim terminaram no sétimo dia (hb. Shabbâth, da raiz cessar), o Céu e a Terra e todo o seu exército. Vamos fazer uma apresentação esquemática do que seja este exército ou, segundo a Vulgata, ornamento (latim: ornatus):

| TEMPO | VERSÍCULO | OBRAS |
|--|-------------|--|
| Antes do tempo. A Princípio = Eternidade | Gn. 1: 1 | Céus e Terra |
| Dia Primeiro | Gn. 1: 3 | Luz metafísica |
| Dia Segundo | Gn. 1: 6 | Firmamento |
| Dia Terceiro | Gn. 1:9-11 | Elemento seco Mares Vegetação |
| Dia Quarto | Gn. 1:14-16 | Sol Lua Estrelas |
| Dia Sexto | Gn. 1:24-26 | Réptil Insetos e outros Quadrúpedes Homem |
| Dia Sétimo | Gn. 2:3 | Cessou de criar |

Só agora, depois de tantos caminhos percorridos, é que poderemos explicar o título deste capítulo, que os estudiosos chamaram Hexameron, referindo-se aos seis dias cósmicos em que tudo foi criado.

Por que o título A CRIAÇÃO MENTAL?

Chegamos a ele fazendo uma pesquisa atento às palavras sempre reveladoras da Gênese. Acompanhe leitor, o nosso raciocínio. O versículo terceiro, do capítulo II, diz que os Eloim - a Comunidade de Espíritos Celestes -, CRIOU PARA FAZER; logo, nada existia em forma energética ou física. Tudo que falamos nas páginas anteriores só havia no aspecto MENTAL, espiritual ou latente, esperando apenas que a vontade dos Eloim

entrasse em AÇÃO, para atualizar ou explicitar tudo na FORMA, ou no mundo concreto. O versículo quinto do segundo capítulo vai mais além dizendo:

- 1º) A planta do campo antes que houvesse na terra.
- 2º) A erva do campo ainda não brotara.
- 3º) YHWH-ELOIM não tinha feito chover.
- 4º) E Adam não existia.

Então, estava toda a criação, apenas em estado abstrato. Sem dúvida Moisés apresentou o esquema lógico e natural para que tudo exista como esclarece Pietro Ubaldi:

“Sem a IDEIA que define, sem a ENERGIA que constrói, não pode haver FORMA... Verbo significa conceito que se torna ação, isto é, significa a ideia abstrata, o esquema feito de puro pensamento, que se dinamiza e assim se transforma em ato, dirigido no sentido da forma pela qual ele se manifesta e que o exprime na realidade sensível e concreta. Qualquer coisa feita pelo homem⁶⁹ existe, em um PRIMEIRO MOMENTO, em estado de ESQUEMA ABSTRATO, que é dele o modelo ideal, a concepção que antecede à gênese, a ideia mãe. Tudo já existe em germe no pensamento do homem que cria... Num SEGUNDO MOMENTO ela começa a surgir, tomando forma através do processo construtivo da sua gênese, em razão de um ESTADO CINÉTICO, assumido pelo eu pensante, que passou à ação. Quando, com esse processo construtivo e cinético, se entressacha inteiramente a ideia-mãe, o modelo ideal adquire a sua completa EXPRESSÃO NA FORMA, que é o TERCEIRO MOMENTO, o qual contém os dois primeiros, como está neles contidos (“Deus e Universo”, Cap. XIII, págs. 173 e 167-168).

Na Gênese, o Criador das obras - Deus através do Eloim:

Permanece sempre Deus, em cada um dos seus momentos – é Deus, no Seu primeiro momento de concepção abstrata, como Ideia. É Deus em Seu segundo momento de ação, de gênese, como Verbo. É Deus no Seu terceiro momento de obra realizada, como o Todo Criado (“Deus e Universo”, Cap. XIII, pág. 170).

* * *

E DEUS VIU QUE TUDO ERA BOM.

69 Evidentemente não só o homem, mas os Eloim também.

3. FORMAÇÃO DA CRIAÇÃO MENTAL

“No dia de FAZER YHWH Eloim, o Ser Eterno, a terra e o céu...” (Gn. 2:4).

GÊNESIS - 2: 4b a 25:

4b - No dia em que YHWH Eloim, o Ser Eterno e altíssimo, fez a terra e o “CÉU”.

5 - E toda a planta do campo antes que houvesse na terra e toda a erva do campo ainda não brotara, porque YHWH Eloim não tinha feito chover sobre a terra e Adam não EXISTIA para cultivar a terra.

6- Mas uma nuvem SUBIA da terra e envolvia toda a superfície do solo.

7- E YHWH Eloim, o Ser Eterno e altíssimo, FORMOU Adam da sublimação do pó da terra e soprou em suas narinas o hálito de vida e Adam veio a ser alma vivente.

8- E plantou YHWH Eloim um jardim em éden, da banda do oriente, e colocou ali o Adam que formou.

9- E fez brotar YHWH Eloim do solo toda a espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a Árvore da Vida estava no centro do jardim, e a árvore do conhecimento, do bem e do mal.

10- Um rio saía do éden para irrigar o jardim e de lá se dividia para formar quatro correntes.

11- O nome de uma corrente: Phishon, que circunda toda a terra de Chavilah; ali se acha ouro.

12- E o ouro desta terra é bom. Ali é também o lugar que tem o bdélio e a pedra de shôham.

13- E o nome da corrente segunda: Gihoh, a que circunda toda a terra de Kûs.

14- E o nome da corrente terceira: Hiddekel que corre ao oriente de Assur. E a Quarta é Phrath.

15- E YHWH Eloim tomou o Adam e colocou-o no Jardim do Éden para que o cultivasse e tomasse conta dele.

16- E YHWH Eloim deu também esta ordem a Adam: “Podes comer de todas as árvores do Jardim.

17- Mas, não faças USO da árvore do conhecimento do que é bem e do que é mau, não deves comer dela, porque no dia em que comeres dela, morrerás indubitavelmente”.

18- E disse YHWH Eloim: “não é bom que Adam esteja só em si mesmo. Far-lhe-ei um complemento que lhe corresponda”.

19- Havendo, pois, YHWH Eloim formado da terra todo o animal selvático do campo e toda a criatura voadora do firmamento trouxeram-os a Adam para ver como lhes chamaria; e todos os nomes que Adam deu a essas espécies de almas viventes foram as expressões verdadeiras das suas

relações.

20- E Adam deu nomes convenientes a todos os quadrúpedes e às criaturas voadoras do CÉU, e a todos os animais do campo; mas não se achava para Adam um complemento que lhe correspondesse.

21- Então YHWH Eloim fez cair um sono pesado sobre Adam, de modo que Adam adormeceu; e tomou uma das suas COSTELAS e fechou com carne o seu lugar.

22- E da costela que YHWH Eloim havia tirado de Adam passou a formar uma 'ISHSHĀ e a trouxe a Adam.

23- E disse o Adam: “Eis aqui agora o osso de meus ossos e a carne da minha carne; a esta será chamada 'ISHSHĀ por causa de 'ISH, do qual tinha sido tirada.

“24- porquanto, deixará o Adam seu PAI e sua MÃE e unir-se-á com a sua ishshā e ambos formarão um todo”.

25- E estavam ambos nus, Adam e sua Ishshā, e não se envergonhavam.

3.1. DO PROTOPLASMA AO ADAM

“Mas uma NUVEM SUBIA da terra e envolvia toda a superfície do solo. E IHWH Eloim, o Ser Eterno e Altíssimo, formou Adam da sublimação do PÓ DA TERRA e soprou em suas NARINAS o HÁLITO DE VIDA e Adam veio a ser ALMA VIVENTE” (Gn. 2:6-7).

A Ideia era perfeita e precisava concretizar-se através da Ação ou Vontade Poderosa dos Eloim...

* * *

Já falamos que o estado hominal é um degrau superior do desenvolvimento do princípio espiritual dos níveis inferiores. Através de tempos incomensuráveis o mineral, pó da terra, espiritualiza-se, torna-se princípio inteligente (Espírito em formação ou hálito de vida), que se manifestando nas variadas formas de matéria inorgânica, evolve, e as faz evolver, até atingir o reino de Adam (Espírito formado ou alma vivente).

O texto bíblico diz que Adam foi formado da sublimação do pó da terra. Então, vamos seguir, agora, com uma linguagem científica, este processo da sublimação da matéria. Analisaremos os seguintes estágios de evolução da matéria inorgânica e orgânica:

- A) ORIGEM E EVOLUÇÃO DA MATÉRIA
- B) EVOLUÇÃO DA ENERGIA
- C) A VIDA EM SUBSTÂNCIA
- D) ORIGEM DA MATÉRIA ORGÂNICA
- E) RESUMO

Tais temas são importantíssimos para entendermos, em profundidade, como a matéria inorgânica se torna orgânica, por SUBLIMAÇÃO. A LEITURA DELES, PORÉM, NÃO É OBRIGATÓRIA PARA TODOS, principalmente aos menos afeiçoados a terminologia científica. Para os que desejam uma apresentação menos técnica e mais sintética, fizemos, dentro das condições possíveis, um RESUMO didático.

O conteúdo desses subtítulos foi magnificamente estudado por Pietro Ubaldi, em “A Grande Síntese”; e como esse Apóstolo da Verdade é uma das palavras mais abalizadas em evolução, vou transcrever, sinteticamente, por assunto, suas revelações.

Lembro ao leitor, que os conceitos que correm por toda esta “A Grande Síntese”, têm, no dizer acertado de Emmanuel, a forma divina e doce, austera e compassiva.

A) ORIGEM E EVOLUÇÃO DA MATÉRIA

“Muitas nebulosas, que vedes surgir nos espaços, sem que antes qualquer coisa visível lá houvesse, nascem por condensação de energia. Obedecendo a impulsão que lhe imprime a grande lei de equilíbrio, ela, a energia, se acantona, se acumula, retorna, dobra-se sobre si mesma. O movimento se faz cada vez mais intenso, o vórtice fecha-se em si mesmo, o turbilhão se torna verdadeiro núcleo de atração dinâmica. Quando já ele não pode mais suportar, no seu âmbito, todo o ímpeto da energia acumulada, chega um momento de máxima saturação dinâmica, um momento crítico, em que a velocidade se torna massa. Deus criou. Da imensa tempestade nasceu a matéria.

O hidrogênio é o tipo fundamental, a matéria na sua expressão mais simples, é a sua forma primitiva e originária, da qual derivam pouco a pouco as outras, por evolução. O hidrogênio, cujo átomo constitui o sistema mais simples, o de um só elétron, corresponde-lhe um peso atômico de 1,008. A partir daí, o peso atômico vai a progressivo aumento, proporcional ao número de elétrons, nos sistemas atômicos dos corpos, até o urânio, de peso atômico máximo, 238,2, correspondente a um sistema atômico de 92 elétrons. Podereis, então, estabelecer uma graduação de complexidade que a partir do hidrogênio, chegue até as fórmulas complexas, uma série química, uma verdadeira árvore genealógica das espécies químicas, a cujo desenvolvimento podereis aplicar os conceitos darwinianos de evolução, variabilidade e, mesmo, de hereditariedade e de adaptação.

O núcleo (atômico), centro da rotação eletrônica, não é o último termo. É um sistema planetário da mesma natureza e forma do sistema atômico, interior a este, composto

e decomponível, ao infinito, em similares sistemas menores e interiores. O núcleo é a semente gérmen da matéria.

Das 92 espécies de átomos, o hidrogênio é o mais simples, compondo-se de um só núcleo e de um só elétron, a lhe girar em torno. Ele se conserva quimicamente indecomposto. Tirai a esse núcleo o seu único elétron e tereis o ÉTER, a substância mãe do hidrogênio. O éter, por conseguinte, se compõe unicamente de núcleos sem elétrons e a passagem do éter a hidrogênio e SUCESSIVAMENTE E TODOS OS CORPOS da série estequiogenética se produz por aberturas progressivas do sistema espiralóide. Em princípio, na passagem do éter para hidrogênio, tem-se a abertura do sistema do núcleo com a saída de um só elétron, em seguida com a de dois, de três, até a de 92.

Vemos que à ordem de formação sucessiva dos elementos corresponde aumento de peso atômico. Esse aumento, que aqui (no urânio) chega ao seu máximo, é dado pela passagem da energia, da sua forma potencial, qual existe no núcleo, à sua forma cinética, qual nos apresenta diversos sistemas atômicos, cada vez mais complexos. (À saída de cada novo elétron do núcleo implica sempre adição de uma nova órbita e estas, à medida que se aproximam da periferia, se tornam mais velozes). Como vedes, o peso atômico é mais que um simples índice de grau de condensação, pois que se conjuga a lei em virtude da qual a massa de um corpo é função da sua velocidade e ao fato de que solidez e constituição da matéria são também função da velocidade que lhe anima as partes componentes. Atingindo este ponto da sua evolução o sistema máximo da matéria (últimos elementos da escala) nada mais faz do que continuar o seu movimento de natureza espiralóide, na sempre seguida direção expansiva. A espiral continua a abrir-se, até ao ponto em que os elétrons não mais voltam a girar em torno do núcleo; porém, a guisa de cometas e não mais de satélites, se lançam nos espaços com trajetórias independentes. Chegados (os elétrons) à máxima órbita periférica, onde máxima é a velocidade de translação, rompe-se o equilíbrio atração-repulsão, até então estável, e os elétrons, já não podendo manter-se na órbita precedente, se projetam quais bólidos fora do sistema, tocados por impulsões diretas para novos equilíbrios. Quando digo elétrons, não digo matéria, segundo o vosso conceito sensorio; falo de outro turbilhão dinâmico (cuja massa é dada pela velocidade íntima do sistema), que assume características de matéria, somente quando vibra de íntima velocidade, no seu sistema circular fechado.

Atingindo o último grupo da série estequiogenética, a dos corpos radioativos, a matéria inicia a sua transformação em ENERGIA, por progressiva expulsão de elétrons (cometas). A isso corresponde, logicamente, a uma perda

de massa. Por outras palavras: as qualidades RADIOATIVAS se tornam cada vez mais evidentes com tendência cada vez mais acentuada para a DESAGREGAÇÃO ESPONTÂNEA e a formação de individuações químicas cada vez mais instáveis, cujo sistema de forças cada vez mais rapidamente se desloca, em busca de novos equilíbrios⁷⁰.

Eis aí a origem do SISTEMA ENERGÉTICO.

B) EVOLUÇÃO DA ENERGIA

“Está provado [continua Pietro Ubaldi], mesmo pela observação, que todas as transformações de energia ocorrem segundo uma lei constante de degradação, pela qual ela, a energia, conquanto se conserve íntegra (PRINCÍPIO DE CONSERVAÇÃO DA ENERGIA), na sua quantidade, tende a se difundir, dispersando-se no espaço, nivelando, num estado de equilíbrio, as suas diferenças, com o passar do heterogêneo ao homogêneo. Deteriora-se, assim, no sentido de que a soma dos efeitos úteis e a capacidade de trabalho vão sempre diminuindo (PRINCÍPIO DE DEGRADAÇÃO DA ENERGIA). Estes dois princípios opostos de CONSERVAÇÃO e DEGRADAÇÃO (perdas de energia útil provam o perene transformismo, bem como a indestrutibilidade da SUBSTÂNCIA, mesmo na sua forma de energia).

Demonstram estas duas leis que o fenômeno do transformismo da substância indestrutível tem uma direção sua determinada e que essa direção é irreversível. Assim, a energia acumulada tende sempre a dispersar-se e o contrário nunca se dá. Todo o sistema tende, pois, para um estado de difusão, de equilíbrio, de quietude, de igualamento, como consequência de uma série de transformações, que se operam constantemente, nessa direção e nunca na oposta. Tudo, dessa maneira, parece condenado a extinguir-se e a aniquilar-se, a desaparecer”.

QUE SIGNIFICA ESSE IRREVERSÍVEL FENÔMENO DE DEGRADAÇÃO?

“Toda a transformação de energia conduz á sua degradação, sendo inevitável uma perda, cuja reparação a irreversibilidade impede, necessário, entretanto, é que, nas grandes linhas de um equilíbrio mais vasto, encontre esse movimento a sua compensação. A irreversibilidade demonstra a evolução. A degradação dinâmica (energética) significa, sob a aparência de dispersão, uma transformação substancial para mais ALTAS FORMAS. A energia, ainda que na sua degradação pareça dispersar-se em rea-

70 “A Grande Síntese”, Edição de 1939, págs. 4, 45, 47, 140, 141, 142.

lidade amadurece para mudar-se nas mais altas formas que a evolução alcançará na fase ESPÍRITO.

A ordem evolutiva das formas dinâmicas é a seguinte, tendo-se em conta unicamente as regiões que conheceis:

- 1 – Gravitação
- 2 – Radioatividade
- 3 – Radiações químicas (espectro invisível do ultravioleta).
- 4 - Luz (espectro visível)
- 5- Calor (radiações caloríficas escuras. Espectro invisível do infravermelho)
- 6- Eletricidade
- 7- Som

Na ascensão (energética), decrescem as qualidades cinéticas, o potencial sensível das formas: mas, o que se perde em quantidade adquire-se em qualidade, isto é, perdem-se cada vez mais as características de matéria, ponto de partida, ganhando-se cada vez mais as de VIDA, ponto de chegada.

Comprovaremos, na sucessão das formas dinâmicas, um constante DECRESCIMENTO DE VELOCIDADE DE VIBRAÇÃO, à medida que nos afastamos das origens, isto é, que vamos ascendendo da gravitação à luz, à eletricidade etc. É lógico que as primeiras emanções dinâmicas, quais a gravitação e os raios-X, sejam as mais cinéticas, visto serem as que estão mais perto da fonte do movimento delas, o vórtice atômico. Com a evolução (em virtude da lei, que já apreciamos, de degradação), a vibração tende ao repouso e a onda a alongar-se cada vez mais. Se as primeiras formas dinâmicas são as mais rápidas e as mais potentes, as últimas são as mais sutis e as mais evolvidas. Podem individuar-se estas formas, assim pela frequência vibratória, como pelo comprimento de onda.

Comprimento de onda é o espaço que a onda percorre, enquanto dura um período vibratório. Individuadas pelo comprimento de ondas, as formas dinâmicas se apresenta com características próprias. Entretanto, ascendendo ao longo da série das espécies dinâmicas, a velocidade de vibração diminui, ao mesmo passo que aumenta a amplitude da onda.

Esta relação, inversa, isto é, tanto a decrescente vibratória como a progressiva energia. Nessa degradação, que não é nem perda, nem fim, mas, apenas, transformação, que adquire em qualidade o que perde em quantidade, está a substância da evolução.

Diminuindo a velocidade de vibração, a onda se estende. A potência cinética, em consequência, se extingue numa zona mais tranquila. Chegadas a este ponto,

as formas dinâmicas vão criando o substrato de um novo arremesso possante de um novo modo de ser. A evolução, atingindo o mais alto vértice de forma dinâmica, se encaminha para criações novas, passando dessa última especialização, mediante reorganização das formas individuais em múltiplas unidades coletivas, às espécies de uma classe mais elevada. Assim, no último degrau da escala estequiogenética, os corpos radioativos se transformam em energia, também no último degrau da série dinâmica A ELETRICIDADE SE TRANSFORMA EM VIDA⁷¹.”

| ÁRVORE GENEALÓGICA DA ENERGIA | FREQUÊNCIA (Vibrações p/Segundo) | Comprimento de onda (1 milésimo de mm = 1 micron - μ) |
|--|---|---|
| Gravitação | Máxima | Mínima |
| Radioatividade | De 2 quintilhões a 288 quatrilhões | Raios γ = 0,0000072 μ Raios x = 0,0012 μ |
| Radiações Químicas (Espectro visível de ultra-violeta) | De 288 quatrilhões a 750 trilhões | Ultra-violeta = 0,0202 μ |
| Luz / Violeta | 700 trilhões | 0,4 μ |
| Luz / Indigo | 660 trilhões | |
| Luz / Azul | 620 trilhões | |
| Luz / Verde | 580 trilhões | |
| Luz / Amarelo | 540 trilhões | |
| Luz / Alaranjado | 500 trilhões | |
| Luz / Vermelha | 450 trilhões | 0,1 μ |
| Calor | De 400 trilhões a 1 bilhão | Entre 1 μ e milhares de μ |
| Eletricidade | 1 bilhão | Milhares e milhares de μ |
| Som | 32.000 à 32 | Máximo |

C) A VIDA EM SUBSTÂNCIA

“Da eletricidade (a mais madura forma dinâmica), a um novo – prossegue Pietro Ubaldi – grande percurso da evolução, nasce à vida. A vida é, em sua origem, pequena centelha em que prossegue a expansão evolucionista do princípio nuclear atômico e dinâmico (onda), uma forma cada vez mais complexa de coordenação de partes, de especialização de funções, de organização de unidades e de atividades.

71 “A Grande Síntese”, 1939, págs. 143, 144, 147, 145, 148, 149

Nasce a VIDA, não a forma que vedes, mas O PRINCÍPIO, QUE CRIA PARA SI A FORMA, como veículo e meio de sua ascensão. Nesse PRINCÍPIO, que ANIMARA a primeira MASSA ECTOPLÁSMICA, está o gérmen de todas as sucessivas e ilimitadas relações da nova forma da substância. A verdadeira vida não é uma síntese de substâncias proteicas, mas o princípio que estabelece e guia esta síntese. A vida não está na evolução das formas, porém na evolução do centro imaterial que as anima. A vida não está na química complexa do mundo orgânico e sim no psiquismo que a rege.

O nosso ingresso no mundo biológico se verifica precisamente por meio das formas dinâmicas. Com a eletricidade, situada no vértice destas últimas, damos não com as formas, porém com o princípio da vida, com o motor genético das formas⁷².”

D) ORIGEM DA MATÉRIA ORGÂNICA

“A vida: panorama sem confins. Filha da ENERGIA ONIPRESENTE, a vida está em toda parte no universo. Panbiose (todo-vida), não mediante transmissão de esporos, ou de germes, por vias interplanetárias ou interestelares, mas pela onipresença da grande mãe: a energia – princípio positivo, ativo, conjugado ao princípio negativo, passivo: a matéria. O GÉRMEN DO PSIQUISMO há descido do céu, como um fulgor, às vísceras da matéria, que o apertou em seu seio, num amplexo profundo, envolvendo-o, dando-lhe, tirado de si mesma, um corpo, uma VESTE, a forma de sua manifestação concreta. A matéria (inorgânica) é tomada por um turbilhão cada vez mais veloz, que a invade até a sua mais íntima essência, para que possa responder aos novos arremessos do ser para que possa tornar-se meio de desenvolvimento do novo princípio psíquico da vida.

Dada a natureza da energia, que é contínua expansão no espaço, o PRINCÍPIO DA VIDA se encontra difuso por toda parte, como a luz e as outras formas dinâmicas. Ele se propaga como forma vibratória, até que encontre RESISTÊNCIA NUMA MASSA AGLOMERADA. Assim, a energia, que pela sua natureza se há difundido nos espaços, e é por isso onipresente, atinge toda a condensação da matéria.

Somente um trem de elétrons constitutivos da energia elétrica, extremamente degradada, quando tenha chegado ao último limite evolutivo das suas espécies dinâmicas, pode acarretar mudanças radicais na íntima estrutura do átomo, mudanças não casuais, desordenadas, caóti-

72 “A Grande Síntese”, 1939, págs. 151, 152, 155.

cas, porém oriundas de uma nova ordem, mais complexa e profunda, de movimentos. Detenhamo-nos um momento sobre esta aproximação entre eletricidade e vida, para compreendermos porque essa força se acha colocada precisamente no início da nova manifestação. Sabeis que o equilíbrio interno do átomo e as órbitas do seu sistema planetário são regidos por atrações e repulsões de caráter elétrico e que o oscilar entre esses impulsos e contra impulsos é que lhes mantém o encadeamento numa condição de êxtase exterior. Nada, pois, e tão apropriado a deslocar o equilíbrio do sistema e o enxertar-se naquele movimento, quanto à intervenção de um novo impulso, ou ação de matéria elétrica. A eletricidade se enxerta assim na vida e a encontrais sempre presente, sobretudo se considerada esta última, no seu íntimo dinamismo motor. Quando de um sistema rotatório (atômico), sobrevêm uma força nova (vida), esta se imite no sistema e tende a se adicionar e fundir no tipo de movimento circular pré-existente. Podeis imaginar que profundas complicações advêm ao encadeamento já complexo das forças atrativo-repulsivas. O simples movimento circular se agiganta num mais COMPLEXO MOTO VORTICOSO. Pela imissão de novos elétrons, o movimento não só se complica na estrutura, como também se reforça, alimentado por novas impulsões. Em vez de um sistema planetário, tereis uma nova unidade que vos lembra os sorvedouros d'água, as trombas marinhas, os turbilhões e ciclones. A primeira expressão da vida, portanto, toma a forma de vórtice. O tipo de movimento do átomo físico se combina consigo mesmo em movimentos mais complexos, por obra da nova imissão dinâmica.

Nem todos os átomos, porém, respondem igualmente ao mesmo impulso, nem todos se acham igualmente aptos a serem arrastados no ciclo de vida. A RESISTÊNCIA À PENETRAÇÃO ELETRÔNICA NÃO É CONSTANTE PARA OS VÁRIOS CORPOS SIMPLES; ao contrário, muda exatamente de acordo com seus PESOS ATÔMICOS. A radiação eletrônica pode investir todos os átomos; porém, os mais leves são os mais prontos a obedecer e esta capacidade receptiva está na razão inversa dos seus pesos atômicos. Quanto mais numerosos forem os elétrons, tanto maior serão a massa e a inércia, isto é, a resistência a obedecer a impulsos exteriores. Os elétrons do átomo oferecem uma resistência proporcional ao número deles.

O PRIMEIRO ORGANISMO cinético, em que essa síntese química se iniciou, foi O RAIOS GLOBULAR. Os primeiros corpos a serem imitados no novo sistema dissemos terem sido os de baixo peso atômico, existente em estado gasoso na atmosfera; e este foi exatamente o berço em que tudo se achou pronto para o desenvolvimento do novo organismo de origem elétrica e circuito fechado. Conquanto ELE

HOJE NÃO APAREÇA, por se haverem mudado as condições do ambiente, senão como instável recordação atávica, podeis verificar que a sua densidade se aproxima da do hidrogênio, que naturalmente tinha que ser, dada a sua estrutura atômica, o primeiro elemento movido pela radiação elétrica. Com efeito, nos casos que podereis observar, reconhecereis que esses globos elétricos “flutuam” no ar, o que prova que a densidade deles é menor, ou quase, do que a da atmosfera como exatamente o é a do hidrogênio. O PRIMEIRO MATERIAL BIOLÓGICO, POIS FOI O HIDROGÊNIO, AO QUAL, EM SEGUIDA, OUTROS SE JUNTARAM. Este é o primeiro corpo que a energia se revestiu, o seu primeiro apoio na terra; um CORPO LEVE, GASOSO, À ESPERA DE CONDENSAÇÃO E DE COMBINAÇÕES. De hidrogênio, a mais simples expressão da matéria, revivida por um impulso dinâmico potentíssimo, é constituído o raio globular. Desse modo, a eletricidade há podido condensar os elementos do ar. Agora reconhecereis que o ar contém exatamente os quatro corpos fundamentais H, C, N O, que se vos deparam na BASE DOS FENÔMENOS DA VIDA. Eles apresentam a propriedade de existir em estado gasoso na atmosfera; hidrogênio, carbono, azoto, oxigênio, representados pelo azoto e oxigênio em estado livre e pelos outros em estado de vapor d'água (H₂O) e de gás carbônico (CO₂); prontos a encontrar toda a série dos corpos secundários que os auxiliarão na formação do PROTOPLASMA DEFINITIVO. Vemos pois que precisamente estes corpos, pela característica que têm, de possuir peso atômico baixo, são os primeiros a imergir no círculo vital⁷³.

5º) RESUMO

Obedecendo ao impulso da grande lei de equilíbrio, a ENERGIA dispersa começa a acumular-se, a dobrar-se sobre si mesma, num movimento cada vez mais intenso, à semelhança de um turbilhão. Quando esse movimento chega ao momento de máxima saturação dinâmica, num determinado instante crítico, surge uma nova forma de transição, que chamamos ÊTER; tal substância se compõe, apenas, de núcleos, sem elétrons. É a substância-mãe do HIDROGÊNIO. A passagem do Êter para Hidrogênio, e sucessivamente a todos os corpos da escala química, se produz pela abertura do núcleo atômico com a saída de um só elétron (HIDROGÊNIO), em seguida com a de dois (HÉLIO), de três (LÍCIO), até 92 (URÂNIO). A saída de cada elétron implica no aumento de PESO ATÔMICO e na adição de uma NOVA ÓRBITA, que cada vez se torna mais periférica e mais

73 “A Grande Síntese”, 1939, págs. 182, 183, 188, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 178, 179, 177.

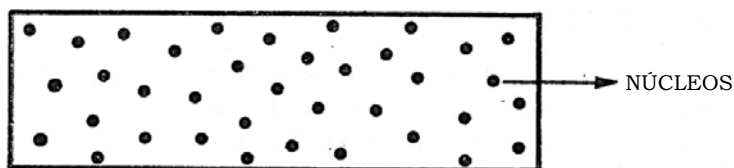
veloz. Chegando aos últimos elementos da escala, onde as órbitas estão no extremo da periferia e no máximo de velocidade de translação, rompe-se o equilíbrio atração-repulsão e os elétrons, já não podendo manter-se em órbita circular fechada, se lançam, quais cometas, para fora do sistema precedente, em busca de novo equilíbrio: A ENERGIA.

Pelo diagrama temos:

A ENERGIA começa a se acumular, impulsionada por um movimento intrínseco:

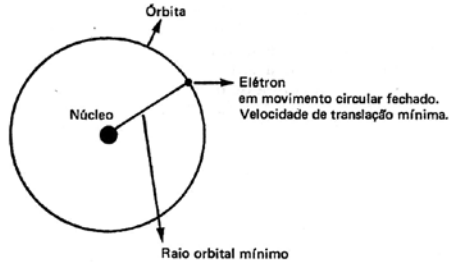


Quando cada núcleo do Éter, substância-mãe da matéria, expelir um elétron de seu seio, temos o HIDROGÊNIO, elemento de peso atômico mínimo:



E assim, com a saída sucessiva de elétrons (2, 3, 4... 92) chegamos ao URÂNIO, elemento de máximo peso atômico, em que os elétrons das órbitas periféricas se desligam do sistema atrativo-repulsivo com o núcleo, manifestando-se, assim, em um novo estado: a ENERGIA:

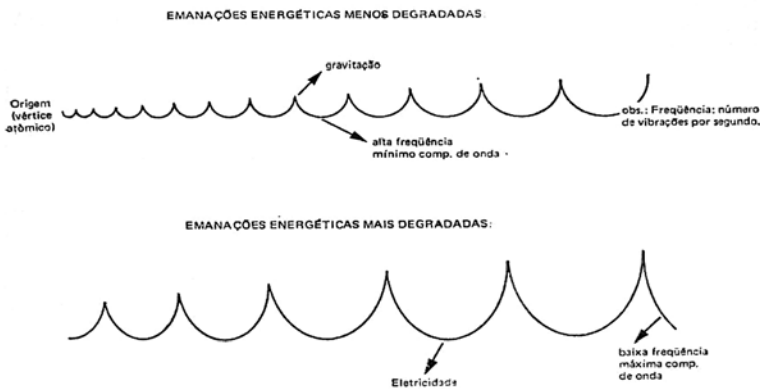
A ENERGIA, em seu estado primeiro, é uma degradação dos elementos radioativos. Nesse novo estado há uma lei que diz: "toda a transformação de energia conduz à sua degradação, sen-



do inevitável uma perda, cuja reparação e IRREVERSIBILIDADE impedem”. Essa PERDA irreparável deve ser só na aparência, ou melhor, perifericamente, pois dentro das linhas de um equilíbrio maior, “nada se perde, mas tudo se transforma” para níveis mais altos. A degradação energética se dispersa apenas na forma, naquilo que é considerado realidade, porque é sensório, mas amadurece, evolve em substância numa nova fase: a VIDA.

Esta degradação ocorre quando a frequência diminui e, em contra partida, aumenta o comprimento de onda, o que causa a impressão externa de perda. Vemos ocorrer o amadurecimento energético desde as primeiras emanções energéticas, tais como a gravitação e o raio-X, que estão mais perto da origem, do vórtice atômico, por isso, a frequência altíssima e o baixo comprimento de onda. Este amadurecimento chega, também, até às últimas emanções, mais sutis e mais evolvidas, que estão na fronteira da VIDA, com frequência vibratória mínima e máximo comprimento de onda.

Diagramando temos:

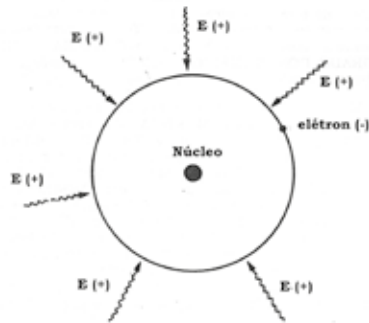


Vejam a ordem evolutiva dessas emanções:

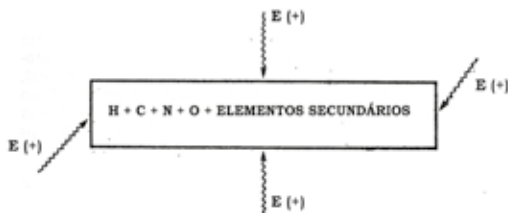
- 1º) Gravitação
- 2º) Radioatividade
- 3º) Radiações químicas (Espectro invisível do ultravioleta)
- 4º) Luz (Espectro visível)
- 5º) Calor (Espectro invisível do infravermelho)
- 6º) Eletricidade
- 7º) Som

A VIDA, fruto da energia onipresente, está em toda parte. É originariamente uma pequenina centelha, que não devemos confundir com a forma, mas é o princípio que criará para si a forma, animando-a. Com a eletricidade, a mais evolvida emanação energética, encontramos não as formas, porém o princípio inteligente, ou hálito vital, que invade a MATÉRIA INORGÂNICA como um turbilhão, envolvendo-a, tirando dela um corpo, uma VESTE, a forma para sua manifestação. Nem todos os átomos, elementos que constituem a matéria inorgânica, respondem igualmente à invasão da eletricidade em seu âmago. A resistência à invasão da energia degradada, é diretamente proporcional ao número de elétrons que circulam num átomo. Quanto mais numerosos forem os elétrons tanto maiores serão a massa e a inércia, isto é, a resistência à invasão da VIDA. Os primeiros corpos inorgânicos, que a eletricidade penetrou, foram os de baixo peso atômico, existente em estado gasoso na atmosfera; logo, foi o hidrogênio o primeiro material biológico, gerando um organismo simplíssimo, que Pietro Ubaldi chama de RAIÓ GLOBULAR, ao qual, em seguida, outros elementos químicos vieram juntar-se. Agora reconhecemos que o ar contém exatamente os quatro corpos fundamentais H, C, N, O, que se nos deparam na base dos fenômenos da vida. Eles apresentam a propriedade de existirem em estado gasoso na atmosfera; hidrogênio, carbono, azoto, oxigênio, representados pelo azoto e o oxigênio em estado livre e pelos outros, em estado de vapor d'água (H₂O) e de gás carbônico (CO₂); prontos a encontrar toda a série de corpos secundários, que os auxiliarão na formação do PROTOPLASMA DEFINITIVO.

O HIDROGÊNIO (pó da terra), elemento mais simples, é o material primeiro que a ELETRICIDADE (hálito de vida) invade formando um organismo vivo, rudimentar, chamado RAIÓ GLOBULAR:



Com a evolução desse primeiro material orgânico, chegamos ao PROTOPLASMA DEFINITIVO:



Agora, depois deste longo estudo, passemos ao texto revelado por Moisés. O que é esta NUVEM que subia da terra e envolvia toda a superfície do solo? Aqui temos o PROTOPLASMA, se compararmos a uma citação de Emmanuel, que diz:

Viu-se então descer sobre a Terra uma NUVEM de forças cósmicas, que envolvem o planeta... elemento viscoso que encobria a Terra... com essa massa gelatinosa, nascia no orbe o PROTOPLASMA ...GERME SAGRADO DOS PRIMEIROS HOMENS... matéria amorfa e viscosa... celeiro sagrado das sementes da vida ("A Caminho da Luz", Cap. I, pág. 22-33)

Mas, alguém poderá dizer que há uma contradição... Moisés diz que a NUVEM SUBIA da terra e Emmanuel assegura que DESCIA sobre a Terra. Para dirimir essa aparente incompatibilidade, precisamos mostrar uma diferença entre duas palavras iguais nos textos citados, mas que, contudo, têm significados opostos: terra e Terra.

Moisés cita o vocábulo terra (ãdamãh), como solo, matéria

inorgânica; Emmanuel usa o termo Terra, como denominação do nosso planeta. Agora fica tudo inteligível. O protoplasma (nuvem) SUBIA DA TERRA, quer dizer, evolvia da matéria inorgânica e, DESCIA, ao nosso planeta, envolvendo-o, vindo de outros ambientes cósmicos, ou como afirmou Emmanuel: das ampliações dos espaços ilimitados.

Só depois de falar do surgimento do protoplasma é que o Gênesis narra a formação do homem, mostrando, com isso, um encadeamento lógico, dentro do panorama da evolução.

André Luiz comenta que “as mônadas celestes (Adam em formação) exprimem-se no mundo através da rede filamentosa do protoplasma⁷⁴”, que evolve dos reinos: mineral, vegetal, animal, até à condição de homem (Adam formado). Logo está certíssimo Emmanuel quando afirma que o protoplasma é o germe sagrado dos primeiros homens.

3.2. A GEOGRAFIA DO JARDIM DO ÉDEN

“E plantou YHWH Eloim um JARDIM EM ÉDEN, da banda do Oriente, e colocou ali o Adam que formou. E fez brotar YHWH Eloim do solo toda a espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a Árvore da Vida estava no CENTRO DO JARDIM e a árvore do conhecimento do bem e do mal. UM RIO SAÍA DO ÉDEM PARA IRRIGAR O JARDIM e de lá se dividia para formar quatro correntes. O nome de uma corrente: Phishon, que circula toda a terra de Chavlah: ali se acha ouro. E o ouro desta terra é bom. Ali também é o lugar que tem bdélio e a pedra shôham. E o nome da corrente Segunda: Gihoh, a que circunda toda a terra de Kûs. E o nome da corrente terceira; Hiddkel que corre ao oriente de Assur. E a Quarta é Phrath. E YHWH Eloim tomou o Adam e o colocou no JARDIM DO ÉDEN” (Gn. 2:8 – 15).

Aqui surge o maior fenômeno que a Vida conseguiu plasmar: o Ser livre, independente, racional e responsável. É ADAM, ou melhor, a raça dos Espíritos que, segundo Kardec, ele personifica.

Antes de analisarmos pormenorizadamente o que significa Jardim do Éden, no texto escriturístico, vejamos a sua definição na Doutrina Espírita. Roustaing quando fala do surgimento dos Espíritos conscientes e livres, diz que eles são levados pelos altos Espíritos, que presidem à educação deles, para as ESFERAS FLUÍDICAS. Kardec, porém, afirma em “A Gênese”, que o Jardim do Éden é:

74 “Evolução em Dois Mundos”, Cap. III, pág. 32.

“Um mundo mais adiantado e MENOS MATERIAL do que o nosso, onde o trabalho do Espírito substituíra o (trabalho) do corpo... O paraíso terrestre cujos vestígios têm sido inutilmente procurando na Terra, era, por conseguinte, a figura do MUNDO DITOSO” (Cap.XII, item 23, págs. 255-256).

E prossegue Kardec, agora em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, dizendo serem os MUNDOS DITOSOS, aqueles em que: O bem sobrepuja o mal (Cap. III, item 4, pág. 85).

Passemos de imediato, com o auxílio desses novos dados, ao estudo metódico do texto bíblico.

Jardim, em hebraico gan, vem de gānan, que se traduz por PROTEGER; logo, jardim é um recinto protegido, uma esfera bem delimitada por muros, cercas, ou, até mesmo, por vibrações dimensionais e ou cercas fluidicas. André Luiz chama essas esferas de colônias espirituais. Quando certa feita ele foi transportado para um desses jardins, chamado Nosso Lar, ele percebeu que adentrava num lugar altamente protegido por altos muros... muralhas... cobertos de trepadeiras floridas e graciosas (“Nosso Lar”, Cap.III, pág. 26). E mais, essa proteção chegava a ponto de ter um corpo de sentinelas, organizado dentro de uma hierarquia de funções e valores, desde o mais simples operário até o Vigilante-Chefe (“Nosso Lar”, Cap.XXXI, pág. 169-170).

Já a palavra Êden tem dois significados: em hebraico, quer dizer DELÍCIA e, em acádio ou em sumeriano - e-diu -, é REGIÃO PLANA. Todos os dois significados serão úteis para a nossa análise, pois se somam e completam-se.

Vejamos isto no texto:

1º) Jardim em éden (gan-be ‘edhen) – versículo 8.

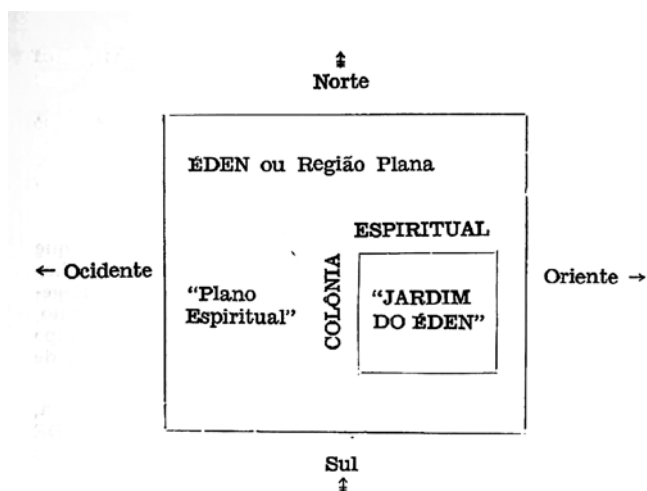
2º) Jardim do Êden (gan-‘edhen) – versículo 15.

3º) Um rio saía do éden para irrigar o Jardim - versículo 10.

Jardim em éden indica que o Jardim está numa região plana. Êden, no caso, não é um nome próprio e, sim, um substantivo comum. Isto demonstra que o Jardim não é co-extensivo com o éden (região plana). É uma área inclusa dentro da planície.

O autor do Gênesis também usou o nome desta planície, como o nome próprio da região, por conseguinte surgiu a expressão “Jardim do Êden”. Tudo isso é confirmado na frase “um rio saía do éden (região plana) para irrigar o Jardim do Êden”, que fica nesta mesma planície. Exemplificando, temos a Colônia Nosso Lar, que se encontra no PLANO espiritual. Observemos o

diagrama:



Não é de se estranhar, também, a afirmação de que o Jardim foi construído para as bandas do Oriente. André Luiz revelou ao médium F. C. Xavier, que a Colônia Nosso Lar está geograficamente construída sobre a cidade e parte do estado do Rio de Janeiro, assim como tantas outras colônias espirituais encontram-se espalhadas por toda a esfericidade do globo ter-
ráqueo.

Com relação ao rio (nãhãr) que saía da planície espiritual (éden) para irrigar o Jardim, também não encontramos nisso nenhuma citação fantástica ou impossível. André Luiz comenta no livro “Nosso Lar”, que existe lá um rio - o rio Azul - que vem do plano espiritual, passa por dentro da Colônia, onde ele reside, e, aí, suas águas são distribuídas para várias atividades, voltando, depois, a se reunirem:

“Ao rio, que prossegue o curso normal, rumo ao grande oceano de substâncias invisíveis para a Terra” (Cap. 10, pág. 61).

Esse rio, o citado por Moisés, ao entrar na Colônia do Éden, se divide também, formando quatro correntes ou canais (rã `shim), que são:

1º) PHISHON: circula a terra de CHAVIAHA

- Ouro do bom⁷⁵
EM CHAVIAH TEMOS: - Bdélio⁷⁶
- Pedra shōham⁷⁷

2º) GIHOH: - Circunda toda a terra de KUS

3º) HIDDKEL: - Corre ao oriente de ASSUR

4º) PHRATH

As terras de Chaviah, Kûs e Assur, nada mais são que localidades da Colônia do Éden, que se sobrepõe a essas localidades no plano terrestre. Também, o Jardim Nosso Lar, é dividido em vários sítios: Ministério da Regeneração, do Auxílio, da Comunicação, do Esclarecimento, da Elevação, da União Divina, o Bosque das Águas, o Campo de Repouso, a Governadoria, os Salões Verdes, os Campos de Cultura, etc.

Concluindo, não poderíamos deixar de citar a ocorrência, no texto bíblico, das ÁRVORES FORMOSAS DE VER E BOAS DE COMER, que aparecem na obra de André Luiz, como árvores frondosas, sombra amiga e, também, a cultura de vegetação, destinada aos sucos alimentícios (“Nosso Lar”, Cap. X, pág. 60 e Cap. XXXI, pág.175).

Não deixaremos de explicar a etimologia da palavra éden. Em hebraico significa: delícia, gozo, bem-aventurança, volúpia. É o equilíbrio harmônico de toda a geografia da colônia, que provoca a exaltação íntima do Espírito em sentimentos transbordantes de ideias superiores, paz celeste, confraternização espiritual:

75 SIMBOLICAMENTE este OURO BOM pode ser entendido como a citação de algumas passagens evangélicas:

1º) “Não acumuleis tesouros na Terra, onde a ferrugem consome. Antes, armazenai para vós tesouros nos Céus, onde a ferrugem não consome” (a ferrugem não consome porque o ouro é bom) – Mt. 6:19 e 20.

2º) “O reino dos Céus é semelhante a um tesouro” – Mt. 13:44.

3º) “Dá aos pobres, e terás um tesouro nos Céus” - Mt. 19:21.

4º) “O homem bom, do bom tesouro do coração, traz para fora o bem” - Lc, 6:45.

5º) “A cidade (a santa cidade que descerá dos Céus) era de ouro puro e a rua larga desta cidade era ouro puro” – Ap. 21:18 e 2.

76 BDÉLIO é uma resina aromática. Vamos buscar para ela, também, um SIMBOLISMO evangélico. Uma possibilidade é o AZEITE DO AMOR da parábola das “virgens loucas e prudentes” (Mt. 25:1-12). Outra, o “PERFUME” que exala o Espírito que vive a lei de Deus (II Co. 2:15). E, também, o INCENSO usado pelo anjo, e que sobe aos Céus, como as orações dos santos (Ap. 8:3- 4).

77 É uma PEDRA PRECIOSA, para alguns é verde, para outros é mais provável o ônix (ágata translúcida com camadas de preto e branco). Essa palavra, shōham, significa “unha”, pois essa pedra, talvez, se assemelhe a esta parte dos dedos. O Evangelho usando de um símbolo diz ser o Reino dos Céus semelhante a um viajante-comerciante que buscava “PEDRAS EXCELENTES” e que encontrou um “dia” uma “PEDRA DE GRANDE VALOR” (Mt. 13:45- 46).

“Deslumbrou-se o panorama de belezas sublimes. O bosque, em floração maravilhosa, embalsamava o vento fresco de inebriante perfume (bdélio?). Tudo em prodígio de cores e luzes cariciosas. Entre margens bordadas de grama viçosa, toda esmaltada de azulíneas flores, deslizava um rio de grandes proporções. A corrente rolava tranquila, mas tão cristalina que parecia tonalizada em matiz celeste, em vista dos reflexos do firmamento... Plantadas a espaços regulares, árvores frondosas ofereciam sombra amiga, à maneira de pousos deliciosos, na claridade do Sol confortado” (“Nosso Lar”, Cap. X, pág. 60).

3.3. A LEI DO ÉDEN

“E YHWH Eloim tomou o Adam e colocou-o no Jardim do Éden para que o CULTIVASSE E TOMASSE CONTA DELE. E YHWH Eloim, deu também esta ORDEM a Adam: “Podes comer de todas as árvores do Jardim, mas, não FAÇAS USO da árvore do conhecimento do que é bem e do que é mau, não debes comer dela; por que no dia que comeres dela, MORRERÁS indubitavelmente” (Gn. 2:15-17).

Neste trabalho já comentamos sobre: evolução, princípio material, princípio espiritual, geologia e plano espiritual. Agora, outros temas estarão em foco: a ÉTICA, a MORAL e a LEI IMUTÁVEL da Divindade, para o Ser consciente, livre e responsável.

Allan Kardec, fazendo uso do bom senso, que lhe é próprio, affiançou-nos que em o Gênesis, de Moisés, devemos:

“Perceber grandes verdades MORAIS debaixo das figuras materiais” (“A Gênesis”, Cap. XII, item 16, pág. 249)

Uma dessas figuras é a ÁRVORE DA VIDA (vehetz hachavim) que se constitui num emblema belíssimo da VIDA ESPIRITUAL (“A Gênesis”, Cap. XII, item 16, pág. 249). Esta Alegoria significa um ESTADO DE CONSCIÊNCIA INTEIRAMENTE NOVO para o Espírito, em que a vida não está apenas na luta pela conservação de si mesma, e sim num esforço nobre de ascensão de toda a COLETIVIDADE.

Então, este NOVO ESTADO DE CONSCIÊNCIA não se confunde com o antigo estado egocêntrico. É um novo sistema: o ALTRUISMO, sem o qual, o Espírito não age harmonicamente, vindo logo a se degenerar psiquicamente, por falta de entrosamento vibratório-espiritual.

Como poderemos ver o altruísmo no emblema da Árvore da Vida?

Certa feita, disse Jesus a um moço rico⁷⁸, depois de ter sido interpelado por este: Se queres, porém, ENTRAR NA VIDA, obedece, os mandamentos. Retrucou o moço: De que modo? O Mestre respondeu:

- 1º) Não matar.
- 2º) Não adúlterar.
- 3º) Não furtar.
- 4º) Não dizer falso testemunho.
- 5º) Honrar pai e mãe.
- 6º) Amar seu próximo como a si mesmo.

Todos esses mandamentos são semelhantes a um tiro fatal no velho egoísmo existente nos estados inferiores, onde não há, ainda, o afloramento do RACIOCÍNIO.

Mas, aqui cabe outra consideração: o “moço rico” que interpelou o Mestre não estava vivo? Então, por que o Cristo disse que se ele cumprisse estes mandamentos ENTRARIA NA VIDA?

A resposta só pode ser uma: esta Vida não é a biológica, é o novo estado de consciência (ÁRVORE DA VIDA), que proporciona uma VIDA EM PLENITUDE, uma VIDA EM ABUNDÂNCIA (Jo 10: 30). É, em poucas palavras, a vivência absoluta da lei de Deus.

O versículo nove desse capítulo da Gênesis vai além, ao ensinar: esta Árvore da Vida fica no CENTRO do Jardim do Éden. Tirando o espírito da letra, este centro não tem, no texto, um significado geográfico, mas apenas sugere que este estado, de vida altruísta, é o PONTO CENTRAL, a Lei fundamental do plano espiritual.

* * *

O FRUTO (miperi) da ÁRVORE DO CONHECIMENTO DO BEM E DO MAL (oumehetz hadaat tob vara) é - segundo Allan Kardec:

“A alegoria da COBIÇA E DA CONCUPISCÊNCIA e concretiza, numa figura única, os motivos de arrastamento ao mal. O COMER (fazer uso) é sucumbir à tentação” (“A Gênesis”, Cap. XII, item 23, pág. 250).

Analisemos mais profundamente esse FRUTO:

1º) Alguns pensam que seja a ONISCIÊNCIA DIVINA, pois a expressão do bem e do mal sugere totalidade. O próprio texto

⁷⁸ Mt 19:16-22, Lc 18:18- 23 e Mc 10:17- 22.

anula essa hipótese, porque Adam não possuía a ciência universal e, depois, mais tarde, quando fez uso desse fruto (Gn. 3:6), continuou sem possuí-la.

2º) Outros acham ser o DESPERTAR DA INTELIGÊNCIA. Ora, mas como Adam recebeu de Deus uma ordem? Só os Seres que têm raciocínio, isto é, capacidade de compreender, podem cumprir ou não uma lei e, assim, receber um prêmio ou uma punição, segundo o uso que livremente fizeram de sua vontade. Diz “O Livro dos Espíritos” que enquanto o Espírito não possui uma inteligência desperta:

“Deus lhe supre a inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir como fazeis com a CRIANCINHA” (Q.262)

Mas não era isso o que acontecia com os Espíritos personificados na palavra Adam, que viviam no Jardim do Éden, muito pelo contrário. Diz Allan Kardec:

“Deus não lhes fala como às CRIANÇAS, mas como a seres em estado de o compreenderem e que o compreendem” (“A Gênese”, Cap. XII, item 23, pág. 255).

3º) Interpretamos que o fruto desta árvore de conhecimento do bem e do mal, é a faculdade de decidir por si mesmo e, conseqüentemente, de agir. É a autonomia moral (orgulho), ou melhor, um atentado à soberania divina. O Espírito não pode fazer o que bem entende, estabelecendo as normas do bem e do mal. É este ato arrogante, de querer governar-se a si mesmo, a característica fundamental do erro (ver Lc. 15:12).

A criatura não deveria fazer uso da ARROGÂNCIA, AO ESTABELECEM AS NORMAS DO BEM E DO MAL. Eis a LEI DO ÉDEN, pois no dia em que agisse assim, morreria indubitavelmente.

Esta morte não significa extinção corporal⁷⁹, pois que, depois de cometida a falta, Adam ainda viveu longo tempo, mas sim, MORTE ESPIRITUAL, ou, por outras palavras:

“PERDA DOS BENS QUE RESULTAM DO ADIANTAMENTO MORAL” (“A Gênese”, Cap. XII, item 16, pág. 251).

79 Este corpo só pode ser semi-material, pois no plano espiritual, Colônia do Éden, não existe corpo físico (tipo 3ª dimensão). O corpo é formado da substância própria do mundo em que se manifesta e, diz Allan Kardec, que o Éden é menos material que a Terra (vide “A Gênese”, Cap.XII, item 23, págs. 255-6).

Allan Kardec fala em morte espiritual - o que não deve ser entendido como morte do Espírito -, visto ser impossível a destruição do Ser, que é imortal.

O grande professor Pietro Ubaldi esclarece:

“A possibilidade da destruição de um espírito pela revolta permanente só existe do PONTO DE VISTA TEÓRICO, e, se um só se destruísse completamente, a obra de Deus teria sido imperfeita e seus fins de Amor seriam frustrados” (“Deus e Universo”, Cap. X, págs. 126 e 121)

Continuemos a análise do texto.

Moisés escreve que os Espíritos formados, ou Adam, foram habitar o jardim espiritual com o objetivo de GUARDÁ-LO e CULTIVÁ-LO. Estas duas palavrinhas são por demais herméticas.

GUARDAR o Éden é jamais cometer um ato de desobediência, violando as leis divinas que Deus lhe gravou na consciência⁸⁰.

CULTIVÁR o Éden é desenvolver constante e gradualmente a inteligência e o livre-arbítrio, até que o Ser atinja a perfeição sideral. Roustaing complementa:

“Seguem-se as fases da infância: os guias protetores ensinam ao Espírito o que é livre-arbítrio que Deus lhe concede, explicam o uso que dele podem fazer e o concitam a se ter em GUARDA contra os escolhos com que venha a deparar. O reconhecimento e o amor devidos ao grande Ser constituem o objeto da primeira lição que o Espírito recebe... Levam-no depois, gradualmente, ao estudo (CULTIVO) dos fluídos que o cercam, das esferas que descortina. Conduzido por seus prudentes guias, passa às regiões onde se formam os mundos, a fim de lhes estudar os mistérios. Desce, enfim, às regiões inferiores, a fim de aprender a dirigir os princípios orgânicos de tudo o que é em qualquer dos reinos da Natureza. Daí vai a esferas mais elevadas, onde aprende a dirigir os fenômenos atmosféricos e geológicos que observais sem compreender. Assim é que, de estudo em estudo, de progresso em progresso, o Espírito adquire a ciência que, infinita, o aproximará do Mestre supremo... Esse percurso, porém, aqueles Espíritos o executam sempre na QUALIDADE DE ESPÍRITOS, porquanto, seus estudos se fazem no espaço, no grande livro do universo (QE, Tomo I, págs. 309 e 30).

80 “A Gênese”, Cap. XII, itens 16 e 17, págs 250 e 254. Ver também “O Livro dos Espíritos”, Q. 614 e 621.

3.4. O CORPO MENTAL

“E disse Eloim: “não é bom que Adam esteja SÓ EM SI MESMO. Far-lhe-ei um COMPLEMENTO que lhe CORRESPONDA”. Havendo, pois YHWH Eloim formado da terra todo o animal selvático do campo e toda a criatura voadora do firmamento trouxeram-os a Adam para ver como lhes chamaria; e todos os NOMES que Adam deu a essas espécies de almas viventes foram as EXPRESSÕES VERDADEIRAS DAS SUAS RELAÇÕES. E Adam deu nomes convenientes a todos os quadrúpedes e às criaturas voadoras do céu, e a todos os animais do campo; mas NÃO SE ACHAVA para Adam um complemento que lhe correspondesse. Então YHWH Eloim fez cair um SONO PESADO sobre Adam, de modo que Adam adormeceu; e tomou uma das suas COSTELAS e fechou com carne o seu lugar. E da costela que YHWH Eloim havia tirado passou a formar uma 'ISHSHA, e a trouxe ao Adam. E DISSE O ADAM: “Eis aqui agora o OSSO DE MEUS OSSOS E CARNE DA MINHA CARNE; a esta será chamada 'ishshā por causa de 'ish, do qual tinha sido tirada. Portanto, DEIXARÁ O ADAM SEU PAI E SUA MÃE e unir-se-á com a sua 'ishshā e AMBOS FORMARÃO UM TODO”. E ESTAVAM NÚS, 'ish e 'ishshā, e NÃO SE ENVERGONHAVAM” (Gn. 2:18-25).

O meu amigo e primeiro orientador quando de meu ingresso nas lides espíritas, Dr. Aloysio Randolfo de Paiva – agora instrutor espiritual -, dizia, que quanto mais elevado é o Espírito, maior poder de síntese possui, ou melhor, possui-se o recurso de exprimir o muito, em poucas palavras. Ora, é isso o que vemos continuamente em Moisés: quanta beleza e profundidade há nos seus ensinamentos sobre a alegoria da letra que mata. Passemos ao texto da Gênesis.

“E disse YHWH Eloim: ‘Não é bom que o Adam esteja SÓ EM SI MESMO. Far-lhe-ei um COMPLEMENTO que lhe CORRESPONDA” (waiïomer yhwh eloim lô-tôb heiôt haädam, l'bâddô, e'echeh-lô eger b'negddô).

A expressão só em si mesmo significa que o Espírito, na sua origem de Ser, independente, logo vencida a fase de formação, era somente uma centelha de verdadeira vida... fraco raio de luz (QE, I, 308), sem nenhuma forma corporal que o exprimisse.

Então, YHWH ELOIM resolveu lhe dar um nome, ou melhor, uma expressão, um meio de manifestação que o complementasse, mas, que, ao mesmo tempo, correspondesse ao seu novo estágio evolutivo. Um conteúdo, Adam, tão inédito, precisa-

va de UMA FORMA nova, como revelou o Cristo:

“Não se põe vinho novo (Adam) em odres (formas) velhos; se não arrebentam os odres, e derrama-se o vinho e estragam-se os odres, vinho novo é posto em odres novos, e ambos se conservam” (Mt. 9:17; Mc. 2:22; Lc. 5:37-38).

Mas, qual seria a forma ideal para o Espírito racional? Não poderia, é lógico, ser aquelas em que ele já havia habitado, quando em seu período de formação; formas essas que ele havia criado, segundo o seu estado espiritual rudimentar: o mineral, o vegetal, o animal.

Assim, diz Moisés, que os Espíritos prepostos levaram os quadrúpedes, as aves e outros animais do campo, até aonde se encontrava Adam, para ver com que nome esse lhes chamaria. E Adam deu NOMES convenientes a cada um e, todos os nomes, eram as expressões verdadeiras das relações de cada animal.

Nesta citação, temos muita coisa para estudar.

Em primeiro lugar, perguntamos: o que vem a ser NOME? O erudito professor Huberto Rohden dá-nos a exegese desta palavra, como sendo a MANIFESTAÇÃO EXTERNA DA ESSÊNCIA INTERNA DE UM SER. Nome não é esse vocábulo arbitrário com que costumamos designar um ser. Nome, no sentido genuíno do termo, quer dizer: o REFLEXO EXTERNO da realidade interna; a FUNÇÃO VISÍVEL da invisível essência de um Ser.

Um exemplo é NOME DE DEUS. O Ele que significa:

“A manifestação de Deus no mundo, todo esse grandioso Kósmos, desdobrando ante os nossos olhos, como a deslumbrante VISIBILIDADE da invisível essência de Deus (A Metafísica do Cristianismo, págs. 39-40. Ver também “Sabedoria do Evangelho” de Carlos Torres Pastorino, II vol. pág. 161).

Isto quer dizer que todos os animais, levados até Adam, tinham uma forma que era a verdadeira manifestação deles mesmos, ou, em outras palavras, era a expressão visível daquilo que, internamente, eles eram em essência. Cabe aqui uma segunda pergunta: como os animais poderiam manifestar-se no plano edênico, onde se encontrava Adam? Já vimos ser isto bem natural para a Revelação Espírita. André Luiz fala da existência, na colônia Nosso Lar: de cães, muares, bandos de aves e, mais, todos eles ainda são usados em determinadas funções:

“Os cães facilitam o trabalho (no umbral), os muares suportam cargas pacientemente e fornecem calor nas zo-

nas onde se faça necessário; e aquelas aves (que) denominamos íbis viajores, são excelentes auxiliares... por devorarem as formas mentais odiosas e perversas, entrando em luta franca com as trevas umbralinas” (“Nosso Lar”, Cap. 33, págs. 183-184.).

Além disso, existem os Parques de Estudo e Experimentação dos animais, no Ministério do Esclarecimento.

Se encontrarmos animais no plano espiritual é porque eles possuem UMA FORMA apropriada para lá permanecerem e se manifestarem. É necessário, também, que essa forma seja da mesma dimensão das formas dos habitantes racionais daquela região espiritual. Os animais desencarnados, então, têm perispírito ou corpo astral, que são o nome, ou a manifestação deles. É também este corpo espiritual que modela seus corpos físicos, quando encarnam. Temos, assim, duas manifestações (nomes), para os animais:

- 1º) O CORPO ESPIRITUAL;
- 2º) O CORPO FÍSICO.

Todos os animais, então, têm um nome que corresponde a cada um, mas não se achava para Adam um complemento (um nome) que lhe correspondesse. Não poderia o Espírito, inteligente e livre, habitar uma forma velha; PRIMEIRO, porque isso seria retrogradar e o Espírito não retrograda⁸¹; e SEGUNDO, por que, vibratoriamente, a forma (odres) se arrebentaria ou não suportaria por excesso de fermentação – vibração espiritual -, ao entrar em contacto com o novo nível do Espírito (vinho novo).

O Gênesis, sendo por demais evolucionista, revela que Deus resolveu formar um corpo para Adam, que seria um verdadeiro complemento para ele e, que, também, corresponderia ao seu nível espiritual.

Assim, os Espíritos do Senhor começaram a operação, colocando primeiro Adam num estado de hipnose provocada e profunda (tardemã). Enquanto ele se encontrava neste sono especial, tomaram sua SELA’ e dela formaram uma ‘ISHSHÁ por causa de ‘ISH, do qual tinha sido tirada. Vamos por partes.

A palavra SELA’ é vulgarmente traduzida por COSTELA, mas no hebraico antigo poderia significar LADO e, também, PÓLO.

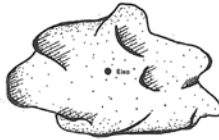
81 “O Livro dos Espíritos”, Q.612. E, diz Roustaing: “A metempsicose revela um desperdício de valores já conquistados pela vida” (QE, Tomo I, pág. 307). Kardec, ainda ensina: “São distintas uma da outra a alma do animal e a do homem, a tal ponto que a de um não pode animar o corpo criado para o outro” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 605 a).

Devemos considerar outra coisa: possivelmente estes relatos bíblicos, tendo sido escritos originalmente em hebraico, sofreram forte influência do acádio, do aramaico, do árabe, do etíope, do fenício... Encontramos nos manuscritos da Assíria e Suméria, muito anteriores ao Gênesis, que dizem ser a mulher originária de TI, que é VITALIDADE em assírio.

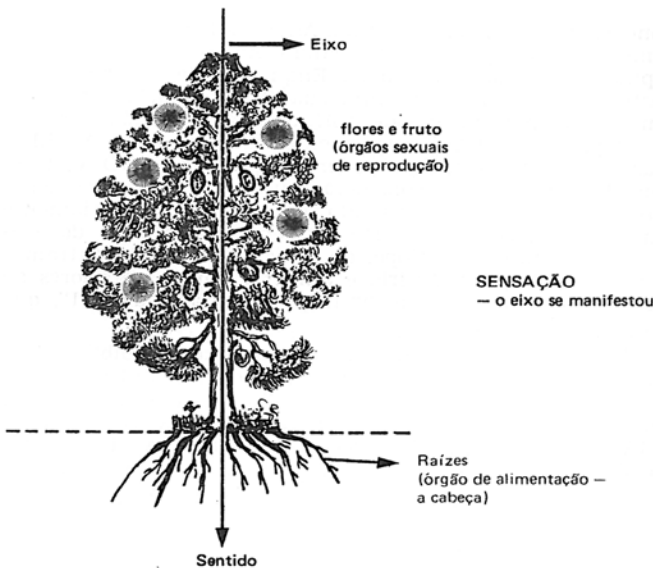
Vamos nos aprofundar mais:

Inicialmente iremos considerar SELA' no hebraico antigo, com o significado de PÓLO. O filólogo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira define PÓLO como o EIXO EM TORNO DO QUAL UMA COISA GIRA. Esta coisa que gira, aqui neste caso, é o Espírito, que evoluindo, faz girar o EIXO que define a forma em que se manifesta, em cada nível espiritual.

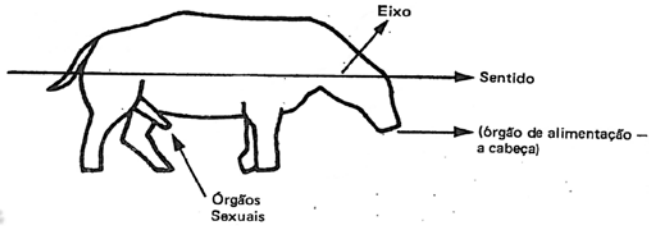
Observemos este girar do eixo nos diagramas que se seguem:



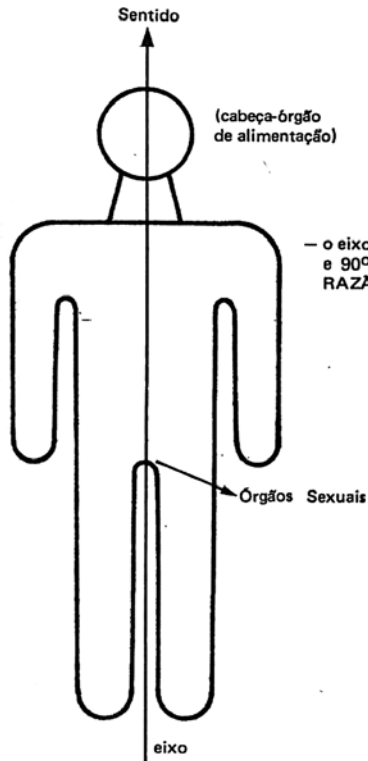
A pedra é polimorfa.
O "eixo" se encontra
em estado latente.



3º ANIMAL



— o eixo girou 90° em relação ao reino vegetal.
INSTINTO



— o eixo girou 180° em relação ao vegetal e 90°, em comparação com o Animal.
RAZÃO

Concluindo, podemos dizer que os Eloim fizeram uma forma inteiramente nova para Adam, correspondente ao seu estado atual. Já que o Espírito formado tem o atributo inédito da razão, os guias superiores - num esplendido trabalho de arquitetura e engenharia biológica - FIZERAM O SEU CORPO TOMANDO O SENTIDO DO EIXO (SELA') E GIRANDO-O até que a CABEÇA (inteligência) ficasse no nível principal, no alto, dominando tudo.

Agora, consideremos o outro significado, encontrado no sumeriano. A palavrinha TI significa VITALIDADE, por isso, o corpo que o Espírito habita tem vida, portanto, só poderia ter sido formado de ALGO VIVO. Só a vida tem poder de criar. Este corpo novo e vivo, que acabou de ser plasmado, recebeu o nome de 'ISHSHĀ: Isto porque foi tirado de ISH. E, logo que Adam despertou do sono forçado, em que se encontrava, deu um grito de alegria e disse: Eis aqui agora o osso de meus ossos e carne da minha carne.

Vejamos o que significa 'ISHSHA. As versões vulgares, da teologia da letra, traduzem essa palavra por mulher. Mas, que absurdo é esse? Se o Espírito é em si mesmo macho-fêmea, como já vimos, por que criar uma mulher para complementá-lo? Não tem lógica!

Mas, o que significa então 'Ishshā? Os eruditos bíblicos dizem que 'ISHSHĀ procede de ISH, como está dito no texto, mas só na aparência da forma, pois, etimologicamente, são palavras distintas, pois não vêm da mesma raiz. Dizem estes estudiosos que o autor da Gênese não tratou, aqui, da origem glotológica das duas palavras, mas sim, de duas realidades diferentes, que são artificialmente relacionadas com a semelhança exterior dos dois vocábulos. Ora já falamos e não nos cansaremos de repetir: semelhança não é identidade.

A palavra 'ISH é usada nas traduções do hebraico para varão, erradamente, pois, etimologicamente, vem do assírio anasu com o significado de SER MODELANTE, ou também, pode proceder de outra palavra do assírio, isam, que se traduz por FORÇA. Será, então, que ela é usada para varão, em hebraico, por que em seu sentido genuíno significa força, e aí temos uma razão óbvia? Assim, com isso, fica também mais uma vez provado, que 'ISHSHA NÃO SE TRADUZ POR MULHER, POIS, 'ISH NÃO É VARÃO⁸².

O que vimos, então, é que o Espírito estava só em si mesmo e precisava de um complemento compatível com o seu nível. Então os Eloim criaram para ele um corpo perispiritual, da sua

82 O erudito espírita Francisco Valdomiro Lorenz, também, não traduz a palavra 'ishshā por mulher, e nem 'ish por homem, conservando as palavras do original hebraico no seu livro "Cabala, A Cosmologia de Moisés", Cap. 11, págs. 97-8.

própria vitalidade, e o chamam 'ishshā, por que é substância tirada de 'ish, que é o âmago do Espírito, onde reside o poder de MODELAR todas as formas, através da FORÇA que lhe é própria, pois foi criado à imagem e semelhança de Deus.

Este envoltório espiritual é constituído de uma substância rarefeita, compatível com o Eu espiritual que o originou. Por isso é osso dos ossos do Espírito. No osso é que temos a fonte dos glóbulos vermelhos do sangue, que é a vida do corpo (Lv. 17:14), logo, simbolicamente, a expressão OSSO DE MEUS OSSOS significa: corpo vivo de minha vitalidade. E CARNE DE MINHA CARNE é alegoricamente, forma de minha substância.

Vejamos a semelhança, até em palavras, entre o texto de Moisés e a obra revelada a Roustaing:

“Para entrar na vida ativa, consciente, independente e livre, o Espírito tem necessidade de se libertar inteiramente do contacto forçado em que esteve com a carne, de esquecer as suas relações com a matéria, de se depurar dessas relações” (QE, Tomo I, pág. 308).

Esta libertação ou depuração do contacto forçado que teve com a carne, não deve traduzir ter a matéria lhe contaminado o Ser, pois esta foi útil ao seu desenvolvimento. Muito pelo contrário, indica que o Espírito deve buscar planos cada vez mais amplos de consciência e liberdade. Como, por exemplo: o estudante que precisou do contato com o abecedário e a tabuada, mas agora, universitário, prescinde dessas cartilhas, já ultrapassadas. Vamos seguir as explicações de Roustaing:

“A encarnação é uma necessidade para o Espírito no ESTADO DE FORMAÇÃO, é indispensável ao seu progresso, ao seu desenvolvimento, como meio de lhe proporcionar e ampliar progressivamente a consciência de ser, o que ele não logrará senão pelo contacto com a matéria... Suficientemente desenvolvido no estado animal, o Espírito... é conduzido aos mundos ad hoc, às regiões preparativas, pois que lhe cumpre achar o meio onde se elaboram os princípios constitutivos do PERISPÍRITO. Fraco raio de luz, ele se vê lançado numa MASSA DE VAPORES⁸³ que o envolvem por todos os lados. Aí PERDE A CONSCIÊNCIA de seu ser, porquanto A INFLUÊNCIA DA MATÉRIA TEM QUE SE ANULAR no período de estagnação, e cai NUM ESTADO a que chamaremos, para que possais compreender, LETARGIA (sono profundo). Durante esse período, O PERISPÍRITO ('ishsha), destinado a receber o princípio espiritual, SE DESENVOLVE, se constitui AO DERRE-

83 “O Livro dos Espíritos”, Q.93: “Envolve o Espírito uma substância assaz vaporosa”.

DOR DAQUELA CENTELHA DE VERDADEIRA VIDA (ish). Toma a princípio uma forma indistinta, depois se aperfeiçoa gradualmente como o germen no seio materno e passa por todas as fases do desenvolvimento. Quando o invólucro está pronto para contê-lo, O ESPÍRITO SAI DO TORPOR em que jazia e SOLTA O SEU PRIMEIRO BRADO de admiração (osso de meus ossos, carne de minha carne). Neste ponto, O PERISPÍRITO É COMPLETAMENTE FLUÍDICO, MESMO PARA NÓS” (QE, Tomo I, págs.308-309).

Agora chegamos à questão. Diz Roustaing que o perispírito é completamente fluídico, para as entidades que ditaram “Os Quatro Evangelhos”. Já os Espíritos que revelaram “O Livro dos Espíritos” dizem a Kardec que o perispírito é formado de uma substância bastante grosseira para eles (“O Livro dos Espíritos”, Q. 93). Para dirimir esta aparente contradição, recorremos a ANDRÉ LUIZ no livro “Evolução em Dois Mundos”, quando ele fala em DUAS MANIFESTAÇÕES PERISPÍRITUAIS:

“Para definirmos, de alguma sorte o CORPO ESPIRITUAL, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é o reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o CORPO MENTAL que lhe preside a formação... O corpo mental assinalado por diversos estudiosos é o ENVOLTÓRIO SUTIL DA MENTE” (Cap.II,pág. 25).

Temos então três corpos: 1º.) O Mental; 2º.) O Espiritual e 3º.) O Físico. As duas expressões: “envoltório sutil” e “perispírito completamente fluídico”, de André Luiz e Roustaing, respectivamente, se assemelham bastante. Este ponto de contato é tão próximo entre as duas fontes espirituais, que podemos dizer que elas falam da mesma coisa. Vejamos: André Luiz diz que o CORPO MENTAL é o ENVOLTÓRIO SUTIL DA MENTE e, Roustaing, afirma que o PERISPÍRITO COMPLETAMENTE FLUÍDICO é o ENVOLTÓRIO que recobre a INTELIGÊNCIA INDEPENDENTE e se constitui, para o Espírito, numa verdadeira encarnação fluídica (QE, Tomo I, pág. 323). É este corpo a imagem mental⁸⁴, o retrato da mente (André Luiz), revelando as verdadeiras tendências do Espírito. Roustaing ainda assevera ser esse envoltório completamente fluídico, para nos servirmos de uma expressão

84 Imagem mental é como traduz Francisco Valdomiro Lorenz (Cabala, p. 97).

compreensível⁸⁵, é:

“O seu TEMPERAMENTO (do Espírito), havendo entre esse e o temperamento humano a diferença de que este, aos vossos olhos, independe do gênero de Espírito que o corpo encerre, ao passo que o TEMPERAMENTO FLUÍDICO é resultado da TENDÊNCIA DO ESPÍRITO” (QE, Tomo I, item 296).

Agora, pronto o envoltório mental e o Adam já desperto e habitando-o, o Espírito percebe o seu novo estado racional e afirma categórico, como ensina Moisés: “Deixará Adam seu pai e sua mãe e unir-se-á com a sua ‘ishshã e ambos formarão um todo”. Para os intérpretes, segundo a letra que mata, essas palavras se constituem num erro do autor escriturístico, num absurdo ininteligível. Sendo como eles afirmam, Adão, o primeiro homem formado diretamente de Deus e, Eva, a primeira mulher formada infantilmente de uma das costelas do Adão, como, então, este poderá abandonar pai e mãe para viver com sua mulher, se seus pais não existiam? É lógico que Moisés, intuitivo ao extremo, falou de outra coisa, que deve ser percebida em espírito e verdade. O Espírito se encontra num estado racional inédito, habilitando um corpo mental, que lhe corresponde inteiramente, então, é necessário abandonar pai e mãe, ou seja, as formas anteriores e seus respectivos níveis rudimentares, e, assim, viver plenamente o seu novo estado, como acima já citamos, no pensamento de Roustaing:

“O Espírito tem necessidade de se libertar inteiramente do contato forçado em que esteve com a carne (pai e mãe), de esquecer as suas relações com a matéria, de se depurar dessas relações”.

E estavam nus, ‘ish e ‘ishshã, e não se envergonhavam. Mas uma alegoria de Moisés revelando que o Espírito neste nível é SIMPLES, sem as vestes da vaidade, da arrogância, da ciência que incha. Sua vida era feliz no Plano espiritual, assistido por seus elevados mentores, instruindo-se em CIÊNCIA e MORAL, as duas asas do pássaro humano⁸⁶ rumo à perfeição absoluta em Deus.

85 André Luiz fala que não pode por agora, “definir com mais amplitude de conceituação – este corpo mental – além daquele com que tem sido apresentado pelos pesquisadores encarnados, isto por falta de terminologia adequada no dicionário terrestre” (“Evolução em dois mundos”, Cap. II, pág. 25) Por isso a dificuldade em Roustaing em encontrar um termo que o defina.

86 Ver sobre este assunto “O Livro dos Espíritos”, Q.192. A expressão asas do pássaro é de Bezerra de Menezes, em artigo na Gazeta de Notícias, em 06/04/1897.

והקטש הנה ערום מכל חת השנה אשר עשה ה' הנה
אלהים ויאמר אלהי-אשה אף בראפר אלהים לא תאכלו
מכל עץ הגן: ותאמר האשה אלהי-הקטש מקרי ער-הגן
תאכל: ומקרי העץ אשר בתי-הגן אפר אלהים לא
תאכלו ממש ולא תגעו בו פחד-הגן: ותאמר הקטש
אלהי-אשה לארמות הקמתו: כי ידע אלהים כי ביום
אכלכם ממש ותקדו עיניכם והייתם כאלהים ידעי טוב
ורע: וברא האלהי כי טוב העץ למאכל וכן תאמר-הא
לעולם ותאמר העץ להשגיל חמקה מפרד ותאכל ותאמר
גם-לאישה עשה ויאכל: ותפקדה עני שעלים ויש עי
צדקם הם והחפר ענה האלה בשעו להם החרתו:
ותקטש את-על דעה אלהים מתחלה פון לחם העים
מתחלה האדם ואשרו מהני דעה אלהים בתי-עין הגן:
תקרא דעה אלהים אלהי-האדם ויאמר לו אנה: ויאמר
את-הגן שמעתי בגן ואתא ברעם אנכי ואת-הא:
ויאמר ברי-הגד לך כי ערם אתה במדע-העץ אשר אסרתי
לבלתי אכל-ממש אכלת: ויאמר האדם האשה אשר
עשתה עמדי ונא נתתלי מן-העץ ואכל: ויאמר דעה
אלהים לאשה מה-נאת עשית ותאמר האשה הקטש
השיאני ואכל: ויאמר דעה אלהים אלהי-הקטש כי עשית
זאת ארר אותך מכל-הבהמה ומכל חית השדה על-
גלך חלד ועפר האכל בל-ימי חייך: ואת-הא
תקד וכן האשה וכן ורעה וכן ורעה ונא תשופתי ראש
ותפת תשופתי עקבי: ם אלהי-אשה אמר ברי-הא אררה
עצמונה ותרני בעצב תלכי בגים ואל-אשרו תשוקתך
והוא ומשלי-ך: ם וקצתם אמר כי שמעת לקול
אשתך ותאכל מן-העץ אשר אסרתי לאמר לא תאכל
ממש ארובה הארמה בעצמונה בעצמונה ותאכלנה כל ימי
חייך: וקצת ותרני תצמיח לך ואכלת את-עשב השדה:
בצות אשרו תאכל לחם עד שוקך אלהי-הארמה
כי כפנה לקחת מר-עפר אמה האל-עפר תשוב:
תקרא האדם שם אשתו חנה כי הוא חזקה עם כל-
חי: ויש דעה אלהים לקצתם ולאשתו בראות עור
תלבשם: ם

וַיֹּאמֶר יְהוָה אֱלֹהִים הֵן הָאָדָם הָיָה בְּרָאָרְךָ מִמֶּנּוּ לְקַטֵּשׁ
כֹּסֵב וְרַע וְעַתָּה יָדוּ וְלִקְחוּ גַם מִצֵּד הַחַיִּים
וְהָאֵל תֵּד לְעַלְמֵי הַשָּׁמַיִם וְהָיָה אֱלֹהִים מִן-הַצִּדְדִּין לְעַלְמֵי
אֲדִי-הָאָרְצָה אֲשֶׁר לְפָנָי מִשָּׁמַי: וַיֵּרַשׁ אֱדִי-הָאָדָם וַיִּשְׁפֹּן
מִקְדָּשׁ לְגִדְלוֹן אֲדִי-הַקְּדוֹשִׁים וְאֵת לְחֵם הַיִּדּוּל הַמִּתְנַשֵּׂה
לְשֹׁמֵר אֲדִי-הַגִּדְלוֹן עֲדִי-הַקְּדוֹשִׁים: ם

4. TENTAÇÃO, INFRAÇÃO, EXPULSÃO E REENCARNAÇÃO

“E YHWH Eloim pôs Adam para fora do Jardim do Éden para lavrar a terra de que tinha sido feito e passou a fazer vestes compridas de peles para Adam e sua ‘ishshã e a vesti-los”. (Gn. 3:21-23).

GÊNESIS: 3: 1-24:

1 – Era a nãhãs astuta, mais que todos os animais do campo que YHWH Eloim, tinha feito: E disse para a ‘ishshã: “É assim que Eloim vos disse: ‘Não comereis de toda a árvore do Jardim?”

2 – A isso a ‘ishshã respondeu a nãhãs: “nós podemos, sem medo, comer das árvores do Jardim.

3 – Quanto ao fruto da árvore que está no centro do Jardim, Eloim disse: “não COMEREIS dele, não ASPIREIS ele, para que não MORRAIS.”

4 – A isso a nãhãs disse a ‘ishshã: “não, positivamente vós de nenhum modo morrereis

5 – Porque sabe Eloim que, no dia em que comerdes dele, abrir-se-ão os vossos olhos e sereis SEMELHANTES a Eloim, conhecedores do bem e do mal.”

6– E viu ‘ishshã que boa era a árvore para comer e que desejável era para os olhos e cobiçável para alargar o entendimento (do que é bem e do que é mal), e tomou do seu fruto e comeu; e deu também a ‘ish, com quem estava unida, e ele comeu.

7 – Então se abriram os olhos aos dois e conheceram que estavam nus, e entrelaçaram folhas de figueira, e fizeram para eles, cintos.

8 – Mas tarde ouviram a voz de YHWH Eloim, o Ser Eterno e altíssimo, PENETRANDO no Jardim, à brisa da tarde. E Adam escondeu-se da presença de YHWH Eloim, com ‘ishshã, DENTRO da árvore no centro do Jardim.

9 – Mas YHWH Eloim chamou o Adam e disse-lhe: ONDE ESTÁS.

10– Ele respondeu: “A tua voz ouvi penetrando no Jardim, e tive MEDO, porque estou nu: e escondi-me”.

11– Redarguiu YHWH Eloim: “Quem te informou que estavas nu, a não ser o uso da árvore e que te ordenei não comer dela?”

12– E o Adam prosseguiu dizendo: “A ‘ishshã que me deste como complemento para estar comigo, deu-me do fruto da árvore e comi”.

13– Então se dirigiu YHWH Eloim a ‘ishshã, dizendo: “Que é isto que fizeste?” E ‘ishshã respondeu: “A nãhãs me enlouqueceu e eu comi”.

14– Disse então YHWH Eloim a nãhãs: “Porque fizeste

isto, maldita és tu, mais que todo o quadrúpede e mais que o animal do campo; caminharás de rastos sobre o teu VENTRE e comerás pó todos os dias de tua existência”.

15- “E porei uma inimizade profunda entre ti e ‘ishshã, entre a tua PRODUÇÃO e a DESCENDÊNCIA dela. O DESCENDENTE dela te ESMAGARÁ a CABEÇA e tu lhe ARMARÁS CILADAS no CALCANHAR”.

16- E dirigindo-se a ‘ishshã disse: “Multiplicarei os teus trabalhos, com dor darás existência aos teus filhos; a tua paixão se dirigirá a ‘ish e ele dominará em ti”.

17- E a Adam disse: “Porque deste ouvido à voz de ‘ishshã e foste comer da árvore de que te ordenei, dizendo: ‘Não deves comer ela’, maldita seja a terra por sua causa: com trabalho penoso comerás dos produtos dela todos os dias de sua existência”.

18- “E espinhos e abrolhos produzirá para ti e terás de comer a erva do campo”.

19 - “Com suor do teu rosto comerás pão até que retornes a terra, pois dela foste tirado. Tu és uma EMANAÇÃO do pó e a ele deves voltar”.

20- Depois disso, Adam pôs o nome de HEVA a ‘ishshã, porque ela HAVIA DE TORNAR-SE a mãe e todos os viventes.

21- E YHWH Eloim PASSOU a FAZER TÚNICAS compridas de peles para Adam e ‘ishshã e OS FEZ vestir.

22- E disse YHWH Eloim, o Ser Eterno e Altíssimo: “Eis que Adam SE TEM TORNADO como um de nós, sabendo o bem e o mal; pois bem, EXPULSÊMO-LO do Jardim , para que não suceda que lhe estenda a mão, e tome do fruto da Árvore da Vida, e coma e viva por tempo indefinido...”

23- E YHWH Eloim O EXPULSOU do Jardim do Éden para CULTIVAR A TERRA de que tinha sido tirado.

24-EXPULSOU ADAM, e fez habitar ao leste do Jardim do Éden os QUERUBINS e a LÂMINA CHAMEJANTE duma espada que se revolve continuamente para guardar o caminho da Árvore a Vida.

4.1. NĀHĀS, DA TENTAÇÃO À INFRAÇÃO

“Era a nāhās astuta mais que todos os animais do campo que YHWH Eloim tinha feito: E disse para a ‘ishshã: “É assim que Eloim vos disse: ‘Não comereis de toda a árvore do Jardim?’” A isso a ‘ishshã respondeu a nāhās? “Nós podemos, SEM MEDO, comer das árvores do Jardim. Quanto ao FRUTO DA ÁRVORE que está no CENTRO DO JARDIM, Eloim disse: ‘Não comereis dele, não aspirareis ele, para que não morrais”. A isso a nāhās disse a ‘ishshã. “Não POSITIVAMENTE VÓS DE NENHUM MODO MOREREIS! Porque sabe Eloim que, no dia, em que comerdes dele,

abrir-se-ão os vossos olhos e SEREIS SEMELHANTES A ELOIM, conhecedores do bem e do mal”.E viu ‘ishshã que BOA era a árvore para comer e que DESEJÁVEL era para os olhos e COBIÇÁVEL para alargar o entendimento (do que é bem e do que é mal), e tomou do seu fruto e comeu; e deu também a ‘ish, com quem estava unida, e ele comeu. Então se abriram os olhos aos dois e CONHECERAM QUE ESTAVAM NUS, e entrelaçaram FOLHAS DE FIGUEIRA, e fizeram para eles, cintos” (Gn. 3:1-7).

O leitor deve estar achando estranho o fato da não citação da SERPENTE, no texto acima, pois esse réptil é um personagem secular nas interpretações religiosas, e já bastante estratificado na mente popular, que dele ouviu falar sem entender e, mais, sem poder interpelar, no catecismo da teologia da letra.

Moisés na sua hagiografia não fala em serpente, a palavra usada foi nãhãs, que segundo Allan Kardec:

“Vem da raiz nãhâsh, que significa: fazer encantamentos, adivinhar as coisas ocultas, podendo, pois, significar: encantador, adivinho... O desejo de conhecer as coisas ocultas, suscitado pelo espírito e adivinhação” (“A Gênese”, CAP. XII, págs. 251-252).

O texto é mais revelador ainda, pois diz ser esta nãhãs, astuta, mais que todos os animais do campo que YHWH Eloim havia feito. Não se afirma que a nãhãs seja um animal astuto e, sim, que é algo astuto, mais que todos os animais. Quando se fala popularmente ser um criminoso, pior que uma fera, não se está asseverando ser ele BIOLÓGICAMENTE um animal selvagem, mas que, PSICOLÓGICAMENTE, se encontra num estado de hipertrofia mental, aflorando um instinto animalesco, de máxima concentração egoística, inadmissível no reino racional humano. Assim é a nãhãs: A ASTÚCIA AO EXTREMO.

O Ser é espiritualmente livre, racional, e tem tanta aptidão para o bem quanto para o mal e, quando escolhe o caminho negativo, o faz por vontade própria (“O Livro dos Espíritos”, Q. 121). É, aí, nesta opção de infringir conscientemente a Lei de Deus, que ele manifesta o desejo irrefreável (concupiscência), astuto, de pretender apoderar-se, independente e autonomamente do Criador, dos atributos divinos, o que é rebeldia formal contra Deus, um ato de orgulho, pelo qual o homem pretende elevar-se acima da ordem, dentro da qual a Lei o colocou.

Outra observação, que não devemos deixar de considerar, é que o versículo analisado não diz ser a nãhãs obra dos Eloim. O que se afirma, apenas, é que eles, os animais do cam-

po, são criação dos Eloim. Seria inadmissível colocarmos a astúcia como obra divina. O próprio Apóstolo Tiago diz isso ao afirmar que:

“Por coisas más, Deus não tenta ninguém” (Tg. 1:13).

Logo, a astúcia só pode ser fruto da mente do Espírito que asilou, em si mesmo, a cobiça, ou o desejo de possuir autonomia moral, contrariando, assim, a governo divino de escolher, para as suas criaturas, o caminho que devem palmilhar. Então, continua Tiago:

“Cada um é tentado pela própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Logo a cobiça, depois de haver consumido, dá à luz ao erro; e o erro, uma vez consumado, gera a morte” (Tg 1:14-5).

Aqui faço, então, perguntas:

Primeiramente, como ocorreu a tentação feita por nãhãs?

Segundo, por que nãhãs tentou 'ishshã?

A astúcia aflorou-se em 'ishshã de maneira dubitativa: “É assim que Eloim vos disse?” Ou: “É verdade isso que...?” ('af Ki). Eis aí a filosofia negativista da dúvida. Com essa pequena e insidiosa pergunta, nãhãs começou uma triplíce tentação:

A) CONTRA A CONFIANÇA EM DEUS:

'Ishshã disse a nãhãs que Deus havia permitido que se comesse de qualquer árvore do jardim, menos o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, pois, no dia em que alguém dele comesse, morreria indubitavelmente. Neste momento do diálogo surge a primeira tentação apoiada na desconfiança perante a Lei divina: “Não, positivamente vós de nenhum modo morrereis” (pen temütûn lo môt temütûn), ou em outras palavras: isso que Deus falou é mentira.

B) CONTRA A BONDADE DE DEUS:

Nãhãs prossegue dizendo que de nenhum modo se morre, por comer apenas o fruto de uma árvore, muito pelo contrário. Deus proibiu que se comesse desse fruto, simplesmente por querer ver os Espíritos constantemente na ignorância, de olhos fechados para as verdades que, até então, somente os Eloim possuem.

C) CONTRA A SOBERANIA DE DEUS:

A proibição dos Eloim, conclui nãhãs, fazendo brilhar a miragem de uma igualdade com Deus, só ocorreu por saberem os Eloim que no dia em que um Espírito - consciente e livre - fizer uso deste fruto, seria como Eles, que exercem o governo soberano de tudo.

* * *

O Evangelho diz que devemos pedir ao Pai dos Céus que não nos deixe cair, quando formos tentados, mas que nos livre do mal (Mt. 6:13). Este versículo não intercede a Deus o fim da tentação e, sim, que não nos deixe CAIR quando formos tentados, livrando-nos do mal, causador da infração, que reside em nós mesmos. Ser tentado (provado) não é o problema, é natural, faz parte da Vida, o erro está em cairmos, quando tentados.

Se `ishshã não asilasse, no íntimo, a cobiça irrefreável, por vontade própria, não cairia quando foi tentada por nãhãs. Mas, assim não ocorreu. Logo que houve a tentação, a curiosidade e a desconfiança se apossaram de `ishshã gerando a incredulidade, que acabou provocando a desobediência:

“E viu `ishshã que BOA era a árvore para comer, DESEJÁVEL era para os olhos e COBIÇÁVEL, para alargar o entendimento, e tomou do seu fruto e comeu; e deu também a `ish, a quem estava unida, e ele comeu”.

Estes TRÊS ANSEIOS, vistos por `ishshã no fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, são a consequências da tríplice tentação de nãhãs:

A) BOA ERA A ÁRVORE PARA COMER:

Significa a aceitação do que disse a astúcia: “positivamente, de modo algum morreréis”. Se o fruto desta árvore não mata - concluiu `ishshã - então é bom para comer⁸⁷.

B) COBIÇÁVEL PARA ALARGAR O ENTENDIMENTO:

`Ishshã concebeu esta ilusão, porque a astúcia lhe havia assegurado que os Eloim proibiam o uso deste fruto, porque ele

⁸⁷ ”Espiritualmente falando, apenas conhecemos um gênero temível de morte – a da consciência denegrida no mal, torturada de remorso ou parálitica nos despenhadeiros que marginam a estrada da insensatez e do crime... Encontramos a morte tão somente nos caminhos do mal, onde as sombras impedem a visão gloriosa da vida” (Emmanuel - “Pão Nosso”, Cap. 42, pág. 95).

alarga o conhecimento, abrindo os olhos do Espírito para as verdades somente possuídas por Eles.

C) DESEJÁVEL ERA PARA OS OLHOS:

Eis a maior miragem, deslumbrante, acatada por 'ishshā. Era desejável aos olhos porque, quem o ingerisse, poderia ficar hierarquicamente tão elevado quanto Deus, governando a si mesmo, fazendo um corpo de lei, segundo sua vontade; enfim, dominando tudo, do alto do pedestal, que esse fruto o colocaria, segundo nãhās.

* * *

Anteriormente havíamos feito outra pergunta, ainda não respondida: POR QUE NÃHÁS TENTOU 'ISHSHĀ?

Vimos no segundo capítulo deste livro, que 'ishshā é o nome de 'ish, ou melhor, é o corpo mental que o Espírito reveste. Roustaing é bastante preciso ao falar desta operação de revestimento do Espírito por um corpo espiritual:

“Essa operação de revestir o perispírito, que, do vosso ponto de vista material, se deveria chamar envoltório, constitui então, para todos [os Espíritos], uma ENCARNACÃO FLUÍDICA... os (Espíritos) que se conservam puros também desenvolvem atividades e inteligência, a fim de progredirem, no estado fluidico, por meio dos esforços espirituais que necessitam fazer para, da fase de inocência e de ignorância, de infância e de instrução, chegarem, sem falir, à perfeição! O trabalho é grande, incessante e penoso debaixo do invólucro que constitui o perispírito (corpo mental), invólucro que, para o Espírito, é, conforme já o dissemos, matéria e que, NOTAI-O BEM, servindo-lhe de INSTRUMENTO E MEIO DE PROGRESSO, igualmente pode ser, a toda hora, como já foi para o que faliu, INSTRUMENTO E MEIO DE QUEDA” (QE, Tomo I, págs. 323 e 325).

Logo:

ENCARNAÇÃO FLUÍDICA = PERSONALIDADE ESPIRITUAL

Agora, com essa revelação espiritual, fica tudo inteligível: nãhās tenta o Espírito, que habita 'ishshā - ou o corpo mental-, porque, apesar de ser este corpo bastante rarefeito é, para o Espírito, matéria, que serve de instrumento e meio de progresso e, igualmente - para o Ser espiritual que deu ouvidos à voz da astúcia, asilando em si o fruto proibido da concupiscência: INSTRUMENTO E MEIO DE QUEDA.

4.2. COMO A CONCUPISCÊNCIA PENETRA NO ÍNTIMO DO ESPÍRITO?

“Os Espíritos no estado infantil são confiados a preceptores que trabalham para o desenvolvimento intelectual e moral de seus discípulos, dando-lhes ensinamentos e exemplos. É então que as tendências se revelam. Os Espíritos ou trilharam laboriosamente o caminho do progresso espiritual, trabalhando com ardor, dóceis aos seus guias, pelo seu próprio desenvolvimento, crescendo em sabedoria, em pureza, em ciência, e chegam, sem haver falido, ao ponto onde nenhum véu mais lhes oculta a luz central; ou, ao contrário, confiantes em suas forças, desprezam os conselhos que lhes são dados e, inebriados pela visão dos esplendores que cercam os altos Espíritos, deixam que o orgulho ou a inveja os empolguem... Já tendo grande poder sobre as regiões inferiores cujo governo aprendem a exercer, no sentido e que, sempre sob as vistas dos Espíritos prepostos à missão de educá-los e sob as do protetor especial do planeta de que se trate, aprendem a dirigir a revolução das estações, e regular a fertilidade do solo, a guiar os encarnados, influenciando-os ocultamente, muitos acreditam que só ao merecimento próprio devem o que podem e, desprezando todos os conselhos caem. É a queda pelo ORGULHO⁸⁸ ... O orgulho – continua Roustaing – é INVEJOSO por não poder suportar o que quer que seja acima de si; é EGOÍSTA, pretendendo ser para tudo o ponto de referência: é PRESUNÇOSO, pois deposita em suas energias e inteligência uma confiança, tão errônea quanto condenável, que o leva muitas vezes a revoltar-se contra a prudência de quem lhe interdita atos superiores às suas forças... Outros, por nem sempre compreenderem a ação poderosa de Deus, não admitem que haja uma hierarquia espiritual e acusam de injustiça aquele que os criou, porquanto é Deus quem cria, não esqueçais. Esses os que caem pela INVEJA⁸⁹. Até o ateísmo – por mais impossível que pareça – até o ATEÍSMO⁹⁰ não raro se manifesta naqueles pobres cegos colocados no centro mesmo da luz. E

88 Deus havia dado um conselho, dizendo que o fruto proibido gerava a morte e 'ishshã não acreditou, desprezou o conselho e, caiu, pelo ORGULHO.

89 A nãhã disse a 'ishshã que o fruto foi proibido, porque os Eloim não queriam que ninguém - a não serem eles -, tivessem o conhecimento amplo para dominarem tudo. Este pensamento foi aceito por 'ishshã que, com isso, não admitiu a existência de uma hierarquia espiritual, formada por Espíritos que conquistaram essa posição por merecimento próprio, o que 'ishshã não sabia. Eis aí a queda pela INVEJA.

90 Negou 'ishshã a soberania divina achando que, o fruto proibido, desejável era para os olhos. A negação de qualquer um dos atributos de Deus é a negação Dele como um todo. Por exemplo: se se provar que Deus não é onipotente, Ele sem esse atributo deixará de ser Deus. Eis então a queda por ATEÍSMO.

nunca, como aí, o ateísmo nasce tão diretamente do orgulho. Não vendo aquele, de quem tudo emana, negam-lhe a existência e se consideram a base e a cúpula do edifício (QE, Tomo I, págs. 297, 310-311).

Depois que Adam fez uso do fruto da árvore - do que é bem e do que é mal - atingiu um estado inteiramente novo para ele. Conscientemente, agora, era desobediente perante a vontade dos Eloim. Em outras palavras, vibratoriamente havia se afastado de Deus, caindo, interna e externamente, no estado de DESGRAÇA.

A primeira consequência negativa desse estado se vê, quando Adam trançou folhas de figueira e fez cintura para si (Gn. 3:7). O simbolismo deste versículo é extremamente importante. Inicialmente, devemos dizer que a sua tradução é a mais fidedigna possível, ao pé da letra: folhas de figueira e cintura.

Vejamos, em espírito e verdade, o que a Bíblia entende por FIGUEIRA. Em hebraico, figueira é te'enâ. Ela é citada 37 vezes no Velho Testamento e, 19, no Novo Testamento. Nas citações mais simbólicas ela está sempre acompanhada da palavra VINHA:

A) “E realmente sentará (muitas nações), cada uma debaixo da sua videira e debaixo da sua FIGUEIRA, e não haverá quem as faça tremer; porque a própria boca de YHWH dos exércitos falou isso... não levantarão espada contra nação, nem aprenderão mais a guerra” (Miquéias, 4:4 e 3).

B) “Naquele dia – é a palavra de YHWH – chamarei um ao outro, debaixo da vinha e debaixo da FIGUEIRA” (Zacarias, 3:10).

C) “E a terra de Judá gozou de repouso por todos os dias de Simão... Podia cada um ficar sentado debaixo de sua vinha e de sua FIGUEIRA e não havia quem lhes metesse medo” (I Macabeus, 14:4 e 12).

D) “E Judá e Israel continuaram a morar em segurança, debaixo da sua própria videira e debaixo de sua própria FIGUEIRA, desde Dã até Bersaba, todos os dias de Salomão” (I Reis, 4:5).

É evidente que estamos ante um importante simbolismo. Como poderá Judá, Israel e, várias nações, sentarem debaixo de suas próprias figueiras, todas confraternizadas e amparadas pela misericórdia de YHWH?

Assim se percebe que, segundo as escrituras, a palavra

FIGUEIRA é alegórica. Mas então, qual o seu significado?

A figueira é uma árvore que não produz fruto. Os figos são apenas flores inclusas. Não são como se pensa, vulgarmente, são figos-flores. Em Jesus há certo fato polêmico com uma figueira:

“Vendo ao longe uma figueira que tinha FOLHAS, foi (ver) se acaso achava nela (algo) e, aproximando-se dela, nada achou senão folhas, pois não era tempo de figos. E respondendo, disse: ‘Nunca neste eon (ciclo) de ti se coma figo’ (Mc. 11:13 e 14. Ver Carlos Pastorino, Sabedoria do Evangelho, VII, p. 17).

Os figos-flores aparecem na Palestina em fins de fevereiro, mas só amadurecem no final de julho. Ora, o próprio evangelista Marcos sabia que não era época de figo. Por que Jesus, então, foi até à figueira para ver se encontrava algo para comer? É claro que Ele, Governador da Terra, também sabia não ser a época de flores-inclusas, logo, por que condenou a figueira?

Em todo o Evangelho corre sempre, pelas entrelinhas, um maná espiritual e, nessa passagem, a figueira simboliza o Ser racional, possuidor de livre-arbítrio. O Espírito, representado nessa ocorrência evangélica, não produzia nada que alimentasse o próximo, como:

- 1º) O oferecimento do conhecimento divino;
- 2º) O sorriso do contentamento;
- 3º) A palavra de consolo;
- 4º) O gesto compreensivo;
- 5º) A atitude de serviço;
- 6º) A caridade material;
- 7º) A prece sublime.

Quando o evangelista Marcos ressalva, nesta parábola, não haver chegado ainda à época de figos, ele se referia à árvore material. Jesus, não se prendendo às coisas concretas, condena, no exemplo, o homem que só produz as folhas externas da aparência, sem criar as flores internas, que alimentam o Espírito. A essência da mensagem é: o homem deve saber que em qualquer época, adversa ou não, deve ele produzir para o bem, sem a ostentação da:

“Ciência que incha (folhas), mas que não tem o amor que satisfaz (flor)” – Paulo de Tarso, I Co. 8: 1.

Bem, aqui cabe outra pergunta: Como a Vida age para conseguir que o homem, que só produz folhas externas, crie figos, ou floração interna - as qualidades morais e espirituais?

Foi o próprio Jesus quem nos mostrou o método, nesta alegoria:

“Alguém tinha uma FIGUEIRA, plantada em sua vinha, e veio procurando figo nela e não achou. Disse, então, ao viticultor: há três anos venho procurando figo nesta figueira e não acho; corta-a, pois para que deixar inativa a terra? Respondendo, disse-lhe ele: Senhor, deixa-a ainda este ano, até que eu CORTE EM TORNO DELA e ponha adubo, e certamente dará algo no futuro, mas se não cortá-la-ás” (Lc. 13:6-9).

Eis o método para fazer o Espírito egoísta e vaidoso produzir florações espirituais. Primeiramente, se deve cortar em volta, isto é, derribar o Ser do pedestal da vaidade política, da segurança exclusiva no universo econômico, da fortaleza corporal física - que é sempre passageira -, dos liames emocionais dominadores.

Depois, se deve colocar em torno dele o adubo, que é a condição de pessoa vulgar desconhecida, de pobreza, de enfermidade, de falta de correspondência amorosa. Se apesar dessas aflições o Ser continuar mais um ano (uma reencarnação) sem produzir as flores interiores, que alimentam as almas, através da caridade, então, para que deixar a terra inativa? Em outra terminologia, para que deixar esse Espírito no planeta, sem produzir para o bem: cortai-o e lançai-o nas trevas exteriores, ou melhor, lance-o em outro mundo, primitivo, a fim de que, a dor e o tempo, despertem-no para o amor fraternal. É a separação do joio do trigo.

Voltemos ao texto de Moisés.

Adam, por causa da desobediência à Lei Imutável de Deus, estava imbuído do egoísmo e, só produzia as folhas externas de uma ciência que incha - árvore do conhecimento do bem e do mal -, em vez de cumprir a vontade dos Eloim, que se baseia no altruísmo das flores internas do amor que satisfaz - Árvore da Vida.

Adam encontrava-se coberto das folhas de figueira, vestimenta que se constituía para ele em verdadeira cintura, que o prendia ao mundo de ilusão, que criara para si mesmo.

4.3. O ESTADO DE CONFUSÃO GERADO PELA DESOBE- DIÊNCIA

“Mais tarde ouviram a voz de YHWH Eloim, o Ser Eterno e Altíssimo, PENETRANDO no Jardim, à BRISA DA TARDE. E Adam escondeu-se da presença de YHWH Eloim, com ‘ishshã, DENTRO da árvore no centro do Jardim. Mas

YHWH Eloim chamou o Adam e disse-lhe: “Onde estás?” Ele respondeu: “a tua voz ouvi penetrando no Jardim, e tive MÊDO, porque ESTOU NÚ; e ESCONDI-ME”. Redarguiu YHWH Eloim: “Quem te informou que estavas nu, a não ser o uso da árvore de que te ordenei não comer dela”; e Adam prosseguiu dizendo: “A ‘ishshâ que me deste como complemento para estar comigo, deu-me do fruto da árvore comi”. Então se dirigiu YHWH Eloim a ‘ishshâ, dizendo: “Que é isto que fizeste?” E ‘ishshâ respondeu: “A nãhãs me ENLOUQUECEU e eu comi”.” (Gn. 3: 8-13)

Esta passagem bíblica, que faz Deus visitar Adam no Éden, para Kardec é:

“Uma imagem ingênua e um tanto pueril, que a crítica não deixou de assinalar... Deve-se, portanto, considerar essa passagem como uma ALEGORIA, figurando a Divindade a vigiar em pessoa os objetos de sua criação” (“A Gênese”, Cap. XII, item 18, págs. 252-253).

Este símbolo só em espírito verdadeiro é entendido. Se Deus é Onipresente, como colocá-Lo a visitar algum lugar? Se Ele já se encontra nele, é ele, e transcendente a ele, como entender? Adiante, por que à brisa da tarde?

Essa imagem ingênua desaparece com a apresentação da tradução real do texto. No original hebraico, como já vimos, não se fala nesse capítulo da Divindade Onipresente, e sim de YHWH Eloim, o Espírito Puro e Governador do planeta Terra, desde sua origem, e de sua Comunidade Angélica. Agora, tudo fica entendido. Um Espírito, mesmo altamente evoluído, como Jesus, não é pleni-presente e, pode, quando bem entender, visitar seja quem for e aonde for.

Fizemos outra pergunta que ainda não foi respondida: Por que YHWH visitou Adam à tardinha?

O texto original não fala que YHWH ao assistir Adam, na colônia-Éden, fez-se visível e tangível. O que se encontra escrito, realmente, é que Adam ouviu a voz de YHWH PENETRANDO no Jardim à brisa da tarde.

Mais uma pergunta surge: o que é a voz de YHWH?

Voz é o som, a VIBRAÇÃO, palavra que em latim é VERBUM e, em grego, se escreve LÓGOS. Assim, a visita de YHWH foi através do fenômeno inspirativo. Em outras palavras, Adam percebeu a vibração do Senhor PENETRANDO em todo o ambiente externo (jardim) e interno (‘ish – Eu Superior).

Não podemos deixar de anotar que o verbo PENETRAR se encontra no gerúndio, para dar ideia de continuidade, ou segun-

do o texto, APROXIMAÇÃO ESPIRITUAL GRADATIVA, iniciada com a brisa da tarde ou à tardinha.

Esta afirmação de Moisés, de que o fenômeno inspirativo se iniciou à tardinha, é significativa. Pietro Ubaldi comenta:

“O ritmo da vida é duplo e inverso, diurno e noturno, material e espiritual... As PRIMEIRAS HORAS DA NOITE trazem consigo os últimos e mais profundos ecos das horas do DIA, ressentindo-se de sua proximidade, retardando-se, enquanto, à MEIA NOITE, o ritmo se inverte até a MANHÃ, cuja espiritualidade, por sua vez, se retarda nas primeiras horas do dia. Tal ritmo acha-se deslocado, em relação ao ritmo da luz. As PRIMEIRAS HORAS DA TARDE parecem carregar o peso de toda a escória da vida física diurna, dos encontros e asperezas da luta material... na SEGUNDA METADE DA NOITE é que, superada a sua fase negativa, se inicia a fase positiva do fenômeno. Entramos no período de reconstrução da frequência de onda, de potencial, em seu período espiritual. Esgota-se a vida material, cala-se revivendo no imponderável... As condições ambientais que lhe são relativas e harmônicas acentuam-se pela AURORA, depois do que tendem novamente a inverte-se na fase diurna” (“A Nova Civilização do Terceiro Milênio”, Cap. XXX, págs. 418-419).

Então temos:

| A) MUNDO DIURNO | B) MUNDO NOTURNO |
|----------------------|----------------------|
| Expansão exterior; | Expansão interior; |
| Sintonização solar; | Sintonização lunar; |
| Vermelho; | Violeta; |
| Sensual; | Vida sutil; |
| Sensório; | Espiritual; |
| Material; | Imaterial; |
| Animal; | Penetrante; |
| Ondas curtas; | Ondas longas; |
| Alta frequência; | Baixa frequência; |
| É do involuído; | É do evoluído; |
| É forte na carne; | É forte no Espírito; |
| É débil no espírito; | Vigoroso; |
| Negativo. | Positivo. |

Por isso, diz a Escritura que a vibração espiritual de YHWH começou a penetrar, à tardinha, no jardim do Éden. É precisamente neste horário que o peso do dia vai desvanecendo-se, a expansão exterior vai dando lugar à introspecção, as ondas rápidas, materiais, de alta frequência, vão se diluindo no imponderável meio noturno, das ondas longas, espirituais, de baixa frequência⁹¹. Ou, se quisermos: a força da carne vai anulando-se para surgir a potência penetrante e vigorosa do Espírito. É a aproximação da hora divina e doce do Ângelus. Momento este tão cultuado na colônia Nosso Lar⁹², no hospital espiritual Maria de Nazaré⁹³, por toda a cristandade e, mais, hora sagrada para os religiosos do Oriente milenar.

Com a aproximação de YHWH Eloim surge no Espírito infrator da Lei divina, a VERGONHA. Este estado psicológico, para Allan Kardec:

“Simboliza a CONFUSÃO que todo culpado experimenta em presença de quem foi por ele ofendido” (“A Gênese”, Cap. XII, item, 19, pág, 253).

Segue:

- A) ESCONDE-SE da presença espiritual de YHWH.
- B) ENCLAUSURA-SE DENTRO DA ÁRVORE, repleta das folhas da vaidade, egoísmo e o orgulho.
- C) Manifesta o MEDO: fruto da falta de confiança em si mesmo e em Deus.
- D) ENCONTRA-SE NU interiormente, sem as flores (figos) das realizações espirituais, apesar de coberto pelas folhas externas da ciência que incha.
- E) Diz-se LOUCO, visando arrumar uma desculpa para não sofrer o castigo que fez por merecer.

91 E assim explicado porque há mais fenômenos paranormais à noite e, também, um maior número de desencarnações.

92 “É chegado o CREPÚSCULO em Nosso Lar. Em todos os núcleos desta colônia de trabalho, consagrada ao Cristo, há ligação direta com as PRECES da governadoria... Todas as residências e instalações de Nosso Lar estão orando com o governador através de audição e visão à distância” (“Nosso Lar”, Cap. III, págs. 28-29).

93 “Certo dia ao ENTARDECER – ia dizendo o enclausurado do Isolamento (Jerônimo) – encontrava-me quase absolutamente só ... Aproximava-se o doce, emocionante MOMENTO DO ANGELUS. A unção religiosa – consolo e esperança dos desafortunados irremediáveis – SUTILMENTE INFILTROU-SE pelos escaninhos de meu ser, reportando o pensamento ao seio maternal de Maria, Mãe boníssima dos pecadores e aflitos... Não ignorais que O MOMENTO DA SAUDAÇÃO À MARIA é fielmente respeitado pelos legionários, homenageado com sinceras demonstrações de gratidão nesta colônia...” (“Memória de Um Suicida”, Yvonne A. Pereira, 2a. Parte, Cap.IV, pág. 283).

F) CULPA A ESPIRITUALIDADE SUPERIOR e, também, seu próprio ORGANISMO DE MANIFESTAÇÃO: “A ‘ISHSHĀ (culpa o organismo), que me DESTA (culpa a Divindade), como complemento para estar comigo, deu-me do fruto da árvore e comi” (Gn. 3:12)

G) CULPA UM ILUSÓRIO MAL EXTERNO que realmente só atinge a quem traz a marca interior da maldade: A nãhās me enlouqueceu e eu comi (Gn. 3:13)

4.4. PLANEJAMENTO REENCARNATÓRIO

“Disse então YHWH Eloim a nãhās: “porque fizeste isto, maldita és tu, mais que todo o quadrúpede e mais que todo o animal do campo; caminharás de rastro sobre o teu VENTRE e comerás pó todos os dias de tua existência. E porei uma inimizade profunda entre ti e ‘ishshā, entre a tua PRODUÇÃO e a DESCENDÊNCIA dela. O descendente dela te esmagará a CABEÇA e tu lhe ARMARÁS CILADAS NO CALCANHAR”.E dirigindo-se a ‘ishshā disse: “multiplicarei os teus trabalhos.Com dor darás existência a teus filhos; a sua paixão se dirigirá a ‘ish e ele dominará em ti”.E a Adam disse: “porque deste ouvido à voz de ‘ishshā e foste comer da árvore de que te ordenei, dizendo:”Não debes comer dela”, maldita seja a terra por tua causa: com trabalho penoso comerás dos produtos dela todos os dias de tua existência. Espinhos e abrolhos produzirá para ti e terás de comer a erva do campo. Com o suor do teu rosto comerás pão até que retornes à terra, pois dela foste tirado. Tu és uma EMANAÇÃO do pó e a ele debes voltar” (Gn. 3:14-19).

O Espírito rebelde que asilou a astúcia em seu interior caiu numa enfermidade psíquica que o fez revoltar-se contra Deus, contra o seu corpo perispiritico e, mais, manifestou a vergonha, o medo, a nudez espiritual, o que mostra ter se tornado louco.

Esta doença mental, de sérias consequências fisiológicas, não pode ser eterna. Nenhum Espírito poderá perder-se perpetuamente dentro da perfeição matemática da Criação divina.

É impossível o mal ser eterno. Por quê? Se Deus não salvasse um Espírito desobediente, simplesmente porque não quer, deixaria de se Deus, pois lhe faltaria o atributo indispensável da Infinita Misericórdia; mas se, por outro lado, Ele quisesse salvar e não tivesse meios para tal, também deixaria de ser o Supremo, por faltar-lhe a Onipotência.

Mas, nada disso ocorreu com Adam. Deus, na sua Onisciência, apresenta um plano salvador para o reequilíbrio do Espírito doente. Plano proporcional e específico para o mal: A REEN-

CARNAÇÃO EXPIATÓRIA⁹⁴ EM MUNDOS-EXÍLIO⁹⁵.

Roustaing fala dessas primeiras encarnações do Espírito infrator nos mundos primitivos da seguinte maneira:

“São corpos rudimentares. O homem aporta a essas terras no estado de esboço, como tudo que se forma nas terras primitivas. O macho e a fêmea não são nem desenvolvidos, nem fortes, nem inteligentes. Mal se arrastando nos seus grosseiros invólucros, vivem, como os animais, do que encontram no solo e lhes convenha... A providência do Senhor vela pela conservação de todos. Seus únicos instintos são os da alimentação e os da reprodução. As gerações se sucedem desenvolvendo-se. As formas se vão alongando e tornando aptas a prover as necessidades que se multiplicam... O Espírito vai habitar corpos formados de substâncias contidas nas matérias constitutivas do planeta. Esses corpos não são aparelhados como os vossos, porém os elementos que os compõe, se acham por maneira que o Espírito os possa usar e aperfeiçoar. Não poderíamos compará-los melhor do que a criptógamos carnosos. Podeis formar ideia da criação humana, estudando essas larvas informes que vegetam em certas plantas, particularmente nos lírios. São massas quase inertes, de matérias moles e pouco agregadas, que rastejam ou antes deslizam, tendo os membros, por assim dizer, em estado latente... Eis, oh! Homem, a tua origem, o teu ponto de partida, quando o ORGULHO, a INVEJA, o ATEÍSMO, surgindo mesmo no centro da luz, a indocilidade e a revolta te fizeram falir em condições que exigem a primitiva encarnação humana... Cabe aqui dar aos homens uma instrução séria, a fim de que não sejam levados a ver nessas encarnações primitivas, ou nas suas causas, uma feroz vingança da Divindade. Deus não se vinga. Que necessidade teria de vingar-se? Apenas, a sua sábia providência coloca o Espírito orgulhoso, que se considera a força do Universo, em condição de reconhecer a sua fraqueza... Tais encarnações, por mais horríveis que possam parecer, são um benefício imenso, feito ao Espírito. Tendo falido, convém que ele se submeta ao jugo da matéria da qual se acreditava senhor, a fim de bem compreender a sua importância e de adquirir, pelo exercício e pelo combate, a força, a destreza e, sobretudo a experiência que lhe faltava. Ora, aquilo

94 “A reencarnação é uma espécie de morte, ou antes, de exílio, de clausura” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 340).

95 “A Terra, consequentemente oferece um dos tipos de mundos expiatórios, cuja variedade é infinita, mas revelando todos, como caráter comum, o de serem de LUGAR DE EXÍLIO PARA ESPÍRITOS REBELDES À LEI DE DEUS” (“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. III, item 15, pág. 83).

que pune o Espírito é também o que o regenera⁹⁶. Sem essa terrível provação, ele ficaria vicioso e seu poder se fosse mantido, se tornaria nocivo à harmonia universal, o que é impossível... O homem, nessas condições, não é um atrasado, mas um retardatário. Sabeis que o que há, em tais casos, é uma retrogradação física. Nele a inteligência tem que despertar, ao passo que nos animais tem que se desenvolver” (QE, Tomo I, págs. 312-316).

A reencarnação é o remédio para o Espírito enfermo. Mas quem a planeja? É o Ser espiritual, que irá encarnar, ou Deus?

“O Livro dos Espíritos” afirma que é o próprio Espírito quem escolhe o gênero de provas⁹⁷ porque há de passar e nisso consiste o seu livre-arbítrio (Q. 258), mas nada ocorre sem a permissão de Deus, porquanto foi Deus quem estabeleceu todas as leis que regem o Universo (“O Livro dos Espíritos”, Q.258 a).

Se o Espírito é quem escolhe o gênero das provas que precisa passar para se depurar, como, no texto bíblico, Moisés mostra Deus a escolhê-las? Não há contradição nenhuma. Somente o Espírito senhor de proceder à escolha (“O Livro dos Espíritos”, Q.262), é quem planeja a sua nova existência. Quando lhe falta o conhecimento de causa (“O Livro dos Espíritos”, Q.337), Deus lhe supre a inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir (Q. 262).

Passemos agora a analisar qual foi esse planejamento reencarnatório, feito por YHWH Eloim para Adam:

Em PRIMEIRO lugar, vem à necessidade de combater, até a exterminação, o mal (nãhãs), que reside no Espírito rebelde. É ele, o mal, que motivando a reencarnação, fará esta mesma combatê-lo, por isso foi ele amaldiçoado pela Comunidade dos Seres Angélicos (Eloim) que trabalha com o objetivo de reeducar o Espírito, afastado do caminho reto e feliz da obediência aos princípios divinos.

Por outro lado, não vemos ser amaldiçoado o corpo perispiritual, chamado por Moisés de ‘ishshã, nem também, como é óbvio, o Espírito (Adam), o que faz concordar totalmente com o velho provérbio, que diz ser necessário o ataque mortífero ao PECADO, não ao PECADOR. O pecador deve ser transformado por

96 E assim que Deus, em sua bondade, faz que o próprio castigo redunde em proveito do progresso do Espírito... ‘há as (almas) que sucumbem (desobedecem), e Deus, que não as quer aniquiladas, lhes permite irem para esses mundos (primitivos e de expiação) onde, de encarnação em encarnação, elas se depuram, regeneram e voltam dignas da glória que lhes fora destinada (“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. III, item 16, págs. 83-84).

97 “Escolhe (o Espírito) apenas o gênero das provações. As particularidades ocorrem por conta da posição em que vos acheis; são muitas vezes consequências das vossas próprias ações” (Q. 259).

um planejamento superior, que fará uso, para isso, do método preciso: seja a dor, a expiação moral ou o exílio, mas que beneficiará o infrator espiritual, encaminhando-o à perfeição celeste.

Vejamos esse PLANEJAMENTO REENCARNATÓRIO no texto:

A) NÃHÃS – A ASTÚCIA

a) Maldição:

É inevitável ser a nãhãs combatida heroicamente pelo Espírito, até a sua total anulação.

A Bhagavad Gita - canção espiritual do povo hindu - fala de uma guerra justa que o Espírito deve combater, visando à morte do homem velho⁹⁸. Esta negatividade do Espírito, que deve ser crucificada, é o ego descontrolado que gera a invigilância dos sentidos, o apego, o prazer efêmero, a inquietação, o ódio⁹⁹. Todos esses males degeneram o Espírito e mancham o perispírito, que somente se purificam após muitas encarnações ou DEPURAÇÕES SUCESSIVAS (“O Livro dos Espíritos”, Q.196), como continua ensinando Allan Kardec:

“A Alma só chega à pureza absoluta depois de MÚLTIPLAS DESTILAÇÕES, em cada uma das quais SE DESPOJA DE ALGUMAS IMPUREZAS. O corpo é o ALAMBIQUE em que a alma tem que entrar para se purificar. O PERISPÍRITO também se DEPURA, à medida que o Espírito se aproxima da perfeição (“O Livro dos Espíritos”, 196 a).

b) Caminharás de rastro sobre o teu ventre:

O melhor método para acabar com a preponderância do mal é não permitir sua escalada rumo a qualquer poder, seja ele político, econômico, religioso, profissional, etc.

O ventre é o órgão da formação biológica e, simbolicamente, representa, neste texto, o órgão plasmador de qualquer ideia astuta, que visa, egoisticamente, o interesse próprio. Daí o castigo: andar de rastro sobre o ventre, ou em outras palavras, não deixar os pensamentos negativistas crescerem.

98 Paulo de Tarso escreve que o cristão deve já estar despido do homem velho (Cl. 3:9); mas, se ainda vive em nós esse eu inferior, que profana o divino, devemos crucificá-lo, para que o corpo do pecado possa ser desfeito, a fim de não servirmos mais ao pecado (Rm. 6:6).

99 Ver “Bhagavad Gita”, Tradução. Huberto Rohden, II: 31, 66, 62, 64.

c) Comerás pó todos os dias de tua existência:

O mal se alimenta sempre, segundo sua maneira de agir, de mesquinhas. Deseja sempre o prejuízo moral e físico do próximo e, para isso, busca artificios, os mais baixos e miseráveis (pó), para arruiná-lo: a mentira, a maledicência, o sexo transviado, o tóxico, o crime, o alcoolismo, etc. Quanto mais atrasado é o Espírito, mais repugnante é a sua ambiência psicofísica.

Certa vez, diz o Evangelho, vários Espíritos obsedavam um homem no cemitério, junto a despojos. Mal sentiram a presença de Jesus, que se aproximava para doutriná-los e curar o obsedado, eles se indignaram e, o líder deles, falando por todos, disse ao Mestre: Que tenho eu contigo, Jesus, filho do Deus Altíssimo? Eu te peço não me atormentes. E ao ver que seriam realmente afastados daquele homem, que vivia perambulando pelo cemitério, suplicaram a Jesus lhes fosse permitido entrarem numa manada, de um número considerável de porcos, que pastava num monte próximo (Lc. 8:26-39).

Como vemos, o mal está sempre se comprazendo em coisas imundas, ou , segundo Moisés, comendo o pó da terra.

d) E porei uma inimizade profunda entre ti e 'ishshā, entre a tua produção e a descendência dela:

Primeiramente vamos dissecar esta frase segundo a tradução do texto hebraico:

- . Porei ou ponho – ‘asît.
- . Hostilidade: inimizade profunda – ‘êbâ.
- . Entre ti (nâhâs) e a 'ishshâ - bēneka ûbên há 'ishshâ.
- . Entre a sua semente (produção) e a dela – ûbeb zar 'aka ûbên zar'âh.

Há uma incompatibilidade entre mal e a saúde do corpo perispiritual. Diz Emmanuel¹⁰⁰ que os nossos impulsos, emoções e paixões se expressam fielmente no organismo espiritual. Aí a hostilidade. Quanto mais negativo for um Espírito, mais denso, enodado, será o seu perispírito. Podemos dizer ser o mal inversamente proporcional à rarefação ou purificação do corpo astral.

100 “Roteiro”, Cap. 6, pág.. 33.

FORMULA DA HOSTILIDADE NĀHAS-‘ISHSHĀ

$$\text{MAL} = \alpha \frac{1}{\text{PUREZA PERISPIRITUAL}}$$

A fórmula explica e os fenômenos de zoantropia espiritual confirmam. Quantos Espíritos que só pensam em vingança, se manifestam perispiritualmente como lobos; outros, que só agem ferozmente, se apresentam como tigres; ainda há os astutos, que se mostram na configuração de cobras; também existem os que num monoideísmo negativo ferrenho esquecem seu próprio organismo perispiritual, perdendo, assim, até a sua forma humana e, com isso, geram um organismo caótico, conhecido pelo nome de OVÓIDE¹⁰¹.

E) O descendente dela te esmagará na cabeça e tu lhe armarás ciladas no calcanhar:

O descendente de ‘ishshā é o Ser já depurado através das múltiplas reencarnações. É o homem pleno, o Espírito senhor de si, que conquistou a perfeição, evitando o mal e praticando o bem (“O Livro dos Espíritos”, Q.196), deixando em cada existência algumas impurezas (“O Livro dos Espíritos”, Q. 306 b). O Espírito evoluído vive no mundo sem se misturar com sua imundície. É tentado, nisso não há menor dúvida, mas sempre sai vitorioso. O mal não consegue derribá-lo e, quando lhe armam alguma cilada, a sua afetação é insignificante (no calcanhar) e, mais, ele sempre a destrói; pisando decididamente em sua “cabeça”: estratégia de domínio negativo.

Vamos dar um exemplo evangélico:

“E procuravam os escribas e principais sacerdotes por as mãos sobre Ele (Jesus)... E observando, enviaram (pessoas) desleais, que FINGIRAM SER JUSTOS, para EMBA-RAÇÁ-LO (tentação) em doutrina dele, de forma que pudessem entregá-lo ao governo e ao poder do procurador. E interrogaram-no, dizendo: “Mestre, sabemos que falas certo e ensinas, e não observas o rosto, mas ensinas em verdade o caminho de Deus: é-nos licito dar o tributo a César, ou não?” Subentendendo porém, a ASTÚCIA deles,

101 Ver “Libertação”, André Luiz, Cap. XI, pág. 138. Em outro ponto o mesmo Espírito esclarece: “... o espírito não retrocede em hipótese alguma; todavia, AS FORMAS DE MANIFESTAÇÃO podem sofrer degenerescência” (“No Mundo Maior”, Cap. VII, pág. 99).

disse-lhes: “Mostrai-me um denário. De quem tem a imagem e a inscrição?” Eles disseram – “De César”. Ele lhes disse: “Então devolvi o de César a César, e o de Deus a Deus”. E não puderam apanhar na palavra dele diante do povo (tentação insignificante – cilada no calcanhar); e admirados pela resposta dele, CALARAM-SE (vitória do bem – esmagou a cabeça do mal)” – Lc. 20:19-26.

B) 'ISHSHĀ - O CORPO PERISPIRITUAL

a) Multiplicarei os teus trabalhos:

O corpo mental, agora, depois do pecado de Adam, embruteceu-se. Em linguagem científica podemos dizer: congelou-se. Já não estamos mais diante de um corpo rarefeito.

A multiplicação de seus trabalhos é decorrente de dois fatores: PRIMEIRAMENTE, a reencarnação com suas exigências, em plasmar e manter um corpo. SEGUNDO, a sua própria depuração, que ocorre através das encarnações sucessivas, sempre muito numerosas (“O Livro dos Espíritos”, Q.169). Enumeremos alguns desses novos trabalhos do corpo espiritual, segundo Emmanuel¹⁰²:

1º) É o assimilador das forças protoplásmicas.

2º) É o mantenedor da aglutinação molecular, que organiza as configurações típicas de cada espécie.

3º) É a sede das faculdades:

- dos sentimentos;
- da inteligência;
- da memória.

4º) Constrói a fonte da misteriosa força plástica da vida, a qual opera a oxidação orgânica.

B) Com dor darás existência a teus filhos:

Os filhos ou o produto do perispírito são os corpos físicos nas várias encarnações sucessivas.

A encarnação é um processo muito doloroso para o reen carnante. Diz “O Livro dos Espíritos” que no momento de encarnar, o Espírito sofre uma perturbação muito maior e, sobretudo, mais longa que a da morte, isso porque, pela morte, o Espírito sai da escravidão; pelo nascimento, entra para ela (“O Livro dos Espíritos”, Q.339). Quando tem o Ser consciência de que vai reencarnar, dele se apodera a perturbação, que se prolonga até que a nova existência se ache positivamente encetada. À aproxi-

102 “Emmanuel”, Cap. XXIV, págs.. 127 e 130.

mação do momento de reencarnar, sente uma espécie de agonia (“O Livro dos Espíritos”, Q.340). Imensa é a sua ansiedade (“O Livro dos Espíritos”, Q.341).

Outro grande sofrimento é a redução do corpo espiritual no refúgio uterino. Esta operação é feita com a colaboração de mentores especializados do Mundo Maior, através de esforço complexo e prolongado de influência magnética.

Não podemos também deixar de citar outro mal-estar que o reencarnante sente: o entorpecimento das recordações do passado, além do apagar da consciência, que só torna a desenvolver-se depois do nascimento e, gradualmente com os órgãos (“O Livro dos Espíritos”, Q.352).

Podemos resumir toda esta dor-sofrimento da seguinte maneira:

“A partir do instante da concepção, começa o Espírito a ser tomado de perturbação, que o adverte de que lhe soou o momento de começar nova existência corpórea. Essa perturbação cresce de contínuo até ao nascimento. Nesse intervalo, seu estado é QUASE idêntico ao de um Espírito encarnado durante o sono. À medida que a hora do nascimento se aproxima, suas ideias se apagam, assim como a lembrança do passado, do qual deixa de ter consciência na condição de homem, logo que entra na vida” (“O Livro dos Espíritos”, Q.351).

c) A tua paixão se dirigirá a ʼISH (o Eu espiritual profundo):

A palavra chave desta frase é paixão, em hebraico tesûgâ. A melhor tradução seria anseio, segundo as modernas contribuições da psicologia.

Ensina Allan Kardec que se o Espírito não tivesse PERISPÍRITO, seria inacessível a toda e qualquer sensação dolorosa (“O Livro dos Espíritos”, Q. 257), pois é, por este organismo, que se transmite a sensação desagradável ao Espírito. Logo, o ANSEIO de ʼishshâ ou corpo espiritual, é desejar sempre saúde. Quanto mais depurado for o perispírito menos dor leva para o Espírito (ʼish).

d) Ele (ʼISH) dominará em ti (ʼISHSHĀ):

Já observamos que se não tivesse perispírito o Espírito nada sentiria, do mesmo modo podemos continuar afirmando com Kardec:

“Que, se pudesse existir perispírito sem Espírito, aquele nada sentiria exatamente como um corpo que morreu...”

pois que no Espírito é que está a consciência” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 257).

Ora, se está em ‘ish a sede da razão, é verdade, então, que ele dominará sobre o corpo espiritual, segundo as suas tendências, fruto de seu nível espiritual. Assim, quanto mais atrasado for o Espírito mais endurecido será seu órgão de manifestação espiritual e vice-versa. Logo, é sempre o Eu Espiritual quem domina o perispírito, segundo sua capacidade evolutiva.

C) ADAM – O Espírito Imortal

a) Maldita seja a terra por tua causa:

Maldita é uma palavra forte, mas que retrata bem os mundos primitivos e os de exílio.

Apesar de estes mundos servirem de soerguimento aos Espíritos desviados - que neles lutam contra a perversidade dos homens e a inclemência da natureza, duplo e árduo trabalho que simultaneamente desenvolvem as qualidades do coração e as da inteligência¹⁰³ - somente, existem eles, porque houve, há e haverá sempre seres rebeldes, por isso, são chamados de malditos.

Roustaing fala da origem desses planetas miseráveis, por causa da desobediência espiritual, da seguinte maneira:

“A presciência de Deus lhe faculta saber, desde e por toda a eternidade, pois que o presente, o passado e o futuro lhe estão patentes a todos os instantes, que nada faltou, nem faltará à vida e à harmonia universais, que houve, há e haverá sempre Espíritos culposos para alimentar as terras primitivas, o vosso e os outros mundos que ele criou e criará, destinados a servirem de habitação aos Espíritos que faliram, estão falindo e hão de falir, os quais todos tiveram, têm e terão que expiar e progredir nesses mundos e que trabalhar pela melhoria material deles” (QE, Tomo I, pág. 319).

Por outro lado constatamos, tristemente, ser o homem da Terra, um dos muitos planetas-exílio, muito mais maldito que a própria inclemência da natureza. Da barbárie do arco-flecha e da lança à tecnologia assassina da bomba atômica, é o mesmo homo homini lupus, como escreveu Augusto dos Anjos¹⁰⁴:

103 “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. III, item 15, pág. 83.

104 “Parnaso de Além-Túmulo”, pág. 142.

HOMEM DA TERRA

Na sombra abjeta e espessa das estradas,
Vive o homem da Terra adormecido,
No horrendo pesadelo de um vencido
Entre milhões de células cansadas.

Prantos sinistros! Loucas gargalhadas,
Pavorosos esgares de gemidos,
E lá vai o fantasma embrutecido
Pelas sombras de lóbregas jornadas.

Homem da Terra! Trágico segredo
De Miséria, de Horror, de ânsia e de Medo,
Feito à noite de enigma profundo! ...

Anjo da sombra, mísero e perverso,
És o sentenciado do Universo
Na grade organogênica do mundo.

b) Com trabalho penoso comerás dos produtos dela (terra) todos os dias de tua existência:

A raça que Adam personifica vivia num mundo mais elevado, ensina Moisés, e corrobora Allan Kardec:

“Em um mundo mais adiantado e menos material do que o nosso, onde o trabalho do Espírito substituía o do corpo; que, por se haverem rebelado contra a Lei de Deus, figurada na desobediência, tenham sido afastados de lá e exilados, por punição, para a Terra, onde o homem, pela natureza do globo, é constrangido a um trabalho corporal” (“A Gênese”, Cap. XII, item 23, págs. 255-256).

Com essa explicação tudo se esclarece com relação à frase de Moisés. Kardec continua instruindo:

“Por ser uma consequência da sua natureza corpórea. É EXPIAÇÃO e, ao MESMO TEMPO, meio de aperfeiçoamento da sua inteligência” (“O Livro dos Espíritos”, Q.676).

Todo trabalho dignifica o Espírito imortal, mas a sua condição de EXPIAÇÃO, que Moisés chama de trabalho penoso, só é necessária para os que vivem em corpos densos, os filhos da queda espiritual.

Mais uma vez vamos recorrer a Augusto dos Anjos, que num poema bellissimo, mostra o TRABALHO PENOSO do homem, para encontrar-se como Vida que pulsa eternamente:

ESPÍRITO¹⁰⁵

Busca a Ciência o Ser pelos ossuários,
No órgão morto, impassível, atro e mudo;
No labor anatômico, no estudo
Do germe, em seus impulsos embrionários;

Mas só encontra os vermes-funcionários
No seu trabalho infame, horrendo e rudo,
De consumir as podridões de tudo,
Nos seus medonhos ágapes mortuários.

No meio triste de cadaverinas
Acha-se apenas ruína sobre ruínas
Como o bolor e o mofo sob as heras;

A alma que é Vibração, Vida e Essência,
Está nas luzes da sobrevivência,
No transcendentalismo das esferas.

Concluindo, buscamos em Alberto Einstein a confirmação de tudo isso:

“Penso noventa e nove vezes (trabalho penoso), paro de pensar uma vez e me vem a resposta”.

c) E para ti (a terra) produzirá espinhos e abrolhos e terá de comer a erva do campo:

Esta erva (‘eseb) indica o vegetal que dá semente (Gn. 1:12 e 29 e 2:5), isto é, os cereais e os legumes, que são uns dos alimentos adequados para o homem. O sentido é, portanto, o seguinte: a terra assim amaldiçoada só produzirá espontaneamente espinhos e abrolhos, ao passo que deverás alimentar-te de cereais e legumes.

Efetivamente não se conhece lugar algum onde os cereais cresçam espontaneamente. Por outro lado, os espinhos e abrolhos estão em toda parte, onde não há o cultivo e o interesse humano - trabalho penoso -, isto porque, segundo Paulo de Tarso:

“A natureza foi sujeita a corrupção, não por vontade própria, mas por aquele que a sujeitou. Mas a natureza tem esperança de ser libertada do corruptível. Com efeito, sabemos que toda natureza geme e sofre dores de parto até

105 “Parnaso de Além-Túmulo”, pág. 140.

o presente. E não somente ela, como também nós que posuímos as primícias do espírito gememos em nosso interior, ansiando pela nossa divinização, e redenção do nosso corpo” (Rm. 8:20-3).

d) Com suor do teu rosto comerás pão até que retornes a terra, pois dela foste tirado:

A expressão retorne a terra neste contexto, refere-se à desencarnação.

A frase, com suor do teu rosto comerás pão, significa, o tal trabalho penoso. Ora, este labor-expição é consequência da própria natureza corpórea do encarnado - como citamos acima no ensino de “O Livro dos Espíritos”, Q. 676.

Então temos: o Ser encarnado trabalhará penosamente, por todos os dias de sua existência, até que seu corpo físico retorne a terra e, o Espírito, liberto do cárcere orgânico, volte ao Plano que lhe é normal: a esfera espiritual, como ainda ensina Allan Kardec:

“O Espírito se acha no seu estado normal, quando liberto da matéria” (“O Livro dos Espíritos”, Q.225).

A desencarnação é, então, um fenômeno natural resultante do esgotamento da reserva do fluido vital:

“Os corpos orgânicos são, assim, uma espécie de pilhas ou aparelhos elétricos, nos quais a atividade do FLUIDO determina o fenômeno da vida. A cessação dessa atividade causa a morte” (“O Livro dos Espíritos”, Q.70).

Mas, por que a evasão do princípio vital causa o esgotamento dos órgãos (“O Livro dos Espíritos”, Q. 68), que gera a morte? Eis o mau que ainda não sabemos deter como escreveu Paulo, o Apóstolo das Gentes:

Desgraçado homem que sou! quem me livrará do corpo da morte? O salário do pecado é a morte (Rm. 7:24 e 6:23).

Observemos como o poeta Augusto dos Anjos¹⁰⁶ encara a morte:

106 “Parnaso de Além-Túmulo”, pág. 141.

VIDA E MORTE

A morte é como um fato resultante
Das ações de um fenômeno vulgar,
Desorganização molecular,
Fim das forças do plasma agonizante.

Mas a vida a si mesma se garante
Na sua eternidade singular,
E em sua transcendência vai buscar
A luz do espaço, fúlgida e distante!

Vida e Morte – fenômenos divinos,
Na ascendência de todos os destinos,
Do portentoso amor de Deus oriundos...

Vida e Morte – Presente eterno da Ânsia,
Ou condição diversa da substância,
Que manifesta o espírito nos mundos.

Santo Anselmo (1033 -1109), bispo de Cantuária, comentou, com propriedade, sobre este estado de miséria que o Ser gerou para si mesmo:

“Oh! quão miserável é a sorte do homem que perdeu aquilo por que foi feito! E que encontrou? Que teve em troca? Que lhe ficou? Perdeu a felicidade para a qual foi criado e encontrou a miséria para a qual certamente não foi feito. Afastou-se daquele sem o qual não há felicidade e ficou com aquilo que é, por si, misero e caduco. Antes o homem alimentava-se com o pão dos anjos, faminto, come o pão da dor, que sequer conhecia. Oh! luto comum dos homens, pranto universal dos filhos de Adão! Este tinha fartura de tudo e nós morremos de fome. Ele era rico e nós somos mendigos. Ele tinha a felicidade e a perdeu miseravelmente, e nós vivemos infelizes, tudo desejando e, indigentes, ficamos de mãos vazias!... Miseráveis! de onde fomos expulsos e para onde fomos impelidos! De onde fomos arremessados e em que abismo fomos sepultados? Passamos da pátria para o desterro, da visão de Deus para a nossa cegueira, da alegria pela imortalidade para o horror da morte! Que mudança funesta! De tão grande bem para tão grande mal! Perda lastimável, dor profunda, terrível fardo de misérias” (Os pensadores, Vol. VII, pág. 106).
e) Tu és uma emanção do pó e a ele deves voltar:

É evidente que esta frase não se refere ao mesmo conceito

da outra, que analisamos, por último, no item “d”. Muito pelo contrário, ela afirma a reencarnação do Espírito.

Então perguntamos à semelhança de Allan Kardec: Qual o fim objetivado com a reencarnação? Os mentores responderam: EXPIAÇÃO, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a justiça? (“O Livro dos Espíritos”, Q.167). Outra pergunta pode ser suscitada: É limitado – interroga outra vez Kardec – o número das existências corporais ou o Espírito reencarna perpetuamente? E os mentores aquiesceram: A cada nova existência, o Espírito dá um passo para adiante na senda do progresso. Desde que se ache LIMPO DE TODAS AS IMPUREZAS, não tem mais necessidade das provas da vida corporal (“O Livro dos Espíritos”, Q.168). E conclui ainda Kardec:

“A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que formamos da justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e afirmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatar os nossos erros por novas provações. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam. O homem que tem consciência da sua inferioridade haure consoladora esperança na doutrina da reencarnação. Crê-se na justiça de Deus, não pode contar que venha a achar-se, para sempre, em pé de igualdade com os que mais fizeram do que ele. Sustém-no, porém, e lhe reanima a coragem a ideia de que aquela inferioridade não o deserda eternamente do supremo bem e que, mediante novos esforços, dado lhe será conquistá-lo” (“O Livro dos Espíritos”, Q.171).

Lembro ao leitor amigo, que para o conceito de reencarnação, Augusto dos Anjos - inspirado pelos Céus - lega-nos uma bela imagem, em forma de verso: Deixando corpos pelos cemitérios. O poeta vê da seguinte maneira a finalidade da reencarnação:

NOS VÉUS DA CARNE¹⁰⁷

Na ilusão material da carne espúria,
Sob o acervo das células taradas,
Choram de dor as almas condenadas
Ao cárcere de lágrima e penúria.
Entre as sombras das míseras estradas,
Vê-se a guerra da inveja e da luxúria,

107 “Parnaso de Além-Túmulo”, pág. 141.

Esfacelando com medonha fúria
O coração das almas bem formadas.
É nesse turbilhão de dor e de ânsia
Que o homem procura a eterna substância
Da verdade suprema, alta, imortal.
Deixando corpos pelos cemitérios,
A alma decifra o livro dos mistérios
De luz e amor da vida universal.

4.5. O CORPO ESPIRITUAL, A REENCARNAÇÃO E OS MENTORES ESPIRITUAIS

“Depois disso, Adam pôs o nome de HEVA a ‘ishshã porque ela HAVIA DE TORNAR-SE a mãe de todos os viventes. E YHWH Eloim PASSOU A FAZER túnicas compridas de pele para Adam e ‘ishshã e OS FEZ vestir. E disse YHWH Eloim, o Ser Eterno e Altíssimo: “Eis que Adam SE TEM TORNADO como um de nós, sabendo o bem e o mal; pois bem, EXPULSEMO-LO do Jardim, para que não suceda que lhe estenda a mão, e tome do fruto da Árvore da Vida, e como e viva por tempo indefinido.”. E YHWH Eloim O EXPULSOU do Jardim do Éden para CULTIVAR A TERRA de que tinha sido tirado. EXPULSOU ADAM e fez habitar ao leste do Jardim do Éden os QUERUBINS e a LÂMINA CHAMEJANTE numa espada que se revolver continuamente para guardar o caminho da Árvore da Vida” (Gn. 3:20-24).

Analisando os versículos 20 e 21, por incrível que nos possa parecer, vemos neles, sintetizados, de uma maneira estupefante, todo um TRATADO DE REENCARNAÇÃO. Explicuemo-los minuciosamente.

Quando YHWH plasmou o primeiro organismo de manifestação (o corpo mental) para Adam, este passou a chamá-lo de ‘ISHSHÃ. Mais tarde, depois de sua nova condição psicológica - a de infrator da Lei imutável - e, também, depois de lhe ser apresentado o planejamento de suas encarnações futuras, Adam deu um novo nome para o seu perispírito: HEVA.

Não é difícil a interpretação deste texto. Se recorrermos aos ensinamentos espirituais se percebe que Moisés foi absolutamente técnico em suas expressões. A diferença entre ‘ISHSHÃ e HEVA está na rarefação. ‘Ishshã é o CORPO MENTAL, o envoltório sutil da mente que preside à formação do CORPO ESPIRITUAL (Heva), ou ASTRAL. E, este último, será a mãe de todos os viventes (corpos físicos), que irão refleti-lo nas sucessivas reen-

carnações.

O envoltório do Espírito é sempre o reflexo de sua mente. 'Ishshā retrata as suas tendências mais íntimas. Como o pecado embruteceu a mente, esta reflete um corpo denso (Heva), de uma substância bastante grosseira, que, agora, para retornar ao estado inicial, ('ishshā) deverá sorver o remédio amargo, mas necessário, das depurações sucessivas, em corpos físicos.

Etimologicamente, hawwâ (Heva) é a forma arcaica de hayyâ - coisa viva - que a Septuaginta traduz de maneira não precisa, por zôé, vida. Mas, realmente, hawwâ vem de hiyyh que significa dar vida, e se encaixa perfeitamente no texto, com a frase, mãe de todos os vivos (hay).¹⁰⁸

Logo, na interpretação que demos acima, quando dissemos ser heva:

- o corpo espiritual,
- a condensação de 'ishshā (o corpo mental),
- a coisa viva que plasmará os corpos físicos,

È totalmente fidedigna com texto hebraico apresentado por Moisés.

Resumindo, temos:

| MOISÉS | ANDRÉ LUIZ |
|----------------|------------------|
| ADAM ('ISH) | ESPÍRITO |
| ↓ PLASMA | ↓ PLASMA |
| 'ISHSHĀ | CORPO MENTAL |
| ↓ FORMA | ↓ FORMA |
| HEVA | CORPO ESPIRITUAL |
| ↓ FORMA | ↓ FORMA |
| TÚNICA DE PELE | CORPO FÍSICO |

As túnicas cumpridas de peles são, obviamente, os vários corpos físicos que o Espírito necessitará passar para atingir a sua depuração. A ideia da palavra túnica, para designar o corpo denso é bem comum na revelação espírita. André Luiz usa o termo pano¹⁰⁹, Roustaing, veste¹¹⁰ e Allan Kardec, roupa¹¹¹.

Outro ponto que não podemos deixar de considerar é quando Moisés fala que YHWH fez túnicas (corpos) para Adam e 'ishshā e os FEZ VESTIR. Aqui é necessária maior atenção. Não

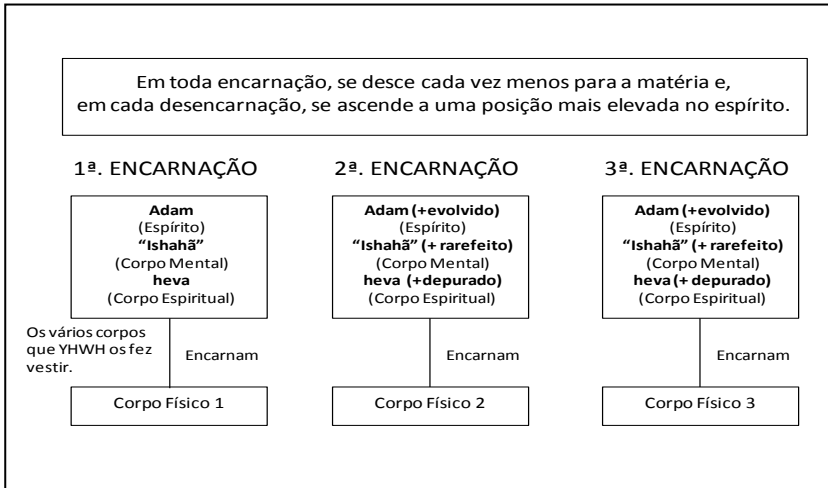
108 Ver Malaquias, Cap.II, vv.14-16.

109 "Nosso Lar", Prefácio, Mensagem de André Luiz, pág. 13.

110 QE, Tomo IV, pág. 417.

111 "A Gênese", Cap.IX, item 13, pág. 211.

se fala em um corpo para Adam e outro para 'ishshã. A dificuldade aparece porque a palavra corpo se encontra no plural. CORPOS (túnicas) significam as várias encarnações pelas quais o Espírito (Adam), com seu respectivo perispírito, 'ishshã (que agora, depois do erro condensou-se, gerando heva), passará. Diagramando temos:



É tão correta a interpretação de serem heva e 'ishshã, órgãos do Adam, e não como querem os teólogos, um Espírito à parte (a mulher), que o versículo 22 só fala em Adam possuindo o conhecimento do bem e do mal; e, os versículos 23 e 24, apenas se referem à expulsão do Adam (o expulsou e expulsou Adam, respectivamente), além de colocar o verbo cultivar no singular.

* * *

Falamos, no primeiro capítulo, serem Eloim os Espíritos prepostos, que trabalham sobre a direção de YHWH. Agora, confirmaremos, definitivamente, esta verdade, com a seguinte frase da Gênese:

E disse YHWH Eloim (o líder dos Eloim): "Eis que Adam se tem tornado como um de NÓS" (Eloim – Os Espíritos Superiores).

Outro ponto é o seguinte: Por que quando se fala dos Espíritos superiores o texto usa sempre a palavra Eloim e, ao falar do líder deles, vê-se a expressão YHWH Eloim? É porque apesar

de YHWH ser o Senhor Altíssimo da Comunidade dos Eloim, o seu Diretor Supremo, a fraternidade e a comunhão de pensamentos, reina nesta assembleia, formando uma só alma e um só coração¹¹². O Pensamento de YHWH exprime sempre a vontade de todos os Eloim, como escreve Pietro Ubaldi:

“Já não tem significação, em mais altos planos, o conceito de personalidade, em sentido humano. Naquelas zonas de evolução espiritual, os seres se ligam por ressonância, em forma de existência coletiva” (“Ascese Mística”, Cap. XII, págs. 57-58).

O Espírito Lázaro, também pensa assim, numa mensagem que consta em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”:

“A lei do amor substitui a personalidade pela fusão dos seres” (Cap. XI, item 8, págs. 192).

* * *

Continuemos interpretando o texto.

Como explicar a frase: eis que Adam se tem tornado como um de nós, sabendo o bem e o mal?

Estas palavras exprimem a verdade, mais de uma maneira irônica. É certo que os Espíritos rebeldes se tornaram sabedores do que é bem e do que é o mal, mas de modo contrário, às avessas, de como percebem os Espíritos Elevados.

O bem, para os atrasados, é o abuso da liberdade no descumprimento da Lei, como bem escreveu Pietro Ubaldi:

“O homem quer a liberdade para libertar-se da disciplina... a liberdade é um poço de perigos e uma jaula de responsabilidade” (“Um Destino Seguindo Cristo”, Cap.VII, págs. 118-119).

Já para os Espíritos superiores, o bem está na obediência a Deus.

O mal, para os seres infratores, é a doação total do que são e do que têm, pois pensam que nisto há sempre perda. Ao contrário, os superiores, reconhecem que só há perda quando existe retenção, pois, para eles, o único meio de recebimento está na doação.

Os Espíritos superiores têm este critério: obediência à Lei e completa doação ao próximo. Com essa maneira de agir criam

112 São as noúres, correntes de pensamento, como ensina Pietro Ubaldi (Ver As Noúres – Técnica e Recepção das Correntes de Pensamento).

a Grande Fraternidade, a Suprema Comunhão, exemplificada, por Cristo, na seguinte frase:

“EU SOU a videira, vós os ramos” (Jo 15: 8).

É a ÁRVORE DA VIDA citada por Moisés. Árvore que produz a sombra amiga para o descanso após o cultivo e que, em seus ramos, faz correr a seiva nutriente de amor divino.

Agora fica inteligível por que YHWH diz ser necessário expulsar o Espírito rebelde do Jardim do Éden.

É que o Ser infrator provocaria um desacerto orgânico na Árvore da Vida. Inicialmente agiria qual vampiro, sugando a seiva só para si e, com isso, secando os outros ramos. Depois, não produziria fruto benéfico algum, nem a sombra caridosa, por faltar-lhe o espírito da doação.

Mas, aqui cabe mais uma pergunta. Por que YHWH fala que se o Espírito tomar do fruto da Árvore da Vida poderá viver por tempo indeterminado?

Esse é o perigo que a Lei Suprema não permitiu, expulsando o Adam rebelde, como esclarece Allan Kardec:

A expulsão do paraíso marca o momento em que esses Espíritos (a raça que o Adam rebelde personifica) vieram encarnar entre os habitantes do mundo terráqueo e a mudança de situação foi a consequência da expulsão (“A Gênese”, Cap. XII, item 23, pág. 256).

Mas, voltemos à pergunta acima: O texto original não diz que o Espírito rebelde, ao comer o fruto da Árvore da Vida, viveria nesta condição negativa eternamente?

A expressão usada é por tempo indeterminado. O que não se pode deixar de considerar é que se fosse liberada a permanência de Espíritos rebeldes, numa colônia espiritual, eles criariam um partido, se uniriam numa hierarquia de valores às avessas, formariam uma espécie de árvore da vida, só que manipulada pelo mal, com sérios danos: perturbar os que trabalham para o bem e desequilibrar a harmonia reinante entre os obedientes.

Exemplificando, temos o relato de um caso ocorrido, segundo André Luiz, na colônia espiritual Nosso Lar (Cap. 31): certa vez um vampiro - Espírito em grande concentração de egoísmo - quis penetrar no seio desta esfera espiritual, astutamente disfarçado. Mas, o vigilante Paulo, diretor das sentinelas das Câ-

maras de Retificação¹¹³, não permitiu a sua entrada – apesar da insistência de André Luiz e da enfermeira Narcisa - explicando que aquele Espírito mau nada mais desejava senão perturbar quem trabalha. Os que trazem sentimentos calejados na hipocrisia EMITEM FORÇAS DESTRUTIVAS. E continua: - Faça o favor de retirar-se, não temos aqui o céu que deseja.

Ainda temos outra frase pra estudar: Expulsou Adam do Jardim do Éden para CULTIVAR A TERRA de que tinha sido tirado.

Roustaing interpreta este CULTIVAR A TERRA:

“Tudo se encadeia na obra divina: o que é matéria só à matéria convém. Quando, progredindo moralmente, houverdes chegado a viver mais a vida espiritual do que a vida animal, vereis que o aspecto do vosso planeta irá mudando gradualmente (CULTIVAR A TERRA). Sua constituição material se aperfeiçoará na mesma gradação. Mudando de natureza as necessidades do homem, outra passará a ser a destinação dos produtos do solo. A matéria não foi criada para o Espírito e sim para o corpo. Quanto menos a carne imperar em vós, tanto mais diminuirão as necessidades materiais, por conseguinte, o planeta se modificará, para adaptar-se às mudanças operadas na vossa natureza. Tanto a terra como a humanidade tem por destino progredir, sem cessar, para condições fluidicas. Esse o objetivo universal” (QE, Tomo II, pág. 345).

* * *

Na entrada do Jardim do Éden, YHWH colocou a lâmina chamejante duma espada que se revolve continuamente para guardar o caminho da Árvore da Vida.

Essa lâmina chamejante indica um esguicho de fogo que se move para cá e para lá, em zigue-zague (mithappèket), como um relâmpago. Observe-se que essa lâmina zigue-zaguiante não se encontra nas mãos dos querubins.

E por falar em querubins, quem são eles? Vem esta palavra etimologicamente do hebraico Krub. A raiz Krub não se encontra no Velho Testamento, mas é a mesma do verbo acádio Karābu - ABENÇOAR. Kerub, então, corresponderia ao particípio acádio Kāribu, que na Mesopotâmia indicava um deus de segunda categoria, INTERCESSOR junto aos deuses superiores, em favor dos homens.

Espiriticamente falando, são os Espíritos bons que estão

113 As câmaras de Retificação pertencem ao Ministério da Regeneração e estão localizadas nas vizinhanças do Umbral (Nosso Lar, p. 145).

sempre INTERCEDENDO por nós e constantemente nos ABENÇOANDO (“O Livro dos Espíritos”, Q. de 107 a 111).

Também devemos ressaltar que se não fosse essa proteção (lâmina chamejante e querubins), os Espíritos rebeldes invadiriam o Jardim do Éden quando bem entendessem. André Luiz afirma que para isso não ocorrer na colônia Nosso Lar, existe lá um grande portão, um corpo de sentinelas, dirigido por um Vigilante-chefe; e também, baterias elétricas nas muralhas da cidade, para a emissão de dardos magnéticos (lâmina chamejante) a serviço da defesa comum (“Nosso Lar”, Caps. 31 e 9, págs. 169-170 e 57).

Para melhor explicar esses dardos magnéticos vamos citar um diálogo, entre André Luiz e seu colega Vicente, com o administrador Alfredo, de um dos Postos de Socorro, da colônia espiritual Campo da Paz:

“Impressionavam-me, sobretudo, as fortificações (do castelo onde funciona o Posto de Socorro). Via a torre de mensagem, consagrada, por certo, ao serviço de resistência; o baluarte agudo, elevando-se acima dos fossos que deixavam transbordar a água corrente; a torre de vigia, esbelta e alterosa. Observei o caminho da ronda, a cisterna, as seteiras e, em seguida, as paliçadas e barbacãs, refletindo na complexidade de todo aquele aparelhamento defensivo. E as armas? Identificava-lhes a presença na maquinaria instalada ao longo dos muros, copiando os pequenos canhões conhecidos na Terra. Entretanto, vi com emoção, no cume da torre de vigia, a enorme bandeira de paz, muito alva, tremulando ao vento como largo penacho de neve...

O administrador percebeu a estranheza que se apossava de Vicente e de mim.

- Já sei a impressão que a nossa defesa lhes causou - disse Alfredo, detendo-se para explicar.

Fixando-nos com o olhar muito lúcido, continuou:

- Naturalmente, não imaginavam necessárias tantas fortificações. Conforme veem, nossa bandeira é de concórdia e harmonia: no entanto, é imprescindível considerar que estamos em serviço, que precisaremos defender, em qualquer circunstância. Enquanto não imperar a lei universal do amor, é indispensável perseverar o reinado da justiça. Nosso Posto está colocado, aqui, igualmente, como ovelha em meio de lobos, e, embora não nos caiba efetuar o extermínio das feras, necessitamos defender a obra do bem contra os assaltos indébitos. As organizações dos nossos irmãos consagrados ao mal são vastíssimas. Não admitam a hipótese de serem, todos eles, ignorantes ou inconscientes. A maioria se constitui de perversos e cri-

minosos. São entidades verdadeiramente diabólicas. Não tenham disso qualquer dúvida.

(....)

- Mas ... e as armas? – perguntei – acaso são utilizadas?

- Como não? – disse Alfredo, pressuroso – não temos balas de aço, mas temos PROJETIS ELÉTRICOS (lâmina chamejante). Naturalmente, a ninguém atacaremos. Nossa defesa é de socorro e não de extermínio.

- No entanto – aduzi, sob forte impressão – qual o efeito desses projeteis?

- Assustam terrivelmente – respondeu ele, sorrindo – e, sobretudo, demonstram as possibilidades de uma defesa que ultrapassa a ofensiva.

- Mas apenas assustam? – tornei a interrogar.

Alfredo sorriu mais significativamente e acrescentou:

- Poderiam causar a impressão de morte.

- Que diz! – exclamei com insofreável espanto.

- Meu amigo! Meu amigo! Se já não estamos na carne, busquemos desencarnar também os nossos pensamentos. As criaturas que se agarram aqui às impressões físicas, estão sempre criando densidade para os veículos de manifestação (perispiritos – heva e 'ishshã) da mesma forma que os Espíritos dedicados à região superior estão sempre purificando e elevando esses mesmos veículos ('ishshã). Nossos projeteis, portanto, expulsam os inimigos do bem através de vibrações do medo, mas poderiam causar a ilusão da morte, atuando sobre o corpo denso (heva) dos nossos semelhantes menos adiantados no caminho da vida. A morte física, na Terra não é igualmente pura impressão? Ninguém desaparece. O fenômeno é apenas de invisibilidade ou, por vezes, de ausência. Quanto à responsabilidade dos que matam, isto é, outra coisa. E além desta observação, que é da alçada da Justiça Divina, temos a considerar, igualmente, que, nesta esfera, o corpo denso (“heva”) modificado pode ressurgir todos os dias, pela MATÉRIA MENTAL destinada à produção, dele, enquanto que, para obter o corpo físico, almas há que trabalham, por vezes, durante séculos...

Vicente e eu caláramos, estupefatos” (“Os Mensageiros”, Cap. 20).

* * *

A conclusão a que se chega, depois do estudo minucioso deste capítulo, é bem triste, mas real:

Os Espíritos, que receberam todo o amor, toda a liberdade e todos os meios possíveis e imagináveis para viverem consoante à Lei central do Éden, que é o ALTRUÍSMO, não o quiseram, com isso enveredaram pelo EGOÍSMO antinatural. Isto lhes causou um desacerto psico-orgânico, gerando nódoas perispirituais,

dor, expulsão de seu habitat espiritual e conseqüentemente a reencarnação em mundos-exílio.

Para alguns estas dificuldades não bastam, pois, quando ENCARNADOS, em vez de marcharem para o alvo sublime sem vacilações, preferem caminhar às escuras, pela preocupação egoística que os absorve (Nosso Lar, Cap. 44, p. 244), e, lhes sobrevindo a DESENCARNAÇÃO, perambulam por regiões inferiores, organizando-se hierarquicamente no mal e, assim, planejam ataques repentinos às colônias espirituais, tentativas, é lógico, sempre frustradas, pelos PROJETIS MAGNÉTICOS, (lâminas chamejantes) acionados pelos Servidores do Bem (querubins).

Para ilustrar essa nossa conclusão, temos um belo soneto de Manual Maria de Barbosa Du Bocage, captado pelo lápis psicográfico do médium mineiro Chico Xavier, em 25-11-1946 77¹¹⁴.

Vive o homem no mundo sorte dura,
Por estranho caminho arremessado,
Fero titã cativo a negro fado,
Do berço morno à fria sepultura.

Triste filho dos céus, de alma perjura,
Desprezível Adão acorrentado
Ao desterro de sombras do passado,
Respira o lodo e chora a desventural

Ao vão orgulho – a esse deus imigo,
Altars vãos erige, por vaidade,
Que, na treva, o mantém revel mendigo!

Por mais altos pregões a fê lhe brade,
Traz, desditoso, o cárcere consigo,
Atado à Morte em plena Eternidade.

Finalizando, fazemos nossas as palavras do professor L. C. Porto Carreiro Neto, ao comentar este soneto:

“Ensina (o soneto) que o homem é um anjo decaído, em consequência do mau uso que fez de seu livre-arbítrio: tem-se desse modo a figura do pecado original. Seu passado de culpas arremessou a criatura num mundo infeliz, onde deve expiar suas faltas em duras provas. Infelizmente, em vez de se submeter à dor, que redime, o homem se rebela por orgulho, que lhe agrava a situação, e assim pro-

114 “Volta Bocage”, Bocage, Soneto I, 25-11-1946.

longa seu cativo no cárcere da matéria (“Volta Bocage”,
Cap. Esclarecimento, págs. 31-32).

* * *

Depois da queda espiritual, e, por causa dela, a evolução, para os caídos, passou a ser lenta, quase imperceptível, se a vímos num tempo limitado...

III - PATERNIDADE LEGAL E CIENTÍFICA

Jorge Damas Martins

PATERNIDADE: LEGAL E CIENTÍFICA

Jorge Damas Martins

1ª PARTE A PATERNIDADE LEGAL

São José e a Tutela de Jesus

1. O REINO SEM FRONTEIRAS DE JESUS

1.1. JESUS: DESCENDENTE DE ABRAÃO

Disse YHWH para Abraão:

“Por tua descendência serão abençoadas todas as nações da Terra, porque tu me obedeceste” (Gn. 22:18).

A escritura sagrada faz uma clara diferença entre a terra, no sentido espacial (ãdamãh) e, terra, no sentido material ou solo (‘eres). Também revela que foram os Eloim – plural de El (deus) - que tiveram a missão de criar (bârá) a Terra. YHWH é um dos Eloim. E, todos eles, formam “a Comunidade de seres angélicos e perfeitos” que governam o nosso Sistema Solar¹¹⁵.

YHWH é o Guia e Protetor da Terra. Jeová ou Javé são variações non-sense do nome YHWH. Esse nome aponta para o sentido de eternidade: “Eu Serei Sempre Quem Era”. É Moisés quem pergunta a Ele: “Qual é o seu nome?” E, Ele, responde: “Eu Sou aquele que é” (Ex. 3:13-14). Mais tarde, Ele se manifestará em Israel, inclusive recebendo “um novo nome” (Is. 62:2) quando se chamará: JESUS. Aliás, conforme o Evangelho: “Ele estava no mundo e o mundo foi feito por meio Dele. Veio para o que era seu” (Jo. 1:10-11).

Mas o texto dito acima a Abraão recebe uma interpretação toda especial de Paulo de Tarso:

“Ora, as promessas foram asseguradas a Abraão e à sua descendência. Não diz: ‘e aos descendentes’, como se referindo a muitos, mas como a um só: e à tua descendência, que é Cristo” (Gl. 3:16 - Ver At. 3:25).

Então, é o Cristo mesmo quem fala a Abraão e diz que derramará a sua bênção sobre todas as nações da Terra. Sem fronteiras, sem limites de espaço...

Paulo de Tarso continua: “Ora, tendo as escrituras previsto que Deus justificaria pela fê os gentios, preanunciou o Evange-

¹¹⁵ Ver “A Evolução de Adão”, Cap. I, p. 43.

lho a Abraão: ‘Em ti, serão abençoados todos os povos’ (Gl. 3:8).

Assim, se explica a presença de tantas mulheres estrangeiras na chamada genealogia de Jesus: “Tamar” (Mt. 1:3); “Raab” (Mt. 1:5); “Rute” (Mt. 1:5); “A mulher de Urias” [Beteseba] (Mt. 1:6).

Martin Lutero - o Paulo de Tarso de volta nos séculos XV e XVI - reinterpreta: Mateus as incluiu para mostrar o parentesco do Messias com todos os povos.

1.2. JESUS: EU SOU ANTES DE ABRAÃO

Judeus: “És, porventura, maior que nosso pai Abraão, que morreu?” (Jo. 8:52).

Jesus: “Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia. Ele o viu e encheu-se de alegria” (Jo. 8:56).

Judeus: “Não tens ainda cinquenta anos e viste Abraão?” (Jo. 8:57).

Jesus: “Em verdade, em verdade, vos digo: antes que Abraão nascesse, Eu Sou” (Jo. 8:58).

1.3. RESULTADO

- Jesus é da descendência de Abraão
- Jesus abençoa todas as nações
- Jesus transcende a Abraão

O Reino de Jesus não é limitado espacialmente.

2. O REINO DE JESUS NÃO TERÁ FIM

2.1. JESUS: DESCENDENTE DE DAVI

“Agora, pois, assim dirás [Natã] ao meu servo Davi: - assim falou YHWH dos Exércitos” (II Sm. 7:8):

“Quando teus dias se cumprirem e descansares com teus pais, então, farei levantar depois de ti o teu descendente, que procederá de ti, e estabelecerei o seu reino... e eu estabelecerei para sempre o trono do seu reino” (II Sm. 7:12-13).

2.2. JESUS É O SENHOR DE DAVI

Jesus: “Que pensais a respeito do Messias? Ele é filho de quem?” (Mt. 22:42).

Fariseus: “De Davi” (Mt. 22:42).

Jesus: “Como então Davi falando sob inspiração lhe chama Senhor, ao dizer: “O Senhor disse ao meu senhor:

senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés? Ora, se Davi lhe chama Senhor, como pode ser seu filho?”(Mt. 22:43-5).

2.3. RESULTADO

- Jesus é descendente de Davi
- Jesus transcende a Davi
- O Reino de Jesus é para sempre

O Reino de Jesus não é limitado temporalmente.

3. A HISTORICIDADE DOS ARQUIVOS GENEALÓGICOS

3.1. ARQUIVOS GENEALÓGICOS:

Quando escrevemos sobre a descendência de Abraão, logo sobre sua genealogia, estamos baseados em informações históricas que registram que os judeus tinham bem guardados em seus arquivos sobre as origens dos indivíduos e sua família.

Eusébio escreve em História Eclesiástica III, sobre as perseguições aos judeus, descendentes de Davi, pelos imperadores: Vespasiano, em 79 d.C.; Domiciano, em 96 d.C. e Trajano, em 120 d.C..

Paulo de Tarso também escreve que pertencia a tribo de Benjamim (Rm. 11:1 e Fl. 3:5).

Júlio, o Africano (citado por Eusébio – HE:1) afirma: “Herodes, o Grande, mandou queimar os arquivos das famílias judaicas – ameaçado por origem obscura”.

E, por fim, temos Flavius Josephus que em seu Contra Apíão (I,7) registra a existência de “arquivos de genealogias”.

Assim, podemos passar para o estudo da genealogia de Jesus.

3.2. O LIVRO DA GENEALOGIA DE JESUS-CRISTO:

Diz o Novo Testamento que Jesus era:

- Filho de Davi (Ben-Davi – Mt. 1:1)
- Filho de Abraão (Ben-Abraão – Mt. 1:1)

Βιβλος γενέσεως - Biblos Genesis: Significa o livro do nascimento ou criação ou, ainda, da genealogia.

3.3. FÓRMULA: A GEROU B; B GEROU C:

A palavra hebraica para gerou é: ἐγέννησεν – egenesen.

“Abraão GEROU Isaac,
Isaac gerou Jacó,
Jacó gerou Judá e seus irmãos (Mt.1:2), [...]
Jessé gerou o rei Davi.
Davi gerou Salomão (Mt.1:6),
[...]
Jacó gerou José, o esposo de Maria, da qual NASCEU
Jesus, que é chamado o Cristo” (Mt. 1:16).

3.4. O VERBO “NASCER” EM MATEUS:

A palavra para nascer é: $\epsilon\gamma\epsilon\nu\eta\theta\eta$ – egennethe.

A forma grega é ambígua: foi “gerado” ou “nasceu”

Assim temos duas etapas sucessivas do processo gerativo: a “geração” tem início e, todo um desenvolvimento, que culmina no “nascimento”.

No caso de Jesus, a genealogia muda o verbo de forma abrupta - de gerar para nascer – preparando o leitor para o entendimento da concepção virginal.

4. JOSÉ E MARIA SÃO DA CASA DE DAVI

4.1. JOSÉ É DA CASA DE DAVI:

- “Ora, tinha Jesus cerca de trinta anos ao começar o seu ministério. Era como se pensava, filho de José”. (Lc. 3:23).

- O Anjo do Senhor revelou em sonho: “José, filho de Davi, não temas receber Maria” (Mt. 1:20).

- “Certo homem da Casa de Davi, cujo nome era José”. (Lc. 1:27)

“Casa” e “Filho” estão no sentido genealógico.

4.2. MARIA É DA CASA DE DAVI

Aqui vamos trazer a revelação dada a Roustaing na obra “Os Quatro Evangelhos”, que tem como subtítulo: A Revelação da Revelação, ou melhor, o Espiritismo Cristão – título da obra – é a revelação da Revelação dada por Cristo.

“Quanto a Maria, não vos admireis de que não figure na genealogia humana atribuída a Jesus. Entre os israelitas, as filhas não eram tidas em conta como não o são entre as vossas raças nobres, para perpetuação do nome. Maria pertencia à tribo [de Davi]: era quanto bastava que se soubesse” (QE, Tomo I, pág. 286).

Não há nada de estranho. A obra de Roustaing é uma revelação. Bezerra de Menezes, inclusive, confirma: “nós falamos a ratiōe e Roustaing falou por inspiração¹¹⁶”.

E, mais à frente, continua: “Roustaing escreveu sua obra monumental sob a inspiração dos Espíritos Santos¹¹⁷, dos Apóstolos e dos Evangelistas”.

Em outro artigo, continua ele dizendo que a cosmogonia espírita é “desenvolvida em Roustaing, que o recebeu dos Evangelistas¹¹⁸”.

4.3. MARIA DA CASA DE DAVI – FONTES HISTÓRICAS:

Proto-Evangelho de São Tiago - X:1 (SEC. II): “Maria de estirpe davídica se conservara imaculada”

Evangelho do Pseudo-Mateus - I:1 (SEC. VI).

Orígenes – Comentário a Romanos - I:5.

Carta de Inácio de Antioquia aos Efésios - 18:2.

Hegesipo, Jerônimo, Justino, Irineu e outros.

5. MARIA: PROMETIDA A JOSÉ

5.1. JESUS-CRISTO: SEU NASCIMENTO FOI ASSIM:

O texto bíblico começa a descrever o nascimento de Jesus:

“Ora, quanto a Jesus Cristo, seu nascimento foi assim”
(Mt. 1:18).

“Nascimento” (γένεσις) = criação ou geração ou, ainda, genealogia (Mt. 1:1).

5.2. MARIA: PROMETIDA EM CASAMENTO:

“Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José e, antes de se ajuntarem, ela encontrou-se grávida pela ação de um espírito santo” (Mt. 1:18).

Synerchesthai = Ajuntarem: “Habitação comum”, “relações sexuais” ou “constituição de uma família”.

A expressão “espírito santo” está no genitivo. Não tem ne-

116 Gazeta da Tarde, Sábado, 04.Junho.1898, p. 2, col. 1, nº 130.

117 Bezerra de Menezes: “O Espírito Santo não é um ser especial, porém sim todo o espírito que tem atingido à pureza angélica, constituindo a Superior Le-gião” (A Gazeta da Tarde, Sábado, 23.Julho.1898, p. 2, col. 1 e 2, nº 171.

118 Gazeta da Tarde, Sábado, 23.Julho.1898, p. 2, col. 1 e 2, nº 171.

nhum artigo definido. Logo deve ser traduzida por “um espírito santo”. Também está sem maiúsculas e sem subtender personalidade ou conceito trinitário. Aqui, no texto, “espírito santo” não é masculino (feminino no hebraico; neutro no grego).

Também a maneira de gerar é implicitamente criadora (espiritica), em vez de sexual.

5.3. A GRAVIDEZ DE MARIA:

O texto: “ela encontrou-se grávida”, quer dizer *ipsis literis*; ‘ev γαστρι έχοονσα (en gastri hexei) = “ter no ventre”.

A revelação continua;

“O que nela foi gerado é de um espírito que é santo”
(Mt. 1:20).

As palavras “espírito” e “santo” estão separadas pelo verbo “ser”.

5.4. O COMO DA AÇÃO ESPIRÍTICA PELO ESPÍRITO QUE É SANTO:

Disse o Anjo Gabriel a Maria: “E eis que conceberás [terás] em teu ventre e darás à luz um filho” (Lc. 1:31).

Este texto de Lucas é em tudo semelhante ao de Mateus; “kai texei huion = Darás à luz um filho” (Mt. 1:21).

5.5. A PERGUNTA DE MARIA:

Perguntar não é errado. É vontade de aprender para entender como funciona a vida. Não há nada de arrogante na sabedoria, que é totalmente diferente da curiosidade superficial ou da erudição pedante. Aliás, é o que ensina o Espírito de Verdade, como o segundo mandamento para nós, os espíritas: “Instruí-vos”¹¹⁹.

“Como acontecerá isso, já que eu não tive relações com um homem?” (Lc. 1:34).

Maria podia ser nova em idade física, cerca de quinze anos¹²⁰, e uma personalidade simples, mas não era ingênua. A

119 “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. VI, item 5.

120 “Elucidações Evangélicas”, p. 87. Em “Os Quatro Evangelhos”, temos: “Quase uma criança” (Tomo I, pág. 200).

pergunta deixa isso bem claro. Literalmente: “Não conheço homem”.

“Homem” = Añer (gr.) = Varão. Esta palavra, añer, foi a tradução que os setenta sábios judeus usaram, na tradução dos textos originais do Antigo Testamento, em hebraico para o grego, nos anos de Ptolomeu II, no segundo século antes de Cristo. Ela é a tradução de Zakar (hb.) = Pênis (Gn. 1:27).

Logo, o texto é claro: a ação foi totalmente espiritual para a gravidez. Sem pênis e vagina (ngebah - hb.).

6. A EXPLICAÇÃO DO ANJO GABRIEL: MODUS OPERANDI

6.1. A DESCIDA DO ESPÍRITO SANTO:

“Um espírito santo descerá sobre ti” (Lc. 1: 35).

Eperchesthai = “Descerá sobre ti”. Esta palavra foi a mesma usada para designar a vinda ou a “descida”, por levitação, de uns espíritos santos – “línguas de fogo” - no dia de Pentecostes (At. 1:8).

Também a encontramos usada no mesmo sentido, no seu similar hebraico, no texto do profeta Isaías: “Sobre nós se derrame o espírito que vem do Alto” (Is. 32:15).

Logo, o sentido não é sexual, é manifestação espiritual.

6.2. O PODER DO ALTÍSSIMO:

“E o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra”
(Lc. 1:35).

“Poder” = dynamis: força ou energia. Dele se deriva o termo moderno “dinamite”.

A ação foi realizada pelo poder espiritual, dentro de suas leis e, com força suficiente e superior para controlar e dominar a matéria.

6.3. SOMBRA:

Episkiazein = “Cobrir com sua sombra” (Lc. 1:35).

Esta palavra no Antigo Testamento representa a presença de Deus, Sua vibração espiritual ou magnetismo espiritual.

Esta vibração espiritual era encontrada, primeiro, no Tabernáculo e, depois, no Templo.

No hebraico temos: kâbôd = glória, energia. Só simbolicamente.

mente esta palavra deve ser traduzida por “gloria”. O sentido real é o de “uma energia luminosa e poderosa”, logo uma “glória”.

Nos Targuns – livros das tradições judaicas - encontramos uma palavra similar: Shekinah, que corresponde a poderosa vibração divina, sua força magnética espiritual.

No Novo Testamento, na transfiguração¹²¹, era a nuvem luminosa [glória] que os cobria com sua sombra: Jesus; os espíritos de Moisés e Elias e, os apóstolos: Pedro, Tiago e João.

O profeta Isaías revela de modo todo especial a relação entre o “nascimento” de YHWH, em Israel, e essa energia magnética espiritual:

“Sobre ti [Jerusalém] nascerá YHWH, sua energia sobre ti aparecerá” (Is. 60:2).

Nesse “nascimento” de YHWH fica explicado o motivo pelo qual o Anjo Gabriel veio chamar Jesus de “Emmanuel”:

“Eis que a virgem ficará grávida e dará à luz um filho. Ele será chamado Emmanuel, [que significa: ‘deus conosco’]” (Is. 7:14 e Mt. 1:25).

Ora, YHWH é o “deus” do Antigo Testamento conosco. Presente, em manifestação luminosa concreta.

Ainda sobre o texto de Isaías: “Sobre ti nascerá YHWH, sua energia sobre ti aparecerá” -, o exegeta católico argentino, J. Severino Croatto, que fez seus estudos no Instituto de Roma e na Universidade de Hebraica de Jerusalém, interpreta o hebraico dentro do mais avançado rigor científico:

“Entre o feixe de símbolos que tece a unidade dos versículos 1-3 [Isaías, Cap. 60] é preciso destacar o da “energia” ou “glória” de Javé. Kâbôd é uma palavra que expressa densidade, carga e, portanto, energia. O curioso é que, na tradição bíblica, costuma expressar-se com símbolos de luminosidade. Não que os hebreus tenham conhecido a relação entre luz e matéria-energia, mas, sim, que souberam expressar com aquele vocábulo a analogia (essencial no símbolo) entre o poder benéfico da luz e a ação salutar de Javé na história. Curiosa, porém, na nossa passagem, é a transferência de metáforas: esperaríamos a “vinda” de Javé e de sua energia/glória, e o brilho da luz; mas se diz também o contrário, que a luz vem, e que javé (v. 2b) ou sua energia brilham. Desta maneira, tudo fica interpretado como luz, mas luz energética. E se diz que, em última instância, é Javé mesmo que ‘vem’ ” (Isaías – A palavra

121 Mt. 17:1-9; Mc. 9: 2-8 e Lc. 9: 28-36.

profética e sua releitura hermenêutica, Vol. III: 56-66, A Utopia da Criação).

Os hebreus podiam não ter o conhecimento da relação “entre luz e matéria-energia”, mas o Plano Maior possuía este saber. É isso mesmo o que revela o espírito André Luiz:

“Qualquer aprendiz de ciência elementar, no Planeta, não desconhece que a matéria densa não é senão a energia radiante condensada. Em última análise, chegaremos, a saber, que a matéria é luz coagulada, substância divina, que nos sugere a onipresença de Deus” (“E A Vida Continua...”, Cap. 9, p. 69 e 70).

6.4. SOMBRA= MODELO:

Paulo de Tarso comenta que a “sombra” é um modelo astral ou espiritual, pré-existente. Ele ensina:

Os Sacerdotes “realizam um culto que é cópia e sombra das realidades celestes, de acordo com a instituição divina recebida por Moises, a fim de construir o Tabernáculo. Foi lhe dito: ‘Vê que faça tudo segundo o modelo que te foi mostrado sobre a montanha [do Sinai]’ ” (Ex. 25:40 e Hb. 8:5).

Vê-se, aqui, que o Tabernáculo espiritual é pré-existente.

Ora, sabemos que tudo o que existe na Terra é cópia ou modelo ou sobra do Plano Espiritual.

Um exemplo é o quadro do Martírio de São Dinis narrado pelo espírito André Luiz¹²². O pintor terráqueo viu a tela no Plano Espiritual e a projetou, com algumas imperfeições, no nosso Plano.

Outro exemplo é o MOB = Modelos Perispiritico¹²³, também revelado por André Luiz. Há toda uma arquitetura, em mapa, do perispírito. Este mapa será o modelo do corpo astral ou espiritual, que coordenará toda a ação espiritual da formação do corpo material.

“São pequenos mapas de formas orgânicas, elaboradas por orientadores de nosso plano, especializados em conhecimentos biológicos da existência terrestre”¹²⁴.

No caso crístico foi preparado um corpo espiritual do nível do espírito superior e, depois, foi este corpo condensado nas vi-

122 “Os Mensageiros”, Capítulo 16, p. 89-91.

123 Sugiro o estudo técnico do tema feito pelo Dr. Hernani Guimarães Andrade, em “A Teoria Corpuscular do Espírito”.

124 “Os Missionários da Luz”, Cap. 12.

brações espirituais mais densas do nosso planeta. Este último é que serviu de modelo ou sombra magnética espiritual para condensar os diversos fluídos, que constituiriam o corpo materializado de Jesus.

7. JESUS: O CUMPRIMENTO DAS ESCRITURAS

7.1. AS PROFECIAS:

“Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor tinha dito pelo profeta” (Mt. 1:22).

Será chamado pelo povo: “Emmanuel” (Is. 7:14); “Maravilhoso Conselheiro”; “Deus Forte”; “Pai para sempre”; “Príncipe da Paz” (Is. 9:6).

7.2. JESUS: NOME DADO PELO ALTO:

Será chamado por José: “Jesus”. “Tu lhe porás o nome de Jesus” (Mt. 1:21).

José fez cumprir a Vontade do Plano Espiritual, pois segundo as escrituras ele era obediente (Mt. 1:19).

8. JESUS: ASPECTO DE UMA CRIANCINHA

8.1. MARIA: MÉDIUM DE MATERIALIZAÇÃO:

Maria de Nazaré era médium de efeitos físicos, inconsciente:

“Maria, atraindo, pela emanção de seus fluidos perispiríticos, os fluidos ambientes necessários à constituição daquele perispírito” (QE, Tomo I, pág. 161).

“Ela, inconscientemente, estabeleceu, pela emanção dos fluidos do seu perispírito, uma irradiação simpática, que atraiu os fluidos necessários à formação do corpo fluídico de Jesus” (QE, Tomo I, pág. 161).

8.2. OS FLUÍDOS DO CORPO DE JESUS:

“Era quase material, no sentido de que Jesus assimilara, para formá-lo, os fluidos ambientes que servem à formação dos vossos seres” (QE, Tomo I, pág. 162).

“Esse corpo de Jesus participava em grande escala do corpo do homem nos mundos superiores, por isso que se

compunha dos mesmos elementos, mas modificado, solidificado por meio dos fluidos humanos ou animalizados” (QE, Tomo I, pág. 163).

8.3. O CORPO DE JESUS – UMA ANTECIPAÇÃO BIOLÓGICA¹²⁵:

“A natureza do corpo que Jesus tomou não foi mais do que um espécime precoce do organismo humano, tal como será daqui a muitos séculos” (QE, Tomo I, pág. 167).

“O ectoplasma, nova construção, antecipação evolutiva”. Pietro Ubaldi¹²⁶.

Assim, nós temos os seguintes fluidos para a constituição do corpo de Jesus:

- Fluidos dos mundos superiores
- Fluidos perispiríticos de Maria
- Fluidos do nosso meio ambiente

Chico Xavier revela que o corpo de Jesus irradiava “uma substância desconhecida na Terra e foi esta substância que chamou o manto de Jesus”. E, diz mais: “É uma matéria totalmente desconhecida para nós. Nada se assemelha, a ela, em nosso planeta”¹²⁷.

8.4. OS FLUÍDOS AMBIENTES:

“Nós não conhecemos, em todas as suas evoluções, as leis dos fluidos, mas parece-nos que os espíritos prepostos, designados a acompanhar o nosso Divino Mestre na sua missão sobre a terra, foram buscar na flor da vide e na flor dos trigais os elementos que deviam compor o corpo de N. S. Jesus-Cristo” (“De Jesus Perante a Cristandade”, Espírito: Bittencourt Sampaio, psicog. F.Junior, pág. 34).

Pão: “Isto é o meu corpo”

Vinho: “Isto é o meu sangue”¹²⁸.

125 O amigo e confrade Júlio Couto Damasceno desenvolve, este tema, no Apêndice do nosso livro: História de Roustaing, e em outros artigos neste volume.

126 A Grande Síntese, Cap. 73, pág. 252.

127 Chico Xavier – Coração do Brasil, págs. 104-105.

128 Ver Mt. 26:26-28; Mc. 14:22-24 e Lc. 22:19-20.

9. MARIA: MÃE DE JESUS

9.1. A MÃE DE JESUS:

“Maria foi mãe de Jesus, como todas as mães são mães dos homens. Se o que gera no ventre da mulher não é o espírito, mas a massa que vai vestir o mesmo espírito, incontestavelmente Maria foi mãe de N. S. Jesus Cristo. E, assim, bem o vedes realizaram-se todas as profecias” (Anjo Ismael, *Médium: F. P. S. Junior, Trabalhos Espíritas de Um Pequeno Grupo de Humildes*, p. 385).

9.2. NOVA CRIAÇÃO PLANETÁRIA:

Maria é uma virgem que não conheceu homem e, portanto, o menino é totalmente obra espiritual. Houve uma nova criação, uma antecipação biológica da evolução.

10. JOSÉ: A RESPOSTA À ANUCIAÇÃO DO ANJO GABRIEL

10.1. JOSÉ: PRATICANTE DA LEI JUDAICA:

“José, sendo justo [Obediente], mas não querendo denunciá-la publicamente, pensou em despedi-la secretamente” (Mt. 1:18).

Dikaios = “Justo [Obediente]” = “Praticante da Lei”

10.2. AS EXIGÊNCIAS DA LEI JUDAICA:

O Deteuronômio de Moisés exigia o apedrejamento da adúltera; mas, em um sistema legal menos severo, a ordem “elimina o mal de teu meio” (Dt. 22:21) seria obedecida com a separação.

Enquanto o sentimento de obediência à lei forçava José a, em sua consciência, separar-se de Maria, seu desejo de não denunciá-la, publicamente, levou-o a não acusá-la de crime grave (separar secretamente). Ele era justo, mas também misericordioso.

10.3. A INTERFERÊNCIA ESPIRITUAL:

“O Livro dos Espíritos” ensina que os espíritos influenciam as nossas vidas muitos mais do que podemos supor¹²⁹.

Ora, José era justo, logo estava antenado com o Alto, esta-

¹²⁹ “O Livro dos Espíritos”, Q. 459.

do facilitador para a intervenção espiritual:

“Mas, no que lhe veio este pensamento, eis que lhe apareceu em sonho [mediunidade onírica] um anjo do senhor” (Mt. 1:20).

Este sonho não é apocalíptico, com enigmas que precisam de intérprete. Este sonho é simplesmente um veículo mediúnico¹³⁰ para o Anjo do Senhor.

10.4. ESCLARECIMENTO ESPIRITUAL:

O esclarecimento espiritual foi de forma direta, sem margem para dúvidas: “O que nela foi gerado é de um espírito que é santo. Ela dará à luz um filho” (Mt. 1:20 e 21).

10.5. RECOMENDAÇÃO ESPIRITUAL:

A recomendação foi de ordem dupla:

“Não temas receber na tua casa Maria como tua mulher” (Mt. 1:20).

“Tu lhe porás o nome de Jesus” (Mt. 1:21).

10.6. A OBEDIÊNCIA DE JOSÉ:

“Quando acordou, José levantou-se e fez conforme o Anjo do Senhor tinha mandado e acolheu sua esposa” (Mt. 1: 24).

Logo, ele se portou de forma “Justa” [Obediente] e “Misericordiosa”.

11. JOSÉ: A PATERNIDADE LEGAL

11.1. A PATERNIDADE LEGAL NO JUDAÍSMO:

“Se um homem diz: ‘Este é meu filho’, ele merece crédito”. (Mixná Bab Bathra, 8:6).

Em geral, um homem não reconhece e sustenta uma criança, a não ser que seja seu filho, a lei prefere basear a pater-

¹³⁰ Chico Xavier: “Tudo se baseia, veja bem, na comunicação do visível com o invisível. O que é a revelação do Anjo Gabriel? De que modo José da Galiléia se decide a aceitar Maria como esposa, senão através do sobrenatural.”. Chico Xavier em Pedro Leopoldo, pág. 130.

nidade no reconhecimento por parte do homem.

José reconheceu Jesus e, tornou-se, o pai legal do menino.

Um exemplo de paternidade legal, sem ser a biológica, temos na Lei do Levirato (Dt. 25:5-10). Nesta lei, os filhos são atribuídos ao pai morto, e não ao pai biológico.

Logo, a paternidade legal é por determinação do Alto, ou melhor, segundo a Vontade espiritual.

11.2. JOSÉ: “PAI” DE JESUS:

Maria de Nazaré: “Teu pai e eu, afitos, estamos à tua procura” (Lc. 2:48).

Nazarenos: “Não é este o filho de José?” (Lc. 4:22).

Roustaing: “No trato com José, Jesus lhe dava o título de pai” (QE, Tomo I, pág. 253).

André Luiz: “José da Galiléia, o varão que o tomaria sob paternal tutela¹³¹”.

Bezerra de Menezes: “Jesus – ben-Joseph¹³²”.

11.3. JESUS: NASCIMENTO SEGUNDO A LEI JUDAICA:

O Apóstolo Paulo de Tarso é de uma didática impressionante na explicação do tema em foco:

“Deus enviou seu filho, nascido (ginesthai – “aparecido”) de mulher, nascido sob a lei” (Gl. 4:4).

Quais foram as exigências das leis judaicas, cumpridas, na vida de Cristo. Elas são verdadeiros “documentos”: de paternidade, de nacionalidade, de religiosidade, de maioridade e de cidadania:

- . José deu o nome: Paternidade legal (Mt. 1:21).
 - . Circuncisão (Lc. 2:21).
 - . Apresentação e Resgate no Templo (Lc. 2:22).
 - . Visita ao Templo - 12 anos - (Lc. 2:41-52) - A idade da discriminação era entre os doze e treze (Tal bab Ketuboth, 50 a).
 - . Começa a pregar com “cerca de trinta anos” (Lc. 3:23).
- Essa era a idade legal para a vida pública, quer civil, quer religiosa (Nm. 4:3 e 47).

131 Ver “Mecanismo da Mediunidade”, ed. FEB, Cap. XXVI, p. 183.

132 Ver Yvonne A. Pereira, “Dramas da Obsessão”, III Parte, Conclusão, pág. 150.

11.4. APARÊNCIA DE CARNE: SEMELHANTE AOS IRMÃOS:

O Apóstolo Paulo de Tarso comenta como o corpo de Jesus tinha a nossa aparência física:

“Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos” (Hb. 2:17).

“Deus enviou seu próprio filho na aparência de carne pecaminosa” (Rm. 8:3).

11.5. JESUS: SEM PAI, SEM MÃE E SEM GENEALOGIA:

O Apóstolo Paulo de Tarso vai buscar num exemplo bíblico a transcendência biológica de Jesus: Melquisedeque

Ora, “Melquisedeque é sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto, feito semelhante ao Filho de Deus, permanece sacerdote perpetuamente” (Hb. 7:3).

Assim, a comparação feita por Paulo de Tarso entre Jesus e Melquisedeque, só fica na semelhança. Pois esse Melquisedeque é sem pai legal na Terra, diferente de Jesus. É sem mãe na nossa esfera, também diferente de Jesus, pois Maria de Nazaré doou fluidos perispiríticos para a formação do corpo do seu “filho”. E ele ainda era sem genealogia, também sem igualdade com Jesus, pois o Mestre tinha o seu Livro Genealógica, conforme Mateus e Lucas, e, nele, estava assentado, tanto pela paternidade legal de José como pela biologia supranormal de Maria.

12. CONCLUSÃO:

12.1. O FILHO DO HOMEM:

No modo de pensar judaico, com o reconhecimento de José, Jesus era, legalmente, embora não biologicamente, filho dele e, assim, compartilhava a descendência davídica e abraâmica de José; porém, pela revelação, através de Maria, que “era da tribo”, ele compartilhava da biologia supranormal da genealogia de José.

Por fim as escrituras, por 82 vezes, dão o título de “Filho de Homem” a Jesus-Cristo. E, isso, pode ser visto, por ser Ele o máximo que biologia humana pode produzir. O “fruto” ou “filho” máximo da humanidade, já num estado biológico supranormal.

12.2. O CRISTO DE DEUS:

Lendo M. Quintão¹³³:

Cristo de Deus, que eras a pureza
Eterna, absoluta, invariável,
Antes que fosse a humana natureza
Estes cosmos – matéria transformável;

Que já eras a fúlgida realeza,
Dessa luz soberana, imponderável,
O expoente maior dessa grandeza,
Da grandeza sublime do Imutável!

Ainda antes da humana inteligência,
Eras já todo o Amor, toda a Ciência,
Perfeição do perfeito inconcebível;

Fostes, és e serás eternamente,
O Enviado do Pai onipotente,
Cristo-Luz da verdade inconfundível!

Espírito: Antero do Quental

133 Reformador, 16.Março.1930, médium: Chico Xavier. “O Cristo de Deus” é um livro escrito por Manoel Quintão que estuda a obra de Roustaing.

2ª PARTE - A PATERNIDADE CIENTÍFICA

O Caso Katie King - Willian Crookes

1. O COMITÊ DA SOCIEDADE DIALÉTICA DE LONDRES

1.1. OBJETIVOS DO COMITÊ:

A Sociedade Dialética de Londres decidiu, em sua sessão do dia 6 de janeiro de 1869, criar um comitê de 33 membros ativos - composto de magistrados, pastores, letrados e cientistas - para ANIQUILAR, pela investigação e para sempre, os fenômenos do espiritualismo moderno.

1.2. O RELATÓRIO DE CONCLUSÃO:

Aparições de mãos e de formas não pertencendo a nenhum ser humano, parecendo vivas por sua ação e sua mobilidade. Essas mãos, às vezes, eram tocadas e até agarradas pelos assistentes, convencidos, por consequência, de que elas não eram o resultado de uma impostura ou de uma ilusão, etc., etc.

2. SIR WILLIAN CROOKES (1832-1919)

Willian Crookes foi um dos maiores cientistas de todos os tempos:

- . No ano de 1855, Willian Crookes assumiu a cadeira de química na Universidade de Chester.
- . No ano de 1861 descobriu os raios catódicos e isolou o Tálcio, determinando rigorosamente suas propriedades físicas.
- . Após persistentes estudos em torno do espectro solar, descobriu, em 1872, a aparente ação repulsiva dos raios luminosos, o que o levou à construção do Radiômetro, em 1874.
- . A coroação do seu trabalho científico foi a descoberta do quarto estado da matéria, o estado radiante, no ano de 1879.
- . A rainha Vitória, da Inglaterra, nomeou-o com o mais alto título daquele país: "Cavalheiro".
- . Em 1907 foi agraciado com o Prêmio Nobel de Química.

3. PESQUISA PSÍQUICA

3.1. A RAZOABILIDADE DE QUERER SABER SEMPRE:

Ainda tenho necessidade de que me ensinem que não é racional esforçar-se para descobrir as causas de fenômenos inexplicados. Direi simplesmente o que VI e o que me foi provado pelas experiências provadas e controladas.

Crookes, para saber por si mesmo, fez intensa pesquisa com diferentes médiuns: J. J. Morse; Sra. Marshall; D. D. Home e Florence Cook.

3.2. A CONTRIBUIÇÃO DE CROOKES PARA A PESQUISA ESPIRÍTICA:

Sir Willian Crookes deu em suas pesquisas uma grande contribuição para o entendimento de diversos fenômenos espíritos, além de desenvolver instrumentos de precisão para testes verificáveis e com segurança, como a Balança sensível: a força psíquica levanta até de 50 a 100 quilos.

Alguns de seus temas de estudo:

- . Execução de árias de música
- . Movimentos de corpos pesados
- . Fenômenos de percussão e outros sons
- . Aparições luminosas
- . Escrita direta

3.3. CONQUISTAS ESPÍRITICAS:

- Aparições de mãos à luz do dia:

Mão perfeitamente feita, parece animada e muito graciosa; os dedos se movem e a carne parece ser tão humana quanto às de todas as pessoas presentes; no braço, ela torna-se vaporosa e se perde em uma nuvem luminosa.

- Formas e rostos de fantasmas:

Uma delas se adiantou de um canto, na sala, foi pegar um acordeão, e em seguida caminhou sem ruído no apartamento tocando esse instrumento; ela foi visível durante vários minutos; o médium, ao mesmo tempo, era visto também por todos os assistentes; o fantasma se aproximou de uma dama, e esta o fez desaparecer soltando um grito.

4. FLORENCE COOK: A TUTELA DOS CROOKES

Se formos fazer uma comparação com o caso estudado na 1ª Parte - “A Paternidade Legal” – se fica surpreso com um dado idêntico entres as médiuns de efeitos físicos: Maria de Nazaré, 15 anos, e Florence Cook, 15 anos.

Parece até que o “destino” está querendo apontar ou destacar algo relevante. Não podemos falar em acaso. Para o nosso

tipo de trabalho esta palavra não faz sentido.

Acompanhemos como se deu o conhecimento da Srta. Cook com o casal Crookes:

Fui à casa do Senhor Crookes, sem prevenir a meus pais e nem a meus amigos. Ofereci-me em sacrifício voluntário sobre o altar de sua incredulidade.

Ela pediu a proteção da Sra. Crookes e submeteu-se a toda sorte de experimentações, objetivando comprovar a sua mediunidade, pois que um cavalheiro, de nome Volckmann, havia lhe imputado suspeitas de fraude.

5. 22 DE ABRIL DE 1872: UM DIA MARCANTE

A aparição em plena luz do espírito Katie King, jovem alta, bela, bem viva, loura e branca e vestida; a médium é, ao contrário, pequena, morena, de cabelos negros.

Katie King viveu, assim, três anos na Terra.

A Srta. Florence Cook passava semanas inteiras em casa de William Crookes, que fazia experiências em seu laboratório, quase sempre cercado de investigadores severos como ele.



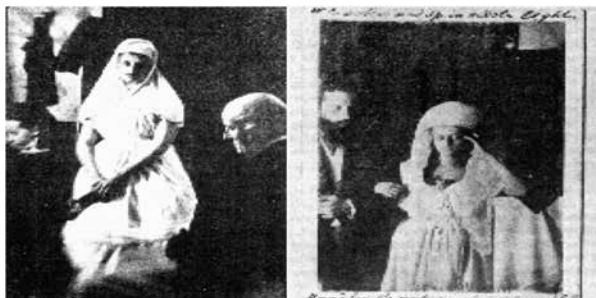
O Espírito Katie King se materializava, tomava um corpo humano nitidamente concreto, com órgãos, sentidos, um aparelho ósseo completo; ela conversava com a Sra. Crookes e com as crianças, às quais ela contava histórias.

Katie apareceu com uma tão grande perfeição; durante quase duas horas ela passeou na sala, conversando familiarmente com aqueles que estavam presentes.

Várias vezes ela tomou meu braço andando, e a impressão, sentida por meu espírito, era a de uma mulher viva que se encontrava ao meu lado, e não um visitante do outro mundo.

Posso assegurar que o “fantasma” era um ser tão material quanto à própria Srta. Cook.

6. KATIE KING – UMA MULHER VIVA



Certo dia, o espírito de Katie King proporcionou uma experiência surpreendente à pesquisadora Sra. Florence Marryat – pseudônimo literário de Mrs. Ross Church (1837-99). É a escritora quem descreve:

“Certa noite Katie King pediu-me que a acompanhasse até detrás da cortina do gabinete. Ai, para minha surpresa, desvestiu o seu amplo e belo vestido branco e ficou inteiramente nua à minha frente. Ela, então disse:

- ‘Não te assustes! Desejo desta forma provar-te que sou realmente uma mulher’

E era-o, de fato, uma linda mulher, dotada de todos os órgãos que constituem o organismo feminino. Depois desta prova eu não podia mais duvidar”.



7. A BIOLOGIA DO SUPRANORMAL

Uma noite, contei as pulsações de Katie; seu pulso batia regularmente 75, enquanto o da Srta. Cook, poucos instantes depois, atingia 90, seu número habitual.

Apoiando minha orelha sobre o peito de Katie, podia escutar um coração bater no interior, e suas pulsações estavam ainda mais regulares que as do coração da Srta. Cook, quando, depois da sessão, ela permitia a mesma experiência.

Provados da mesma maneira os pulmões de Katie se mostraram mais sãos do que os de sua médium, porque, no momento em que fiz minha experiência, a Srta. Cook seguia um tratamento médico para uma forte constipação.

8. KATIE KING E FLORENCE COOK

Levantando a lâmpada, olhei à minha volta e vi Katie que se mantinha pertinho da Srta. Cook e atrás dela.

Estava vestida com um pano branco e flutuante como já a víramos durante a sessão.

Mantendo uma das mãos da Srta. Cook na minha, e ajoelhando-me novamente, elevei e abaixei a lâmpada, tanto para clarear a figura inteira de Katie, quanto para convencer-me plenamente de que via realmente bem a verdadeira Katie que apertara em meus braços alguns minutos antes, e não o fantasma de um cérebro doente.



9. TIPOS PSICOBIOFÍSICOS DIFERENTES

Algumas das diferenças entre a Srta. Cook e Katie:

O tamanho de Katie é variável: eu o vi maior do que o da Srta. Cook seis polegadas. Ontem constatei quatro polegadas e meia a mais.

Katie tinha o pescoço descoberto e a pele era perfeitamente suave ao tocar e, visível, a Srta. Cook tinha no pescoço uma cicatriz áspera.

As orelhas de Katie não são furadas, a Srta. Cook, traz brincos nas orelhas.

A tez de Katie é muito branca, a da Srta. Cook é muito morena.

Os dedos de Katie são muito mais longos que os da Srta. Cook, e seu rosto é, também, maior.

Nos modos e maneiras de se exprimir, há, pois, evidentes diferenças.



10. PROVA FOTOGRÁFICA

Durante a semana que precedeu a partida de Katie, ela realizou sessões em minha casa, quase todas as noites, a fim de me permitir fotografá-la na luz artificial. Cinco aparelhos completos de fotografia foram preparados para esse efeito.

Tenho quarenta e quatro negativos, alguns medíocres, alguns nem bons nem ruins e outros excelentes.



11. CONTROLE CIENTÍFICO DO MÉDIUM

Durante os seis últimos meses, a Srta. Cook fez numerosas visitas à minha casa, e, algumas vezes, demorou-se uma semana inteira.

Ela só trazia uma pequena bolsa, sem fecho; durante o dia estava constantemente em companhia da Sra. Crookes, de mim mesmo, ou de algum outro membro de minha família, e não dormia sozinha; sem absoluta oportunidade de algo preparar, mesmo de forma improvisada, para desempenhar o papel de Katie King.

Eu mesmo preparei minha biblioteca e minha câmara escura, e habitualmente, depois que a Srta. Cook jantava e conversava conosco, ela se dirigia direto para o gabinete; e a seu pedido, eu fechava a segunda porta, guardando a chave comigo durante toda a sessão: então se abaixava o gás, e se deixava a Srta. Cook na obscuridade.

12. FOTOGRAFIA PSÍQUICA

A fotografia pode, é verdade, dar um delineamento de sua postura; mas como ela poderia reproduzir a pureza brilhante de sua tez, ou a expressão, sem cessar, cambiante de seus traços tão móveis, ora velados de tristeza, quando ela contava algum evento amargo de sua vida passada, ora sorridentes com toda a inocência de uma jovem, quando ela tinha reunido meus filhos ao redor dela, e que ela os divertia contando a eles os episódios de suas aventuras na Índia como Annie Owen Morgan.



13. UM CASO DE REENCARNAÇÃO - ANNE OWEN MORGAN

No século XVII Katie chamava-se Anne Owen Morgan. Era filha natural de Henry Owen Morgan – que em espírito chamava-se John King. Ele foi governador da Jamaica por três vezes, não consecutivas, na época de Charles II.



John King

Annie Owen Morgan era casada e teve dois filhos.

Ela cometeu muitos crimes, assassinando as suas vítimas com suas próprias mãos.

Morreu entre 22 e 23 anos.

Ela, dizia, que no período de suas materializações, estava não só colaborando com a pesquisa psíquica, mas também purgava, pela expiação, o seu passado.

14. A RECOMPOSIÇÃO ECTOPLASMICA

Katie pegou uma tesoura, cortou uma mecha de seus cabelos e deles nos deu a todos uma parte considerável.

Tomou o braço do Sr. Crookes, fez a volta na sala, e apertou a mão de cada um.

Assentou-se de novo e cortou vários pedaços de seu robe e de seu véu, dos quais fez presentes.

Vendo tão grandes buracos em seu robe, e enquanto estava sentada entre o Sr. Crookes e o Sr. Tapp, perguntou-se se ela poderia recompor o pano, como ela o fizera em outras ocasiões.

Ela apresentou então a parte cortada na claridade da luz, bateu um golpe em cima, e imediatamente, essa parte ficou tão completa e tão nítida quanto antes.

Aqueles que se encontravam próximos dela examinaram e tocaram o tecido com sua permissão; eles afirmaram que não existia nem buraco, nem costura, nem nenhuma parte acrescentada, onde um instante antes, tinham visto buracos de várias polegadas de diâmetro.

15. A DESENCARNAÇÃO DE FLORENCE COOK

Em carta datada de 24 de abril de 1904 – nesta época Florence já estava casada com o Sr. Corner - o cientista Sir Willian Crookes vai escrever sobre a desencarnação da Sra. Corner ou Florence, para os familiares dela:

“Confiamos que a certeza de que nossos amados, quando morrem, continuam a velar por nós”.

“Certeza que se deve muito de seu fundamento à mediunidade da Sra. Corner, ou Florence Cook, como sempre será guardada na minha memória¹³⁴”.

A filha da Sra. Corner vai afirmar:

“Ela morreu em profunda paz e felicidade”.

134 A História do Espiritualismo, Cap.11, pág. 217.

16. 40 ANOS DEPOIS....

“Nunca tive motivos para modificar minhas ideias sobre esse assunto. Sinto-me plenamente convencido do que afirmei nos primeiros dias. Estabeleceu-se, em verdade, uma ligação entre este mundo e o outro”¹³⁵.

17. O ESTADO PSÍQUICO DE CROOKES

“Basta dizer que Crookes viu quase tudo que ocorreu com esses grandes médiuns. Não é necessário sublinhar que se este inaudito é um fato real, o mundo e a ciência foram enriquecidos por uma experiência da mais tremenda importância.

Por uma série de razões não é possível criticar a capacidade psicológica de apreensão e retenção de Crookes durante os anos 1870-1873 do ponto de vista psiquiátrico. Sabemos apenas que naquela época Crookes não era manifestamente doente mental”¹³⁶.

18. A PATERNIDADE CIENTÍFICA

“NÃO DIGO QUE ISTO É POSSÍVEL, DIGO QUE ISTO É VERDADEIRO”. (WILLIAM CROOKES - Recherches sur le spiritualisme).

BIBLIOGRAFIA :

“Fatos Espíritas” – Willian Crookes

“Os Quatro Evangelhos – Resposta a críticos e adversários” – J.-B. Roustaing

“Katie King” – Wallace Leal V. Rodrigues

135 “The Internacional Psychic Gazetta”, Dezembro, 1917, p. 61-62 e A História do Espiritualismo, p. 217

136 Ver “A vida simbólica”, IV parte, Sobre o ocultismo, capítulo: Sobre fenômenos espíritas, p. 301.

IV - A ORIGEM DO ESPÍRITO

Jorge Damas Martins

A ORIGEM DO ESPÍRITO

Jorge Damas Martins

A ORIGEM DO ESPÍRITO E A FASE DE “SIMPLES E IGNORANTE”

O código de Hammurabi, escrito aproximadamente em 1.700 A.C., tinha 282 leis. Dava-se com ele os primeiros passos para um convívio mais justo - nas medidas “morais” daqueles tempos - para as relações sociais. Cerca de 400 anos depois, Moisés recebe no Sinai, pela mediunidade de pneumatografia, as 10 leis ou mandamentos dados por YHWH. A diminuição é notória: de Hammurabi a Moisés vemos a redução de excessos de atalhos normativos. Mais de 3.150 anos depois, o Espírito de Verdade, coordenador geral da revelação espírita, reduz tudo a dois mandamentos: “Espíritas! amai-vos, este o primeiro mandamento; instruí-vos, este o segundo” (“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. VI, item nº 5). Aqui, a simplicidade chega aos seus limites!

Não temos mais para onde fugir, nos escondendo em reentrâncias e particulares. A ordem é clara: se deve sempre amar, em todas as situações, adversas ou não; e se instruir sempre, ou melhor, “progredindo em ciência” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 192).

Assim é o mandamento novo: querer e dever sempre aprender, compreender e saber. Peca gravemente o espírito que se acomoda, não questionando e, dizendo consigo mesmo: - aqui é o limite - não vou além!

É então, com os direitos concedidos pelas novas leis da Verdade, que indagamos, querendo sempre entender: o espírito foi criado perfectivo e puro ou simples e ignorante?

Ora, é precisamente esta indagação que o pesquisador Fernando Worm fez a Chico Xavier.

Jesus ascende a escala evolutiva normal em outra esferas ou foi criado já puro?

Para a surpresa nossa, o Chico Xavier já vinha fazendo esta mesma indagação “aos Amigos Espirituais”. É mesmo surpreendente ver, o querido médium, não alinhado com o engessamento da ortodoxia afobada, da chamada “pureza (?) doutrinária”.

Vamos à sua resposta:

“Sempre que indagamos sobre isso aos Amigos Espirituais, não sei se por reverência ou porque eles consideram

oportuno adiar para nós o total conhecimento da Verdade, informaram os Benfeitores que o Espírito de Jesus Cristo lhes surgiu tão imensamente alto nos valores da Evolução e sublimação que há necessidade de mais tempo para isso. Até que o consigam, sentem-se os Amigos da Vida Maior, perante Cristo, como quem se vê iluminado por uma luz forte demais para ser analisada sem os instrumentos precisos” (A Ponte – Diálogo com Chico Xavier, LAKE, 3ª Edição, 10/1996, São Paulo (SP), p. 42).

Tudo isso nos encoraja a continuar na busca de nossas indagações. Somos mais um inconformado!

Pincemos alguns dados das revelações sucessivas:

“Tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou pelo átomo” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 540).

Ora, então a origem do espírito é o átomo? Que átomo? O que se entendia por átomo na época do surgimento de “O Livro dos Espíritos” – 1ª edição: 1857 e 2ª edição definitiva: 1860?

John Dalton o “Pai do Atomismo Moderno”, em 1803 apresentou sua teoria na Literary and Philosophical Society de Manchester, segundo a qual os átomos eram partículas ou esferas de diferentes tipos (tipo 1, 2, 3, ...). A palavra átomo, de origem grega, significa exatamente indivisível, pois segundo Demócrito sua divisão era impossível. Dalton, então, representava o átomo como uma partícula maciça, indestrutível e indivisível com o formato redondo. Seu modelo atômico, ficou então conhecido como “bola de bilhar”¹³⁷.

Repitamos com Dalton: “partícula maciça”, logo mundo material.

Este conceito atômico traz um desconforto se comparado com uma revelação espiritual monumental, “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing, que diz que o nosso mundo material:

“Na fase de sua formação saiu do estado de incandescência dos fluidos impuros” (QE, Tomo I, pág. 335-336).

Em Allan Kardec as afirmações de que a matéria é impura são inúmeras. Então basta uma citação: “impurezas da matéria” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 113).

Então, o espírito começa na impureza?

Continuemos insistindo nas indagações:

137 Nas novas teorias que dividem o átomo em inúmeras partículas, o conceito de “impureza” da matéria ou energia congelada, continua o mesmo.

“Do átomo primitivo ao arcanjo”, quer afirmar que o espírito começou, isto é, teve a sua origem no mundo material? É isso mesmo que ensina “O Livro dos Espíritos”? Não! Absolutamente, não! Vejamos:

“85. Qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corpóreo, é o principal, na ordem das coisas?

“O mundo espírita, que preexiste e sobrevive a tudo.”

86. O mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita?

“Decerto. Eles são independentes; contudo, é incessante a correlação entre ambos, porquanto um sobre o outro incessantemente reagem.”

Ora, então o mundo espiritual [le monde spirite] é o originário, pelo simples fato de existir antes do material, que até poderia nem ter existido. E, mais, que o mundo espiritual irá sobreviver ao mundo material, evidentemente quando este último não existir mais, por ter completado a sua função, motivo pelo qual foi criado.

Mas se tudo se originou no mundo espiritual, então não foi no átomo o começo espiritual? Será que há, então, contradição entre as perguntas 85 e 86, frente ao que foi revelado na pergunta 540?

Afinal a origem do arcanjo é material ou espiritual?

Se a origem do arcanjo é o átomo, a matéria, e se está teve a sua formação em “fluidos impuros”, então o espírito foi criado pela “Inteligência Suprema” (“O Livro dos Espíritos”, Q.1) na impureza? A “Causa primária” gerou nódoa, mancha, enfermidade ou impureza? Logo Ele, o “soberanamente justo e bom” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 13)?

Não! Infinitamente, não!

Mas, a origem é espiritual e no mundo espiritual e, não no átomo e no mundo material.

Parece que temos situações diferentes:

1º A “origem” é espiritual e no mundo espiritual.

2º O átomo ou matéria foi criado de fluidos impuros.

3º O arcanjo começou pelo átomo, que é impuro.

Mais uma vez parece que temos duas etapas diferentes: “origem” e “começo”.

“Começo” de que?

“Do átomo primitivo ao arcanjo” leva a ideia de desenvolvimento, etapa por etapa...

Aqui, “começo”, então, traz o sentido de evolução:

- . Do átomo ao arcanjo,
- . Da matéria ao espírito,
- . Da impureza para a pureza.

No nível arcanjo a pureza é tal que não há mais nada de material:

. Nenhuma influência da matéria (“O Livro dos Espíritos”, Q.112).

. O espírito é despojado “de todas as impurezas da matéria” (“O Livro dos Espíritos”, Q.113).

Agora fazemos uma pergunta que não quer calar: Porque a evolução “começa” na matéria impura?

Outra pergunta: o que aconteceu com o espírito, no mundo espiritual, para precisar evoluir começando na matéria impura?

Só a queda espiritual explica. Mas isso a revelações espíritas, tanto de Kardec como de Roustaing, silenciam, só deixando pistas nas entrelinhas. Vejamos:

. “Quanto, porém, ao modo por que nos criou e em que momento o fez, nada sabemos” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 78).

. Ainda hoje seria cedo para desenvolver este ponto (QE, Tomo I, pág.295).

Evidentemente que as revelações são progressivas e sempre acrescidas de maiores e mais profundas verdades. Os próprios autores espirituais de “Os Quatro Evangelhos” falam da continuação da obra:

“Aquele que há de desenvolvê-la e cuja obra também será preparatória não tardará a se dar a conhecer, porquanto a atual geração humana verá os seus primeiros anos messiânicos” (QE, Tomo IV, pág. 73).

Não pode haver profecia mais correta sobre a encarnação de Pietro Ubaldi, o Apóstolo Pedro redivivo, que apresenta, como coluna vertebral de sua obra, a queda dos anjos, principalmente nas obras: “Deus e Universo”, “O Sistema”, “Queda e Salvação” e “Cristo”.

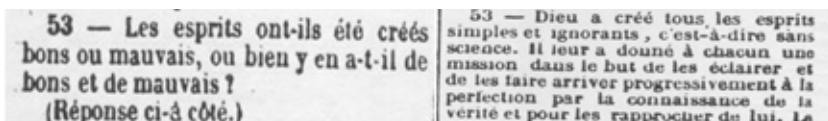
Esta queda está narrada em varias passagens bíblicas, tanto no Velho Testamento como no Novo Testamento: Is. 14:12; Lc. 10:18; II Pd. 2,4; Jd. 1,6 e Ap. 12,4 e 7:9. Citemos Jesus:

“Eu via o adversário (satanás em hebraico e diabo em

grego) caindo do céu, como relâmpago” (Lc. 10:18).

“O Livro dos Espíritos” também ensina que Deus criou “todos os espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber” (Q. 115 e, também, 121, 133, 262, 634 e 1006).

Repare amigo leitor, que são muitas as citações, não deixando a menor dúvida quanto a sua veracidade. Aliás, na primeira edição de O Livro dos Espíritos, este ensino vem até da pena do próprio Codificador, Allan Kardec:



Ressalto que esta pergunta nº 53 não recebeu a resposta dos espíritos, mas se encontra na coluna dos comentários de Kardec. Mais à frente, na pergunta nº 61 – que Kardec tirará da 2ª edição de 1860 – os espíritos respondem:

“Já dissemos que todos os Espíritos foram criados ignorantes e sem experiência [sans expérience]”.

No comentário a esta pergunta Kardec ainda confirma: “Estado de ignorância e de inexperiência [inexpérience]”

Vamos devagar...

A resposta da pergunta nº 540 fala, com bem vimos, que a evolução vai “do átomo primitivo ao arcanjo...”. Esta evolução se faz por etapas: primeiro nos reinos inferiores e depois no estado de consciência, até ao nível superior de arcanjo ou espírito puro.

As etapas da evolução nos reinos inferiores são:

1º) Reino mineral e, depois, espécies intermediária entre o mineral e o vegetal.

2º) Reino vegetal e, depois, espécies intermediárias entre o vegetal e o animal.

3º) Reino animal e, depois, espécies intermediárias entre o animal e o homem.

O que se passa com o ser que evolui por essas fases? O Livro dos Espíritos ensina de modo categórico:

“O princípio inteligente sofre uma transformação e se torna espírito” (Q.607 a).

O que Kardec chama de “princípio inteligente”, Rousstaing define por: “espírito em formação” (QE, Tomo I, pág. 293) ou “essência espiritual” (QE, Tomo I, pág. 292).

Reparem que é um estado de preliminar, de germinação, pois ainda não se tornou “espírito”.

Depois que o “princípio espiritual” passa pela fase intermediária entre o animal e o homem atinge, ele, o “ponto de preparação” para o estado de ser consciente: “espírito formado” ou “espírito pronto” (QE, Tomo I, pág. 295). Ou, ainda como diz Kardec: “se torna espírito” (Q. 607 a). E, continua ensinando Roustaing:

“Quando se vos falou do Espírito no estado de infância, no estado, por conseguinte, da ignorância e da inocência; quando se vos disse que o Espírito era criado simples e ignorante, tratava-se, está bem visto, da fase da preparação do Espírito para entrar na humanidade... Atingindo o ponto de preparação... os Espíritos se preparam, de fato, em mundos ad-hoc, para a vida espiritual consciente, independente e livre. É nesse momento que entram naquele estado de inocência e de ignorância. A vontade do soberano Senhor lhes dá a consciência de suas faculdades e, por conseguinte, de seus atos, consciência que produz o livre arbítrio, a vida moral, a inteligência independente e capaz de raciocínio, a responsabilidade” (QE, Tomo I, págs. 294-295).

Então, quando as revelações de Kardec e Roustaing, dizem que o ser foi criado “simples e ignorante”, não estão falando de sua “origem” espiritual no mundo espiritual; nem estão falando do “começo” da evolução no “átomo primitivo” no mundo material. Nem uma coisa nem outra. Está se falando de um estado avançado da evolução após o ser percorrer, como “princípio espiritual”, as fases inferiores de mineral, vegetal e animal e suas fases intermediárias. Só agora, definem as revelações; ele se torna espírito: “simples e ignorantes, sem saber, sem experiência ou inexperiente”.

Aqui, neste estado de consciência, é bom lembrar que, a palavra “criar”, não está em sentido de algo novo ou inédito. O ser foi criado espírito no mundo espiritual preexistente. Aqui, “criar” está no sentido de cuidar, de governar, de tomar conta, de educar, etc. Tudo no sentido do chefe de família que cria ou cuida de seus filhos – que são de Deus – ou, ainda, do fazendeiro que cria cabras – que também são de Deus.

É bom lembrar, também, que há certa confusão no uso diverso que se faz para a palavra “espírito”. Mas, que o leitor fique bem atento, para as reais definições de Kardec e Roustaing, neste contexto. Aliás, já pediram os espíritos reveladores:

“Por que não tendes uma palavra para cada coisa? (O Livro dos Espíritos”, Q. 139).

E por que “simples e ignorantes, sem saber, sem experiência ou inexperiente”?

É que a chamada queda dos anjos embotou o Espírito na matéria, fechado em si mesmo, com a enfermidade da inconsciência, pois ele “esquecera e desprezara” a si mesmo. Agora tem ele um longo caminho a percorrer, em lentos processos de depuração, até atingir o primeiro estágio de consciência ou “espírito formado”. Comenta Roustaing:

“A encarnação é uma necessidade para o Espírito no estado de formação, é indispensável ao seu progresso, ao seu desenvolvimento, como meio de lhe proporcionar e ampliar progressivamente a consciência de ser, o que ele não logrará senão pelo contacto com a matéria. É a união desses dois princípios que dá lugar ao desenvolvimento intelectual... para entrar na vida ativa, consciente, independente e livre, o Espírito tem necessidade de se libertar inteiramente do contacto forçado em que esteve com a carne, de esquecer suas relações com a matéria, de se depurar dessas relações. É nesse momento que se prepara a transformação do instinto em inteligência consciente” (QE, Tomo I, págs. 321 e 308).

Este “contacto forçado em que esteve com a carne” ou com o mundo material ajuda-o, então, a desenvolver sua inteligência, que já estava latente em si mesmo. Este é um processo educativo, de despertar potencialidade, como ensina Roustaing:

“O espírito que se prepara nos diversos reinos inferiores... se desenvolve, nasce, se educa” (QE, Tomo I, pág. 316. O subscrito é nosso).

Agora, como espírito, readquire a consciência, a razão, o livre arbítrio e a responsabilidade – tudo em estado inicial ou de infância. Por isso que tem muito que reaprender, desenvolver, despertar e se educar – “tirar de dentro de si mesmo”, etc.

Então, gradativamente, atendendo “ao conselho dos bons espíritos” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 262), sem falir, vai deixando de ser “simples e ignorante, sem saber, sem experiência ou inexperiente”, indo sempre em busca da meta perdida: arcanjo.

BIBLIOGRAFIA:

- A Bíblia de Jerusalém. Edições Paulinas, 1981, São Paulo (SP).
- Agostinho, Santo. Confissões. Coleção: Os Pensadores. Vol. VI, Abril Cultural, 2ª Edição, São Paulo (SP).
- Anselmo, Santo. Proslógio. Coleção: Os Pensadores. Vol. VII, Abril Cultural, 1973, São Paulo (SP).
- Andrade, Hernani Guimarães. A Teoria Corpuscular do Espírito. Casa Editora Espírita “Pierre-Paul-Didier”, 1ª Edição, Outubro de 2007, Votuporanga (SP).
- Armond, Edgard. Os Exilados da Capela. LAKE, 12ª Edição, 1976, São Paulo (SP).
- Bentes, J. M. e Champlim, Ph.D. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – Volumes de I a VI. Candeia, 1997, São Paulo (SP).
- Bíblia Hebraica – London – The British and foreign Bible Society.
- Bíblia Sagrada – Edições Paulinas, VIII Edição, agosto/1980, São Paulo (SP).
- Boechat, Newton. O Espinho da Insatisfação. FEB, 1ª Edição, 7/1980. Rio de Janeiro (RJ).
- Brown, E. Raymond. O Nascimento do Messias – Comentário das narrativas da infância nos Evangelhos de Mateus e Lucas. Paulinas, 2001, São Paulo (SP).
- Cesaréia, Eusébio de. História Eclesiástica. Editora Paulus, 2000, São Paulo (SP).
- Coelho, Maria Gertrudes. Chico Xavier – Coração do Brasil. Lírio Editora Espírita, 1ª Edição, 1998, Araguari (MG).
- Croatto, J. Severino. Isaías – A palavra profética e sua releitura hermenêutica. Vol. III:56-66 – A Utopia da Nova Criação. Editora Vozes, 2002, Petrópolis (RJ).
- Crookes, Willian. Fatos Espíritas. FEB, 6ª Edição, 09/1971, Rio de Janeiro (RJ).
- Doyle, Arthur Conan. A História do Espiritualismo – De Swedenborg ao início do século XX. FEB, 1ª Edição, 1ª Impressão, 8/2013, Brasília (DF).
- Frankl, Viktor E. Psicoterapia e Sentido da Vida. Editora Quadrante, São Paulo (SP).
- Jung, C.G. A Vida Simbólica. Editora Vozes, 2ª Edição, 2000, Petrópolis (RJ).
- Lorenz, Francisco Valdomiro. Cabala – A Tradição Esotérica do Ocidente. Editora Pensamento, São Paulo (SP).
- Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos. Trad. Guillon Ribeiro. FEB, 1ª Edição Especial, 3/2005, Brasília (DF).
- , O Livro dos Espíritos. Trad. Evandro Noletto Bezerra. FEB, 1ª Edição Comemorativa do Sesquicentenário, 11/2006, Brasília (DF).
- , Le Livre des Esprits. Édition Conseil Spirite International, 1ª Édition, 3/2007, Brasília (DF).
- , O Primeiro Livro dos Espíritos. Trad. Canuto de Abreu. Companhia Editora Ismael, 1957 São Paulo (SP).
- , O Evangelho Segundo o Espiritismo. Trad. Guillon Ribeiro. FEB, 1ª Edição Especial, 4/2004, Brasília (DF).
- , O Céu e o Inferno. Trad. Guillon Ribeiro. FEB, 1ª Edição Especial, 10/2004, Brasília (DF).
- , A Gênese. Trad. Guillon Ribeiro. FEB, 16ª Edição, 1973, Rio de Janeiro (RJ).
- Martins, Jorge Damas. Bezerra de Menezes na Intimidade – Os amores e o doce aconchego do lar. Novo Ser Editora, 1ª edição, 2012, Rio de Janeiro (RJ).
- , História de Roustaing – Panorama Cronológico dos Fatos Mais Marcantes. Edição Particular, 1987, Rio de Janeiro (RJ).
- , Regina – O Evangelho de Maria. Edições Aliança da Fraternidade, 1ª Edição, 2000, Rio de Janeiro (RJ).
- Matos, Divaldinho. Chico Xavier em Pedro Leopoldo. Casa Editora espírita “Pierre-Paul-Didier”, 1ª Edição, 2000, Votuporanga (SP).

- Origines. Contra Celso. Editora Paulus, 2004, São Paulo (SP).
- Pastorino, Dr. Carlos Torres. Sabedoria do Evangelho. 1º Volume, Editora Sabedoria, 1967, Rio de Janeiro (RJ).
- , Sabedoria do Evangelho. 2º Volume, Editora Sabedoria, 1965, Rio de Janeiro (RJ).
- , Sabedoria do Evangelho. 7º Volume, Editora Sabedoria, 1967, Rio de Janeiro (RJ).
- Pereira, Yvonne A. (Espírito: Bezerra de Menezes). Dramas da Obsessão. FEB, 3ª Edição, 5/1976, Rio de Janeiro (RJ).
- , (Espírito: Camilo Cândido de Botelho). Memórias de Um suicida. FEB, 12 edição, 2/1985, Rio de Janeiro (RJ).
- Quintão, Manoel. O Cristo de Deus. FEB, 3ª Edição, 3/1979, Rio de Janeiro (RJ).
- Rohden, Huberto. A Metafísica do Cristianismo. Fundação Alvorada, 3ª Edição Modificada, São Paulo (SP).
- , Bhagavad Gita. Alvorada, 5ª edição Modificada e Ilustrada, São Paulo (SP).
- Rodrigues, Wallace Leal V. Katie King. Casa Editora O Clarim, 1ª Edição, Matão (SP).
- Romanelli, Rubens. O Primado do Espírito. Publicações Lachâtre, 4ª Edição, Março/2002, Bragança Paulista (SP).
- Roustaing, J.-B. Os Quatro Evangelhos. FEB, 1970, Rio de Janeiro (RJ).
- , J.-B. Os Quatro Evangelhos – Resposta a Críticos e Adversários. Introdução e Notas; Martins, Jorge Damas Barros, Stenio Monteiro. Trad. José Antônio de Carvalho. Edição particular, 1ª Edição, Janeiro/2007, Rio de Janeiro (RJ).
- Sayão, Antonio Luiz. Trabalhos Espiritas de Um Pequeno Grupo de Humildes, Typ. Moreira Maximino & Cª., 1893, Rio de Janeiro (RJ).
- , Elucidações Evangélicas. FEB, 8ª Edição, 12/1988, Brasília (DF).
- Silva Júnior, Frederico Pereira (Espírito: Bittencourt Sampaio). Jesus Perante a Crisandade. FEB, 5ª Edição, 12/1975, Rio de Janeiro (RJ).
- Silveira, Dr. Roberto e Martins, Jorge Damas. A Evolução de Adão – (Reencarnação: Do gênesis a Psiquiatria). 1ª Edição Particular, 1985, Rio de Janeiro (RJ).
- Scholem, Gershom. A Mistica Judaica. Editora Perspectiva, 1972, São Paulo (SP).
- The Greek New Testaqment. United Bible Societies, 1983, Printed in Germany by Biblia-Druck GmbH Stuttgart.
- Ubaldi, Pietro. A Grande Síntese. Edição FUNDÁPU, 13ª Edição, 1984, Campos (RJ).
- , A Grande Síntese. Trad. Guillon Ribeiro, FEB, 1939, Rio de Janeiro (RJ).
- , Ascese Mística. LAKE, 2ª Edição, São Paulo (SP).
- , As Noúres – Técnica e Recepção das Correntes de Pensamento. FUNDÁPU. 2ª Edição, 1981, Campos (RJ).
- , Um Destino Seguindo Cristo. FUNDÁPU, 1ª Edição, 1984, Campos (RJ).
- , A Nova Civilização do Terceiro Milênio. FUNDÁPU, 3ª Edição, 1984, Campos (RJ).
- , Deus e Universo. FUNDÁPU. 2ª Edição, 1985, Campos (RJ).
- Vieira, Waldo e Xavier, Francisco Candido (Espírito: André Luiz). Mecanismos da Mediunidade. FEB, 4ª Edição, 3/1973, Rio de Janeiro (RJ).
- , Evolução em Dois Mundos. FEB, 4ª Edição, Rio de Janeiro (RJ).
- Xavier, Francisco Cândido (Espírito: Emmanuel). A Caminho da Luz. FEB, 12/1975, Rio de Janeiro (RJ).
- , (Espírito: Emmanuel). O Consolador. FEB, 28ª Edição, 3/2008, Brasília (DF).
- , (Espírito: Emmanuel). Pão Nosso. FEB, 5ª edição, 8/1977, Rio de Janeiro (RJ).

- , (Espírito: Emmanuel). Roteiro. FEB, 4ª Edição, 5/1978, Rio de Janeiro (RJ).
- , (Espírito Emmanuel). Emmanuel. FEB, 7ª Edição, Rio de Janeiro (RJ).
- , (Espírito: André Luiz). Nosso Lar. FEB, 18ª Edição. 5/1977, Rio de Janeiro (RJ).
- , (Espírito: André Luiz). Missionários da Luz. FEB, 13ª Edição, 10/1980, Rio de Janeiro (RJ).
- , (Espírito: André Luiz). Os Mensageiros. FEB, 11ª Edição, 12/1978, Rio de Janeiro (RJ).
- , (Espírito André Luiz). No Mundo Maior. FEB, 6ª Edição, 11/1973, Rio de Janeiro (RJ).
- , (Espírito: André Luiz). Libertação. FEB, 6ª Edição, 10/1974, Rio de Janeiro (RJ).
- , (Espírito: André Luiz). E A Vida Continua... FEB, 6ª Edição, 1/1977, Rio de Janeiro (RJ).
- , (Espírito: Manuel Maria de Barbosa Du Bocage). Volta Bocage. FEB, 3ª Edição, 9/1977, Rio de Janeiro (RJ).
- , (Espíritos Diversos). Parnaso de Além-Túmulo. FEB, 1972, Rio de Janeiro (RJ).
- Worn, Fernando. A Ponte – Diálogo com Chico Xavier, LAKE, 3ª Edição, 10/1996, São Paulo (SP).

PERIÓDICOS:

- A Gazeta da Tarde, 1898, Rio de Janeiro (RJ).
- O Reformador, 1930. Rio de Janeiro (RJ).

**V - “CONCORDÂNCIA
UNIVERSAL”**

Julio Damasceno

CONCORDÂNCIA UNIVERSAL

Julio Damasceno

“Até nova ordem não daremos às suas teorias nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de as sancionar ou as contraditar. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todo o caso, necessitam da sanção do controle universal, e, até mais ampla confirmação, não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita”. (Allan Kardec, sobre a obra “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing - RE, Junho de 1866, pág.258 da Ed. FEB)

Há algumas “lendas urbanas” que curiosamente se propagam na sociedade e adquirem às vezes o status de “verdades estabelecidas” sem que ninguém saiba exatamente como surgiram ou o porquê de sua existência.

O fenômeno é universal, não respeita fronteiras e independe de idioma, cultura, gênero ou religião. Simplesmente acontece. Fulano disse, Beltrano acreditou, Sicrano “compartilhou” e... pronto!, muitos outros deram fé sem parar para refletir, apurar e avaliar se realmente procede ou não o que foi dito, acreditado e compartilhado. A propagação de boatos e fofocas e a promoção das pseudo-celebridades talvez sejam os melhores exemplos dessas ocorrências, e elas podem ocorrer tanto para o bem, quanto para o mal. Por esse meio “fabrica-se” heróis, mas também destrói-se reputações, muitas vezes de pessoas e instituições sérias, com muita rapidez.

Aliás, nesse sentido, as advertências do apóstolo Tiago, em sua epístola, a propósito dos perigos da “língua” nos parecem de uma atualidade impressionante... imaginem o que ele diria se ao seu tempo já houvesse a internet:

“Mas nenhum homem pode domar a língua. É um mal que não se pode refrear; está cheia de peçonha mortal. Com ela bendizemos a Deus e Pai, e com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus”. (Tiago 3:8-9)

Em nosso meio, no movimento espírita, temos também as nossas “lendas urbanas”.

Uma delas é a de que a obra de Jean-Baptiste Roustaing e Émilie Collignon, “Os Quatro Evangelhos”, e em especial a revelação do Corpo Flúídico de Jesus não teriam recebido a sansão

do “Controle Universal”¹, e que portanto não seriam parte integrante da Doutrina Espírita, conforme o proposto por Kardec no texto reproduzido na epígrafe acima.

A trajetória dessa história é em tudo impressionante e muito instrutiva para aqueles que se interessam em observar como as ideias “correm” e adquirem “vida própria”... Da reserva inicial do Codificador sobre o assunto, e da sua posterior manifestação aparentemente contrária à ideia do Corpo Fluídico, em “A Gênese”, avançou-se aos poucos para a condenação, mais tarde para a segregação da obra e, finalmente, até para a difamação livre e aberta de seus autores humanos e mesmo daqueles que ousassem defendê-los...

A “boa notícia” nestes casos é que, como a base é frágil, eles também caem por si mesmos ao primeiro vento, como um castelo de cartas. “Palavras o vento leva”, diz o ditado popular, e o que se aprende, ao final desses episódios, é que a Verdade sabe se impor por si mesma quando o seu tempo é chegado, sem depender para isso dos favores humanos...

A pergunta que fazemos nessas oportunidades é sempre a mesma, talvez como fruto da nossa formação em jornalismo: Alguém já apurou? Já se parou para verificar, de fato, se há ou não citações de diferentes e relevantes médiuns, de épocas e lugares distintos, sobre o corpo fluídico, por exemplo? Na dúvida, procuramos deixar de lado as opiniões dos homens, muitas vezes controversas, para nos concentrar na pesquisa.

Não demorou muito para descobrirmos que elas existem. O fato – independentemente do que se diga ou da opinião de quem quer que seja – é que há farta literatura mediúnica em favor da obra “Os Quatro Evangelhos”, e inclusive sobre o corpo fluídico. São mensagens e obras variadas, em bom número e de excelente qualidade, moral e doutrinária. De bons médiuns. De Espíritos relevantes.

Por que não são, então, conhecidas? Não sabemos dizer. Algumas encontramos em prateleiras empoeiradas, em obras que pelo seu valor não mereciam olvido. Outras estão em textos de fácil acesso, mas parece que foram simplesmente ignoradas, talvez porque ao deparar-se com elas, em numerosos volumes, não estivéssemos com a atenção voltada ao tema. Ou ainda - quem poderá saber? - fosse necessário mesmo que o tempo apenas passasse, para que nós todos crescêssemos espiritualmente, e amadurecêssemos o suficiente para ter “olhos de ver”.

1 “Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares”. – Introd. de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, item II.

O mais curioso, nesse caso, é justamente a circunstância de não trazermos novidade... O que se propõe, aqui, é uma leitura mais cuidadosa, mais atenta. Vamos iluminar pedras preciosas e translúcidas em meio a uma sala escura, para observar vagarosamente os raios de luz atravessando a sua transparência, admirando passo a passo os seus variados matizes de cor... Não temos pressa, mas calma. A Verdade fala por si mesma, em muitos casos, mas é preciso um estado de espírito de certa quietude para poder ouvi-la, clara, em nossos próprios corações...

Vejamos, então, o que temos a apreciar.

Começamos pelo grande homenageado desta edição, Frederico Pereira da Silva Jr.. Muitos talvez não se lembrem deste nome, podemos mesmo considerá-lo o grande esquecido de nosso movimento... Foi necessário que as “vozes do céu” falassem, em sua lembrança, para que a verdadeira dimensão de seu trabalho começasse a ter o reconhecimento que merece.

Este ano, 2014, celebraremos sua memória, a propósito do centenário de sua desencarnação. Vejam em que termos o nosso Dr. Bezerra de Menezes se refere a Frederico, através da mediunidade abençoada de Yvone do Amaral Pereira:

“Existia na capital do País (Rio de Janeiro) um médium portador de peregrinas qualidades morais e vastos cabedais psíquicos, que dele faziam, sem contestação possível, um dos mais preciosos eminentes intérpretes da Revelação Espírita no mundo inteiro, em todos os tempos. [...] chamava-se Frederico Pereira da Silva Júnior [...] Tão nobre obreiro da Seara Cristã repartia-se em múltiplas modalidades de serviços mediúnicos, dedicado e fraterno até à admiração, por quanto seus dons psíquicos, variados e seguros, obtinham também, do Além-Túmulo, as mais lúcidas revelações, relatando para os interessados empolgantes realidades espirituais”. (“A Tragédia de Santa Maria”, 1957, psicog. Yvone A. Pereira, págs. 223/4 - 3ª.Ed. FEB)

Frederico foi o “Chico Xavier” do século XIX. Médium de Ismael, protetor espiritual do Brasil, médium extático, lúcido, porta-voz da espiritualidade superior nas primeiras horas de nossa Doutrina em solo brasileiro. Juntamente com o próprio Bezerra, e também com Bittencourt Sampaio, Antônio Luiz Sayão e Pedro Richard, entre outros, foi ele “o” médium do Grupo Ismael, coração espiritual da nossa querida FEB, a Federação Espírita

Brasileira. Dezenas de mensagens da mais sublime espiritualidade foram recebidas por seu intermédio². Alma simples, mas generosa ao extremo, “dedicado e fraterno até à admiração”, nas palavras de Bezerra de Menezes. Impossível falar da história de nossa Doutrina, no Brasil, sem reverenciar, com emoção, a figura de Frederico. Nem conhecemos outro médium elogiado assim pelo Kardec Brasileiro, encarnado ou desencarnado.

Pois são do nosso Frederico as primeiras mensagens que exporemos à apreciação do nosso prezado leitor. Há quem lhes conteste o valor, a pretexto dos inúmeros problemas pessoais que enfrentou no exercício de sua mediunidade, ao longo da vida. Nós preferimos ficar com a opinião de Bezerra, já no plano espiritual, sobre o seu companheiro de jornada. Entendemos que a fé se mostra pelas obras e, se assim é, seu legado é o fruto da vida de alguém que conseguiu superar as suas dificuldades. Sua obra é a sua medalha. Venceu o bom combate. Quem trazer na consciência palma de mesmo valor, que atire a primeira pedra...

Vamos às mensagens.

As primeiras são de ninguém mais, ninguém menos que do nosso próprio Codificador, Allan Kardec:

“Sendo assim, a esse pedaço de terra a que chamamos Brasil, foi dada também a revelação da revelação, firmando os vossos espíritos, antes de encarnarem, compromissos de que ainda não vos desobrigastes. E perdoai que o diga: tendes mesmo retardado o cumprimento deles e de graves deveres, levados por sentimentos que não convém agora perscrutar. [...] o que não podeis fazer com o Evangelho – unir-vos pelo amor do bem – fazem os vossos inimigos, unindo-vos pelo amor do mal!” (“Instruções de Allan Kardec aos Espíritos do Brasil” em “A Prece”, 44^a. Ed. FEB, pág. 13)

Essa mensagem é MUITO importante, porque antecipa em alguma medida a obra de Humberto de Campos, “Brasil, Coração do Mundo Pátria do Evangelho”, psicografada por Chico Xavier, salientando a importância do compromisso do Brasil com o

2 Aos que desejarem conhecer melhor o trabalho de Frederico recomendamos a obra “As Virtudes do Céu”, publicada pela CRBBM em 2012, organização do nosso prezado Marco Aurélio L. Assis. Nesse trabalho, Marco Aurélio traz a público novamente toda uma coleção de mensagens recebidas por este valoroso trabalhador do Cristo, quando no Grupo Ismael, cuja última edição foi em 1933, enfeixada como complemento das “Elucidações Evangélicas”, de Antônio Luiz Sayão. Download gratuito disponível no site www.crbbm.org. Recomendamos também, com ênfase especial, a leitura dos volumes que psicografou, como “Do Calvário ao Apocalipse”, “Jesus Perante a Cristandade” e “De Jesus para as Crianças”, todos três de Bittencourt Sampaio, Ed. FEB.

Evangelho do Cristo e em especial com a explicação da Boa Nova apresentada em “Os Quatro Evangelhos”.

Na passagem, ele cita a expressão “Revelação da Revelação”, utilizada no frontispício de “Os Quatro Evangelhos”. O Espiritismo Cristão é a “Revelação da Revelação”, porque tem por finalidade lembrar e explicar tudo o que o Cristo nos ensinou, e tem na obra de Roustaing e Collignon a sua plena expressão e síntese, pela razão de ser essa a única obra mediúnica de nossa Doutrina, até hoje, a ter explicado completamente o Evangelho de Jesus, versículo a versículo, cumprindo assim integralmente a Sua promessa, de enviar o “Espírito da Verdade” ... ³. Complementa o esforço pioneiro de Kardec com “O Evangelho segundo o Espiritismo”, da mesma forma que os trabalhos de Léon Denis, Gabriel Delanne e Flammarion o fazem em outras vertentes da caledoscópica obra do Codificador.

Na coleção de mensagens publicada ao final da edição de 1933 de “Elucidações Evangélicas”, de Antônio Luiz Sayão, Kardec - já desencarnado, e através de Frederico - retoma a questão do corpo fluídico de Jesus, confirmando o fato de João Batista ser o maior dentre os “nascidos de mulher”, conforme as palavras do Cristo⁴:

“Quando veio como João Batista, Precursor de N. Senhor Jesus Cristo, já então o maior dentre os nascidos de mulher, mas ainda o menor dos que se achavam no reino dos céus, conforme a linguagem figurada do divino Mestre”. (Allan Kardec - Espírito - em “Elucidações Evangélicas”, Ed. 1933, Mensagem Núm. 31)

E, a fim de não deixar dúvidas sobre a sua nova perspectiva sobre o assunto, posto que já se encontrava no plano espiritual, volta ao tema na mensagem 45, agora falando claramente sobre a “forma corpórea aparente” de Jesus:

“Jesus ainda não entrara em ação decisiva contra os prejuízos e os crimes do mundo. Logo que Ele desceu à Terra e tomou a sua forma corpórea aparente, para as lutas pela verdade...” (Allan Kardec - Espírito - em “Elucidações Evangélicas”, Ed. 1933, Mensagem Núm. 45)

A mediunidade de Frederico brindou-nos também com muitas páginas de autoria dos Espíritos que participaram das primeiras duas revelações, a Mosaica e a Cristã. Naqueles dias, no Grupo Ismael, estabeleceu-se como que uma ponte no tempo,

3 João, Cap.14, vv. 15 a 17 e 26

4 Lucas, Cap.7, vv.28

e as Virtudes dos três grandes ciclos revelatórios da humanidade se abalaram dos céus para saudar os primeiros dias do Cristianismo Redivivo, em plena Pátria do Evangelho.

A título de exemplo, dessas bênçãos, reunimos três mensagens, apresentadas em sequência, todos tratando objetivamente ou da obra de Roustaing e Collignon, como um todo, ou apenas da questão do corpo fluídico, em particular.

A primeira é de João, o Evangelista:

“[...] se a revelação dada a esse irmão (Roustaing) ainda por todos não é aceita, nem compreendida, necessário se faz que aqui, como noutros pontos, onde com sinceridade se estuda o Evangelho de N.S. Jesus Cristo, novas comunicações se transmitam, novas explicações sejam trazidas, sempre por graça sua, a fim de que se torne irrecusável aquela revelação e se proporcione aos homens nova fonte de luz, que os conduza ao reino da verdade”. – (“Elucidações Evangélicas”, Mensagem Núm. 01)

A segunda é de José, o pai tutelar de Jesus, referindo-se à essa sua condição e, por esse meio, confirmando o caráter excepcional do surgimento de nosso governador planetário entre nós...

“Meus filhos, peço, rogo Àquele que na terra passou por meu filho, que derrame sobre vós as infinitas graças do seu grande amor, para que possais, dia a dia, melhor compreender a sua lei e descortinar novos horizontes, tornando-vos aptos à ressurreição definitiva, que é não mais provar as dores e as agonias da morte”. (“Elucidações Evangélicas”, Mensagem Núm. 48)

A terceira é de Elias, o grande profeta do Antigo Testamento, tratando sobre a chamada “ascensão de Maria”, consagrada nas tradições católicas:

“Quanto à ASCENSÃO DO CRISTO, Senhor Nosso, sabe-se que Ele não era senão Espírito com forma tangível, forma que deixava e retomava todas as vezes que lhe convinha. Subiu por si mesmo às regiões etéreas, à morada dos puros Espíritos, pelo poder imenso de que dispunha antes mesmo de haver mundo. Cumprida a sua missão, restava-lhe deixar aos homens uma prova inconcussa da grandeza do seu poder. Elevou-se então, pela ação exclusiva desse poder e à vista de todos, à morada do Pai Celestial.

Se a Igreja conserva o mistério da assunção da Virgem, sem o explicar, tendo a certeza de que seu corpo material foi sepultado, conforme declarou o Apóstolo antes de

retirar-se para a ilha de Patmos, é que não quer destruir a crença popular gerada de uma apreciação errônea do fato real, por lhe convir manter na ignorância os que lhe seguem a doutrina.

Mas, a verdade é que o corpo de Maria caiu por terra como matéria perecível e somente seu Espírito subiu ao Céu”. (“Elucidações Evangélicas”, Mensagem Núm. 29)

Há também na coleção diversas mensagens de Ismael, o Guia Espiritual do Brasil. Destacamos algumas:

“se pudesses compreender a necessidade que teve Jesus de se encobrir aos olhos dos homens, de surgir, entre eles, como Espírito apenas revestido de um corpo aparente” – (“Elucidações Evangélicas”, Mensag. Núm. 03)

“Se recorrermos à revelação dada a Roustaing, encontraremos que Jesus se elevou para a imensidade, fazendo cessar a tangibilidade de seu corpo fluídico, conservando-o, porém, visível; que, depois, desapareceu numa nuvem de fluidos opacos, fluidos semelhantes ou análogos aos de que se servira para formar aquele corpo aparente, com que desempenhou a sua missão na Terra.[...]” (“Elucidações Evangélicas”, Mensag. Núm. 12)

“Se a opinião isolada do vosso bom Mestre Allan Kardec pôde, de alguma sorte, influir no entendimento de alguns, fazendo-lhes crer que o Redentor do mundo viera revestir-se da matéria grosseira dos corpos comuns, para dar o exemplo das maiores virtudes, encaminhando a humanidade inteira para a terra da promessa, hoje, que todos os Espíritos bem iluminados afirmam que o nascimento de Jesus foi todo aparente, que o seu corpo apenas se constituíra de fluidos concentrados no seio da sempre Virgem Maria, não há mais razão de ser para duas opiniões a respeito.

“Maria foi mãe de Jesus, como todas as mães são mães dos homens. Se o que se gera no ventre da mulher não é o Espírito, mas, sim, a massa que vai vestir o mesmo Espírito, incontestavelmente Maria foi mãe de N. S. Jesus Cristo. E, assim, bem o vedes, realizaram-se todas as profecias; e, assim, veio ao mundo Aquele a quem devemos a Seara da abundância, os frutos da verdade. Insistamos: a opinião do homem, falível quase sempre, pôde como que inocular, no espírito de seus irmãos, a ideia de que Jesus, se não revestisse um corpo carnal, igual ao de todas as criaturas humanas, seus sofrimentos seriam nulos. Entretanto, como bem disseram entre vós, qual o maior sofrimento, o físico, ou o sofrimento moral?

“Mas, mesmo com esse corpo de natureza celeste, com essa reunião de moléculas fluidicas, que ainda desconhecemos, não seria possível o próprio sofrimento físico do Redentor? Quem sofre, é o Espírito, ou a carne? Não é a lesão, o golpe sobre a matéria, que, por intermédio do perispírito, faz chegar ao Espírito as sensações e a dor? Vedes, portanto, que não pode prevalecer de modo algum a opinião isolada do vosso bom mestre Allan Kardec. (“Elucidações Evangélicas”, Mensag. Núm. 22)

Finalmente, podemos completar esta sequência com algumas passagens de “Jesus perante a Cristandade”, do Espírito Bittencourt Sampaio, também recebidas por Frederico, e igualmente relacionadas à obra “Os Quatro Evangelhos” ou diretamente à questão do Corpo Fluídico.

Como são muitas, selecionamos apenas algumas, a título de exemplo:

“E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós - e o Verbo se fez corpo, e o corpo habitou entre nós - e, Jesus tomou um corpo celeste, na frase do grande Apóstolo dos Gentios, e veio habitar entre os homens, dando cumprimento às profecias, oferecendo-lhes os elementos de salvação, a troca do seu precioso sangue”. (Espírito Bittencourt Sampaio, em “Jesus Perante a Cristandade”, pág. 27, 5ª. Ed. FEB)

“parece-nos que os Espíritos prepostos, designados a acompanhar o nosso Divino Mestre na sua missão sobre a Terra, foram buscar na flor da vide e na flor dos trigais os elementos que deviam compor o corpo de N.S. Jesus-Cristo”. (Espírito Bittencourt Sampaio, em “Jesus Perante a Cristandade”, pág. 34, 5ª. Ed. FEB)

“Obedecendo, também, às necessidades de uma ordem de fatos que se iam desenrolar nos cenários da Palestina, Jesus, acompanhado dos seus primo-irmãos, sob a forma aparente de um menino de doze anos, compareceu às mesmas festas e, passados os sete dias a elas consagrados, deixou os seus parentes e amigos e penetrou na grande sinagoga, para discutir com os doutores da lei, isto é, com os homens escolhidos dentre os mais competentes para pregar ao povo as leis mosaicas, as profecias e todas essas obras-primas do Antigo Testamento”. (Espírito Bittencourt Sampaio, em “Jesus Perante a Cristandade”, pág. 49, 5ª. Ed. FEB)

“pela revelação que, graças à misericórdia de Deus, temos recebido, sabemos que naquele pequenino corpo apa-

rente de um menino se encarnara, em toda a sua pujança, a sabedoria do Criador; e, assim, essa criança era o Verbo de Deus, aparentemente humanizado”. (Esp. Bittencourt Sampaio, em “Jesus Perante a Cristandade”, pág. 50)

“se estudarmos, com todo o critério, as sagradas letras, chegaremos à conclusão que o Divino Mestre, pelas suas próprias palavras, declarou que não tinha uma vida permanente na Terra, fazendo-se, porém, visível aos seus parentes e amigos todas as vezes que o julgava necessário. “- Eu deixo a vida para a reassumir de novo”, disse ele mais de uma vez, e nós, buscando o espírito da frase, traduziremos: eu deixo esse corpo sempre que me apraz, para entrar nas funções do meu governo celeste”. (Espírito Bittencourt Sampaio, em “Jesus Perante a Cristandade”, pág. 51, 5ª. Ed. FEB)

“Eis aí, leitor, um terrível dilema, ao qual não pode fugir a razão esclarecida, e é: ou N.S. Jesus-Cristo não disse a verdade, o que é um absurdo, isto é, ou dentre os varões nascidos de mulher João não era o maior, porque estava com Jesus sobre a Terra, ou então – e essa é a verdade – Jesus não era filho de mulher, mas única e simplesmente o Filho de Deus, apresentado ao mundo na forma aparente de homem igual a nós, o seu perísprito pelo ventre de uma Virgem Pura e Imaculada!” (Espírito Bittencourt Sampaio, em “Jesus Perante a Cristandade”, págs. 58-59, 5ª.Ed. FEB)

“Não é nosso intento, porém, desdobrar aos olhos da cristandade todo o Evangelho, porquanto, nos livros de Allan Kardec, na revelação dada a Roustaing, nos trabalhos de Sayão, Júlio César e tantos outros, encontram os bem-intencionados grande fonte, onde podem beber, à farta, os ensinamentos do Nosso Divino Mestre, velados até então pela má-vontade de uns, ou pela maldade de outros”. (Espírito Bittencourt Sampaio, em “Jesus Perante a Cristandade”, pág. 137)

“O Divino Mestre, como sabem todos os que estudam a Nova Revelação, logo após a consumação do seu sacrifício, entregara à sanha dos fariseus e dos escribas, e ao zelo e veneração dos bons, esse corpo aparente com que se apresentara ao mundo para o exercício de sua sagrada missão; logo, porém, que esse corpo foi encerrado no túmulo, caindo sobre ele a pesada laje que fechava o sepulcro, Jesus, pela ação da sua divina vontade, o atraiu ao espaço, restabelecendo as suas condições que sempre foram puramente fluidicas”. (Espírito Bittencourt Sampaio, em “Jesus Perante a Cristandade”, págs. 175)

Essas passagens, recebidas todas pelas mãos abençoadas de Frederico Pereira da Silva Jr., apresentado por Bezerra de Menezes, já na espiritualidade, repetimos, como “um dos mais preciosos eminentes intérpretes da Revelação Espírita no mundo inteiro, em todos os tempos”, confirmam em 100% tudo o que foi recebido pela médium Emílie Collignon, grande médium da Codificação Kardequiana, agora sabemos, e também de “Os Quatro Evangelhos”, mas também cancelam e renovam toda a tradição profética e apostólica, do Antigo e Novo Testamentos, cujos textos podemos igualmente trazer à lembrança de nossos leitores, só para que essa correlação mútua das três revelações sobre a biologia especial de Jesus fique bem evidente:

“Eis que uma virgem conceberá, e dará a luz um filho, e será o seu nome Emanuel”. (ISAÍAS 7:14)

“Em verdade vos digo que não apareceu entre os nascidos de mulher outro maior que João, o Batista” (MATEUS, 11:11)

“Eu desci do céu” – Jesus (JOÃO, 6:38)

“Vos sois deste mundo, eu não sou deste mundo” – Jesus (JOÃO, 8:23)

“Dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la”.- Jesus (JOÃO, 10:17-18)

Mas, voltemos ao Brasil. Vejamos ainda outros médiuns, da mesma têmpera do nosso homenageado, Frederico Pereira da Silva Jr., para ver quantas citações mais encontramos para confirmação das revelações recebidas por Collignon em “Os Quatro Evangelhos”.

No século XX, um dos gigantes da mediunidade cristã é Francisco Cândido Xavier. Chico será para sempre um marco na história da mediunidade, de nossa Doutrina e de nosso movimento. Um farol. Um raio de luz e dignidade, a mostrar com sua vida inteira o incrível potencial da mediunidade verdadeiramente cristã.

Em sua vasta obra encontramos diversas e importantes confirmações das revelações recebidas na obra de Roustaing e Collignon, da qual, aliás, revela-se pessoalmente admirador,

em reiteradas manifestações, registradas para a posteridade em sua correspondência ao presidente da FEB, Wantuil de Freitas, e imortalizadas no valioso trabalho de Suely Caldas Schubert, “Testemunhos de Chico Xavier”, 1ª. Ed. FEB:

“Aguardo com muito interesse a nova edição do “Roustaing”. Constituirá um grande serviço à Causa da Verdade e do Bem” (Carta de 25-9-1946, reproduzida à pág. 91 de “Testemunhos”)

“Estou muito contente com a partida dos teus rapazes para a Europa. Será um grande serviço à nossa Causa a visita a Bordéus e Paris. Observador quanto é, Zeus pode trazer muito material informativo edificante para nós no Brasil, mormente no que se refere à obra de Roustaing. Também lastimo que o tempo dos dois estimados viajantes seja tão curto lá”. (Carta de 15-3-1951, reproduzida à pág.289 de “Testemunhos”)

“Minhas felicitações pelo teu belo trabalho com a obra de Roustaing. Estás realizando um serviço de grande importância para o nosso ideal. (...)” (Carta de 23-10-1952, reproduzida à pág. 307 de “Testemunhos”)

No último registro disponível sobre o assunto Chico é taxativo quanto à sua admiração pela obra do Apóstolo de Bordeaux:

“Tendo em alta conta e profunda estima a obra de Kardec e de Roustaing e dos grandes pioneiros que foram Léon Denis, Flammarion e Delanne, ficaria muito contente e agradecido se me desses a conhecer a estatística sobre a penetração dos livros que nos legaram, em nossa Pátria, caso tenhas essa estatística com facilidade. Considero essa penetração muito importante para o trabalho de nossa Consoladora Doutrina, no Brasil.” (Carta de 28-5-1953, reproduzida à pág. 312 de “Testemunhos”)

A “escola” do Chico todos nós a conhecemos, foram sempre os seus mentores e as obras recebidas por seu intermédio. Pesquisando em sua incomparável produção mediúnica, selecionamos um conjunto de citações considerável, para a nossa apreciação, no espaço deste artigo.

A primeira referência objetiva sobre Roustaing recebida pelo Chico nós a encontramos logo no início de sua obra, exatamente no sexto volume, o clássico de Humberto de Campos, “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” (1938):

“Foi assim que Allan Kardec, a 3 de outubro de 1804,

via a luz da atmosfera terrestre, na cidade de Lião. Segundo os planos de trabalho do mundo invisível, o grande missionário, no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares da sua obra, designados particularmente para coadjuv-lo, nas individualidades de João-Batista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé; de Léon Denis, que efetuaria o desdobramento filosófico; de Gabriel Delanne, que apresentaria a estrada científica e de Camille Flammarion, que abriria a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes, cooperando assim na codificação kardeciana no Velho Mundo e dilatando-a com os necessários complementos”. (Cap. XXII, Bezerra de Menezes)

Chico estava ainda no início de sua trajetória quando da publicação de “Brasil”, e enfrentou críticas maldosas à referência a Roustaing nesse volume. A sua reação foi de tristeza, registrada para sempre nas cartas dirigidas ao então presidente da FEB, Wantuil de Freitas, e imortalizadas mais uma vez pelo trabalho precioso de Suely Caldas Schubert em seu “Testemunhos de Chico Xavier”:

“Não te incomodes com a declaração havida de que o trecho alusivo a Roustaing, em “Brasil”, foi colocado pela Federação. Quando descobrirem que a Casa de Ismael seria incapaz disso, dirão que fui eu. De qualquer modo, eles falarão. O adversário tem sempre um bom trabalho — o de estimular e melhorar tudo, quando estamos voltados para o bem. (...)” (Carta de 25-3-1947, reproduzida à pág. 132 de “Testemunhos”)

Além da citação direta à Roustaing, como um dos grandes coadjuvantes do trabalho missionário de Allan Kardec, “Brasil” traz também menções elogiosas aos pioneiros do Grupo Ismael, todos em sintonia com o seu mentor e com o binômio Kardec e Roustaing, apresentando-os como representantes da “vanguarda cristã”:

“Os mensageiros de Ismael, triunfando da discórdia que destruía o grande núcleo nascente, fundavam sobre ele, em 1876, a “Sociedade de Estudos Espíritos Deus, Cristo e Caridade”, sob a direção esclarecida de Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, grande discípulo do emissário de Jesus, que, juntamente com Bezerra, tivera a sua tarefa previamente determinada no Alto. A ele se reuniu Antônio Luiz Sayão, em 1878, para as grandes vitórias do Evangelho nas terras do Cruzeiro”. (Cap. “A Obra de Ismael”)

“No templo de Ismael iam reunir-se, enfim, os operários da grande oficina do Evangelho: — Bezerra, Sayão, Bitencourt, Frederico, Filgueiras, Richard, Albano do Couto, Zeferino Campos e outros elementos da vanguarda cristã”. (Cap. “A Federação Espírita Brasileira”)

As referências a Roustaing em “Brasil” seriam, porém, apenas o início de uma longa série. Nos anos subsequentes vamos encontrar nos demais volumes da obra do Chico um conjunto significativo de referências, das mais variadas espécies, que confirmam passo a passo uma série de revelações e informações constantes da obra “Os Quatro Evangelhos”, validando-a quase que página a página. Em 2010, preparamos uma palestra com o propósito de fazer um estudo comparado das obras de Chico e Kardec com a de Roustaing e Collignon, onde tivemos oportunidade de mostrar alguns dos pontos de contato e reforço mútuo das três⁵.

Preparamos, abaixo, um quadro resumo do que vimos então, a título de exemplo, selecionando apenas uma citação de cada um dos dez primeiros livros do Chico e relacionando-os com a citação correspondente de “Os Quatro Evangelhos”:

| Obra | Assunto | “Os Quatro Evangelhos” | Chico Xavier |
|---------------------------|---|---|---|
| 1. Parnaso de Além Túmulo | Evolução do Átomo ao Arcanjo | “desde a mônade invisível até o gênio encarnado” (Tomo IV, item 51) | “Nós já fomos os germes doutras era, / Enjaulados nos cárceres das lutas; / Viemos do princípio das moneras, / Buscando as perfeições absolutas”. (Augusto dos Anjos, “Evolução”) |
| 2. Cartas de Uma Morta | Relação entre o mundo físico e o espiritual | “a única vida real é a vida do Espírito” (Tomo II, item 143) | “a vida do Espírito é a única existência real” to” (pág.26) |
| 3. Palavras do Infinito | Situação Atual de Judas | “Judas é hoje um Espírito regenerado.” (Tomo III, item 285) | “Minhas provas culminaram em uma fogueira inquisitorial, onde, imitando o Mestre, fui traído, vendido e usurpado ...”. - Judas (pág.44) |

5 Material disponível para download gratuito no site www.crbbm.org.

| Obra | Assunto | “Os Quatro Evangelhos” | Chico Xavier |
|--|--|--|---|
| 4. Crônicas de Além-Túmulo | Estado dos Espíritos medianos depois da morte | “o Espírito, sobretudo o Espírito inferior, conserva por mais ou menos tempo, na erraticidade, os preconceitos, as opiniões, as ideias, os pendores, as tendências da sua precedente encarnação.” (Tomo IV, Decálogo) | “Cada indivíduo conserva, no Além, a posição evolutiva que o caracterizava na Terra.”. (pág.163) |
| 5. Emmanuel | Unidade substancial da Criação | “Será lícito considerar-se espírito e matéria como dois estados diversos de um só elemento primordial? R. É lícito ... Chegando-se desta forma a estabelecer a unidade substancial do Universo” pág.225) | “o fluido universal, que dele [Deus] emana e o toca de perto, constitui o instrumento e o meio pelos quais ele opera todas as criações, assim de ordem espiritual e de ordem material” (Tomo IV, item 1) |
| 6. “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” | (Fizemos aqui um intervalo à série para reproduzir a famosa citação sobre Roustaing) | “Segundo os planos de trabalho do mundo invisível, o grande missionário (Allan Kardec) , no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a co-ope-ração de uma pléiade de auxiliares de sua obra, designados para coadjuv-lo, nas individualidades de João-Batista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé; de Léon Denis, que efetuaria o desdo-bramento filosófico; de Gabriel Delanne, que apresentaria a estrada científica e de Camille Flammarion, que abriria a cortina dos mundos” (pág.176) | |
| 7. Lira Imortal | Sobre o reencontro com os afetos, depois do túmulo | “Oh! Crede e esperai, vós todos a quem a dor acabrunha, vós que perdeis os que vos são caros. Crede e caminhai para diante com confiança, que bem depressa os vereis” (Tomo III, item 307) | “Não estamos nas lápides sombrias/ Dos cemitérios ermos e isolados,/ Somos somente amigos apartados/ Pelo ... espaço das horas fugidias”. (“Mortos? Não” - Antero de Quental) |

| Obra | Assunto | “Os Quatro Evangelhos” | Chico Xavier |
|----------------------|-----------------------------------|--|---|
| 8. A Caminho da Luz | Jesus, Governador Planetário | “Jesus,(...), protetor e governador do vosso planeta, à cuja formação presidiu, é estranho e anterior às gerações humanas que o tem sucessivamente habitado”. (Tomo I, item 55) | “Jesus ... É ele quem sustenta todos os elementos ativos e passivos da existência planetária. No seu coração augusto e misericordioso está o Verbo do princípio. (...) Nas suas mãos misericordiosas repousam os destinos do mundo”. (Introdução) |
| 9. Novas Mensagens | Alimentação nos mundos superiores | “em mundos superiores, onde o corpo é de natureza perispiritica, a vida e a nutrição se mantêm pela absorção dos fluidos ambientes apropriados”. (Tomo I, item 64) | “em Marte, o problema da alimentação essencial, através das forças atmosféricas, já foi resolvido” (pág.63) |
| 10. Há dois mil anos | Superioridade de Jesus | “Mas eu vos conheço”. (Jo.5:42) “Dessa forma declara Jesus que lê os pensamentos dos que o ouviam e os conhece. Fazendo essa declaração, afirma as suas faculdades extra-humanas e a consciência que delas tem”. (Tomo IV, item 17) | “o meigo Nazareno caminhou para ele, qual visão concretizada (...), e, pousando carinhosamente a destra em sua frente, exclamou em linguagem encantadora, que Públio entendeu perfeitamente, como se ouvisse o idioma patricio”. (PÁG.85) |

“E quanto ao corpo fluídico, especificamente? Temos mais referências disponíveis?” - poderiam nos perguntar...

Neste caso as citações são em menor número, mas muito mais interessantes! Vejamos algumas.

Dois anos mais tarde da publicação de “Brasil”, em “A Caminho da Luz”, de Emmanuel (1940), têm-se as primeiras menções do abençoado mentor do nosso Chico à questão da natureza do Corpo de Jesus:

“Apesar de *surgir*⁶ um dia no mundo, como Alegria de todos os tristes e Providência de todos os infortunados, à sombra do trono de Jessé, o Filho de Deus em todas as circunstâncias seria o Verbo de Luz e de Amor do Princípio, cuja genealogia se confunde na poeira dos sóis que rolam no Infinito”. (Cap. III, Pág. 39, 12^a. Ed. FEB)

“O Cristo *surgira*⁷ entre os animais humildes da manjedoura; *apresentava-se*⁸ como filho de um carpinteiro” (Cap.VII, pág.70, 12^a. Ed. FEB)

“A manjedoura assinalava o ponto inicial da lição salvadora do Cristo, como a dizer que a humildade representa a chave de todas as virtudes. [...] Debalde os escritores materialistas de todos os tempos vulgarizaram o grande acontecimento, ironizando os altos fenômenos mediúnicos que o precederam”. (Cap. XII, págs. 105 e 106, 12^a. Ed. FEB)

Emmanuel aproveita o ensejo para esclarecer também uma dúvida antiga, de toda a comunidade cristã: a doutrina do Cristo teria influência dos essênios?

“O Mestre, porém, não obstante a elevada cultura das escolas essênias, não necessitou da sua contribuição. Desde os seus primeiros dias na Terra, mostrou-se tal qual era, com a superioridade que o planeta lhe conheceu desde os tempos longínquos do princípio”. (Cap. XII, pág.106, 12^a. Ed. FEB)

No volume “O Consolador” (1941), Emmanuel volta à questão da encarnação do Cristo, dando sequência às observações anteriores:

“283 – Com referência a Jesus, como interpretar o sentido das palavras de João: - “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e verdade?”.

“Antes de tudo, precisamos compreender que Jesus não foi um filósofo e nem poderá ser classificado entre os valores propriamente humanos, tendo-se em conta os valores divinos de sua hierarquia espiritual, na direção das coletividades terrícolas. Enviado de Deus, Ele foi a representação do Pai junto do rebanho de filhos transviados do seu amor e da sua sabedoria, cuja tutela lhe foi confiada nas ordenações sagradas da vida no Infinito. Diretor an-

6 Grifo nosso.

7 Idem.

8 Idem.

gêlico do orbe, seu coração não desdenhou a permanência direta entre os tutelados míseros e ignorantes, dando ensejo às palavras do apóstolo, acima referidas”.

“285 – “Jesus-Cristo é sem pai, sem mãe, sem genealogia” – Como interpretar essa afirmativa, em face da palavra de Mateus?

“Faz-se necessário entendermos a missão universalista do Evangelho de Jesus, através da palavra de João, para compreender tal afirmativa no tocante à genealogia do Mestre Divino, cujas sagradas raízes repousam no infinito do amor e de sabedoria em Deus”.

Foi preciso que aguardássemos a chegada de “Paulo e Estevão” (1942), porém, para que obtivéssemos uma nova confirmação, mais objetiva e específica, sobre o tema “corpo fluídico”. Valeu esperar, porque nele encontramos o que talvez seja a mais retumbante confirmação das revelações de “Os Quatro Evangelhos” acerca do nascimento de Jesus e uma importantíssima conexão das revelações Cristã e Espírita. “Paulo e Estevão” é, sem favor, uma das mais importantes obras da história da cristandade, de todos os tempos!

Contando de maneira única a epopeia do “Apóstolo dos Gentios”, Emmanuel relata em cores vivas os encontros de Paulo com Maria, a Mãe de Jesus, em Éfeso, onde fora abrigada com João, o Evangelista, depois dos episódios do Calvário. Paulo pretendia escrever o seu Evangelho, e conseguiu entrevistá-la acerca dos fatos que envolveram o nascimento de Jesus desde o seu anúncio pelo anjo Gabriel, anotando em páginas preciosas os depoimentos colhidos em viva voz... Segue o relato, nas palavras de Emmanuel:

“Em meio das acaloradas discussões que houve de manter com os judeus, na sinagoga, o ex-rabino não olvidou certas realizações sentimentais que almejava desde muito. Com delicadeza extrema, visitou a Mãe de Jesus na sua casinha singela, que dava para o mar. Impressionou-se fortemente com a humildade daquela criatura simples e amorosa, que mais se assemelhava a um anjo vestido de mulher. Paulo de Tarso interessou-se pelas suas narrativas caridosas, a respeito da noite do nascimento do Mestre, gravou no íntimo suas divinas impressões e prometeu voltar na primeira oportunidade, a fim de recolher os dados indispensáveis ao Evangelho que pretendia escrever para os cristãos do futuro. Maria colocou-se à sua disposição, com grande alegria”. (Cap.7, Ed. FEB)

Impossibilitado, no entanto, de prosperar em seu propósito, em função das agruras do caminho, Paulo transfere a Lucas, seu médico o amigo, o encargo da redação no novo Evangelho, entregando aos seus cuidados também as tão preciosas anotações...

“A esse tempo, o ex-doutor de Jerusalém chamou a atenção de Lucas para o velho projeto de escrever uma biografia de Jesus, valendo-se das informações de Maria; lamentou não poder ir a Éfeso, incumbindo-o desse trabalho, que reputava de capital importância para os adeptos do Cristianismo, O médico amigo satisfizes-lhe integralmente o desejo, legando à posteridade o precioso relato da vida do Mestre, rico de luzes e esperanças divinas”. (Idem)

No Evangelho de Lucas, encontramos o resultado dessa pesquisa e das entrevistas com a doce mãezinha do Cristo, num dos mais preciosos e importantes “furos de reportagem” já vistos!

Registramos a seguir os trechos mais diretamente relacionados ao “nascimento” do Cristo na tradução do prof. Carlos Torres Pastorino⁹, a fim de afastar eventuais dúvidas quanto à possível contaminação da tradução, por qualquer espírito dogmático ou sectário. Aqui, tem-se uma conexão direta e espetacular entre a revelação Cristã e a Espírita, corroborando-se mutuamente em relação a algumas das passagens mais polêmicas dos evangelhos. Abençoados sejam Chico e Emmanuel, pelo serviço de incomparável valor prestado aos estudiosos dos evangelhos, de todas as denominações...

ANÚNCIO A MARIA (Lc., Cap.1, vv. 26-38)

“26. No sexto mês, foi enviado da parte de Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré. 27. a uma virgem prometida a um homem que se chamava José, da casa do David, e o nome da virgem era Maria. 28. Aproximando-se dela, disse-lhe: “Alegra-te, altamente favorecida, o Senhor é contigo”. 29. Ela, porém, ao ouvir essas palavras, perturbou-se muito e pôs-se a pensar que

⁹ O professor Carlos Torres Pastorino (1910-1980) foi um dos maiores estudiosos brasileiros das escrituras, tendo publicado uma coleção ímpar, de oito volumes, com a tradução e interpretação simbólica dos Evangelhos, chamada “Sabedoria do Evangelho”, hoje infelizmente esgotada. Diplomado em Filosofia e Teologia pelo Colégio Internacional S. A. M. Zacarias, em Roma, foi Professor Catedrático no Colégio Militar do Rio de Janeiro e Docente no Colégio Pedro II, na mesma cidade. Deixando a Igreja, tornou-se espírita. São de sua autoria a tradução e o prefácio do volume “O Sistema”, de Pietro Ubaldi, cuja leitura recomendamos com ênfase especial. É autor também do livreto “Minutos de Sabedoria”, um dos grandes best-sellers da literatura nacional.

saudação seria essa. 30. Disse-lhe o anjo: “Não temas, Maria, pois conquistaste benevolência da parte de Deus, 31. e conceberás em teu ventre e darás à luz um filho a quem chamarás JESUS. 32. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai David, 33. e ele reinará no futuro sobre a casa de Jacob, e seu reino não terá fim. 34. Então Maria perguntou ao anjo: “como será isso, uma vez que não conheço homem?” 35. Respondeu-lhe o anjo: “um espírito santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te envolverá com sua sombra; e por isso o nascituro será chamado santo, Filho de Deus. 36. Isabel, tua parenta, também ela concebeu um filho na sua velhice, e já está no sexto mês aquela que era chamada estéril, 37. porque, vindo de Deus nada será impossível”. 38. Disse Maria: “Eis aqui a escrava do Senhor: faça-se em mim segundo a tua palavra”. E o anjo retirou-se.” (“Sabedoria do Evangelho”, de Carlos Torres Pastorino, Vol. I, págs. 37 a 39. Publicação da revista mensal SABEDORIA. RIO DE JANEIRO, 1964)

REVELAÇÃO A JOSÉ (Mat., Cap. 1, vv. 18-25)

18. Ora, a concepção de Jesus Cristo ocorreu desta maneira: sendo Maria, sua mãe, noiva de José, antes que se juntassem ela foi achada grávida de um espírito santo. 19. E José, seu noivo, sendo reto e não querendo infamá-la, resolveu deixá-la secretamente. 20. Tendo, porém, meditado nessas coisas, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos dizendo: “José, filho de David, não temas receber em casa Maria como tua mulher, pois o que nela foi gerado é de um espírito; 21. ela dará à luz um filho a quem chamarás JESUS, porque ele salvará seu povo dos pecados deles”. 22. Ora, tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que dissera o Senhor pelo profeta: 23. “eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho e ele será chamado Emanuel, que quer, dizer Deus conosco”. 24. Tendo José despertado do sono, fez como o anjo do Senhor lhe ordenara e recebeu sua mulher, 25. e não a conheceu enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de JESUS”. (“Sabedoria do Evangelho”, de Carlos Torres Pastorino, Vol. I, pág. 53. Publicação da revista mensal SABEDORIA. RIO DE JANEIRO, 1964)

NASCIMENTO DE JESUS (Lc., Cap. 2, vv.1-20)

1. Naqueles dias foi expedido um decreto de César Augusto, para que todo o mundo fosse recenseado. 2. Este recenseamento foi primeiro (antes) do que se fez no tempo em que Quirino era governador da Síria. 3. E todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade. 4. José também subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Nazaré, à Judéia; à cidade de David, chamada Belém,

por ser ele da casa e família de David, 5. para alistar-se, acompanhado de Maria, sua noiva, que estava grávida. 6. Estando eles ali, completaram-se os dias de dar à luz, 7. e teve um filho primogênito, e o enfaixou e o deitou em uma mangedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria”. (“Sabedoria do Evangelho”, de Carlos Torres Pastorino, Vol. I, pág. 57. Publicação da revista mensal SABEDORIA. RIO DE JANEIRO, 1964)

Em “Renúncia” (1943), novamente Emmanuel se refere ao “nascimento” de Jesus na Terra com o verbo surgir – pela terceira vez – desta feita tendo como porta voz a personagem “Alcione”:

“O planeta terrestre não será um local situado igualmente no Céu? Esqueceste o que a Terra nos tem ensinado qual mãe carinhosa, na grandeza de suas experiências? Muitas vezes, nós, na qualidade de filhos dela, manchamos-lhe a face generosa com delitos execráveis e, entretanto, foi em seu seio que o Mestre *surgiu*¹⁰ na manjedoura singela e levantou a cruz divina, encaminhando-nos ao serviço da remissão”. (Cap.I)

Coube, no entanto, ao admirável Dr. André Luiz, autor espiritual de uma das mais valiosas coleções da literatura mediúnica, trazer a público a primeira manifestação inequívoca, objetiva e direta, na obra do Chico, em favor da revelação do corpo fluidico, e de “Os Quatro Evangelhos”.

Esse caso é em todo especial, e merece realmente a nossa atenção e uma explicação mais detalhada, porque se adequa à perfeição ao critério da Concordância Universal proposto pelo nosso Codificador.

O volume é o “No Mundo Maior” (1948 – Prefácio de Emmanuel), publicado dez anos depois de “Brasil”. Chico tem agora 38 anos de idade e já se encontra em outro estágio de sua carreira mediúnica, consagrado com a publicação de mais de trinta títulos entre os quais se já incluem clássicos como “Parnaso”; “Brasil” e “A Caminho da Luz”, já citados; os formidáveis romances “Há dois mil anos”, “Cinquenta anos depois” e “Renúncia”; e ainda “Boa Nova”, de Humberto de Campos e os primeiros volumes da série “Nosso Lar”, entre outros.

O capítulo nove de “No Mundo Maior” – “Mediunidade” – traz considerações sobre os riscos do animismo na atividade mediúnica. Comentando acerca da importância da vigilância de nossos pensamentos, para o despertar e educação de nos-

10 Grifo nosso.

sas potencialidades psíquicas, o mentor Calderaro refere-se em determinado momento aos diversos estados mentais alimentados por encarnados e desencarnados, nos seguintes termos:

“Naturalmente, não nos referimos, nestas considerações, a espíritos da estofa de um Francisco de Assis, nem a criaturas extremamente perversas, uns e outros não cabíveis em nosso quadro: *o zênite e o nadir da evolução terrestre não entram em nossas cogitações*¹¹; falamos de pessoas vulgares, quais nós mesmos, que nos vamos em jornada progressiva, mais ou menos normal, para concluir que, tal o estado mental que alimentamos, tais as inteligências, desencarnadas ou encarnadas, que atraímos e das quais nos fazemos instrumentos naturais, embora de modo indireto”. (Pág.133, Ed. FEB)

Não sei se os irmãos que nos leem se lembram dessa passagem ou se ela lhes chamou a atenção, quando de sua leitura. Mas, agora, com o destaque que lhe é dado, talvez possamos relê-la juntos e aproveitá-la melhor.

Como assim? “Zênite” e “nadir” da evolução terrestre? Vamos ao Aurélio¹²? As duas palavras fazem parte do vocabulário astronômico:

“s.m. Astronomia. Ponto em que a vertical de um lugar encontra a esfera celeste. O zênite é oposto ao nadir, o ponto diretamente abaixo da cabeça do observador. Uma linha reta poderia ser traçada ligando o zênite, o centro da Terra e o nadir. O zênite proporciona um meio para efetuar determinados cálculos em astronomia e em geografia. Por exemplo, uma estrela pode ser localizada pela determinação da distância entre o zênite e a estrela. Os astrônomos denominam distância zenital essa distância. / Fig. O ponto mais elevado; auge, ápice, apogeu: atingir o zênite”.

Para este nosso estudo será mais útil o sentido figurado da palavra, destacado ao final do verbete: “O ponto mais elevado; auge, ápice, apogeu: atingir o zênite”. O dicionário já antecipa que “nadir” é o oposto de “zênite”, mas vale a pena trazer também para a nossa análise o verbete que lhe é próprio:

“Ponto no espaço diretamente abaixo do lugar onde alguém se encontra. Para um observador situado na Terra, o céu parece ser uma meia cúpula cuja borda forma um

11 Grifo nosso.

12 Consulta ao Dicionário do Aurélio on line, feita a 04/02/2014.

grande círculo que repousa na superfície plana da Terra”¹³.

Pelo exposto, vimos que, em seu sentido figurado, “zênite” indica o ponto superior de uma escala, e “nadir”, o seu ponto inferior.

Voltemos agora à frase de Calderaro, substituindo as expressões, a fim de deixá-la mais clara:

“Naturalmente, não nos referimos, nestas considerações, a espíritos da estofa de um Francisco de Assis, nem a criaturas extremamente perversas, uns e outros não cabíveis em nosso quadro: o PONTO MAIS ALTO E O MAIS BAIXO da evolução terrestre não entram em nossas cogitações”.

Como pode? Então Francisco de Assis representa o ponto mais alto da evolução terrestre? E Jesus? Não é ele “o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo”¹⁴? Estará aí uma contradição da obra de André Luiz com o que se ensina em “O Livro dos Espíritos”? Como pode o pobrezinho de Assis ser apontado como o ponto mais alto da evolução terrestre, e ao mesmo tempo ser Jesus apontado como o tipo mais perfeito oferecido por Deus aos homens?

Esse falso paradoxo só se resolve de um jeito: se o nível de perfeição do Cristo estiver acima do ponto mais alto alcançável na evolução terrestre... Impossível ler esse texto sem lembrar imediatamente da passagem evangélica - “Em verdade vos digo que não apareceu entre os nascidos de mulher outro maior que João, o Batista” (Mt., 11:11).

Segundo o Cristo, naquele tempo o mais avançado era João Batista, entre os “nascidos de mulher”. Como o Precursor não podia ser maior que o Cristo, fica evidente que Ele já se encontrava acima da nossa condição comum, tendo “surgido” – agora fica mais clara a insistência de Emmanuel no uso desta palavra, nas citações apresentadas acima – entre nós por outro meio que não o nascimento “de mulher”...

Entre João Batista e Francisco de Assis há doze séculos de intervalo. Segundo nos informa Calderaro, Francisco ainda foi além de João, atingindo um patamar evolutivo superior àquela, e nesse esforço alcançou o limite possível para a evolução humana, o “zênite”, o ponto mais alto possível aos “nascidos de mulher”...

Ora, sabemos também que Francisco não é maior que o

13 Consulta ao Dicionário do Aurélio on line, feita a 04/02/2014.

14 “O Livro dos Espíritos”, Q.625.

Cristo, logo, Ele está acima do ponto mais alto da condição humana; o que confirma, mais uma vez, a sua natureza corpórea especial, adequada à sua condição espiritual – Espíritos Puros não estão sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis (vide “O Livro dos Espíritos”, Q.113)!

Mas, não é só. O mais interessante, neste caso, é que há ainda uma outra citação, no mesmo sentido – apontando Francisco como o “zênite” da evolução terrestre – além desta, do Chico, vinda de outro grande médium, de outro lugar, bem longe de Pedro Leopoldo, mas recebida na mesma época, sem conhecimento do médium mineiro.

Referimo-nos a Pietro Ubaldi, o “missionário da Úmbría”, na possível profecia de Humberto de Campos, também em “Brasil” (Cap. XIX - O Espiritismo no Brasil - Ed. FEB). Ubaldi é certamente um dos “gigantes” da mediunidade do século XX e de todos os tempos, companheiro certo deste clube seletivo já composto por Frederico e Chico...

Morando ainda na Itália, em 1945 – três anos antes, portanto, da recepção de “No Mundo Maior” – Ubaldi recebe “A Nova Civilização do Terceiro Milênio”, um clássico, na sua coleção de 24 volumes.

Nessa obra, têm-se, à página 406 da 2ª.ed.FUNDAPU, rigorosamente a MESMA informação confirmada pelo Chico, nos seguintes termos:

“Vemos S. Francisco alcançar um estado espiritual que representa o mais alto potencial suportável na fase da evolução humana, seu limite supremo além do qual a forma material se extingue. Chega-se a este estado por etapas, pois a frequência de vibrações, o aumento de ondas, e a obtenção de potencial elevado progridem paralelamente, desde o pensamento concreto que não sabe existir senão se materializando em ação, até as ondas cerebrais do pensamento simples e comum, e sucessivamente ao pensamento abstrato, à intuição do gênio, à oração sempre mais elevada, ao êxtase e união espiritual com Deus. Trata-se de ondas cada vez mais rápidas, portanto, mais penetrantes, mais poderosas, mais imateriais. Por fim, o espírito consegue a forma radiante, imaterializada, independente da forma corporal”.

Ubaldi escreveu “A Nova Civilização” em italiano, em 1945, mas a primeira edição deste volume só veio a ocorrer em 1949, em Roma, pela Editora Ergo. Chico recebeu e publicou “No Mundo Maior” em 1948!, ou seja, enquanto “A Nova Civilização” ainda se encontrava no prelo!!! Temos, portanto, dois grandes

médiuns recebendo exatamente a mesma revelação, em hemisférios e idiomas diferentes, no mesmo período, sem que fosse possível a um e outro o conhecimento da convergência de seus trabalhos... não estará, aí, um caso clássico de “Concordância Universal”, nos moldes propostos pelo nosso Codificador?

“Mas são só dois médiuns” – poder-se-á argumentar – “Kardec fala em mais de mil centros, confirmando-se reciprocamente”. Entendemos que as condições de trabalho vividas pelo Codificador foram únicas, historicamente falando, preparadas e adequadas pela Espiritualidade Superior ao trabalho missionário do pioneiro, daquele que precisava enfrentar as maiores adversidades e vencer a inércia de suprema resistência pelo fato de dar o primeiro passo. Aquelas condições jamais se repetiram... e quiçá se repetirão.

Vale destacar, ainda, que não entramos, até agora, no mérito da questão, isto é, não nos aprofundamos para entender que corpo fluídico é esse, nem como foi exatamente que o Cristo se corporificou na Terra; estamos apenas demonstrando que a revelação desta natureza especial do corpo de Jesus, ponto central de “Os Quatro Evangelhos”, teve sim, e tem tido até hoje, como veremos mais à frente, sucessivas e relevantes confirmações, atendendo plenamente à “sanção do tempo” proposta por Kardec em seu comentário sobre a obra de Roustaing e Collignon na edição da Revista Espírita de Junho de 1866, já citada.

Desconsiderar a existência destas numerosas citações será fechar os olhos à realidade, porque, lembrando Galileu, elas simplesmente estão aí (“pur si muove”), e falam por si. Por outro lado, desprestigiá-las equivalerá a literalmente rasgar e pisar a biografia e a obra desses verdadeiros missionários do Cristo e do progresso...

Alguém poderá até incorrer neste erro, se assim o desejar, porque “onde há Espírito de Deus há liberdade” (Cor.2, 3:17) mas, sinceramente, de nossa parte já temos erros demais, em nosso “currículo” espiritual, para acrescentar mais esse ao repertório... Preferimos ficar em companhia de Isaías, Mateus, Lucas, João, Collignon, Frederico, Chico e Ubaldi, confirmando em unísono a natureza diferenciada da corporificação do Cristo em nosso planeta.

Voltemos às citações do Chico. Prossigamos ainda mais em nosso estudo, procurando novas referências ao assunto em volumes posteriores a “No Mundo Maior”, e nelas veremos, com mais clareza, a insistência da espiritualidade superior no mesmo ponto, seja em obras de sua própria lavra, seja na de terceiros que também tenham se servindo de sua mediunidade ou tenham sido objeto de sua atenção. Dado o que já foi visto até

aqui, no entanto, elas se tornam cada vez mais claras, mais autoexplicativas, dando ensejo àquela pergunta que nos fazemos muitas vezes, ao constatar que não atentamos para algum detalhe de um texto lido: “como é que não vimos isso antes?”

Em “Alvorada Cristã” (1949), de Neio Lúcio, encontramos duas:

“Como acontece a Maomé, a Carlos V e a Napoleão, os maiores heróis do mundo são lembrados em monumentos que lhes guardam os despojos. Com Jesus, todavia, é diferente. No túmulo de Nosso Senhor, não há sinal de cinzas humanas. Nem pedrarias, nem mármore de preço, com frases que indiquem, ali, a presença da carne e do sangue. Quando os apóstolos visitaram o sepulcro, na gloriosa manhã da Ressurreição, não havia aí nem luto, nem tristeza. Lá encontraram um mensageiro do reino espiritual que lhes afirmou: “Não está aqui”. E o túmulo está aberto e vazio, há quase dois mil anos”. (14ª. Ed. FEB, Pág.16)

“Assumindo a forma duma criança¹⁵, vinha Ele, da parte de Deus, nosso Pai Celestial, a fim de santificar os homens e iluminar os caminhos do mundo”. (Idem, Pág. 195)

No clássico “Caminho, Verdade e Vida”, do mesmo ano, mais uma:

“Para executar sua divina missão de amor, Jesus não contou com a colaboração imediata de Espíritos aperfeiçoados e compreensivos e, sim, aniquilou-se a si mesmo, *tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens*.”

Não podíamos ir ter com o Salvador, em sua posição sublime; todavia, o Mestre veio até nós, apagando temporariamente a sua auréola de luz, de maneira a beneficiar-nos sem traços de sensacionalismo.” (Cap. 8, págs. 26 e 27, 5ª.Ed.FEB)¹⁶

Em “Pontos e Contos”, de Humberto de Campos (1951), outras duas:

“[Jesus] Semelhava-se, realmente, a um príncipe, materializado, de súbito, na Terra, pela suavidade que lhe transparecia da fronte excelsa, tocada pelo vento que soprava, de leve...” (11ª. Ed. FEB, pág.16)

15 Grifo nosso.

16 Idem.

A segunda merece destaque especial, posto que nela confirmam-se – mais uma vez! - as tradições evangélicas quanto à condição especial do “nascimento” de Jesus e à intensidade e variedade dos fenômenos mediúnicos que acompanharam toda a sua estada entre nós...

“O nascimento de Jesus é anunciado, por vias mediúnicas, não só à pureza de Maria, mas à preocupação de José e à esperança de Isabel, Ana e Simeão. Em todos os ângulos da passagem do Mestre, há fenômenos de transsubstanciação da matéria, de clariaudiência, de clarividência, de materialização, de cura, de incorporação, de levitação e de glória espiritual”. (Idem, pág.83)

Ainda nesse ano – 1951 – Emmanuel prefacia a obra “Vida de Jesus”, de Antônio Lima, manifestando o seu aplauso a esse “valeroso batalhador do Evangelho”:

“Este é um documento de defesa do Evangelho, estigmatizando os erros e os enganos aos quais se entregam certos estudiosos mal-avisados de um assunto tão grave... sua obra está cheia de teses, as mais elevadas possíveis... os homens devem saber que o Missionário Divino não viveu a mesma lama de suas existências de inquietações e amarguras... Que a família genuinamente cristã... pratique largamente a sua doutrina, esperando, com a humildade requerida, o tempo propício à compreensão de determinadas verdades...” (Prefácio)

No final deste volume, têm-se um significativo poema de Victor Hugo sobre “A Natureza Fluídica do Corpo de Jesus”, recebido por um médium francês, em Curitiba, no final do século XIX e publicado no volume “Verités Éternelles, desse mesmo autor, já no plano espiritual. A tradução é de Antônio Lima:

“Supondes que Jesus, ao descer sobre a Terra,
se envolvesse em matéria igual
à em que se encerra o vosso corpo?
Não, isso é inadmissível;
Pois viver entre nós assim fora impossível.
Era a sua matéria o fluido imponderável;
Do corpo, a natureza era leve e mutável,
E, para se tornar entre nós aparente,
Ele, que ocupa além um lugar eminente,
Teve de lançar mão de meios inauditos,
Cujo segredo está lá nos céus infinitos.”

No capítulo 23 de “Roteiro”, de Emmanuel (1952), o aben-

çoado mentor serve-se ainda de outra expressão, além do “sur-gir”, para tratar da manifestação do Cristo entre nós...

“Atendamos, acima de tudo, ao essencial. É curioso notar que o próprio Cristo, em sua imersão nos fluidos terrestres, não cogitou de qualquer problema inoportuno ou inadequado”. (13ª. Ed. FEB, Pág.100)

E ainda no mesmo volume, cap. 38:

“[Jesus] apagando-se na manjedoura...” (Pág.163)

Em 1960, André Luiz traz novamente a sua contribuição para a nossa “coleção” de citações de reforço à revelação do Corpo Fluídico de Jesus, da obra do Chico, com a publicação de seu “Mecanismos da Mediunidade”, ambas no capítulo 26, “Jesus e Mediunidade”:

“José da Galileia, o varão que o tomaria sob paternal tutela, “era justo””

“Em Jerusalém, no templo, desaparece de chofre, des-materializando-se, ante a expectativa geral”¹⁷

Bem, acreditamos que à essa altura já temos em número suficiente citações da obra do Chico referendando a obra “Os Quatro Evangelhos”, como um todo, e também a revelação do Corpo Fluídico, em particular.

Há mais, no entanto, a ser visto, a fim de se atender, talvez, plenamente, à “sanção do tempo” desejada por Kardec para as revelações de “Os Quatro Evangelhos”.

Temos também outros tantos médiuns que, pela sua correção, por sua dignidade, e pelo conjunto de sua obra, merecem igualmente a nossa atenção e todo o respeito ao seu trabalho. E que crescem, aos nossos olhos exatamente por terem captado lições semelhantes ou complementares às recebidas por aqueles luminares, confirmando o fato de que sintonizaram sempre o bem e com Espíritos Superiores, em seu trabalho mediúnic¹⁸.

O primeiro caso que nos ocorre, neste grupo, é o do médium Hernani Sant’Anna, com o seu “Universo e Vida”, do Espí-rito Áureo.

Natural de Salvador, Bahia, em 1926, e desencarnado no Rio de Janeiro, em 2001, esse dedicado companheiro de nos-

¹⁷ Vide a respeito Jo, Cap.7, vv. 30.

¹⁸ “Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo”. - Paulo, I Cor. vv. 12

sas fileiras redigiu nas páginas de sua vida uma história bonita, marcada por reiterados esforços em prol da evangelização dos jovens, tendo colaborado por muitos anos no Departamento da Juventude da FEB. Dotado de expressiva sensibilidade, contribuiu igualmente com a publicação de obras de sua lavra, tanto em poesia - “Canções do Alvorecer” (1954) – quanto em prosa – “Notações de Um Aprendiz” (1991); bem como respeitável produção mediúnicamente, onde destacam-se os volumes “Universo e Vida” (1979), “Correio entre Dois Mundos” (1988) e “Amar e Servir” (1993), publicados pela Federação Espírita Brasileira, além de “Razão e Fé” e “Em Busca da Verdade”, pela Editora Lake, todas de reconhecido valor.

Discreto, modesto, gentil e fraterno, foi por seu jeito de ser e pelo testemunho de seus esforços no bem que Hernani tornou-se merecedor da admiração e do apreço daqueles com que conviveu...

É da Lei, no entanto, que os simples e pequeninos do mundo, quando operosos no bem, sejam exaltados, para exemplo de todos...

Quis a vida que, como recompensa por esse modo de vida, tão bem traduzido no título de uma de suas obras, “amar e servir”, ele recebesse da espiritualidade maior uma distinção em tudo especial, que nos leva a incluí-lo nessa “seleção” que estamos fazendo para trazer referências relevantes sobre “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing, e especificamente sobre o corpo fluídico de Jesus.

Ainda encarnado, Hernani recebeu, de presente, duas mensagens mediúnicas realmente especiais, psicografadas por Chico Xavier, em dois momentos expressivos de sua vida.

A primeira, em 1947, quando contava apenas 21 anos... Identificado com a produção mediúnicamente do Chico, dirigiu-se a Pedro Leopoldo e lá permaneceu por alguns dias, hospedado na casa do próprio médium mineiro.

Durante essa visita, Chico recebe de Amaral Ornellas um poema que lhe é dedicado, e que revela, em suas linhas, muito da sensibilidade e do ardor pelo bem que já animavam aquele coração juvenil...

Reproduzimos, abaixo, os versos carinhosos de Amaral Ornellas:

“Ao amigo Hernani T. Sant’Anna
Filho, conserva os dons do Mestre que te inclina
Ao trabalho do bem, que te enobrece e apura.
Nega a ti mesmo e sobe, intrépido, à procura
Do sublime ideal que nos move e ilumina.

Trabalha, sofre e crê, aprende, serve e ensina,
Entesourando o amor sobre a Terra insegura.
A carne é flor que desce ao pó da sepultura,
A alma é luz que se eleva à grandeza divina.

Segue, tateando embora, humilhado e tristonho.
Toda dor é crisol que santifica o sonho...
E quando a última dor surgir no fim da estrada,

Contempla no madeiro a celeste alvorada
Que descortina o Sol da ventura Suprema”.
(Psic. Francisco C. Xavier, 1947, Pedro Leopoldo, MG)

Mais tarde, aos 25 anos – em 1951 - quando em um desses momentos de dúvida, quanto ao melhor passo, nas encruzilhadas da vida, Hernani recebe um novo carinho do Alto, desta feita na forma de uma mensagem de Emmanuel, também através do Chico, intitulada, muito apropriadamente, de “Carta Paternal”. Destacamos, abaixo, alguns trechos:

CARTA PATERNAL

HERNANI:

“Confie as preocupações obcecantes ao Senhor e espere, no trabalho do bem, como sempre, a passagem do nevoeiro.

Quem de nós, meu irmão, não terá atravessado a nuvem, suspirando pelo regresso à luz?

O seu espírito não viaja sozinho. Mãos intangíveis sustentam-no ao longo da caminhada. É preciso guardar a fé e esperar agindo sempre, no sentido da superação das nossas próprias fraquezas. [...]

Somos o que somos, com a herança do passado e a esperança no porvir.

Colocado pelas Forças Superiores, no Rio, para o desempenho de missão relevante, na formação espiritual das gerações novas, cremos que as suas atividades, fora de lá, não obstante respeitáveis em qualquer parte, serão movimento de subnível. [...]

Você não se sentirá feliz, fora do seu plano de sementeiro da renovação da Humanidade, com o Cristo. [...]

Renasçamos de novo, perdoando as circunstâncias por todas as arestas que nos feriram o ideal e a sensibilidade. Procuremos o Cristo, meu irmão, com o nosso pensamento, com o nosso coração e com os nossos braços, conjugando um só verbo - SERVIR, porque dentro dele tudo receberemos, naquele “acréscimo de misericórdia” a que se reporta o Evangelho do Nosso Senhor.

E com Ele, dentro de nossas dificuldades e fraque-

zas, soletremos, enfim, a sublime lição que nos indica o maior no Céu, como sendo o abnegado servidor de todos.”
- Emmanuel”

Essa mensagem e o poema constam da introdução do volume “Amar e Servir” (prefaciado pelo nosso amigo e companheiro neste volume, Sérgio Thiesen), e retratam, ao nosso ver, o carinho dedicado pelos nossos mentores espirituais aos trabalhadores do bem, apesar das nossas sempre limitadas possibilidades. Hernani tornou-se credor destas atenções pelo valor das suas atitudes, e são elas que agora nos levam a incluí-lo também em nossa seleta coleção de citações, sobre “Os Quatro Evangelhos” e o corpo fluídico, trazendo a seguir algumas das que iluminam o seu “Universo e Vida” do Espírito Áureo. Na primeira, explica-se a razão pela qual os Cristos de Deus não conseguem mais encarnar-se em corpos materiais como os nossos, conforme antecipado na questão 113 de “O Livro dos Espíritos”:

“No seio excelso do Criador Incriado, nos cimos da evolução, pontificam os Cristos Divinos, os Devas Arcangélicos, cuja sublime glória e soberano poder superam tudo quanto de magnificente e formidável possa imaginar, por enquanto, a mente humana. São eles que, sob a inspiração do Grande Arquiteto do Universo, presidem, no Infinito, à construção, ao desenvolvimento e à desintegração dos orbes, fixando-lhes as rotas, as leis físicoquímicas e bio-matemáticas e gerindo seus destinos e os de seus habitantes.

Os Cristos, Espíritos Puríssimos, não encarnam. Não têm mais nenhuma afinidade essencial com qualquer tipo de matéria, que é o mais baixo estágio da energia universal. Para eles, matéria é lama fecunda, que não desprezam, sobre a qual indiretamente trabalham através dos seus prepostos, na sublime mordomia da Vida, mas coisa com que não podem associar-se contextualmente, muito menos em íntimas ligações genéticas. Eles podem ir a qualquer parte dos Universos e atuar onde lhes ordene a Vontade Todo-Poderosa de Deus Pai; podem mesmo mostrar-se visualmente, por imenso sacrifício de amor, a seres inferiores e materializados, indo até ao extremo de submeter-se ao quase-aniquilamento de tangibilizar-se à vista e ao tato de habitantes de mundos inferiores, como a Terra; mas não podem encarnar, ligar-se biologicamente a um ovo de organismo animal, em processo absolutamente incompatível com a sua natureza e tecnicamente irrealizável.

A possibilidade de violentação das leis naturais é relativa e não chega até o ponto de permitir que um organismo celular de matéria densa resista, sem desintegrar-se

instantaneamente, à mais abrandada vibração bioeletromagnética de um Espírito Crístico. Se é impraticável a um Espírito humano, inteligente e dotado de consciência, encarnar em corpo de irracional, por completa impossibilidade biológica de assimilação mútua entre a matriz perispiritica e o óvulo animal de outra espécie, para não falarmos também das impossibilidades psíquicas de semelhante absurdo de retrogradação evolutiva, muito menos poderia um Cristo encarnar em corpo humano terrícola.

A distância evolucionária que separa um orangotango de um homem terrestre é bem menor que aquela que medeia entre um ser humano terrestre e um Cristo Divino”. (Cap. VII – O Filho do Homem, pág. 56)

Em seguida, trata do caso específico do Nosso Cristo, Jesus, e dos esforços por ele feitos para poder tangibilizar-se entre nós, apesar da impossibilidade de manifestar-se através do processo de corporificação ordinária em nosso planeta, devido ao nosso baixo grau de evolução:

“Embora nossas toscas palavras e rudes considerações não possam, de nenhum modo, dar a mais pálida ideia do imensurável sacrifício do Cristo Divino para materializar-se entre os homens, convém aqui refletirmos um pouco sobre o que sabe a experiência humana, no campo dos tormentos a que está exposta no mundo a sensibilidade apurada. [...] O que avulta de pronto à nossa assustada percepção é o superlativo massacre de sensibilidade que se evidencia no fato de um Ser, não apenas de super-requintada, mas de divina delicadeza sensorial, expor-se ao inferno de baixas, odientas e agressivas vibrações terrestres, para respirar e agir, por inexcedível amor, no clima superlativamente asfixiante de nossas humanas iniquidades”. (Cap. VII – O Filho do Homem, pág. 57)

Finalmente, comentando os primeiros dias da Era Espírita, o autor espiritual de “Universo e Vida”, Áureo, confirma ainda a informação trazida por Humberto de Campos, em seu “Brasil”, sobre o papel especial reservado a Roustaing e outros grandes missionários no apoio ao trabalho do Codificador:

“Inspirado e sustentado pelas Primícias Celestes, [o Codificador] foi apenas idealismo, trabalho e abnegação, até a morte. A equipe de colaboradores terrenos é também de primeira ordem e prossegue na tarefa de consolidar a Doutrina. Na mesma linha de desprendimento e sacrifício do honesto livreiro Didier e da dedicada Sra. Boudet, alteiam-se o descortino, a coragem e a fidelidade dos Leymarie. A luz brilha na pena abençoada de Denis, Flammarion, De-

lanne, Bozzano, Geley, Aksakof, Roustaing...”(Cap. X – O Caminho Percorrido, pág. 82)

Precisamos concluir, não desejamos nos estender além do razoável a um artigo.

Poderíamos trazer aqui para a nossa apreciação também o admirável poema “O Corpo de Jesus”, de Guerra Junqueiro, recebido por Amélia Delgado em Belém (PA), em 1932, no Centro Espírita Roustaing. A jovem médium, então com 26 anos de idade, mal tinha concluído o curso primário e, ainda assim, oferece-nos páginas da mais alta poesia e espiritualidade. Sua sensibilidade é tal que reproduz com fidelidade o estilo literário do renomado poeta brasileiro, conforme atestado pelo confrade Almerindo Castro:

“De fluidos é formado?... É Feito de matéria?...
Matéria sublimada, ou simplesmente argila?...
Fluido que nenhum mal polui ou aniquila?...
Há tanta confusão, Oh! Meu Jesus Amado,
Em torno deste assunto...
E diz o mundo inteiro:

- “Seu corpo, como os mais, também era formado do barro de que é feito o humano formigueiro”.

Alguns, já procurando investigar, vaidoso,
prometem do saber nas altas ascensões, por
uma vez rasgar os véus tão misteriosos ao
bisturi das autoconsiderações...

Por isso (é bom dizer), já tem havido atritos
entre os irmãos que buscam verdadeira luz e
querem esvoaçar além dos infinitos para saber
de que era o corpo de Jesus!

Se o Cristo foi humano, que é da virgindade
Daquela que recebe, ainda imaculada,
O Verbo que ilumina toda a Humanidade,
Fazendo-se palmilhar a verdadeira estrada?!
Jesus não foi jamais involucrado em lama!

- “Essência Divinal, que lá do alto vem
Os seres envolver na luz da mesma chama
A fim de orientá-los para o ovil do bem,
Nós compreendemos o Cristo – Essência Imaculada!

- Nós vemos em Jesus o – Sobrenatural,
Enviado por Deus a Terra enodoada,
Para dela expulsar os histriões do Mal! (...).
O vosso Cristo é barro, é vosso Cristo argila!...
E, sendo para nós – Essência, Luz, Cintila,
- para vós se reduz apenas a um montão

De trapos, destinados à exploração!
Mas o absurdo que inda vem da lei antiga
Havemos de o arrancar, e bem, pela raiz!
Jesus por sobre nós estende a mão amiga,
Jesus segue conosco a mesma diretriz.”

Ou ainda lembrar pelo menos uma passagem do “Chama Eterna”, da médium Irene Pacheco Machado, que tantas alegrias tem trazido ao nosso movimento, com os volumes de Luis Sérgio:

“Sendo Jesus uma Chama por demais pura, tornava-se impossível ser concebido pelas leis normais da fecundação, isto é, de um homem e de uma mulher.” (pág.231)

Se você passou a vida toda ouvindo dizer que a obra “Os Quatro Evangelhos” não era espírita, porque não recebeu a sanção do tempo e não passou no critério da concordância universal, esse capítulo foi feito pra você.

Ao invés de fazer qualquer tipo de “campanha pró-Roustaing”, preferimos simplesmente mostrar-lhe, uma a uma, algumas das chancelas recebidas por essa obra pela alta espiritualidade ao longo do tempo, através de médiuns de inquestionáveis méritos.

“Examinai tudo”... A avaliação e possível aceitação ou recusa do que apresentamos são totalmente livres, porque “onde há Espírito de Deus, há liberdade”... (Cor.2, 3:17).

Acreditamos que este é o melhor remédio para o “impasse” que se tornou a “questão Roustaing” em nosso movimento. Alteridade, liberdade de pensamento e respeito absoluto à opinião do próximo, qualquer que ela seja.

A Doutrina Espírita é a Doutrina do Livre-Pensamento. Emmanuel tem um texto belíssimo sobre as discordâncias internas, em nosso movimento, que julgamos oportuno reproduzir:

“Há quem afirme que a Doutrina dos Espíritos é viveiro de crenças indisciplinadas, pelo excesso das interpretações e pelo arraigado individualismo dos pontos de vista[...]. Tais enunciados, porém, não encontram guarida nos fundamentos da verdade. [...] Realmente, para quem estima os padrões convencionalistas, com plena adaptação ao menor esforço, não será fácil manejar caracteres livres, nos domínios da fé, porque os desvairamentos da personalidade invariavelmente nos espreitam, tentando-nos impor sobre outrem o tacho do nosso modo de ser. Dentro da Nova Revelação, todavia, não há lugar para qualquer pro-

cesso de cristalização dogmática ou de tirania intelectual. [...] No Espiritismo é difícil aglutinar caracteres libertados, sob o estandarte nivelador da convenção.” (“Roteiro”, Págs. 131 a 133, 13ª. Ed. FEB)

Podemos concordar ou discordar sobre qualquer ponto doutrinário, a qualquer tempo, porque a fé tem de ser raciocinada, para ser sólida. Se alguém não se convenceu sobre esse ou aquele ponto, tem mesmo de questionar, estudar e debater até o limite de sua disponibilidade de agenda, interesse e vontade. Melhor que seja assim, se não quisermos repetir os modelos de “cristalização dogmática” e “tirania intelectual” do passado...

Temos todas tarefas em comum e urgentes, pelo caminho, e a principal delas é o resgate do Cristianismo do Cristo. Concentremo-nos nela.

É preciso voltar ao Cristianismo com a sua simplicidade original, sem a mancha do profissionalismo religioso.

O Cristianismo do “amar ao próximo como a nós mesmos”, aprendendo a expressar o nosso amor a Deus através de cada criatura sua.

O Cristianismo sem o espírito de seita, sem formalismos, sem ortodoxias, sem cargos ou disputa de poder, sem templos ou roupas especiais, sem ritos.

O Cristianismo que deixe de lado a religiosidade formal para se transformar numa atitude de vida, na expressão discreta e íntima da própria espiritualidade e bondade, qualquer que seja o nível alcançado!

Nossa “Pátria do Evangelho” vive hoje uma imensa crise moral. O Cristianismo do Cristo é o remédio. Precisamos de “Evangelho Praticado”, qualquer que seja a interpretação da “letra”. Sagradas sejam nossas atitudes, e não apenas as escrituras...

Ouçamos, ainda uma vez, o conselho do nosso grande Guillon Ribeiro, nas páginas de “Voltei”, recebida também pelo Chico, a respeito dessa grande tarefa que temos em mãos, e que deve, esta sim, ser o objeto de nossas preocupações:

“O concurso do Brasil na obra de cristianização do mundo é muito mais importante que parece, e, nesta bendita contribuição, há lugar para todos os servos do Evangelho, embora as diferenças naturais na interpretação dos textos sagrados. Estamos diante de agigantado esforço de educação, cuja grandeza nem de leve podemos apreciar, por enquanto. Assim, é conveniente utilizarmos os recursos ao nosso alcance, em benefício da fraternidade geral, com sadio e gradativo entendimento da verdade e do má-

ximo bem, ausentes de qualquer problema intrincado e desagradável de personalismo menos digno, que somente orgulho, egoísmo e vaidade representa. É imprescindível esquecermos os casos pessoais, para fixar a mente no espírito coletivo da tarefa redentora” (VOLTEI, 28ª. Ed. FEB - Cap. 12, Pág.104)

Nada a acrescentar ...

VI - “VÃO SIMULACRO”

Julio Damasceno

VÃO SIMULACRO”

Júlio Damasceno

“Se as condições de Jesus, durante a sua vida, fossem as dos seres fluídicos, ele não teria experimentado nem a dor, nem as necessidades do corpo. Supor que assim haja sido é tirar-lhe o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera, como exemplo de resignação. Se tudo nele fosse aparente, todos os atos de sua vida, a reiterada predição de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para que lhe afastasse dos lábios o cálice de amarguras, sua paixão, sua agonia, tudo, até ao último brado, no momento de entregar o Espírito, não teria passado de vão simulacro, para enganar com relação à sua natureza e fazer crer num sacrifício ilusório de sua vida, numa comédia indigna de um homem simplesmente honesto, indigna, portanto, e com mais forte razão de um ser tão superior. Numa palavra: ele teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais as consequências lógicas desse sistema, consequências inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem. Jesus, pois, teve, como todo homem, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a existência”. – Allan Kardec (“A Gênese”, Cap. Os Milagres do Evangelho, item 66)

Sempre alimentamos simpatia por aqueles que manifestam sua discordância à ideia do corpo fluídico na forma de uma “defesa” de Jesus, à semelhança do que vemos no texto acima, de Kardec, em “A Gênese”. Afinal, como desgostar, de qualquer maneira, de alguém que se coloca em defesa do Cristo? Por outro lado, é constrangedor, nessas oportunidades, perceber que o outro nos imagina acusando ao nosso Mestre Amado de algo indigno...

Pensando bem, é fácil entender essas divergências de pensamento, no nosso movimento espírita, apesar do sentimento afim. Nossas bagagens espirituais são absolutamente distintas. Quantas vidas diferentes já vivemos, cada um de nós? Quantos países, variadas culturas e experiências, inclusive religiosas? Ainda mesmo agora, nesta existência, as nossas trajetórias enquanto espíritas são igualmente díspares. Cada um chegou à Doutrina do seu jeito, e por uma “porta” distinta. Como a nossa literatura é vasta, e a escolha da ordem de leitura, livre, o “fio da meada”, a sequência dos textos lidos varia muito, de pessoa a pessoa. Há, também, diferenças regionais importantes. Determi-

nados autores são mais conhecidos nesta ou naquela região, e o consumo de suas obras, isoladamente, acaba por definir uma espécie de “perspectiva” diferente para aquela área geográfica ou para os seus leitores. Se pudéssemos perguntar a dois interlocutores de opiniões divergentes, sobre um assunto qualquer, quanto aos livros lidos ao longo de sua trajetória, talvez fosse possível “mapear” com mais facilidade o ponto de origem das diferentes visões, a fim de resolvê-la simplesmente oferecendo a ambos a oportunidade de “preencher as lacunas” de suas bibliotecas...

Deparamo-nos com esse gênero de objeção muitas vezes, ao longo dos anos, e terminamos por denominá-la como “a questão moral”. Os que a utilizam cultivam comumente uma espécie de “rejeição instantânea” à obra “Os Quatro Evangelhos” por entender que, se ela defende uma ideia tão negativa, em relação ao Cristo, não merece o seu tempo e atenção... Combinada essa perspectiva com a “lenda urbana” a que nos referimos no capítulo anterior, a de que a obra de Roustaing/Collignon não faz parte da Doutrina Espírita, porque não recebeu a sanção do tempo ou da “Concordância Universal” e - pronto: tem-se motivos mais que suficientes para deixá-la de lado sem um exame mais apurado...

Quando surge, nas conversas sobre o corpo fluídico, a “questão moral” nos chega sempre numa espécie de silogismo, colocado mais ou menos nos seguintes termos:

“Se tivesse corpo fluídico o sacrifício do Cristo seria uma mentira.

Um Espírito do nível de Jesus não mente.

Logo, Jesus não teve corpo fluídico”.

A frase do meio é tão forte, tão livre de contestação, que parece “emprestar” força às outras duas, chegando ao ponto de dar aos seus usuários a sensação de ter resolvido o dilema em definitivo. Trazem consigo, por isso, a “certeza” da impossibilidade de Jesus ter tido uma condição biológica diferente da nossa. É sempre muito difícil lidar com a “certeza” alheia, mas sabemos hoje que entre o preto e o branco existem muitos tons de cinza. Olhando o problema, com mais profundidade, talvez possamos descobrir nuances novos, não percebidos anteriormente... quem sabe?

Como a terceira sentença do silogismo traduz apenas a conclusão do argumento, não poderemos nos concentrar nela para análise, porque funciona unicamente como resultado da combinação das duas anteriores. Isso só nos deixa como campo de trabalho a primeira proposição, e é nela que vamos inicial-

mente nos deter, a fim de tentar trazer algumas perspectivas diferentes sobre o assunto. Começemos por relê-la:

“Se tivesse corpo fluídico o sacrifício do Cristo seria uma mentira”...

Essa ideia se propagou em nosso senso comum exatamente a partir do comentário de Kardec em “A Gênese”, citado como epígrafe deste capítulo. Voltemos a ele, então, para observá-lo melhor:

“Se as condições de Jesus, durante a sua vida, fossem as dos seres fluídicos, ele não teria experimentado nem a dor, nem as necessidades do corpo. Supor que assim haja sido é tirar-lhe o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera, como exemplo de resignação. Se tudo nele fosse aparente, todos os atos de sua vida, a reiterada predição de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para que lhe afastasse dos lábios o cálice de amarguras, sua paixão, sua agonia, tudo, até ao último brado, no momento de entregar o Espírito, não teria passado de vão simulacro”...

Um ponto que nos chama logo a atenção é a constatação de que a primeira frase do nosso dilema já é também, por si só, uma conclusão. Ela não corresponde ao primeiro estágio do argumento apresentado pelo Codificador, sobre o corpo fluídico do Cristo. Talvez seja útil “desmontá-la”, por assim dizer, para deixá-la mais clara:

“Um corpo fluídico não sofreria dor ou necessidades físicas. Sem essas, o sofrimento de Jesus seria apenas aparente. Logo, seu sacrifício seria uma mentira – um vão simulacro.”

Chegamos assim ao cerne deste capítulo, às nossas questões principais:

1. Se Espíritos sentem dor e, em caso afirmativo de que tipo;
2. Se Espíritos materializados sentem dor e, em caso afirmativo, de que tipo;
3. Se o Cristo sentiu dor, durante sua missão entre nós e, em caso afirmativo, de que tipo e, em última análise,
4. Se toda aparência se traduz em erro ou mentira.

Vejam os pontos de uma a uma essas questões.

1. ESPÍRITO SENTE DOR?

Kardec principia o estudo das sensações dos Espíritos no capítulo VI da segunda parte de “O Livro dos Espíritos”. Há diversas questões relacionadas ao tema, destacamos algumas:

“253. Os Espíritos experimentam as nossas necessidades e sofrimentos físicos?”

“Eles os conhecem, porque os sofreram, não os experimentam, porém, materialmente, com vós outros: são Espíritos.” [...]

“255. Quando um Espírito diz que sofre, de que natureza é o seu sofrimento?”

“Angústias morais, que o torturam mais dolorosamente do que todos os sofrimentos físicos.”

“256. Como é então que alguns Espíritos se têm queixado de sofrer frio ou calor?”

“É reminiscência do que padecem durante a vida, reminiscência não raro tão aflitiva quanto a realidade. Muitas vezes, no que eles assim dizem apenas há uma comparação mediante a qual, em falta de coisa melhor, procuram exprimir a situação em que se acham. Quando se lembram do corpo que revestiram, têm impressão semelhante à de uma pessoa que, havendo tirado o manto que a envolvia, julga, passado algum tempo, que ainda o traz sobre os ombros.”

Estávamos em 1857. O Codificador reunia então as primeiras informações sobre a vida no mundo espiritual. Percebe-se logo o cuidado dos Espíritos em fazer inicialmente uma distinção entre a experiência de dor nos dois planos da vida (Q.253). A resposta dada à questão 255 induz-nos a acreditar, a princípio, que as dores no plano extrafísico são apenas de natureza moral, mas logo em seguida verifica-se que não é bem assim, que os Espíritos podem enfrentar igualmente um tipo diferente de dor, apresentado pelo Codificador como uma espécie de reminiscência ou impressão retardada de suas dores físicas.

No “Ensaio Teórico da Sensação nos Espíritos” (Q.257), o Kardec dá sequência a esse raciocínio:

“O corpo é o instrumento da dor. Se não é a causa primária desta é, pelo menos, a causa imediata. A alma tem a percepção da dor: essa percepção é o efeito. A lembrança que da dor a alma conserva pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. [...] Não vemos todos os dias a

recordação ou a apreensão de um mal físico produzirem o efeito desse mal, como se real fora? Não as vemos até causar a morte? Toda gente sabe que aqueles a quem se amputou um membro costumam sentir dor no membro que lhes falta. Certo que aí não está a sede, ou, sequer, o ponto de partida da dor. O que há, apenas, é que o cérebro guardou desta a impressão. Lícito, portanto, será admitir-se que coisa análoga ocorra nos sofrimentos do Espírito após a morte”.

[...]

“Liberto do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal [...]. A dor que sentem não é, pois, uma dor física propriamente dita: é um vago sentimento íntimo, que o próprio Espírito nem sempre compreende bem, precisamente porque a dor não se acha localizada e porque não a produzem agentes exteriores; é mais uma reminiscência do que uma realidade, reminiscência, porém, igualmente penosa”.

Kardec imaginava descrever assim o fenômeno das sensações após a morte, mas São Luiz o adverte: “Mais tarde compreenderéis melhor ainda”... (RE, Dez 1858, pág. 500 da Ed. FEB)

Não havia no século XIX o conhecimento dos aspectos psicossomáticos da dor, que pouco a pouco a nossa ciência terrestre também descobre. No ambiente espiritual eles são mais evidentes. Como a matéria nesse plano é menos densa e mais plástica, os efeitos positivos ou negativos decorrentes da força do pensamento são mais imediatos e visíveis e - podemos igualmente dizer - também mais “sensíveis”.

Não se imagine, no entanto, que a dor do Espírito seja menos “dolorosa” ou “real” que a corpórea. Para quem as vive, as duas são bem reais e “doem” para valer, apenas com características e origens diversas... Segundo os Espíritos essa lembrança, não raro, é “tão aflitiva quanto a realidade” (“O Livro dos Espíritos, Q. 256).

O Espiritismo nos ensina muito sobre a dor, alguma vezes de forma surpreendente.

Em “O Consolador”(1941), na sua resposta à questão 239, Emmanuel inverte por completo a nossa perspectiva de “realidade”, tratando exatamente das diferenças entre as dores físicas e espirituais:

“Podemos classificar o sofrimento do espírito como a dor-realidade e o tormento físico, de qualquer natureza, como a dor-ilusão”.

Não é à toa que os hindus chamam ao mundo físico do

mundo de mayá, ou mundo da ilusão...

Por falar em ilusão, descobrimos mais uma em André Luiz, ao recordarmos o processo biológico da dor, em nossos organismos:

“Recorda-se você de que a dor no veículo físico é um acontecimento real no encéfalo, mas puramente imaginário no órgão que supõe experimentá-la. A mente, através das células cerebrais, registra a desarmonia corpórea, constringendo a urdidura orgânica ao serviço, por vezes torturado e difícil, do reajuste”. (“Ação e Reação”, Cap.3)

Mas, sabemos que o cérebro físico é também, por sua vez, simples instrumento da parte pensante, que é a alma ou Espírito encarnado (LE, Q.134). Isso vale para os sentidos, de uma maneira geral, e também para as sensações dolorosas. Em “A Nova Civilização do 3º. Milênio”, Ubaldo faz considerações interessantes sobre as sensações e as duas metades do nosso ser – corpo e espírito:

“Observemos o duplo funcionamento dos sentidos. [...] Onde o mundo físico termina, o mundo psíquico principia. O órgão central é o cérebro, suspenso entre dois mundos, como diafragma sensível capaz de registrar as vibrações provenientes de um e de outro. Esse órgão, porém, não basta para realizar a síntese visual. Mas, afinal, com que é que vemos? [...] A ciência não vai além das células nervosas cerebrais; mas, além dos órgãos de recepção (olho), de transmissão (nervo óptico) e registro (cérebro), o caminho deve continuar até ao objetivo final, a sensação. Só o espírito sente. Através de todos esses transformadores intermediários, a vibração é filtrada, destilada, cada vez mais desmaterializada, porém não pára. Quem a apreende e a faz sua é, no espírito, a consciência. [...]

Assim é que, por esse caminho e através dessas transformações, a percepção sensória pode chegar ao espírito. A verdadeira visão não se realiza, portanto, no cérebro, mero diafragma intermediário e transformador de energia, mas acima dele, do outro lado do binômio vital. De fato, a síntese óptica final é muito mais do que simples registro cerebral. Enquanto no particular existe a forma receptiva da vida, no outro lado, no da matéria, do organismo físico e dos seus vários órgãos, inclusive o cérebro, o estágio final é processo sintético, unitário, é juízo, confronto, coordenação e reação. O cérebro apenas registra e, desempenhando o papel de secretário ou escrivão, se encarrega da conservação mnemônica. Só no espírito, a que o cérebro é órgão subordinado, é que se realiza esse trabalho complexíssimo

e laborioso, se movem as forças imateriais, inteligentes e conscientes, que tudo sabem, querem e dirigem. O cérebro está para o espírito assim como o olho está para o cérebro. Só o espírito diz: eu. O cérebro não pode dizê-lo porque não passa de um órgão”. (Cap. XXVI – A Música)

A frase-chave do pensamento de Ubaldi, nesta passagem, é essa: “Só o Espírito sente”, que combina por sua vez em 100% com a que vimos anteriormente, de Kardec: “O Corpo é o instrumento da dor”. O Espírito “sente”, no entanto, de forma diferente quando encarnado e quando desencarnado, mas o “destino” da sensação é em última instância sempre a consciência, a parte inteligente do ser.

É por isso que a dor nos acompanha, também na vida espiritual, atuando desta feita apenas no perispírito ou corpo espiritual. Os exemplos de “realidade” dessa dor são diversos. Buscamos alguns na Coleção André Luiz, uma das grandes obras da psicografia de Chico Xavier, para ilustração do que estamos tratando.

Em “Nosso Lar”, capítulo 6, André Luiz reporta ao seu orientador, Clarêncio, a sensação de dor nas zonas intestinais:

“No dia imediato, após a oração do crepúsculo, Clarêncio me procurou em companhia do atencioso visitador. Fisionomia a irradiar generosidade, perguntou, abraçando-me:

– Como vai? Melhorzinho? [...]

Obedecendo ao velho vício, comecei a explicar-me, enquanto os dois benfeitores se sentavam comodamente a meu lado: – *Muitas dores na zona intestinal!*¹ [...]. Ah! Como tem sido pesada a minha cruz!...”

Clarêncio procura então, esclarecê-lo com relação à importância da atitude mental positiva, para saneamento de seus males:

“– Meu amigo, deseja você, de fato, a cura espiritual? Ao meu gesto afirmativo, continuou: – Aprenda, então, a não falar excessivamente de si mesmo, nem comente a própria dor. Lamentação denota enfermidade mental e enfermidade de curso laborioso e tratamento difícil. É indispensável criar pensamentos novos...”

Sim, “a enfermidade, como desarmonia espiritual sobrevive no perispírito” – diria-nos, mais tarde (“Entre a Terra e o Céu”, Cap.21), o mesmo instrutor espiritual, e as influências psíquicas

1 Destaque nosso.

neste processo são sempre determinantes.

Veja a propósito o diálogo de André Luiz com Dimas, personagem de “Obreiros da Vida Eterna” (Cap. 15), então recém desencarnado:

“ — Sente, ainda, os fenômenos da dor física? Comecei.

— Guardo Integral impressão do corpo que acabei de deixar — respondeu ele, delicadamente. — Noto, porém, que, ao desejar permanecer ao lado dos meus, e continuar onde sempre estive durante muitos anos, volto a experimentar os padecimentos que sofri; entretanto, ao conformar-me com os superiores desígnios, sinto-me logo mais leve e reconfortado. Apesar da reduzida fração de tempo em que me vejo desperto, já pude fazer semelhante observação.

— E os cinco sentidos?

— Tenho-os em função perfeita.

— Sente fome?

— Chego a notar o estômago vazio e ficaria satisfeito se recebesse algo de comer, mas esse desejo não é incômodo ou torturante.

— E sede?

— Sim, embora não sofra por isso.

Ja continuar o curioso inquirido, mas Jerônimo, sorridente, desarmou-me a pesquisa, asseverando:

— Você pode intensificar o relatório das impressões, quanto deseje, interessado em colaborar na criação da técnica descritiva da morte, certo, porém, de que não se verificam duas desencarnações rigorosamente iguais. *O plano impressivo depende da posição espiritual de cada um*²”.

“*O plano impressivo depende da posição espiritual de cada um*” – ensina-nos Jerônimo, mentor de André Luiz nesse volume. Ela reforça o ensino de uma outra sentença, bem mais antiga, encontrada na primeira edição de “O Livro dos Espíritos”, recuperada pelo grande historiador espírita, Canuto de Abreu, de saudosa memória:

“*Os pesares e os prazeres dos Espíritos são inerentes à natureza e ao grau de aperfeiçoamento deles*”. (item 74)

Finalmente, encontramos Evelina Serpa, personagem do romance “E a Vida Continua”, no seu capítulo 5, “Reencontro”, debatendo-se igualmente com os efeitos dolorosos de seu psiquismo ainda desajustado, logo em seguida à sua desencarnação:

2 Destaque nosso.

“Desejava saber como e quando conseguiria rever o esposo e os pais. Não seria justo dar aos seus a notícia do êxito com que o hospital a brindava?

O facultativo ouviu-a, paciente, e rogou-lhe conformidade. Retornaria aos parentes, mas precisava reajustar-se. Gesticulando carinhosamente, qual se sossegasse uma filha, aclarou:

— A senhora está melhor, muito melhor; entretanto, ainda sob rigorosa assistência de ordem mental. Em se ligando a quaisquer agentes suscetíveis de induzi-la a recordações muito ativas da moléstia que sofreu, é provável que todos os sintomas reapareçam. Pense nisso. Não lhe convém, por agora, recolocar-se entre os seus. E com um olhar ainda mais compreensivo, ajuntou:

— Coopere...

Evelina ouviu a observação, de olhos lacrimosos, mas resignou-se. [...]

Restituída à solidão, Evelina começou a ler o Sermão da Montanha; todavia, a advertência clínica se lhe intrometia na imaginação, insistentemente.

Se estava restaurada, qual se via, porque simples lembranças lhe imporiam retorno aos padecimentos de que se acusava liberta? Porquê? Percebia-se na posse de inenarrável euforia. Deliciosa sensação de leveza lhe mantinha a disposição para a alegria, como nunca sentira em toda a existência. Tais recursos de equilíbrio orgânico seriam assim tão fáceis de perder? Retirou a atenção do livro e engolfou-se em novas cogitações... E se reconstituísse em espírito a presença de Caio e dos pais, com veemência? e se concentrasse os próprios pensamentos nas dores que havia deixado à retaguarda?

Infelizmente para ela, confiou-se a semelhantes exercícios e, decorridos alguns minutos, a crise revelou-se, agigantando-se-lhe no corpo em momentos rápidos. Regelavam-se-lhe as extremidades, enquanto que mantinha a ideia de que um braseiro a requemava por dentro, com a dispneia afrontando-lhe o peito. Desencadeados os sintomas, quis reagir, contrapor conceitos de saúde aos de doença; entretanto, era tarde. O sofrimento ganhou-lhe as forças e passou a contorcer-se no suplicio de que se admitira definitivamente distanciada... Atônita, premiu a campainha e a prestimosa atendente se desdobrou na tarefa assistencial.

O médico reapareceu e administrou sedativos.

Ambos, nem ele nem a enfermeira, lhe endereçaram o mínimo reproche, mas a doente lhes leu no olhar a convicção de que tudo haviam compreendido.

Em silêncio, davam-lhe a saber que não lhe ignoravam a teimosia e que, com toda a certeza, não se acomodando aos avisos recebidos, quisera experimentar por si mesma

o que vinha a ser um tipo de mentalização inconveniente.

Conquanto a bondade de que dava mostras, o médico agiu com energia. Forneceu instruções severas à companhia de serviço, depois da injeção calmante que ele próprio aplicou à senhora Serpa, em determinada região da cabeça, e recomendou medidas especiais para que ela dormisse. Aconselhável obrigá-la a repousar mais tempo, controlada por anestésicos. A doente não podia e nem devia entregar-se a ideias fixas, sob pena de voltar a sofrer sem necessidade”. (Cap.23)

Como vemos, as sensações de bem ou mal estar do Espírito estão intimamente relacionadas à sua condição psíquica, mas é importante lembrar ainda que o nível evolutivo alcançado reflete-se também na densidade do perispírito, e este é outro fator que pode aumentar ou reduzir a intensidade da sensação de dor para os desencarnados...

“Dizendo que os Espíritos são inacessíveis às impressões da matéria que conhecemos, referimo-nos aos Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não encontra analogia neste mundo. Outro tanto não acontece com os de perispírito mais denso” (“O Livro dos Espíritos”, q. 257)

Quanto mais atrasado o Espírito, tanto maior a densidade de seu corpo espiritual³ e, por consequência, maiores as necessidades físicas e sensações de dor vividas na condição de desencarnado. Espiritualizando-se pouco a pouco o ser, e reduzida essa materialidade de seu envoltório espiritual, suavizam-se igualmente esses resquícios da sensação física⁴.

“Deus é Pai”... Faz sentido que um corpo mais rude/grosseiro seja dado àqueles que, mais atrasados, o ferirão mais intensamente com sua mentalização negativa, para que lhes doam menos as dores que criam para si mesmos... O caso extremo para estes casos talvez seja o próprio corpo físico, “casca grossa” criada pela misericórdia divina para proteger-nos em alguma medida dos efeitos danosos de nossos pensamentos rebeldes...

Para outros, mais evoluídos, a veste espiritual pode ser mais sutil, mais leve e mais sensível porque, mais elevados, não afetarão negativamente seus corpos perispíriticos com criações

3 “à medida que o Espírito progride, isto é, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro”. (LE, Q.257, pág. 212 ed. FEB). O mesmo ensino é desenvolvido em “A Gênese”, Cap. XIV – Os Fluidos, item 9: “A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito”.

4 “o envoltório perispíritico de um Espírito se modifica com o progresso moral que este realiza em cada encarnação” (“A Gênese”, Cap. XIV – Os Fluidos, item 10)

psíquicas deletérias, que machucariam gravemente a sua hipersensibilidade.

No “Ensaio sobre a Sensação nos Espíritos”, citado acima, há também trechos relativos a essas modificações da sensibilidade, vis a vis o grau de evolução alcançado e consequente desmaterialização do perispírito.

Como estamos aqui tratando do caso do Cristo, e essas passagens tratam também dos Espíritos Puros, vale a pena lembrá-las:

“se o Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a toda e qualquer sensação dolorosa⁵. É o que se dá com os Espíritos completamente purificados. Sabemos que quanto mais eles se purificam, tanto mais etérea se torna a essência do perispírito, donde se segue que a influência material diminui à medida que o Espírito progride⁶, isto é, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro”.

[...]

“Mas, dir-se-á, desde que pelo perispírito é que as sensações agradáveis, da mesma forma que as desagradáveis, se transmitem ao Espírito, sendo o Espírito puro inacessível a umas, deve sê-lo igualmente às outras. Assim é, de fato, com relação às que provêm unicamente da influência da matéria que conhecemos. O som dos nossos instrumentos, o perfume das nossas flores nenhuma impressão lhe causam. Entretanto, ele experimenta sensações íntimas, de um encanto indefinível, das quais ideia alguma podemos formar, porque, a esse respeito, somos quais cegos de nascença diante da luz.” (“O Livro dos Espíritos”, Q. 257)

Observem como o nosso quadro vai se compondo aos poucos. Conforme a desmaterialização do perispírito, perde-se progressivamente a impressionabilidade para as coisas materiais/externas, tanto as prazerosas quanto as dolorosas, mas ganha-se, por outro lado, uma sensibilidade toda nova, um novo sentido interior, íntimo, indefinível para as nossas consciências ainda limitadas. O ponto limite desse processo é alcançado pelos Espíritos Puros.

Lembram-se da questão número 10 de “O Livro dos Espíritos”?

“10. Pode o homem compreender a natureza íntima de Deus?

“Não; falta-lhe para isso o sentido.”

5 Destaque nosso.

6 Destaque nosso.

Será esse o sentido dos Espíritos Puros? Talvez por isso mesmo o Cristo nos diga que nunca ninguém viu a Deus, só o Filho Unigênito, que O revelou ... (Jo.1:18). Essa percepção nova seria o prêmio final da Evolução, no dizer de Léon Denis:

“Os Espíritos atrasados têm envoltórios impregnados de fluidos materiais. Sentem ainda depois da morte as impressões e as necessidades da vida terrestre. A fome, o frio e a dor subsistem entre aqueles que são mais grosseiros. Seu organismo fluídico, obscurecido pelas paixões, só pode vibrar fracamente, e, portanto, suas percepções são mais restritas. Nada sabem da vida do espaço. Em si e ao seu redor tudo são trevas.

A alma pura, livre das atrações bestiais, conforma um perispírito semelhante a si própria. Quanto mais sutil for esse perispírito, tanto maior força expenderá, tanto mais se dilatarão suas percepções. Participa de meios de existência de que apenas podemos fazer uma ideia; inebria-se dos gozos da vida superior, das magníficas harmonias do infinito. Tal é a tarefa e a recompensa do Espírito humano. Por seus longos trabalhos, ele deve criar para si novos sentidos, de uma delicadeza e de uma força sem limites; domar as paixões brutais, transformar esse espesso invólucro numa forma diáfana, resplandecente de luz; eis a obra destinada a todos em geral, e em que todos necessitam prosseguir, através de degraus inumeráveis, na perspectiva maravilhosa que os mundos oferecem”. (“Depois da Morte”, Cap.23)

Perde-se de um lado, ganha-se de outro. Ubaldi comenta também esse processo de espiritualização progressiva, e consequente eliminação da dor:

“Se a dor faz a evolução, a evolução anula progressivamente a dor”. [...] Tudo é proporcional ao próprio nível e o exprime. Há muitas formas de dor, esta é tanto mais grave, quanto mais baixo estiver o ser. [...] No mundo subumano, a dor é derrota sem compaixão; o ser sofre nas trevas, cheio apenas de ira, num estado de miséria absoluta, sem luzes espirituais compensadoras. É a dor do condenado, cego, sem esperança. [...] No mundo humano, a consciência desperta, pesa e reflete; o espírito tem o pressentimento de uma justiça, de uma compensação e de uma libertação, e espera. É a dor tranquila de quem sabe e resgata [...] Chega-se, assim, por graus, ao mundo super-humano, em que a dor perde seu caráter negativo e maléfico e transforma-se numa afirmação criadora, em poder de regeneração, numa corrida à vida. Ergue-se, então, o hino da redenção: felizes os que choram. [...]O

conceito de dor-prejuízo e de dor-mal evolui, desse modo, por gradações, para o de dor-redenção, dor-trabalho, dor-utilidade, dor-alegria, dor-bem, dor-paixão, dor-amor. Há como que uma transhumanização da dor na lei santa do sacrifício. [...]Dizei-me como sabeis sofrer e vos direi quem sois. Cada um sofre diferentemente, de acordo com seu nível: uns amaldiçoando, outros resgatando, outros abençoando e criando! Das três cruzes iguais sobre o Gólgota, partiram três gritos diferentes”. (A Grande Síntese, Cap.81 – A Função da Dor)

A mesma sensibilidade que, nos estágios mais primitivos, se revela instrumento de dor e aprendizado, mais tarde, sublimada, será a porta voz do êxtase e da íntima comunhão com Deus e toda a criação.

Chegamos assim à uma espécie de escala:

Espíritos atrasados tem o seu envoltório perispirítico denso/material e seu psiquismo mais desestruturado, agitado por mentalizações mais primitivas. A materialidade de seu corpo espiritual torna-os altamente sensíveis às impressões de dor, à semelhança ou até piores que as enfrentadas no corpo de carne.

A dor, no entanto, ensina. A evolução do Espírito se traduz pouco a pouco no refinamento de seu corpo espiritual. Espíritos medianos já tem o perispírito menos denso, e isso aumenta progressivamente, também, a sua sensibilidade, mas ela já não se traduz apenas em dor porque a sua mente já está mais equilibrada. Sofrem por isso em menor grau as sensações de dor e/ou necessidades físicas, conforme descrito pelo Dimas, no exemplo citado; ao mesmo tempo em que ensaiam novas manifestações de sua sensibilidade, no lirismo para o romance, na intuição conceitual, na vibração da poesia e da prece.

Espíritos puros têm a mente inteiramente saudável e, pelo fato de terem alcançado a desmateralização completa de seu perispírito⁷, ao ponto de eliminá-lo, veem-se isentos também, por consequência, da possibilidade de qualquer impressão dolorosa ou prazerosa de natureza “corpórea” – ainda que em corpo espiritual – o que lhes traz um quadro sensório totalmente distinto do nosso. Em compensação, conhecem sensações totalmente novas, o êxtase do gênio, do poeta e do santo, a alegria indefinível da comunhão com Deus, com a Verdade e com a Vida, um novo sentido, do qual “ideia alguma podemos formar”, porque, a esse respeito, somos quais cegos de nascença diante da luz”, no dizer de Kardec.

Provavelmente por essa razão, Emmanuel nos alerte quan-

7 Vide Q.186 do LE

to à dificuldade de estabelecer-se um paralelo razoável entre as dores que sentimos e as do Cristo, ao discorrer sobre as dores de Jesus no Calvário, em “O Consolador”:

“De modo algum poderíamos fazer um estudo psicológico de Jesus, estabelecendo dados comparativos entre o Senhor e o homem”. (“O Consolador, Q.287)

Sim, a dor evolui, junto conosco, e Espírito sente dor, sim, seja como encarnado seja no plano espiritual. Respondemos assim – afirmativamente – à primeira das quatro perguntas propostas acima. Aliás, quem sente dor é só ele mesmo, Espírito, servindo-se para isso de suas formas corpóreas, nos dois planos da vida, como vimos.

Agora, é muito difícil para os que se encontram em estágio anterior entender e descrever a natureza e/ou a intensidade das sensações conhecidas pelos que seguem à frente na jornada, assim como de nosso plano compreender plenamente o que se passa no “mundo dos Espíritos”, por falta de referências e até de vocabulário.

A matéria não imagina o que seja a sensibilidade da planta. Esta, por sua vez, não faz ideia do que seja a dor enfrentada pelo animal. A fera conhece a dor física e a enfrenta dia a dia nos embates do caminho; mas pouco sabe da dor moral. O homem descobre em si uma essa dor nova, a dor que “vem de dentro” – a dor moral – mas só a preço de muitas lágrimas o coração mais rijo se sensibiliza. A água não vence a pedra a preço de poucos dias. Incontáveis horas são igualmente necessárias para que um coração humano deixe para trás a aridez e, florescendo, dê os frutos de amor e abnegação de que só são capazes os anjos e os santos...

Em cada nível, a dor que lhe é própria – simbolizados nos três gritos do Calvário – mas todos acreditam ser a sua sempre a maior e mais importante:

“Na Terra temos sempre a ilusão de que não há dor maior que a nossa” – diz acolhedora Laura a André Luiz, em Nosso Lar (Cap.19)

A consciência dessa graduação é importante para o nosso aprendizado, porque ajuda-nos pelo menos a entrever, pelo pensamento, o que não é ainda possível “sentir” ou “viver” em razão de nossa baixa maturidade espiritual. Refletindo com mais calma sobre o tema, fica fácil compreender o erro em que incorreria o representante de cada nível se, generalizando, projetasse para os demais apenas a dor que lhe diz respeito.

Imagine-se os minerais, por exemplo, se pudessem, atribuindo a todos os seres da criação a sua insensibilidade. Ou, as plantas, questionando a existência de alguma sensação diferente da sua. Ou, ainda, os animais, diminuindo a importância das dores morais apenas porque seu coração não está preparado para senti-las na dimensão que as conhecemos...

Agora – perguntamos nós, depois do que vimos acima, sobre os Espíritos puros – não estaríamos caindo nesse mesmo erro, quando esperamos encontrar no Cristo apenas as nossas dores, dores físicas, corpóreas, tentando medir o Seu sacrifício no Calvário estritamente pelas nossas medidas, sem atinar para a distância evolutiva que nos distingue? Talvez aí esteja um primeiro ponto a considerarmos, sobre o “dilema” apresentado acima...

Instintivamente, acabamos “medindo” o sacrifício do Cristo pela “régua” de que dispomos, esquecendo que Ele já é um Espírito Puro, em estágio evolutivo completamente distinto do nosso... Sem que nos déssemos conta, elegemos por medida exatamente aquilo que conhecemos, que temos por referência em nossa experiência comum: a dor física. Em resumo, é como se disséssemos: “se não sentiu dor como a nossa, então o Seu sacrifício não valeu”. Em nenhum momento cogitou-se da possibilidade Dele ter enfrentado dor maior ou diferente da que conhecemos e sentimos, exatamente porque o entendimento do que se passa nos níveis evolutivos posteriores ao que vivemos está sempre na linha do horizonte do cognoscível.

Mas, o tempo passa... e o pensamento humano progride.

Emmanuel nos chama a atenção para outras dores do Cristo, além das do Calvário, ainda em “O Consolador” (1941), questão 286, mas parece que na ocasião não atentamos para essas considerações:

“– O sacrifício de Jesus deve ser apreciado tão somente pela dolorosa expressão do Calvário? R. O Calvário representou o coroamento da obra do Senhor, mas *o sacrifício na sua exemplificação se verificou em todos os dias da sua passagem pelo planeta*⁸.”

O abençoado instrutor espiritual prossegue no tema, no item seguinte:

“- Numerosos discípulos do Evangelho consideram que o sacrifício do Gólgota não teria sido completo sem o máximo de dor material para o Mestre Divino. Como conceituar essa suposição em face da intensidade do sofrimento mo-

8 Destaque nosso.

ral que a cruz lhe terá oferecido?

-A dor material é um fenômeno como os dos fogos de artifícios, em face dos legítimos valores espirituais.

Homens do mundo, que morreram por uma ideia, muitas vezes não chegaram a experimentar a dor física, sentindo apenas a amargura da incompreensão do seu ideal.

Imaginar, pois, o Cristo, que se sacrificou pela Humanidade inteira, e chegareis a contempla-Lo na imensidão da sua dor espiritual, augusta e indefinível para a nossa apreciação restrita e singela.

De modo algum poderíamos fazer um estudo psicológico de Jesus, estabelecendo dados comparativos entre o Senhor e o homem.

Em sua exemplificação divina, faz-se mister considerar, antes de tudo, o seu amor, a sua humildade, a sua renúncia por toda a Humanidade.

Examinados esses fatores, a dor material teria significação especial para que a obra cristã ficasse consagrada? A dor espiritual, grande demais para ser compreendida, não constitui o ponto essencial da sua perfeita renúncia pelos homens?

Nesse particular, contudo, as criaturas humanas prosseguirão discutindo, como as crianças que somente admitem as realidades da vida de um adulto, quando se lhe fornece o conhecimento tomando por imagens o cabedal imediato dos seus brinquedos”.

Em “Os Mensageiros”, o instrutor Aniceto fala da dor do Cristo no Calvário, sem definir exatamente qual seja:

“Sabemos que Jesus penetrou na glória sublime logo após a suprema dor do Calvário” (Aniceto, Os Mensageiros, Cap.27)

Qual seria, ou quais seriam, então, a(s) dor(es) do Cristo? Ou, que sacrifício foi esse, que O acompanhou em todos os dias da sua passagem pelo planeta?

Seria a Sua dor apenas de natureza moral? Ou será uma outra dor qualquer, ainda desconhecida???

Emmanuel nos fala acima de uma “dor espiritual”, “grande demais para ser compreendida” pela nossa pequenez...

Por outro lado... será que Espíritos materializados sentem dor?

Será que nessa condição estão sujeitos às dores físicas, assim como as enfrentamos, corporalmente?

Vamos ao próximo item...

2. ESPÍRITO MATERIALIZADO SENTE DOR?

Não encontramos registros de casos de “dor” em Espíritos materializados. Ao contrário, nesses casos a preocupação volta-se sempre para o médium, este sim em estágio de grande vulnerabilidade física, durante todo o transcurso do fenômeno de materialização.

Desde as célebres experiências de materialização, ainda no século XIX, com especial destaque para as do químico e físico inglês Willian Crookes, Prêmio Nobel de Química em 1907, há relatos de imersão em parafina quente de mãos materializadas, sem indícios de dor física para os seres que assim se manifestaram.

Seguem alguns relatos, a título de exemplo.

Primeiro, um caso publicado pelo grande cientista russo Alexander Aksakof, relatado em sua obra “Animismo e Espiritismo”:

“Na experiência realizada em Belper (Inglaterra) o Senhor W. P. Adshead empregou uma gaiola, construída especialmente para nela ser encerrada a médium, durante as sessões de materialização, a fim de resolver definitivamente esta questão: a figura materializada é ou não uma pessoa distinta da médium?

Esta questão foi resolvida afirmativamente.

A médium, a Srta. Wood, foi colocada em uma gaiola, cuja porta se fechou com parafusos. Foi gessas condições que se viu aparecerem dois fantasmas: o de uma mulher conhecida pelo nome de Meggie, e o de um homem chamado Benny.

Ambos saíram do gabinete; em seguida materializaram-se e desmaterializaram-se diante dos assistentes e, enfim, procederam sucessivamente à moldagem de um dos seus pés, na parafina.

Foi Meggie quem primeiramente tentou a operação. Saindo do gabinete, ela aproximou-se do Senhor Smedley e colocou a mão nas costas da cadeira por ele ocupada. O Senhor Smedley perguntou se o espírito precisava da cadeira; Meggie fez com a cabeça um sinal afirmativo.

Ele levantou-se e colocou a cadeira diante de dois baldes, em um dos quais havia água quente com uma camada de parafina derretida na superfície, e, no outro, água fria.

Meggie sentou-se, ergueu seus longos vestidos e começou a mergulhar o pé esquerdo alternativamente na parafina derretida e na água fria, continuando esse movimento até que o molde ficasse concluído.

O fantasma estava tão bem encoberto pelas suas vestimentas, que não nos foi mais possível reconhecer o opera-

dor. Um dos assistentes, iludido pela vivacidade dos movimentos, exclamou: É Benny. Então a aparição colocou a mão sobre a do Senhor Smedley, como para lhe dizer:

Toque para saber quem sou. É Meggie, que acaba de me estender a sua pequena mão, proferiu o Senhor Smedley.

Quando a camada de parafina adquiriu espessura desejada, Meggie descansou o pé esquerdo sobre o joelho direito e ficou nessa posição cerca de dois minutos; depois elevou o molde, segurou-o algum tempo no ar e deu-lhe uma pancada, de maneira que todos os presentes pudessem vê-lo e ouvir as pancadas; depois, a meu pedido, mo entregou, e eu o depusitei em um lugar seguro.

Meggie tentou em seguida a mesma experiência com o pé direito, mas, depois de o ter molhado duas ou três vezes, levantou-se, provavelmente em consequência do esgotamento das suas forças, retirou-se para o gabinete e não mais voltou.

A parafina que tinha aderido a seu pé direito foi em seguida achada sobre o soalho do gabinete”. (Psychische Studien, dezembro de 1878, págs. 545 a 548; *Médium*, 1877, pág. 195.) – completar citação)

No Brasil, temos o caso clássico de Raquel, filha do confrade Fred Figner (o irmão Jacob, de “Voltei”, psicografia de F. C. Xavier, Ed. FEB), através da preciosa mediunidade da Sra. Prado, conforme o relato imortalizado na obra “O Trabalho dos Mortos”, de Nogueira Faria:

“No dia 4 de Maio fizemos outra sessão, e nesta a materialização de nossa filha foi a mais perfeita possível. Rachel apresentou-se com tanta perfeição, com tanta graça e tão ela mesma, com os mesmos gestos e modos, que não pudemos conter nossa emoção e todos, chorando, de joelhos, rendemos graças a Deus, por tamanha esmola.

Era Rachel viva, pronta para ir a uma festa. A sua cabeça erguida, os seus braços redondos, o seu sorriso habitual, as suas bonitas mãos e até a posição destas, toda sua exatamente como era na Terra. Falou à mãe, pedindo-lhe exatamente que na próxima sessão viesse toda de branco como desejava e aí estava materializada. [...]

A 6 de Maio fizemos a última sessão.

O resultado foi o mesmo da anterior, com acréscimo de Rachel fazer diante de nós uma luva em parafina, de sua mão esquerda, consultando muitas vezes João, que se achava no gabinete, porém à nossa vista, durante todo o tempo em que ela trabalhava com a parafina. Logo ao se materializar, Rachel, saltando e batendo palmas, demonstrou sua satisfação por ver sua mãe toda de branco; e, ao

despedir-se, pediu-lhe que levasse sua irmã Leontina às festas e ao Teatro, como fazia com ela.

Rachel esteve conosco, nessa ocasião, durante duas horas. [...]

Tenho entretanto de confessar que estas duas horas e 40 minutos foram para todos nós o tempo mais feliz de nossa existência”. (completar citação)

Finalmente, mais um caso brasileiro com o igualmente admirável Peixotinho, relatado no “Materializações Luminosas”, do confrade Raphael Américo Ranieri (1919-1989). Esse relato é importante porque nele se explica o processo pelo qual se obtém essas formações em parafina, o que mais salienta o seu valor para aqueles que não estão familiarizados com a técnica:

“tivemos agradável surpresa quando uma noite no André Luís, depois de uma reunião movimentada, o Zé Grosso nos disse:

- Ranieri, ela fez um pezinho e uma luva para você. Adivinhe de quem é?

A assistência não sabia de que se tratava, mas eu sabia.

Naturalmente, o leitor acostumado com fatos psíquicos sabe como se fazem as luvas das mãos e dos pés dos espíritos materializados. Para aqueles que não conhecem, vamos explicar. Nas reuniões de materializações, geralmente, os espíritos pedem que deixem duas latas de mais ou menos 20 quilos da seguinte maneira: uma cheia de parafina dissolvida e fervente, sobre um fogareiro aceso, à elevada temperatura. A parafina líquida permanece numa temperatura de 80, 90, 100 e mais graus centígrados. Se alguém colocar a mão dentro dessa parafina ficará de imediato queimado gravemente. A outra lata colocada ao lado, pedem os espíritos que se encha de água fria. Aliás, ambas ficam cheias até às bordas.

Enquanto os trabalhos prosseguem, da assistência se ouve ferver e espoucar a parafina em ebulição. O fogareiro não se apaga.

O espírito materializado para realizar o trabalho de confecção das luvas ou mãos ou pés, aproxima-se das latas e mergulha no líquido de parafina fervente o membro que deseja reproduzir em cera. Por exemplo, a mão. Esta fica impregnada de parafina que se cola na mão. Do mesmo modo que se fritam ovos, derramando a gordura sobre os mesmos, o espírito com a outra mão vai derramando parafina líquida sobre a primeira mão já recoberta com acamada inicial. Quando julga que a luva está como deseja, mergulha a mão recoberta de parafina fervente na água fria e, nesse momento, desmaterializa a mão espiritual,

que desaparece, deixando dentro de água apenas a luva de parafina. Esse é o método mais comum.

Se enchermos a luva assim fabricada com gesso molhado, fica a reprodução fiel de mão humana notando-se todas as linhas originais e até os cabelos e os poros da pele. Absolutamente idêntica à mão humana que vivera na Terra. De um modo geral, porém, se reconhece logo à primeira vista o seu dono pela própria luva. Foi o que aconteceu com a mão e o pezinho prometidos por Zé Grosso.

Ao terminar a reunião, penetramos na cabina e ali estavam entre outras peças de parafina de outros espíritos, especialmente uma enorme luva da mão do gigante Zé Grosso, as luvinhas minúsculas e perfeitas, absolutamente iguais às mãos que eu apertara com amor em minha casa e aos pés que eu calçava com carinho de pai.

Um pé e uma mão de Heleninha reproduzida em parafina com grandiosa perfeição. Eram aquela mão e aquele pé de criança de um ano e oito meses, com as mesmas curvas, as mesmas dobras, os mesmos dedinhos. Marca incontestável da sobrevivência espiritual. Exatos, fiéis, perfeitos”. (Cap.IX)

Na 3ª. edição de “Elos Doutrinários”, do grande esperantista Ismael Gomes Braga, encontramos nos seus apêndices, de autoria de outro grande trabalhador de nossa seara, Zêus Wantuil, o caso de Espíritos materializados cortados a bisturi e, outra vez, nenhuma indicação de dor:

“Em Moscou, num grupo de sete pessoas, entre as quais dois médicos, manifestava-se, durante as sessões de estudo, o fantasma de um homem de uns quarenta anos, e que se movia entre os assistentes, com estes entretendo palestras, enquanto o médium, profundamente em transe, permanecia inerte em sua cadeira. O Sr. De Meck, que participava do grupo, certo dia teve a ideia, com o assentimento dos dois médicos presentes, de perguntar à entidade materializada se seria possível abrir-lhe as carnes dos braços com um bisturi, a fim de se verificar de que matéria um fantasma era formado. A entidade respondeu que de boa vontade aceitava submeter-se à experiência, mas que medidas de precaução deveriam ser tomadas, a fim de não prejudicar a saúde do médium. Após cinco meses de preparação, foi anunciado que a experiência poderia ser tentada e, de fato, realizou-se. Diz o Sr. de Meck que o resultado foi totalmente inesperado: “Quando os dois médicos, depois de friccionarem o braço do fantasma com clorofórmio, o incisaram por meio de bisturi, puderam verificar que ele era formado de carnes humanas naturais. Mas, em seguida, ao incisarem o outro braço, certificaram-

-se, com grande surpresa, de que abaixo da epiderme, não havia senão carne amorfa, uma espécie de pasta espessa e gelatinosa, semelhante à matéria ectoplasmática que certos experimentadores têm observado no curso de sessões de materialização”. (Págs. 163 e 164).

Nos exemplos expostos, os Espíritos manifestantes não acusaram sensação de dor em momento algum do processo; ao contrário, revelaram tranquilidade ao lidar com materiais e superfícies intensamente aquecidos ou cortantes, suficientes para queimar ou causar dor a qualquer encarnado, demonstrando por este meio a sua isenção de sensações dolorosas de natureza corpórea ou física, embora materializados. Provavelmente porque eram Espíritos equilibrados, sem aflições de natureza psíquica que se refletissem dolorosamente em seus corpos espirituais, e também porque as causas físicas já não os atingiam como d’antes, quando encarnados.

Por outro lado: estariam sujeitos a outro tipo qualquer de impressão dolorosa, que nos seja desconhecida? Sofreriam com mentalizações negativas dos encarnados presentes? O grau de evolução e sensibilidade dos Espíritos comunicantes seria um fator a se considerar nessa análise? Nada encontramos diretamente relacionado a essa questão, o que torna qualquer resposta conclusiva, a esse respeito, ainda prematura.

Até aqui, no entanto, tratamos apenas do caso de Espíritos comuns, sem qualquer grau de elevação espiritual que os distingua da média terráquea.

Mas, e com relação aos Espíritos Puros, tão distantes e distintos de nossa experiência comum? E quanto a Jesus, especialmente, materializado entre nós, de acordo com as revelações vistas no capítulo anterior?

Vamos à terceira questão.

3. E O CRISTO? SENTIU DOR, DURANTE SUA MISSÃO ENTRE NÓS? EM CASO AFIRMATIVO, DE QUE TIPO?

Em seu “Universo e Vida” (1978), o Espírito Áureo, através da psicografia do prezado Hernani Sant’Anna, traz novas referências sobre o assunto, explicando-nos a experiência vivida por um Espírito puro, como o Cristo, no esforço de corporificar-se entre nós, a fim de tornar-se visível e estabelecer um contato mais direto com a nossa realidade grosseira:

“Para apresentar-se visível e tangível na superfície da crosta terráquea, teve o Cristo Planetário de aceitar voluntariamente intraduzível tortura cósmica, indizível e imen-

sa, ainda que quase de todo inabordável ao entendimento humano”. (Cap.7, 8a. Ed.FEB, pág. 56)

Áureo entre em detalhes do processo:

“Primeiro, obrigou-se à necessidade de abdicar, por espaço de tempo que para nós seria longuíssimo, da sua normal ilimitação de Espírito Cósmico e ao seu trono no Sol, sede do Sistema, transferindo-se do centro estelar para a fotosfera, onde lhe foi possível o primeiro e doloroso mergulho na matéria, através do revestimento consciente do seu mentespírito com um tecido energético de fótons. Depois, teve de imergir no próprio bojo do planeta Terra, em cuja ionosfera utilizou vastos potenciais eletromagnéticos para transformar seu manto fotônico em leptons e em quarks formadores de mésons e de hárions, estruturando átomos ionizados. Finalmente, concluindo a dolorosíssima operação de tangibilidade, revestiu esse corpo iônico com delicadíssima túnica molecular, estruturada à base de ectoplasma, combinando com células vegetais, recolhidas principalmente (como já captou a intuição humana) de vinhedos e trigais” (Cap. 7, 8ª.ed. FEB, págs. 56 e 57)

E prossegue:

“Embora nossas toscas palavras e rudes considerações não possam, de nenhum modo, dar a mais pálida ideia do imensurável sacrifício do Cristo Divino para materializar-se entre os homens, convém aqui refletirmos um pouco sobre o que sabe a experiência humana, no campo dos tormentos a que está exposta no mundo a sensibilidade apurada. [...] O que avulta de pronto à nossa assustada percepção é o superlativo massacre de sensibilidade que se evidencia no fato de um Ser, não apenas de super-requintada, mas de divina delicadeza sensorial, expor-se ao inferno de baixas, odientas e agressivas vibrações terrestres, para respirar e agir, por inexcedível amor, no clima superlativamente asfíxiante de nossas humanas iniquidades.

Em face do muito de sublime já escrito na vasta literatura espírita-cristã, sobre a dor moral, em suas variadíssimas expressões, não examinaremos aqui esse primordial e nobilíssimo aspecto do sacrifício messiânico, mas insistiremos em chamar a atenção para a terrível realidade psicofísica do maior de todos os dramas de dor, que foi a materialização crística neste mundo de trevas e maldade; dor real inimaginável, jamais sofrida, na Terra, por qualquer Ser vivente, nem antes nem depois do Filho de Maria”. (Cap. 7, 8a. Ed. FEB, pág. 57)

Resumamos: Espírito puro não tem mais perispírito. Cristo teve de fazer um para si, temporariamente, para poder materializar-se entre nós. Estabeleceu, para isso, um corpo espiritual de grande refinamento, “delicadíssima túnica molecular”, e pelo descrito por Áureo essa operação, em si mesma, já equivaleu à “intraduzível tortura cósmica”.

Seria essa “tortura cósmica” descrita por Áureo a “dor espiritual” a que se referiu Emmanuel? O sacrifício, que teria acompanhado o Cristo em todos os dias da sua passagem pelo planeta, estaria associado ao processo de materialização para um Espírito Puro? Uma dor “grande demais para ser compreendida”?, “indizível e imensa”, “ainda que quase de todo inabordável ao entendimento humano”, no dizer de Áureo? “Imensurável sacrifício”?

Difícil dizer, exatamente pelas razões expostas. Estamos aqui lidando com o limite de nosso cognoscível, de nosso entendimento, um terreno todo nebuloso para a nossa insensibilidade, para a completa falta de referências sobre os planos mais altos da existência...

Em seu “Universo e Vida”, Áureo ainda destaca outro aspecto da questão – a hipersensibilidade dos corpos espirituais mais refinados, menos densos:

“À proporção que a densidade decresce, a sensibilidade se intensifica. No perispírito dos desencarnados, ela é muito maior do que no dos encarnados comuns, porque aqueles lidam com matéria mais rarefeita, mais plástica e, por isso, mais obediente às modelagens mentais”.

[...]

Teve [Jesus], portanto, sobradas razões para exclamar, como registrou o evangelista Marcos (9:19): “ó geração incrédula e perversa, até quando me fareis sofrer?” O sofrimento experimentado por Jesus, na preparação e no decurso de seu messianato, não teve, não tem e não terá similar, de qualquer ângulo que seja analisado, inclusive no que concerne à dor física, tal como a entendemos, em vista da sua inigualável sensibilidade orgânica. (Cap.7, 8a. ed. FEB, pág. 58)

Seria o corpo de Jesus, ao contrário do imaginado por Kardec, mais sensível à dor física, em razão da tessitura sutil do corpo espiritual criado para suporte de sua materialização? Ou, quem sabe, seria ele sensível ao ponto de sofrer na forma de dor os efeitos danosos das pestilenciais emanações mentais do psi-quismo humano, durante sua estadia entre nós???

Abençoado Áureo! Abençoado Hernani!

Não temos as respostas, ainda, mas o maior mérito que encontramos na revelação de “Universo e Vida” é o fato de que ela reforça a hipótese de uma dor maior que aquela que conhecemos, para o Cristo, “quebrando” de vez, por assim dizer, a “esfinge” - o dilema “binário” proposto pelo Codificador: “ou dor física, ou mentira” - que se apresentava como insolúvel, desafiando as nossas capacidades e ao mesmo tempo nos dividindo em posições de pensamento antagônico. Com Áureo, descobre-se a possibilidade de um caminho completamente novo, e absolutamente em linha com o perfil moral e totalmente Superior do Cristo. Foi necessário que os anos se passassem para que os alertas de Emmanuel, combinados com a revelação de Áureo, nos remetessem a um quadro totalmente diverso.

O fato novo, nesta história, é essa “dor espiritual”, essa “tortura cósmica” do Espírito puro, ao ter de remontar um corpo espiritual, temporário, a fim de poder materializar-se entre nós. Um sacrifício imensamente mais doloroso do que qualquer sensação humana possa descrever. E esse esforço não é de poucas horas, mas de um tempo muito maior, necessário à preparação e execução de toda a Sua missão entre nós...

Nossa mente pequenina se satisfazia e cobrava de Jesus um sacrifício com “s” minúsculo. O Cristo nos ofereceu, silenciosamente, um outro, muito maior, com “S” maiúsculo, este sim muito mais proporcional à Sua dignidade, à Sua modéstia, à Sua abnegação sem limites pelos irmãos menores, todos nós que estamos sob Sua responsabilidade, como governador planetário. Vestiu uma “roupa de espinhos” durante trinta e três anos, enquanto nos preocupávamos com uma “coroa de espinhos” de apenas algumas horas... Um Sacrifício Silencioso, preservado por modéstia e só agora revelado, quase dois mil anos depois, provavelmente para nos ajudar exatamente a sair do dilema, a dar um passo à frente em nossa compreensão, descortinando horizontes novos, ainda não vistos, e sequer imaginados anteriormente. Um Sacrifício Santo, e tão mais santo exatamente pelo fato de ter-se ocultado, por ato de modéstia, por vivência plena e exemplar daquilo que nos traz o evangelho:

“Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens, para serdes vistos por eles; aliás, não tereis galardão junto de vosso Pai, que está nos céus.

Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão.

Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita” (Mateus 6:1-3)

Jesus sempre viveu e exemplificou tudo aquilo que nos ensinou. Esta constatação, por si só, já deveria ter nos chamado a atenção para essa possibilidade, a de que Seu Sacrifício maior jamais nos seria visível, por efeito de sua humildade, do recato que assinala toda virtude sublimada, da preocupação de fazer-se todo o tempo menor do que de fato é, e mais próximo de nossa pequenez.

A mãe que passa fome para dar o seu alimento ao filho não lhe joga no rosto o próprio martírio. Antes o disfarça, com um sorriso gentil, de tal modo convincente que muitas vezes só anos mais tarde, já adulto, este terá noção do sacrifício feito em seu benefício... Penso que estamos em situação parecida. Somos todos beneficiários de um Sacrifício de Jesus muito maior do que a nossa compreensão permitia entender, no passado, e só agora começamos a nos dar conta da imensa dívida de gratidão que temos com o nosso Mestre querido, muito maior do que a nossa imaginação poderia conceber...

“Completamente irreal e terrivelmente injusto é, pois, o argumento de embuste, largamente usado pelos que não compreendem a absoluta impossibilidade da encarnação comum de um Ser Crístico e só conseguem ver uma grosseira pantomima na capacidade de sofrer de um agêner. A verdade, como vemos, é bem outra, incomparavelmente bela, justa, santa, lógica e real; a realidade do sublime amor daquele que é, de fato, o Caminho, a Verdade e a Vida” – conclui Áureo. (Cap.7, 8a. ed. FEB, pág.60)

Um detalhe importante, que merece ser destacado, antes de terminarmos esse item, é o fato de “Universo e Vida” ter sido publicado pela FEB em 1978, quase cem anos depois da desencarnação de Roustaing, ocorrida a 02 de janeiro de 1879, como se sabe. Parece que a Espiritualidade Superior guardou essa revelação para um momento especial, trazendo assim a sua parte na celebração do centenário de desencarnação do tão incompreendido Apóstolo de Bordeaux...

Finalizemos esse breve estudo, concentrando nossa atenção em nossa quarta e última questão, e talvez a mais importante.

4. APARÊNCIA SIGNIFICA NECESSARIAMENTE ERRO OU MENTIRA?

Será que, em algum momento de sua missão, Jesus se serviu não da mentira, mas da aparência, em nosso benefício? E, em se confirmando algum caso do gênero, como Ele teria fei-

to, para combinar verdade e aparência, que a alguns parecem inconciliáveis?

Começemos a análise desse item com um caso menor, mais próximo de nossa realidade, extraído mais uma vez da Coleção André Luiz, desta vez do volume “Libertação”, no seu capítulo 4.

André e seu companheiro de estudos, Elói, dirigem-se então à uma cidade em pleno Umbral, orientados pelo instrutor Gúbio, para uma missão especial: obter de Gregório, um dos líderes daquela comunidade trevosa, a autorização para uma tentativa de tratamento da jovem Margarida, uma de suas vítimas, ainda encarnada, e filha de Gúbio, em uma de suas existências.

O texto começa com a descrição de uma paisagem em tudo triste, e “pesada”:

“Após a travessia de várias regiões, “em descida”, com escalas por diversos postos e instituições socorristas, penetramos vasto domínio de sombras. A claridade solar jazia diferenciada. Fumo cinzento cobria o céu em toda a sua extensão. A volitação fácil se fizera impossível.

A vegetação exibia aspecto sinistro e angustiado. As árvores não se vestiam de folhagem farta e os galhos, quase secos, davam a ideia de braços erguidos em súplicas dolorosas.

Aves agoueiradas, de grande tamanho, de uma espécie que poderá ser situada entre os corvídeos, crocitavam em surdina, semelhando-se a pequenos monstros alados espiando presas ocultas.

O que mais contristava, porém, não era o quadro desolador, mais ou menos semelhante a outros de meu conhecimento, e, sim, os apelos cortantes que provinham dos charcos. Gemidos tipicamente humanos eram pronunciados em todos os tons”.

Depois de breve pausa na jornada, Gúbio dá uma primeira orientação aos seus dois discípulos:

“Nossas organizações perispiríticas, à maneira de escafandro estruturado em material absorvente, por ato deliberado de nossa vontade, não devem reagir contra as baixas vibrações deste plano. Estamos na posição de homens que, por amor, descessem a operar num imenso lago de lodo; para socorrer eficientemente os que se adaptaram a ele, são compelidos a cobrir-se com as substâncias do charco, sofrendo-lhes, com paciência e coragem, a influência deprimente.

Atravessamos importantes limites vibratórios e cabe-nos entregar a forma exterior ao meio que nos recebe, a fim de sermos realmente úteis aos que nos propomos auxi-

liar. Finda a nossa transformação transitória, seremos vistos por qualquer dos habitantes desta região menos feliz”.

Seguindo a instrução recebida, André Luiz e Elói passam a inalar as substâncias espessas que pairavam ao redor, observando em seguida profundas transformações na aparência de seu corpo perispirítico:

“Reparei, confundido, que a voluntária integração com os elementos inferiores do plano nos desfigurava enormemente. Pouco a pouco, sentimo-nos pesados e tive a ideia de que fora, de improviso, religado, de novo, ao corpo de carne, porque, embora me sentisse dono da própria individualidade, me via revestido de matéria densa, como se fôsse obrigado a envergar inesperada armadura”.

Instantes depois da transformação, uma dúvida ética estremece aos dois colaboradores de Gúbio:

— Mas, não será isto mentir? clamou Elói, quase feito.

Gúbio dividiu conosco um olhar de benevolência e explicou, bondoso:

— Não te recordas do texto evangélico que recomenda não saiba a mão esquerda o que dá a direita? Este é o momento de ajudarmos sem alarde. O Senhor não é mentiroso quando nos estende invisíveis recursos de salvação, sem que lhe vejamos a presença. Nesta cidade sombria, trabalham inúmeros companheiros do bem nas condições em que nos achamos. Se erguermos bandeira provocante, nestes campos, nos quais noventa e cinco por cento das inteligências se encontram devotadas ao mal e à desarmonia, nosso programa será estraçalhado em alguns instantes”.

Gúbio e seus assistentes estavam literalmente “apagando a sua luz” e condensando a sua forma perispiritual, na medida do possível e necessário, a fim de serem percebidos sensorialmente pelos habitantes do local, ao ponto de poderem estabelecer contato, em benefício da missão desejada e da jovem Margarida...

Assumiram, por isso, uma “aparência” – palavra chave nesse caso – diferente da sua habitual, a fim de atingir ao fim colimado.

A reação dos dois assistentes foi rigorosamente igual à nossa, quando da associação feita entre aparência e mentira, no caso de possível ausência de dor física durante os episódios do Calvário do Cristo...

“Mas, não será isto mentir?” A resposta de Gúbio é providencial, e mais que oportuna para a nossa reflexão do momento:

“Não te recordas do texto evangélico que recomenda não saiba a mão esquerda o que dá a direita? Este é o momento de ajudarmos sem alarde. O Senhor não é mentiroso quando nos estende invisíveis recursos de salvação, sem que lhe vejamos a presença”.

Será mentira ocultar ou omitir as próprias qualidades, quando o interlocutor não as possui, ou não se encontra apto a entendê-las? Ou, na hipótese acima, quando a revelação de toda a verdade prejudicará uma missão de socorro a quem se deseja beneficiar?

Voltemos ao caso do Cristo. Temos aí uma situação bem parecida com a do nosso Instrutor Gúbio e seus discípulos. Espírito Puro, já livre das encarnações materiais (Q.113, 168 e 226 de “O Livro dos Espíritos”), materializara-se para ofuscar suas luzes, a fim de tornar-se visível e assim poder cumprir plenamente a sua missão entre nós. Lembram-se da frase de Emmanuel, no Roteiro, já citada? “Jesus, apagando-se na manjedoura...”

Deveria ele, no Calvário, chamar a atenção dos que o acompanhavam, para o caráter especial de sua corporiedade? Teria a humanidade de então a condição de compreender o que seja a condição de um Espírito dessa envergadura e suas qualidades, bem como o que é um perispírito, suas propriedades, e como ocorrera a sua materialização?

Mas, se não podiam entendê-la, se a revelação só perturbaria a Sua missão, porque então revelá-las? O silêncio sobre essas faculdades, a omissão do anúncio desses diferenciais evolutivos, não será antes um ato de modéstia, de humildade, antes que uma “mentira”? Ainda mais pelo fato dessa “redução” aparente custar-lhe esforço e mesmo sacrifício, conforme visto anteriormente!

Nesse caso, como em muitos outros, o Cristo optou pela “revelação parcial”, que não combina de nenhuma forma com “mentira”, posto que é apenas a verdade dita de forma genérica, sem explicações mais detalhadas, deixando para o futuro, para o Consolador Prometido, os esclarecimentos que estivessem fora do alcance do entendimento de então... Jesus disse claramente que não era desse mundo (Jo.8:23). Que havia “descido do céu” (Jo.6:38). Que João era o maior “dos nascidos de mulher” (Mt.11:11). Que ninguém tinha o poder de tomar-lhe a vida, Ele sim, tinha o poder de tomá-la e retomá-la, poder esse que lhe fora concedido pelo Pai... (Jo.10:18)

Está certo que não foi além na explicação dessas sentenças, mas foi este o método utilizado por Ele em muitas outras circunstâncias:

Lembrou a Nicodemos a reencarnação (Jo.3:1-10), mas não prosseguiu na explanação sobre essa realidade biológica...

Falou das muitas moradas da Casa do Pai (Jo.14:2), mas não aprofundou estudos sobre a pluralidade dos mundos habitados...

Afirmou taxativamente não estarem mortos a filha de Jairo (Mt.9:24) e Lázaro (Jo.11:11), nos casos que por sua aparência foram registrados pela tradição como “ressurreições”, mas não discorreu ali sobre a catalepsia e seus efeitos, porque estaria antecipando em séculos a compreensão da ciência sobre um dos males humanos...

Deu sabor de vinho à água, em Caná (Jo.2:9), mas não revelou aos convivas os segredos do magnetismo...

Multiplicou pães e peixes (Mt.12 e Mt.15), mas não ensinou os segredos dos fenômenos de transporte...

Em nenhum desses casos houve mentira, como jamais poderia haver, partindo do Cristo, mas em todos eles a verdade foi graduada, lançada como semente adequada às condições do ambiente de então, a fim de frutificar em futuro distante, exatamente como fez e disse tê-lo feito em todas as parábolas!

Chama atenção no texto de André Luiz, lembrado acima, a reação do instrutor Gúbio à manifestação do Elói, questionando se não seria mentira ocultar a própria condição superior: “Gúbio dividiu conosco um olhar de benevolência e explicou, bondoso”.

O Senhor conhece as nossas limitações e bem sabe a maneira e o tempo certo para ajudar-nos a superá-las. Foi preciso que dois mil anos se passassem para que, só agora, pudéssemos refletir sobre essas questões a fim de poder olhá-las como quem tem “olhos de ver e ouvidos de ouvir”. Fomos esperados por todo esse tempo com toda benevolência e bondade, para não ferir consciências e não apressar, desnecessariamente, um aprendizado que como todo o resto, na criação, tem o seu tempo certo.

Vejam agora um caso parecido com o do Gúbio, mas desta vez tendo o próprio Cristo como personagem principal, onde a aparência foi usada com um fim benéfico, mas também sem faltar com a verdade. Referimo-nos especificamente ao capítulo 24 do Evangelho de Lucas, versículos 36 a 48, trazendo a descrição da materialização do Cristo entre os apóstolos, depois dos episódios do Calvário:

“V. 36. Quando ainda falavam desses fatos, Jesus se apresentou no meio deles e lhes disse: A paz seja convos-

co; sou eu; não temais. — 37. Eles, porém, espantados e perturbados, imaginaram estar vendo um Espírito. — 38. Disse-lhes então Jesus: *Porque vos turbais e se levantam tantas dúvidas em vossos corações?* — 39. *Vede minhas mãos e meus pés e reconhecei que sou eu mesmo; apalpai-me e lembrai-vos de que um Espírito não tem carne, nem ossos, como vedes que tenho.* — 40. *E, dizendo isso, lhes mostrou as mãos e os pés.* — 41. *Como, todavia, ainda não acreditassem, tantos eram neles a alegria e o espanto, Jesus lhes perguntou: Tendes aqui alguma coisa que se possa comer?* — 42. *Apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado e um favo de mel.* — 43. *Ele comeu diante de todos e, pegando do que sobrara, lhes deu;* — 44, *dizendo: Lembrai-vos de que, quando ainda estava convosco, eu vos disse ser necessário se cumprisse tudo quanto de mim fora escrito na lei de Moisés, nas profecias e nos Salmos¹.* — 45. No mesmo instante lhes abriu o espírito, a fim de que compreendessem as Escrituras. — 46. E lhes disse: Assim é que, estando isso escrito, importava que o Cristo sofresse e ressuscitasse dentre os mortos ao terceiro dia; — 47, e que em seu nome se pregasse a penitência e a remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. — 48. Ora, sois testemunhas destas coisas. — 49. Vou mandar-vos o dom de meu pai, que vos foi prometido; permaneçei, entretanto, na cidade, até que sejais revestidos do poder do alto”.

Estamos revendo o relato de um episódio ocorrido depois do Calvário.

Jesus se apresenta entre os seus discípulos, perfeitamente materializado e, apesar disso, se esforça para dar a eles a certeza de sua plena “ressurreição”.

Aponta-lhes as feridas em suas mãos e pés, para que as observem.

Oferece-lhes o torso para que verifiquem a consistência de sua carne e ossos.

E, para concluir, ainda lhes solicita comida, a fim de, comendo à sua frente, dar-lhes prova definitiva de sua materialidade que, para eles, significava “vida”.

No entanto, estava ali plenamente materializado, hoje sabemos.

Como conciliar, neste episódio, aparência e verdade?

Também nesse caso, como sempre e em todos os exemplos já citados, Jesus diz a verdade, só não a explica ou detalha, pela impossibilidade de maiores explicações no momento.

Lucas nos conta que os apóstolos imaginaram a princípio

¹⁰ Destaque nosso.

estar diante de um “Espírito” (v.37). A palavra utilizada no original grego é “πνεῦμα” (pneuma), que também pode traduzir-se como aparição, assombração, espectro, e fantasma. Jesus tenta demovê-los dessa impressão inicial, salientando, no versículo 39, com o uso da mesma palavra, que um fantasma ou assombração não teria a consistência e as características físicas que apresentava. Só não foi possível explicar-lhes, naquele momento, que estava materializado...

Observe-se que, nessa passagem, não foi só a aparência o fator determinante para que os apóstolos tivessem a convicção de sua ressurreição, mas também toda a Sua fala, os Seus gestos, o fato de pedir comida e ingerir o alimento à frente de todos, na mesma hora. Houve um “teatro” sim, tendo Jesus como personagem principal da cena!

A intenção do esforço hoje é clara. Sabe-se bem o efeito causado nos apóstolos, a partir desse episódio. A sobrevivência do Cristo, e seu “retorno dos mortos”, causou um efeito indescritível e inesquecível, em todos eles. Dizem os especialistas que o movimento cristão começou ali. Que a sua fé atingiu patamares nunca d’antes alcançados. De repente, um grupo de discípulos assustados tornou-se um time de gigantes, preparando-lhes os corações para o Pentecostes, que viria mais tarde...

A lembrança dessa cena acompanhou e sustentou aos apóstolos em todos os seus martírios.

Temperou-os por dentro, um a um.

Seus exemplos de abnegação e coragem foram, a partir de então, de tal ordem, que sacudiram as massas, fortaleceram os simples e pequeninos do mundo, despertaram energias novas suficientes para fazer com que os cristãos primeiros suportassem três séculos de flagelações.

Teria ele podido dizer, então: “observem, isto não é uma vidência, é uma manifestação objetiva, estou aqui materializado, trata-se de uma ectoplasmia, e vim aqui apenas para provar que a vida continua, que o Espírito é imortal, e que estarei efetivamente convosco até a consumação dos séculos!”?

Seria compreendido? Provavelmente não...

Talvez não tenhamos, ainda, condições de entender bem as razões desse esforço do Cristo e os critérios para o uso benéfico e justo da aparência, em situações dessa natureza, mas aproveitando o fato de que começamos esse capítulo com um silogismo, talvez possamos aqui também fazer o nosso:

Tudo que Jesus faz é Santo.
Se usou da aparência, em sua missão,
É que ela também pode ser Santa.

Nada do que o Cristo faz é em vão, ou incorreto.

Nisso concordamos todos, felizmente.

A nossa estranheza ao Seu comportamento deverá sempre advir de nossa miopia, de nosso entendimento limitado das coisas, e não de qualquer possibilidade de uma falha Sua, ou qualquer comportamento que não lhe faça jus. É preciso reconhecer, no entanto, as limitações de nossas capacidades, de nossas referências, para não definirmos a nossa aceitação dessa ou daquela ideia apenas a partir dos nossos pré-conceitos, da nossa visão sempre comprometida pelas condições de humanidade.

Em outro capítulo, ainda nesse volume - “Jesus, nem Deus nem Homem”, vamos tratar com mais calma da questão do corpo fluídico propriamente dito. Por ora fica só o convite à reflexão.

Como pode o corpo de Cristo servir de pretexto à divisão entre dois irmãos que se definem como Cristãos???

Teremos esquecido a “alma” de Sua Doutrina - o Amor?

Talvez caiba lembrar aqui um alerta feito pelos Espíritos autores de “Os Quatro Evangelhos”, a esse respeito:

“Qualquer que seja o invólucro que lhe atribuam, admirai em Jesus o Espírito. Não vos dividais, ó espíritas! Homens, quem quer que sejais, que ainda não sois acessíveis à luz da nova revelação, deixai de lado os fragmentos do vaso e recolhei cuidadosamente o perfume que ele encerrava, porquanto os que o respiram respiram a vida eterna”. (Tomo III, item 290)

Nos debates sobre o Corpo Fluídico de Jesus, exercitemos a fraternidade, a “urbanidade”, tantas vezes lembrada pelo nosso Codificador.

Procuramos aqui demonstrar que a questão é bem mais complexa e rica de nuances do que se imaginava a princípio, e quão longe ainda estamos do pleno entendimento sobre todos os aspectos que envolve. Não deveriam estas dificuldades servir de incentivo ao estudo, à ponderação, ao recato na exteriorização das próprias ideias e à colaboração?

Na edição brasileira das obras de Orígenes, um dos grandes “Pais da Igreja”, o Dr. Bento Silva Santos, um dos grandes especialistas no tema da Patrística, destaca o efeito perverso da “ortodoxia totalitária” e “pronta” que se instalou nos meios cristãos, depois de sua oficialização como religião do Estado, por parte de Constantino, em oposição ao constante esforço exploratório e desbravador de Orígenes, considerado o “grande gênio do cristianismo”, sempre atento para não submeter a verdade às exigências do sistema vigente...

Tenhamos conosco os exemplos dos primeiros cristãos, a

fim de evitar os mesmos erros e tropeços do passado... Nossa Doutrina é progressiva. Jamais estará “pronta”, nem coaduna com atitudes “totalitárias” da parte de quem quer seja, ainda que a pretexto de defender a sua “pureza”.

Quem sabe um pouco mais de boa vontade e compreensão, entre todos, não seja o mínimo a fazer, de nossa parte, para que o verdadeiro sacrifício do Cristo não seja em vão...

**VII - TRÊS PEDRAS
DE TROPEÇO
E A QUEDA ESPIRITUAL**

Julio Damasceno

TRÊS PEDRAS DE TROPEÇO E A QUEDA ESPIRITUAL

Júlio Damasceno

“Dos Espíritos, uns terão sido criados bons e outros maus?

“Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber”. (“O Livro dos Espíritos”, Q.115)

“25. É um castigo a encarnação e somente os Espíritos culpados estão sujeitos a sofrê-la?

A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência”. (S.Luiz – “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. IV, item 25)

118. Podem os Espíritos degenerar?

“Não; à medida que avançam, compreendem o que os distanciava da perfeição. Concluindo uma prova, o Espírito fica com a ciência que daí lhe veio e não a esquece. Pode permanecer estacionário, mas não retrograda.”

1. Fomos mesmo criados simples e ignorantes?

2. A encarnação em mundos materiais como o nosso é de fato necessária?

3. A queda espiritual não seria um tipo de retrogradação?

Para muitos dos que ombreiam conosco no estudo da Doutrina indagações desse tipo podem parecer a princípio um pouco heréticas, mas não é nossa intenção criar polêmica, em qualquer sentido. Entendemos apenas que essas questões merecem ainda discussão, e aqui nos propomos a trazê-las da maneira mais clara e fraterna ao nosso alcance. Reunimos na Codificação e em obras complementares elementos suficientes para levantar a matéria, e entendemos que é um dever de consciência trazê-la a público, mesmo que a preço de eventuais críticas, na expectativa de que esse estudo seja útil a alguém.

Sabemos bem quão difícil é lidar com uma Doutrina Evolutiva. Para nós todos, essa é uma experiência inédita. Durante milênios fomos treinados, condicionados, adestrados à manutenção do “status quo”, das verdades estabelecidas. Ai de quem tivesse ideia nova!

Em nosso caso, os avanços se dão em duas vertentes: ou através de revelações mais recentes e completas, ou por intermédio do nosso próprio amadurecimento, aproveitando ou entendendo melhor a farta literatura que tem nos sido ofertada para estudo e análise, da parte da Espiritualidade Superior.

O exercício da abertura para o novo, o combate ao misoneísmo - aversão, repulsa a tudo o que é novo ou contém novidade; o mesmo que neofobia, segundo o Aurélio Online - e da liberdade de pensamento exigem constante vigilância. A inércia nos leva quase sempre ao conservadorismo e à intransigência, dois pilares da ortodoxia.

Por outro lado, a adesão à novidade apenas por modismo ou superficialidade, sem exame, também tem seus riscos. O próprio Codificador já nos alertou, na frase que se tornou famosa: “Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea.” (“O Livro dos Médiuns”, Cap. XX, item 230)

Na teoria é fácil. Na prática, é difícil achar a exata medida entre os dois extremos. A aceitação ou recusa precipitada das novidades, sem a análise devida, e sem o debate necessário - ninguém é “dono da verdade” - é que trazem os seus riscos. O debate é bom, e útil. É por seu intermédio que a verdade seapura, se decanta, para só deixar ficar o que for bom e proveitoso. Bezerra de Menezes - o Kardec Brasileiro - publicou reflexões belíssimas sobre esse equilíbrio sutil, logo na primeira página de seus “Estudos Filosóficos”:

“O mundo tem todos os dias a prova material de que, na medida do desenvolvimento da perfectibilidade humana, descem das alturas novas e mais avançadas revelações.

O mundo, porém, não aprende e, sempre cego, obedece fatalmente ao impulso que o leva a repelir tudo que é novo, tudo que vem substituir alguma peça do mecanismo construído por seu saber.

Que não aceitasse novidades, científicas ou religiosas, sem o mais detido exame e criteriosa experiência, nada mais digno de aplauso.

Mas que, para evitar enganos e erros, tranque as portas de sua alma a tudo que não procede das ideias que possui, a tudo que se apresenta com cores novas, sem o cunho das conquistas realizadas, é o que ninguém poderá louvar.

Nem recusar *in limine*¹, nem acolher infantilmente é a regra da verdadeira sabedoria humana, posta por Des-

1 Destaque do autor. Expressão latina. Segundo o Dicionário Aulete, traduz-se por “desde o início”, logo. Remete à precipitação no julgamento.

cartes, que elevou a dúvida às alturas do mais fino instrumento da verdade.

Duvidar, não para desprezar, mas para examinar, observar e experimentar, é obrigação do homem da ciência e do bom senso”. (Estudos Filosóficos, Tomo I, Cap. I, pág. 11 – Coleção Edicel).

Quando Kardec nos diz: “O que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem” (“A Gênese”, Cap. I, item 13) está nos convidado ao contínuo estudo e debate daquilo que nos foi oferecido pelos Espíritos, como revelação. Se o consenso não se estabelecer, eventualmente, dentro do tempo esperado, não há problema. Não temos pressa...

“Como pretender-se em algumas horas adquirir a Ciência do Infinito? Ninguém, pois, se iluda: o estudo do Espiritismo é imenso; interessa a todas as questões da metafísica e da ordem social; é um mundo que se abre diante de nós. Será de admirar que o efetua-lo demande tempo, muito tempo mesmo?” (“O Livro dos Espíritos”, Introdução)

O importante é mantermos a “atitude em guarda”, cultivando a abertura, a disposição para o estudo, para o exame e reexame das questões sempre que convidados a esse fim, e a boa vontade – cristã – com aqueles que pensam diferente. “Espíritas: amai-vos, eis o primeiro mandamento; instruí-vos, eis o segundo”. (“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. VI).

O amor deve preceder à instrução...

Kardec deixou-nos diversos exemplos desse esforço de renovação das próprias concepções. Um deles – talvez o principal – é o da Reencarnação.

Declaradamente distante dessa ideia, quando de suas primeiras revelações, por parte dos Espíritos, rendeu-se posteriormente à força das evidências e dos fatos, inserindo finalmente a pluralidade das existências como uma das principais colunas de nosso corpo doutrinário. Ele mesmo nos dá notícias dessa história:

“Quando a doutrina da reencarnação nos foi ensinada pelos Espíritos, estava tão distante do nosso pensamento que, sobre os antecedentes da alma, havíamos construído um sistema completamente diferente, partilhado, aliás, por muitas pessoas. Sob esse aspecto, portanto, a Doutrina dos Espíritos nos surpreendeu profundamente; diremos mais: contrariou-nos, porquanto derrubou as nossas próprias ideias. Como se pode ver, estava longe de refle-

ti-las. Mas isso não é tudo: nós não cedemos ao primeiro choque; combatemos, defendemos nossa opinião, levantamos objeções e só nos rendemos à evidência quando percebemos a insuficiência de nosso sistema para resolver todas as dificuldades levantadas por essa questão. (RE, Nov de 1858, págs 446 e 447 da Ed. FEB)

Esse esforço de análise e o avanço conceitual dele decorrente ocorreram antes do lançamento de “O Livro dos Espíritos”, porque já na sua primeira edição o Codificador apresenta a pluralidade das existências como um dos pontos integrantes do “Resumo da Doutrina Espírita”:

“Deixando o corpo, a alma reentra no Mundo dos Espíritos (de onde havia saído), para retomar nova existência na carne após haver fruído um lapso de tempo mais ou menos longo, em que ela fica no estado de Espírito Errante”. (“O Livro dos Espíritos”, 1ª. Ed. – Canuto de Abreu – Introd.)

Kardec revela toda a sua dignidade e sabedoria, no entanto, ao declarar publicamente a mudança de opinião, salientando os prejuízos de afeiçoarmos-nos teimosamente às próprias ideias, quando elas se mostram insuficientes para explicar alguma coisa:

“Em sendo demonstrado o erro, muito mais que perder do que ganhar tem o amor-próprio, com o se obstinar na sustentação de uma ideia falsa”. (LE, Q.222)

Seríamos nós, hoje, capazes de seguir-lhe o exemplo de desprendimento? E se nos déssemos conta que simplesmente nos equivocamos, durante algum tempo, na interpretação de algum dos ensinamentos da Doutrina?

Vamos tratar de alguns desses pontos, neste artigo.

O primeiro, é o que acreditamos ter ocorrido no caso da “simplicidade e ignorância”, quando de nossa “criação”. Um erro nosso, discreto, mas que permitiu que se popularizasse e cristalizasse em nosso senso comum uma ideia equivocada durante os séculos XIX, XX e XXI, apenas por não havermos atentado para todos os detalhes relacionados à essa questão. “Nós fomos criados simples e ignorantes” – repetimos hoje à exaustão, como uma espécie de “mantra”, e ai de quem diga o contrário... “A Codificação nos traz esse ensino o tempo inteiro”... e é verdade, conforme já demonstramos anteriormente². No entanto, e ape-

2 Vide o Prefácio deste volume, págs. 26 e 27.

sar disso, podemos afirmar hoje, em alto e bom som, e fazendo coro com o próprio Codificador, que NÃO fomos criados simples e ignorantes...!!!

O segundo, relacionado à questão da Necessidade da Encarnação. São Luiz a ensinou e Kardec concordou e propagou a ideia de que a encarnação em planetas materiais, como o nosso, é uma etapa necessária ao nosso processo evolutivo, conforme destacamos no prefácio desse volume². Nós entendemos que não é bem assim, e afirmamos isto com convicção por termos elementos na própria Codificação e em dezenas de obras complementares “de primeira linha”, boas e bastantes para nos fazer acreditar exatamente o contrário.

Finalmente, a associação entre queda e retrogradação ou degeneração do Espírito, erro frequente em nossos arraiais, que igualmente merece a nossa atenção. Aproveitando o ensejo, vamos aproveitar para explorar um pouco mais também os conceitos de evolução e involução, diretamente relacionados ao pleno entendimento da questão da queda espiritual.

Vamos ver? Avancemos ...

1. SIMPLICIDADE E IGNORÂNCIA

Começamos pela questão da simplicidade e ignorância. Partimos da hipótese de que ela pode ter um entendimento novo, se recordarmos um pouco do que já se sabe sobre a evolução anímica.

“Tudo se encadeia”. Essa expressão aparece muitas vezes, em “O Livro dos Espíritos”, quando o tema está relacionado à nossa evolução³:

“É assim que tudo serve, que *tudo se encadeia* na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo. Admirável lei de harmonia, que o vosso acanhado espírito ainda não pode apreender em seu conjunto!” (LE, Q.540)

“*Tudo em a Natureza se encadeia*”.(LE, Q.573)

“Tudo em a Natureza é transição”. (LE, Q. 589)

“*Tudo em a Natureza se encadeia* por elos que ainda não podeis apreender”. (LE, Q.604)

3 Págs. 23 a 26.

4 Destaques nossos.

“Já não dissemos que *tudo em a Natureza se encadeia* e tende para a unidade?” (Q.607-a)

Kardec comungava dessa visão integrada do processo evolutivo, porque a levou para a Introdução de “O Livro dos Espíritos” e para uma de suas anotações ao longo dessa obra:

“Tudo então se liga, *tudo se encadeia*, desde o alfa até o ômega”. (LE, Introdução)

“por uma admirável lei da Providência, *tudo se encadeia*, tudo é solidário na Natureza” (Kardec, Nota à questão 133, LE)

A resposta à questão 540, no entanto, se destaca das demais pelo seu nível de detalhe – as outras são mais conceituais – e pela originalidade da visão de mundo que apresenta:

“É assim que tudo serve, que tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo. Admirável lei de harmonia, que o vosso acanhado espírito ainda não pode apreender em seu conjunto!” (LE, Q.540)

Como assim? Como poderia o átomo – matéria – tornar-se “arcanjo”, personagem símbolo de um nível superior de espiritualidade⁴? Em “A Grande Síntese”, de Ubaldi, encontramos frase com ideia semelhante:

“Do Urânio ao Gênio, traçaremos uma linha que deverá ser contínua” (Cap. 19).

Que fantástica transformação seria essa? Quais as etapas dessa jornada? Como pode o átomo se transmutar em arcanjo, e o urânio em gênio da humanidade?

A reação inicial, e natural, é de perplexidade. Habitados ao pensamento cartesiano, de rígida e ortodoxa separação entre matéria e espírito, como dois aspectos distintos, distantes e inconciliáveis da realidade, parecia-nos então impossível, ao nosso “acanhado espírito” – estávamos ainda no século XIX! - que de um ponto pudesse se chegar ao outro em sequência natural. Não conseguíamos apreender os “elos” necessários à formação desse conjunto, embora Kardec tenha plantado a ideia dessa unidade substancial:

5 No Aurélio on line: “Anjo importante ou um líder entre os anjos. Na Bíblia, são estabelecidas nove ordens de seres celestiais. Os anjos compõem a mais baixa, com os arcanjos imediatamente acima”.

28. Pois que o espírito é, em si, alguma coisa, não seria mais exato e menos sujeito a confusão dar aos dois elementos gerais as designações de — matéria inerte e matéria inteligente?

“As palavras pouco nos importam. Compete-vos a vós formular a vossa linguagem de maneira a vos entenderdes. As vossas controvérsias provêm, quase sempre, de não vos entenderdes acerca dos termos que empregais, por ser incompleta a vossa linguagem para exprimir o que não vos fere os sentidos.”

Mais recentemente, para citar só um exemplo, Emmanuel reforçou essa visão unitária na obra que traz como título o seu nome...

“Será lícito considerar-se espírito e matéria como dois estados alotrópicos de um só elemento primordial, de maneira a obter-se a conciliação das duas escolas perpetuamente em luta, dualista e monista, chegando-se a uma concepção unitária do Universo?”

Resposta – É lícito considerar-se espírito e matéria como estados diversos de uma essência imutável, chegando-se dessa forma a estabelecer a unidade substancial do Universo. Dentro, porém, desse monismo físico-psíquico, perfeitamente conciliável com a doutrina dualista, faz-se preciso considerar a matéria como o estado negativo e o espírito como o estado positivo dessa substância. [...] A ciência terrena, no estudo das vibrações, chegará a conceber a unidade de todas as forças físicas e psíquicas do Universo”. (“Emmanuel”, psic. F.C.Xavier, cap.33)

Na obra de Ubaldi encontra-se exatamente a mesma ideia:

“espírito e matéria são dois aspectos extremos de uma fundamental unidade de substância” (“Um Destino seguindo Cristo”, Cap.XVII)

Não sei dizer se ao tempo de Kardec a comunidade espírita conseguiu ajuizar bem a dimensão do avanço conceitual proposto nesta visão do “continuum” evolutivo. A teorização científica dessa visão começou com os naturalistas do século XIX, como Charles Darwin e Jean-Baptiste Lamarck. A boa notícia é que, ao longo do século XX, ela se tornou uma das principais questões da Ciência contemporânea, na busca da chamada “Teoria sobre Tudo” e das “Teorias Unificadas” da evolução. Vale lembrar também que a obra “A Origem das Espécies”, de Charles Darwin, grande marco no estudo da evolução, só viria a ser publicada dois anos depois de “O Livro dos Espíritos”, em 1859, portanto...

Atualmente grandes expressões da Ciência se concentram numa questão principal: como da matéria nasceu a vida e como desta última surgiu a consciência, a mente humana e toda as expressões de sociedade? A constatação da realidade desse processo salta aos olhos mesmo ao mais materialista dos seres: do pó cósmico, todos viemos... As estrelas desses estudos são os especialistas em Teoria de Sistemas.

O Dr. Ervin Laszlo⁶ - um dos mais prestigiados estudiosos dessa linha de pesquisa, num grupo seletivo em que se destacam nomes como Fritjof Capra, Ken Wilber, Stanislav Grof, Amit Goswami e David Bohm, entre outros – talvez seja o melhor porta-voz para explicar-nos rapidamente a natureza desses estudos:

“Até recentemente, a ciência nos oferecia uma imagem fragmentada do mundo, transmitida por via de compartimentos disciplinares aparentemente independentes. Os cientistas acham difícil dizer o que conecta o universo físico com o mundo vivo, o mundo vivo com o mundo da sociedade, e o mundo da sociedade com os domínios da mente e da cultura. Hoje, porém, isso está mudando; na linha de frente das ciências um número cada vez maior de pesquisadores estão procurando por uma imagem de mundo mais integrada e unitária. Isso é verdade especialmente no que se refere aos físicos, que estão trabalhando intensamente para criar “grandes teorias unificadas” e “supergrandes teorias unificadas”. Essas GTUs e super-GTUs relacionam conjuntamente os campos e as forças fundamentais da natureza em um esquema teórico lógico e coerente, sugerindo que eles têm origens em comum”. (“A Ciência e o Campo Akáshico” - Cap. 1 – O Desafio de Uma Teoria Integral de Tudo”, Ed. Cultrix, 2008, Ed. Virtual – Google Books)

“Com as teorias de tudo que os físicos teóricos estão pesquisando e desenvolvendo, eles pretendem conseguir o que Einstein certa vez chamou de “ler a mente de Deus”. Ele disse que se pudéssemos reunir todas as leis da natureza física num conjunto consistente de equações, poderíamos explicar todas as características do universo com base nessas equações; isso seria equivalente a ler a mente de Deus” (Idem, item “As Teorias de Tudo dos Físicos”).

“Evidentemente, pode-se duvidar de que os físicos sejam capazes de descobrir uma teoria de tudo que funcio-

⁶ “Considerado o principal expoente da filosofia de sistemas e da teoria geral da evolução, Ervin Laszlo é presidente da Sociedade Internacional para as Ciências dos Sistemas e autor de 75 livros, muitos deles traduzidos para várias línguas. Tem mais de 400 artigos e estudos publicados em livros, revistas e jornais na América, Europa e Ásia.” – “Conexão Cósmica”, Ed. Vozes, Petrópolis, 1999.

ne. Mas uma coisa é clara: mesmo que os esforços atuais sejam coroados de êxito, o êxito não coroaria a criação de uma genuína TDT. No máximo, os físicos descobririam uma TDT física – uma teoria que não é uma teoria de todas as coisas, mas apenas de todas as coisas físicas. Uma genuína TDT incluiria mais do que fórmulas matemáticas capazes de proporcionar uma expressão unificada aos fenômenos estudados nesse ramo da física quântica. Há, no universo, mais do que cordas vibrantes e eventos quânticos relacionados. A vida, a mente, a cultura e a consciência fazem parte da realidade do mundo, é uma genuína teoria de tudo também as levaria em consideração. Uma genuína TDT pode ser criada”. (Idem, *ibidem*)

Ken Wilber, um dos mais influentes e conhecidos filósofos americanos da atualidade, nos fala um pouco sobre o “alvoroço” atual da comunidade científica em torno desse assunto:

“No alvorecer do novo milênio, qual é o tópico mais quente da vanguarda acadêmica? Que tópico atrai o interesse da Academia assim como o de publicações intelectuais da moda como *Atlantic Monthly* e o *New Yorker*? Que tema interessa tanto ao público quanto ao mundo acadêmico? Ou promete finalmente revelar os mais antigos segredos da condição humana? [...] Começando com mais seriedade no início dos anos 80 e ganhando impulso no final dos 90, o mundo da física começou a sussurrar os primeiros rumores de uma teoria sobre tudo: um modelo que poderia unificar as leis conhecidas do universo numa teoria abrangente, que explicaria literalmente tudo o que existe. Alguns diziam que a própria mão de Deus poderia ser vista nas suas fórmulas; outros, que o véu fora levantado na face do grande Mistério. A Resposta final e definitiva, sugeria o silencioso consenso, já estava ao nosso alcance”. (“A Teoria sobre Tudo”, Ken Wilber, pág. 8, 12a. edição. Cultriz, 2013).

Já posso adiantar que a Ciência não chegou, ainda, à “Teoria de Tudo”, mas há um registro a ser feito, aqui e agora, por inadiável: a resposta dada pelos Espíritos à questão 540 de “O Livro dos Espíritos” antecipa, em mais de cem anos, exatamente a visão daquilo que hoje busca a vanguarda da Academia em pleno século XXI: uma teoria unificada da evolução, que ligue matéria, vida e consciência, em todas as suas expressões: mineral, vegetal, animal e hominal. E que, apesar da revelação feita e repetida – “Tudo se encadeia” – Kardec também deu a sua contribuição pessoal ao estudo mais apurado do tema, inserindo no primeiro volume da Codificação diversas questões voltadas

especificamente ao entendimento da evolução, tentando juntar as peças do grande quebra-cabeças, apesar das peças – ou “elos” – que ainda faltavam. Exemplos?

Na questão 589, Kardec explora possíveis transições entre os reinos vegetal e animal:

589. Algumas plantas, como a sensitiva e a dioneia, por exemplo, executam movimentos que denotam grande sensibilidade e, em certos casos, uma espécie de vontade, conforme se observa na segunda, cujos lóbulos apanham a mosca que sobre ela pousa para sugá-la, parecendo que urde uma armadilha com o fim de capturar e matar aquele inseto. São dotadas essas plantas da faculdade de pensar? Têm vontade e formam uma classe intermediária entre a Natureza vegetal e a Natureza animal? Constituem a transição de uma para outra?

“Tudo em a Natureza é transição, por isso mesmo que uma coisa não se assemelha a outra e, no entanto, todas se prendem umas às outras. As plantas não pensam; por conseguinte carecem de vontade. Nem a ostra que se abre, nem os zoófitos pensam: têm apenas um instinto cego e natural.”

Na 592, logo em seguida, dirige sua atenção às fronteiras dos reinos animal e hominal. A resposta ainda é vaga, como que a preparar terreno para esclarecimentos posteriores:

592. Se, pelo que toca à inteligência, comparamos o homem e os animais, parece difícil estabelecer-se uma linha de demarcação entre aquele e estes, porquanto alguns animais mostram, sob esse aspecto, notória superioridade sobre certos homens. Pode essa linha de demarcação ser estabelecida de modo preciso?

“A este respeito é completo o desacordo entre os vossos filósofos. Querem uns que o homem seja um animal e outros que o animal seja um homem. Estão todos em erro. O homem é um ser à parte, que desce muito baixo algumas vezes e que pode também elevar-se muito alto. Pelo físico, é como os animais e menos bem-dotado do que muitos destes. A Natureza lhes deu tudo o que o homem é obrigado a inventar com a sua inteligência, para satisfação de suas necessidades e para sua conservação. Seu corpo se destrói, como o dos animais, é certo, mas ao seu Espírito está assinado um destino que só ele pode compreender, porque só ele é inteiramente livre. Pobres homens, que vos rebaixais mais do que os brutos! não sabeis distinguir-vos deles? Reconheci o homem pela faculdade de pensar em Deus.”

Nas questões 606 e 606-a o Codificador concentra ainda mais o foco na hipótese de uma mesma fonte para o princípio espiritual dos animais e do homem, obtendo dessa vez, objetivamente, a confirmação da origem comum:

606. Donde tiram os animais o princípio inteligente que constitui a alma de natureza especial de que são dotados?
“Do elemento inteligente universal.”

a) — Então, emanam de um único princípio a inteligência do homem e a dos animais?

“Sem dúvida alguma, porém, no homem, passou por uma elaboração que a coloca acima da que existe no animal.”

E, finalmente, nas respostas às questões 607 e 607-a tem-se, da parte dos Espíritos, um desenvolvimento mais completo e conclusivo sobre o assunto:

607. Dissestes (190) que o estado da alma do homem, na sua origem, corresponde ao estado da infância na vida corporal, que sua inteligência apenas desabrocha e se ensaia para a vida. Onde passa o Espírito essa primeira fase do seu desenvolvimento?

“Numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade.”

a) — Parece que, assim, se pode considerar a alma como tendo sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação, não?

“Já não dissemos que tudo em a Natureza se encadeia e tende para a unidade? Nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida, conforme acabamos de dizer. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos. Assim, à fase da infância se segue a da adolescência, vindo depois a da juventude e da maturidade. Nessa origem, coisa alguma há de humilhante para o homem. [...] Reconheci a grandeza de Deus nessa admirável harmonia, mediante a qual tudo é solidário na Natureza”.

Esta toda aí, em germe, em conceito, a visão das “teorias unificadas” que se tornaram o “Santo Graal” da ciência contemporânea. Kardec explorou as reentrâncias do tema, as fronteiras

e conexões possíveis de um reino ao outro. Já tinha em mãos a revelação de que “tudo se encadeia”, mas precisava entender melhor, e pesquisou, insistiu, “cercou” o assunto de todas as maneiras possíveis, até obter dos Espíritos uma explicação mais completa e satisfatória para as suas inquietudes.

É nos reinos inferiores da natureza que “o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco” e “ensaia para a vida”, num “trabalho preparatório”, como o da “germinação”, até que de transformação em transformação – ou contínua mudança de formas – chega ao estágio que denominamos “Espírito”. Mais claro impossível. E o que falta à ciência contemporânea para o pleno entendimento do assunto é exatamente o que sobra à Doutrina Espírita – a compreensão do Espírito, ou do psiquismo imortal, numa expressão mais “científica” - este sim o grande “elo perdido” dessa história, o eixo central do processo evolutivo que, despertando ou desenvolvendo-se, expressa-se progressivamente em formas sempre mais complexas, duráveis e perfeitas, revelando a pouco e pouco as suas potencialidades latentes, passando sucessivamente pelos três reinos naturais até atingir a condição de humanidade.

A evolução biológica é a expressão externa da maturação íntima do psiquismo, conforme nos ensina “Sua Voz” em “A Grande Síntese”, de Pietro Ubaldi, no seu capítulo X:

“Indagais, sem certeza, se a função cria o órgão ou se o órgão cria a função, porque ignorais o princípio da vida e não sabeis como interpretar-lhe os fenômenos. Nem um caso, nem o outro. Pois, o organismo é uma construção ideoplástica; ocorre logo que a maturação evolutiva do meio, matéria, permita a manifestação do princípio latente e este se manifeste diversamente, de acordo com as circunstâncias do ambiente, onde e como permitir-lhe o desenvolvimento do meio, de manifestação. Órgão e função, pois, surgem juntos, e seu progresso é recíproco, devido a um apoio mútuo do órgão sobre a função que o desenvolve e da função sobre o órgão que a aperfeiçoa. Assim, a consciência não cria a vida, nem a vida cria a consciência, mas ambas trabalham e ajudam-se mutuamente a vir à luz: o princípio plasmando e desenvolvendo para si uma forma cada vez mais adequada à sua manifestação e a vida fixando esse impulso e organizando-se para maior perfeição”.

Kardec, no entanto, como vimos anteriormente, no caso da reencarnação, e posteriormente novamente veremos, quando tratarmos do corpo fluídico de Jesus, não se deixava convencer facilmente do que quer que fosse, seja por Espíritos encarnados ou desencarnados...

Os seus comentários, ao final da questão 613 - a que encerra o capítulo XI da segunda parte de “O Livro dos Espíritos”, “Dos Três Reinos” - são realmente de esfriar o ânimo de qualquer um, ao mesmo tempo que alimentam a nossa admiração pela prudência com que tratava a todos os temas, sem distinção:

“O ponto inicial do Espírito é uma dessas questões que se prendem à origem das coisas e de que Deus guarda o segredo. Dado não é ao homem conhecê-las de modo absoluto, nada mais lhe sendo possível a tal respeito do que fazer suposições, criar sistemas mais ou menos prováveis. Os próprios Espíritos longe estão de tudo saberem e, acerca do que não sabem, também podem ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas.

É assim, por exemplo, que nem todos pensam da mesma forma quanto às relações existentes entre o homem e os animais. Segundo uns, o Espírito não chega ao período humano senão depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação. Segundo outros, o Espírito do homem teria pertencido sempre à raça humana, sem passar pela fiera animal. O primeiro desses sistemas apresenta a vantagem de assinar um alvo ao futuro dos animais, que formariam então os primeiros elos da cadeia dos seres pensantes. O segundo é mais conforme à dignidade do homem[...]

Do ponto de vista físico, este [o homem] forma evidentemente um elo da cadeia dos seres vivos; porém, do ponto de vista moral, há, entre o animal e o homem, solução de continuidade.[...] Qual a origem do Espírito? Onde o seu ponto inicial? Forma-se do princípio inteligente individualizado? Tudo isso são mistérios que fora inútil querer devassar e sobre os quais, como dissemos, nada mais se pode fazer do que construir sistemas. [...]

Quanto às relações misteriosas que existem entre o homem e os animais, isso, repetimos, está nos segredos de Deus, como muitas outras coisas, cujo conhecimento atual nada importa ao nosso progresso e sobre as quais seria inútil determo-nos”⁷.

Mas... como pode? Os Espíritos tinham acabado de descrever o processo evolutivo do psiquismo, através dos reinos da natureza!!! Acabamos de lê-la juntos! A explicação fora clara, objetiva, direta! A revelação estava toda ali, em nossas mãos, cabia-nos apenas o seu entendimento e aceitação...

O “bom senso encarnado”, no entanto, não dava o braço a torcer assim tão fácil, não... À época, aqueles conceitos representavam um gigantesco avanço. Para quem tinha base sólida

7 Destaque nosso.

em ciências e especialmente em botânica, como ele, a adesão à revelação feita não era um passo trivial. Queria entender melhor a questão, estudar com mais vagar o assunto, para poder se pronunciar mais decisivamente sobre ele. Pesavam-lhe grandes responsabilidades nos ombros. Preferia avançar seguramente, mesmo que a preço de passos mais lentos. A Causa justificava o zelo...

Passam-se os anos. Em 1868 – 11 anos depois! – temos a publicação do último título da Codificação – “A Gênese”.

Kardec volta ao tema, no capítulo X desse volume – “A Gênese Orgânica”. Ele já parte, desta vez, do reconhecimento enfático da integração do organismo humano à grande escala dos seres nos reinos da criação, apenas mencionada rapidamente em “O Livro dos Espíritos”:

“Por pouco que se observe a escala dos seres vivos, do ponto de vista do organismo, é-se forçado a reconhecer que, desde o líquen até a árvore e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia que se eleva gradativamente, sem solução de continuidade e cujos anéis todos têm um ponto de contacto com o anel precedente”.

“Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior”. (Item 28)[...]

“Ainda que isso lhe fira o orgulho, tem o homem que se resignar a não ver no seu corpo material mais do que o último anel da animalidade na Terra. Ai está o inexorável argumento dos fatos, contra o qual seria inútil protestar”. (Item 29)

No entanto, no capítulo seguinte, “A Gênese Espiritual”, a partir do seu item 23, voltam a aparecer as incertezas quanto à relação do princípio inteligente com o processo evolutivo:

“23. Tomando-se a Humanidade no grau mais ínfimo da escala espiritual [...] perguntar-se-á se é aí o ponto inicial da alma humana. Na opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, se individualiza e elabora, passando pelos diversos graus da animalidade. É aí que a alma se ensaia para a vida e desenvolve, pelo exercício, suas primeiras faculdades. Esse seria para ela, por assim dizer, o período de incubação. Chegada ao grau de desenvolvimento que esse estado comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria assim filiação espiritual do animal para o homem, como há filiação corporal.

Este sistema, fundado na grande lei de unidade que

preside à criação, corresponde, forçoso é convir, à justiça e à bondade do Criador; dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que deixam então de formar uma categoria de seres deserdados, para terem, no futuro que lhes está reservado, uma compensação a seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual não é a sua origem: são os atributos especiais de que ele se apresenta dotado ao entrar na humanidade, atributos que o transformam, tornando-o um ser distinto, como o fruto saboroso é distinto da raiz amarga que lhe deu origem. Por haver passado pela feira da animalidade, o homem não deixaria de ser homem; já não seria animal, como o fruto não é a raiz, como o sábio não é o feto informe que o pôs no mundo”.

Parece que Kardec está a um passo de aceitar a “teoria unificada”, do continuum do princípio inteligente perpassando também os reinos animal e hominal, mas... ele ainda hesita. Apesar do tempo transcorrido desde a publicação de “O Livro dos Espíritos”, ele não se sente ainda confortável o bastante para um pronunciamento positivo sobre a controversa questão:

“Mas, este sistema levanta múltiplas questões, cujos prós e contras não é oportuno discutir aqui, como não o é o exame das diferentes hipóteses que se têm formulado sobre este assunto”. (“A Gênese”, Cap. “A Gênese Espiritual”, item 23)

O Codificador publicou “A Gênese” em janeiro de 1868. Desencarnou em 31 de março de 1869, como sabemos, e jamais teve ocasião de concluir a sua análise sobre o tema...

Em “Obras Póstumas”, no item “Egoísmo e Orgulho”, transcrito da edição de Julho do mesmo ano, da Revista Espírita, encontramos uma passagem em que ele “dá a pista” de ter finalmente mudado de opinião a respeito, confirmando, enfim, a evolução do princípio espiritual através das espécies, até à condição humana. Como não se estendeu sobre o tema, porém a dúvida fica em aberto...

“Sem a preexistência da alma, o homem é induzido a acreditar que Deus, dado creia em Deus, lhe conferiu vantagens excepcionais; quando não cre em Deus, rende graças ao acaso e ao seu próprio mérito. Iniciando-o na vida anterior da alma, a preexistência lhe ensina a distinguir, da vida corporal, transitória, a vida espiritual, infinita; ele fica sabendo que as almas saem todas iguais das mãos do Criador; que todas têm o mesmo ponto de partida e a mesma finalidade, que todas hão de alcançar, em mais ou menos tempo, conforme os esforços que empreguem; *que*

*ele próprio não chegou a ser o que é, senão depois de haver, por longo tempo e penosamente, vegetado, como os outros, nos degraus inferiores da evolução*⁸; que, entre os mais atrasados e os mais adiantados, não há senão uma questão de tempo; que as vantagens do nascimento são puramente corpóreas e independem do Espírito; que o simples proletário pode, noutra existência, nascer num trono e o maior potentado renascer proletário”. (RE, Jul de 1869, págs.273 e 274 da Ed. FEB)

Foi necessária, então, a contribuição de três de seus grandes “coadjuvantes” - Roustaing, Léon Denis e Gabriel Delanne – para que o pleno entendimento da “Evolução Anímica” finalmente se consolidasse em nossa Doutrina:

Roustaing / 1866:

“Observai como tudo se encadeia na imensa Natureza que o Senhor vos faz descortinar. [...] Passando sucessivamente por todos os reinos e por aquelas espécies intermediárias, o Espírito, mediante um desenvolvimento gradual e contínuo, ascende da condição de essência espiritual originária à de Espírito formado, à vida consciente, livre e responsável, à condição de homem. São elos preciosos que tudo ligam”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 56)

Gabriel Delanne / 1895:

“O agente imortal que anima todos os seres é sempre uno e único. De início, manifestando-se sob as mais rudimentares formas, nos últimos estádios da vida vai, contudo, aperfeiçoando-se pouco a pouco, ao mesmo passo que se eleva na escala dos seres. Nessa longa evolução, desenvolve as faculdades latentes e as manifesta de modo mais ou menos idêntico ao nosso, à medida que se aproxima da humanidade”. (“A Evolução Anímica”, Cap. II, A Gradação dos Seres)

Léon Denis / 1905:

“Na planta, a inteligência fica adormecida; no animal, ela sonha; apenas no homem ela acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente”. (“O Problema do Ser, do Destino e da Dor”, Cap. 9, Evolução e finalidade da Alma)

Mas, qual a correlação desse estudo com a primeira questão desse artigo – a simplicidade e ignorância da alma humana,

⁸ Destaque nosso.

quando de sua criação? – haverá o prezado leitor de se perguntar, a esta altura de nossa conversa...

Calma, que já chegamos lá!

E dizemos isso porque foi exatamente a partir de suas hesitações em torno da “evolução anímica” que Kardec elegeu, didaticamente, o patamar da simplicidade e da ignorância como o ponto de partida, o “ícone” representativo do estágio da alma humana no instante de sua criação, deixando de lado, momentaneamente, as fases da evolução anteriores à essa etapa, por entender ainda prematura qualquer conclusão a respeito!

Vejamos a propósito, mais uma vez, as palavras do próprio Codificador, especialmente ao final do item 23 do capítulo XI de “A Gênese”, denominado “A Gênese Espiritual”, já citado:

“Sem, pois, pesquisarmos a origem do Espírito, sem procurarmos conhecer as feiras pelas quais haja ele, porventura, passado, tomamo-lo ao entrar na humanidade, no ponto em que, dotado de senso moral e de livre-arbítrio, começa a pesar-lhe a responsabilidade dos seus atos”.

Ou, ainda, em outro item do mesmo capítulo, uma nova passagem com o mesmo sentido:

“Deixemos então de lado a questão da origem, insolúvel por enquanto; consideremos o Espírito, não em seu ponto de partida, mas no momento em que, manifestando-se nele os primeiros germens do livre-arbítrio e do senso moral e vemos a desempenhar o seu papel humanitário, sem cogitarmos do meio onde haja transcorrido o período de sua infância, ou, se o preferirem, de sua incubação.” (“A Gênese”, Cap. XI, A Gênese Espiritual, item 29)

Nas duas citações, verifica-se o mesmo cuidado e o mesmo propósito, um esforço de simplificação, típico de um mestre, de um professor, que apenas deseja facilitar a vida do discípulo ou aluno: deixar de lado a questão das origens – ainda nebulosa e controversa, no seu entender - para adotar como ponto de referência algo mais concreto e de mais fácil entendimento - exatamente aquele momento da nossa “infância espiritual” descrita a partir da questão 115 de “O Livro dos Espíritos”, quando manifestamos os primeiros sinais de razão e livre-arbítrio que caracterizam a natureza humana.

Kardec sabe e demonstra saber claramente que há algo “antes” – que não fomos criados ali – apenas não se sente confortável ou seguro o bastante para entrar no estudo das origens, do período de “incubação”, pelo que decide deixá-lo de lado, para

exame posterior. É mais ou menos como o professor de jardim de infância que dissesse às crianças que a vida começa a partir do nascimento, sem entrar em detalhes de embriologia, por saber que seus pequenos discípulos simplesmente não teriam maturidade ou discernimento para entender algo mais complexo...

E é por conta dessas citações que podemos afirmar, em alto e bom som e com certeza de estarmos plenamente alinhados com o pensamento do próprio Codificador: Não! NÃO fomos criados simples e ignorantes! Esse estágio é apenas um dos elos de nossa cadeia evolutiva; em tudo especial, porque é aquele em que atingimos finalmente a condição hominal, o estágio de razão e livre-arbítrio que caracteriza de fato os primeiros passos da humanidade, mas há uma infinidade de outros “elos” ou etapas antes desse, vividos nos reinos mineral, vegetal e animal, que começaram no átomo, conforme indicado pela questão 540.

Mas, se é assim, se está tão clara essa revelação, por que, então, nos habituamos a repetir, tão frequentemente, que fomos criados “simples e ignorantes”? Porque esquecemos ou deixamos de lado essa ressalva feita pelo Codificador, explicando ser esse um ponto de referência relativo e temporário, e não uma verdade absoluta?

O problema, aqui, não é a atitude de Kardec, absolutamente razoável e aceitável, tanto do ponto de vista doutrinário, didático ou científico, mas sim a nossa, de termos adotado a versão “simplificada” de nossa criação como verdade absoluta e não relativa, esquecendo esse momento de “escolha” e suas razões, divulgando a “conclusão” sem a ressalva necessária ... a luz jogada sobre a fase inicial da condição humana, associando-a à nossa “criação”, foi tão forte, que acabou por obscurecer as fases que lhe antecedem. Em “Os Quatro Evangelhos”, de Rousstaing, recebemos dos Espíritos um alerta quanto à necessária relativização desse “ponto de referência”:

“Quando se vos falou do Espírito no estado de infância, no estado [...]de ignorância e de inocência; quando se vos disse que o Espírito era criado simples e ignorante, tratava-se, está bem visto, da fase de preparação do Espírito para entrar na humanidade. Fora inconsequente, então, dar esclarecimentos sobre a origem do Espírito. Notai que ela foi deixada na obscuridade. Ainda hoje seria cedo para desenvolver esse ponto”⁹. (QE, Tomo I, item 56)

O “erro” no caso em questão, pois, foi apenas nosso, espe-

9 A revelação mais completa sobre a série evolutiva só viria bem mais tarde, em 1932. Nós a temos na monumental obra “A Grande Síntese”, de Pietro Ubaldi, toda ela um desenvolvimento da questão 540 de “O Livro dos Espíritos”.

cialmente na forma da divulgação, porque muitos estão cientes dessas fases preliminares da evolução. Há dezenas de citações de obras mediúnicas recebidas no século XX destacando essa carreira evolutiva. Para não nos alongarmos, lembramos apenas um exemplo, com a poesia do “Parnaso”, do nosso Chico, trazendo de volta Augusto dos Anjos com seu poema “Evolução”:

Se devassássemos os labirintos
Dos eternos princípios embrionários,
A cadeia de impulsos e de instintos,
Rudimentos dos seres planetários;

Tudo o que a poeira cósmica elabora
Em sua atividade interminável,
O anseio da vida, a onda sonora,
Que percorrem o espaço imensurável;

Veríamos o evolver dos elementos,
Das origens às súbitas ascèses,
Transformando-se em luz, em sentimentos,
No assombroso prodígio das esteses;

No profundo silêncio dos inermes,
Inferiores e rudimentares,
Nos rochedos, nas plantas e nos vermes,
A mesma luz dos corpos estelares!

É que, dos invisíveis microcosmos,
Ao monólito enorme das idades,
Tudo é clarão da evolução do cosmos,
Imensidade nas imensidades!

Nós já fomos os germes doutras eras,
Enjaulados no cárcere das lutas;
Viemos do princípio das moneras,
Buscando as perfeições absolutas.

“Erramos a mão”, propagando com ênfase demasiada apenas parte de uma informação cujo todo era precioso, e terminamos por salientar desproporcionalmente somente um dos aspectos da questão – a simplicidade e ignorância de nossa infância espiritual – popularizando uma ideia que, por mais simples, encontrou fácil eco no senso comum. Diante do exposto, que fazer? Que faremos? Em nosso lugar, que faria Kardec? Teremos nós, por nossa vez, o mesmo desprendimento do qual deixou ele exemplo, no caso da reencarnação ou, por amor próprio preferiremos insistir no erro? Só o futuro dirá...

Concluindo a abordagem sobre esse assunto, é fácil imaginar que alguém logo se pergunte: “Mas, então, como fomos criados? Átomos?”

Não vamos aqui nos estender muito nessa direção, posto que demandaria outro artigo, mas é fácil verificar que não é isso o que nos ensina a Codificação. Embora Kardec não se animasse a se aprofundar no tema das origens, as poucas informações disponíveis são claras e precisas, e se encontram nas questões 85 e 86 de “O Livro dos Espíritos”, já citadas:

“85. Qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corpóreo, é o principal, na ordem das coisas?”

“O mundo espírita, que preexiste e sobrevive a tudo.”

86. O mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita?

“Decerto. Eles são independentes; contudo, é incessante a correlação entre ambos, porquanto um sobre o outro incessantemente reagem.”

Essas sentenças não respondem, é certo, à nossa questão principal – o do nosso estágio de conhecimento quando de nossa criação original - mas nos dão uma informação preciosa, e fundamental para a compreensão de todo o resto: A criação primeira foi toda ESPIRITUAL!

Temos aí o nosso verdadeiro ponto de partida, conforme nos ensina a Codificação, em linha, aliás, com as duas revelações anteriores, Mosaica e Cristã¹⁰.

“Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gn.1:26).

“Deus é Espírito” (Jo.4:24).

Parece-nos razoável de que de uma Causa toda espiritual nasça um efeito todo espiritual, assim como é previsível que de um efeito inteligente nasça de uma causa inteligente. O efeito é tão mais semelhante à causa de que se origina quanto mais próximo dela se encontra. É o que vemos na natureza, a todo momento.

O calor é mais intenso próximo à chama.

A luz mais forte próximo à lâmpada.

A água mais pura próxima à fonte.

É lei da natureza a semelhança entre o efeito e sua causa

10 “Todos os documentos religiosos da Bíblia se identificam entre si, no todo” – Emmanuel, “O Consolador”, questão 275.

de origem, e isto vale tanto para efeitos e causas visíveis em nosso dia a dia quanto no caso máximo, Causa Suprema e Criação Universal.

Deus é a Inteligência Suprema, ensina-nos “O Livro dos Espíritos”, na sua questão primeira, e em no Evangelho de João temos que “No Princípio era o Logos [ou Verbo]” (Jo.1:1), que nos remete à ideia de que “No Princípio era a Consciência”!

Sim, podemos afirmar também com certeza, e com o pleno alinhamento das três revelações, a esse respeito: a criação primeira foi toda espiritual!

A Ciência contemporânea está chegando também à essa conclusão. O Sr. Amit Goswani, PHD em física, e um dos mais célebres popularizadores dos avanços científicos recentes, através de uma série de livros publicados, verdadeiros best-sellers, tem uma frase ótima que aponta exatamente nesta direção:

“Garanto aos senhores que o mundo é feito de consciência”¹¹.

Infelizmente não temos na Codificação os detalhes desse processo, porque tanto Kardec quanto os Espíritos que o orientaram entendiam que qualquer avanço nesse sentido, naquele momento, seria prematuro, mas a informação principal, essencial, não pode ser esquecida, ela é o norte que nos servirá de orientação em revelações posteriores, como as de Pietro Ubaldi, em obras como “Deus e Universo” e “O Sistema”.

“Mas e o átomo”? E a matéria?” – poderão, então, nos perguntar.

E aí está outro “insight” importante, que consideramos muito útil para o nosso esclarecimento sobre o tema: o ponto de partida da CRIAÇÃO ORIGINAL e o ponto de partida da EVOLUÇÃO nos remetem a momentos distintos!!! É um equívoco confundir-los como um só fenômeno, na história universal.

Basta lembrar novamente as questões 85 e 86 de “O Livro dos Espíritos”, e a sua versão no Resumo da Doutrina Espírita...

O universo ou mundo material é secundário. Poderia deixar de existir, ou jamais ter existido, sem que isso alterasse a ordem da criação.

O mundo espiritual lhe antecede em existência – pré-existe! O universo físico surgiu depois, em outro momento, para não nos prendermos aqui à escala de tempo. E vai também deixar de existir um dia, a própria ciência o afirma (“Big Crunch”), enquanto o mundo espiritual continuará a sua existência, eterna e imaterial.

11 “O Universo Auto-Consciente”, Amit Goswani, Cap.1, pág.25, 2ª. Ed. Aleph.

Em outras palavras, os Espíritos nos ensinam isso muitas vezes:

“Os Espíritos, que preexistem e sobrevivem a tudo, formam o mundo real”(“O Livro dos Espíritos”,Q.738-a)

“A vida do Espírito é a única existência real” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo II, item 143, pág.212)

“A única vida real é a vida do Espírito” (“Cartas de Uma Morta”,psic. F. C. Xavier, Cap.11)

“Apenas a vida espiritual é verdadeira e eterna”. (Emmanuel, em “Emmanuel”, Cap.33, psicog. F. C. Xavier)

A criação primeira foi toda espiritual. Em algum instante posterior (esta é uma versão antropomórfica do processo, apenas para efeito de simplificação) surgiu a matéria, o universo material, o mundo físico e corporal. E, com ele, os átomos. Eles “poderiam nunca ter existido ou mesmo deixar de existir”, e não vamos entrar por agora no mérito do porquê então existem, mas a informação principal já está à mesa. É aí que tem início a EVOLUÇÃO, que também “poderia deixar de existir” ou “nunca ter existido”, mas a CRIAÇÃO primeira, que lhe antecede, já tinha o seu lugar, antes disso.

Essa distinção é fundamental, porque “desata um nó” conceitual importante. A CRIAÇÃO ORIGINAL E O INÍCIO DA EVOLUÇÃO OCORREM EM “INSTANTES” DISTINTOS!!!

O inesquecível e genial Huberto Rohden (1893-1981), filósofo espiritualista e universalista brasileiro (catarinense) de requintado valor, tinha sempre nas primeiras páginas de seus livros publicados pela Editora Alvorada – escreveu mais de cem – uma notinha muito interessante, que sempre julgamos de extrema utilidade para a compreensão desta distinção entre a criação primeira e o início da evolução. Eis a nota:

“A substituição da tradicional palavra latina criar pelo neologismo moderno criar é aceitável em nível de cultura primária, porque favorece a alfabetização e dispensa esforço mental – mas não é aceitável em nível de cultura superior, porque deturpa o pensamento.

Criar é a manifestação da Essência em forma de existência – criar é a transição de uma existência para outra existência.

O Poder Infinito é o criador do Universo – um fazendeiro é criador de gado. Há entre os homens gênios criadores, embora não sejam talvez criadores.

A conhecida lei de Lavoisier diz que “na natureza nada se crea e nada se aniquila, tudo se transforma”, se grafarmos “nada se crea”, esta lei está certa mas se escrevermos “nada se cria”, ela resulta totalmente falsa.

Por isto, preferimos a verdade e clareza do pensamento a quaisquer convenções acadêmicas”.

A adoção dessa distinção – Creação e criação – nos parece muito apropriada, e útil. Poderíamos dizer, então, que fomos CREADOS à imagem e semelhança do Pai, antes que o universo físico e a evolução existissem mas, dentro do processo evolutivo, somos CRIADOS simples e ignorantes, posto que é esta a nossa condição quando dos primeiros passos na condição de humanidade, do uso da razão e do livre-arbítrio. Essa CRIAÇÃO, menor, indicaria que esse estágio seria apenas a transformação de outro anterior, remetendo-nos assim à toda a série evolutiva conhecida...

Fica a sugestão. Por ora, entendemos que já trouxemos elementos suficientes para reflexão sobre essa questão da “simplicidade e ignorância”. Podemos, portanto, avançar para a segunda “pauta” deste artigo, sobre a “Necessidade da Encarnação”.

2) NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO:

Talvez o prezado leitor ou leitora tenha também curiosidade de saber como se dá a transição do reino animal para o hominal. Separamos algumas citações a respeito, aqui colocadas como um parênteses, a título de introdução para esse segundo item, sobre a necessidade da encarnação.

Vejam os:

“Atingindo o ponto de preparação para entrarem no reino humano, os Espíritos se preparam, de fato, em mundos ad-hoc, para a vida espiritual consciente, independente e livre. É nesse momento que entram naquele estado de inocência e de ignorância”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 56)

Em “Evolução em Dois Mundos”, André Luiz fala de regiões extrafísicas nas quais o Espírito, ainda com a “consciência incompleta”, prepara o seu perispírito:

“variados elos da evolução fogem à pesquisa dos naturalistas, por representarem estágios da consciência fragmentária fora do campo carnal propriamente dito, nas regiões extrafísicas, em que essa mesma consciência in-

completa prossegue elaborando o seu veículo sutil, então classificado como protoforma humana”. (“Evolução em Dois Mundos”, André Luiz, Psic. F.C. Xavier, Cap.3)

Na obra “Emmanuel”, o abençoado mentor do Chico também comenta o processo preparatório para o “desabrochamento da racionalidade”:

“Em que esfera estivemos um dia, esperando o desabrochamento de nossa racionalidade? Desconheceis ainda os processos, os modismos dessas transições, etapas percorridas pelas espécies, evoluindo sempre, buscando a perfeição suprema e absoluta, mas sabeis que um laço de amor nos reúne a todos, diante da Entidade Suprema do Universo”. (Cap. XVII, Sobre os Animais)

E, finalmente, André Luiz - sempre ele - revela-nos, em “Libertação”, que até essa fase tem também seus motivos de preocupação e risco:

“Estamos numa colônia purgatorial de vasta expressão. Quem não cumpre aqui dolorosa penitência regenerativa, pode ser considerado inteligência sub-humana. Milhares de criaturas, utilizadas nos serviços mais rudes da natureza, movimentam-se nestes sítios em posição infraterrestre. A ignorância, por ora, não lhes confere a glória da responsabilidade. Em desenvolvimento de tendências dignas, candidatam-se à humanidade que conhecemos na Crosta. Situam-se entre o raciocínio fragmentário do macacóide e a idéia simples do homem primitivo na floresta”. [...]

“O contacto com certos indivíduos inclina-os ao bem ou ao mal e somos responsabilizados pelas Forças Superiores que nos governam, quanto ao tipo de influência que exerceremos sobre a mente infantil de semelhantes criaturas.” (Psic. F. C. Xavier, Cap.4)

O último parágrafo nos traz de imediato à lembrança as questões 122 e 262 de “O Livro dos Espíritos”, em que se trata exatamente da possibilidade de erro até mesmo nesse período dos “primeiros passos” no uso do livre-arbítrio:

“122. Como podem os Espíritos, em sua origem, quando ainda não têm consciência de si mesmos, gozar da liberdade de escolha entre o bem e o mal? Há neles algum princípio, qualquer tendência que os encaminhe para uma senda de preferência a outra?

“O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria liberdade, desde que a escolha fosse determinada por uma

causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, está fora dele, nas influências a que cede em virtude da sua livre vontade. *É o que se contém na grande figura emblemática da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram.*¹²

“262. Como pode o Espírito, que, em sua origem, é simples, ignorante e carecido de experiência, escolher uma existência com conhecimento de causa e ser responsável por essa escolha?

“Deus lhe supre a inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir, como fazeis com a criancinha. Deixa-o, porém, pouco a pouco, à medida que o seu livre-arbítrio se desenvolve, senhor de proceder à escolha e só então é que muitas vezes lhe acontece extraviar-se, tomando o mau caminho, por desatender os conselhos dos bons Espíritos. *A isso é que se pode chamar a queda do homem.*”¹³

Há mundos “ad hoc” e regiões extrafísicas destinadas ao abrigo dos Espíritos que passam por esse momento tão especial de sua trajetória evolutiva, em que concluirão a formação de seu perispírito e terão, em si, o desabrochar da razão e do livre-arbítrio.

Encerrada essa etapa, os Espíritos, ainda em condição “sub-humana”, colaboram muitas vezes em atividades simples, como as ligadas à operação dos fenômenos ambientais dos planetas, no que são orientados por Espíritos Superiores. O que chama a atenção, especialmente, no parágrafo de André Luiz, citado acima, é a possibilidade do contato dessas criaturas, ainda “infantes”, já com influências negativas, que possam incliná-los ao mal, desatendendo aos conselhos dos bons Espíritos.

Que acontece com aqueles que se extraviam? Que fenômeno é esse, a que se pode chamar “a queda do homem”?

Na Codificação, a explicação dessa “queda” nós a encontramos primeiro em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, na mensagem de Santo Agostinho:

“Já se vos há falado de mundos onde a alma recém-nascida é colocada, quando ainda ignorante do bem e do mal, mas com a possibilidade de caminhar para Deus, senhora de si mesma, na posse do livre-arbítrio. Já também se vos revelou de que amplas faculdades é dotada a alma para praticar o bem. Mas, ah! há as que sucumbem, e Deus, que não as quer aniquiladas, lhes permite irem para esses mundos onde, de encarnação em encarnação, elas

12 Destaque nosso.

13 Destaque nosso.

se depuram, regeneram e voltam dignas da glória que lhes fora destinada”. (“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. III, item 16)

Essa passagem é de profunda significação. Ela nos remete ao episódio bíblico que ficou conhecido como “A Queda de Adão” ou “A Queda do Homem”, à “Expulsão do Paraíso”, símbolos perfeitamente adequados para expressar o processo de “queda” que nos levou à encarnação em mundos materiais como o nosso. São esses os mundos de “provas e expiações”, ideais para atendimento e soerguimento daquelas almas que “sucumbem” em sua trajetória evolutiva, onde se “depuram e regeneram”, para voltar à Casa Paterna “dignas da glória” que lhes está destinada¹⁴.

A base desse ensino nós a encontramos em “O Livro dos Espíritos”, em diferentes passagens:

“120. Todos os Espíritos passam pela feira do mal para chegar ao bem?

“Pela feira do mal, não; pela feira da ignorância.”

121. Por que é que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros o do mal?

“Não têm eles o livre-arbítrio? Deus não os criou maus; criou-os simples e ignorantes, isto é, tendo tanta aptidão para o bem quanta para o mal. Os que são maus, assim se tornaram por vontade própria.”

“121-a) — Donde vêm as influências que sobre ele se exercem?

“Dos Espíritos imperfeitos, que procuram apoderar-se dele, dominá-lo, e que rejubilam com o fazê-lo sucumbir. Foi isso o que se intentou simbolizar na figura de Sata-nás.”

Segundo o ensino de Santo Agostinho, se estamos aqui encarnados, é sinal de que somos todos filhos pródigos, e talvez daí surja a ideia da encarnação ser “necessária” a todos os que aqui estamos...

Um remédio só é “necessário” para aqueles que dele dependem, para sua sobrevivência ou restauração de sua saúde!

“Vós sois filhos do Diabo” (Jo.8:44), diz-nos Jesus, com a autoridade moral que Lhe é própria. Somos todos filhos rebeldes do Pai, irmanados também por esta condição comum.

14 Vide a respeito um capítulo completo sobre o tema, neste mesmo volume, de autoria do nosso amigo de fé e irmão camarada, Jorge Damas Martins, sobre a Evolução do Espírito.

Encontramos essa mesma ideia no apelo de Lamennais na questão 1009 de “O Livro dos Espíritos”:

“Filhos pródigos, deixai o vosso voluntário exílio”- LAMENNAIS

Idem em Roustaing:

“Nosso Pai é justo e bom. Todos somos filhos pródigos; voltemos à casa paterna”. (Tomo I, item 14)

Emmanuel reforça essa lição, e não apenas uma única vez...

“Quem estiver sem pecado atire a primeira pedra” – é a sentença que deveria lembrar, sempre, *a nossa situação comum de Espíritos decaídos*, para não condenar esse ou aquele dos nossos semelhantes”. (“O Consolador”, Q. 64).

... mas em duas delas destaca Jesus como “à parte” da nossa “categoria”, pelo fato de não comungar dos nossos tropeços na trajetória evolutiva:

“Todas as entidades espirituais encarnadas no orbe terrestre são Espíritos que se resgatam ou aprendem nas experiências humanas, após as quedas do passado, com exceção de Jesus-Cristo, fundamento de toda a verdade neste mundo, cuja evolução se verificou em linha reta para Deus, e em cujas mãos angélicas repousa o governo espiritual do planeta, desde os seus primórdios”. (“O Consolador”, Q. 243)

“O Eleito, porém, é aquele que se elevou para Deus em linha reta, sem as quedas que nos são comuns, sendo justo afirmar que o orbe terrestre só viu um eleito, que é Jesus-Cristo”. (“O Consolador”, Q. 277)

Nesse sentido, todas as indicações da “necessidade da encarnação” ganham nova conotação: a encarnação nos é necessária a todos, porque padecemos conjuntamente, os encarnados em mundos materiais, do mesmo mal, fruto das “quedas que nos são comuns...”

Lembram-se da teoria de conjuntos, dos tempos de colégio?

Os conjuntos “contém” ou “não contém”, os elementos “estão contidos” ou “não estão contidos”.

As frases de Santo Agostinho e São Luiz se completam na

descrição do “conjunto dos rebeldes”. Todos os que nele “estão contidos” erraram e caíram e, para todos eles, a encarnação material é de fato necessária.

Emmanuel, no entanto, nos alerta de que há exceções, há elementos “não contidos” nesse conjunto, como é o caso de Jesus, que “evoluiu em linha reta”.

Em Roustaing, temos a descrição dessa condição única de Jesus e dos Cristos de Deus, em relação aos demais:

“Cada mundo, qualquer que ele seja, tem por protetor e governador um Espírito, um Cristo de Deus, cuja perfeição se perde na noite das eternidades, infalível, que nunca faliu, que, tendo-lhe presidido à formação, se acha encarregado do seu desenvolvimento e do seu progresso, assim como dos de todos os Espíritos que o habitam, a fim de os conduzir à perfeição.

As missões desses Cristos de Deus são relativas, conforme ao grau e ao desenvolvimento do planeta. Às terras ingratas, quais a vossa, eles pregam o amor; aos mundos mais elevados levam as grandes descobertas, as ciências e as artes, desempenhando, em todos, as funções de alavanca para soerguer os instintos adormecidos, sempre de acordo com as capacidades e as necessidades do planeta, cuja direção lhes cabe.

Quaisquer que sejam a inferioridade ou a superioridade dos mundos confiados ao seu governo, é sempre com o máximo zelo que desempenham as missões que lhes tocam, seja em Marte, seja na Terra, em Vênus, ou em Júpiter.

Os Espíritos que, depois de terem falido, atingiram, purificando-se, a perfeição sidereal e se tornaram assim Espíritos puros, olham sempre com uma espécie de respeito e de amor para os que souberam manter-se sem falir e galgar aquela perfeição, conservando-se constantemente puros na via do progresso” (Tomo I, item 60).

“Mas – Kardec acreditava que a encarnação material era necessária para todos” – poderão nos dizer.

E é verdade, diremos nós. Questões como a 133 e mensagem de S. Luiz sobre o tema em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, transcritas abaixo, induzem fortemente à essa ideia, e é compreensível que o Codificador tenha a ela aderido, porque uma série de referências complementares sobre o tema só vieram a público muito depois de sua desencarnação...

“133. Têm necessidade de encarnação os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem?

“Todos são criados simples e ignorantes e se instruem

nas lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer felizes a uns, sem fadigas e trabalhos, consequentemente sem mérito.”

“A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia.

Ê-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência. Sendo soberanamente justo, Deus tem de distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder. Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça”. (S. Luiz – “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. IV, item 25)

A questão é que sem a nossa “teoria de conjuntos”, exposta acima, ou seja, a considerar-se de fato a encarnação em mundos materiais necessária “para todos” e não apenas “para todos os que faliram”, teremos a resolver dois problemas na Codificação, a saber:

1. Como podem Santo Agostinho e S.Luiz contradizer-se, dentro do próprio “Evangelho Segundo o Espiritismo”?

2. Como podem igualmente contradizer-se “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e “O Livro dos Espíritos”, o primeiro afirmando que a encarnação em mundos materiais é “necessária” e o segundo ensinando que os mundos materiais poderiam “nunca ter existido”... O que é “dispensável”, por premissa, não pode ser simultaneamente “necessário”!

Para finalizar: nas revelações posteriores à Kardec encontramos diversas confirmações da nossa condição de “filhos pródigos” e sua relação com a encarnação material.

Trouxemos algumas das obras do Chico, para nossa reflexão. Observe que em todas essas passagens não está se tratando da vida na Terra, e sim na vida na matéria...

VERSOS

“Vivi na mansão das sombras,
Desterrado;
Na noite das trevas densas,
Sepultado.

Entrei no sepulcro escuro,
Nascendo;
E dele fugi feliz,
Morrendo.

É que a vida material
É a prisão,
Onde a alma é encarcerada
Na aflição;

E a vida da alma é a nossa
Liberdade,
Onde as luzes recebemos
Da Verdade”.

(Casimiro Cunha, “Versos”, Parnaso de Além-Túmulo)

“Algema tenebrosa é a carne louca,
Onde o espírito, em lágrimas, se prende
Perambulando como um triste duende,
Bebendo o pus das fistulas da boca.

Viver entre os sentidos incompletos,
Na existência das coisas fragmentárias,
Começando nas dores solitárias,
Da vida melancólica dos fetos.

Vaso de tegumentos e de humores
É o corpo, imagem viva do defunto,
O miserabilíssimo transunto
Das condições mais tristes e inferiores.

Desprezar toda a luz, radiosa e viva
Para viver na carne é descer quase
Da consciência divina à horrenda fase
Da irracionalidade primitiva.

Carne!... Nossa amargura original,
Antes sobre o planeta nunca houvesse
O princípio ancestral da tua espécie,
Nos mistérios da vida universal...”
(Augusto dos Anjos, “Carne”, “Lira Imortal”)

“248 – Como se verifica a queda do Espírito?

Conquistada a consciência e os valores racionais, todos os Espíritos são investidos de uma responsabilidade, dentro das suas possibilidades de ação; porém, são raros os que praticam seus legítimos deveres morais, aumentando os seus direitos divinos no patrimônio universal. Colocada por Deus no caminho da vida, como discípulo que termina os estudos básicos, a alma nem sempre sabe agir em correlação com os bens recebidos do Criador, caindo pelo orgulho e pela vaidade, pela ambição ou pelo egoísmo, quebrando a harmonia divina pela primeira vez e penetrando em experiências penosas, a fim de restabelecer o equilíbrio de sua existência.

249 – A queda do Espírito somente se verifica na Terra?

A Terra é um plano de vida e de evolução como outro qualquer, e, nas esferas mais variadas, a alma pode cair, em sua rota evolutiva, porquanto precisamos compreender que a sede de todos os sentimentos bons ou maus, superiores ou indignos, reside no âmago”. (Emmanuel, “O Consolador”)

“A morte mais terrível é a da queda, mas a Terra nos oferece a medicação justa, proporcionando-nos a santa possibilidade de nos reerguermos. Renascemos em suas formas perecíveis e, em cada dia da experiência humana, morreremos um pouco, até que tenhamos eliminado, com o auxílio da poeira do mundo, os monstros infernais que habitam em nós mesmos...” (Pólux – em “Renúncia”, de Emmanuel, 1º. Capítulo da 1ª. Parte)

“Entre as quedas dolorosas/Nos erros e nos desvios/
Nós somos, na Criação,/Pontos tristes e sombrios/Nossa
ideia de virtude/A mais bela em sentimento/É a que nasce
nos monturos/Da lama do sofrimento/Deus, porém, que
é o Pai Amigo/Jamais nos deixou a sós/Jesus é o bom
lavrador/E o pântano somos nós.” (Cartilha da Natureza,
“Pântano”)

“Nunca, como na guerra, evidencia o espírito humano a condição de alma decaída, apresentando características essencialmente diabólicas”. (“Nosso Lar”, Cap. 43)

“Vive o homem no mundo sorte dura,
Por estranho caminho arremessado,
Fero titã cativo a negro fado,
Do berço morno à fria sepultura.

Triste filho dos céus, de alma perjura,
Desprezível Adão acorrentado
Ao desterro de sombras do passado,
Respira o lodo e chora a desventura!

Ao vão orgulho – a esse deus imigo,
Altars vão erige, por vaidade,
Que, na treva, o mantém revél mendigo!

Por mais altos pregões a fê lhe brade,
Traz, desditoso, o cárcere consigo,
Atado à Morte em plena Eternidade.
 (“Volta Bocage, Psicog. F.C. Xavier, Soneto 1)

Enfim, creio que já temos material suficiente para nos-

sa reflexão sobre o tema. Sim, a encarnação é necessária, para todos nós, mas apenas para nós, que dela necessitamos, e que fomos transportados para os mundos materiais, para nossa recuperação. Apenas o doente precisa do remédio.

Em “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing (Tomo I, item 59) encontra-se ampla explanação sobre o tema, da qual destacamos alguns trechos, como ponto final desse item:

“Que é o que devemos pensar da opinião que se formula assim: “Do mesmo modo que, para o Espírito em estado de formação, a materialização nos reinos mineral e vegetal e nas espécies intermediárias e igualmente a encarnação no reino animal e nas espécies intermediárias é uma necessidade e não um castigo resultante de falta cometida, também, para o Espírito formado, que já tem inteligência independente, consciência de suas faculdades, consciência e liberdade de seus atos, livre arbítrio e que se encontra no estado de inocência e ignorância, a encarnação, primeiro, em terras primitivas, depois, nos mundos inferiores e superiores, até que haja atingido a perfeição, é uma necessidade e não um castigo”?

Não; a encarnação humana não é uma necessidade, é um castigo, já o dissemos. E o castigo não pode preceder a culpa.

O Espírito não é humanizado, também já o explicamos, antes que a primeira falta o tenha sujeitado à encarnação humana. Só então ele é preparado, como igualmente já o mostramos, para lhe sofrer as consequências. [...]

Seria porventura mais sensato pensar que Deus, que se vos representa como o tipo supremo de toda perfeição, como a justiça do justo na eternidade, cria seres fracos expressamente para adquirirem a força sofrendo as dores das provações? que os cria inocentes para lhes ensinar a prática da inocência no assassinio, na indignidade e na multiplicidade dos vícios das encarnações humanas primitivas, vícios que se enraízam tanto nas criaturas, que milhares de séculos por sobre elas passam sem as polir; que a torrente impetuosa do tempo corre sem cessar por sobre esses pedregulhos toscos e ásperos sem conseguir alisar-lhes as superfícies? Sem conseguir alisar-lhes as superfícies, sim, porquanto, ainda neste dia que para vós brilha, inúmeras baixezas afligem o gênero humano.

Se assim fora, poder-se-ia dizer que Deus concedera ao Espírito o livre arbítrio sob a condição de ficar este submetido a uma lei única - a do pecado. Por essa forma teria ele sujeitado a suplício igual (o da encarnação humana) tanto o Espírito que, no estado de inocência e ignorância, dócil a seus guias, segue o caminho que lhe é apontado para progredir, como o Espírito indócil, orgulhoso, presunçoso.

inveioso e egoísta que. culpado e revoltado, faliu por usar mal do livre arbítrio.

Não, Deus é grande, justo, bom, paternal. Seus filhos nascem simples de coração - é ele quem o quis: têm a liberdade dos atos - é ele quem a concede: usam quase sempre mal dessa liberdade - é que, dando ao Espírito o uso do livre arbítrio, Deus dele se afasta, por assim dizer, a fim de o deixar entregue às suas próprias impressões. É então que o Espírito escolhe o rumo que prefere seguir. Então e só então sofre as consequências da escolha que faz. Tudo virá a seu tempo. É esta uma verdade que abrirá caminho, como já o abriram estas outras a reencarnação e a anterioridade da alma. Uma geração semeia, a seguinte monda e a terceira colhe”. (Tomo I, item 59)

“A encarnação é uma necessidade para o Espírito no estado de formação, é indispensável ao seu progresso, ao seu desenvolvimento, como meio de lhe proporcionar e ampliar progressivamente a consciência de ser, o que ele não logrará senão pelo contacto com a matéria. É a união desses dois princípios que dá lugar ao desenvolvimento intelectual.

A encarnação é uma necessidade até ao momento em que; alcançando um certo ponto de desenvolvimento intelectual, o Espírito está apto a receber o precioso dom, mas tão perigoso, do livre arbítrio. Já o explicamos (n. 56) e repetimos:

Um único é, originariamente, o ponto de partida para todos os Espíritos: - formação primitiva e rudimentar pela quinta-essência dos fluidos, substância tão sutil que dela, por nenhuma expressão, podem as vossas inteligências limitadas fazer ideia, quinta-essência que a vontade de Deus anima para lhe dar o ser e que constitui a essência espiritual (princípio de inteligência) destinada a tornar-se, por uma progressão contínua, Espírito, Espírito formado, isto é, inteligência independente, dotada de livre arbítrio, consciente de sua vontade, de suas faculdades e de seus atos.

Segue-se a encarnação, ou melhor, a co-materialização dessa essência espiritual mediante a sua união íntima com a matéria inerte, primeiramente no reino mineral e nas espécies intermediárias que participam do mineral e do vegetal, depois no reino vegetal e nas espécies intermediárias que participam do vegetal e do animal. Desse modo, numa contínua marcha progressiva, se opera o seu desenvolvimento, que a prepara e conduz às raias da consciência da vida.

Em seguida vem a encarnação no reino animal, depois nas espécies intermediárias que, do ponto de vista do invólucro material, participam do animal e do homem, ad-

quirindo assim aquela essência (Espírito em estado de formação), sempre em progressão contínua, a consciência da vida ativa exterior, da vida de relação, o desenvolvimento intelectual que a levará aos limites do período preparatório que precede o recebimento do livre arbítrio, da vida moral, independente e responsável, característica do livre pensador.

Chegados, quanto a desenvolvimento intelectual, ao ponto em que recebem o dom precioso e perigoso do livre arbítrio, os Espíritos, iguais sempre, todos no estado de inocência e de ignorância, se revestem do perispírito que recobre a inteligência independente. Essa operação de revestir o perispírito, que, do vosso ponto de vista material, se deveria chamar envoltório, constitui então, para todos, uma encarnação fluídica.

Todos, puros nessa fase de inocência e de ignorância, igualmente submetidos a Espíritos encarregados de os guiar e desenvolver, têm a liberdade de seus atos e podem, no estado fluídico, progredir, indo desse período de infância e de instrução à perfeição, mediante contínuos e sucessivos progressos. É o caso do estudante que, constantemente dócil e atento à voz, aos conselhos e lições dos mestres, passa pela feira de todas as classes e chega a tomar o grau.

Eles podem, todavia, cometer uma falta e dessa forma provocar e receber o castigo, a punição a que faz jus o culpado, mas só o culpado. Dá-se então o que sucede com o estudante que, insubmisso, culposo e revoltado, provoca, pela sua própria falta, e recebe a punição, o castigo de ser expulso e ir, noutro estabelecimento, noutro meio e em outras condições, percorrer a feira de todas as classes para chegar sempre a tomar o grau.

A muitos Espíritos acontece falir (já o dissemos), porque quase todos fazem mau uso do livre arbítrio. Alguns, porém, dóceis aos incumbidos de os guiar e desenvolver, seguem simples e gradualmente pelo caminho que lhes é indicado para progredirem.

Os primeiros sofrem uma punição, um castigo que teriam podido evitar. É para experimentarem as consequências da falta cometida, que, como já explicamos, uma vez preparados a ser humanizados, eles caem na encarnação humana, conforme ao grau de culpabilidade e nas condições apropriadas às exigências da expiação e do progresso, ou em terras primitivas, ou em mundos já habitados por Espíritos que faliram anteriormente.

A encarnação humana, em princípio, é apenas consequente à primeira falta, àquela que deu causa à queda. A reencarnação é a pena da reincidência, da recaída, pois que todas as vossas existências são solidárias entre si. O Espírito reencarnado traz consigo a pena secreta em que

incorreu na sua encarnação precedente.

Mas, não percais de vista que todos os Espíritos, tanto os que faliram como os que não faliram, isto é, como os que, dóceis a seus guias, atingem a perfeição; que todos, iguais na origem, no ponto de partida, iguais vêm a ser no ponto de chegada, por isso que igual é em todos a pureza, desde que se tornaram Espíritos puros, seguindo embora caminhos diversos, diversidade essa de caminhos proveniente da circunstância de ter sido dado a cada um segundo as suas obras”. (QE, Tomo I, item 59)”

Passemos ao nosso terceiro item.

3 - QUEDA E RETROGRADAÇÃO

Não é à toa que Kardec começa “O Livro dos Espíritos” exatamente com a preocupação quanto à boa definição dos termos. As palavras podem servir de degraus, mas também como pedras de tropeço...

Companheiros de ideal nos perguntam com alguma frequência sobre a relação entre “queda espiritual” e os termos involução, retrogradação e degeneração do Espírito. Alguns chegam a manifestar reservas em relação à ideia da queda a partir de um raciocínio mais ou menos assim: “se a Codificação ensina que o Espírito não retrograda, a teoria da queda não pode ser verdadeira”. Outros entendem involução e retrogradação como sinônimos.

Nessas ocasiões, procuro sempre mostrar aos meus interlocutores as citações abaixo, em que Kardec, Roustaing e Ubaldi se alinham perfeitamente na revelação de que o processo evolutivo de fato não retrograda:

“O Espírito não retrograda”
 (“O Livro dos Espíritos”, Q.118,178a, 398a e 612)

“O Espírito não retrograda”
 (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo II, item 164)

“A evolução não retrograda”
 (“A Grande Síntese” Cap.74)

Apresentadas as citações, a reação inicial é de surpresa.

A associação entre “queda” e “retrogradação” parece tão enraizada no senso comum que as pessoas têm alguma dificuldade em entender como é possível defender a chamada “Teoria da Queda” sem necessariamente entrar em contradição com os ensinamentos de Kardec.

Percebemos, nesses debates, que um das principais dificuldades de entendimento, quanto a esse assunto, encontra-se na ausência de clara definição das palavras, ou, às vezes, na falta de oportunidade para refletir, com mais vagar, sobre a melhor conceituação para cada termo.

Os dicionários, por sua vez, nem sempre ajudam, apresentando-as muitas vezes como sinônimos, por refletir em suas páginas o senso comum, o sentido socialmente atribuído ao termo, sem atender às especificidades que precisamos para termos que na Doutrina têm sentido próprio, ou pelo menos deveriam ter.

Decidimos, por isso, completar esse capítulo com algumas reflexões sobre esses conceitos – evolução, involução, retrogradação e degeneração - na expectativa de contribuir para o estudo dos interessados no tema, apresentadas a seguir.

A) EVOLUÇÃO

Evolução vem do latim EVOLUTIO, “ato de desenrolar” (na época dos pergaminhos em rolo), de EVOLVERE, formado por EX-, “fora”, mais VOLVERE, “enrolar”. Traz em si a ideia de “movimento para fora”: desenvolver-se, desenrolar-se, desdobrar-se, desenroscar-se, evoluer-se. Pode ser apresentada também como desenvolvimento, com o mesmo significado. Em todas as variações, o sentido principal se mantém: a exteriorização progressiva de um potencial latente, inconsciente ou adormecido, manifesto em formas cada vez mais complexas.

O dicionário Merriam-Webster aponta o ano de 1622 para o primeiro uso do vocábulo¹⁵.

Ao contrário do que normalmente se imagina, Charles Darwin não cunhou a palavra, e curiosamente a utilizou pouco no clássico “A Origem das Espécies”: apenas 14 vezes. O significado de “desenvolver por processos naturais a um estado mais avançado” é de 1832¹⁶, mas o termo se popularizou lentamente.

Kardec o utiliza 18 vezes, sete na Codificação e onze na “Revista Espírita”, mas na maioria delas mais ligado ao estágio de amadurecimento espiritual alcançado, do que à transformação orgânica propriamente dita. Uma delas já citamos, no texto sobre “Egoísmo e Orgulho”, da Revista Espírita. A segunda segue abaixo:

“Tudo se depura nesse grande laboratório terrestre: a

15 Pesquisa feita na página <http://www.merriam-webster.com/dictionary/evolution> em 23/03/2004.

16 Pesquisa feita na página <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/evolucao> em 22/03/2014.

seiva e a flor, o inseto e o fruto, tudo que deve adornar e fecundar. Esta montanha, que parece ter uma imobilidade eterna, não repousa. As moléculas infinitas que a compõem realizam um trabalho enorme; umas tendem a se agregar, outras a se separar; e essa lenta transformação inicialmente causa espanto e depois admiração ao pesquisador que acha em tudo instintos diversos e mistérios a explorar. [...] Sua *evolução*¹⁷ é matemática [...]. A perfeição é o objetivo e, para alcançá-lo, átomos, moléculas, seiva, minerais, árvores, animais, homens, planetas e Espíritos se empenham nesse movimento geral, que é admirável por sua diversidade, pois é harmonia. Todas as tendências visam ao mesmo objetivo, e esse objetivo é Deus, centro de toda atração”. – Sonnez (RE, Nov de 1865, págs. 467-469, Ed. FEB)

Em “Os Quatro Evangelhos”, de Roustaing, recebida mediunicamente pela pena de Emilie Collignon entre 1861 e 1865, “evolução” aparece apenas duas vezes, e somente uma delas ligada ao progresso biológico. Essa ausência é curiosa e ao mesmo tempo emblemática da “baixa popularidade” do termo no século XIX, porque o tema da evolução das espécies é amplamente desenvolvido na obra, especialmente em seu primeiro volume, a partir do item 56.

“Sendo tudo harmonia em a Natureza, desde que a organização humana se modificou, também os produtos do solo se modificaram, como se modificarão de futuro, acompanhando a evolução do planeta”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo III, Item 275)

Atribui-se comumente ao filósofo Herbert Spencer (1820-1903) a popularização da palavra “evolução”. Grande admirador de Charles Darwin, Spencer seria o pai do “Darwinismo Social”, especialmente através da obra “Os Princípios da Sociologia” (1874-1896), trabalho dividido em três volumes.

A primeira obra espírita a servir-se do termo em seu título, e a concentrar-se especificamente no tema, é sem dúvida o clássico de Gabriel Delanne, “A Evolução Anímica”(1895), que traz diversas menções importantes para nossa compreensão do termo e da ideia essencial que representa.

“É mediante uma evolução ininterrupta, a partir das formas de vida mais rudimentares, até à condição humana, que o princípio pensante conquista, lentamente, a sua individualidade”. (Cap. I, Ed. FEB)

17 Destaque nosso.

“Cremos seja ele [o Espírito] o agente de evolução das formas...” (Idem)

“Por outras palavras, vale dizer que, [o perispírito] começando por organizar formas rudimentares, pôde, após longa evolução de milhões de anos e de inumeráveis reencarnações, dirigir organismos mais e mais delicados e aperfeiçoados, até chegar aos humanos”. (Idem)

Delanne aponta o Espírito como o “agente” da evolução das formas, e o perispírito como o meio de que se serve para “dirigir organismos mais e mais delicados e aperfeiçoados”.

A evolução vem de dentro...!

“O reino de Deus não virá de modo a que possa ser notado. Não se dirá: Ele está aqui ou está ali, porquanto o reino de Deus está dentro de vós”. (Lc.17, vv. 20 e 21).

Na magnífica “A Grande Síntese”, de Pietro Ubaldi, temos esclarecimentos adicionais importantes sobre essa contínua “emersão” ou exteriorização de potencialidades:

“Em minhas palavras vereis sempre pairar esta grande ideia da evolução, não no limitado conceito materialista de evolução de formas orgânicas, mas no bem mais vasto conceito de evolução de formas espirituais, de ascensão de almas. Este é o princípio central do universo, a grande força motriz de seu funcionamento orgânico. O universo infinito palpita de vida que, ao reconquistar sua consciência, retorna a Deus. É esse o grande quadro que vos mostrarei”. (Cap.4)

“A evolução não é um subir confuso, desordenado, caótico, é um movimento perfeitamente disciplinado, sem possibilidade de enganos, nem de imposições. A lei possui um ritmo próprio, absoluto, segundo o qual só se avança por continuidade [...] Os seres existem como individualidades; movem-se segundo a evolução, seguindo o princípio que os rege. O princípio contém, em embrião, todas as formas possíveis, é o desenho que inclui todas as linhas do edifício, mesmo antes que surja a primeira pedra para manifestá-lo. A cada momento ocorre a criação, alguma coisa emerge de um nada relativo, surge em realização de algo que estava à espera no germe. Não existe um nada absoluto. O ser toma uma forma nova, vestindo-a como uma roupa, um meio para subir, como um veículo que depois abandonará. O conceito, o tipo já estava fixado, à espera, no princípio que o próprio ser enfeixava em si, e do qual é a manifestação.

Assim, as individualuações atravessam a série das formas, cujos projetos contém. Cada ser contém em si também aquilo que será a forma que deverá atingir; contém em germe o esquema de todo o universo; não o ocupa, não é o universo inteiro, mas nele se transforma sucessivamente. Por isso, o princípio, mesmo existindo nas formas, é algo acima e independente delas. [...] O mais é apenas a explosão de um mundo fechado em si mesmo, mas que já continha tudo em potencial. Evolução significa expansão de vórtices, que são depósitos de latências” (Cap.29)

Entendemos, portanto, a evolução física e biológica apenas como a exteriorização de nosso “*des-envolvimento*” psíquico-espiritual; a transformação contínua da roupagem como resultado da germinação progressiva das potencialidades do Espírito, agente e essência de todo o processo, servindo-se de seu perispírito para a organização de formas sempre mais complexas e perfeitas, através de uma caminho pré-existente, dirigido pela Lei de Deus.

A “trans-formação” dos corpos ao mesmo tempo reflete e potencializa a emersão contínua das qualidades adormecidas na consciência dos seres, ao longo dos diversos reinos da natureza, até e além da condição humana. São como que duas faces da mesma moeda...

Esse pleno entendimento da natureza, essência e principais características do processo evolutivo - a “seta” de dentro para fora e o progresso contínuo e correlato do psiquismo e suas manifestações - nos ajudará agora, por derivação, a entender rapidamente os três outros termos que definimos como objeto dessas notas: *involução*, *retrogradação* e *degeneração*.

B) INVOLUÇÃO:

Na linguagem coloquial, o termo “involução” é frequentemente utilizado como o oposto da evolução dos seres vivos. Até aí concordamos todos, mas há que se cuidar sempre dos detalhes, e do sentido específico atribuído a cada vocábulo.

Os dicionários, nesse caso, parecem dar razão, inicialmente, àqueles que entendem involução e retrogradação como sinônimos:

“Ato ou efeito de retrogradar; movimento retrógrado; volta a um estado primitivo; retrocesso”. (Aurélio On Line)

“Movimento de regressão, de retrocesso”. (Houaiss)

“1. Movimento ou processo gradual e regressivo; REGRESSÃO [antôn. evolução.” (Dicionário Aulete)

O Merriam-Webster informa que o primeiro uso registrado do termo é contemporâneo ao de sua “contraparte” - 1611¹⁸, e enriquece a sua definição com novas perspectivas, mais em linha com o que esperamos do “antônimo” do termo evolução, conforme apresentado acima: *envolvimento, emaranhamento, dobra sobre si mesmo, encurvamento para dentro, introversão*.

Essa acepção nos parece mais apropriada, por entender que, mesmo sem nenhuma análise mais filosófica, mas apenas olhando os termos e seus respectivos prefixos - “in” e “retro” - descobre-se logo uma diferença fundamental entre ambos: o de que em “involução” tem-se um movimento “para dentro”, enquanto em “retrogradação” o movimento é “para trás”. Pode parecer apenas uma diferença semântica, mas lembrando de toda a conceituação vista sobre a “evolução” - movimento para fora - entendemos que seja mais natural adotar-se como o seu antônimo um termo que traduza a ideia de movimento “para dentro” e não de “retrocesso” ou “movimento para trás”, conforme sugerido pelos léxicos brasileiros...

O vocábulo vem do latim *Involutio* e *Involvere*.

Kardec não utiliza essa palavra, em momento algum. Roustaing também não; nem Delanne. Na Doutrina Espírita, nós a encontramos pela primeira vez em “A Grande Síntese”, de Ubaldi, publicada originalmente entre 1932 e 1935.

Na coleção das obras do Chico, a palavra não aparece entre os livros publicados até a data de lançamento da primeira edição completa de “A Grande Síntese” (1937), na Itália, ou em sua versão brasileira, publicada pela FEB (1939), com tradução do inesquecível Guillon Ribeiro¹⁹.

Aliás, Ubaldi parece ter sido realmente “o” missionário para nos trazer essa ideia nova, e para enriquecer a sua definição com variadas e novas nuances. Em sua coleção, de 24 volumes, o termo aparece 372 vezes, ganhando progressivamente diferentes leituras e mais profundidade.

Fizemos abaixo um pequeno apanhado dos principais significados atribuídos ao vocábulo, ao longo da Obra Ubaldiana:

18 Pesquisa feita na página <http://www.merriam-webster.com/dictionary/involution> em 08/04/2014.

19 Chico já tinha até então seis títulos publicados: 01 - Parnaso de Além-Túmulo (1932); 02 - Cartas de Uma Morta (1936); 03 - Palavras do Infinito (1936); 04 - Crônicas de Além-Túmulo (1938); 05 - Emmanuel (1938); 06 - Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho (1938) e 07 - Lira Imortal (1938).

- *Involução como “Respiro evolutivo”*

Observada com mais detalhes, a trajetória típica da evolução apresenta-se não exatamente como uma reta, mas na forma de uma espiral, composta pelas idas e vindas que representam os ciclos de avanço e recuo - inspiração e expiração - através dos quais a vida passo a passo exteioriza as suas potencialidades e consolida as suas conquistas.

Essa revelação e todas as explicações necessárias encontram-se nos capítulos de 22 a 26, de “A Grande Síntese”, de Pietro Ubaldi:

“A trajetória típica dos movimentos fenomênicos, expressão sintética do seu devenir, é a linha que já encontramos no mundo físico, no nascimento da matéria; é a linha das formações estelares (nebulosas) e planetárias, isto é, o vórtice, a espiral. Ela exprime a fenomenogenia e seu estudo conduzir-vos-á a nova concepção cosmogônica”. (“A Grande Síntese”, Cap.22)

“Cada fase, antes de estabilizar-se em definitiva assimilação ao sistema, é percorrida três vezes, progredindo, e depois duas vezes, regredindo; isto significa ser vivida cinco vezes, em direções opostas. A razão desse retorno cíclico de duas fases involutivas sobre três evolutivas, é exigida pelo fato de que o voltar a existir, três vezes repetidas, no nível de cada fase, é a primeira condição para a sua assimilação profunda no ser que em si mesmo a fixa. Trata-se de uma vida tríplice, em três posições diferentes, que o ser tem de viver em cada degrau, a fim de poder dominá-lo definitivamente. Nas duas fases de regresso, o passado volta, o ser resume, relembra e revive. Assim, o que é novo fundamenta-se em bases novamente consolidadas”. (“A Grande Síntese”, Cap.26)

“A espiral abre-se e fecha-se, seguindo períodos inversos de expansão e contração, volta sempre pelo caminho percorrido, para através dessa concentração de forças, tomar impulso para maiores expansões. Tudo é cíclico, tudo vai e vem, progride e regride, mas só retrocede para progredir mais. E, se repete, resume e repousa, isto representa apenas uma retomada de forças, um deter-se para avançar mais para o alto. Esta é a evolução em seu íntimo mecanismo” (“A Grande Síntese”, Cap.26)

Ubaldi compara esses retornos cíclicos a “inspirações”. Elas antecedem cada novo avanço, como uma “involução”, mas não em sentido negativo, pejorativo, culposo, mas sim como parte natural do processo evolutivo, pelo que entendemos que,

nesse caso, embora as palavras sejam as mesmas - involução, retrocesso e retrogradação - aqui elas estão num sentido bem distinto desse que estamos estudando, tanto assim que não nos aprofundaremos nele, deixando-o de lado para estudos posteriores, com visões mais detalhadas da evolução. Fizemos aqui o registro de sua existência apenas para não deixar uma lacuna em nossas considerações, deixando de mencionar um dos significados atribuídos ao termo na Obra Ubaldiana.

- Involução e a Origem do Universo

Já vimos com Kardec que a Creação primeira foi toda espiritual, e que o mundo material “poderia nunca ter existido...”, mas... o fato é que existe, tanto que estamos nele, o Universo físico. Resta-nos agora tentar descobrir como e porquê surgiu.

Segundo a Ciência, nossa casa universal nasceu de uma fantástica concentração energética/dinâmica - de alguma coisa que existia antes, que ela não sabe ainda exatamente o quê.

Sabemos também que esse processo de concentração chegou a um ponto insuportável, resultando numa grande explosão - daí o nome “Big Bang”.

A evolução começa aqui, com a expansão decorrente dessa imensa liberação de energia, com o surgimento das primeiras partículas de matéria, segundos depois da explosão original.

Emmanuel nos traz, entretanto, um componente adicional à essa visão “científica”, quando nos alerta para o fato de ser a matéria “o estado negativo” da substância universal, e o Espírito o “estado positivo” da matéria prima da Creação²⁰.

Ou seja, do ponto de vista espiritual, podemos dizer que a criação do universo físico / material resultou igualmente de uma transmutação qualitativa, da positividade para a negatividade, da espiritualidade para a materialidade, e todos os demais atributos que lhes são correlatos, como consciência/inconsciência; liberdade/determinismo, e assim sucessivamente.

Colocando numa tabela essas informações fica mais fácil visualizar esse conjunto de fatores:

| CREAÇÃO ORIGINAL | CRIAÇÃO DO UNIVERSO FÍSICO |
|-------------------------|-----------------------------------|
| ESPIRITUALIDADE | MATERIALIDADE |
| POSITIVIDADE | NEGATIVIDADE |
| CONSCIÊNCIA | INCONSCIÊNCIA |
| LIBERDADE | DETERMINISMO |

²⁰ "Emmanuel", Cap. 33, já citada.

A esse processo combinado, de concentração dinâmica e transmutação qualitativa, do Positivo para o Negativo, do Espírito para a Matéria, que deu origem ao nosso Universo, Ubaldi o denomina “involução”.

“Involução” e “Evolução” são assim dois semi-ciclos que se completam, de mesma natureza - espiralóide - mas de sentidos opostos:

“Observemos agora de uma forma cada vez mais exata a visão do fenômeno. Este, em seu conjunto, compreende um ciclo completo de ida e volta, que chamaremos de ciclo.

Divide-se esse ciclo em dois períodos. O de descida chama-se involução. O de subida ou ascensão, chama-se evolução.

Cada período divide-se em três fases, que são espírito, energia, matéria. Apresentam-se nesta ordem sucessiva no período de descida ou involução, e na ordem inversa, no período oposto, no evolutivo, que é o nosso. [...]

Iniciou-se, então, aquele longuíssimo processo, no qual vivemos hoje, o da subida, que é o segundo período inverso e complementar, e que se chama evolução. Enquanto o primeiro período da queda ou involução significara a destruição do universo espiritual e a criação ou construção de nosso universo físico, este segundo período de subida ou evolução significa a destruição da matéria como tal e a reconstrução do universo originário espiritual”. (“O Sistema”, Cap.IV)

O detalhe importante é que a involução surgiu primeiro...

Foi a concentração energética que deu origem à explosão, e não o oposto! Paradoxalmente, e contrariamente ao senso comum, o verdadeiro “retrocesso”, por assim dizer, o verdadeiro retorno ao ponto de origem é o da evolução, e não o da involução, conforme se imagina, visto que esta última antecedeu, no tempo, ao ciclo de expansão (evolutivo) de que hoje participamos!

“O fenômeno da evolução torna-se, então, bem compreensível, como um caminho de volta, paralelo e inverso ao de ida; compreensível, porque toda a trajetória do projeto se torna visível, equilibrada em suas duas fases opostas de descida e subida, do ponto de partida até ao pólo oposto, e, deste, recuperando tudo o que perdeu, novamente até ao ponto de partida. Explica-se, assim, esse estranho fenômeno do “mais” que nasce do “menos”, pelo qual a qualidade emerge da quantidade, o complexo, do mais simples, porque esse mais não é gerado do menos assim como a qualidade não o é da quantidade, nem o complexo do simples”. (“Evolução e Evangelho”, Cap.VI)

Em outras palavras: o átomo só sabe virar arcanjo porque já viveu essa condição anteriormente. Está numa trilha de volta, de retorno, já conhecida... Somos todos filhos pródigos! A consciência do Espírito adormeceu na energia e depois na matéria, através da involução, e pouco a pouco se recupera e desperta, na evolução. O que originalmente era consciência tornou-se inconsciente, o que era vaporoso e espiritual concentrou-se na forma material, mas pouco a pouco retorna à sua condição original, recupera-se da amnésia, enquanto espiritualiza progressivamente as suas formas.

Compõe-se assim dois ciclos principais, que iluminam nossas consciências e alargam imediatamente as nossas perspectivas para compreensão de toda a fenomenologia universal. Se o ciclo atual nos levou da matéria bruta - concentração energética de altíssima velocidade, hoje sabemos - até os níveis de consciência humanos e super humanos; é natural e previsível, por força da lei de equilíbrio e das compensações, que o involutivo, que lhe deu origem, tenha as mesmas etapas, mas apenas em sentido inverso: da consciência surgiu a matéria, que agora retorna, pouco a pouco, através da evolução, ao seu estágio inicial. Lembrando, ainda uma vez, as questões 85 e 86 de “O Livro dos Espíritos”, poderíamos também dizer: “do mundo espiritual surgiu o mundo físico, que agora, progressivamente, retorna ao seu estado original”.

Não vamos poder aqui nos aprofundar nos porquês nem nos detalhes desse semi-ciclo involutivo ou na questão das “origens”; seria necessário outro livro para fazê-lo, e se Deus nos permitir também o faremos um dia, porém mais à frente.

Em Roustaing, a ideia de “queda” está ligada à chamada “Queda do Homem”, à Expulsão de Adão e Eva do Paraíso, símbolos bíblicos para o processo da primeira encarnação humana, em mundos materiais como o nosso, visto no item anterior.

Em Ubaldi o principal emprego da palavra involução está associado à chamada “Queda Original”, ou “Queda dos Anjos”, figuras bíblicas para o processo que, da CREAÇÃO primeira, toda espiritual, deu origem ao universo material e aos mundos que o povoam. Ele explica, porém que o uso dessa referência bíblica é mais para efeito didático:

“Usamos [...] a expressão “queda dos anjos”, porque tradicional e de mais fácil compreensão. Todavia, é bom esclarecer ser ele uma expressão antropomórfica, que reduz o fenômeno às dimensões inferiores da matéria. Ainda que acanhado, o antropomorfismo constitui uma necessidade, porque, embora contenha o defeito de desfigurar o real as-

pecto do fenômeno, tem o valor de aproximá-lo de nosso mundo tão diferente. Cumpre-nos, pois, aqui realçar que a expressão “queda dos anjos” representa uma redução da realidade, na medida limitada da psicologia humana. De fato, o fenômeno ocorreu em planos de existência tão elevados, que para nós se situam no superconcebível; ocorreu em dimensões em que as nossas representações de espaço e de tempo não têm mais sentido. A imagem, pois, que tivemos de escolher representa u’a mutilação e não uma expressão da realidade”. (“Deus e Universo”, Cap.4)

- Involução no nosso dia a dia

Ubaldo atribui também associa os termos evolução e involução a situações e aspectos de nosso dia a dia:

“No campo humano, mal é involução, bem é ascensão, pois a grande lei é evolução” (“A Grande Síntese”, Cap.76)

“A involução, efeito da queda, foi [...] um processo de contração, do positivo ao negativo, de felicidade à dor, da sabedoria à ignorância, da liberdade à escravidão, da vida à morte, do espírito à matéria etc.. A evolução representa o processo oposto, de libertação, de dilatação desse estado de contração”. (“O Sistema” - Conclusão).

Evolução é ordem, organização, amor, espiritualização, progresso, vida, fraternidade.

Involução é caos, separatismo, animalização, estagnação, morte, egoísmo.

Assim como no caso das “quedas” mais relevantes - a “Queda dos Anjos”, que deu origem ao Universo material em que vivemos, e a “Queda dos Homens”, que após o despertar de nossa consciência humana nos trouxe a mundos materiais como o nosso para reparação de nossos erros - ao longo da trajetória espiritual, há também os “tombos” do dia a dia, que acabam interferindo em nosso destino de curto e médio prazos, acelerando ou atrasando a nossa trajetória em direção à perfeição, conforme as escolhas que fazemos...

Involução é, portanto, o termo técnico para a nossa primeira queda espiritual, mas na acepção Ubaldiana também se aplica a esses tropeços na trajetória evolutiva, que podem ter implicações menores, embora dolorosas, como a dor, a deficiência física ou até a migração para mundos inferiores mas - ainda nesse caso - não se confunde com retrogradação do Espírito, no sentido de metempsicose ou de retorno às fases animal, vegetal ou mineral, conforme veremos a seguir...

Em “Queda e Salvação”, Ubaldi chega a usar os dois termos (involução e retrogradação) alternadamente e como sinônimos no sentido de erro /queda/ mau uso do livre-arbítrio - mas, pelo exposto, entendemos que será mais útil nos prendermos às tecnicidades dos dois termos e de fato distinguí-los, como estamos fazendo aqui.

No senso comum muitos confundem ainda os termos “Espiritismo” e “Espiritualismo”, mas quem estuda “O Livro dos Espíritos” sabe que as duas palavras são apenas parecidas, cada qual com seu significado próprio. Não devem, portanto, ser confundidas...

C) RETROGRADAÇÃO:

No Aurélio on line o verbete traduz retrogradação como

“Ato ou efeito de retrogradar; movimento retrógrado; volta a um estado primitivo; retrocesso”²¹.

No Aulete Digital o sentido é basicamente o mesmo:²²

s. f. - ação ou efeito de retrogradar; movimento retrógrado; volta a um estado primitivo; retrocedimento, retrocesso.

No Dicionário Houaiss, retrogradar é associado a

“voltar para trás [retro], no espaço ou no tempo; retroceder [...] passar a estágio inferior do desenvolvimento”²³

O impulso da evolução é a vontade de Deus, a Lei Divina, e é de tal ordem que o Espírito nele simplesmente não retrocede, no máximo estaciona, acumulando força e intensidade para novos avanços.

A explosão do “Big Bang” foi tamanha que deu lugar à expansão do Universo, que segue ainda hoje - 13 bilhões de anos depois! - e com fôlego para prosseguir ainda por muito tempo... Ninguém teria “forças” para represá-la.

O mesmo se dá em âmbito individual. É da vontade do Pai que nem um de seus pequeninos se perca²⁴.

21 Pesquisa feita na página <http://www.dicionariodoaurelio.com/Retrogradacao.html> em 10/04/2014.

22 Pesquisa feita na página <http://aulete.uol.com.br/retrogradacao> em 10/04/2014.

23 Mini-Dicionário Houaiss, Ed. Objetiva, 2001.

24 Jo.6:39

O Seu amor - infinito - é maior que a rebeldia da criatura - finita - e esse entrechoque de amor é que nos impulsiona sempre para frente na trajetória evolutiva, ainda que respeitando o nosso livre-arbítrio.

Deus é o Senhor do Tempo...

Por isso o Espírito não retrograda, conforme constatamos em Kardec, Roustaing e Ubaldi. Alcançado determinado estágio, o psiquismo pode se acomodar, adoecer ou fixar-se em alguma paixão de momento, mas não retrocede ao estágio anterior, e sempre a experiência de acomodação, fixação e doença resultam em motivação para novos e proveitosos avanços futuros.

Quando isso acontece, surge o remédio dor. É um sinal da vida para apontar-lhe o erro, o estímulo para despertá-lo da acomodação, doença ou fixação presente.

Nesses casos, a forma - face exterior desse processo íntimo - pode sofrer prejuízos temporários, em benefício daquele que a Vida deseja curar, remediar, tratar, mas é importante, nesses casos, distinguir entre a “de-formação” ou “trans-formação” do corpo e o que se passa com o Espírito.

Os itens “Influência do organismo” e “Idiotismo e Loucura”, em “O Livro dos Espíritos” são esclarecedores nesse sentido:

“368. Após sua união com o corpo, exerce o Espírito, com liberdade plena, suas faculdades?”

“O exercício das faculdades depende dos órgãos que lhes servem de instrumento. A grosseria da matéria as enfraquece.”

a) — Assim, o invólucro material é obstáculo à livre manifestação das faculdades do Espírito, como um vidro opaco o é à livre irradiação da luz?

“É, como vidro muito opaco.” [...]

371. Tem algum fundamento o pretender-se que a alma dos cretinos e dos idiotas é de natureza inferior?

“Nenhum. Eles trazem almas humanas, não raro mais inteligentes do que supondes, mas que sofrem da insuficiência dos meios de que dispõem para se comunicar, da mesma forma que o mudo sofre da impossibilidade de falar.”

372. Que objetivo visa a Providência criando seres desgraçados, como os cretinos e os idiotas?

“Os que habitam corpos de idiotas são Espíritos sujeitos a uma punição. Sofrem por efeito do constrangimento que experimentam e da impossibilidade em que estão de se manifestarem mediante órgãos não desenvolvidos ou desmantelados.”

Como se vê, o Espírito pode envolver/errar/tropeçar e assim provocar o não desenvolvimento ou desmantelamento parcial das formas com que se expressa, o que não significa retroceder no estágio psíquico ou espiritual alcançado em sua trajetória evolutiva ou sofrer qualquer tipo de metempsicose.

A Vida é utilitária, e não abre mão das conquistas realizadas, deixando um campo de ação restrito para aqueles que não sabem usar ainda a liberdade com discernimento. Os efeitos da rebeldia e da ignorância, são, portanto, limitados ao corpo, à forma, sem chegar a comprometer o estágio psíquico alcançado.

O Instrutor Calderaro reforça esse ensino à André Luiz, no capítulo 7 de “No Mundo Maior”, vejam só:

“– “Sim, o espírito não retrocede em hipótese alguma – explicou Calderaro –; todavia, as formas de manifestação podem sofrer degenerescência, de modo a facilitar os processos regenerativos. Todo mal e todo bem praticados na vida impõem modificações em nosso quadro representativo”.

Os “ovóides”²⁵ seriam também um bom exemplo desse processo de deterioração das formas em consequência do desequilíbrio temporário do Espírito que as anima:

“Elucidou Gúbio, sem detença:

— São entidades infortunadas, entregues aos propósitos de vingança e que perderam grandes patrimônios de tempo, em virtude da revolta que lhes atormenta o ser. Gastaram o perispírito, sob inenarráveis tormentas de desesperação, e imantam-se, naturalmente, à mulher que odeiam, irmã esta que, por sua vez, ainda não descobriu que a ciência de amar é a ciência de libertar, iluminar e redimir”. (“Libertação”, Cap.7)

Em casos limite, os desacertos do Espírito podem levá-lo até a emigração para mundos inferiores àquele em que se encontra mas, ainda assim, esse “decaimento” não se traduz em retrogradação, conforme nos esclarece o próprio Kardec, e mais de uma vez:

“À primeira vista, a idéia de queda parece em contradição com o princípio segundo o qual os Espíritos não podem retrogradar. Deve-se, porém, considerar que não se trata de um retrocesso ao estado primitivo. O Espírito, ainda que numa posição inferior, nada perde do que adquiriu;

25 Vide a respeito nos capítulos 6 e 7 do volume “Libertação”, da Coleção André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier.

seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, seja qual for o meio onde se ache colocado. Ele está na situação do homem do mundo condenado à prisão por seus delitos. Certamente, esse homem se encontra degradado, decaído, do ponto de vista social, mas não se torna nem mais estúpido, nem mais ignorante”. (Revista Espírita, Jan. 1862, pág. 28, Ed. FEB e “A Gênese”, no item 48 do capítulo “A Gênese Espiritual”)

Emmanuel complementa esse esclarecimento quando trata das raças adâmicas, no capítulo terceiro do clássico “A Caminho da Luz”:

“Quanto ao fato de se verificar a reencarnação de Espíritos tão avançados em conhecimentos, em corpos de raças primigênicas, não deve causar repugnância ao entendimento. Lembremo-nos de que um metal puro, como o ouro, por exemplo, não se modifica pela circunstância de se apresentar em vaso imundo, ou disforme. Toda oportunidade de realização do bem é sagrada. Quanto ao mais, que fazer com o trabalhador desatento que estraçalha no mal todos os instrumentos perfeitos que lhe são confiados? Seu direito, aos aparelhos mais preciosos, sofrerá solução de continuidade. A educação generosa e justa ordenará a localização de seus esforços em maquinaria imperfeita, até que saiba valorizar as preciosidades em mão. A todo tempo, a máquina deve estar de acordo com as disposições do operário, para que o dever cumprido seja caminho aberto a direitos novos. Entre as raças negra e amarela, bem como entre os grandes agrupamentos primitivos da Lemúria, da Atlântida e de outras regiões que ficaram imprecisas no acervo de conhecimentos dos povos, os exilados da Capela trabalharam proficuamente, adquirindo a provisão de amor para suas consciências ressequidas. Como vemos, não houve retrocesso, mas providência justa de administração, segundo os méritos de cada qual, no terreno do trabalho e do sofrimento para a redenção.”

Ou seja, podemos ter “quedas” maiores ou menores em nossa trajetória evolutiva em função do erro, que pode ter consequências diversas, na forma de dor, incapacidade física ou até migração para mundos inferiores; nesses processos de involução sofreremos uma “trans-formação” ou “retro-gradação” da forma, que poderá ficar comprometida, provisoriamente incapacitada em função do desarranjo do Espírito que a anima; no caso limite, a transmigração planetária poderá até impor-lhe uma organização física de capacidade reduzida, mas não se chega a uma metempsicose, não se altera o estágio alcançado pelo

Espírito até então.

A sua punição será a limitação da expressão das faculdades adquiridas, e não a eliminação das mesmas.²⁵

Essa distinção entre “retrogradação” do Espírito e física, é fundamental para a melhor compreensão do termo e do processo que ele representa. O que retrocede é o corpo, nos casos de adoecimento momentâneo do Espírito e, ainda nesses casos menores de involução, o que ocorre é o adormecimento das faculdades, e não a degeneração ou perda delas.

Aproveitando o ensejo, concluamos essas notas falando da degeneração, último item de nossa lista de termos.

D) DEGENERACÃO:

Esse termo surge pela primeira vez na questão 118 de “O Livro dos Espíritos”, e pode se alinhar perfeitamente ao que já vimos sobre involução e retrogradação, dispensando, portanto, análises mais extensas.

Vamos aos dicionários...

“Estado do que cai abaixo de uma condição ou qualidade normal” (Aurélio on line);

“Perda ou deterioração das qualidades originais [...] Mudança para pior; DECAIMENTO” (Caldas Aulete on line)

“Perder as características próprias” [...] mudar para pior, estragar-se”. (Houaiss)

Verificando as definições “oficiais” das palavras estudadas, não é de surpreender a confusão dos termos, que se sobrepõe o tempo inteiro, dificultando a distinção de cada caso / aplicação.

Em relação à degeneração, o que nos parece mais útil é o sentido da “perda ou deterioração das qualidades originais”.

Eles nos ajuda a lembrar Lavoisier - “nada se perde, tudo se transforma” e o fato de que, mesmo na involução, da queda original, nada no Espírito de fato se perdeu, apenas ficou adormecido, latente, aguardando o momento oportuno para reacender e retornar à Vida.

O Espírito, portanto, não degenera, não deixa jamais de ser aquilo que é, embora nem sempre tenha consciência plena de suas potencialidades, quando adormecidas em função da

25 Em sua Obra o Prof. Pietro Ubaldi chega a tratar da auto-eliminação ou da degeneração do Espírito como hipótese, mas sempre com a ressalva de que o Amor de Deus e a força de Sua Lei impedem que esse limite extremo seja alcançado. Vide a respeito especialmente o cap. II do volume “Queda e Salvação”.

queda espiritual.

Como vimos, Ubaldi chega a levantar a possibilidade - teórica - da eliminação do Espírito nos casos de rebeldia máxima, mas ao final a conclusão é aquela que conhecemos: “É da vontade do Pai que nem um de seus pequeninos se perca” e, se assim é, podemos todos ficar tranquilos: o amor incondicional do Pai estará sempre a nos aguardar, de braços abertos, no meio da estrada evolutiva, qual fez o Pai do Filho Pródigo, da parábola.

Esse será um dia de festa, que a cada um de nós está reservada.

Aceleremos o passo.

Bem, passamos ao longo desse capítulo por três itens - três “pedras de tropeço” que, em nosso entender, dificultam a compreensão e, por consequência, a aceitação da queda espiritual, em harmonia com o que temos na Codificação Kardequiana.

Esperamos ter colaborado com esclarecimentos úteis ao saneamento dessas dúvidas e mal entendidos, convidando os nossos leitores agora a refletir sobre eles, analisando e estudando as questões propostas com o vagar necessário.

Afinal, nossa Doutrina só será realmente progressiva, se cada um de nós também progredirmos...

**VIII - JESUS, NEM DEUS
NEM HOMEM**

Julio Damasceno

JESUS, NEM DEUS NEM HOMEM¹

Julio Damasceno

“o abuso que o homem faz de tudo o que está ao seu alcance ocasionará a destruição dos animais, das plantas alimentícias, das árvores, mesmo das flores. Privado gradualmente dos recursos que a terra lhe fornece, ele buscará na ciência um remédio para essa privação. Criará, então, uma alimentação factícia, produto de combinações químicas [...] Estudará a maneira de viver sem alimento material. As gerações que se forem sucedendo trarão progressivamente organismos mais aperfeiçoados, cada vez menos materiais, cada vez mais fluidicos e, assim, chegareis à época que vos anunciamos”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 64)

“É assim que as raças, que hoje povoam a Terra, desaparecerão um dia, substituídas por seres cada vez mais perfeitos, pois que essas novas raças transformadas sucederão às atuais, como estas sucederam a outras ainda mais grosseiras”. (“O Livro dos Espiritos”, Q.185)

1) TRANSIÇÃO PLANETÁRIA E EVOLUÇÃO BIOLÓGICA

O primeiro relatório do IPCC - Intergovernmental Panel on Climate Change (Painel Intergovernamental sobre a Mudança Climática) - relativo à crise do meio ambiente foi publicado em 1990, dois anos antes da Rio 92. Liderada e patrocinada pelas Nações Unidas, a iniciativa reúne milhares de cientistas, do mundo inteiro, e tem nos alertado sucessivamente sobre os efeitos deletérios da ação humana descontrolada sobre a natureza.

Passaram-se desde então 24 anos, durante os quais mais quatro relatórios vieram a público, em 1995, 2001, 2007 e 2013. No mesmo período, foram promovidas 23 Conferências Globais sobre o Clima, todas também sob a égide da ONU, sendo a mais importante delas a de Kioto, Japão, em 1997, quando assinou-se o primeiro acordo global para redução das emissões de carbono.

As conclusões publicadas pelos cientistas são claras, sem margem para interpretações: ou reduzimos drasticamente as emissões de gases poluentes, a curto prazo, para tentar manter o aumento de temperatura dos oceanos na faixa dos dois

1 O título desse capítulo é uma singela homenagem à obra homônima de Guillon Ribeiro, um dos gigantes do Espiritismo no Brasil, a quem fazemos aqui a nossa reverência. Guillon foi pioneiro na divulgação conjunta de Kardec, Rousstaing e Ubaldi, apontando ainda nos anos 30 do século XX o caminho que seguimos hoje...

graus, até o final deste século, ou esse aumento poderá chegar a quatro graus centígrados, cenário no qual teremos graves consequências sobre a agricultura, fauna, flora e também sobre as populações humanas, com a ocorrência de migrações em massa por conta dos impactos ambientais sofridos.

Acompanhamos sempre esse noticiário com bastante atenção, entendendo-o como talvez o prenúncio da grande transição planetária há tempos anunciada pelo mundo espiritual, mas há alguns anos esse interesse se intensificou ainda mais, depois que tivemos a oportunidade de ler, em “Os Quatro Evangelhos”, a citação acima, usada como epígrafe deste capítulo.

Essa página foi recebida por Emilie Collignon - uma das grades médiums da Codificação Kardequiana, hoje sabemos - entre 1861 e 1865, quando da recepção mediúnicamente de “Os Quatro Evangelhos”. Trata-se de uma “profecia” em tudo surpreendente, porque naquele tempo não havia nem ainda a palavra ecologia, que só veio a surgir no final do século XIX / início do século XX².

Essa passagem torna-se ainda mais curiosa, no entanto, quando a confrontamos com algumas citações, de Kardec e Roustaing, sobre a relação intrínseca que há entre a evolução dos mundos e das populações que os habitam:

“Ao mesmo tempo que todos os seres vivos progredem moralmente, progredem materialmente os mundos em que eles habitam. [...] Marcham assim, paralelamente, o progresso do homem, o dos animais, seus auxiliares, o dos vegetais e o da habitação. [...] Quão grandiosa é essa idéia e digna da majestade do Criador! (Sto. Agostinho, Paris, 1862 – “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. III, Item 19 – Progressão dos Mundos)

“O progresso material de um planeta acompanha o progresso moral de seus habitantes”. (“A Gênese”, Cap. A Gênese Espiritual”, item 27)

“Logo que um mundo tem chegado a um de seus períodos de transformação, a fim de ascender na hierarquia dos mundos, operam-se mutações na sua população encarnada e desencarnada”. (Cap. A Gênese Espiritual”, item 43)

“O progresso físico se realizará ao mesmo tempo que o progresso moral. As necessidades da Natureza mudarão, quando as da alma se houverem depurado”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 87)

² Mais exatamente em 1873, conforme o Merriam Webster Dictionary - pesquisa feita na página <http://www.merriam-webster.com/dictionary/ecology> em 15-04-2014.

Os Espíritos nos ensinam que “os mundos também estão sujeitos à lei do progresso” (“O Livro dos Espíritos”, Q.185), e que progredem em paralelo aos seres que neles habitam. As muitas moradas da Casa do Pai (Jo.14:2) acompanham a evolução de seus habitantes. O homem interfere no meio ambiente, mas este também atua sobre o organismo humano, num processo de interação contínua...

Essa visão de equilíbrio e harmonia da Criação, porém, tão clara na Doutrina, é ainda hoje controversa no meio acadêmico.

Os Darwinistas mais ortodoxos ainda acreditam na evolução pela força do acaso, da seleção do mais forte e mais adaptado... Pouco a pouco, no entanto, essa visão mais “dialética”, ou “integrada” da evolução do homem e do meio em que se situa, proposta pelos Espíritos ainda no século XIX (!), começa a ter lugar e prestígio também nos fóruns científicos.

Encontramos recentemente sinais dessa mudança, por exemplo, no site da revista “Scientific American Brasil”, em artigo do Dr. William R. Leonard, Antropólogo, PHD e professor da NorthWestern University, Illinois, EUA, com o título “Alimentos e evolução humana”³. O Dr. Leonard é especialista no estudo dessa relação entre evolução e alimentação, com diversos livros publicados sobre o tema.

Nesse texto ele relaciona, por duas vezes, a mudança climática como uma das causas de significativas alterações em nosso organismo. A primeira, quando nossos ancestrais tornaram-se bípedes:

“Os cientistas geralmente assumem que o último ancestral comum dos humanos e dos chimpanzés (nosso parente vivo mais próximo) também era um quadrúpede. Desconhecemos quando, exatamente, o último ancestral comum viveu. Mas indicações claras de bipedalismo - a característica que distinguiu os antigos humanos dos outros macacos - são evidentes nas espécies mais antigas conhecidas do australopithecus, que viveu na África por volta de 4 milhões de anos atrás. [...] durante o Plioceno, a mudança climática estimulou essa revolução morfológica⁴. À medida que o continente africano foi se tornando mais árido, florestas deram lugar a pastos, deixando os recursos alimentares distribuídos mais irregularmente

O bipedalismo, nesse contexto, pode ser visto como uma das primeiras estratégias na evolução nutricional humana”.

3 Pesquisa feita na página http://www2.uol.com.br/sciam/reportagens/alimentos_e_evolucao_humana.html em 15-04-2014.

4 Destaque nosso.

A segunda, associada a uma das etapas de crescimento de nossa caixa craniana:

“Quanto ao que empurrou o Homo para uma qualidade dietética maior, necessária para o crescimento cerebral, a *mudança ambiental parece ter sido, mais uma vez, o ponto de mutação evolucionário*”⁵.

Temos portanto um grande estudioso do tema relacionando por duas vezes seguidas expressivas alterações em nossa estrutura corpórea a modificações do meio ambiente. E mais: nos dois casos a evolução humana decorreu de uma mudança climática combinada com alteração do padrão alimentar, exatamente como previsto para nosso futuro próximo, em “Os Quatro Evangelhos”, conforme vimos:

“Privado gradualmente dos recursos que a terra lhe fornece, ele buscará na ciência um remédio para essa privação. Criará, então, uma alimentação factícia, produto de combinações químicas”. (“Os Quatro Evangelhos, Tomo I, item 64)

Alimentação à base de química... pílulas? Líquidos? “Shakes”? Que consequências este tipo de mudança, tão radical, poderá trazer para os nossos organismos, para as gerações futuras?

2) EPIGENÉTICA

Cabe-nos perguntar agora *como* essa interferência recíproca acontece. A ação humana sobre a natureza ocorre a todo momento, a olhos vistos, é de fácil constatação. Mas, e quanto à interferência do meio em nosso processo evolutivo, biologicamente falando? Como isso ocorre? Que diz a Ciência a esse respeito?

Essa conversa nos leva momentaneamente aos séculos XVIII-XIX, para lembrar da figura do grande naturalista francês João Batista Lamarck (1744-1829). Lamarck foi um dos pioneiros do evolucionismo⁶. Reconhecido inicialmente pelo seu sistema de classificação botânica, e por suas pesquisas na área da história natural - foi ele quem cunhou as palavras *biologia* e *invertebrados* - tornou-se mais tarde figura polêmica nos meios acadêmicos, quando começou a defender a ideia da evolução, acompanhada por uma série de teorias complementares, que geraram

5 Destaque nosso.

6 Pesquisa feita na Enciclopédia Britânica On line, na página <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/328430/Jean-Baptiste-Lamarck>, a 16-04-2014.

bastante controvérsia entre os seus pares.

Uma dessas teorias - talvez a principal, ou a mais famosa, porque ficou definitivamente associada à sua figura, de modo um tanto pejorativo - foi a denominada “lei do uso e do desuso”, que associava a evolução orgânica exatamente ao meio ambiente.

Um exemplo desse princípio seria o pescoço da girafa. Segundo Lamarck, teria sido devido ao esforço desse animal para comer as folhas das árvores mais altas que o seu pescoço teria crescido. Essa história está até hoje nos livros escolares e, graças à ela, o nome de Lamarck foi simplesmente defenestrado pela Academia durante muitos e muitos anos...

Lamarck desencarnou em 1829, trinta anos antes da publicação de “A Origem das Espécies”, de Charles Darwin. Seu célebre colega inglês deu novo enfoque à ideia da evolução, como sabemos, e em pouco tempo tornou-se referência mundial sobre o tema. Lamarck ficou de lado, lembrado apenas como pioneiro, mas irremediavelmente associado à “história da girafa”...

Mas, a vida dá voltas, todos sabemos...Depois de quase um século de ostracismo ao nosso naturalista francês, eis que nos últimos anos começaram a surgir pesquisas com indicadores favoráveis a partes do “lamarkismo”, ou ao “espírito” de algumas de suas ideias, especialmente no que se refere à possibilidade da interferência do meio ambiente em nosso processo evolutivo.

A personagem central dessas pesquisas, hoje, é a Dra. Eva Jablonka, da Universidade de Tel Aviv, geneticista polonesa nascida em 1952 e radicada em Israel desde 1957. Seu nome é associado a uma verdadeira revolução em andamento na biologia evolutiva, tendo em seu currículo uma série de trabalhos publicados a respeito do principal tema de suas pesquisas: a EPIGENÉTICA⁷.

Conseguimos cópias dos trabalhos da Dra. Eva e reproduzimos a seguir algumas poucas passagens⁸ para rapidamente nos familiarizarmos com a definição do conceito de Epigenética e com as principais implicações para o tema da evolução, que estamos tratando:

“Epigenética não é uma disciplina nova. Ela nasceu no início dos anos 40, quando Conrad Waddington⁹ a definiu e colocou em discussão, mas só recentemente veio a ser

7 O termo vem do grego, de uma expressão Aristotélica - EPIGÊNESE, onde o prefixo “EPI” traduz a ideia de “sobre”. Refere-se à hipótese de nossos genes sofrerem também influências externas para o seu desenvolvimento,

8 Tradução livre, de nossa autoria.

9 Biologista britânico, 1905-1975.

considerada como um ramo integrante da biologia”. [...]

O termo está relacionado à teoria aristotélica da epigenese [...] “Epi” significa “em cima” ou “sobre”, e a parte “genética” da epigenética implica que os genes estão envolvidos, no sentido da necessidade de se estudar os eventos “sobre” ou para além da ação dos genes”¹⁰. (Pág.82)

“Uma das áreas mais produtivas da investigação na última década tem sido o estudo das respostas controladas de células a [...] insultos ambientais graves” (Idem, pág.89)

“Uma indicação da importância potencial da epigenética para a medicina veio em 1979, quando Holliday¹¹ sugeriu que mudanças epigenéticas hereditárias são responsáveis pelo câncer”.(Idem, pág.89)

“Dados relevantes sobre os efeitos de mudanças ambientais induzidas na geração seguinte são escassos [...] mas sabemos que a prole de camundongos tratados com agentes cancerígenos estão predispostos a tumores e outras anormalidades. Além disso, alguns efeitos ambientais vão além da primeira geração: anormalidades induzidas por drogas em função endócrina, assim como anomalias fisiológicas e comportamentais induzidas por inanição, são hereditárias durante pelo menos três gerações”. (Idem,pág.90)

Não vamos poder nos estender aqui nas citações, em função do espaço disponível para um breve artigo, mas acreditamos que as passagens colocadas em destaque nos trabalhos dos Dr. William Leonard e Eva Jablonka já sejam suficientes para termos uma ideia desse movimento da Ciência atual, no reconhecimento da interferência do meio ambiente em nossa codificação genética, com efeitos importantes inclusive no processo evolutivo.

O principal a se destacar aqui é que, na busca do entendimento de COMO os planetas e os seres que neles habitam podem evoluir juntos, a epigenética pode ser uma solução muito interessante, revelando a interferência do meio ambiente nos genes humanos e explicando, assim, como alterações drásticas no clima, por exemplo, podem alterar substancialmente os caminhos da evolução...

O Plioceno, citado pelo Dr. Leonardo, foi o período da formação planetária situado aproximadamente entre 5 e 2 milhões

10 JABLONKA, Eva e MARION J. Lamb. The Changing Concept of Epigenetics. Annals New York Academy of Sciences.

11 Robin Holliday, PhD, biólogo molecular britânico (1932-2014). Faleceu enquanto redigíamos esse artigo, exatamente em 09 de abril deste ano.

de anos atrás. Ele foi sucedido pela chamada “Era Glacial”. Durante o processo de esfriamento do planeta os terrenos africanos foram ficando mais secos e áridos, levando os hominídeos a novos hábitos alimentares e condições de vida que coincidiram com a transição para o bipedalismo, uma das mais importantes alterações morfológicas em direção à condição de humanidade.

As glaciações ocorridas no período certamente podem ser consideradas como “insultos ambientais graves”, no dizer da Dra. Jablonka, e tiveram também impactos alimentares correlatos, na direção da escassez. Estaríamos aí diante de fatores epigenéticos? Teriam contribuído para as mudanças verificadas nos humanóides? Em caso positivo, essas alterações genéticas perduraram muito além das três gerações seguintes, porque até hoje estamos aqui, em pleno século XXI, caminhando com as duas pernas...

“Voltando ao presente”, depois desse breve passeio ao Plioceno, e colocando lado a lado as previsões do IPCC e dos Espíritos autores de “Os Quatro Evangelhos” para o futuro de nosso meio ambiente, ambas sinalizando “insultos ambientais graves” em nosso caminho, seguidas de alterações igualmente importantes na nossa alimentação, chegamos a algumas questões muito interessantes e bastante atuais:

Essa alteração prevista para a natureza terá também impactos sobre a biologia humana?

Em caso afirmativo, que impactos serão esses? Será possível igualmente prevê-los, conhecê-los antecipadamente?

Nesse cenário, qual o futuro da espécie humana? Que nos reserva a evolução?

Que diz a Doutrina Espírita, a esse respeito?

Sim - podemos adiantar - tudo a leva a crer que as mudanças previstas para o meio ambiente serão tão relevantes que seus impactos trarão consequências aos nossos organismos. A “boa notícia”, por enquanto, é que não precisamos nos preocupar com mudanças bruscas. Deus não conta o tempo em dias...

A Doutrina Espírita tem informações bem interessantes sobre essas mudanças. À frente...

3) EVOLUÇÃO E ESPIRITUALIZAÇÃO

A primeira e talvez a mais importante das contribuições da Doutrina para o entendimento do processo de transição que estamos começando a viver é a indicação da direção e do destino do processo evolutivo.

Evolução é espiritualização.

A trajetória evolutiva do átomo (matéria) ao arcanjo (Espírito), apresentada na questão 540 de “O Livro dos Espíritos”, é um resumo perfeito da longa jornada que enfrentamos, filhos pródigos de volta à Casa Paterna.

Conforme o Espírito progride, o corpo pouco a pouco se desmaterializa, assim como o seu perispírito, que tende a desaparecer, quando ele atinge a purificação completa.

As referências a essa trajetória na Codificação são inúmeras, vamos destacar algumas das mais sucintas/objetivas:

“À medida que o Espírito se purifica, o corpo que o reveste se aproxima igualmente da natureza espírita”. (“O Livro dos Espíritos”, nota à questão 182)

“à medida que o corpo se torna menos material” (Q.397)

As questões 186 e 257 dão notícia do refinamento contínuo também do perispírito, até o seu completo desaparecimento, no caso dos Espíritos Puros:

“Haverá mundos onde o Espírito, deixando de revestir corpos materiais, só tenha por envoltório o perispírito?”

“Há e mesmo esse envoltório se torna tão etéreo que para vós é como se não existisse. Esse o estado dos Espíritos puros.” (Q.186)

“se o Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a toda e qualquer sensação dolorosa. É o que se dá com os Espíritos completamente purificados”. (Q.257)

Na Escala Espírita, em “O Livro dos Espíritos” (Q.110-113), Kardec nos mostra as etapas desse processo de desmaterialização evolutiva: os Espíritos da Terceira Ordem tem “predominância da matéria sobre o Espírito”; os da segunda ordem “predominância do Espírito sobre a matéria”, enquanto os mais elevados da primeira ordem, os Espíritos puros, não sofrem mais “nenhuma influência da matéria”, visto que percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as “impurezas”...

“Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus.

Gozam de inalterável felicidade, porque não se acham submetidos às necessidades, nem às vicissitudes da vida material”.

A purificação total coincide com o fim das encarnações materiais, como as nossas. Esse ensino é também um item im-

portante, porque nos revela o ponto de conclusão ou destino final do processo evolutivo, e talvez por isso esteja repetido na Codificação e na Revista Espírita reiteradas vezes.

Em “O Livro dos Espíritos” nós o encontramos também nas questões 168, 170 e 226:

168. É limitado o número das existências corporais, ou o Espírito reencarna perpetuamente?

“[...] Desde que se ache limpo de todas as impurezas, não tem mais necessidade das provas da vida corporal.”

170. O que fica sendo o Espírito depois da sua última encarnação?

“Espírito bem-aventurado; puro Espírito.”

226. Poder-se-á dizer que são errantes todos os Espíritos que não estão encarnados?

“Sim, com relação aos que tenham de reencarnar. Não são errantes, porém, os Espíritos puros, os que chegaram à perfeição. Esses se encontram no seu estado definitivo.”

Na Revista Espírita também o localizamos, em duas oportunidades distintas:

“é preciso levar em conta que os Espíritos se desmaterializam à medida que se elevam e se depuram. Só nas fileiras inferiores a encarnação é material. Para os Espíritos superiores não há mais encarnação material”. (RE, Julho de 1862 – Págs. 298 a 302 da Ed. FEB)

“Os Espíritos podem dividir-se em duas categorias: os que, chegados ao ponto mais elevado da escala, deixaram definitivamente os mundos materiais, e os que, pela lei da reencarnação ainda pertencem ao turbilhão da humanidade terrena”. (RE, Abril de 1866, Pág. 152 da Ed. FEB)

Fechando a sequência, vale lembrar também a bela mensagem de São Luiz, no item 24 do Cap. IV de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, com o título “Os limites da encarnação”:

“A bem dizer, a encarnação carece de limites precisamente traçados, se tivermos em vista apenas o envoltório que constitui o corpo do Espírito, dado que a materialidade desse envoltório diminui à proporção que o Espírito se purifica.

Em certos mundos mais adiantados do que a Terra, já ele é menos compacto, menos pesado e menos grosseiro e, por conseguinte, menos sujeito a vicissitudes. Em grau

mais elevado, é diáfano e quase fluídico. Vai desmaterializando--se de grau em grau e acaba por se confundir com o perispírito.

Conforme o mundo em que é levado a viver, o Espírito reveste o invólucro apropriado à natureza desse mundo.

O próprio perispírito passa por transformações sucessivas. Torna-se cada vez mais etéreo, até à depuração completa, que é a condição dos puros Espíritos. [...]

Se se considerar do ponto de vista material a encarnação, tal como se verifica na Terra, poder-se-á dizer que ela se limita aos mundos inferiores. Depende, portanto, de o Espírito libertar-se dela mais ou menos rapidamente, trabalhando pela sua purificação”.

A indicação da espiritualização das formas, como próxima etapa de nossa trajetória evolutiva, aparece igualmente em obras complementares da Codificação:

Primeiro, Emmanuel:

“teremos atingido o zênite da nossa evolução anímica? Não. Se nos achamos acima dos nossos semelhantes inferiores – os irracionais -, acima de nós se encontram os seres superiores da espiritualidade, que se hierarquizam ao infinito e cuja perfeição nos compete alcançar”. (“Emmanuel”, Cap. XXIV)

Na sequência, André Luiz:

“O prodigioso corpo do homem na Crosta Terrestre foi erigido pacientemente, no curso dos séculos, e o delicado veículo do Espírito, nos planos mais elevados, vem sendo construído, célula a célula, na esteira dos milênios incessantes [...] até que nos transfirmamos de residência, aptos a deixar, em definitivo, o caminho das formas, colocando-nos na direção das esferas do Espírito Puro, onde nos aguardam os inconcebíveis, os inimagináveis recursos da suprema sublimação” - Clarêncio (“Entre a Terra e o Céu”, Cap.21)

E, finalmente, Pietro Ubaldi:

“Através da evolução, a forma se sutiliza, se torna transparente, de modo a que a divina essência das coisas possa tornar-se cada vez mais evidente. Assim, essa criação continua constitui renovação evolutiva, que, agindo através da maceração da forma, vai elaborando-a incessantemente e, assim, tornando-a cada vez mais adequada a exprimir a íntima substância animadora e dando sempre

maior sensibilidade e atualidade à manifestação da Lei. Desse modo, evolução fica significando espiritualização e palmilha a estrada que sobe até Deus. De semelhante progresso nascerá o novo tipo biológico, base das humanidades futuras. [...]

“O homem atual está para o futuro tipo biológico assim como o pré-histórico pitecantropo está para o homem atual”. (“Ascese Mística”, Cap. XV – O Tipo Biológico do Futuro)

“O futuro da humanidade está biologicamente em sua espiritualização”. (“As Noúres”, Cap.5)

Temos portanto, nesse conjunto de citações, uma indicação segura da direção a que nos levará o processo evolutivo, a partir do estágio atual alcançado pela humanidade: estamos destinados a um processo de “espiritualização” contínuo e progressivo de nossos corpos, físicos e perispirituais.

Mas ... exatamente o que isso significa?

Passemos ao próximo item...

4) O EFEITO “ORLOFF” E OS MUNDOS SUPERIORES

Há alguns anos (1985) surgiu uma campanha publicitária com um *slogan* que ficou conhecido como “Efeito Orloff”. O mote das peças era associar a qualidade da bebida ao bom estado dos personagens no dia seguinte ao seu consumo, destacado com a frase: “eu sou você amanhã”.

Desde então muitos jornalistas de economia adotaram o jargão para fazer a comparação das políticas públicas de Argentina e Brasil, sugerindo que seguíamos, em alguma medida, os passos do nosso vizinho latino-americano...

Esse episódio nos ocorre a partir de uma pergunta que nos fizemos, ao longo do estudo desse assunto.

Estaremos condenados ao “voo cego”, na trajetória da evolução? Levando em conta os “insultos ambientais graves” previstos pelos Espíritos e mais recentemente pelo IPCC, e a relação desse tipo de fenômeno com alterações biológicas importantes, será o nosso destino enfrentar esses processos na forma de uma esquina fechada, sem nenhuma perspectiva do que virá a seguir?

Entendemos que não. Que a Doutrina pode nos ajudar com dicas ou insights relevantes a esse respeito. Já vimos, por exemplo, que ela nos aponta a espiritualização como linha-mestra da trajetória evolutiva. Temos aí uma primeira “pista”...

Cabe-nos agora apenas detalhar essa informação, entendê-la melhor, a fim de poder ter uma visão um pouco mais nítida do que nos aguarda.

Encontramos esse fio da meada na pluralidade dos mundos habitados e na hierarquia que há entre eles, moral e fluídica, bem como o *continnum* evolutivo que também os globos se estabelece.

Antes de avançarmos nesse ponto, talvez caiba aqui lembrar rapidamente o que “O Livro dos Espíritos” nos ensina a esse respeito.

Todos os globos são habitados (Q.55), e as nossas existências corporais são vividas em diferentes mundos (Q.172), posto que esses são solidários entre si: “o que não se faz num faz-se noutra” (Q.176).

As organizações corpóreas dos habitantes de cada globo são bem diferentes, adaptadas à sua constituição física, geológica e atmosférica (Q. 56 e 57).

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, ensinam-nos os Espíritos que os mundos mais atrasados, como a Terra, são mais materiais, enquanto os superiores “nada tem da materialidade terrestre”, são mais “fluídicos” (Cap. IV, Itens 8 e 9).

Atualizando os termos, podemos dizer que os mundos mais atrasados são os de mais densidade material, e os mundos superiores os de menor densidade¹².

“Os seres que habitam os diferentes mundos têm corpos semelhantes aos nossos?”

“É fora de dúvida que têm corpos, porque o Espírito precisa estar revestido de matéria para atuar sobre a matéria. Esse envoltório, porém, é mais ou menos material, conforme o grau de pureza a que chegaram os Espíritos. É isso o que assinala a diferença entre os mundos que temos de percorrer, porquanto muitas moradas há na casa de nosso Pai, sendo, conseguintemente, de muitos graus essas moradas. Alguns o sabem e desse fato têm consciência na Terra; com outros, no entanto, o mesmo não se dá.” (“O Livro dos Espíritos”, Q.181)

As leis que governam os globos são “apropriadas à natureza de cada mundo e adequadas ao grau de progresso dos seres que os habitam” (LE, Q.618), mas por toda parte a forma corpó-

¹² A esse respeito vale aqui um parêntese. Em 2007 a Nasa anunciou a descoberta do planeta TrES-4b, o maior até então conhecido, com tamanho equivalente a 1,7 vezes o tamanho de Júpiter. Com apenas 0,33 de densidade, aproximadamente um terço da terrestre, esse planeta poderia flutuar em nossos oceanos, apenas de seu tamanho gigante. Está aí um exemplo de um perfeito “mundo fluídico”, no linguajar do século XIX. Como serão os seus habitantes?

rea é basicamente a humana (“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. IV, Item 9), embora adaptada, como que a seguir um modelo universal. Estabelece-se assim um continuum evolutivo a partir de um mesmo padrão:

“por toda parte, a forma corpórea aí é sempre a humana”. (“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. III, item 9)

“A forma geral poderia ser mais ou menos a mesma; entretanto o organismo deve ser adaptado ao meio onde há de viver, do mesmo modo que os peixes o são para viver na água e os pássaros no ar. Se o meio for diferente [...] diferente deve ser a organização. [...] é o que afirmam os Espíritos”. (“O Princípio Espírita”, item 106)

“A conformação do corpo é mais ou menos a mesma daqui” (RE, Março de 1858, Págs. 112-118 da Ed. FEB)

Essa universalidade do modelo orgânico e o continuum evolutivo entre os diversos mundos, apesar das diferenças de constituição e ambiente que há entre eles, é a chave para vislumbrarmos um pouco do que nos aguarda, evolutivamente falando.

Esse ensino dos Espíritos confirma o princípio de analogia do monismo Ualdiano: a criação inteira é formada por uma só substância e governada por uma única Lei, que é a Lei de Deus (LE, Q.,614). Os mesmos princípios abrangem diferentes estágios da evolução, de tal forma a ser possível a analogia do que se passa entre eles. A lei de causa e efeito ou de ação e reação é o exemplo mais fácil dessa realidade. Aplica-se tanto à matéria, na forma imortalizada por Newton, mas também às movimentações do Espírito, na Lei do Carma. Unidade na diversidade, confirmada por Emmanuel, nos termos abaixo:

“uma só lei rege a vida, em sua identidade substancial. Nas ondas electrônicas, filhas da energia solar, chama-se-lhe afinidade, magnetismo, atração, e, nas correntes de fluidos espirituais, filhas da alma, partícula divina, chama-se-lhe misericórdia, simpatia, piedade e amor. Nessa lei única, que liga a Criação ao seu Criador e da qual estudamos os fenômenos isolados, desenrola-se o drama da evolução do espírito imortal”.(Emmanuel em “Emmanuel”, Cap.XXII, 27a.Ed.FEB)

Vamos assim adotar o princípio de analogia e a ideia do continuum evolutivo através dos mundos como hipótese inicial

de trabalho, buscando em nossos irmãos mais velhos a indicação das próximas etapas de nossa evolução. Faremos isso reunindo tudo o que encontrarmos na Codificação e na Revista Espírita acerca da biologia dos mundos superiores, para ver a que nos leva, analisando em que medida se encaixa naquilo que temos aqui na Terra e constatamos em nosso mundo.

Já podemos adiantar que os resultados são surpreendentes... nas descrições dos Espíritos, sobre os mundos superiores, é possível identificar muitas das tendências que temos hoje em nosso comportamento e em nossas vidas, em pleno século XXI, como se estivéssemos de fato em meio a uma jornada, tendo alguém seguindo adiante, no mesmo curso. Não custa lembrar que essas projeções foram feitas ainda no século XIX, há mais de 150 anos atrás...!

Antes de avançar, no entanto, cabe-nos antecipar aqui duas possíveis objeções. A primeira pode advir de alguma preocupação com relação a essas descrições de mundos superiores, vindas de mensagens mediúnicas. Como saber ao certo se procedem ou não? Kardec nos alerta quanto ao cuidado necessário para com essas descrições de outros mundos, mas não invalida a obtenção de revelações verdadeiras:

“Que confiança se pode depositar nas descrições que os Espíritos fazem dos diferentes mundos?

“Depende do grau de adiantamento real dos Espíritos que dão essas descrições, pois bem deveis compreender que Espíritos vulgares são tão incapazes de vos informarem a esse respeito, quanto o é, entre vós, um ignorante, de descrever todos os países da Terra. [...] Entretanto, não julgueis absolutamente impossível obterdes, sobre os outros mundos, alguns esclarecimentos. Os bons Espíritos se comprazem mesmo em descrever-vos os que eles habitam, como ensino tendente a vos melhorar, induzindo-vos a seguir o caminho que vos conduzirá a esses mundos. *É um meio de vos fixarem as idéias sobre o futuro e não vos deixarem na incerteza*¹³.” (“O Livro dos Médiuns”, item 296, Parágrafo 32)

“Como se pode verificar a exatidão dessas descrições?

“A melhor verificação reside na concordância que haja entre elas.” (“O Livro dos Médiuns”, item 296, Parág.32-a)

Como não é esse o tema principal desse trabalho, e sim o corpo fluidico de Jesus - estamos apenas desenvolvendo o raciocínio, para chegar lá - vamos levar em conta esses “alertas” feitos

¹³ Destaque nosso.

pelo Codificador adotando como referência apenas as descrições dos mundos superiores por ele mesmo inseridas e chanceladas na Codificação e na Revista Espírita. Entendemos que assim resolvemos, preventivamente, o risco de descrições equivocadas.

Outra possível contestação pode surgir vinda de não espíritas, mais ou menos nesses termos: *“mas se nem a vida em outros mundos já foi comprovada pela Ciência, que dizer das descrições mais detalhadas sobre a biologia de seus habitantes? Não será prematuro assumir-se essas referências específicas como base para qualquer coisa, enquanto o seu fundamento, que é a vida extraterrestre, ainda não foi confirmada?”*

Ao contrário - diríamos nós. É sintomático que o surgimento da palavra “astrobiologia” tenha ocorrido nos anos 50 do século passado¹⁴, exatamente um século depois do lançamento de “O Livro dos Espíritos” ter antecipado, com todas as letras, que “todos” os planetas são habitados, conforme consta na resposta dos Espíritos à questão número 55 de Kardec.

Nesse caso, como em muitos outros, a Ciência está andando a reboque da Doutrina, e não o contrário... A aceitação da hipótese da vida extraterrestre, por parte da comunidade científica, e a decisão de investir bilhões de dólares em programas espaciais exatamente com a finalidade de comprová-la, só recomenda a vanguarda da Codificação a esse respeito, valorizando a informação recebida, tanto no que é geral - a revelação da pluralidade dos mundos habitados - quanto no que é específico, na forma das descrições existentes sobre as condições de vida nos outros globos.

Dos anos 50 para cá já fizemos grandes avanços nessa área, com os projetos Viking 1 e 2, ainda nos anos 70, e mais recentemente com as sondas exploratórias já plantadas em solo marciano. As pesquisas padecem ainda, no entanto, do viés materialista - estamos buscando vida em padrões de densidade e condições biológicas semelhantes à nossa - quando os Espíritos nos alertam que as condições físicas e ambientais podem variar substancialmente. O tempo corre, no entanto, sempre a nosso favor. A guardemos o futuro, que não tarda a chegar...

De nossa parte, aceitamos sim, portanto, como referências seguras as descrições feitas pelos Espíritos sobre a biologia dos mundos superiores, e entendemos que reuni-las de forma sistemática pode ser um exercício útil para vislumbrarmos um pouco do que teremos à frente em nosso caminho evolutivo.

14 Vide a respeito o artigo de Baruch S. Blumberg, cientista e fundador do Instituto de Astrobiologia da Nasa, “The NASA Astrobiology Institute: Early History and Organization”, na revista ASTROBIOLOGY, Volume 3, Núm. 3, 2003

Feitos esses esclarecimentos, podemos passar à nossa pesquisa sobre os mundos superiores, abstraindo, no entanto, das menções a esse ou aquele planeta, sempre mais questionáveis porque mais específicas, para focar apenas no que é comum e na semelhança das informações apresentadas.

Como encontramos muitas, tivemos de tomar o cuidado de evitar / excluir as redundâncias ou repetições, dado o pequeno espaço desse artigo. Apresentamos a seguir o resultado do que foi apurado:

A) Nascimento / Reprodução

“A materialidade desse envoltório diminui à proporção que o Espírito se purifica. Em certos mundos mais adiantados do que a Terra, já ele é menos compacto, menos pesado e menos grosseiro e, por conseguinte, menos sujeito a vicissitudes. Em grau mais elevado, é diáfano e quase fluídico. Vai desmaterializando-se de grau em grau e acaba por se confundir com o perispírito”. (“O Evangelho Segundo o Espiritismo” - ESE - Cap. IV, item 24)

“Existem mundos ainda mais adiantados, nos quais o envoltório corporal é quase fluídico e se aproxima sempre mais da natureza angélica”. (O Principiante Espírita”, item 107)

“22. Há sexos diferentes? Resp. – Sim; há sexo por toda parte onde existe a matéria; é uma lei da matéria”.(RE, Abril de 1858 - Págs. 172-183 da Ed. FEB)

“35. Sendo menos denso do que os nossos, o corpo [...] é formado de matéria compacta e condensada, ou de matéria vaporosa? Resp. – Compacta para nós; mas não o seria para vós: é menos condensada.

36. O corpo, considerado como feito de matéria, é impenetrável? Resp. – Sim”. (RE, Abril de 1858 - Págs. 172-183 da Ed. FEB)

“O corpo desses Espíritos [...] é de uma densidade tão leve que só encontra termo de comparação nos fluidos imponderáveis” (RE, Agosto de 1858 - Págs. 344 a 361 da Ed. FEB)

“Só nas fileiras inferiores a encarnação é material. Para os Espíritos superiores não há mais encarnação material e, conseqüentemente, não há procriação, pois esta se dá pelo corpo e não pelo Espírito”. (RE, Julho de 1862 - Págs. 298 a 302 da ed. FEB)

“Até aqui a reencarnação tem sido admitida de maneira muito prolongada; não se pensou que esse prolongamento da corporeidade, embora cada vez menos material, acarretava necessidades que deviam atrasar o progresso do Espírito. Com efeito, admitindo a persistência da geração nos mundos superiores, se atribuem ao Espírito encarnado necessidades corporais, dão-lhe deveres e ocupações ainda materiais, que o sujeitam e detêm o impulso dos estudos espirituais. Qual a necessidade desses entraves?”

Não pode o Espírito gozar das alegrias do amor sem sofrer as enfermidades corporais? Mesmo na Terra, esse sentimento existe por si mesmo, independente da parte material do nosso ser; por mais raros que sejam, há exemplos suficientes para provar que deve ser sentido, de modo mais geral, entre os seres mais espiritualizados.

A reencarnação proporciona a união dos corpos; o amor puro, apenas a união das almas. Os Espíritos se unem segundo afeições iniciadas em mundos inferiores, e trabalham juntos por seu progresso espiritual. Têm uma organização fluidica totalmente diferente da que era consequência de seu aparelho corporal”. (RE, Fev 1864 - Págs. 80/83 ed. FEB)

B) Aparência / Organização Física

“A forma corpórea aí é sempre a humana, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo, purificada” (ESE, Cap. III, item 9)

“A conformação do corpo é mais ou menos a mesma daqui” (RE, Março de 1858 - Págs. 112-118 da Ed. FEB)

“18. A conformação do corpo dos habitantes guarda relação com o nosso?

Resp. – Sim, é a mesma.

19. Podes dar-nos uma idéia de sua estatura, comparada à dos habitantes da Terra? Resp. – Grandes e bem proporcionados. Maiores que os vossos maiores homens. O corpo do homem é como o molde de seu Espírito: belo, onde ele é bom”. (RE, Abril de 1858 - Págs. 172-183 da Ed. FEB)

“O corpo envolve o Espírito sem o ocultar, como um tênue véu lançado sobre uma estátua. Nos mundos inferiores o invólucro grosseiro oculta o Espírito a seus semelhantes; mas os bons nada têm a esconder: podem ler no coração uns dos outros”. (RE, Abril de 1858 - Págs. 172-183 da Ed. FEB)

“Um pouco maior do que o nosso, do qual reproduz exatamente a forma, embora mais pura e mais bela, ele se nos apresentaria sob a aparência de um vapor, termo que emprego a contragosto, por designar uma substância ainda muito grosseira; de um vapor, dizia eu, impalpável e luminoso...”(RE, Agosto de 1858 - Págs. 344 a 361 da Ed. FEB)

C) Infância

“Em toda parte a infância é uma transição necessária, mas não é, em toda parte, tão obtusa como no vosso mundo.” (“O Livro dos Espíritos” - LE, Q.183)

“A pouca resistência que a matéria oferece a Espíritos já muito adiantados torna rápido o desenvolvimento dos corpos e curta ou quase nula a infância”. (ESE, Cap.III)

“O desenvolvimento é também muito mais rápido e a infância dura apenas alguns de nossos meses”. (RE, Março de 1858 - Págs. 112-118 da Ed. FEB)

D) Alimentação / Necessidades Físicas

“Menos grosseiras se lhe fazem as necessidades físicas, não mais sendo preciso que os seres vivos se destruam mutuamente para se nutrirem”. (LE., Q.182)

“Nos mundos de mais apurada organização, têm os seres vivos necessidade de alimentar-se?”

“Têm, mas seus alimentos estão em relação com a sua natureza. Tais alimentos não seriam bastante substanciais para os vossos estômagos grosseiros; assim como os deles não poderiam digerir os vossos alimentos.” (LE, Q.710)

“A alimentação está em relação com essa organização etérea; não seria suficientemente substancial para os nossos estômagos grosseiros, sendo a nossa por demais pesada para eles; compõe-se de frutos e plantas; de alguma sorte, aliás, a maior parte eles a haurem no meio ambiente, cujas emanações nutritivas aspiram”. (RE, Março de 1858 - Págs. 112-118 da Ed. FEB)

“23. Qual a base da alimentação dos habitantes? É animal e vegetal, como aqui? Resp. – Puramente vegetal; o homem é o protetor dos animais.

24. Foi-nos dito que eles absorvem uma parte de sua alimentação do meio ambiente, do qual aspiram as ema-

nações; isso é exato? Resp. – Sim”. (RE, Abril de 1858 - Págs. 172-183 da Ed. FEB)

E) Mobilidade / Locomoção

“Deixa de rastejar penosamente pela superfície do solo” (LE, Q.182)

“A leveza específica do corpo permite locomoção rápida e fácil: em vez de se arrastar penosamente pelo solo, desliza, a bem dizer, pela superfície, ou plana na atmosfera, sem qualquer outro esforço além do da vontade, conforme se representam os anjos, ou como os antigos imaginavam os manes nos Campos Elíseos”. (ESE, Cap. III, item 9)

“Enquanto rastejamos penosamente na Terra, [...] transporta-se de um a outro lugar, deslizando sobre a superfície do solo, quase sem fadiga, como o pássaro no ar ou o peixe na água”. (RE, Março de 1858 - Págs. 112-118 da Ed. FEB)

“33. A densidade específica do corpo humano permite-lhe transportar-se de um lugar a outro, sem ficar, como aqui, preso ao solo? - Resp. – Sim”. (RE, Abril de 1858 - Págs. 172-183 da Ed. FEB)

F) Trabalho

“A natureza do trabalho está em relação com a natureza das necessidades. Quanto menos materiais são estas, menos material é o trabalho.”(LE, Q.678)

“30. A vida está dividida entre a vigília e o sono? Resp. – Entre a ação e o repouso”. (RE, abril de 1858 - Págs. 172-183 da Ed. FEB)

“para esses Espíritos depurados não haveria senão trabalhos intelectuais, pois suas atividades só se exercem no domínio do pensamento”. (RE, Agosto de 1858 - Págs. 344 a 361 da Ed. FEB)

“levando-se em conta que esses trabalhos serão completamente fluidicos e espirituais nas esferas superiores, por que lhe dar o embaraço das necessidades corporais, uma vez que a reencarnação determina sempre, como já disse, geração e alimentação, isto é, necessidades da matéria a satisfazer e, em contrapartida, entraves para o Espírito?”(RE, Fevereiro de 1864 - Págs. 80/83 ed. FEB)

G) Saúde / Longevidade

“A duração da vida, nos diferentes mundos, parece guardar proporção com o grau de superioridade física e moral de cada um, o que é perfeitamente racional. Quanto menos material o corpo, menos sujeito às vicissitudes que o desorganizam”.(ESE, Cap.III, item 9)

“Nos mundos mais adiantados, física ou moralmente, o organismo humano, mais depurado e menos material, não está sujeito às mesmas enfermidades e o corpo não é minado surdamente pelo corrosivo das paixões”. (ESE, Cap. XXVIII, item 77)

“Os corpos, menos materiais, quase fluidicos, não mais são sujeitos às moléstias, às enfermidades” (“O Céu e o Inferno”, Cap. O Céu, item 11)

“25. Comparada à nossa, a duração da vida é mais longa ou mais curta? Resp. – Mais longa.

26. Qual é a duração média da vida? Resp. – Como medir o tempo?

27. Não podes tomar um de nossos séculos por termo de comparação? Resp. – Creio que mais ou menos cinco séculos”.(RE, Abril de 1858 - Págs. 172-183 da Ed. FEB)

H) Morte

“A morte de modo algum acarreta os horrores da decomposição”. (ESE, Cap. III, item 9)

“Sendo mais depurada a matéria de que é formado o corpo, dispersa-se após a morte sem ser submetida à decomposição pútrida”. (RE, Março de 1858 - Págs. 112-118 da Ed. FEB)

I) Sensibilidade Psíquica

“O Espírito se acha mais livre e tem, das coisas longínquas, percepções que desconhecemos. Vê com os olhos do corpo o que só pelo pensamento entrevemos”. (LE, Q.182)

“ 448. É permanente a segunda vista?

“A faculdade é, o exercício não. Em os mundos menos materiais do que o vosso, os Espíritos se desprendem mais facilmente e se põem em comunicação apenas pelo pensamento, sem que, todavia, fique abolida a linguagem arti-

culada. Por isso mesmo, em tais mundos, a dupla vista é faculdade permanente, para a maioria de seus habitantes, cujo estado normal se pode comparar ao dos vossos sonâmbulos lúcidos.” (LE, Q.448)

“Nos mundos mais adiantados que o nosso, os Espíritos são vistos com mais frequência do que entre nós?

“Quanto mais o homem se aproxima da natureza espiritual, tanto mais facilmente se põe em comunicação com os Espíritos. A grosseria do vosso envoltório é que dificulta e torna rara a percepção dos seres etéreos.” (“O Livro dos Médiuns” - LM - Cap. Das Manifestações Visuais, item 100, parágrafo 9º).

“Nos mundos superiores, naqueles em que os laços entre o Espírito e a matéria são muito fracos, a manifestação é quase tão fácil quanto no estado errante, mais fácil, em todo caso, do que nos mundos onde a matéria corpórea é mais compacta”. (LM, Cap. Das Evocações, item 275)

“Durante a vida, a alma, já não tendo a constringi-la a matéria compacta, expande-se e goza de uma lucidez que a coloca em estado quase permanente de emancipação e lhe consente a livre transmissão do pensamento”. (ESE, Cap. III, item 9)

“Se compreendem pela linguagem dos olhos e que sabem comunicar-se magneticamente a distância” (RE, Agosto de 1858 - Págs. 344 a 361 da Ed. FEB)

10. Lembrança de vidas passadas

“397. Nas existências corpóreas de natureza mais elevada do que a nossa, é mais clara a lembrança das anteriores? “Sim, à medida que o corpo se torna menos material, com mais exatidão o homem se lembra do seu passado. Esta lembrança, os que habitam os mundos de ordem superior a têm mais nítida.” (LE, Q.397)

“Os homens conservam, a seu grado, os traços de suas passadas migrações” (ESE, Cap. III, item 9)

“A lembrança do passado nada tem de penosa; eis por que seus habitantes se recordam da sua existência precedente, como nós nos recordamos hoje do que ontem fizemos”. (“O que é o Espiritismo”, item Esquecimento do Passado)

Como visto, temos à disposição um material rico e variado para análise, um verdadeiro manancial de informações sobre os mundos superiores e as condições de vida de seus habitantes apenas na Codificação e na Revista Espírita, todas de médiuns sérios e validadas pelo próprio Codificador, cobrindo os mais variados aspectos da existência.

A essa altura, no entanto, o paciente leitor poderá nos perguntar: mas, e quanto ao corpo fluídico de Jesus? Não é esse o tema deste capítulo? Não é o seu objetivo confirmar, através da leitura de Kardec, os postulados da obra “Os Quatro Evangelhos”, sobre a biologia supranormal do Mestre Nazareno?

Sim, é esse mesmo, e só um pouco mais de paciência, estamos chegando lá...

O leitor deverá ter observado, no entanto, que embora nosso objetivo esteja ligado à obra de Roustaing, até agora fizemos nesse capítulo apenas uma citação da obra “Os Quatro Evangelhos”...!

Essa ausência foi proposital, porque queremos mesmo seguir com Kardec e muitas vezes só com ele, ao longo desse exercício, para tornar ainda mais evidente a todos, no momento certo, a perfeita relação de continuidade e complementariedade das duas obras.

Mas, como já avançamos bastante, talvez seja hora de trazer também à cena pelo menos um pouco do texto da grande Émilie Collignon, e vamos fazer isso montando um pequeno quadro resumo dessa sequência de citações que acabamos de ver, sobre a vida nos mundos superiores, mas agora inserindo em nossa tabela também as de “Os Quatro Evangelhos”, lado a lado com as de Kardec, para que o paralelo e a confirmação mútua das duas obras fique ainda mais evidente.

Aproveitamos o ensejo para lembrar, como sempre fazemos, as palavras do nosso querido mestre lionês, sobre “Os Quatro Evangelhos”, quando de sua publicação:

“É um trabalho considerável e que tem, para os espíritos, o mérito de não estar, em nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada em O Livro dos Espíritos e em O Livro dos Médiuns. As partes correspondentes às que tratamos em O Evangelho segundo o Espiritismo o são em sentido análogo” - RE, Junho de 1866, pág. 257, Ed. FEB).

Voltando à nossa tabela: essa comparação é importante porque mais à frente utilizaremos essas referências aos mundos superiores como base para análise da biologia de Jesus, e nesse

momento, teremos a CERTEZA do pleno alinhamento de Kardec e Roustaing sobre esses itens será muito útil.

Pedimos aos nossos irmãos que analisem a tabela com calma, examinando linha a linha a plena sintonia dos ensinamentos das obras desses dois gigantes da terceira revelação - Kardec e Roustaing - muitas vezes com palavras um pouco diferentes, mas sempre com o mesmo espírito, reforçando-se mutuamente nos fundamentos de nossa Doutrina.

Havendo alguma passagem em que esse paralelo não seja possível, por não termos identificado em Roustaing algum texto semelhante ao de Kardec, em determinado item, avisaremos na própria tabela, apresentada abaixo:

| ITEM | KARDEC | ROUSTAING |
|---------------------------------------|--|---|
| <p>1. NASCIMENTO & REPRODUÇÃO</p> | <p>“Os Espíritos se desmaterializam à medida que se elevam e se depuram. Só nas fileiras inferiores a encarnação é material. Para os Espíritos superiores não há mais encarnação material e, conseqüentemente, não há procriação, pois esta se dá pelo corpo e não pelo Espírito”. (RE, Julho de 1862 - Págs. 298 a 302 da ed. FEB)</p> <p>“22.Há sexos diferetes? Resp. – Sim; há sexo por toda parte onde existe a matéria; é uma lei da matéria”.(RE, Abril de 1858 - Págs. 172-183 da Ed. FEB)</p> | <p>“À proporção que sobe na escala dos mundos, mais as necessidades da carne e, por conseguinte, os meios de reprodução se depuram e espiritualizam. A união da matéria com a matéria para formar a matéria é uma das condições inerentes à vossa inferioridade e só existe nos mundos materiais, em cujo número ainda se conta o vosso”. (Tomo I, Item 14)</p> <p>“Lá nesses mundos elevados não há macho e fêmea no sentido que dais a estas expressões. Os instintos experimentam algumas variações, mas nada têm de comum com os vossos sentidos materiais. [...] há diferença de sexos sob o ponto de vista moral e fluídico”. (Tomo I, item 14)</p> |

CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA

| ITEM | KARDEC | ROUSTAING |
|---------------------------------------|---|---|
| 2. APARÊNCIA & ORGANIZAÇÃO FÍSICA | <p>“a forma corpórea aí é sempre a humana, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo, purificada” (ESE, Cap. III, item 99).</p> <p>“Grandes e bem proporcionados. Maiores que os vossos maiores homens”. (RE, Abril de 1858 - Págs. 172-183 Ed. FEB)</p> | <p>“o homem, nos mundos superiores ao vosso, tem maior estatura do que vós outros e de muito maior pureza são as linhas de seu talhe”. (Tomo II, Item 183)</p> |
| 3. INFÂNCIA | <p>“Em toda parte a infância é uma transição necessária, mas não é, em toda parte, tão obtusa como no vosso mundo.” (LE., Q.183)</p> <p>“A pouca resistência que a matéria oferece a Espíritos já muito adiantados torna rápido o desenvolvimento dos corpos e curta ou quase nula a infância”. (ESE, Cap.III)</p> | <p>“o homem, do ponto de vista fisiológico, se irá modificando, a matéria tornando-se mais fraca, o sistema nervoso mais desenvolvido, a inteligência mais precoce [...] Tais os indícios que vos prevenirão da mudança que se há de operar em vós”. (TOMO I, ITEM 64)</p> |
| 4. ALIMENTAÇÃO & NECESSIDADES FÍSICAS | <p>“A alimentação está em relação com essa organização etérea; não seria bastante substanciosa para os nossos estômagos grosseiros, e a nossa seria muito pesada para eles; ela se compõe de frutas e plantas, e, aliás, haurem, de algum modo, a maior parte do meio ambiente do qual aspiram as emanções nutritivas.” (RE, Março de 1858)</p> | <p>“A alimentação material não é, pois, necessária, nem possível, senão ao homem revestido de um corpo material, nos mundos materiais. Quando o Espírito encarna, ou, melhor, incorpora fluidicamente em mundos superiores, onde o corpo é de natureza perispiritica, a vida e a nutrição se mantêm pela absorção dos fluidos ambientes apropriados”. (Tomo I, Item 64)</p> |

CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA

| ITEM | KARDEC | ROUSTAING |
|---------------------------------|--|---|
| 5. MOBILIDADE & LOCOMOÇÃO | “A leveza específica do corpo permite locomoção rápida e fácil: em vez de se arrastar penosamente pelo solo, desliza, a bem dizer, pela superfície, ou plana na atmosfera, sem qualquer outro esforço além do da vontade, conforme se representam os anjos, ou como os antigos imaginavam os manes nos Campos Eliseos”. (ESE, Cap. III, item 9) | “Nas encarnações que se sucedem às vossas, o corpo perde pouco a pouco a densidade e se torna cada vez mais aeriforme. Deixa de ter os pés chumbados ao solo e se mantém em equilíbrio, qualquer que seja a sua posição.” (Tomo I, item 60) |
| 6. TRABALHO | “A natureza do trabalho está em relação com a natureza das necessidades. Quanto menos materiais são estas, menos material é o trabalho.” (LE, Q.678) | “(…) para o Espírito que chegou ao fim de suas provações, o trabalho não é o que é para vós. Ele encontra no trabalho uma alegria, uma felicidade imensa, complemento da que lhe está prometida. O trabalho, para nós, é mil vezes mais suave do que, para vós, o repouso indolente da vossa existência.” (Tomo II, item 132) |
| 7. SAÚDE & LONGEVIDADE | “A duração da vida, nos diferentes mundos, parece guardar proporção com o grau de superioridade física e moral de cada um, o que é perfeitamente racional. Quanto menos material o corpo, menos sujeito às vicissitudes que o desorganizam”. (ESE, Cap.III, item 9) “os corpos, menos materiais, quase fluidicos, não mais são sujeitos às moléstias, às enfermidades” (“O Céu e o Inferno”, Cap. O Céu, item 11) | Não encontramos em “Os Quatro Evangelhos” texto equivalente |

CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA

| ITEM | KARDEC | ROUSTAING |
|---------------------------------|--|---|
| 8. MORTE | <p>“A morte de modo algum acarreta os horrores da decomposição”. (ESE, Cap. III, item 9)</p> <p>“Sendo mais depurada a matéria de que é formado o corpo, dispersa-se após a morte sem ser submetida à decomposição pútrida”. (RE, Março de 1858 - Págs. 112-118 da Ed. FEB)</p> | <p>“Quanto mais o corpo se aperfeiçoa, em consequência do adiantamento do Espírito, tanto mais volatizáveis se fazem, por ocasião da morte, as matérias e se isentam da decomposição animal.” (Tomo IV, item 47)</p> |
| 9. SENSIBILIDADE PSÍQUICA | <p>“Sendo aí menos grosseira a matéria corporal, o Espírito, quando encarnado nesses mundos, goza quase que de todas as suas faculdades de Espírito, sendo o seu estado normal o dos sonâmbulos lúcidos entre vós.” (LE, Q.223)</p> | <p>Para vós, que sofreis a encarnação material, qual ela é atualmente para a humanidade terrena, [a visão a distância] só se pode dar pela influência mediúnic dos vossos guias. E assim será até ao momento em que a matéria se torne bastante sutil para que o Espírito lhe possa vencer os entraves”. (Tomo III, item 247)</p> |
| 10. LEMBRANÇA DA VIDAS PASSADAS | <p>“Nas existências corpóreas de natureza mais elevada do que a nossa, é mais clara a lembrança das anteriores? “Sim, à medida que o corpo se torna menos material, com mais exatidão o homem se lembra do seu passado. Esta lembrança, os que habitam os mundos de ordem superior a têm mais nítida.” (LE, Q.397)</p> | <p>“Quanto mais o Espírito se eleva, tanto mais viva se lhe desenha na memória a miragem do passado”. (Tomo I, item 14)</p> |

Concluído esse paralelo, saltam rapidamente aos olhos alguns pontos de contato com a nossa realidade, aqui na Terra, século XXI, independente de qualquer mudança biológica que esteja a caminho.

Em relação ao segundo item, “Aparência Física”, não vamos entrar no mérito da beleza, por subjetivo, mas a diferença de estatura, para maior, nos mundos superiores, logo nos remete ao aumento de altura que temos verificado sucessivamente nas novas gerações.

As estatísticas confirmam. A Tendência Secular do Crescimento (TSC) - nome técnico do fenômeno - é registrada nas revistas médicas e nos anuários estatísticos.

Artigo dos doutores José Espim Neto e Antônio de Azevedo Barros Filho, respectivamente da PUC Campinas e da Universidade Estadual de Campinas, publicado em 2004,¹⁵ traz os dados da realidade brasileira ao longo do século XX:

“Entre 1912 e 1996 ocorreram incrementos nas medidas de comprimento-estatura em todas as faixas etárias, em ambos os sexos. Para o sexo masculino, ocorreu um aumento de 8cm no final do primeiro ano de vida e o maior aumento, de 12,6 cm, aconteceu aos 7 anos de idade. Para o sexo feminino, ao final do primeiro ano de vida a diferença foi de 7 cm, e o incremento máximo, de 16,1 cm, ocorreu aos 10 anos de idade.

A precocidade infantil, outro sinal de evolução psíquica, citado no terceiro item, “Infância”, correu mundo nos últimos anos com as publicações ligadas às crianças “Índigo” e “Cristal”. A sensação é geral, ouve-se aqui e ali que “as crianças estão cada vez mais espertas”, mas fica difícil distinguir o que é biológico, de fato, de possíveis influências econômicas e culturais, como o acesso à melhor alimentação, melhores condições de vida e às novas tecnologias.

O chamado “Efeito Flynn”, no entanto, pode vir a ser um indicador um pouco mais apurado desse processo de maturação biológica e psíquica. O termo refere-se ao aumento da pontuação nos testes de QI verificado pioneiramente pelo cientista político James Flynn, da Universidade de Otago, a mais tradicional da Nova Zelândia. Numa entrevista à Revista “Educar para Crescer”, em 2009¹⁶, o próprio professor Flynn resumiu o resultado de suas pesquisas ao longo de quase 30 anos de trabalho:

“O Efeito Flynn demonstra que há ganhos de Q.I. em massa, de uma geração para outra, em cerca de 20 países estudados. Em alguns, como a Holanda, esses ganhos chegam a até 20 pontos em uma geração. Significa que

15 Revista Ciências Médicas Campinas, 13(2):95-104, abr-jun 2004.

16 Pesquisa feita na página <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/entrevista-james-flynn-522206.shtml> em 21/04/2014.

uma pessoa com 18 anos em 1982 seria em torno de 19% mais inteligente quando comparada à geração de seu pai. É como se o Q.I. tivesse passado de 100 para 120, e isso é um ganho enorme. Em outros casos, como na Escandinávia, eles são menores, mas existem”.

As causas do “Efeito Flynn” ainda estão em estudo, com muitas controvérsias em andamento. Talvez a opção entre a melhoria biológica e os estímulos sócio-ambientais seja inadequada para estudar o fenômeno. Lembrando do que vimos há pouco - que os mundos e seus habitantes evoluem em paralelo - talvez seja mais apropriado considerar a hipótese de que Espíritos melhores, mais desenvolvidos, estão nascendo em um mundo mais rico e estimulante, apropriado, portanto, à plena manifestação de suas potencialidades... Deus é Pai!

A tendência ao vegetarianismo e ao refinamento progressivo de nossa alimentação, apontados no quarto item, “Alimentação & Necessidades Físicas”, confirma-se também a todo momento, ao nosso redor. Em suas variadas manifestações, o vegetarianismo é na atualidade um movimento social dos mais expressivos, arregimentando milhões de seguidores, no mundo inteiro, muitos dos quais representantes das classes mais esclarecidas e adeptos da prática por pura consciência ética, sem nenhuma interferência de motivações religiosas. A multiplicação de restaurantes, lojas e produtos “naturais” (quase sempre distribuidores de produtos vegetarianos) e a crescente onda do veganismo - espécie de “vegetarianismo radical”, contrário à todo tipo de exploração animal, tanto na alimentação como no fábriço de produtos - são outros tantos exemplos dessa propensão, apontada há muitos anos pelos Espíritos, seja como um sinal civilizatório, seja como um etapa previsível do nosso futuro biológico:

“129 - É um erro alimentar-se o homem com a carne dos irracionais?

- A ingestão das vísceras dos animais é um erro de enormes consequências, do qual derivaram numerosos vícios da nutrição humana. É de lastimar semelhante situação, mesmo porque, se o estado de materialidade da criatura exige a cooperação de determinadas vitaminas, esses valores nutritivos podem ser encontrados nos produtos de origem vegetal, sem a necessidade absoluta dos matadouros e frigoríficos.

Temos de considerar, porém, a máquina econômica do interesse e da harmonia coletiva, na qual tantos operários fabricam o seu pão cotidiano. Suas peças não podem ser destruídas de um dia para o outro, sem perigos graves.

Consolemo-nos com a visão do porvir, sendo justo trabalharmos, dedicadamente, pelo advento dos tempos novos em que os homens terrestres poderão dispensar da alimentação os despojos sangrentos de seus irmãos inferiores”. (Emmanuel, “O Consolador”, Q.129)

“Tudo se equilibra no amor infinito de Deus, e, quanto mais evolvido o ser criado, mais sutil o processo de alimentação. O verme, no subsolo do planeta, nutre-se essencialmente de terra. O grande animal colhe na planta os elementos de manutenção, a exemplo da criança sugando o seio materno. O homem colhe o fruto do vegetal, transforma-o segundo a exigência do paladar que lhe é próprio, e serve-se dele à mesa do lar. Nós outros, criaturas desencarnadas, necessitamos de substâncias suculentas, tendentes à condição fluídica, e o processo será cada vez mais delicado, à medida que se intensifique a ascensão individual”. (Lísias - “Nosso Lar”, Cap.18)

“Por meio desse refinamento evolutivo, que culmina no espírito, ao lado da progressiva desmaterialização das formas, o futuro se prepara à preponderância transbordante do psiquismo e prepara um banquete energético extraído de um raio de sol. Sem luta nem assassinatos, repousareis saciados de eflúvios solares, absorvendo diretamente seu dinamismo. Isto acontece em planetas mais evoluídos que o vosso, mas para vós, constitui um futuro ainda distante.” (Pietro Ubaldi, “A Grande Síntese”, Cap.70)

A desmaterialização progressiva do trabalho, assinalada no item 6, é outro fenômeno constatável a olhos vistos. O advento da chamada “Era Pós-Industrial” ou “Era do Conhecimento” e das novas tecnologias têm modificado sucessivamente os ambientes de produção, alterando para melhor e drasticamente a natureza do trabalho e as demandas por educação e formação profissional. A evolução recente da indústria fonográfica é um exemplo desse processo bastante presente em nossas vidas. Dos chamados discos de vinil passamos em poucos anos aos CDs e mais à frente à intangibilidade plena dos arquivos digitais de músicas, publicados nas “nuvens” da grande rede mundial de computadores. A indústria fonográfica converteu-se em serviços fonográficos. A materialidade dos produtos evanesceu-se diante dos nossos olhos, em curto período de tempo. Começa agora a indústria editorial a seguir o mesmo caminho, com os livros digitais...

O aumento da expectativa de vida e o desaparecimento progressivo das doenças, indicados no item 7, “Saúde & Longevidade”, são da mesma forma facilmente verificáveis na so-

cidade contemporânea, seja pelos progressivos investimentos em saneamento básico, seja em função do desenvolvimento da tecnologia médica.

Países com melhores condições de vida têm maior tempo médio de vida de seus habitantes, e essa média tende também a crescer em cada país, ao longo do tempo, conforme os avanços obtidos em termos de qualidade de vida. O site da ONU registra esses avanços nessa área do Brasil e a América Latina¹⁷:

“O Brasil está entre os países da América Latina que mais realizaram progressos na expectativa de vida de sua população: entre 1970 e 2010 a expectativa aumentou em 30 anos. Outros países da região também conquistaram progressos semelhantes, como Costa Rica, Equador e República Dominicana, enquanto a maioria conseguiu ganhos entre 20 e 30 anos. Com avanços menores, Guiana, Haiti, Suriname e Uruguai aumentaram a média em 15 anos ou menos no mesmo período”.

O futuro sem doenças é uma das promessas atuais da vanguarda da Ciência, e vez por outra vem à público nas páginas da imprensa...

“Uma equipe internacional de cientistas gerou um embrião a partir do DNA de três doadores — duas mulheres e um homem — com o objetivo de desenvolver um método que permita que os bebês, no futuro, nasçam sem doenças hereditárias. O trabalho, desenvolvido na Universidade de Oregon, nos Estados Unidos [...] representa uma nova e controversa técnica de fertilização in vitro. Nele, os pesquisadores conseguiram substituir um DNA defeituoso da mitocôndria, [...] por outro saudável em óvulos humanos, um avanço que pode ajudar a evitar a aparição de doenças de herança materna”. (Site da Revista Veja - 25-10-2012)¹⁸

A manifestação progressiva de faculdades psíquicas e a lembrança de vidas passadas são dois elementos de mais difícil mensuração, por mais subjetivos. Como saber, por exemplo, se os milhares de casos de lembrança de vidas passadas identificados e registrados pelo Dr. Ian Stevenson sempre ocorreram na mesma proporção, em relação à população total, ou se as novas gerações estão vindo com essa lembrança mais presente?

17 Página <http://www.onu.org.br/expectativa-de-vida-dos-brasileiros-aumentou-em-30-anos-entre-1970-2010-diz-estudo-do-banco-mundial> em 20-04-14.

18 Página <http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/embriao-gerado-a-partir-de-tres-doadores-pode-nascer-sem-doencas-hereditarias> consultada em 20-04-2014.

Não vale a pena, portanto, entrar por enquanto no mérito, pelo que os deixaremos de lado, por enquanto.

Preferimos investir o nosso tempo e o espaço aqui disponível para nos concentrarmos em três itens que intencionalmente deixamos para o final desse bloco, exatamente os que tratam de Nascimento e Reprodução, Mobilidade Física e Morte, por entender que estão mais diretamente ligados ao nosso tema principal - o corpo fluídico de Jesus - e que devidamente analisados podem nos ajudar a compreender melhor à figura do Cristo, também como modelo biológico da humanidade, e não apenas como referência moral.

Reúnamos primeiramente o que vimos nesses itens:

“Para os Espíritos superiores não há mais encarnação material e, conseqüentemente, não há procriação” ...

“A morte de modo algum acarreta os horrores da decomposição”...

“Quanto mais o corpo se aperfeiçoa, em conseqüência do adiantamento do Espírito, tanto mais volatizáveis se fazem, por ocasião da morte, as matérias e se isentam da decomposição animal. ”

Como pode se dar a vida em um mundo superior - fluídico ou de baixa densidade, como vimos - sem a procriação, de um lado, e sem a decomposição, no outro extremo?

Ou, em outros termos, como será possível a “encarnação fluídica” em mundos não materiais???

Estamos tão habituados a entender a encarnação ou corporificação, de um único jeito - animal, material - que fica realmente difícil imaginar que haja também outros meios possíveis para o início de uma nova existência, em um mundo superior. Léon Denis tem uma reflexão maravilhosa a esse respeito, e só ele mesmo para traduzi-la em palavras, assim tão bonito...

“Que nos sabemos do Universo? Nossa vista só percebe um conjunto restrito do império das coisas. Somente os corpos materiais, a nossa semelhança, a afetam. A matéria sutil e difusa nos escapa. Vemos o que ha de mais grosseiro, em tudo que nos cerca. Todos os mundos fluídicos, todos os círculos onde a vida superior se agita, a vida radiosa, se eclipsam aos olhos humanos. Distinguimos apenas os mundos opacos e pesados que se movem nos céus. O Espaço que os separa nos parece vazio. Por toda parte, profundos abismos parecem abrir-se. Erro! O Universo esta cheio. Entre essas moradas materiais, no intervalo desses mundos planetários, prisões ou presidios flutuam

no Espaço, outros domínios da Vida se estendem, vida espiritual, vida gloriosa, que nossos sentidos espessos não podem perceber porque, sob suas radiações, quebraria qual se rompe o vidro ao choque de uma pedra. A sabia Natureza limitou nossas percepções e nossas sensações”. (“O Grande Enigma”, Cap. 1)

Kardec não traz referências sobre esse assunto, e a maioria das chamadas obras complementares, também não.

Encontramos, no entanto, em “A Grande Síntese”, de Pietro Ubaldi, uma pista que nos ajuda a resolver também esse problema. Encontra-se no capítulo 70 - O Ectoplasma - com a revelação talvez mais importante já feita sobre esse elemento ainda tão estranho de nossa própria natureza:

“Somente estes conceitos de vida psíquica podem guiar a ciência até às portas de uma ultrafisiologia, ou fisiologia do supranormal, como a vedes despontar nos fenômenos mediúnicos. Aqui as relações entre matéria e espírito são imediatas: o psiquismo modela uma matéria protoplasmática mais evoluída e sutil: o ectoplasma. A nova construção, antecipação evolutiva, não possui, naturalmente, a resistência das formas que se estabilizaram por uma vida longa; seu desfazimento é rápido. As estradas novas e de exceção ainda são anormais e inseguras. Os produtos da fisiologia supranormal que emergem dos caminhos habituais da evolução, necessitam fixar-se, por tentativas e longas repetições, na forma estável. Tudo isso vos lembra o raio globular, retorno atávico de um passado superado. Ao invés, o ectoplasma é um pressentimento do futuro, corresponde àquele processo de desmaterialização da matéria, de que falamos”. (Pietro Ubaldi - “A Grande Síntese” - Cap. 73)

Mas, como? ... O ectoplasma, a nossa matéria orgânica futura?!

Soubemos sempre de seu papel como substância das materializações espíritas, mas não nos lembramos a princípio de ter visto em outra Obra essa associação entre ectoplasmia e o processo encarnatório.

Ou será que há? “Quem procura, acha...”

“Voilà!” Eis que encontramos nas obras de André Luiz algumas correlações entre essas duas “pontas” a princípio tão distantes - materializações e a encarnação humana.

A primeira consta no volume “Missionários da Luz”, o terceiro da coleção “André Luiz”, psicografia do nosso Chico, na ocasião em que André tem a oportunidade de acompanhar uma

reunião de materialização ao lado de seu orientador Alexandre:

“Repare na grandeza do acontecimento. O médium desempenha o papel de entidade maternal, enquanto Alencar, sob a influência positiva de Calimério, permanece em temporária filiação ao organismo mediúnic. Todas as formas que se materializarem serão «filhas provisórias» da força plástica da intermediária.” (“Os Missionários da Luz”, Cap.X, págs. 120 e 121 da 17a. Ed. FEB)

Mais à frente, no Capítulo XIV, acompanhando dessa vez um processo encarnatório ainda em sua fase embrionária, André Luiz se recorda dos comentários de Alexandre, mas fazendo ele mesmo, agora, a comparação entre os dois processos:

“Reparei que os trabalhos dos técnicos espirituais eram, em tudo, semelhantes aos serviços que acompanhara na sessão de materialização de desencarnados. Tomava-se o concurso do interessado, valia-se da colaboração de Raquel, que, no caso, tomava a função de «médium» da vida, mobilizavam-se amigos, utilizava-se de recursos magnéticos, requisitava-se o auxílio direto e positivo de Adelino, o futuro pai de Segismundo, como se requeria, na sessão, o concurso do orientador mediúnic sobre as forças passivas da intermediária. O símile era completo, apenas com a diferença de que, nos trabalhos de materialização dos desencarnados, gastavam-se algumas horas de preparação para um ressurgimento incompleto e transitório, ao passo que ali se gastariam nove meses consecutivos para uma reencarnação tangível da alma, em caráter mais ou menos longo e definitivo”. (“Os Missionários da Luz”, Cap.X, pág. 244 da 17a. Ed. FEB)

No capítulo 28 da obra “Nos Domínios da Mediunidade”, do mesmo autor espiritual, e captada igualmente por Chico Xavier, temos mais algumas anotações complementares sobre o tema, dessa vez sob a supervisão do orientador Áulus:

“- O ectoplasma está em si tão associado ao pensamento do médium, quanto as forças do filho em formação se encontram ligadas à mente maternal.” [...]

“Materializar significa corporificar”.[...] Essa força materializante é como as outras manipuladas em nossas tarefas de intercâmbio. Independe do caráter e das qualidades morais daqueles que a possuem, constituindo emanações do mundo psicofísico, das quais o citoplasma é uma das fontes de origem. Em alguns raros indivíduos, encontramos semelhantes energias com mais alta percentagem de

exteriorização, contudo, sabemos que ela será de futuro mais abundante e mais facilmente abordável, quando a coletividade humana atingir mais elevado grau de maturação”. (Idem, Cap.28, ed. FEB).

- “Nosso amigo, polarizando as energias do nosso plano, funciona como entidade maternal, de cujas possibilidades criativas os Espíritos materializados totalmente, ou não, retiram os recursos imprescindíveis às suas manifestações, sendo, a prazo curtíssimo, autênticos filhos dele”. (Idem, ed. FEB)

Temos portanto a comparação entre dois processos de corporificação, materialização ou “encarnação”: um mais instantâneo, para construções de mais curto prazo, que são as chamadas “materializações espíritas”, feitas à base de ectoplasma; e outro mais lento, voltado para corporificações mais prolongadas, resultante de nossa reprodução sexuada e feito à base de matéria orgânica. A primeira é mais leve e plástica, a segunda mais “pesada” e rígida. O símile dos dois processos, no entanto, é perfeito, apenas o método e a finalidade diferem.

Ubaldo nos explica, no entanto, na citação já transcrita acima, o PORQUÊ das materializações serem atualmente fenômenos “de curto prazo”: essa é a sua condição atual, mas não o seu destino. Tem nesse momento essa característica de instabilidade apenas porque ainda são ensaios de nosso futuro evolutivo, mas tendem a estabilizar-se e a aumentar a sua perenidade, conforme o progresso alcançado. Destacamos abaixo, novamente, o trecho diretamente relacionado a essa questão:

“A nova construção, antecipação evolutiva, não possui, naturalmente, a resistência das formas que se estabilizaram por uma vida longa; seu desfazimento é rápido. As estradas novas e de exceção ainda são anormais e inseguras. Os produtos da fisiologia supranormal que emergem dos caminhos habituais da evolução, necessitam fixar-se, por tentativas e longas repetições, na forma estável”. (Pietro Ubaldo - “A Grande Síntese” - Cap. 73)

Esse ponto é de fundamental importância, porque há muitos confrades nossos que associam as materializações a essa condição de instabilidade, como se elas estivessem “condenadas”, por todo o sempre, a manter essa característica, quando em “A Grande Síntese” temos a revelação de que não será assim.

Quando mais progredirmos, biologicamente falando, mas estáveis tendem a ser as materializações, sinalizando um futuro promissor, primeiro, para o intercâmbio mediúnicos, e depois

para a nossa própria evolução física.

Logo, faz sentido que em mundos superiores a procriação se dê sem a necessidade do intercurso sexual - a encarnação fluidica pode ser dar à semelhança das nossas materializações espíritas, mas num padrão superior de qualidade e duração, adaptado ao período de uma existência nesses globos!

Da mesma forma, o fenômeno de “morte” ou desencarnação não levará ao organismo, nesses mundos, ao processo de putrefação, porque as substâncias orgânicas, mais “voláteis” - talvez semelhantes ao nosso ectoplasma - simplesmente se separarão por efeito de dispersão, quando o corpo não tiver mais forças para mantê-las agregadas ao seu redor.

E, ainda pela mesma razão, imaginando ainda que as encarnações dos mundos superiores sejam parecidas com as nossas materializações espíritas, fica fácil considerar também que esses organismos sejam mais leves que o ar, de fácil flutuação e locomoção, portanto, na atmosfera, assim como os corpos “materializados” sobrepassam muitas vezes sobre o solo.

Vejam que com apenas uma hipótese - a da correlação entre as nossas materializações ectoplasmáticas e o modo de encarnação dos mundos superiores - alinhamos de maneira equilibrada e harmoniosa as características apontadas na Codificação e Revista Espírita (e também em Roustaing!) para os itens “Nascimento & Reprodução”, Mobilidade & Locomoção” e “Morte”.

Há ainda, finalmente, uma alteração qualitativa no processo: de um encarnação lenta e inconsciente migra-se progressivamente para uma encarnação mais rápida e consciente, com participação ativa daquele que se corporifica, assim como ocorre nas materializações espíritas.

Esse “modo de encarnação” é diferente do que esperávamos e conhecemos? Sim, com certeza. Surpreende? Causa estranheza? É natural... mas talvez seja mesmo hora de alargarmos também as nossas perspectivas, o alcance de nossa visão, e ouvirmos com atenção o alerta do próprio Codificador em relação ao hábito de imaginar nos outros globos apenas condições de vida semelhantes às nossas:

“Acostumados, como estamos, a julgar das coisas pela nossa insignificante e pobre habitação, imaginamos que a Natureza não pode ou não teve de agir sobre os outros mundos, senão segundo as regras que lhe conhecemos na Terra. Ora, precisamente neste ponto é que importa reformemos a nossa maneira de ver.” (“A Gênese”, Cap.VI, item 60)

O mais importante nesse caso, para o nosso aprendizado, é o entendimento de há na Casa Universal outros modelos de corporificação que não o nosso atual, extremamente materializado e animal, mas que já temos em nosso seio a semente - o ectoplasma - o ponto de partida para o futuro que virá, certamente depois de profunda alteração de nossa estrutura orgânica.

Talvez possamos rever agora sob essa nova perspectiva a previsão da nossa “alimentação química”, no futuro, feita em “Os Quatro Evangelhos”, em 1866.

Que acontecerá aos órgãos de nosso trato digestivo, depois de algum tempo de desuso? Que implicações essa alteração tão profunda em nosso dia a dia trará à nossa economia orgânica? Que sintomas provocará ao nosso equipamento físico? Estará essa mudança de alguma forma associada à produção mais intensa de ectoplasma? À alteração de nossa capa corpórea, em direção a estruturas mais leves e sutis?

Uma coisa é certa. Nesse passo da evolução, teremos pela frente uma das etapas mais desafiadoras da trajetória de nosso progresso orgânico. Ninguém disse que será fácil. É razoável que a conquista decorrente de uma crise verdadeiramente importante seja proporcional ao esforço demandado.

Temos nas considerações feitas apenas a visão da ponta do iceberg, do que virá, mas o fato é que estamos às vésperas de uma das maiores transformações orgânicas já vivenciadas pela raça humana, e não é nem preciso dizer - “quem viver, verá” -, porque, com a compreensão da reencarnação, sabemos que lá estaremos todos!

Há ainda um último aspecto sobre esse assunto, porém, que desejamos acrescentar a essas considerações, antes de passarmos à análise do corpo fluídico de Jesus, ponto final dessa nossa conversa.

É sobre os Espíritos Puros.

Há muitas informações sobre eles, ao longo da Codificação e Revista Espírita, que talvez possamos aqui resumir /consolidar, antes de finalizarmos esse estudo sobre Jesus.

Vejamos o que conseguimos reunir.

- NÃO SÃO SERES DE NATUREZA ESPECIAL, DIFERENTE DOS DEMAIS ESPÍRITOS

“Não são de natureza diferente dos demais Espíritos, mas “se acham no mais alto grau da escala e reúnem todas as perfeições.” (LE, Q.128);

“Não são seres à parte na criação, mas Espíritos que

chegaram à meta” (“A Gênese”, Cap. I, item 30)

“Atingiram o grau supremo da perfeição”. (LE, Q.100)

Alcançaram “a soma de perfeição de que é suscetível a criatura”; (LE, Q.113)

- DESPOJARAM-SE DE TODAS AS IMPUREZAS

“Percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria”; (LE, Q.113)

Se despojaram totalmente da matéria e lavaram-se de todas as impurezas. (LE, Q.985)

- ESTÃO LIVRES DA ENCARNAÇÃO

“Não têm mais que sofrer provas, nem expiações”; (LE, Q.113)

“Não estão mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis”; (LE, Q.113)

Não precisam mais de encarnação. (LE, Q.226);

“Seu perispírito é tão etéreo que é como se não existisse”. (LE, Q.186);

“Habitam certos mundos, mas não lhes ficam presos” (LE, Q.188);

“Não tendo mais encarnação a sofrer, estão no seu estado definitivo”. (RE, Fev 1858, Pág. 80 da Ed. FEB)

- SÃO OS MINISTROS DE DEUS

“São os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal.” (LE, Q.113)

Vêm a Deus e O compreendem. (LE, Q.969);

“Só os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la”. (“A Gênese”, Cap. I, item 10)

“são os Messias ou mensageiros de Deus [...]. Preenchem as grandes missões, presidem à formação dos mundos e à harmonia geral do Universo”. (RE, Março de 1865, pág. 103 da Ed. FEB)

“Aos quais são confiadas as grandes missões, o governo dos mundos”. (RE, Abril de 1867, Pág. 145 da ed. FEB)

“Podeis chamá-los Cristos”. - Lacordaire - Paris, 1862 (RE, Fevereiro de 1868, Pág. 76)

E, finalmente, duas belíssimas mensagens sobre esses seres cósmicos:

“OS ESPÍRITOS PUROS

Médium - Sra. Costel

Os puros Espíritos são aqueles que, chegados ao mais alto grau da perfeição, são julgados dignos de ser admitidos aos pés de Deus. O infinito esplendor que os envolve não os dispensa de ser úteis nas obras da Criação: as funções que devem preencher correspondem à extensão de suas faculdades. Esses Espíritos são os ministros de Deus; sob suas ordens, regem os mundos inumeráveis; dirigem do alto os Espíritos e os humanos; estão ligados entre si por um amor sem limites, e esse ardor se estende sobre todos os seres que procuram atrair para se tornarem dignos da suprema felicidade. Deus se irradia sobre eles e lhes transmite suas ordens; eles o vêem sem serem ofuscados por sua luz.

Sua forma é etérea, nada tendo de palpável; falam aos Espíritos superiores e lhes comunicam sua ciência; tornam-se infalíveis. Em suas fileiras é que são escolhidos os anjos-da-guarda, que bondosamente baixam o olhar sobre os mortais, e os recomendam aos Espíritos superiores, que os amaram. Estes escolhem os agentes de sua direção nos Espíritos de segunda ordem. Os Espíritos puros são iguais, e nem poderia ser de outro modo, pois somente são chamados a essa posição depois de haverem atingido o mais alto grau de perfeição. Há igualdade, mas não uniformidade, porquanto não quis Deus que nenhuma de suas obras fosse idêntica. Os Espíritos puros conservam sua personalidade, que apenas adquiriu a perfeição mais completa no sentido de seu ponto de partida.

Não é permitido dar mais detalhes sobre esse mundo supremo. - Georges (RE, Outubro de 1860, Págs. 471 e 472 da Ed. FEB)

“Do mesmo modo que não se descreve uma graça, uma chama e um raio, não posso descrever os Espíritos puros. Mais vivos, mais belos e mais resplandecentes que as mais etéreas imagens, uma palavra resume seu ser, seu poder e seus prazeres: Amor! Preenchei com esta palavra o espaço que separa a Terra do Céu, e ainda não tereis senão a idéia de uma gota de água no mar. Por mais grosseiro que seja,

só o amor terrestre pode vos dar idéia de sua divina realidade. Georges (RE, Out. de 1860, Pág. 473 da Ed. FEB)

Bem, podemos enfim trazer os textos de Roustaing à cena, e analisar finalmente a questão do Corpo Flúidico de Jesus...

5) JESUS E O FUTURO DE NOSSA ESPÉCIE:

Tratamos inicialmente da nossa evolução orgânica e da proximidade de uma nova etapa evolutiva, porque em “Os Quatro Evangelhos” os Espíritos apresentam o corpo de que Jesus se serviu, para vir ter conosco, como um protótipo do que será, um dia, o organismo terrestre:

“Por sua natureza, o corpo que Jesus revestiu não foi mais do que um espécime, prematuro entre vós, do organismo humano tal qual virá a ser, daqui a muitos séculos, em alguns pontos do vosso planeta, para a encarnação de Espíritos que terão atingido, nessa época, um certo grau de elevação. Que a verdadeira ciência, isto é, aquela que não tem o preconceito da imobilidade, observe o passado e o que hoje é futuro, à medida que o tempo for correndo, e descobrirá os precursores materiais dessas organizações que, neste momento, ainda parecem impossíveis”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 64)

Buscamos na Codificação e Revista Espírita as referências às condições de vida dos mundos superiores porque definiram também o corpo utilizado por Jesus, para surgir entre nós (palavra tão usada por Emmanuel, como vimos), como uma organização de padrão intermediário entre esse nosso futuro biológico terrestre e o dos mundos superiores, já mais desmaterializados, com encarnações flúidicas:

“ Jesus tomara um corpo de natureza perispirítica, análogo aos dos habitantes dos mundos superiores, porém mais materializado do que dos Espíritos estes, por também haver entrado na sua composição uma combinação de fluidos ambientes do vosso planeta. Tal corpo tinha, portanto, as mesmas propriedades que os dos Espíritos superiores, os mesmos meios de vida e de nutrição.” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 64)

Foi pela mesma razão que estruturamos o estudo da organização física desses mundos em detalhes - para que pudésse-

mos também comparar, item a item, com as descrições constantes no Evangelho sobre Jesus.

Podemos agora “juntar as partes” e verificar o resultado:

A) Nascimento e Reprodução

Lembram-se do que vimos sobre as encarnações, nos mundos superiores? Que elas assemelham-se em tudo às materializações espíritas, mas bem mais duráveis, e das comparações feitas por André Luiz entre a relação do médium com o Espírito comunicante, nesse tipo de fenômeno, com as mães e os fetos, nos processos embrionários?

Vejam agora a descrição que fazem os Espíritos autores de “Os Quatro Evangelhos” quanto à relação de Maria com Jesus, no seu processo de materialização:

“Jesus houvera podido, unicamente por ato exclusivo da sua vontade, atraindo a si os fluidos ambientes necessários, constituir o perispírito ou corpo fluídico tangível que vestiu para surgir no vosso mundo sob o aspecto de uma criancinha. Maria, porém, antes da sua encarnação, pedira, por devotamento e por amor, a graça de participar da obra de Jesus, atraindo, pela emanção de seus fluidos perispíricos, os fluidos ambientes necessários a constituição daquele perispírito. Dessa maneira se tinha que verificar a sua cooperação, mas de forma para ela inconsciente, porquanto o estado de encarnação humana lhe não permitia lembrar-se. Assim, ao aproximar-se o momento final da sua gravidez aos olhos dos homens, ela, inconscientemente, mas ardendo no desejo de cumprir a missão que o Senhor lhe revelara por intermédio do anjo ou Espírito superior que lhe fora enviado, estabeleceu, pela emanção dos fluidos do seu perispírito, uma irradiação simpática, que atraiu os fluidos necessários à formação do corpo fluídico de Jesus. Nenhum efeito, entretanto, teria produzido a ação inconsciente de Maria, sem a intervenção da vontade daquele que ia descer ao vosso mundo. Jesus, pois, constituiu, ele próprio, pela ação da sua vontade, o perispírito tangível e quase material, que se tornou, tendo-se em vista o planeta em que habitais, um corpo relativamente semelhante ao vosso”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 14).

Maria, serviu, portanto, de “médium de efeitos físicos” para a materialização de Jesus, contribuindo com seu ectoplasma, que foi reunido a outras substâncias vindas da natureza terrestre, de acordo com a vontade e a alta ciência de Jesus.

Nesse sentido era e sempre foi, de fato, “mãe” de Jesus, assim como os médiuns são também “pais temporários” dos Espíritos que por eles se materializam...

“Sim, o “aparecimento” de Jesus [...] foi [...] uma manifestação espírita tangível, igual às que se produzem em todas as épocas e ainda hoje podeis observar. A única diferença a notar-se entre aquela e estas manifestações é que, ali, o perispírito, muito humanizado pela ação da vontade poderosa do Mestre sobre os fluidos que vos cercam, era, com todas as aparências da vida humana, apto a conservar uma longa tangibilidade, que existia ou cessava ao arbítrio da mesma poderosa vontade, conforme o exigiam os tempos, os períodos, as necessidades e os atos da sua missão terrena”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 31)

Vimos também que a qualidade e a durabilidade das materializações varia conforme o nível dos Espíritos que se comunicam... Por isso duram vidas inteiras, nos mundos superiores, para a encarnação de seus habitantes, e apenas minutos nas ocorrências terrestres, como ensaio evolutivo.

Natural, assim, que uma materialização produzida por Jesus tivesse a duração definida apenas pela Sua Vontade, infinitamente mais poderosa que a de qualquer outro Espírito preso ainda ao ciclo das encarnações...

“Tal aparecimento só Jesus o podia fazer. [...] Espírito perfeito, puro entre os mais puros de quantos, sob a sua direção, trabalham para o vosso progresso, vossa regeneração, vossa transformação física, moral e intelectual, a fim de vos conduzir à perfeição; Jesus, não sujeito a encarnar em nenhum planeta, conhecia todos os fluidos adequados a produzir o aparecimento por incorporação e a encarnação em todos os mundos, quer materiais, quer fluidicos; assim como as leis universais, naturais e imutáveis, suas aplicações e apropriações. Só ele, portanto, tinha a ciência e o poder de construir para si, debaixo da aparência corporal humana, aquele invólucro de natureza perispírita, apto a longa tangibilidade, destinado a lhe servir para o desempenho da sua missão terrena. Só ele tinha o poder de deixar esse invólucro e de o retomar a todo instante, mantendo os elementos que o compunham sempre prontos a se reunirem ou dissociarem, por ato [...] da sua potente vontade”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 31)

Os Espíritos autores de “Os Quatro Evangelhos” - nada mais nada menos que os próprios evangelistas, Mateus, Marcos,

Lucas e João, assistidos pelos Apóstolos - nos dão também uma descrição bem detalhada da encarnação nos mundos superiores:

“À proporção que sobe na escala dos mundos, mais as necessidades da carne e, por conseguinte, os meios de reprodução se depuram e espiritualizam. A união da matéria com a matéria para formar a matéria é uma das condições inerentes à vossa inferioridade e só existe nos mundos materiais, em cujo número ainda se conta o vosso.

Nos mundos superiores, fluídicos, suficientemente elevados, a vontade constitui a base da lei de reprodução. A vontade é que a provoca, operando, sob a ação magnética, a reunião dos fluidos adequados, no seio da família onde a aludida vontade se manifesta.

Em tais mundos, o Espírito surge por encarnação fluídica, ou, melhor: por incorporação. Ao chegar ao planeta, encontra os fluidos necessários a essa incorporação e, por si mesmo, a executa, com o auxílio daqueles fluidos, na família destinada a tutelá-lo. A vontade ou o desejo dos pais o chama e essa mesma vontade exerce atração sobre os fluidos constitutivos da incorporação, os quais, associando-se-lhe ao perispírito e sendo por este assimilados, compõem, conforme ao planeta, um corpo relativamente semelhante ao vosso.

Os laços que ligam os pais aos filhos são mais fortes do que entre vós e não são suscetíveis, como no vosso mundo, de se desfazerem ou afrouxarem, por isso que pais e filhos compreendem toda a extensão deles.

Lá nesses mundos elevados não há macho e fêmea no sentido que dais a estas expressões. Os instintos experimentam algumas variações, mas nada têm de comum com os vossos sentidos materiais. É difícil e mesmo inútil dar-vos explicações que não podereis apreender. Sabei unicamente que há diferença de sexos sob o ponto de vista moral e fluídico. Essa diferença provém da que existe na natureza e na propriedade dos fluidos, assim como no emprego que se lhes dá no estado de encarnação ou incorporação. Sabei também que o moral e o físico estão sempre ligados um ao outro em todas as esferas e que os fluidos servem para exprimir os sentimentos e as propriedades do Espírito. Não tendes disso aí um exemplo, ainda que muito material? O Espírito que encarna não sofre a influência da matéria? E a matéria não é senão fluidos espessados e solidificados, do mesmo modo que o gelo dos rios não é senão uma concentração do leve vapor que deles se desprende sob a ação dos raios solares. Nos mundos elevados, o amor, palavra que profanais, existe com grande desenvolvimento, mas sempre em condições de pureza”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 14)

B) Aparência E Organização Física:

Impossível falar na aparência de Jesus sem lembrar a carta atribuída ao Senador Públio Lentulus - o nosso Emmanuel - sobre a beleza do Cristo, em carta dirigida ao Imperador Tibério César¹⁹, que parece confirmar a “pureza do talhe” nos mundos superiores...

“É um homem de justa estatura e é muito belo no aspecto, e há tanta majestade no rosto, que aqueles que o vêem são forçados a amá-lo ou temê-lo. Tem os cabelos da cor amêndoa bem madura, são distendidos até as orelhas, e das orelhas até as espáduas, são da cor da terra, porém mais reluzentes.

Tem no meio de sua fronte uma linha separando os cabelos, na forma em uso nos nazarenos, o seu rosto é cheio, o aspecto é muito sereno, nenhuma ruga ou mancha se vê em sua face, de uma cor moderada; o nariz e a boca são irrepreensíveis.

A barba é espessa, mas semelhante aos cabelos, não muito longa, mas separada pelo meio, seu olhar é muito afetuoso e grave; tem os olhos expressivos e claros, o que surpreende é que resplandecem no seu rosto como os raios do sol, porém ninguém pode olhar fixo o seu semblante, porque quando resplande, apavora, e quando ameniza, faz chorar; faz-se amar e é alegre com gravidade.

Diz-se que nunca ninguém o viu rir, mas, antes, chorar. Tem os braços e as mãos muito belos; na palestra, contenta muito, mas o faz raramente e, quando dele se aproxima, verifica-se que é muito modesto na presença e na pessoa. É o mais belo homem que se possa imaginar, muito semelhante à sua mãe, a qual é de uma rara beleza, não se tendo, jamais, visto por estas partes uma mulher tão bela, porém, se a majestade tua, ó César, deseja vê-lo, como no aviso passado escreveste, dá-me ordens, que não faltarei de mandá-lo o mais depressa possível”.

Quanto à sua organização física, estava, como vimos, num ponto intermediário entre a nossa materialidade terrestre e a nossa materialidade nos mundos superiores:

“O corpo perispirítico de Jesus era mais material do que o corpo perispirítico do Espírito superior, nenhuma comparação podendo, entretanto, ser estabelecida a esse

¹⁹ Vide a respeito a obra “Há Dois mil anos”, de Emmanuel, psicografia Francisco Cândido Xavier, Ed. FEB. Atribui-se a localização desse documento ao Duque de Cesadini, em Roma. Essa carta, onde se faz o retrato físico e moral de Jesus, foi mandada de Jerusalém ao imperador Tibério César, em Roma, ao tempo de Jesus.

respeito. Maior ainda era a diferença entre esse corpo de Jesus e os vossos corpos de lama. Aquele participava em grande escala do corpo do homem nos mundos superiores, por isso que se compunha dos mesmos elementos, mas modificado, solidificado por meio dos fluidos humanos ou animalizados, de modo a manter-se, segundo a vontade do Mestre e as necessidades da sua missão terrena, visível e tangível para os homens, com todas as humanas aparências corporais do vosso planeta.” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 14)

C) Alimentação e Necessidades Físicas:

Essa organização fluidica não padecia das necessidades físicas terrenas, nem quanto à alimentação, nem quanto ao sono embora, quando o quisesse, pudesse simular o ato de alimentar-se ou mesmo de dormir, conforme fez junto aos apóstolos, materializado depois do episódio do Calvário (Lc.24:36-48), e no episódio da tempestade (Mt.8:23-27, Mc.4:35-41; Lc.8:22-25):

“Ele não estava sujeito a nenhuma das necessidades da existência material humana. Só na aparência, exteriormente, para exemplo, as experimentava” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 14)

“nele (já o dissemos) o corpo, dada a sua natureza perispirítica sob a aparente corporeidade humana, era inacessível a toda e qualquer alimentação material em uso entre vós”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 47)

“A alimentação material não é, pois, necessária, nem possível, senão ao homem revestido de um corpo material, nos mundos materiais.

Quando o Espírito encarna, ou, melhor, incorpora fluidicamente em mundos superiores, onde o corpo é de natureza perispirítica, a vida e a nutrição se mantêm pela absorção dos fluidos ambientes apropriados”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 64)

“Jesus, vós o sabeis, não estava sujeito ao sono, nem a nenhuma outra necessidade da existência humana”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo II, item 108)

D) Infância:

Com a necessidade de apresentar-se também na forma infantil, Jesus se serviu da precocidade típica das crianças nos mundos superiores para contornar os embaraços inerentes à

essa condição (Vide a respeito desse tema e dos chamados “milagres” do Cristo o artigo do nosso querido Pedro Silveira Martins):

“Jesus, estando fora da vossa humanidade, não teve uma infância semelhante à vossa, por isso que seu corpo, não sendo mais do que um perispírito quase material, com a aparência da corporeidade humana, encobria, dada a sua natureza puramente perispiritica, um Espírito constantemente livre. Ele, por conseguinte, obrava, sob a influência desse Espírito, de um modo sempre superior a tudo o que se possa esperar do menino mais desenvolvido. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, Item 42)

“Tendo a aparência humana, o corpo de Jesus seguia, aos olhos dos homens, a linha de desenvolvimento humano, mas sempre em condições de precocidade.” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, Item 42)

“Jesus crescia aos olhos dos homens, mas aos olhos de Deus era sempre o mesmo: Espírito, Espírito devotado, desempenhando a sua missão”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 47)

“Jesus se criou como todos os meninos precoces da sua idade, tendo falado e andado muito mais cedo do que as outras crianças, revelando aos olhos dos homens, como aos de Maria e de José, excepcional precocidade.” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 47)

É importante destacar, portanto, que apenas a aparência era infantil. Como Espírito materializado, Jesus conservava sempre a lucidez própria da sua condição de Espírito Puro, ajustando sucessivamente a sua expressão física às diversas etapas do desenvolvimento humano, nos períodos de infância e adolescência:

“Se Espíritos da vossa categoria podem operar essa combinação fluidica, onde a impossibilidade de ser ela operada, com mais latitude, pela vontade poderosa de um Espírito superior? [...]

Porque a Jesus, Espírito perfeito, que conhece, na imensidade, todos os fluidos, todas as suas propriedades, todos os seus efeitos, todas as suas combinações e transformações, todos os modos de empregá-los, todos os segredos da vida e da harmonia universais nos mundos superiores, ainda os mais elevados, como nos inferiores e no vosso; que conhece a formação, a produção e a manifestação, a priori, de todos os seres em todos os mundos superiores e inferiores, seria impossível materializar, pela

associação e apropriação dos fluidos ambientes que servem para a formação dos seres terrenos, os fluidos perispíricos dos mundos superiores e compor desse modo, para o desempenho da sua missão na terra, um corpo perispírico tangível com as faculdades aparentes do homem, as fases aparentes do seu desenvolvimento?” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 14)

“Notai que, contrariamente a todas as leis a que se acha submetido o Espírito encarnado, ele tinha consciência exata da sua origem e a certeza do seu futuro. Isto por si só, espiritas, devia e deve fazer-vos compreender que seu Espírito não fora submetido às leis da encarnação, tal como a suportais”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 14)

E) Mobilidade e Locomoção:

Os relatos da leveza dos corpos dos habitantes dos mundos superiores, a flutuar sobre o solo, nos fazem recordar imediatamente a cena de Jesus caminhando sobre as águas (Mt.14:22-25 e Jo.6:16-24), assim como sua ascensão aos céus (Mc.16:19):

“Facilmente deveis compreender o fato de Jesus andar sobre as águas. Do mesmo modo que o Espírito pode atravessar os ares, podia Jesus, unicamente pela ação da sua vontade, privar o seu perispírito tangível do cunho humano que lhe ele imprimira e dar-lhe as condições etéreas das nossas formas espirituais.

No momento em que, caminhando por sobre o mar, veio ter com seus discípulos, ele se colocara nas condições perispíricas das aparições. Seu corpo perispíritual, conservando a aparência do corpo humano, a visibilidade e a tangibilidade, era, quando deu a mão a Pedro, mais leve do que a água, do que as ondas do mar, tendo-se em vista o peso específico destas.

Seus discípulos, como se vos diz, julgaram tratar-se de um fantasma, quando o viram a caminhar sobre as ondas. Ficaram sem saber se o que viam era mesmo o Mestre ou uma simples aparição. E que, nessa ocasião, como acabamos de dizer, Jesus se colocara nas condições perispíricas das aparições que alguns deles já tinham podido observar. Em todos os tempos o mundo invisível esteve sempre em comunicação com a humanidade. Suas manifestações, que os homens não compreendiam por lhes desconhecem as causas, passavam, mesmo na época do Cristo, por ser ou fantasias da imaginação, ou obra dos Espíritos malfazejos, ou ainda uma graça especial que o Senhor se dignava de conceder a esta ou àquela de suas

criaturas na terra. [...]

Daí vem o não ter Pedro, que era médium audiente e vidente muito adiantado, muito desenvolvido, e médium também de efeitos físicos, podido reconhecer a Jesus e o haver tomado por um fantasma. Ele via no Mestre apenas a aparência inconsistente das aparições que já observara. Só quando Jesus o segurou pela mão verificou o apóstolo que era realmente o Mestre, pois ainda não tivera ensejo de experimentar a tangibilidade nas aparições”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo II, item 174)

“Jesus se elevou na imensidade do espaço, privando o seu corpo fluídico da tangibilidade, mas conservando-o sempre visível. Quando desapareceu na nuvem que, sob a ação espírita, se formara de fluidos opacos e que o ocultou às vistas dos que presenciavam o fato, ele restituiu às regiões donde os tirara os fluidos que eram os elementos, os princípios componentes daquele corpo de natureza perispiritica, visível e tangível sob a aparência do corpo humano e que constituía a sua vida segundo o modo de ver dos homens, corpo que, para estes, era material e que lhe servira a ele para desempenhar na Terra a sua missão superior. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo III, tem 310)

F) Trabalho:

No quesito “Trabalho” também fica fácil imaginar a diferença entre nossas ocupações e a de um Espírito Puro, em plena sintonia com o Criador...

“vós o sabeis, tanto para o Espírito que chegou ao termo de suas provas, como para o que percorre o caminho delas, o trabalho, e não o repouso numa inação e numa contemplação eternas, constitui a eterna lei, dentro da imensidade, na condição de obreiro e servo do pai que trabalha sempre, que criou, cria e criará por toda a eternidade. Todavia, para o Espírito que chegou ao fim de suas proações, o trabalho não é o que é para vós. Ele encontra no trabalho uma alegria, uma felicidade imensa, complemento da que lhe está prometida”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo II, item 132)

“Meu pai até agora não cessa de obrar e eu também obro incessantemente.” [...] Sob o véu da letra, proclamou, por essas palavras, que a ação de Deus, do Deus uno, indivisível, pai de quem todas as coisas tiram o ser, criador incriado, é incessante no infinito e na eternidade; que ele, à semelhança de todos os outros messias, Espíritos puros como ele e, como ele, fundadores, protetores e

governadores de planetas, também obra incessantemente, a exemplo do pai; que só este, porque é o Deus único, tem e exerce o poder de criar; que, quanto a ele, o seu poder é o de um ministro; que, no exercício de um ministério, é que obra; que obra como ministro no desempenho da sua missão, começada com a formação do planeta terreno, tornada manifesta com o seu aparecimento na Terra e que continua a ser desempenhada com o escopo de vos levar à perfeição.

Proclamou também, sob o véu da letra, além da atividade incessante e eterna de Deus, a atividade incessante e eterna do Espírito, porquanto todo Espírito criado igualmente obra, por toda parte, no espaço, na erraticidade e nos mundos, em prol do progresso universal, da vida e da harmonia universais, conformemente ao grau que ocupe na escala da criação. A ação provém de Deus e se transmite dele aos puros Espíritos, que a comunicam aos Espíritos superiores e estes aos bons Espíritos, segundo a ordem hierárquica de elevação espírita, de grau de pureza”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo IV, item 15)

7) Saúde e Longevidade:

Em relação a esse tema, nenhuma síntese melhor foi feita desde a frase eterna do Apóstolo dos Gentios:

“O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante”. (1 Coríntios 15:45)

Vimos que os habitantes dos mundos superiores livram-se das doenças à medida em que desmaterializam suas vestiduras físicas, mas Jesus já está além... Como Espírito Puro, Ele irradia Vida e Saúde por onde passa, contagiando aqueles a quem toca com Sua energia vivificante...

“Todos os que se sentiam presa de algum mal, diz o evangelista, se precipitavam para tocá-lo, porque (Lucas, Cap. VI, v. 18) “dele saía uma virtude que a todos curava”.

Jesus espalhava em torno de si o princípio magnético vivificante que possuía e que a força, o poder da sua vontade ainda aumentavam. Como Espírito, se bem que, conforme acabamos de dizer, figuradamente encarnado, tinha a presciência e antecipadamente via os que o iriam procurar necessitados do seu poder. Sua vontade então agia, para mais fortemente impressionar a homens que ficariam impassíveis e mesmo incrédulos ante curas apenas morais e que bradavam hosanas ao menor alívio de uma dor física”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 74)

8) Morte:

Vimos também que nos mundos superiores a morte não traz consigo o fenômeno da decomposição, as matérias orgânicas como que se volatilizam, desagregando-se do perispírito do ser encarnado e colocando-o novamente na condição de Espírito livre ou errante:

“Pelo que respeita ao corpo dos Espíritos superiores, a morte não passa de uma desagregação da matéria que envolve o Espírito. [...] Considerada a sutileza dos sentidos de tais Espíritos, essa desagregação se aproxima muito da decomposição; para eles, as matérias que compõem o corpo, ainda que não mais sujeitas ao apodrecimento, se dissolvem visivelmente. Cada um dos princípios constitutivos do corpo fluidico se separa completamente e volta ao meio donde saíra e que de novo o atrai.” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 65)

Com essa informação, já é possível olhar com outros olhos a “morte” e o túmulo vazio do Cristo...

“A volta de Jesus à vida espírita era inteiramente diversa da vossa. Disse-o ele próprio, aludindo ao sacrifício do Gólgota, aos fatos e circunstâncias atinentes à sua missão terrena, tanto anteriores como posteriores àquele sacrifício.

Ele deixava a vida para a retomar; ninguém lha podia arrancar, ou tirar, e ninguém lha arrancou, ou tirou; era ele quem por si mesmo a deixava; foi ele que por si mesmo a deixou; tinha o poder de a deixar e o de a retomar. Ele, pois, não sofria a encarnação material, humana, tal como a sofreis. Sua ausência da pátria espiritual não era, portanto, como se dá convosco, um exílio. De fato, frequentemente, muito frequentemente, quando, presidindo seu Espírito ao governo do vosso mundo, julgavam que se havia retirado para orar na solidão, ele pairava sobre o vosso universo, regrado, com sabedoria, todas as coisas e fazendo executar as ordens do soberano Senhor.

No Gólgota, ninguém lhe arrancou, ou tirou a vida. Ele por si mesmo a deixou, no momento em que seu Espírito, retomando a sua inteira liberdade, abandonou na cruz o invólucro que revestira, de natureza perispirítica, tangível com a aparência do corpo humano. E, “de acordo com o mandamento que recebera de seu pai”, ele a retomou para reaparecer, operando o que se chamou a sua “ressurreição”, e concluir a missão terrena que descera a desempenhar.

Deixou-a, por si mesmo, definitivamente, quando, terminada aquela missão, realizou o fenômeno conhecido pelo nome de ascensão, despindo-se em definitivo daquele invólucro, restituindo os elementos fluídicos que o compunham às regiões a que haviam sido tomados. Puro de toda falta, nenhuma expiação precisava sofrer, nada tinha que lamentar. Ele, o justo, voltava à pátria como juiz e não como acusado”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo IV, item 303)

“Qual foi a “ressurreição” de Jesus? Como se deu? [...] O corpo, aparentemente humano, de natureza perispiritica, mas tangível, que Jesus deixara na cruz e que José de Arimatéia depositou no sepulcro, aí ficou até ao momento em que os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, na presença e com o auxílio dos soldados romanos que eles ali haviam posto como guardas, selaram a pedra que lhe fechava a entrada.

Selada a pedra, Jesus, fazendo cessar a tangibilidade, chamou ao espaço aquele corpo aparente no estado fluídico e lhe conservou os princípios constitutivos prontos a se reunirem à sua vontade, tal como se dera muitas vezes, conforme o temos explicado, sempre que o supunham no deserto, na solidão, no monte a orar, quando a realidade é que nessas ocasiões seu Espírito pairava por sobre o vosso universo, regulando, com sabedoria, todas as coisas e providendo à execução das ordens do Soberano Senhor.

Foi assim que o corpo de Jesus, que não era um corpo humano material como os vossos, mas fluídico, de natureza perispiritual, desapareceu do sepulcro, estando chumbada a pedra que o fechava, de modo que não mais se achava lá quando se deu a deslocação e o derribamento da pedra”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo III, item 307)

9 E 10) Sensibilidade Psíquica e Lembrança De Vidas Passadas:

Por tudo o que vimos, pela condição especial da encarnação de Jesus, à semelhança do que ocorre em mundos superiores ao nosso, fica fácil entender o porquê dele não ter nenhum entrave à manifestação de seus poderes, próprios àqueles que já atingiram o patamar de Espíritos Puros e “ministros de Deus”, como tão bem os definiu Kardec; mantendo igualmente, pela mesma razão, toda a visão de passado e futuro dos Espíritos que já suplantaram os limites do tempo...

“Em Jesus, a visão a distância decorria das mesmas causas em virtude das quais lhe era dado ler os pensamentos dos homens. É que era sempre Espírito, debaixo

daquela aparência corporal humana que tomara, revestindo um perispírito tangível”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo III, item 247)

“Espírito perfeito, puro entre os mais puros que presidem, sob a sua direção, aos destinos, ao desenvolvimento e ao progresso do vosso planeta e da sua humanidade, encaminhando-os, Jesus, cuja pureza, cuja perfeição se perdem na noite da eternidade, Espírito protetor e governador do vosso mundo, vosso e nosso Mestre, obrava, não sob influencia estranha, mas por si mesmo. Poder-se-ia, pois, dizer que era “impelido pelo Espírito” no sentido de que, permitindo-lhe a sua elevação e a sua pureza aproximar-se do centro da onipotência, ele recebia diretamente as inspirações divinas.” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 9)

“Somente o Espírito puro, não mais sujeito a encarnação alguma em qualquer planeta que seja, por já haver atingido a perfeição sideral, (...) goza de inteira liberdade e independência e tem a consciência exata da sua origem, seja qual for o perispírito ou corpo fluidico que tome e assimile às regiões que percorra.” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 14)

6) JESUS, ESPÍRITO PURO ENTRE OS MAIS PUROS, CRISTO DE DEUS!

Coube à obra “Os Quatro Evangelhos” a apresentação do Jesus possível ao nosso entendimento atual, à faixa de compreensão já alcançada pela humanidade desde o século XIX, com o advento do Espiritismo.

Um Jesus que não é Deus, mas ao qual ninguém se compara, por mais que se esforce, por encontrar-se em condição super humana, além da humanidade, na qualidade de Espírito Puro.

Ao final do último bloco, vimos um pouco das descrições sobre os Espíritos Puros encontradas na Codificação e na Revista Espírita.

Convidamo-os agora a conhecer um pouco do que nos traz a obra “Os Quatro Evangelhos” sobre a figura excelsa de nosso Mestre Jesus:

“Jesus, Espírito perfeito, que nunca faliu, pertencente ao pequeno número daqueles que trabalharam afanosamente por progredir sem se desviarem do caminho reto que seus guias lhes mostraram e que assim atingiram a

perfeição”. (“Os Quatro EVangelhos”, Tomo I, item 14)

“Jesus, Espírito de pureza perfeita e imaculada, cuja perfeição se perde na noite das eternidades, protetor e governador do vosso planeta, a cuja formação presidiu, é estranho e anterior às gerações humanas que o tem sucessivamente habitado”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 55)

“Jesus é um Espírito que, puro na fase da inocência e da ignorância, na da infância e da instrução, sempre dócil aos que tinham o encargo de o guiar e desenvolver, seguiu simples e gradualmente a diretriz que lhe era indicada para progredir; que, não tendo falido nunca, se conservou puro, atingiu a perfeição sideral e se tornou Espírito de pureza perfeita e imaculada.

Jesus, já o dissemos, é a maior essência espiritual depois de Deus, mas não é a única. É um Espírito do número desses aos quais, usando das expressões humanas, se poderia dizer que compõem a guarda de honra do Rei dos céus. Presidiu à formação do vosso planeta, investido por Deus na missão de o proteger e governar, e o governa do alto dos esplendores celestes como Espírito de pureza primitiva, perfeita e imaculada, que nunca faliu e infalível por se achar em relação direta com a divindade. É vosso e nosso Mestre, diretor da falange sagrada e inumerável dos Espíritos prepostos ao progresso da terra e da humanidade terrena e é quem vos há de levar à perfeição”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 56)

“Jesus é um Espírito criado, que teve a mesma origem de todos os Espíritos, o mesmo ponto inicial de existência, que se tornou Espírito puro, de pureza perfeita e imaculada sem haver falido jamais, Espírito cuja perfeição se perde na noite das eternidades, protetor e governador do vosso planeta a cuja formação presidiu, encarregado por Deus de o levar ao estado fluídico, levando-lhe a humanidade à perfeição”. (“Os Quatro Evangelhos”, tomo I, item 62)

E, para fechar a sequência, uma mensagem de amor ao Cristo, ao Nosso Cristo:

“Inclinaí-vos com respeito, reconhecimento e amor diante desse Salvador cheio de devotamento que, desde o instante em que o vosso globo saiu dos fluidos espalhados na imensidade, em que esses fluidos, para formarem um mundo, se reuniram pela ação da sua vontade divina, divina no sentido de ser ele órgão de Deus, velou sempre por vós com solicitude, através de todas as fases por que

hão passado os vossos Espíritos, atraindo sempre, pela sua poderosa simpatia, para a Terra e para a humanidade, a proteção do Todo-Poderoso.

Amái, amái com todas as forças de vossa alma a Jesus que, para surgir as vistas dos homens, aceitou a encarnação, tomando um corpo fluídico, de cuja natureza e propriedade já tratamos, a fim de lançar as bases, os fundamentos da obra de vossa regeneração.

Amái, amái com todas as veras da vossa alma a Jesus, que aceitou a encarnação, sendo embora de uma perfeição que se perde na noite das eternidades; que a aceitou, embora nunca houvesse merecido encarnar, como expiação, ainda que em mundos elevados, porquanto chegou à perfeição sem jamais haver falido. Ele não teve que sofrer, por expiação, repetimos, a encarnação, mesmo em mundos elevados, onde se exilam, para resgatar suas faltas, por mais leves que sejam, os Espíritos que se conservaram puros na via do progresso até alcançarem grande elevação, mas que vieram a falir, se bem que ligeiramente, visto que diante do Senhor onipotente só a perfeição sem mancha alguma pode apresentar-se. [...]

Amái, amái com todas as forças de vossa alma a Jesus que, continuando a sua obra de regeneração, vem hoje de novo para, por meio da revelação atual, pelo Espírito da Verdade — estrada contínua de progresso moral e intelectual — conduzir-vos, de degrau em degrau, até ao Deus único e eterno, rei do céu e da terra, a quem deveis a homenagem e o tributo das vossas adorações”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo II, item 159)

7. CONCLUSÃO

Já nos entendemos muito... é hora de concluir.

Como falamos muito no próximo “salto evolutivo” que nos está reservado, a partir da atual crise do meio ambiente e pelo seu reducrescimento, nos anos que virão, talvez possamos aproveitar esses instantes finais da nossa conversa para trazer um pouco do que os Espíritos nos antecipam, na obra “Os Quatro Evangelhos”, sobre os próximos capítulos de nossa Transição Planetária...

“O homem (referimo-nos aqui à espécie e não ao sexo, pois do contrário designaríamos de preferência a mulher, como sendo de uma organização mais adiantada) - o homem, do ponto de vista fisiológico, se irá modificando, a matéria tornando-se mais fraca, o sistema nervoso mais desenvolvido, a inteligência mais precoce, e ultrapassando muitas vezes as forças físicas; o Espírito, enfim, irá dominando a matéria e a carne diminuindo, à medida que o

sistema nervoso se for desenvolvendo e a força vital animal for sendo substituída pela força espírito-nervosa. Tais os indícios que vos prevenirão da mudança que se há de operar em vós.” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 64)

“O sistema todo se depurará pouco a pouco: no sangue espesso que vos circula nas veias, o fluido vital cada vez mais substituirá as moléculas corruptoras; o sistema nervoso se desenvolverá à custa da cobertura de carne, até ao momento em que esta última, reduzida ao estado de simples película, acabará por desaparecer inteiramente, cedendo lugar a um envoltório fluídico tangível, dissolúvel sem sofrimento, sem abalo. Os próprios nervos, nesse ponto do desenvolvimento, se assemelharão aos finíssimos filamentos em cuja trama se balouçam no ar os microscópicos insetos que os tecem no outono, filamentos a que dais o nome poético de “fios da virgem”. (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 64)

“Fácil vos será perceber a transformação que se há verificar na matéria exterior: tempo virá em que, tornando-se cada vez mais rara a alimentação material (e já ela começa a ser difícil), o homem se verá constringido a uma mudança de substâncias nutrientes, a chamar em seu auxílio a arte, a química, para sustentar seus órgãos sem precisar recorrer àquelas substâncias. [...]

“Essas preparações, conquanto dêem resultado como alimentação factícia, acarretarão desde logo um desvio da economia animal, enfermidades, empobrecimento dos organismos. Depois, no curso das gerações que se forem sucedendo, os órgãos que nos pais apresentavam lesões se reproduzirão modificados nos filhos, apropriados ao novo regímen da humanidade. Em seguida, esses órgãos, que se irão tornando cada vez mais sensíveis, também mais facilmente assimilarão os elementos nutritivos que a vossa atmosfera contém. Finalmente, os cataclismos que inevitavelmente se produzirão no vosso planeta e dos quais lhe resultará a reconstituição física, auxiliarão o desenvolvimento das novas faculdades gástricas.” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 64)

Paramos aí...

Quem desejar mais detalhes, consulte por favor a obra “Os Quatro Evangelhos”... Avisamos, no entanto, que essas mudanças não se darão do dia para a noite, consumirão séculos e séculos... Não há motivo de pressa!

Talvez seja interessante também voltar por um instante à nossa tabela e identificar, em cada item, as passagens evangélicas com que mais se relacionam:

| KARDEC | ROUSTAING | EVANGELHOS |
|--|---|--|
| NASCIMENTO E REPRODUÇÃO | | |
| <p>“Os Espíritos se desmaterializam à medida que se elevam e se depuram. Só nas fileiras inferiores a encarnação é material. Para os Espíritos superiores não há mais encarnação material e, conseqüentemente, não há procriação, pois esta se dá pelo corpo e não pelo Espírito”. (RE, Julho de 1862 - Págs. 298 a 302 da ed. FEB)</p> <p>“22.Há sexos diferetes? Resp. – Sim; há sexo por toda parte onde existe a matéria; é uma lei da matéria”.(RE, Abril de 1858 - Págs. 172-183 da Ed. FEB)</p> | <p>“À proporção que sobe na escala dos mundos, mais as necessidades da carne e, por conseguinte, os meios de reprodução se depuram e espiritualizam. A união da matéria com a matéria para formar a matéria é uma das condições inerentes à vossa inferioridade e só existe nos mundos materiais, em cujo número ainda se conta o vosso”. (Tomo I, Item 14)</p> <p>“Lá nesses mundos elevados não há macho e fêmea no sentido que dais a estas expressões. Os instintos experimentam algumas variações, mas nada têm de comum com os vossos sentidos materiais. [...] há diferença de sexos sob o ponto de vista moral e fluidico”. (Tomo I, item 14)</p> | <p>“31.É assim que conceberás em teu seio e que de ti nascerá um filho ao qual darás o nome de Jesus. [...] 34.Então disse Maria ao anjo: “Como sucederá isso, se não conheço varão?” 35.O anjo respondeu: “O Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra, e por isso o santo que nascerá de ti4 será chamado Filho de Deus. 36.E eis que tua parenta Isabel concebeu na velhice um filho e está no Sexto mês de gravidez, ela que é chamada estéril. 37.É que nada será impossível a Deus”. 38.Então Maria disse: “Aqui está a serva do Senhor, façase em mim conforme às tuas palavras”. E o anjo se afastou dela”. (Lc.1: 31-38)</p> |

| APARÊNCIA & ORGANIZAÇÃO FÍSICA | | |
|--|--|---|
| KARDEC | ROUSTAING | EVANGELHOS |
| <p>“a forma corpórea ai é sempre a humana, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo, purificada” (ESE, Cap. III, item 99.</p> <p>“Grandes e bem proporcionados. Maiores que os vossos maiores homens”. (RE, Abril de 1858 - Págs. 172-183 Ed. FEB)</p> | <p>“o homem, nos mundos superiores ao vosso, tem maior estatura do que vós outros e de muito maior pureza são as linhas de seu talhe”. (Tomo II, Item 183)</p> | <p>“2. Seis dias depois, Jesus chamou de parte a Pedro, a Tiago e a João e os levou consigo a um alto monte e se transfigurou diante deles. — 3. Suas vestes se tornaram brilhantes e alvíssimas como a neve, de uma brancura tal como nenhum lavandeiro na terra poderia conseguir. 7. Uma nuvem se formou e os cobriu; e dela uma voz saiu, dizendo: Este é meu filho muito amado, escutai-o”. (Mc. 9: 2 a 4 e 7)</p> |
| INFÂNCIA | | |
| KARDEC | ROUSTAING | EVANGELHOS |
| <p>“Em toda parte a infância é uma transição necessária, mas não é, em toda parte, tão obtusa como no vosso mundo.” (LE., Q.183)</p> <p>“A pouca resistência que a matéria oferece a Espíritos já muito adiantados torna rápido o desenvolvimento dos corpos e curta ou quase nula a infância”. (ESE, Cap.III)</p> | <p>“o homem, do ponto de vista fisiológico, se irá modificando, a matéria tornando-se mais fraca, o sistema nervoso mais desenvolvido, a inteligência mais precoce [...] Tais os indícios que vos prevenirão da mudança que se há de operar em vós”. (TOMO I, ITEM 64)</p> | <p>“41. Seus pais iam todos os anos a Jerusalém pela festa da Páscoa. - 41 Quando ele tinha a idade de doze anos, lá foram, como costumavam, no tempo da festa. - 43. Passados os dias desta, regressaram, mas o menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que eles dessem por isso. 46. Três dias depois o encontraram no templo, sentado entre os doutores, ouvindo-os e interrogando-os”. (LC.2:41-43 e 46)</p> |

| ALIMENTAÇÃO & NECESSIDADES FÍSICAS | | |
|--|---|--|
| KARDEC | ROUSTAING | EVANGELHOS |
| <p>A alimentação está em relação com essa organização etérea; não seria bastante substanciosa para os nossos estômagos grosseiros, e a nossa seria muito pesada para eles; ela se compõe de frutas e plantas, e, aliás, haurem, de algum modo, a maior parte do meio ambiente do qual aspiram as emanações nutritivas.” (RE, Março de 1858)</p> | <p>“A alimentação material não é, pois, necessária, nem possível, senão ao homem revestido de um corpo material, nos mundos materiais. Quando o Espírito encarna, ou, melhor, incorpora fluidicamente em mundos superiores, onde o corpo é de natureza perispiritica, a vida e a nutrição se mantêm pela absorção dos fluidos ambientes apropriados”. (Tomo I, Item 64)</p> | <p>“31. Nesse interim, seus discípulos lhe rogavam que tomasse algum alimento, dizendo: Mestre, come. — 32. Disse-lhes ele: Eu, para comer, tenho um manjar que vós não conheceis. — 33. Ouvindo isso, os discípulos se puseram a inquirir uns dos outros: Ter-lhe-ia alguém trazido de comer?” (Jo.4:31-33)</p> |
| MOBILIDADE & LOCOMOÇÃO | | |
| KARDEC | ROUSTAING | EVANGELHOS |
| <p>“A leveza específica do corpo permite locomoção rápida e fácil: em vez de se arrastar penosamente pelo solo, desliza, a bem dizer, pela superfície, ou plana na atmosfera, sem qualquer outro esforço além do da vontade, conforme se representam os anjos, ou como os antigos imaginavam os manes nos Campos Eliseos”. (ESE, Cap. III, item 9)</p> | <p>“Nas encarnações que se sucedem às vossas, o corpo perde pouco a pouco a densidade e se torna cada vez mais aeriforme. Deixa de ter os pés chumbados ao solo e se mantêm em equilíbrio, qualquer que seja a sua posição. ” (Tomo I, item 60)</p> | <p>“25. Mas, na quarta vigília da noite, Jesus veio ter com eles, caminhando por sobre o mar. — 26. Ao vê-lo andando sobre o mar, eles se turbaram e diziam: É um fantasma e, apavorados, se puseram gritar. — 27. Logo, porém, Jesus lhes falou assim: Tende confiança; sou eu; nada temais”.(Mt.14:25-27)</p> |

| TRABALHO | | |
|---|--|---|
| KARDEC | ROUSTAING | EVANGELHOS |
| <p>“A natureza do trabalho está em relação com a natureza das necessidades. Quanto menos materiais são estas, menos material é o trabalho.” (LE, Q. 678)</p> | <p>“(…) para o Espírito que chegou ao fim de suas provações, o trabalho não é o que é para vós. Ele encontra no trabalho uma alegria, uma felicidade imensa, complemento da que lhe está prometida. O trabalho, para nós, é mil vezes mais suave do que, para vós, o repouso indolente da vossa existência.” (Tomo II, item 132)</p> | <p>“Meu Pai até agora não cessa de obrar e eu também obro incessantemente”. (Jo.5:17)</p> <p>“19. Em verdade, em verdade vos digo que o filho nada pode fazer de si mesmo e não faz senão o que vê o Pai fazer; pois que tudo o que faz o Pai o filho também o faz semelhantemente. 20. Porque, o Pai ama o filho e lhe mostra tudo o que faz e lhe mostrará obras ainda maiores do que estas e que vos maravilharão”. (Jo.5:19 e 20)</p> |
| SAÚDE E LONGEVIDADE | | |
| KARDEC | ROUSTAING | EVANGELHOS |
| <p>“A duração da vida, nos diferentes mundos, parece guardar proporção com o grau de superioridade física e moral de cada um, o que é perfeitamente racional. Quanto menos material o corpo, menos sujeito às vicissitudes que o desorganizam”. (ESE, Cap.III, item 9)</p> <p>“os corpos, menos materiais, quase fluídicos, não mais são sujeitos às moléstias, às enfermidades” (“O Céu e o Inferno”, Cap. O Céu, item 11)</p> | <p>Não encontramos em “Os Quatro Evangelhos” texto equivalente</p> | <p>“Deixo a vida para a retomar; — ninguém me tira; — sou eu que a deixo por mim mesmo; — tenho o poder de a deixar e tenho o poder de a retomar. É mandamento que recebi de meu pai.” (João,10: 17-18)</p> |

| MORTE | | |
|---|---|---|
| KARDEC | ROUSTAING | EVANGELHOS |
| <p>“A morte de modo algum acarreta os horrores da decomposição”. (ESE, Cap. III, item 9)</p> <p>“Sendo mais depurada a matéria de que é formado o corpo, dispersa-se após a morte sem ser submetida à decomposição pútrida”. (RE, Março de 1858 - Págs. 112-118 da Ed. FEB)</p> | <p>“Quanto mais o corpo se aperfeiçoa, em consequência do adiantamento do Espírito, tanto mais volatizáveis se fazem, por ocasião da morte, as matérias e se isentam da decomposição animal.”</p> <p>(Tomo IV, item 47)</p> | <p>“19. Depois de lhes ter assim falado, o Senhor Jesus ascendeu ao céu” (MC.16:19)</p> |
| SENSIBILIDADE PSÍQUICA | | |
| KARDEC | ROUSTAING | EVANGELHOS |
| <p>“Sendo aí menos grosseira a matéria corporal, o Espírito, quando encarnado nesses mundos, goza quase que de todas as suas faculdades de Espírito, sendo o seu estado normal o dos sonâmbulos lúcidos entre vós.” (LE, Q.223)</p> | <p>Para vós, que sois a encarnação material, qual ela é atualmente para a humanidade terrena, [a visão a distância] só se pode dar pela influência mediúnica dos vossos guias. E assim será até ao momento em que a matéria se torne bastante sutil para que o Espírito lhe possa vencer os entraves”. (Tomo III, item 247)</p> | <p>“47. Jesus, vendo aproximar-se Natanael, disse, referindo-se a este: Eis aqui um verdadeiro Israelita, em que não há dolo. — 48. Natanael lhe perguntou: Onde me conheces? Respondeu Jesus: Antes que Filipe te chamasse, eu te vi quando estavas debaixo da figueira. — 49. Natanael exclamou: Mestre, tu és o filho de Deus, tu és o rei de Israel. — 50. Observou-lhe Jesus: Crês, porque disse que te vi debaixo da figueira. Pois verás maiores coisas do que esta”. (Jo.1:47-50)</p> |

| LEMBRANÇA DE VIDAS PASSADAS | | |
|---|---|--|
| KARDEC | ROUSTAING | EVANGELHOS |
| <p>“Nas existências corpóreas de natureza mais elevada do que a nossa, é mais clara a lembrança das anteriores? “Sim, à medida que o corpo se torna menos material, com mais exatidão o homem se lembra do seu passado. Esta lembrança, os que habitam os mundos de ordem superior a têm mais nítida.” (LE, Q. 397)</p> | <p>“Quanto mais o Espírito se eleva, tanto mais viva se lhe desenha na memória a miragem do passado”. (Tomo I, item 14)</p> | <p>““Em verdade, em verdade vos digo: EU Sou, antes que Abraão fosse.” (JOÃO, 8: 57-58.)</p> |

Jesus teve de se servir de um corpo à semelhança dos utilizados nos mundos superiores para “encarnar” aqui na Terra porque essa era a solução possível para que um Espírito Puro, já totalmente desligado da matéria, pudesse se manifestar e conviver entre nós.

Essa operação demandou grande sacrifício de Sua parte, conforme vimos no capítulo “Vão Simulacro”, e a revelação de sua encarnação especial tem sido sucessivamente confirmada por grandes Espíritos e grandes médiuns, nos últimos 150 anos, o que foi fartamente exemplificado no capítulo “Concordância Universal”.

A revelação do Corpo Flúidico de Jesus não tem nada a ver com sexofobia nem com o mito da virgindade de Maria, como imaginam alguns, mas está diretamente relacionada a algumas das grandes questões da humanidade de hoje, e ao nosso próprio futuro biológico, conforme nos empenhamos em demonstrar.

Para nós, a partir de agora, a questão 625 de “O Livro dos Espíritos” ganha novo e mais amplo sentido:

“Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo?”

“Jesus.”

Talvez agora você consiga ver a questão do corpo flúidico do Cristo com outros olhos, como também pode ser que não, mas em qualquer hipótese, por favor não os feche.

Que este “Pão Vivo” o alimento, e que lhe dê forças para seguirmos juntos na eterna busca da Verdade, seguindo sempre a bússola que nos deu nosso Pai Maior - Jesus -, que é Caminho, Verdade e Vida!

“Glória a Deus nas alturas, e paz na Terra à toda a Humanidade. Que a doce paz de Jesus, reine hoje e sempre em nossos corações!”

Julio Damasceno

IX - OS QUATRO MISSIONÁRIOS

Maurício Neiva Crispim

OS QUATRO MISSIONÁRIOS

Mauricio Neiva Crispim

Em dezembro de 1861, Jean Baptiste Roustaing, um dos grandes apóstolos do Espiritismo, encontra pela primeira vez aquela que seria a médium de uma das revelações mais belas, profundas e importantes sobre os evangelhos do amado mestre Jesus. Émilie Collignon era belga, vivia na cidade francesa de Bordeaux e conheceu Roustaing em sua residência, no curso de uma visita ocasional, quando ele fora conhecer um determinado quadro mediúnicos. A partir dessa histórica data, até maio de 1865, os dois trabalhariam de forma árdua e contínua em ações complementares de coordenação e recepção até que todo o material, como destaca Roustaing, ditado pelos evangelistas e Moisés, assistido pelos apóstolos, estivesse pronto para a publicação:

“Em Maio de 1865 todos os materiais estavam preparados, tanto a respeito dos Evangelhos, como dos Mandamentos. O aviso de dar a conhecer aos homens, de publicar a obra da revelação, me foi espontânea e mediunicamente transmitido em termos precisos.”¹

A sua publicação veio a lume em 1866 em três tomos; o primeiro com 496 páginas, o segundo com 703 páginas e o terceiro volume com 654 páginas. Mais de mil e oitocentas páginas só comentando os Evangelhos e os Mandamentos de Moisés. Os anos 1864, quando Kardec lança “O Evangelho Segundo o Espiritismo”; o de 1865, quando Roustaing deixa preparada toda a obra para editoração e Kardec publica a terceira edição do Evangelho - que ficou conhecida como a elaboração definitiva, porque em relação às anteriores havia sido alterada, ampliada, revisada, modificando-se até o título, em outros termos, “completamente refundida”, como explica o próprio Codificador, na edição de novembro de 1865 da Revista Espírita - e o ano de 1866, quando Roustaing publica “Les Quatre Évangiles-Spiritisme Chrétien ou Révélations de la Révélations”, em Paris; podem ser considerados os ANNUS MIRABILIS do Evangelho, da mesma forma que duzentos anos antes, 1665-1666 em relação aos trabalhos de Isaac Newton e o de 1905, quarenta anos depois de “Os Quatro Evangelhos”, quando Albert Einstein lançou os fundamentos de uma nova ciência através de três artigos revolucionários: o Movimento Browniano, a Teoria da Relatividade Restrita (Sobre a eletrodinâmica dos corpos em movimen-

to) e o Efeito Fotoelétrico, pelo qual recebeu o prêmio Nobel em 1921, são conhecidos como os Annus Mirabillis da ciência. O ano de 1865 pode assim ser considerado o ano cêntrico, o mais extraordinário ano desde que o apóstolo João Evangelista, provavelmente entre os anos 90 e 100 da nossa era, havia redigido ou ditado a colaboradores o seu Evangelho inolvidável. Não que estejamos desprezando, ao nos expressar assim, todos os esforços que grandes missionários do bem consumaram através dos séculos em relação aos ensinamentos de Jesus. Jerônimo ou Eusébio Sofrônio e a sua Vulgata; Aurélio Agostinho de Hipona com suas incontáveis teses filosóficas e teológicas; Tomás de Aquino e sua determinação em unir a fé cristã e o racionalismo grego; John Wycliffe e a sua tradução da Bíblia para o inglês e a sua admirável aplicação pela reforma religiosa; Johannes Gutenberg com sua Bíblia e a revolução da imprensa; Martinho Lutero que além de também traduzir a Bíblia para o alemão, desencadeou uma luta gigantesca visando à liberdade religiosa e a derrogação dos abusos do culto até então dominante; isso sem que mencionemos uma centena de outros nobres vultos, que se destacaram nas letras ou na coragem, em defender um Evangelho livre, puro e vivenciado a partir do mundo interior. Mas aquele ano, após mais de dezessete séculos das revelações e mensagens do grande apóstolo, os Evangelhos tinham sido restaurados em seus significados mais profundos, com interpretações não apenas da racionalidade e inspirações humanas, mas através do contato direto com as verdadeiras fontes de sua origem, os nobres espíritos que ensinaram e o exemplificaram, quando em suas missões terrenas, e os seus próprios autores, secundados pelos apóstolos, Moisés e o Espírito da Verdade com a explicação de todos os seus versículos. Calcula-se que os quatro Evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João juntos, tenham em torno de 3.779 versículos, um pouco mais, um pouco menos, conforme a fonte de pesquisa, mas o certo é que a obra coordenada por J. B. Rostaing comenta e explica todos eles, além dos versículos do velho testamento relacionados ao Decálogo. Interpretações em vários planos de visão, um verdadeiro e iluminado mosaico, detalhando todos os ensinamentos, acontecimentos e situações da vida e exemplos do Messias divino, situando-o no vértice máximo da evolução humana, nem Deus e nem Homem. Das suas narrações faz surgir uma imagem mais bela, sábia e misericordiosa de Deus, onibarcante, presença manifesta, viva, conduzindo amorosamente as transformações das consciências pela imensa escada de Jacó, provando que as reencarnações em mundos rudes, como o nosso, não é condição essencial, mas processo educativo de correção de trajetória e queda gerada pelo

egoísmo, orgulho, negação e vaidade. Demonstra que o corpo de Jesus era de uma natureza especial, de um diferente grau de materialidade, possibilitando os múltiplos fenômenos que os Evangelistas narraram desde a sua materialização entre nós. Explica em pormenores a ação Espírita e Magnética e especifica a fisiologia e propriedades do perispírito. Restaura os fundamentos da verdadeira igreja do Cristo e desvenda os mecanismos psíquicos que os Evangelistas, médiuns historiadores, foram alvos de quando legaram à posteridade as páginas dos Evangelhos perenes. Fala-nos do nosso passado e futuro coletivo, prevendo uma nova época em andamento do Cristianismo do Cristo. Despojando da letra o espírito, revela-nos pelo amor, as dimensões do ilimitado e a morada eterna dos Espíritos Puros. Essa extensa obra interage com “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, obra medular da Codificação, que já na sua folha de rosto, especifica a sua elevada destinação: “a explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida”. Da sua introdução à página final são vinte e oito capítulos, onde as Bem-Aventuranças, o amor ao próximo e aos inimigos, o Cristo Consolador, as muitas moradas na casa de Meu Pai, honrar Pai e Mãe, fora da Caridade não há salvação, os trabalhadores da última hora, formam uma rede de conceitos, revelações e consolações, dadas pelas grandes Vozes do Céu, essas mesmas vozes, que como um imenso exército, haviam se espalhado pela face da Terra comandando a maior revolução de toda história humana, inaugurando a Era do Espírito. Ano de 1865, aqueles que hoje colhem os seus sazonados frutos te glorificam e te saúdam, agradecendo os esforços dos missionários que possibilitaram a materialização dos verdadeiros faróis da vida, uma dádiva do infinito, um convite divino, como escreveu Kardec:

“As instruções dos Espíritos são verdadeiramente as vozes do céu a que vêm esclarecer os homens e convidá-los à prática do Evangelho.”² (grifos originais)

1. OS OPERÁRIOS DO ESPIRITISMO

“Por outro lado, convém notar que nenhuma parte do ensinamento espírita foi dada de maneira completa; ele diz respeito a tão grande número de observações, em assuntos tão diversos, que exigem ou conhecimentos ou aptidões mediúnicas especiais, que teria sido impossível reunir, em um mesmo ponto, todas as condições necessárias. Devendo o ensinamento ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho disseminando os assuntos

de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é dividida entre diferentes operários.³

Se, como disse Kardec, os Espíritos dividiram o trabalho coletivo disseminando os estudos e observações como se faz numa linha de produção de uma fábrica, poderíamos dizer que o movimento espírita de Bordeaux era a oficina do Evangelho e J. B. Roustaing e Émilie Collignon seus operários mais eminentes e destacados. Isso não só pela obra “Os Quatro Evangelhos”, mas também pela contribuição expressiva que vários médiuns do movimento local deram à constituição do “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Segundo Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro⁴ a cidade de Bordeaux contribuiu com nada menos do que vinte e sete mensagens, para a estruturação da obra aludida da Codificação. Émilie Collignon participou no mínimo com duas mensagens, podendo essa lista ser ampliada para seis, com certo grau de certeza. Em Bordeaux reuniam as condições necessárias e as aptidões mediúnicas especiais para esse fim. Por falar em aptidões mediúnicas, vejamos como Kardec, em O Livro dos Médiuns, classifica essas aptidões conforme ao gênero e a especialidade das comunicações:

Médiuns positivos: suas comunicações têm, geralmente, um caráter de nitidez e precisão que se presta muito ao detalhe circunstancial, às informações exatas. Bastante raros.

Médiuns historiadores: aqueles que têm uma aptidão especial para os relatos históricos. (...). Variedade rara de médiuns positivos.

Médiuns religiosos: recebem mais especialmente comunicação de caráter religioso ou que tratam de questões de religião, independentemente de suas crenças ou hábitos.

Médiuns filósofos e moralistas: suas comunicações têm geralmente por objeto as questões da moral e da alta filosofia. Bastante comuns para as questões de moral.⁵ (grifos nossos)

Dado a relevância e a complexidade do trabalho realizado por Émilie Collignon, diante das variedades da classificação apresentadas por Kardec, o mínimo que poderíamos dizer é que ela era médium, além de séria, modesta, devotada e segura, também religiosa, positiva, historiadora e filósofa, voltada para a alta filosofia, portanto uma variedade rara ou raríssima em todos os aspectos. Capacidades especiais para o trabalho a ser desenvolvido. Maturidade e qualidades psíquicas dessa estirpe não

se improvisam, é trabalho lento no tempo e nas seguidas reencarnações, até ser possível realizar, em tão curto prazo, uma missão de tal gravidade. Sua longa existência revela, além de todo um trabalho mediúnico proficiente, também uma alma edificada no amor e na dedicação ao próximo. As antigas assertivas que levantavam dúvidas ou leviandades a respeito de sua vida e do próprio Roustaing, agora são comprovadamente infundadas. Hoje não faltam livros, como o do Jorge e Stenio, citado anteriormente, que demonstram de forma irrefutável a transparência evangélica de suas personalidades e a vocação cristocêntrica de seus corações mansos e pacíficos. Da mesma forma que não é possível mais escrever sobre a obra “Os Quatro Evangelhos” voltando sempre às questões levantadas por Kardec no artigo da Revista Espírita de junho de 1866 ou no livro “A Gênese”. Os esclarecimentos a serem dados a este respeito já foram exaustivamente oferecidos, não só pelos dedicados estudiosos contemporâneos aos “operários de Bordeaux”, mas a todos aqueles que nestes 148 anos do lançamento da Obra de Roustaing escreveram e elucidaram os seus incontáveis aspectos. Recentemente, o dedicado Julio Damasceno, organizou em três volumes de quase quinhentas páginas cada um: “O Dom De Deus”, “Examinai Tudo”, “Em Verdade Vos Digo”, as comparações com as obras de Allan Kardec: “O Livro dos Médiuns”, “O Livro dos Espíritos” e “O Evangelho Segundo o Espiritismo” respectivamente, provando de forma incontestável que a obra “Os Quatro Evangelhos”, “é um trabalho considerável e que tem, para os espíritas, o mérito de não estar, em nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada em “O Livro dos Espíritos” e em “O Livro dos Médiuns”. As partes correspondentes às que tratamos em “O Evangelho segundo o Espiritismo” o são em sentido análogo.”⁶ E a segunda parte, na sequência do comentário: “Consequente com o nosso princípio que consiste em regular nossa marcha pelo desenvolvimento da opinião, até nova ordem não daremos às suas teorias nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de as sancionar ou as contraditar. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todo o caso, necessitam da sanção do controle universal, e, até mais ampla confirmação, não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita.”⁷, referindo-se principalmente à evolução em linha reta, ao princípio da queda ou contração da consciência e ao corpo fluídico de Jesus, acham-se igualmente e amplamente atestadas, pelo controle universal dos ensinamentos dados pelos Espíritos, por toda parte, por diferentes fontes, em épocas distintas, nesse transcurso de quase cento e cin-

quenta anos após a publicação da obra de Roustaing. Devemos lembrar que o método universal repetidamente citado pelo Codificador nas suas obras foi e continua sendo o recurso prevalente utilizado pelos Espíritos na corporificação dos seus ensinamentos e não um procedimento pessoal do método do próprio Kardec, nas diretrizes dos seus escritos e nas escolhas das mensagens e princípios que, selecionados, normalizaram os seus diferentes livros. O método de Kardec foi o da razão, o do bom senso, da lógica rigorosa e os dados positivos que ele ia formando ao receber e analisar mensagens espirituais que lhe chegavam de vários grupos espíritas da França ou de outros países, de mais de mil centros sérios, como ele mesmo divulga na introdução de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Diante desse mar de informações que lhe eram enviados o Codificador ia escolhendo, baseado em sua própria capacidade, conhecimento e vontade, o que seria validado ou não, como fundamento da Doutrina dos Espíritos. O método dos Espíritos sempre foi universal, mas o de Kardec era individual, ou do seu próprio juízo, naturalmente inspirado por fontes superiores, mas era a sua própria experiência e competência a instância final de julgamento e seleção de todo o material na elaboração dos alicerces doutrinários, como podemos confirmar, nas páginas de suas “Obras Póstumas”:

Durante o período de elaboração, a direção do Espiritismo teve que ser individual; era necessário que todos os elementos constitutivos da Doutrina, saídos, no estado de embriões, de uma multidão de focos, se dirigissem para um centro comum, a fim de serem aí examinados e cotejados, de sorte que um só ensinamento presidisse à coordenação deles e se pudesse estabelecer a unidade no conjunto e a harmonia entre todas as partes. Se não fosse assim, a Doutrina se teria assemelhado a um mecanismo cujas peças não se engrenam com precisão umas nas outras.⁸

Graças à sua coordenação que os elementos constitutivos da Doutrina saídos do estado de embrião, puderam ser examinados e cotejados para que os seus mecanismos de elucidação fossem precisos. Através do método individual, de um centro comum, Kardec conseguiu moldar os assentos preliminares do Espiritismo. Gosto da palavra embrião porque o Espiritismo, como anteriormente citado no início do presente item, “diz respeito a tão grande número de observações, em assuntos tão diversos,” que o pentateuco Kardequiano e todas as suas outras obras, representam o início de um corpo de princípios bem mais vastos. Desde o ano de 1854, quando Kardec ouviu falar do fenômeno das “mesas girantes”, pelo testemunho do seu amigo Fortier,

até a sua desencarnação em 31 de Março de 1869, transcorreram apenas quatorze ou quinze anos. Neste tempo, ele escreveu além dos seus cinco principais livros, os doze volumes da Revista Espírita, “O que é o Espiritismo”, “Instruções práticas sobre as manifestações espíritas”, “O Espiritismo em sua expressão mais simples”, “Viagens Espíritas” e outras tantas obras, cartas, artigos, etc. E não foi só o trabalho de preparar e editar os livros, mas de reeditá-los, após correções, ampliações, alterações. Linhas atrás, apontamos a transformação que “O Evangelho Segundo o Espiritismo” sofreu de sua primeira para a sua terceira edição. O mesmo ocorreu com “O Livro dos Espíritos”. Na sua primeira publicação de Abril de 1857, a obra continha apenas 501 perguntas com suas respectivas respostas e comentários; já na segunda edição de março de 1860, três anos após, atualizara-se, passando a 1018 ou 1019 questões, e não foi só um aumento quantitativo e qualitativo, mas ocorreu uma mutação expressiva referente a alguns conceitos capitais, como a questão angular da Evolução:

“127 — A alma do Homem não teria sido primitivamente o Princípio Vital de ínfimos seres vivos da Biocriação, que chegou, ex-vi de lei progressiva, até o ser humano, percorrendo os diversos graus da escala orgânica?

“Não! Não! Os Espíritos, homens somos desde natos. Cada ser vivo só progride na sua espécie e em sua essência. O Homem não foi jamais outro ser senão homo.” (ex-vi: consoante o disposto, por força de)”

Comentários de Kardec:

“Seja qual for a diversidade das existências por que passe o nosso espírito ou nossa alma, elas pertencem todas à espécie humana; seria um erro supor que, ex-vi duma lei progressiva, o Homem haja passado pelos diferentes graus da escala orgânica para chegar a seu estado atual. Assim, sua alma não foi inicialmente o Princípio Vital de ínfimos seres vivos da Biocriação que chegou sucessivamente ao grau superior: Ao Homem.”⁹ (grifos originais)

Diametralmente oposta a resposta dada, pelos Espíritos, a questão 540 da edição de 1860, cujo final é:

“É assim que tudo serve, que tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo. Admirável lei de harmonia, que o vosso acanhado espírito ainda não pode apreender em seu conjunto!¹⁰

O salto do primeiro conceito para o segundo foi colossal.

Não que o Homem tenha evoluído somente das espécies orgânicas ou chamadas vivas, mas evoluiu a partir do próprio átomo. Se a definição anterior houvesse prevalecido, todo um campo vasto de desenvolvimento de certos ensinamentos espirituais teria sofrido resistências bem maiores do que ainda recebem. Mas apesar da mudança de definição, após 1860, ainda vamos encontrar teses como as de 1857 na Revista Espírita de Agosto de 1861: “uma vez que se sabe que o homem jamais foi animal”¹¹ e no próprio livro dos médiuns, lançado também no mesmo ano: “Os animais são sempre animais e nada mais do que isto”.¹² Porém em Maio de 1865, em uma mensagem mediúnica datada de 21 de Abril do mesmo ano, o espírito comunicante explicita:

“Mas tudo não para em apenas crer no progresso incessante do Espírito, embrião na matéria, desenvolvendo-se ao passar pela peneira do mineral, do vegetal e do animal, para chegar à humanimalidade, onde começa a ensaiar-se apenas a alma que se reincarnará, orgulhosa de sua tarefa, na Humanidade”.¹³ (grifos originais)

Ao final da comunicação Kardec pondera:

“Como explicação do fato precitado, sua teoria é racional e concorda, no fundo, com a que hoje prevalece nas instruções dadas na maioria dos centros. Quando tivermos reunido documentos suficientes, resumi-los num corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal. Até lá, são apenas balizas postas no caminho para o esclarecer”.¹⁴

Mas, um mês antes, na publicação de Abril de 1865, diante de um texto que estudava a questão da destruição dos seres vivos uns pelos outros, e que trazia frases semelhantes à mensagem anterior:

“A verdadeira vida, tanto do animal como do homem, não está mais no envoltório corporal, do que na vestimenta. Está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo”.¹⁵

Kardec, em nota, afirmaria:

“Esta explicação, como se vê, se liga ao grave problema do futuro dos animais. Nós a trataremos proximamente e a fundo, desde que nos parece suficientemente elaborada e

cremos que se pode, desde já, considerá-la como resolvida em princípio, pela concordância do ensino”.¹⁶

De 1857 a 1865 foram oito anos, até que diante das evidências dadas pela multiplicidade de mensagens, que o método universal dos Espíritos desenvolvera, Kardec, aplicando o seu método de análise e seleção individualizado, acena com “Até lá, são apenas balizas postas no caminho para o esclarecer.” E, “cremos que se pode, desde já, considerá-la como resolvida em princípio, pela concordância do ensino.” Como foi difícil chegar à possibilidade da Lei de Evolução, desde o primeiro manifestar do princípio material. É compreensível, porque nos dias que correm ainda se considera as formulações de Charles Darwin e as que vieram a posteriore, apenas como uma teoria, sobejamente contestada, e não uma Lei. Por mais amplo que fora o trabalho de Darwin, ele se manteve em margens estreitas, restritas, infinitamente distantes da teoria sugerida pelos Espíritos, da evolução como princípio de afloramento ou desenvolvimento do psiquismo imortal, através das diferentes formas, em etapas ascensionais, que incluem o mineral, o vegetal, o animal, o próprio homem e as dimensões subsequentes. “A Origem das Espécies” de Darwin foi lançado em Novembro de 1859, dois anos após a primeira edição do “O Livro dos Espíritos” e um ano antes da edição de março de 1860 que veio a se tornar a definitiva. Os debates nesses anos foram intensos e Kardec certamente não ficou alheio às discussões. O Codificador estimava muito as questões científicas e sempre afirmara que aplicava os seus métodos experimentais, elevando-os as injunções metafísicas:

Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando podia resolver todas as dificuldades da questão. Foi assim que procedi sempre em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos.¹⁷

A obra de Roustaing possuía uma visão muito mais vasta. Detalhava a evolução, descrevendo com exatidão, as suas etapas, inclusive as intermediárias, entre diferentes reinos. Mostrava que o processo natural era o seu desdobramento em mundos fluidicos e não só no mundo terreno, e dentre vários outros ensinamentos, erguia a um novo patamar a excelsa figura do Messias divino. Seu corpo era também de uma natureza diversa, a roupagem

futura de nossas encarnações redimidas ou, em outras palavras, até a matéria corporal estava sujeita ao progresso. Kardec, com os dados que possuía e com o método individual que por mais de cinquenta anos empregou, só pode ficar na hipótese até nova ordem, ratificou “Os Quatro Evangelhos”, como um trabalho considerável, análogo em várias partes aos seus escritos. Porém, quanto às teorias mais avançadas, não quis aprovar, mas como um bom lógico não desaprovou, deixando ao tempo o cuidado de as sancionar ou não. E o tempo não se fez de rogado. Não foi possível fazê-lo no decurso do trabalho de Kardec porque após três anos do lançamento da obra de Roustaing (1866) e praticamente um ano após a publicação de “A Gênese” (1868), o Codificador desencarnou, mas na sequência das décadas não só em solo Francês, como a Revista Espírita, de 1869 em diante, pode atestar, mas em várias partes do mundo, em vários países, por diferentes fontes, a voz unânime dos Espíritos, dando continuidade ao seu método de ensino, de base universal, não só sancionou a obra de Roustaing como também ampliou as suas definições. Médiuns da estirpe de Francisco Cândido Xavier, Pietro Ubaldi, Bittencourt Sampaio, Frederico Pereira Junior, Fernando de Lacerda, América Delgado, Aura Celeste, Hernani T. de Sant’Anna, Olímpio Giffoni, João Celani, Azamor Serrão, Geraldo Campista Guarino, Dolores Bacelar, Maria Celina Paiva, Newton Boechat, Zilda Gama entre tantos outros, traduzindo a opinião de celestes mensageiros, revalidando as principais vertentes teóricas e as revelações singulares da obra “Os Quatro Evangelhos”, comprovando que as suas fontes de origem eram extremamente nobres e que as suas fundamentações superiores eram justas e expressavam leis de ordem cósmicas, naturais, e não simplesmente opiniões pessoais dos Espíritos que as haviam formuladas. O método individual de Kardec, inspirado na experimentação científica não pode avançar mais, mas o método de universalidade dos Espíritos não só prosseguiu na rota de confirmação, como fez nascer dessas revelações iniciais, novas e harmoniosas verdades.

Existem sites na internet oferecendo até um milhão de dólares para quem conseguir provar a realidade dos denominados fenômenos parapsíquicos. O cepticismo e antagonismo permanentes, por espírito de sistema, não permite qualquer outra prova a não ser a própria teorização e as suas narcisistas visões. Dentro desse sistema podemos oferecer até dois milhões de dólares para quem conseguir provar a própria identidade. Porque se trouxerem provas documentais, os ditos conhecedores dirão que são falsas ou manipuladas, se apresentarem provas testemunhais, todos serão considerados mentirosos ou ingênuos,

se as provas forem laboratoriais confirmando as testemunhais, como uma identificação genética, assegurado será que houve manipulação dos resultados. No caso de se ir sucedendo atos, técnicas, materiais, exames papiloscópicos e tanto outros, inclusive com a presença de autoridades no assunto, realizando-se os procedimentos na presença de todos, o diagnóstico será de prestidigitação habilidosa e conseqüentemente de falsidade. A situação assemelha-se às lições da parábola do mau rico e o pobre Lázaro, das páginas do Evangelho de Lucas: “mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convecerão”.¹⁸ Se após quase quinze décadas de esclarecimentos não foi possível convencer os que negam por espírito de sistema a obra de Roustaing, por insistirem nos velhos e rotos caminhos, que pelo menos não venham a usar os ensinamentos e opiniões pessoais de Allan Kardec, como princípio de autoridade, para justificarem a permanência na inércia, cultivando com ares de sabedoria uma falsa ortodoxia, desviando o caráter essencial do Espiritismo, como chama atenção o próprio Codificador:

“Não é a opinião de um homem que se deverá aliar-se, mas à voz unânime dos Espíritos; não é um homem, não mais nós que um outro, que fundará a ortodoxia espírita; não é tampouco, um Espírito vindo se impor a quem quer que seja; é a universalidade dos Espíritos se comunicando sobre toda a Terra por ordem de Deus; aí está o caráter essencial da doutrina espírita, sua força e sua autoridade. Deus quis que sua lei fosse assentada sobre uma base inabalável, por isso não a fez repousar sobre a cabeça frágil de um único homem”.¹⁹

2. O ESPIRITISMO E A CIÊNCIA

“O Espiritismo e a ciência se completam um pelo outro; a ciência sem o Espiritismo se encontra na impossibilidade de explicar certos fenômenos unicamente pelas leis da matéria; ao Espiritismo sem a ciência, lhe faltaria apoio e controle. O estudo das leis da matéria deveria preceder ao da espiritualidade porque é a matéria que fere, primeiramente, os sentidos. O Espiritismo, vindo antes das descobertas científicas, teria sido obra abortada, como tudo o que vem antes do seu tempo”.²⁰

A ciência e o Espiritismo se completam de forma tão intrínseca, de acordo com Kardec, que a Revelação Espírita teve de esperar os avanços científicos para poder manifestar-se no mundo. Um define e estuda as leis da matéria, o outro as leis da espiritualidade. O Espiritismo busca apoio e controle na ciência e

dia virá que a ciência buscará no Espiritismo os roteiros de pesquisas de mecanismos e domínios superiores de realidade. Até lá, a aproximação criteriosa, o diálogo pari passu e a interação pelas vias da analogia serão as ferramentas de construção de pontes que facultarão as infindas possibilidades do futuro. Mas, voltemos à época de Kardec e Roustaing, e procuremos recordar o que acontecia nos cenários teóricos e experimentais da ciência, naqueles anos tão significativos para os destinos humanos. Nos seus horizontes já havia se manifestado, dentre tantos, a genialidade de Copérnico, Galileu, Laplace, Lavoisier e como disse o poeta britânico Alexander Pope: “A natureza e suas leis jaziam no negror; Deus disse, faça-se Newton! E tudo se iluminou.”²¹ Newton (1642- 1727), que viveu na mesma época de Leibniz (1646-1716), já havia revolucionado a ciência em vários dos seus ramos, e um dos seus continuadores legítimos, James Clerk Maxwell (1831-1879) publicaria principalmente no período de 1861 a 1873, artigos e livros descrevendo as suas famosas equações que permitiram unificar a força elétrica e a força magnética, forças essas que vinham sendo estudadas no campo experimental por outro gênio da física, Michael Faraday (1791-1867). Rudolf Virchow (1821-1902), um dos pais da patologia moderna, viria a demonstrar por volta de 1845 o mecanismo celular e pela tríade de Virchow, esclareceria os mecanismos do tromboembolismo pulmonar. Louis Pasteur (1822-1895), pai da microbiologia, lançaria a sua teoria germinal com conclusões importantes por volta de 1865. Gregor Mendel (1822-1884), que também foi coetâneo dos nossos instrutores, em 1865, publica o artigo “Experimento na Hibridização de Plantas”, fundando as bases das Leis da Hereditariedade e anteriormente, anos antes, em 24 de Novembro de 1859, Charles Robert Darwin (1809-1882), como havíamos lembrado, publicava “A Origem das Espécies”, trabalho similar ao de Alfred Russel Wallace (1823-1913). Wallace investigou os fenômenos parapsíquicos e defendia várias teses espiritualistas consentâneas com a visão espírita. Toda essa revolução que vinha ocorrendo nas ciências, com experimentos e publicações diversas, repetia-se nas fronteiras espiritistas. Recordemos que “Os Quatro Evangelhos” foi elaborado entre 1861 e 1865. Em 1860 havia sido lançada a segunda edição de “O Livro dos Espíritos”, em 1861 a primeira de “O Livro dos Médiuns”, e a terceira edição de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” em 1865 na mesma época de “O Céu e O Inferno”, completando-se com “A Gênese” em 1868, e quase todas as edições da Revista Espírita. Em apenas oito anos (1860-1868) todas as obras fundamentais do Espiritismo haviam sido constituídas, lançadas e várias revisadas definindo o seu formato

atual. As novas ideias científicas ainda não tinham se popularizado e, em alguns casos, eram pouco conhecidas até entre os especialistas, e os Espíritos já aplicavam a Teoria da Evolução a todas as coisas e forças do universo. O princípio inteligente é que desenvolvia-se, visitando diferentes reinos, acordando pouco a pouco, para sua glória eterna. Tudo realmente se transformava, mas numa visão bem mais ampla do que a teorização de Lavoisier poderia alcançar à época. Todos os princípios biológicos, incluindo as leis da hereditariedade, eram regidos por uma potência maior e estavam submetidos às forças espirituais, suas variações e probabilidades não se davam ao acaso, mas sobre a influência de um princípio causal: o Espírito. As doenças não tinham somente origem infecciosa ou provinham exclusivamente de outras causas orgânicas, como dissera Pauster e Virchow, mas derivavam também de ascendentes mentais e psíquicos. O mecanismo celular ganhou a sua verdadeira fundamentação numa biologia transcendental, num modelo ou campo organizador, em conjugação permanente, com os tecidos corporais e que sobrevivia à morte: o Perispírito. Graças à existência dessa duplicata era possível manifestar-se no mundo em um organismo de discreta materialidade e Jesus havia aberto as portas dessa biologia do futuro que será comum na Terra, quando o amor fizer morada em nós. A eletricidade e o magnetismo dos estudos de Maxwell e Michael Faraday não eram apenas fenômenos da natureza, de observação imediata, mas forças prioritárias de todos os mecanismos da existência. O magnetismo é o laço que tudo une numa totalidade imanente e transcendente. O magnetismo tinha um espectro bem mais vasto, que incluía o magnetismo humano, o espiritual, e o humano-espiritual. O pensamento também era força elétrica-magnética e poderia ser compreendido como luz num espectro vibratório além das frequências conhecidas. E devido a um princípio comum, não dualístico, o fluido universal, que a tudo origina, do Espírito à matéria, a consciência pode assim interagir com diferentes objetos, sem derrogar nenhuma lei e sem necessitar de energias que interligue elementos dessemelhantes, sendo o princípio desencadeador de muitos fenômenos até então considerados impossíveis ou extraordinários. As mônadas de Leibniz, o elemento das coisas, ganhavam novas definições: um agente inteligente que se move do átomo ao arcanjo em dois distintos planos de vida, o mundo físico e o extrafísico. O Universo era bem mais vasto do que poderia pensar Galileu e Copérnico, existia além do próprio espaço conhecido em diferentes tipos de condensação material. Mundos berços, mundos fluídicos, que oportunizavam a evolução do Espírito. A nossa Terra era um dos mundos menos evo-

luídos em comparação aos outros planetas do sistema solar. Os fundamentos das leis cósmicas não se explicavam tão somente pelas leis da mecânica celeste ou aquelas que se fundamentavam na ascendência exclusivas da matéria, mas ao contrário, se sustentavam nas leis morais, espirituais e divinas que a tudo regem em uma ordem crescente e amorosa. A suposição que Laplace não incluíra nas suas predições era na verdade a alma do Todo, o sopro permanente, intrínseco à constituição de incommensuráveis fenômenos. Os sentidos físicos ganhavam novos atributos e a mediunidade seria definida e classificada. Uma tessitura conceitual abrangente até então ignorada, foi revelada sem contarmos as contribuições, não menos importantes, nos âmbitos filosófico e teológico. Enquanto a ciência teorizava e experimentava, apoiando-se na análise e medições, as Vozes do Céu, partindo das mesmas leis e fenômenos que começavam a serem descritos, os redimensionava para inúmeros domínios e fundava um novo método de busca da verdade, a descrição e a informação vindo da outra margem da vida. Não só análises, deduções e experimentação, mas contato direto com o fenômeno e as suas causas. Em oito anos, no sentido mais estrito, e do lançamento de “O Livro dos Espíritos” em 1857 à desencarnação de Rousstaing em 1879 (vinte e dois anos), em uma visão mais ampla, os alicerces estavam prontos e o primeiro período do Espiritismo achava-se concretizado: “O primeiro período do Espiritismo foi consagrado ao estudo dos princípios e das leis que, em seu conjunto, tinham de constituir a Doutrina.”²² A ciência, em se referindo apenas ao campo da física, para não abrímos muito o universo a ser estudado, estava com Maxwell fechando, da mesma forma, um longo ciclo de trabalhos e descobertas. Se escolhermos um marco aleatório a partir das experimentações e publicações daquele que merecidamente é considerado o pai da ciência moderna, Galileu Galilei (1564-1642) vejamos 1610, até o falecimento de James Clerk Maxwell em 1879, o primeiro período da ciência se findara, após praticamente duzentos e setenta anos. Este período ficaria conhecido no futuro como os séculos de formação da física clássica. Mas Maxwell havia deixado bases primorosas para novas definições e descobertas e elas não demorariam a chegar. Max Planck (1858-1947), por volta do ano 1900, estudando a radiação de corpo negro, chegou a acepções inesperadas que inauguraram um novo período na ciência, e inclusive uma nova ciência nascia pelas suas descobertas e constantes, a Física Quântica. Cinco anos após Albert Einstein (1879-1955) publicou os três artigos reportados no início dos nossos comentários, e um novo oceano de verdades se descortinou, um mar tão vasto que os estudos do primeiro período se-

riam considerados apenas fundamentos de primeira ordem, incluso nessas novas descobertas. Um segundo período da ciência, a fase da Teoria da Relatividade e da Física Quântica iniciava-se. Surgiriam contribuições de físicos notáveis como: Ernest Rudtherford (1871-1937); J. J. Thomson (1856-1940); James Chadwick (1891-1974); Niels Bohr (1885-1962); Werner Heisenberg (1901-1976); Wolfgang Pauli (1900-1958); Erwin Schrödinger (1887-1961); Louis de Broglie (1892-1987); Paul Dirac (1902-1984); Max Born (1882-1970); e vários e vários outros. Essa segunda fase foi tão desconcertante que é famosa a frase de Niels Bohr: “Quem não fica chocado ao entrar em contato com a teoria quântica pela primeira vez não pode tê-la compreendido.”²³ Este segundo período levaria a um terceiro, hora em curso, o período denominado de fase de Unificação ou da busca da Teoria de Tudo. O momento atual nasceu naturalmente do precedente, mas físicos como Richard Feynman (1918-1988); Abdus Salam (1926-1996); Steven Weinberg (1933-); Alan Guth (1947 -) que além de físico é também cosmologista; e

Andrei Linde (1948-); continuaram e mantem os esforços que somados as décadas, do primeiro e segundo período, já somam mais de quatrocentos anos.

E a Doutrina Espírita? O que ocorreu em seus períodos subsequentes? O segundo período doutrinário que naturalmente deveria ocorrer devido aos avanços científicos, e os novos e desconcertantes conceitos que levaram a ciência para as fronteiras do quase abstrato, pedia um exame compatível por parte da espiritualidade, e como se dera no período anterior, viessem a propalar para outros domínios, os axiomas e experimentações em desenvolvimento. E as vozes do alto viriam novamente manifestar-se, mantendo o fluxo contínuo que havia iniciado, e em vários e distintos ambientes, novos médiuns, novos escritores, novos reveladores, novos missionários foram convocados ao labor. Dois deles poderiam sintetizar perfeitamente essa fase. O primeiro foi Francisco Cândido Xavier (1910-2002) que em 1932 lança uma antologia de poemas com o título de “Parnaso de Além-Túmulo”. A poesia inauguraria o segundo período. Ao fazer essa análise e definir o parâmetro do segundo período, iniciando com o trabalho do Chico, não queremos desdenhar os esforços anteriores de vários médiuns e escritores, como por exemplo, Fernando de Lacerda (1865-1918) e Léon Denis (1846-1927), mas prefiro definir os anos que se seguiram ao desencarne de Kardec e Roustaing, representantes sínteses do primeiro período, como fase de transição para o segundo. Após o “Parnaso”, três obras serão marcantes, iniciando o dilatar conceitual e as explicações significativas de vários enunciados científicos,

incluindo além da física, outras áreas como a psicologia, que se revolucionara após os trabalhos de Freud (1856-1939) e Carl Jung (1875-1961). Os livros são: “Crônicas de Além-Túmulo” de Humberto de Campos prefaciado em 25 de Junho de 1937; “Emmanuel” de Emmanuel, cujo prefácio é de 16 de setembro de 1937 e “Nosso Lar”, de André Luiz, com prefácio de 03 de Outubro de 1943. Esses, podemos dizer, são em seu conjunto o marco de toda a revolução que se iniciaria. Em relação a Kardec, a atuação dos Espíritos pelo Chico é um complemento de uma profundidade e extensão admirável. Façamos uma análise curta da conjugação das duas obras: aos conceitos de “O Livro dos Espíritos” se somariam os de “O Consolador”, “Religião dos Espíritos”, “O Espírito da Verdade”, “Justiça Divina”, “Ação e Reação”, “Leis de Amor”, “A Terra e o Semeador”, “Doutrina e Vida”. “O Livro dos Médiuns” ganharia a companhia de “Os Missionários da Luz”, “Nos Domínios da Mediunidade”, “Mecanismos da Mediunidade”, “No Mundo Maior”, “Seara dos Médiuns”, “Instruções Psicofônicas”, “Vozes do Grande Além”, “Desobsessão”, “Pensamento e Vida”. “O Evangelho Segundo o Espiritismo” de todos os romances de Emmanuel, “Paulo e Estevão”, “Há Dois Mil Anos”, “Cinquenta Anos Depois”, “Ave Cristo”, “Renúncia” e de livros como: “Caminho Verdade e Vida”, “Pão Nosso”, “Vinha de Luz”, “Pai Nosso”, “Palavras de Emmanuel”, “Fonte Viva”, “Livro da Esperança”, “Palavra de Vida Eterna”, “Segue-me”, “Busca e Acharás”, “Brilhe Vossa Luz”, “Agenda Cristã” e quase toda a obra de Humberto de Campos, destacando-se “Boa Nova” e tantos outros: “Alvorada Cristã”, “Jesus no Lar”, “Luz no Lar”, “Cartas do Evangelho”, etc. “O Céu e o Inferno” ganharia novas dimensões com: “Nosso Lar”, “Os Mensageiros”, “Obreiros da Vida Eterna”, “No Mundo Maior”, “Entre a Terra e O Céu”, “E a Vida Continua”, “Libertação”, “Voltei”, “Falando à Terra”, “Vida no Além”, “Vozes da Outra Margem”. “A Gênese” receberia a contribuição de “Evolução em Dois Mundos”, “A Caminho da Luz”, “Roteiro”, “Sexo e Destino”, “Vida e Sexo” etc. A correlação é bem maior, porque são mais de quatrocentos volumes psicografados, mas as anotações são suficientes para mostrar como o primeiro período ganhou vastidão à partir do segundo período. Em relação a Roustaing a contribuição não foi diferente, nessas e em outras obras os Espíritos confirmaram todas as teses principais e secundárias da obra “Os Quatro Evangelhos”: os fundamentos da Criação, o Todo universal, Jesus como Mestre e fundador, protetor e governador da Terra, a sua origem espírita, a sua relação direta com Deus, as suas três missões, a evolução em Linha Reta, a questão do livre arbítrio e o determinismo, a Queda Espiritual, O Corpo Fluídico do Cristo, as questões das encarnações

e reencarnações, diferentes mundos no universo, o degredo dos Espíritos rebeldes, as diferentes possibilidades ou graus da matéria, a evolução em dois mundos, o futuro da raça humana, as propriedades do perísprito, os mecanismos das ações Espíritas e Magnéticas, os princípios da mediunidade, a tarefa dos apóstolos, a função do espiritismo e da ciência, sem contar a similaridade entre as várias interpretações das passagens evangélicas dadas por Roustaing e as realizadas pelos diversos Espíritos, principalmente Emmanuel, que se comunicaram pela mediunidade desse apóstolo brasileiro, Chico Xavier. O Chico foi um unificador da obra de Roustaing e Kardec e, como aconteceu no primeiro período do Espiritismo, todas as noções científicas descobertas e conceituadas desde Planck, até além da fase de unificação, foram igualmente redimensionadas em maiores proporções que a fase antecedente. E não foi só na área da física, mas também na biologia, botânica, zoologia, medicina, psicologia, sociologia, cosmologia, na filosofia, na teologia, na arte, etc..

E o segundo? Anteriormente citamos dois missionários igualmente sínteses do período. Quem seria o outro? O segundo é Pietro Ubaldi (1886-1972). Muitos questionaram dizendo que Ubaldi não foi espírita. Creio que é um engano. Ubaldi não pertencia ao movimento espírita, assim como de nenhuma outra religião constituída. Ele se propôs, como Kardec, a elevar o método científico não só a análises e experimentações, como fez o Codificador, mas a aplicar o mesmo método no campo da mediunidade. Atuou como pesquisador, laboratório, ferramenta de sondagem, fenômeno e medição; controlando com os fatos e a razão o que ia obtendo, por um processo sintético intuitivo, ou como definiu no início, mediunidade inspirativa ativa e consciente. O foco era chegar à verdade pela dilatação da própria consciência em um processo paulatino, que durou uma vida. Utilizou inicialmente a linguagem de ditado mediúnico, como nos volumes “A Grande Mensagem” e “A Grande Síntese”, mas depois, para facilitar a exposição dos temas e o seu debate, conclusões e refutações, optou por uma formação discursiva em uma linguagem coloquial, mas nem por isso deixou de ser relato de captação medianímica. Não estamos cansados de ler nas obras básicas que temos de nos ligar ao fundo e não à forma, e que para os Espíritos o pensamento é tudo e a forma é nada, e que nós é que devemos nos entender quanto à linguagem? Não nos esqueçamos que devido ao seu método universalista de ensino: “O espírito sopra onde quer, tu lhes ouves a voz”.²⁴ Ubaldi ouviu essa voz, a Sua Voz, não só nos volumes iniciais, mas em todos os volumes. Kardec, na introdução do “O Livro dos Espíritos”, discorre que: “a doutrina espírita ou o Espiritismo tem

por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os espíritistas.”²⁵ Todo o processo é definido a partir da relação com os Espíritos e não há nenhum princípio da Doutrina Espírita, listado por Kardec, e relacionado na sequência do texto supracitado, que Ubaldi não tenha mencionado ou desenvolvido, inclusive levando-os às suas últimas consequências, às causas últimas, aos processos remotos, que até então não se tinha estudado com tal profundidade. Ubaldi desenvolveu a sua missão no plano de unificação de todas as crenças o mesmo propósito do Espiritismo expresso tanto por Kardec: “o Espiritismo está destinado a restabelecer a unidade da crença; é, pois, a confirmação e o esclarecimento do Cristianismo, que é e será sempre a lei divina, a que deve reinar em toda a Terra, e cuja propagação vai tornar-se mais fácil por este poderoso auxiliar”²⁶; como por Roustaing: “Na obra dos Quatro Evangelhos os ministros do Senhor visam a este fim: a ventura da Humanidade pela sua purificação. Eles preparam a realização da unidade de crença e da fraternidade humana pela efetivação das promessas do Mestre, e, enfim, o reino de Deus na Terra, iniciando-nos na lei de unidade e do amor.”²⁷ Unidade de crença, o esclarecimento do verdadeiro Cristianismo como lei Divina, a ventura da Humanidade, a fraternidade humana, o reino de Deus na Terra e a explicação das Leis de Unidade e Amor em todas as suas possibilidades e consequências, são, de forma sintética, os propósitos e o resumo das obras de Pietro Ubaldi: “Assim como fui considerado condenável pela Igreja católica, na Itália, porque não era ortodoxo, o mesmo ocorreu comigo neste novo ambiente mediúnic. Pelo que parece: procurar a Verdade sem preconceitos não pode ser aceito como ortodoxo em nenhum grupo humano.”²⁸ Em termos de religião e ortodoxia não podemos esquecer o importante esclarecimento de Emmanuel: “O que se faz preciso, em vossa época, é estabelecer a diferença entre religião e religiões. A religião é o sentimento divino que prende o homem ao Criador. As religiões são organizações dos homens, falíveis e imperfeitas como eles próprios.”²⁹ Ubaldi deve ser considerado espírita nesses termos. O espírita da religião que prende o homem ao Criador, da relação íntima com os Espíritos, do Cristianismo do Cristo. Sem sombra de dúvida foi ele, junto com Chico Xavier, o continuador legítimo de Roustaing e Kardec do ciclo anterior. Ubaldi visitou o infinito, revelando as Leis Divinas, dilatando todas as noções científicas atuais, confirmando todos os conceitos e afirmações dos Espíritos. Deixou-nos uma Teoria de Tudo, integral, tão ampla que a ciência demorará muitas décadas até percebê-la. Chegou a deduções de Roustaing,

principalmente a revelação da queda, sem conhecer a sua obra, sem ideias preconcebidas, procurando a Verdade onde estivesse, e essa Verdade se transformou em conceitos e teorias que autenticaram o passado e abriu as portas de um futuro ilimitado. O Princípio da Queda pode ombrear com qualquer princípio da ciência em qualquer tempo e é o princípio que explica e fundamenta todos os demais. A evolução fisio-psíquica-dinâmica corrobora tudo o que já foi explicado a respeito e, numa linguagem científica, mostra-nos a realidade fundamental da vida. E além de tudo ofereceu as religiões como organização dos homens a pedra angular, facilitando o entendimento e a busca da verdade. Não falou diretamente da obra de Roustaing porque não era necessário. Os Espíritos, que a tudo dirigem, sabiam disso, e o impulsionaram para novas dimensões do conhecimento. Mas, a obra de Roustaing, no que diz respeito a Evolução em Linha Reta e às diferentes quedas nas ascensões evolutivas, está retratada em sua obra até como imagem. Quem leu ou ler o volume “Queda e Salvação”, de Ubaldi, verá um esquema gráfico formado por dois triângulos que se interpenetram à semelhança de uma estrela de Davi. Cortando os dois triângulos, em sentido vertical, veremos duas linhas, nominadas como um só seguimento x-y, que representam, em sua feição de ascensão, a evolução em Linha Reta de “Os Quatro Evangelhos”. Todas as outras linhas são diagramadas em função desta, expressando esquematicamente as nossas quedas e dores morais, devido ao afastamento do eixo central, da linha reta moral, da Lei Divina, como princípio ordenador do universo, tal qual havia ensinado séculos antes Roustaing. Dois missionários: Roustaing e Kardec, condensando os esforços de todos os demais, no primeiro período, e dois outros: Ubaldi e Chico, simbolizando a dedicação de muitos, do segundo período, anunciando e adentrando ao terceiro.

Aos citarmos os vários cientistas e personagens, na sequência das nossas argumentações, fizemos questão de realçar, entre parênteses, as datas de seus nascimentos e desencarnes. Apesar do inconveniente, isso tinha um propósito que deixamos para o final. Como disse o Codificador, a Ciência e o Espiritismo se completam. Todavia, muitos missionários dos dois grupos, não sabem e nem sonham ainda com essa realidade, principalmente os das fronteiras da ciência, de forma que os Espíritos superiores, que regem os mecanismos de desenvolvimento de nossas vidas, necessitam tudo calcular, para que os dois setores do conhecimento possam avançar de forma sincrônica e conexa. Aqui na Terra, a ciência e a religião, e conseqüentemente o espiritismo, podem ser comparadas a dois rios que correm em paralelo se interconectando por meios diversos, originando-se

em idênticas fontes, sendo formados pelo fluxo da mesma água, fluindo em terrenos análogos e desaguando no mesmo oceano infundo. Infelizmente poucos o percebem, enquanto situados nas limitações da vida física. Do alto, no entanto, tudo se vê e prevê. Analisemos algumas “coincidências”: o ano em que Galileu Galilei falece 1642 é o mesmo ano de nascimento de Isaac Newton. Aos Annus Mirabilis de Newton 1665-1666, somando-se duzentos anos, correspondem aos anos congêneres das conclusões das novas interpretações dos Evangelhos. Pasteur, Mendel e Maxwell também publicam por volta de 1865 vários trabalhos fundamentais em relação as suas descobertas. “O Livro dos Espíritos” é lançado em 1857, um ano antes 1856 nasce Sigmund Freud e um ano após o lançamento, 1858, nasce Max Planck. Praticamente cem anos após 1857, no mesmo dia do lançamento, morre Albert Einstein em 18 de Abril de 1955. Entre 1950 e 1955, Ubaldo estava terminando a primeira parte de sua obra, que vai das “Grandes Mensagens” e à “Grande Síntese” até “Deus e Universo” (1951), a chamada obra italiana. Todo arcabouço teórico estava materializado e seria desenvolvido na chamada segunda obra, ou obra brasileira. Nesse mesmo período o Chico Xavier estava terminado a primeira fase do seu trabalho, que denominamos de período das grandes revelações, onde foram psicografados os principais livros de Emmanuel, André Luiz e Humberto de Campos e logo após em 1959, ocorreria a sua mudança para Uberaba, iniciando o período que cognominamos de período das grandes consolações. Porém, antes do início da segunda fase dos trabalhos de ambos os missionários, ocorreu o histórico encontro entre eles, em 17 de Agosto de 1951. Maxwell desencarna em 1879 o mesmo ano em que nasce Albert Einstein; sete anos após, nasceria Pietro Ubaldo e quatro anos antes Jung. Einstein lança os seus famosos artigos em 1905 e cinco anos após nasce Chico Xavier, em 1910, que irá desencarnar quase cem anos depois, em 2002, encerrando praticamente todos os períodos, tanto científicos como espírita. Poderíamos fazer ainda várias outras correlações, mas as elencadas, são suficientes, para que possamos verificar a assertiva dos comentários de André Luiz: “Nenhuma organização útil se materializa na crosta terrena, sem que seus raios iniciais partam de cima.”³⁰

Em relação à Doutrina Espírita devemos entrar agora, creio eu, em uma nova fase de transição, aguardando os próximos missionários que fecundarão a terceira fase. Nas páginas de “Os Quatro Evangelhos”, encontramos o anúncio do retorno do Espírito João Batista, o Precursor, com nova missão no terreno moral e científico, podendo ser uma das referências, quem sabe, dessa terceira ou de outras fases vindouras:

“Elias-João, o Precursor, ainda reaparecerá no meio de vós. Sua presença assinalará um imenso progresso, tanto no terreno moral, como no da ciência. Sua futura missão consistirá em alargar o círculo das vossas ideias, dos vossos conhecimentos, fortificando em vós o amor universal e a caridade que lhe é conseqüente”.³¹

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- ROUSTAING, Jean Baptiste, Os Quatro Evangelhos, Vol. 1. Rio de Janeiro: FEB: 2008, Prefácio, p.66. (grifos originais)
- 2- KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Araras-SP: IDE, 2006, Introdução, p.10 (grifos originais)
- 3- KARDEC, Allan. A Gênese. Araras - SP: IDE, 2004, cap. I, item 52, p.36
- 4- DAMAS, Jorge. Barros, Stenio. Jean Baptiste Roustaing Apóstolo do Espiritismo. Rio de Janeiro: Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes, 2005, cap. XIX, p.338
- 5- KARDEC, Allan. O LIVRO DOS MÉDIUNS. São Paulo: Petit, 2004, Cap. 16, item 193. (grifos nossos)
- 6- KARDEC, Allan. REVISTA ESPÍRITA. JUNHO DE 1866. São Paulo: Edicel, Notícias Bibliográficas, p. 188.
- 7- KARDEC, Allan. REVISTA ESPÍRITA. JUNHO DE 1866. São Paulo: Edicel, Notícias Bibliográficas, p. 189.
- 8- KARDEC, Allan. OBRAS PÓSTUMAS. Rio de Janeiro: FEB, 2009, p. 456
- 9- KARDEC, Allan. O LIVRO DOS ESPÍRITOS. CANUTO DE ABREU. São Paulo: Companhia Editora Ismael, 1957, perg. 127
- 10- KARDEC, Allan. O LIVRO DOS ESPÍRITOS. Rio de Janeiro: FEB, 1944, perg. 540
- 11- KARDEC, Allan. REVISTA ESPÍRITA. Agosto de 1861. Brasília: Edicel, Fenômenos Psico-Fisiológicos, p.243.
- 12- KARDEC, Allan. O LIVRO DOS MÉDIUNS. São Paulo:- SP: Petit, 2004, cap. 06, cap. 06, item 30, p.100.
- 13- KARDEC, Allan. REVISTA ESPÍRITA. MAIO DE 1865. São Paulo: Edicel, p.128
- 14- KARDEC, Allan. REVISTA ESPÍRITA. MAIO DE 1865. São Paulo: Edicel, observação, p.129
- 15- KARDEC, Allan. REVISTA ESPÍRITA. ABRIL DE 1865. São Paulo: Edicel, p. 95.
- 16- KARDEC, Allan. REVISTA ESPÍRITA. ABRIL DE 1865. São Paulo: Edicel, p.97.
- 17- KARDEC, Allan. OBRAS PÓSTUMAS. Rio de Janeiro: FEB, 2009, p. 349
- 18- A BÍBLIA DE JERUSALEM. EVANGELHO DE LUCAS: 16:31
- 19- KARDEC, Allan. O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO. Araras-SP: IDE, 2006, Introdução, p.17
- 20- KARDEC, Allan. A Gênese. Araras-SP: IDE, 2004, cap. I, item 16
- 21- KAKU, Michio. O Cosmo de Einstein. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, cap.01, p.17
- 22- KARDEC, Allan. OBRAS PÓSTUMAS. Rio de Janeiro: FEB, 2009, p. 488
- 23- HEISENBERG, Werner. A PARTE E O TODO. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, cap.17, p.239
- 24- ROUSTAING, Jean Baptiste, Os Quatro Evangelhos, Vol. 4. Rio de Janeiro: FEB: 2008, cap.III, p.163.
- 25- KARDEC, Allan. O LIVRO DOS ESPÍRITOS. Rio de Janeiro: FEB, 1944,

Introdução, p.13 (grifos originais)

26-KARDEC, Allan. REVISTA ESPÍRITA. Abril de 1861. São Paulo: Edicel, Correspondência, p.134.

27-ROUSTAING, Jean Baptiste, Os Quatro Evangelhos, Vol. 1. Rio de Janeiro: FEB: 2008, Prefácio, p.67.

28- UBALDI, Pietro. O Sistema. Brasília: Editora Monismo, 1984, cap. I, p. 30.

29-XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel. EMMANUEL. Rio de Janeiro: FEB, 1989, 14ª ed., cap. IV, Religião e Religiões, p. 37.

30-XAVIER, Francisco Cândido Xavier. André Luiz. Nosso Lar. Rio de Janeiro: FEB, 2002, 52ª ed., cap. 8, p.51/52.

31- ROUSTAING, Jean Baptiste, Os Quatro Evangelhos, Vol. II. Rio de Janeiro: FEB: 2008 ,Item 149 , p.233.

X - A TEORIA DA QUEDA

Maurício Neiva Crispim

A TEORIA DA QUEDA

Maurício Neiva Crispim

Lisa Randall em seu excelente livro *Batendo À Porta do Céu*, base dos nossos dados, relatos e raciocínios comenta:

“Quando nós, cientistas, dizemos que sabemos algo, queremos dizer apenas que temos certas ideias e teorias cujas previsões foram bem testadas dentro de certa faixa de distância e energias. Essas ideias e teorias não são necessariamente leis eternas nem as leis físicas mais fundamentais. São regras que se aplicam tão bem quanto experimentos podem testá-las, dentro de um alcance de parâmetros disponível com a tecnologia atual. Isso não significa que essas leis jamais serão superadas por outras novas. As leis de Newton são instrumentais e corretas, mas deixam de ser aplicáveis no caso de fenômenos que envolvem velocidades próximas ou iguais à da luz, aos quais as teorias de Einstein são aplicáveis”¹ (grifos originais).

Ideias, insights, modelos, teorias, previsões, leis, fenômenos, distâncias, energias, domínios, informação, experimentação, formam a base estrutural que permite o florescer e o desenvolvimento do pensamento científico, não só nas ciências ditas físicas ou exatas, mas nos mais diversos campos do conhecimento humano. Nenhuma teoria pode ser considerada única, integral e definitiva. O processo é evolutivo, assim como o próprio universo. As contribuições vão se somando no tempo. Nesse esforço incansável e contínuo, inúmeras teorias vão sendo formuladas na tentativa de explicar determinados fenômenos dentro de certos domínios. Hoje se sabe que as famosas leis de Newton, as quais ajudaram o homem a pisar até no solo lunar, funcionam dentro de certas medidas, densidades, velocidades, distâncias e tamanhos. Teoria da Relatividade, Teoria Quântica, Teoria Clássica, Teoria Quântica de Campos, Teoria de Cordas, Teoria Unificada, Teorias exóticas como a Technicolor e até uma Teoria de Tudo são alguns dos postulados contemporâneos à espera de verificação ou já parcialmente consagrados pelos múltiplos setores de pesquisa. Passo a passo o Homem penetra no macrocosmo e no microcosmo. Escalas descomunais como as escalas cósmicas, que hoje já sugerem um universo visível em torno de 100 bilhões de anos-luz de extensão ou mil trilhões de trilhões (10^{27} m), contrapõem-se à denominada Distância de Plank, que atualmente trata-se da menor das escalas: um centésimo de bilionésimo de trilionésimo de trilionésimo do metro

ou 10^{-35} m. Outros domínios do ultraminúsculo, as chamadas escalas quânticas, começam a ser definidas pela investigação científica em termos como: 1 picômetro (10^{-12} m), 1 Femtômetro (10^{-15} m) ou 1 Yoctômetro (10^{-24} m), expressando comprimentos de ondas, raios dos átomos de hidrogênio, de núcleos, de nêutrons os quais atestam um verdadeiro universo delineado em microrregiões, em distâncias minúsculas, sustentando, definindo interações e leis do mundo que observamos e vivemos. Na pequena escala reside o fundamento do que conseguimos perceber em grandes escalas. Entre 10^{27} m e 10^{-35} m situa-se o Homem. Estamos a meio caminho entre escalas incomensuráveis. Para penetrar e conhecer esses novos continentes o homem vai formulando teorias e desenvolvendo tecnologias, ferramentas, novas caravelas, que permitiram e permitem testar, comprovar, afirmar, negar, completar e corrigir ideias, postulados, modelos, teorias. Do fogo, da roda, do átomo de Demócrito, das alavancas e dos pontos de apoio de Arquimedes, com suas leis do empuxo e da reflexão, passando pelos telescópios de Hans Lippershey e Galileu-Galilei, aos microscópicos de Hans Janssen e Antonie Van Leeuwenhoek, às pilhas de Volta, às câmeras de nuvens de Charles Wilson, aos primeiros ciclotrons de Ernest Orlando Lawrence e M. Stanley Livingston, chegamos aos dias de hoje, quando a longa aventura da descoberta escreveu uma das suas mais emocionantes páginas: a construção e operação do Grande Colisor de Hádrons, o LHC (Large Hadron Collider). O LHC situa-se num túnel circular de 26,6 km, entre dois países europeus, França e Suíça. É de longe a maior máquina construída pelo homem. Possui determinadas particularidades que impressionam: a capacidade de gerar campos magnéticos com a intensidade de 8,4 T (Tesla) comparativamente, o que significa um campo 100 mil vezes mais forte que o do nosso planeta, e de produzir um vácuo dentro dos tubos onde estão presentes os feixes de prótons, de dez trilionésimos de uma atmosfera. O LHC atua a temperaturas incrivelmente baixas da ordem de 1,9 grau Kelvin ($271,3^{\circ}\text{C}$ abaixo de zero). É projetado para estudar estruturas num espectro de tamanho 100 mil trilhões de vezes menor que um centímetro e teve um custo estimado em torno de 4,1 bilhões de dólares. No dia histórico de 4 de julho de 2012, foi dado graças à sua existência, o célebre anúncio da descoberta da partícula de Higgs, a midiática partícula de Deus, como folcloricamente a imprensa mundial a denominou. A sua busca experimental teve início em 1975, com base em teorias que vieram à lume por volta dos anos sessenta, em que não só Peter Higgs era a referência, mas outros eminentes cientistas como Robert Brout, François Englert, Tom Kibble, Gerald Guralnik e Carl Ha-

gen. Em 2013, após análises exaustivas, veio a confirmação da real descoberta do Bóson de Higgs, que provavelmente expressando uma espécie de Quinta Força da natureza, medeia a interação que materializa as massas conhecidas das partículas elementares. Uma das peças fundamentais do Modelo Padrão fora descoberta e com ela, a possível existência do “Mecanismo de Higgs” e do “Campo de Higgs” onde nos encontramos imersos. Grosso modo, quanto maior a interação da partícula com esse campo, maior a massa, e quanto menor a interação, menor a massa. O Bóson de Higgs origina-se a partir do campo de Higgs e é a partícula associada a essa interação, assim como os bósons de calibre W e Z são responsáveis pela interação da força fraca, o Fóton pela interação da força eletromagnética, os Glúons pela força forte e o hipotético Gráviton pela força da gravidade. Postula-se que os Bósons de Higgs sejam produzidos pelas colisões entre os glúons. Em 8 de outubro de 2013 Peter Higgs e François Englert foram agraciados com o prêmio Nobel.

O LHC é uma construção do CERN, uma organização de pesquisa internacional com sede em Genebra, onde milhares de engenheiros, técnicos, alunos, pesquisadores, doutorandos, pós-doutorandos, pessoal administrativo etc., de vários países do mundo, atuam em colaboração mútua. O CERN e um dos seus filhos, o LHC, podem ser vistos como a pedra angular dessa longa caminhada, desse longo processo de evolução científica, um dos maiores ou senão o maior experimento, não só da área de física de partícula, já projetado e em operação, desde 2008. O CERN possui uma Divisão de Teoria que ajuda a nortear os esforços dos físicos experimentais. A Teoria e a experimentação, os domínios, as distâncias, as escalas e a energia, como temos procurado ressaltar, são alguns dos fundamentos primordiais desse dilatado desenvolvimento. Por que a energia? Porque assim como as escalas cósmicas e quânticas limitam os horizontes da pesquisa científica, a energia é outro obstáculo a ser vencido. Devido à relação ou equivalência entre massa e energia dada pelas equações da Relatividade, a massa de uma partícula, por exemplo, o elétron, pode ser expressa em elétron-Volt (KeV – kilo-elétron-volt). O valor da massa de uma partícula pode nos dizer quanta energia ela possui em repouso. Se quisermos conhecer o interior da matéria, isso equivale a penetrar nos domínios da energia. Quanto menor a distância ou “tamanho”, maior a energia necessária para estudá-la. Objetos como átomos, núcleos, partículas, subpartículas, campos, não são passíveis de serem visualizados diretamente originando representações efetivas, como rotineiramente nos habituamos no nosso macro mundo. O que podemos buscar são suas “marcas”, indícios, provas

indiretas de sua existência, “presença” e “comportamento” que geralmente, devido às suas particularidades, contrariam sensivelmente o nosso senso comum. Com base em princípios e leis cientificamente solidificadas, e a partir de uma cadeia de deduções lógicas, os dados experimentais, após extensos debates, permitem uma conclusão e autorizam o anúncio de uma descoberta. O LHC acelera feixes, formados de 100 bilhões de prótons (hádrons) obtidos a partir do hidrogênio, colimados em pequenos pacotes, empregando para esse fim inúmeros campos elétricos, ondas de rádio e campos magnéticos (somente ímãs supercondutores são mais de mil e duzentos). Em um segundo, os feixes chegam a dar 11 mil voltas em sua trajetória circular. Em média os prótons acelerados chegam a viajar a 99,9999994% da velocidade da luz. Cada parte da energia dos prótons acelerados é transformada em massa e quando ocorrem as colisões de feixe contra feixe, 100 bilhões de prótons frente a 100 bilhões de prótons, numa região mínima, diminuta, a energia liberada pode criar novas partículas e revelar aspectos importantes da matéria, dos campos e das forças a ela associadas. Quanto maior for a energia disponível no acelerador, partículas cada vez mais pesadas poderão ser produzidas. Estima-se que ocorra 1 bilhão de colisões por segundo e essas colisões permitem explorar dimensões, escalas em tamanhos impensáveis, da ordem de um décimo de milésimo de trilionésimo de um milímetro. Apesar desse número expressivo de colisões, apenas uma pequena parte é capaz de gerar estudos que permitam novas descobertas. A cada 10 bilhões de colisões, por exemplo, em média somente um bóson de Higgs é produzido. O LHC vem acelerando prótons em recordes sucessivos de energia, de 4 TeV (terá-elétron-volt ou 4×10^{12} elétron-volt) em 2012, a possíveis 8 TeV ou prováveis 14 TeV na sequência dos seus trabalhos ou experimentos. Uma das esperanças é que ele venha elucidar a natureza da chamada matéria escura, matéria que parece não emitir ou absorver a luz, uma espécie de matéria transparente e que ficou conhecida graças às suas discretas interações e à sua influência gravitacional. Outra possibilidade é que ele possa vir a contribuir no esclarecimento das razões da existência da assimetria entre matéria e antimatéria encontrada no nosso universo. Só para ter uma ideia do avanço que o LHC representa, os primeiros ciclotrons aceleravam prótons a uma energia de 80 mil eV. E isso ainda é quase nada diante dos processos que ocorrem nas dimensões cósmicas. Raios cósmicos de altíssima energia já foram registrados em eventos que ultrapassam de longe os terá-elétrons-volt do LHC, eventos que podem ir de 1.000 TeV até impensáveis 10.000.000 TeV e muito além. Por falar em universo, as nossas

surpresas não diminuem se voltarmos o nosso olhar para as macrodimensões. Estima-se que existam cerca de 100 bilhões de estrelas só na nossa galáxia e prováveis 100 bilhões de Galáxias no universo. O seu tamanho seria 1 bilhão de vezes maior que a nossa Via Láctea. Tudo isso teria tido origem a partir de um “átomo primordial” segundo Georges-Henri Édouard Lemaître, físico belga, considerado o pai da principal teoria cosmológica que ficou conhecida como BIG BANG. Postula-se que a partir de uma partícula menor do que um próton a cerca de 13,75 bilhões de anos atrás, a energia, a matéria, o espaço e o tempo tenham nascido. Não numa imagem, que poderíamos formar de algo diminuto amplificando-se a partir de um espaço pré-existente, mas o próprio espaço e todo o universo nasceram dessa mínima semente que vem se expandindo, crescendo, diluindo, concentrando, configurando, através de diferentes modos, como as flutuações quânticas e as forças gravitacionais, todas as suas matrizes, até se constituir no que hoje passamos a conhecer. Dessas pequenas dimensões iniciais, provavelmente por meio de um processo denominado inflacionário, o universo tenha sofrido uma expansão exponencial, dobrando progressivamente em trilhões de trilhões de vezes o seu tamanho, e isso num tempo que podemos considerar ínfimo. Mesmo ao término do período inflacionário, o universo não cessou a sua expansão e no atual momento ele continua a se expandir numa taxa de mais ou menos 22 km por segundo para uma galáxia situada a 1 milhão de anos-luz de distância. Na busca incessante de compreendê-lo, o homem vai formando pouco a pouco um retrato cada vez mais exato de seus mais diversos aspectos. Hoje, a ciência busca decifrar o que ocorreu nos três primeiros minutos de existência do universo, e muitos estudos já estão nos levando a frações de segundos. Calcula-se que o universo observável tenha um diâmetro em torno de 82 bilhões a 100 bilhões de anos-luz. Uma fonte de luz situada a 41 bilhões ou a 50 bilhões de anos-luz estaria irremediavelmente fora do nosso horizonte cósmico. A ciência nada sabe, ou pouco diz, do que existe ou possa existir além do universo visível ou mesmo além do nosso próprio universo. Seria Universo ou Multiverso? Caso seja Multiverso presume-se dentro de uma concepção de um multiverso máximo, que poderia existir em torno de 10^{500} universos, universos iguais, semelhantes ou completamente diferentes do nosso, com diferentes propriedades, diferentes leis, energia, matéria, força etc. O universo seria apenas um dos elementos desse gigantesco conjunto, “uma pequena bolha flutuando” num oceano indescritível desses outros universos. Universos paralelos, isolados, distantes, próximos, fundidos, interligados por “pontes” ou multi-

plamente conectados. Mesmo não indo tão distante, se voltarmos o olhar novamente para o nosso universo, ainda poderíamos perguntar: o nosso universo possui apenas as três dimensões espaciais conhecidas mais a dimensão temporal ou existiria espaço além do próprio espaço? Haveria somente as dimensões já reconhecidas ou várias outras? Pequenas dimensões menores que um átomo ou nas dimensões do comprimento de Planck (100 bilhões de bilhões de vezes menor que um próton), ocultas, encurvadas, retorcidas, devido à geometria do espaço-tempo ou grandes dimensões expandidas? As partículas do Modelo Padrão ou mesmo as que poderão ser descobertas seriam viajantes interdimensionais? As leis, partículas, forças que conhecemos no nosso mundo poderiam ser manifestações tridimensionais de princípios oriundos de dimensões extras? Essas questões não fogem à atual pauta científica, seja como ideias, hipóteses, pressupostos, modelos, ou mesmo como teoria. Especulações sérias a esse respeito já são, por assim dizer, seculares e teorias, como a teoria de cordas que possui quase uma dezena de variações teóricas e sugere a existência de uma, cinco, seis, sete, onze e em alguns modelos até mais dimensões extras. Inúmeros cenários surgem do desenvolvimento matemático dessa teoria, cenários que postulam, além dessas dimensões, até a existência de objetos como as “Branas” (palavra derivada de membrana). Objetos com superfície com menos dimensões num espaço de dimensões maior, numa configuração espacial semelhante a fatias de um pão de forma e que poderiam além de aprisionar partículas e forças, impedindo o seu deslocar para o espaço multidimensional, ser também verdadeiros mundos onde o nosso universo seria apenas um deles. Mundos-Branas, que em processos cíclicos de movimentação, atração, colisão, poderiam ser pressupostamente um dos geradores dos múltiplos universos anteriormente mencionados. O hiperespaço multidimensional ganharia assim o status de princípio unificador das forças da natureza e tudo do que somos formados e que nos rodeia em suas diferentes formas e complexidade, seriam apenas diferentes vibrações desse mesmo hiperespaço. Segundo vários pesquisadores, as leis da natureza se simplificam e parecem ficar mais precisas quando abordadas a partir de um ambiente multidimensional. Vibração, movimento e vazio talvez sejam a síntese de tudo que procuramos descobrir. A própria teoria de cordas presume que as partículas correspondem a diferentes vibrações de uma mesma corda, à semelhança das notas de um instrumento musical. A física quântica nos diz que qualquer partícula tem a probabilidade, mesmo que pequena, de ser encontrada em alguma região do universo. O espaço e o tempo que já havia

sido, por assim dizer, redescoberto por Einstein, configurando uma espécie de malha espaço-temporal, ganhando participação dinâmica e fundamentando novas formas de ver e descrever as forças da natureza como a gravidade, poderia agora ser também o pilar de teorias abrangentes gerando novas revoluções conceituais? O problema atual é como “provar” ou “investigar” essas dimensões para que as teorias tão promissoras venham a ser confirmadas e se tornem efetivas. Como suplantando o abismo entre teoria, investigação, comprovação e realidade? Como não ser apenas uma simples abstração teórica? Uma das mais importantes premissas do atual método científico é que a investigação, a evidência, o teste, o experimento, a comprovação, a lógica são, no seu conjunto, o supremo tribunal da própria ciência. O velho apanágio “o que não pode ser visto e medido diretamente no laboratório não existe” apesar das inúmeras mudanças, continua ainda subliminarmente bem vivo. O empirismo ainda é o reino experiencial, sensorial. A realização de uma série de experimentos controlados em laboratório e suas acuradas descrições são o centro vital da ciência. Mas os teóricos que desenvolvem concepções a respeito do universo ou aqueles que investigam os meandros da física quântica encontram-se, muitos deles, diante de um grande dilema, que no momento parece insolúvel: suas construções teóricas dentro dos parâmetros atuais e frente às limitações tecnológicas parecem não possibilitar a desejada e tão esperada investigação com o seu poder intrínseco de confirmar ou refutar, integralmente ou em partes, as suas teorias. Alguns princípios não oferecem nem sequer a possibilidade de serem testados. As próprias estruturas previstas pela teoria de cordas para serem “visualizadas” necessitariam de experimentos em escalas de energia de 10 milhões de bilhões de vezes maior do que tudo que possamos hoje disponibilizar em nossos laboratórios e ferramentas de pesquisas. A energia necessária para verificar a possível existência das dimensões extras, se diminutas forem, é da ordem de 10^{19} bilhões de elétrons-volt. Pode ser que novos métodos surjam ou que determinadas descobertas venham a partir de indícios indiretos, ainda não detectados. Mas pode ser também que tenhamos chegado à fronteira limítrofe desses métodos, definições e convicções vigentes. Talvez o momento de uma nova revolução tenha chegado, a construção de uma nova ordem, levando-nos a romper o tecido imperceptível, a malha densa dos nossos mais firmes pressupostos e crenças. E para que possamos medrar essa malha é necessário coragem, para ir além da ortodoxia, ir além do prestígio, do status quo, das premissas basilares do materialismo, não se contentando com mais do mesmo, mas abrindo novas fronteiras do conheci-

mento sem achar que somente assim a ciência deve caminhar, assim, secularmente, deve ser e continuar e que a realidade pode esperar a comprovação oportuna. E não falo tão somente das iniciativas referentes à pesquisa da matéria, energia e do próprio universo, que mesmo aí parecem ter atingido uma equação teórica que as separa das possíveis sondagens investigativas. E nem postulo a volta aos métodos Aristotélicos pura e simplesmente. Falo igualmente do próprio Homem. A velha pergunta de Jó²: “*Que é o homem, para que façam caso dele?*” ressoa pelos séculos, à espera não só de respostas enunciadas pela filosofia e religião, mas pela própria ciência. Uma resposta de síntese. É indubitável a gigantesca contribuição da ciência para o conhecimento e aprimoramento de todos nós, incluindo a revolução na nossa forma de pensar. Mas o que foi conquistado até os dias de hoje é extremamente insuficiente e superficial em relação às nossas próprias necessidades fundamentais. Velhas e inquietantes perguntas continuam de pé. Inúmeros cientistas, puristas e defensores do legado científico dizem que estas questões não fazem parte e não devem integrar as inquições e postulados científicos. O que é transcendental é místico e não científico. Proíbem perguntas e refutam intentos que tentam ligar descrições da realidade a pensamentos mais abrangentes, considerando-os por demais abstratos. A tentativa de ir além das nossas experiências imediatas é um contra-senso. À semelhança dos velhos personagens mitológicos, se posicionam diante dos portais do conhecimento com suas espadas irônicas, definindo o que é ou não é ciência. Pretendem ser a medida, o fiel da balança de todos os valores científicos. Tentam vedar o sol com tapumes de impossibilidades, críticas, desvalorizações e negações. Comportam-se como os seus irmãos gêmeos, os antigos sacerdotes e inquisidores, os quais vão desaparecendo na poeira do tempo e que quiseram ou ainda tentam amordaçar a marcha do pensamento humano, definindo pelas letras de suas circuncritas interpretações o que estava ou está de acordo com seus axiomas religiosos. Proposições essas enunciadas por muitos dos gigantes da alma que auxiliaram o homem a vislumbrar a sua própria infinitude, mas que foram tolhidos e agrilhoados em dogmas acanhados, transformados em réguas de medida para que como fiscais do conhecimento, cristalizadores do fluxo incessante da verdade, lograssem ou ainda tentem lograr a consolidação dos seus escusos intentos. Para incluir a consciência nas cogitações científicas, não como um mecanismo material ou uma tábua rasa de estímulos químicos limitada pela fronteira cerebral e corporal, mas como um campo vasto que transcenda o próprio cérebro e a própria matéria, sugestão essa, cujo pre-

núncio parece indicar inúmeras e vastas pesquisas, também desenvolvidas por centenas de pesquisadores, quase à margem das corporações científicas, na mesma época em que a ciência oficial apenas se enamorava pela matéria e pela energia. Necessitaremos, dentre várias mudanças, alterar os fundamentos básicos do método científico e da própria ciência. Logicamente que não significa desprezar o que temos e que já é bastante confiável, mas ampliar numa espécie de uma formulação de segunda ordem o próprio método científico. A Teoria da Relatividade, como já vimos, não descartou as chamadas leis de Newton e, por assim dizer, uma dessas formulações de segunda ordem e das próprias equações da Relatividade podem-se derivar as equações Newtonianas. Hoje, as leis newtonianas são uma regular aproximação para descrever os grandes objetos do mundo a nossa volta. Para que seja possível a unificação da Relatividade e da Física Quântica, talvez o mesmo deva ser realizado surgindo daí uma teoria mais vasta, que derivada, revele as leis das duas teorias. Essa possibilidade poderá ser alcançada, quem sabe, no universo variado da teoria de cordas. As teorias novas que vão sendo confirmadas não tornam obsoleto o passado, ao contrário, vão somando, adaptando, ampliando e com o passar do tempo certificam-se que o que fora descoberto fazia parte de um certo domínio, que o presente integra numa área múltipla. E se um novo método científico fosse elaborado em uma ordem bem superior de grandeza que propiciasse a verificação e confirmação desses amplos reinos de novas partículas, energias, forças, universos já anunciados por vários pesquisadores e que além de tudo referenda-se à pesquisa da consciência e sua transcendência? Matéria, Energia, Espírito pesquisados em pé de igualdade, sem limitações preconceituais e com parâmetros reais de confirmação científica. Método de uma ampla ordem que derivado e com algumas adaptações pudesse reproduzir o tímido método atual. Se pesquisando a matéria o cientista já foi tão longe, se explorarmos a consciência e as suas consequentes implicações de origem, de interações morais, éticas, a que as especulações, teorias e modelos poderão nos levar? Alguns já intentam esse gigantesco desafio, tateando sombras em busca de soluções, batalhando aqui e ali nas trincheiras do pensamento e da ciência, nos terrenos da epistemologia, nos horizontes de uma nova lógica e filosofia da ciência. Para construir esse novo mundo fazem-se necessárias bases firmes e princípios sólidos. Pietro de Alleori Ubaldi (1886-1972), que numa obra extensa de mais de dez mil páginas legou-nos não só o grandioso monumento da TEORIA DA QUEDA, sintetizando racionalmente todos os escritos referentes a esse postulado desde os mitológicos e simbólicos até

aos conceitos filosóficos e religiosos, buscando dar-lhes consti-
tuição científica, deixou-nos também princípios valorosos que
podem perfeitamente encaminhar o nascimento e crescimento
dessa nova ciência e método:

“Vosso sistema de pesquisa objetiva, à base da obser-
vação e experiência, não vos pode levar além de certos
resultados. Cada meio pode fornecer certo rendimento e
nada mais, e a razão é um meio. A análise não poderia
chegar à grande síntese, grande aspiração que ferve no
fundo de todas as almas, senão por meio de um tempo
infinito, de que não dispondes. Vossa ciência arrisca-se a
não concluir jamais, e o “ignorabimus” quer dizer falência.
A tarefa da ciência não pode ser apenas a de multiplicar
vossas comodidades. Não estranguleis, não sufoqueis a
luz de vosso espírito, única alegria e centelha da vida, até
ao ponto de tornar a ciência, que nasce do vosso intelecto,
uma fábrica de comodidades. Esta é prostituição do espíri-
to, é vergonhosa venda de vós mesmos à matéria.

A ciência pela ciência não tem valor, vale apenas como
meio de ascensão da vida. Vossa ciência tem um pecado
original: dirigir-se apenas à conquista do bem-estar mate-
rial. A verdadeira ciência deve ter como finalidade tornar
melhores os homens. Eis a nova estrada que precisa ser
palmilhada”³ (grifos originais).

E um pouco mais a frente, no mesmo livro:

“O estudo das ciências psíquicas é o mais importante
que podeis hoje fazer. O novo instrumento de pesquisa que
deveis desenvolver e se está desenvolvendo, naturalmen-
te, é a consciência latente. Já olhastes bastante para fora
de vós. Agora resolvi o problema de vós mesmos e tereis
resolvido todos os outros problemas. Habituai aos poucos
vosso pensamento a seguir esta nova ordem de ideias. Se
souberdes transferir o centro de vossa personalidade para
essas camadas profundas, sentireis revelar-se em vós no-
vos sentidos, uma percepção anímica, uma faculdade de
visão direta; esta é a intuição da qual vos falei. Purificai-
vos moralmente e refinai a sensibilidade do instrumento
de pesquisa que sois vós, e só então podereis ver”.⁴

1. TEORIA, MODELOS E ESPECULAÇÕES

“A cosmologia hoje está finalmente chegando à maio-
ridade, saindo das sombras da ciência depois de passar
anos desfalecendo num atoleiro de especulações e conje-
cturas delirantes. Historicamente, os cosmólogos padecem
com uma reputação ligeiramente desagradável. A paixão

com que propuseram teorias grandiosas do universo só se equipara à espantosa pobreza de seus dados. Como o prêmio Nobel Lev Landau gostava de brincar, “os cosmólogos frequentemente erram, porém jamais estão em dúvida”. As ciências têm um velho ditado: “Existe a especulação, depois mais especulação, e aí vem a cosmologia.”⁵

O texto de Michio Kaku reflete bem a dificuldade dos núcleos de pesquisas quando os temas de investigação vão se tornando complexos e extensos. A cosmologia no início do século XX se limitava a um universo que era menor do que a nossa galáxia e o seu tempo de vida então calculado gerava conflitos com a própria idade do nosso planeta, até que no horizonte da ciência surgiu o genial Albert Einstein, e a partir dele e de várias outras nobres contribuições uma nova cosmologia veio à lume ampliando o cenário então existente, elevando a cosmologia a um novo patamar científico. As antigas e conflitantes especulações foram se estruturando em dados cada vez mais sólidos, corroborando modelos e teorias até atingir o patamar atual. O desenvolvimento do tecnológico foi vital para essa conquista. Das antigas lunetas, telescópios, radiotelescópios, surgiu o Hubble, um telescópio espacial lançado pela NASA nos anos noventa e que ajudou sensivelmente nesta transformação. O Hubble ajudou a suplantar antigos problemas, assim como aprimorou e refinou inúmeros dados, além de gerar novos e empolgantes conflitos. Entre os vários experimentos propiciados por suas possibilidades de estudos, a observação de supernovas distantes evidenciou a suspeita preexistente que o universo estaria se expandindo numa taxa maior do que até então era prevista. Esta descoberta aliada a dados oriundos de outros satélites de observação como o COBE (Satélite Explorador do Fundo Cósmico), WMAP (Sonda Anisotrópica de Microondas Wilkinson) e pelo recente observatório espacial Planck, ajudaram a definir um mapa seguro das radiações de micro-ondas (RFM – Radiação de Fundo de Micro-ondas) existentes no universo e uniformemente distribuídas no cosmo desde os primórdios do BIG BANG, uma densidade relíquia e anteriormente descoberta por Arno Penzias e Robert Wilson. Além disso, possibilitou a ampliação de perspectivas igualmente já expressas além da matéria “conhecida” e catalogada na tabela periódica, a possível existência da Matéria Escura e da Energia Escura. A matéria escura, também denominada não bariônica (bárion é um tipo de hádron – prótons, nêutrons) é uma matéria exótica, invisível, desconhecida, de baixa interação e abundantemente existente no universo numa taxa de 26,8% em relação aos outros componentes. A matéria ba-

riônica é hoje responsável por meros 4,9% do universo e desta pequena percentagem somente 0,5% é observável. Do restante da composição universal, 68,3% é de Energia Escura, a energia do “nada” ou do espaço vazio do qual nada sabemos. Pode ser que ela seja responsável pela expansão do universo. Destacamos esses dados para voltarmos ao assunto de nossas certezas e descobertas. A sólida visão do passado recente de que o universo era formado na sua totalidade dos componentes atômicos distribuídos na tabela periódica, hoje representa meros 4,9%, dos quais conhecemos algo apenas de 0,5%. Na verdade, a descoberta anterior era somente uma descoberta de primeira ordem de um oceano imenso e insuspeito. Agora aparece uma segunda ordem de descoberta que inclui a anterior e avança. A incerteza e a incompletude é uma realidade que nos cerca. Especulações, modelos, teorias e mesmo sólidas comprovações sempre oportunizam ângulos para novas descobertas. De diminutas frestas podem nascer observações surpreendentes. Por essa razão, é que nenhuma teoria pode ser a expressão absoluta da verdade e nenhum modelo e suas conseqüentes sondagens, o arbítrio final. Teoria segundo o dicionário eletrônico Aurélio de Língua Portuguesa é: “Conhecimento especulativo, ideal, independente das aplicações. Conjunto de regras, de leis sistematicamente organizadas, que servem de base a uma ciência e dão explicação a um grande número de fatos. Conjunto sistematizado de opiniões, de ideias sobre determinado assunto.” Cientificamente o termo ganha novos contornos como fundamentação, aceitabilidade, aplicabilidade, especificidade e a capacidade de prever determinados fatos a partir de observações acuradas. Quanto mais ampla for uma teoria, maior será o número de variáveis que poderá explicar. Das teorias derivam modelos que são, por assim dizer, a sua essência e oportunizam a verificação das previsões teóricas por elas indicadas, além de também a fazerem avançar. Voltando a Lisa Randall aprendemos:

“Tenha em mente que uma “teoria” é diferente de um “modelo.” A palavra “teoria” não significa especulação grosseira, como ocorre com seu uso coloquial. As partículas e as leis físicas conhecidas a que elas obedecem são componentes de uma teoria – um conjunto definido de elementos e princípios com regras e equações para prever como os elementos interagem.

Mas mesmo que compreendamos inteiramente uma teoria e suas implicações, essa teoria pode ser implementada de muitas maneiras diferentes, que terão diferentes conseqüências físicas no mundo real. Modelos são uma forma de experimentar essas possibilidades. Combinamos

princípios e elementos físicos conhecidos em descrições candidatas à realidade.⁶

Especulação, não grosseira, é um conjunto definido de elementos, princípios, regras, aliadas a ideias e opiniões originais, buscando dar explicação para um grande número de fatos e variáveis que vão da matéria ao Espírito, da personalidade à consciência, do Homem a Deus, do nosso regime de lutas atuais ao amor espontâneo e recíproco, do tempo à eternidade, do nosso planeta ao universo, do átomo ao metaverso, do incomensurável ao infinito, da dualidade ao retorno à unidade, do politeísmo e monoteísmo ao monismo, da interação com outras teorias como a da evolução e reencarnatória às causas e origens primevas, da imortalidade e transcendência da consciência às dimensões que ultrapassam o espaço-tempo, da dor à felicidade, da teoria da relatividade e quântica à evolução das forças dinâmicas, um amplo espectro, uma visão dos últimos problemas, tudo construído num patamar racional criterioso, a partir das conquistas do puro pensamento articuladas pela intuição como forma de sondagem científica, com poucos, mas expressivos conteúdos matemáticos e que oferecem oportunidades para a construção de inúmeros modelos e de roteiros para pesquisas e averiguações futuras. Assim é a Teoria da Queda, trabalho de toda uma vida, esforço gigantesco de um homem em busca de oferecer uma síntese real do conhecimento promovendo a ciência da filosofia, a filosofia da religião e a religião da ciência. Uma obra à espera de uma geração futura para a sua compreensão, apresentada como hipótese e oferecida a todos sem laivos de qualquer imposição:

“Além disso, aqui sempre proclamamos o máximo respeito por todas as doutrinas; e se as teorias foram expostas como verdade, nem por isso pretendemos impô-las a quem não as queira admitir: foram apresentadas como hipóteses. Tudo foi simplesmente oferecido para que cada um fosse buscar aí conforme o seu desejo, se lhe fosse útil”.⁷

Uma teoria, uma hipótese edificada nas pequenas frestas, nos diminutos pontos, nos “quanta” teóricos e práticos que devido a incerteza e incompletude de todos os sistemas oferecem a oportunidade do sempre novo. Uma tentativa, mesmo que muitas vezes antropomórfica, distorcida, incompleta, devido a dimensões visualizadas e a insuficiência da linguagem, de nos levar ao último termo:

“Cada novo horizonte, que a razão e a ciência vos mostraram, era apenas uma janela aberta para um horizonte

ainda mais longínquo, sem jamais atingir o fim; Eu, porém, indicar-vos-ei o último termo, que está no fundo de vós mesmos, onde a alma repousa. Subiremos das ramificações dos últimos efeitos, progredindo da periferia para o centro, ao tronco da Causa Primeira, que se multiplicou nesses efeitos”.⁸

Poderia se questionar a denominação de teoria física ou mesmo científica, por não se apresentar na tradicional e integral linguagem matemática e de não oferecer variáveis ou de não fazer previsões passíveis de serem averiguadas dentre outras refutações. A linguagem matemática de uma teoria e a sua tradução em experimentos é essencial para a descrição da natureza da realidade. Este tipo de questionamento nasce das acanhadas estruturas prevalentes do método científico atual, não concebido ou preparado para as questões derivadas de observações sutis ou abrangentes. Não que a matemática deva ser desprezada, mas quem sabe ampliada, por novas deduções, à semelhança dos avanços gerados pelo conceito de número imaginário. Uma matemática que possibilitasse as teorizações e experimentações de componentes cada vez maiores, abundantes, oferecendo condições para descrições de realidades tênues, num conjunto cada vez maior de possibilidades, além da finitude de nossas concepções. Argumentar-se-ia que a tentativa de sistematização tão extensa, extravagante, o excesso de “bagagem”, poderia vir a contrariar as deduções lógicas do princípio a “navalha de Occam”. Verdadeiramente isso ocorreria devido ao número de premissas e entidades envolvidas, mas se mantidas fossem a simplicidade, a sobriedade, a temperança, a precisão, a totalidade, a unidade e as causas iniciais, poder-se-ia ganhar uma teoria confiável, consistente e que não seria facilmente desprezada ou condenada superficialmente. Ubaldi teve o cuidado de apresentar um pensamento abrangente, simples, numa linguagem de fácil acesso, inteligível por todos, sem uma estrita preocupação acadêmica, da mesma forma que fizeram e costumeiramente fazem renomados cientistas quando buscam divulgar para o público em geral suas descobertas ou os trabalhos e teorias em desenvolvimento no meio científico. Princípios científicos fundamentais que mudaram completamente o arcabouço da física clássica, como o princípio de equivalência de Einstein, o princípio da correspondência de Niels Bohr, o princípio de exclusão de Wolfgang Pauli, o princípio da incerteza de Heisenberg e muitos outros, podem ser definidos e compreendidos, apesar de sua complexidade e profundidade, a partir de uma linguagem coloquial, sem deixar por isso de serem científicos. A construção matemática, apesar de

sua importância, não é a única via possível. Podemos expressar verdades condizentes com a observação de fenômenos sem utilizarmos a formulação numérica ou simbólica. A essência de um modelo, teoria ou princípio pode sempre ser expressa de modo simples. O próprio Einstein desenvolveu imagens físicas concisas e de extrema simplicidade para apresentar e desenvolver as suas teorias. O extraordinário trabalho do professor Ubaldi pode ser caracterizado como a apresentação e desenvolvimento do PRINCÍPIO DA QUEDA, princípio esse que unifica as descobertas e teorias passadas e muitas das vertentes empoeiradas pelo tempo dando uma dimensão inusitada e um sentido completamente inovador às especulações, teorias e modelos atuais, não só na área da física, da cosmologia, mas em inúmeras outras como a lógica, a biologia, a medicina, a sociologia, a teologia, a filosofia, a arte, a literatura etc.. Unificação e consenso são sonhos e tentativas, já há algumas décadas, de várias áreas do conhecimento. Na medicina, por exemplo, os consensos têm sido extremamente úteis no direcionamento da prática médica diária. O Modelo Padrão da física é um consenso que busca ordenar o “zoológico” de variadas partículas que vão sendo previstas e descobertas. A própria cosmologia tem também um modelo padrão, o Modelo Padrão da Cosmologia. Esses esforços visam dentre outros fatores, gerar hipóteses de trabalhos consensuais, uma espécie de norte coletivo, facilitando o evoluir científico. Pietro Ubaldi, um teórico da totalidade e unidade, de vivência e superações interiores, apresenta o envolvente princípio da queda numa base de um consenso racional, um modelo padrão de análise que não foge às inquições, controvérsias, impugnações, réplicas, crenças e fundamentações, pelo contrário, ele as enfrenta, discute e por diferentes ângulos mostra a sua impropriedade ou o seu valor. É comum encontrarmos em suas obras negações provocadas por ele diante da própria teoria que desenvolve. Isso para não excluir nenhum ponto de vista a priori, mas respeitando e acatando cada forma mental com suas idiossincrasias, elevar e demonstrar a todos que somos, em síntese, seres transitórios migrando do estreito ao eterno ou em palavras de sua própria inspiração:

“Ao mundo, indico a via do espírito, a única via das ascensões humanas na arte, na literatura, na ciência. Abri-vos esta porta para o infinito, que a razão e a ciência haviam fechado”.⁹

2. QUAIS SÃO AS FRONTEIRAS OU LIMITES

“O princípio da incerteza estabelece que, qualquer que seja o equipamento em uso, ou a tecnologia empregada, se você aumentar a resolução de sua medição de um determinado fator, haverá um custo inevitável: você estará reduzindo necessariamente a precisão com que pode medir um fator complementar. Como exemplo principal, o princípio da incerteza mostra que quanto maior for a precisão com que você medir a posição de um objeto, menor será a precisão com que pode medir a sua velocidade, e vice-versa”.¹⁰ - Brian Greene

Nunca poderemos conhecer simultaneamente a posição e velocidade de uma partícula subatômica, como por exemplo, um elétron. Tudo que poderemos saber é a probabilidade de encontrá-la em uma determinada região do espaço-tempo. E isso não se deve a limitações das tecnologias existentes, mas a aspectos intrínsecos da nossa própria realidade. As observações de vários experimentos no nível microscópico estabeleceram que a natureza tem um comportamento probabilístico. O antigo desejo de definir tudo com certeza linear, hoje se transformou em uma correção probabilística. Os antigos parâmetros absolutistas cederam espaço para os variados graus de probabilidade. Isso não quer dizer abrir mão da correção ou permanecer na aleatoriedade, mas que a incerteza em qualquer campo de investigação, em maior ou menor grau, sempre estará presente. Parece-nos que a medição e a incerteza são em si mesmos aspectos complementares. A descoberta dessa nova lei da natureza, segundo Werner Heisenberg, pai do princípio, não se refere a uma questão instrumental que a evolução tecnológica resolverá mais cedo ou mais tarde, mas à própria especificidade da estrutura da matéria e seus campos análogos. Os sistemas microscópicos têm um comportamento probabilístico. A aleatoriedade é um fundamento da natureza. O universo parece ser estruturado em um tecido de probabilidades. As partículas como o universo não tem apenas uma única e possível história, mas todas as histórias possíveis, cada uma com a sua probabilidade. Essas constatações desmancharam de uma vez por todas a antiga visão do determinismo científico que sonhava com histórias únicas e o ideal de tudo prever com precisão e acurácia absoluta. Para que o antigo objetivo fosse hoje alcançado, nos moldes anteriormente definidos da denominada física clássica, o instrumental de pesquisa ao investigar dois fatores tais como a posição e o momento de uma partícula, intentando alcançar a precisão perfeita na medição de ambos, ao mesmo tempo, necessitaria de uma energia

infinita, logicamente não disponível, para atingir o seu desígnio. Por princípio não existe a possibilidade de solução perfeita. A validade de teorias e investigações, de ideias, argumentos, modelos, restringe-se hoje a certos domínios. A incerteza íntima e permanente, apesar da regularidade e padrões encontrados em variados fenômenos, deixou bem distante o desejo de definições ilimitadas e isso não é tudo. Anteriormente, já ressaltamos as dificuldades teóricas, a abrangência de certas teorias e a impossibilidade, atual e mesmo futura, de sua investigação e comprovação, sem contar as questões das escalas, das limitações da energia nos processos de sondagem, das questões tecnológicas, mas as limitações também se infiltram no âmago da própria teoria, na sua formulação matemática, na natureza da verdade, do conhecimento e das ditas certezas. As asserções matemáticas, em processo de descrições subjetivas, também sofrem restrições e a certeza de sua infalibilidade, perdeu a sua constância. O lógico austríaco Kurt Gödel por volta dos anos trinta lançou um teorema de grande abrangência, conhecido como o teorema da incompletude, que é por assim dizer uma espécie de princípio da incerteza da matemática. Abordando-o de forma superficial, o teorema sugere que em qualquer sistema formal adequado à teoria dos números, não se pode ser consistente e completo concomitantemente. Existirá sempre uma fórmula que não poderá ser provada ou negada. Validação e auto-consistência parecem ser verdades complementares à semelhança de posição e velocidade no cerne do princípio da incerteza. Os nossos próprios sistemas de pensamento matemático, por mais sólidos e fundamentados que possam parecer, inevitavelmente sofreram de um maior ou menor grau de incompletude. É como se por mais que a matemática nos ajudasse a resolver problemas sempre houvesse outros problemas que não poderão ser resolvidos com os preceitos existentes. Retornando a Ubaldi:

“Essa conclusão implica outra: o método adotado pela ciência, ou seja, o da observação e da experiência, aplicado aos fenômenos desse universo, jamais poderá conduzir-nos ao conhecimento das causas primeiras. Isto não só porque, para reconstruir o plano geral, seria preciso percorrer toda a fenomenologia do universo no infinito do espaço e do tempo, mas sobretudo porque o mundo fenomênico é apenas um derivado corrompido de um estado de perfeição originária bem diferente. A ciência ignora tudo isso, e em suas investigações considera sólida a realidade dos fatos, ao passo que eles representam uma imagem contorcida e opaca da verdade. No futuro, o homem usará métodos totalmente diferentes de pesquisa. Seu conhe-

cimento é ainda insignificante; diante de tais problemas máximos, ele nada sabe de positivo; sua evolução ainda se encontra imersa na fase animal, e ele ignora a espiritual que o aguarda; sua atual posição no caminho da subida, se já o distância da pedra, deixa-o muito mais distante ainda dos planos espirituais que o esperam”.¹¹

3. O PURO PENSAMENTO

“Mas o princípio criativo reside na matemática. Num certo sentido, portanto, considero verdade que o puro pensamento é capaz de apreender a realidade, como sonhavam os antigos”.¹² - Albert Einstein

Todas as teorias, modelos, especulações nascem do campo interior e são expressadas pelo processo mental. As grandes novas ideias surgem a partir das intuições que povoam a mente do gênio. Passando por diferentes fases, visitando e explorando campos de conhecimentos diversos, a humanidade vai amadurecendo e conhecendo o mundo que a cerca e onde vive. Ontem a onda do conhecimento visitou as dimensões da filosofia, amadureceu nas fronteiras da religião, se iluminou nas sutis expressões da arte, compartilhou seus sonhos na busca de soluções de seus inúmeros problemas nas fronteiras sociais e mais recentemente fundou os imensos axiomas da ciência. E na era contemporânea se propõe a busca da síntese, das unificações, da teoria de tudo. Na construção do conhecimento a mente é, em última análise, o elemento propulsor, revelador, estruturador de todos os fundamentos do saber. Intelecto, análise, razão, insights, intuições são processos que se agrupam na tentativa de elaborar conceitos que descrevam parâmetros em determinados domínios e se candidatem à melhor descrição possível da realidade. Um horizonte sucede ao outro, um domínio é ultrapassado e assimilado por um novo e mais amplo, uma simples e diminuta ideia pode ser o fermento que a tudo leveda:

“Eu estava sentado numa cadeira no escritório de patentes de Berna quando, de repente, um pensamento me ocorreu: uma pessoa em queda livre não sentirá seu próprio peso. Fiquei surpreso. Esse pensamento simples impressionou-me profundamente. Impeliu-me para uma teoria da gravitação”.¹³

A experiência relatada por Einstein e a citação que inicia o presente item são altamente relevantes para a nossa compreensão dos mecanismos de elaboração de uma ideia, especulação,

teoria, modelo. As antigas e novas grandezas do saber florescem dos recessos do pensamento. Tudo, seja no ontem seja no agora promissor, tem um ponto comum de origem: a nossa mente, o nosso pensamento ou o nosso intelecto. A montagem de um experimento de sondagem, de verificação, não são exceção ou algum fruto externo, nascem igualmente desse manancial. Se ela pode oferecer o menor e desenvolver conhecimento em certos domínios, pode igualmente tentar ir além, bem além, aplicando-se a visão da realidade última. Colimando todos os seus potenciais como se fora uma ferramenta aguda de pesquisa e um laboratório analítico de suas percepções, pode contribuir para o caminho da grande unificação do conhecimento e pode também instituir uma nova e surpreendente ciência baseada em um novo método de pesquisa. Pietro Ubaldi construiu assim os seus destacados princípios:

“Para avançar ainda, é preciso despertar, educar, desenvolver uma faculdade mais profunda: a intuição. Aqui entram em função elementos complementares novos para vós. Algum cientista jamais pensou que, para compreender um fenômeno, fosse indispensável a própria purificação moral? Partindo da negação e da dúvida, a ciência colocou a priori uma barreira intransponível entre o espírito do observador e o fenômeno. O eu que observa permanece sempre intimamente estranho ao fenômeno, atingido apenas pela estrada estreita dos sentidos. Jamais o cientista abriu sua alma para que o mistério encarasse o próprio mistério e se comunicassem e se compreendessem. O cientista jamais pensou que, para isto, é preciso amar o fenômeno, tornar-se o fenômeno observado, vivê-lo; é indispensável transportar o próprio eu, com sua sensibilidade, até ao centro do fenômeno, não apenas com uma comunhão, mas com uma verdadeira transfusão de alma”.¹⁴

As ondas luminosas de uma lâmpada comum são definidas como luz incoerente porque suas ondas seguem em várias direções, as ondas não estão em fase. Já em um feixe de raio laser acontece exatamente o contrário, os seus feixes são extremamente mais potentes devido à coerência, expressando força bem mais substancial, em consonância com a direção única. A mente fragmentada presa em opiniões, imagens, pensamentos, passado, lutas, condicionamentos seria semelhante a lâmpada comum, já a mente unificada nos campos superiores da intuição, das dimensões sutis e da visão direta em ressonância com outras fontes conscienciais, pode se transferir para o centro do fenômeno, tornando-se o próprio fenômeno observado e numa

comunhão de observador e observado perceber e descrever o que pode estar além das dobras do espaço-tempo, unificando teorias que parecem inconcludentes ou fragmentadas. O que se aplica aqui é o mesmo princípio, a mente humana, o que muda é a forma, a profundidade, a extensão. As bases e os meios são idênticos à gênese de toda formação teórica: evento, observação, implicações, deduções, enunciados etc.. A diferença é a forma de observar, o envolvimento, a não separação do pesquisador e do fenômeno, do observador e observado. Uma nova forma de contemplação, de liberdade, de possibilidades existentes, a compreensão direta, sem intermediários ou flutuações periféricas, uma dimensão pessoal e um encontro transpessoal, uma visão da realidade objetiva em conjugação perene com uma realidade subjetiva em transformação ascendente, em descrições precisas da totalidade. Esclarece Ubaldi:

“Podemos imaginar o nosso universo atual como um Todo-uno que, qual um espelho, se tenha fragmentado em miríades de partículas. Cada uma destas, embora em fragmento com respeito ao Todo, conserva-lhe em particular as qualidades, de modo a poder nos traduzir e mostrar a natureza do Todo, não obstante o fragmento tenha perdido a unidade global com a fragmentação. Desta forma, cada parte reproduz o universal esquema do ser, isto é, cada criatura repete reduzidamente o divino princípio unitário, alma do Todo. Em outros termos, cada “eu”, com a sua forma, é um caso menor, que repete em miniatura o motivo cósmico, no-lo narra, no-lo explica. Sendo em si um pequeno universo, fala-nos do universo máximo”.¹⁵

A questão da prova reduz-se àquilo que poderia ser dedutível em primeira instância e a exaustiva análise racional, caracterizando pormenores que destacam todas as facetas e possibilidades da pesquisa de realidades universais e extremas. Os princípios empiricamente verificáveis em parte seriam os mesmos que a própria ciência busca, direta ou indiretamente, alicerçada por várias teorias complementares e condizentes com as derivações da teoria da queda que representa uma espécie de fundamentação de ordem maior de expressivas teorias e modelos atuais. Além, só com um novo método científico ou com a evolução e aprimoramento de cada ser para que cada um confirme por si mesmo a realidade descrita. Agora, para o pesquisador dessas realidades, todo o processo é autoevidente:

“Não é preciso demonstrar a quem vê que a luz existe. Mas nós queremos aqui colocar-nos de acordo com a psi-

cológia corrente. Limitamo-nos, pois, a aceitar a intuição apenas como hipótese de trabalho. Apresentar o pensamento sob esta forma significa torná-lo mais compreensível e aceitável, em nosso tempo. Podemos, assim, encarar toda a visão como uma hipótese de trabalho. Não importando se se trata apenas de forma. O importante é conseguir a exposição de um quadro completo e pormenorizado, que resolva todos os problemas do ser”.¹⁶

Continua Ubaldi:

“Permaneceremos, desta maneira, obedientes aos requisitos científicos da pesquisa. O leitor que ama e escolhe esta forma mental, deverá, porém, admitir que, se tal via fosse seguida pelo escritor, nada teria ele visto, chegando, talvez, a umas poucas conclusões particulares e quem sabe depois de quanto tempo! Se ele chegou logo à visão completa do quadro resolutivo e das conclusões, é necessário aceitar que isto só se deu em virtude do método da intuição, e às concepções sintético-intuitivas, e não analítico-rationais. A resultados tão amplos quanto estes não se chega nunca com a observação e a experimentação, através da hipótese e da razão. É necessário admitir que conquanto a solução dos últimos problemas deva aqui ser apresentada em forma racional, ela só poderia ser obtida por via intuitiva”.¹⁷

E conclui:

“Pode-se objetar, contudo, que a intuição também está sujeita a enganos, necessitando ser controlada. Por esse motivo, ela não pode ser erigida em método de uso corrente, mas é também verdade que o uso corrente bem pouco descobre de novo, limitando-se frequentemente, a demonstrar e a aperfeiçoar o que foi apanhado pela intuição. Assim, só nos resta aceitar a intuição quando o indivíduo sabe alcançá-la, submetendo-a depois ao controle, para verificar se os seus resultados coincidem com a realidade. Os exemplos que aqui aduzimos, retirados do mundo dos fatos, estão sempre a favor da visão. O leitor poderá buscar outros, contanto que cuide antes de compreendê-los bem e enquadrá-los no sistema, para verificar se há correspondência. Trata-se de colocar, como no quadro de um grande mosaico, cada peça no seu justo lugar para obter a imagem perfeita”.¹⁸

4. A TEORIA DE TUDO

A busca de unificação na ciência é condição da sua própria história. Se olharmos a partir da revolução de Galileu: Newton, Faraday, Maxwell, Lorentz, Einstein, Kaluza, Klein, Borh, Feynman, Weinberg, Michael Green, John Schwartz, Edward Witten, dentre vários outros cientistas, intentaram a composição e desenvolvimento de trabalhos que possibilitasse a unificação de conceitos, modelos, teorias, sendo que alguns obtiveram expressivos êxitos no campo experimental. A unificação da eletricidade e do magnetismo, na denominada força eletromagnética, foi um dos grandes avanços que simboliza bem o que são e o que significam esses esforços. Construir uma teoria abrangente que permita explicar vários fenômenos unindo-os numa única estrutura conceitual é o objetivo maior de dedicados teóricos e físicos experimentais na composição das novas dimensões do conhecimento. Unificar a teoria da relatividade e a física quântica, unificar as forças que expressam as interações da natureza é uma, se não a principal, vertente desse processo integrativo atual. No universo da teoria de cordas poderá nascer essa sonhada unificação.

Além desses esforços de aproximações sucessivas, a grande pergunta que paira no ar é: existe a possibilidade de explicar em poucos princípios e consequentes equações matemáticas, todo o universo? Dos inumeráveis fenômenos existentes seria possível encontrar um fundamento integralizador, preferencialmente matemático, das leis já descobertas, e das que poderão vir a ser, e que elucidem num determinado plano teórico simples e empiricamente sólido, os incomensuráveis fenômenos que observamos? Haveria um conjunto modesto de equações que poderiam explicar a natureza? A resposta pode ser talvez! Talvez que inclua variáveis extensas, mudança de método, uma nova ciência, e todas as ponderações anteriormente descritas. Se quisermos realmente encontrar uma Teoria de Tudo, não apenas do domínio material, mas tudo em um sentido amplo, deveremos irremediavelmente incluir a consciência dentre as variáveis fenomênicas a serem integradas. Impossível uma Teoria de Tudo com a consciência alijada do processo. Pode-se negar o tema, objetivar os conceitos, não achá-lo relevante, como fazem alguns grupos científicos, como fez Laplace, ao repetir que para explicar o universo, não há necessidade dessa hipótese ou suposição. Mas a consciência continuará lá a espera de explicação. A saída simplista, indiferente e reducionista de nada auxilia. Heisenberg no seu livro, *A Parte e o Todo*, participa desse debate e cogita:

“Não há dúvida de que o conceito “consciência” não ocorre na física e na química, e não vejo como pudesse resultar em mecânica quântica. No entanto, toda ciência que lida com organismos vivos deve, necessariamente, abranger o fenômeno da consciência, porque a consciência também faz parte da realidade”.¹⁹

Hoje existem inúmeros textos parafraseando os modelos da física quântica para as perspectivas da vida e interações conscienciais, como se a física quântica sancionasse tais conceituações. Porém o seu domínio atual é bem diverso. A chamada física quântica circunscreve-se ao estudo teórico experimental de partículas, suas posições, comportamentos, interações, velocidades, energias, campos etc.. A objetividade da ciência fala, por agora, de objetos, coisas, leis físicas, não busca significados e motivos, causas, efeitos, derivações morais e éticas de outras perspectivas. A apropriação de definições científicas e seu emprego em outros setores com banalizações grosseiras realmente não nos parece o caminho mais adequado, no entanto, não é possível ficar indiferente ou restrito somente a específicos domínios quando a revolução científica, oriunda da física, abalou os alicerces da nossa própria noção de realidade. “O colapso da função de onda” é hoje uma das questões centrais da física quântica, nascida de suas equações e interpretações, e pelo menos em hipótese, quer determinados grupos de físicos gostem ou não, inseriu a consciência no contexto quântico como uma das possíveis causas ou agentes desse colapso. O matemático húngaro John von Neumann, de notáveis contribuições em vários ramos do saber humano, foi um desses teóricos. Eugene Paul Wigner foi outro húngaro, físico, laureado com o prêmio Nobel, que chegou a afirmar que as leis admitidas pela física quântica só seriam totalmente consistentes se houvesse alusão à consciência. Outro pesquisador que admitiu a consciência como matéria de estudo científico dando também significativas contribuições foi o físico quântico britânico David Bohm:

“Para enfrentar o desafio que se apresenta diante de nós, nossas noções de cosmologia e da natureza da realidade devem abrir um espaço que nos permita chegar a uma explicação consistente da consciência. Por outro lado, as nossas noções de consciência devem abrir espaço para que possamos compreender o significado do seu conteúdo como sendo a “realidade como um todo”. Os dois grupos de noções juntos devem chegar a um ponto que nos permita uma compreensão de como a realidade e a consciência estão relacionadas.

Essas questões são enormes e, provavelmente, podem nunca ser resolvidas de maneira completa e conclusiva. No entanto, sempre me pareceu importante que haja uma pesquisa contínua das propostas levantadas para enfrentar esse desafio evidenciado aqui”.²⁰

Um desafio enorme, que somente uma Teoria de Tudo, que abranja o fenômeno da consciência, em pesquisa contínua, poderia enfrentar. A consciência faz parte da realidade, para explicá-la em aproximações consecutivas, num tecido de síntese coerente, sem distorções de postulados científicos, filosóficos e mesmo religiosos, necessitaremos extrapolar teorias, sem apropriações indébitas, mas com discernimento, fazendo paralelos conceituais, analogias, comparações, inferências, reflexões críticas, ampliações, desdobramentos, variações, adaptações, buscando semelhanças e não ignorando as diferenças, integrando áreas do saber, ousando o novo, aprofundando:

“Ampliei o conceito de relatividade também à psicologia e à filosofia, ao falar-vos de verdades progressivas. Assim como o conceito evolucionista, que Darwin só viu nas espécies orgânicas, também o conceito de relatividade, que Einstein limitou a alguns momentos matemáticos, tem que ser completado com uma teoria de relatividade universal, que se estende a todo o universo. Isto representa uma conquista filosófica e científica, uma concepção mais profunda, uma compreensão mais ampla, uma harmonia e beleza superiores. Outra ampliação do conceito de relatividade pode ser feita em profundidade: aquela que vos levará a conceitos novos; não mais apenas o de relatividade das unidades de medida de vosso universo, mas aquele muito maior e profundo, o da evolução de suas dimensões”.²¹ (grifos originais)

Ubaldo realizou esse trabalho através do método por ele denominado sintético-intuitivo. A visão total então descrita é não dualística, ou seja, não existe dessemelhança entre matéria e consciência. Ideias clássicas como materialismo, politeísmo, monoteísmo, espiritualismo são integradas numa visão monista. Um monismo não material, mas um monismo centrado no Espírito, no qual matéria, energia e consciência são diferentes estados de uma mesma substância. A matéria em todas as suas formas e correlações é sustentada, guiada, organizada pelo espírito que em diversos graus manifesta-se por toda parte. Descreveu a jornada da alma como um processo de retorno da consciência ao seu princípio, da criatura que regressa a Seu Criador. Involução e Evolução. Partindo do cognoscível científico humano atingiu

conclusões transcendentas e também de ordem prática, individual e social. Considerou o universo como uma unidade que abarca tudo o que existe e possa existir. Equacionou a existência do multiverso. Definiu como ideia central do universo a LEI, o sopro divino, que reside em seu âmago. Um universo delineado como organismo, movimento e princípio. Lei como unidade de princípio. Universo regido por princípio único. Desenvolveu o conceito de analogia, oriundo da similaridade das leis universais, para que fosse possível o detectar de pistas significativas favorecendo novas descobertas científicas. Descreveu a gênese das unidades múltiplas ou coletivas. Traçou uma linha contínua das formas dinâmicas até as mais altas formas de consciência. Do espaço tempo ao átomo, do átomo à consciência, da consciência a Deus. Caracterizou o espaço, o tempo e a consciência como o primeiro estágio de desenvolvimento tridimensional seguido por uma nova tríade que prenuncia-se na superconsciência. Substituiu o conceito de ascensões lineares por desenvolvimento cíclico, incluindo todos os fenômenos. Mostrou que a evolução, num contínuo devenir, é progressiva, e não numa visão simplista de desenvolvimento linear, mas de fases de expansão, contração, assimilação e estabilização, com três movimentos progressivos e dois regressivos. Chamou a atenção para o fato de que o futuro da ciência reside no sutil e no mundo imponderável. Descreveu o processo de transição da matéria à vida. Sondou a origem do psiquismo e as leis de evolução. Revelou novos conceitos sobre a criação, argumentando que o Absoluto só pode existir no infinito, não tem nenhuma característica do relativo e não pode ter um início. A verdadeira criação não se dá no tempo. Totalizou os caminhos da evolução humana, a função da dor, a função da arte, a evolução do amor, a evolução da luta e até a evolução do egoísmo. Enfim, descreveu a grande sinfonia da vida em suas visões amplas e em seus pormenores. A teoria foi aperfeiçoada lentamente, gradativamente, a partir de um primeiro volume de síntese desdobrado em vinte e três outros, cada um, em média, com mais de trezentas páginas, construída dinamicamente, como uma espiral do conhecimento, permitindo assim, que em cada ciclo de expansão, a teoria fosse revista, ampliada e metodicamente confrontada com a realidade dos fatos, o pensamento moderno e as premissas científicas, além das implicações filosóficas e teológicas. Nesse desenvolvimento complexo, nessa tentativa de descrever a totalidade oferecendo um modelo abrangente, dando resposta a esse imenso desafio que é definir a consciência como substrato único de todos os fenômenos, a obra ubaldiana é em seu conjunto uma verdadeira teoria de tudo. A comprovação ou a sondagem científica nos moldes atuais, como

destacamos anteriormente, ficou prejudicada em virtude da dimensão conceitual:

“O certo é que o experimentador jamais poderá elevar-se ao campo das puras abstrações e generalizações, onde labora o teórico, terreno quase filosófico das formulações matemáticas, no qual somente aparecem as grandes leis unitárias. Assim como numa casa de dois planos, também a teoria de Einstein da relatividade generalizada, que abrange a gravitação, se ergue desenvolve-a sobre a teoria da relatividade restrita. O valor de uma hipótese ou teoria está, pois, em poder abranger, com um mínimo de axiomas, um máximo de conteúdo experimental. Sobe-se, assim, do analítico e particular para o sempre mais sintético e universal, até que, da mesma forma que a experiência deva ceder lugar à racionalidade, esta deve cedê-lo à intuição, se ainda quiser subir mais para o sintético e universal. Quanto mais se sobe, porém, tanto mais se ganha em vastidão, e tanto mais se perde em segurança experimental na abstração; mais se desce na realidade concreta, tanto mais se restringe o campo das nossas conclusões”.²²

A abordagem teórica de Pietro Ubaldi poder ser definida como uma vertente abrangente do primado da consciência. A consciência como a única realidade, o fundamento angular de todas as coisas, o princípio imanente e transcendente a tudo. Mas a consciência pode ser também inserida nas discussões científicas como expressão de complexidade da própria matéria, um subproduto da matéria e energia. A matéria nesse contexto seria o fundamento da vida e do universo. Somente determinadas linhas de pesquisas poderiam definir indícios ou mesmo comprovações de uma ou de outra das duas principais teses. O conceito atual, na visão reducionista, é que a consciência seja apenas a resposta a estímulos sensoriais, um subproduto cerebral. O “não existe nada na mente que antes não tenha estado no olho” é axioma predileto. Essa ordem de teoria já deveria ter deixado de ser relevante. A pesquisa no campo do que ficou conhecido como atividade paranormal poderia, devido a inúmeros experimentos realizados, já ter resolvido a questão. Nos últimos dois séculos, só para não irmos muito longe, milhares de sondagens com conclusões pertinentes e criteriosas vieram à lume e em sua maioria, com expressivo grau de confiabilidade e precisão. Esses dados agrupados, em qualquer outro ramo do saber humano já teriam dado credibilidade e status de veracidade a várias teorias, mas nas fronteiras do estudo da consciência isso não acontece. Existe uma má vontade pertinaz, uma dúvida e negação permanente. Enquanto na ciência oficial as teorias e

comprovações já alcançadas vão se somando em um movimento metodológico de crescimento conceitual, na área parapsicológica tudo é negado. A pesquisa e teses passadas rotineiramente são colocadas em dúvida, os dados, mesmo os extremamente expressivos, são questionados e a metodologia é sempre criticada. A situação poderia ser hipoteticamente comparada a se cada cientista negasse, por exemplo, os estudos e confirmações possibilitadas pelo LHC e todos pretendessem realizar, a seu modo, suas próprias pesquisas descartando todas as demais. Experimentos atuais de constatação de possibilidades paranormais, demonstrando a transcendência da consciência além da própria matéria, já atingem graus de precisão em meta-análises bem conduzidas da ordem de 10 milhões de bilhões de bilhões para um, 1 trilhão para um, de 100 bilhões para um, em relação à probabilidade dos resultados serem atribuídos ao acaso. Mas o silêncio e as indiferenças oficiais continuam, como certifica Thomas Etter:

“Quando uma crença é mantida, mesmo enfrentando esmagadoras evidências em contrário, nós a chamamos superstição. Segundo esse critério, a superstição mais egrégia dos tempos modernos, talvez de todos os tempos, é a crença “científica” da não-existência dos fenômenos psíquicos”.²³

O estudo e a comprovação de determinadas faculdades especiais de certos indivíduos e até de pessoas ditas comuns, que ultrapassam sensivelmente as concepções materialistas a respeito da consciência, já produziram dados, como insistimos em falar, suficientes para pulverizar toda e qualquer alegação em contrário. Somente uma superstição tenaz pode explicar a permanência dos meios científicos oficiais nos limites estreitos de certos modelos e teorias. Repetem tanto a mesma cantilena, que de tanto repisar os arcaicos chavões, conseguem ainda manter certo ar de verdade e impressionar os menos afeitos à correção. Quando destacamos essas faculdades não falamos só das denominadas funções PSI, com os seus dois principais subgrupos PSI-GAMMA e PSI-KAPPA ou as OOB (experiência fora do corpo), ou as EQM (experiência de quase morte), mas falamos da possibilidade efetiva das comunicações além do túmulo com suas implicações espirituais, humanas, conceituais, filosóficas, religiosas e científicas. Atualmente, só na área da TCI (transcomunicação instrumental), calcula-se que mais de vinte mil pesquisadores se dedicam a essa subdivisão de um dos possíveis meios de certificar a veracidade desse fenômeno natural. Allan

Kardec, um dos pioneiros nesse mister disse, há quase duzentos anos, o mesmo que repetidamente falam os especialistas que examinam, com critério, essas comunicações:

“Fenômenos alheios das leis da ciência humana se dão por toda parte, revelando na causa que os produz a ação de uma vontade livre e inteligente.

A razão diz que um efeito inteligente há de ter como causa uma força inteligente e os fatos não provado que essa força é capaz de entrar em comunicação com os homens por meio de sinais materiais.

Interrogada acerca da sua natureza, essa força declarou pertencer ao mundo dos seres espirituais que se despojaram do invólucro corporal do homem. Assim é que foi revelada a Doutrina dos Espíritos.

As comunicações entre o mundo espírita e o mundo corpóreo estão na ordem natural das coisas e não constituem fato sobrenatural, tanto que de tais comunicações se acham vestígios entre todos os povos e em todas as épocas. Hoje se generalizaram e tornaram evidentes a todos”.²⁴

5. CIÊNCIA E RELIGIÃO

“Quando a religião deparou pela primeira vez com a ciência moderna, no século XVII, o encontro foi amigável. Os fundadores da revolução científica, em sua maioria, eram cristãos devotos, que diziam estudar, em seu trabalho científico, a obra do Criador. Já no século XVIII, muitos cientistas acreditavam num Deus que havia planejado o universo, mas não mais num Deus pessoal envolvido ativamente no mundo e na vida humana. No século XIX, alguns cientistas eram hostis à religião – embora o próprio Darwin alegasse que o processo de evolução (mas não os detalhes de cada espécie) havia sido planejado por Deus.

No século XX, a interação da religião com a ciência adotou várias formas. As novas descobertas científicas puseram em xeque muitas ideias religiosas clássicas. Reagindo a isso, algumas pessoas defenderam doutrinas tradicionais, outras abandonaram a tradição e outras ainda reformularam antigos conceitos à luz da ciência. Nesse início de novo milênio, há indícios de uma renovação do interesse por esses temas entre os cientistas, os teólogos, a mídia e o público”.²⁵

O texto acima é de autoria de Ian G. Barbour. Barbour faleceu recentemente, em dezembro de 2013 e deixou uma obra original e inspiradora, sobre as interações entre religião e ciência. Foi professor de religião e tinha PhD em física pela Univer-

sidade de Chicago. Propôs, a partir dos anos noventa, uma tipologia quádrupla tentando classificar as várias maneiras como as pessoas relacionam ciência e religião. A sua sistematização é assim definida: Conflito, Independência, Diálogo, Integração. CONFLITO é a condição que ganha mais atenção da mídia e consequentemente das pessoas. É o domínio dos extremos. INDEPENDÊNCIA é o reino da distância, ciência e religião devem manter um afastamento seguro uma da outra. DIÁLOGO é a instância das comparações e aproximações, analogias, semelhanças e diferenças. INTEGRAÇÃO é o setor da abrangência, aproximação, reformulações. Barbour acentua que a religião tem métodos, questões, funções, características distintas das particularidades da ciência, que é um modo de vida e não só um conjunto de ideias e crenças, é mais que um sistema intelectual, visando à transformação das pessoas. Ciência se interessa por causas e religião por significados pessoais. Ressalta que na área do conflito, os materialistas científicos promovem um compromisso filosófico particular como se fosse uma conclusão científica, e os literalistas bíblicos uma cosmologia pré-científica como se fosse uma parte essencial da fé religiosa. Uma visão coerente da realidade, continua Barbour, precisa admitir o caráter diferencial dos diversos gêneros de experiência.

Nos círculos oficiais da ciência atual e do passado recente, inúmeros investigadores se vinculam aos núcleos de diálogo e integração das definições de Ian Barbour. Cada um ao seu modo, com diferentes visões do que signifique religião, agregaram ou agregam dimensões de experiências diversas na compreensão da realidade. Einstein é um dos maiores exemplos do domínio da integração. Vejamos alguns dos seus comentários, a respeito da matéria, retirados do livro de Max Jammer, “Einstein e a religião”:

“O pensamento científico, por si só, disse Einstein, não pode nos levar ao objetivo máximo e fundamental de nossa existência”.²⁶

“Einstein respondeu: “Sim, o senhor poderia dizer isso. Tente penetrar, com os seus recursos limitados, nos segredos da natureza, e o senhor descobrirá que, por trás de todas as concatenações discerníveis, resta algo sutil, inatingível e inexplicável. A veneração dessa força, que está além de tudo o que podemos compreender, é a minha religião. Nessa medida, sou realmente religioso”.²⁷

“A ciência só pode ser criada pelos que estão plenamente imbuídos da aspiração à verdade e à compreensão.

Essa fonte de sentimentos, contudo, provém da esfera da religião. (,,) Não consigo conceber um cientista autêntico que não tenha essa fê profunda. Tal situação pode ser expressa através de uma imagem: a ciência sem a religião é manca, a religião sem a ciência é cega”.²⁸

“Não creio no Deus da teologia, que recompensa o bem e castiga o mal. Meu Deus cria leis que se encarregam disso. Seu Universo não é regido por ideias em que se deseje acreditar, mas por leis imutáveis”.²⁹

Poderíamos mostrar várias outras citações de renomados cientistas sobre o tema, mas acreditamos que a visão de Einstein no campo da integração, como define Barbour, é suficiente para os nossos propósitos. Preferimos as observações de Einstein não só por aquilo que ele representa para a ciência contemporânea, mas pelos laços com o trabalho do professor Pietro Ubaldi com as suas teorias. O que importa aqui é mostrar que é possível superar os antigos conceitos e preconceitos de não pertinência das questões ainda concebidas como religiosas e as fundamentações científicas. Controvérsias, anátemas, negações, polarizações, polêmicas infundas, gritos de não científico, pseudocientífico, sempre irão existir, mas a busca pela verdade e a integração não pode permanecer estacionária por encontrar em vários setores do conhecimento palafitas de limites conceituais e proibições de investigações de temas fundamentais à vida e à existência. A diversidade de experiência é uma constante nas múltiplas vias do saber. Separar foi importante para emancipar. A ciência para avançar teve de colocar uma barreira aos abusos da autoridade religiosa em passado recente. O procurar investigar e comprovar para fugir das infiltrações das superstições foi essencial à ciência, mas o tempo passou. Hoje a nossa sede é de síntese, a nova onda do saber a ser surfada é a possibilidade de fusão e integração dos vários ramos do conhecimento. A ligação de numerosos fenômenos numa estrutura mais ampla, a unificação não só de forças da natureza, de teorias acadêmicas, mas de explicação e caminhos para compreensão de uma realidade mais sutil e que nos mostre as múltiplas conexões da vida nos é essencial. Ciência, filosofia, religião como meios e recursos de pesquisas, de experiência, de elaboração de visões mais próximas possíveis da realidade, até que possamos ver por nós mesmos, sem véus de qualquer ascendência e sem autoridade de qualquer natureza, uma realidade consensual. Até lá, trabalhos pioneiros como o de Ubaldi devem ser vistos como uma antecipação de verdades que nem sequer suspeitávamos, de mares inexplorados, de soluções a perguntas que ainda não tínhamos feito, de esforço criativo

como fruto de uma vida em busca de ofertar o que viu e viveu além das nossas cercas sensoriais. Muitos sobrevivem mentalmente em planícies distantes, outros se satisfazem com as brincadeiras da maioria, outros frequentam a praia ansiando por penetrar no oceano imenso da verdade e poucos, muito poucos, têm a coragem de ir além e penetrar nessa imensidão e de lá voltar contando-nos o que viu com os recursos da ciência, religião e filosofia que dispomos, com nossas concepções materialistas, nossas visões distorcidas, nossas imagens antropomórficas, nossas lutas de grupo, nossas habituais confusões. Há pouco lemos algumas concepções atribuídas a Albert Einstein sobre o sutil, o inatingível e o inexplicável. Isaac Newton, outro gênio reverenciado pela humanidade, também nos falou desses mares além, como aludi Werner Heisenberg, no livro já anteriormente referido *A Parte e o Todo*, mares que Ubaldi mergulhou e vendo as suas profundezas, tentou exprimir o inexprimível, não só utilizando do pensamento científico mas indo além, em busca do objetivo máximo e fundamento pleno da nossa existência:

“Não sei o que posso parecer para o mundo, mas, para mim, pareço ter sido apenas um garoto brincando na praia e me divertindo, aqui e li, ao encontrar uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que de hábito, enquanto o grande oceano da verdade estendia-se diante de mim, totalmente desconhecido”.³⁰ Isaac Newton

6. AS CONEXÕES

“Trata-se da ordem implicada ou envolvida. Na ordem envolvida, o espaço e o tempo deixam de ser fatores dominantes que determinam as relações de dependência e independência de diferentes elementos. Ao contrário, um tipo totalmente diferente de ligações básicas de elementos é possível, do qual as nossas noções comuns de espaço e tempo, junto com aquelas das partículas materiais existentes separadamente, são abstraídas como formas derivadas de uma ordem mais profunda. Essas noções comuns, de fato, aparecem naquilo que chamamos de ordem explicada ou desdobrada que é uma forma especial e distinta contida dentro da totalidade geral de todas as ordens implicadas”.³¹ David Bohm

A teoria de David Bohm da totalidade e a ordem implicada se aproxima, em vários aspectos, dos pensamentos expressos por Pietro Ubaldi. David Bohm baseia-se nos domínios da ordem e da totalidade que é indivisa, inseparável e sem fronteiras, uma ordem total contida em cada região do espaço-tem-

po e além, em uma lei universal do movimento fluindo, em um Universo manifesto em estruturas contínuas e descontínuas. Tudo não está apenas se transformando, mas tudo é fluxo, fluxo cósmico no qual matéria e mente não são substâncias separadas, existe uma totalidade incondicionada que representa a derradeira base de tudo, similaridade perfeita com Ubaldi. Traços de aproximação também existem em certos domínios com vários pensadores como Heráclito, Pitágoras, Empédocles, Sócrates e principalmente com Platão. Após poderíamos destacar Agostinho de Hipona, Pascal, Spinoza, Henri Bergson, e mais recentemente com Sri Aurobindo e Theilhard de Chardin, entre outros. Pontos de divergência e convergência. Mas acredito que a sua maior aproximação são com inúmeros conceitos da obra vasta de Emmanuel e André Luiz, ambos por mediação de Francisco Cândido Xavier, J. B. Roustaing e o trabalho silencioso de Émilie Collignon e Allan Kardec. Procuremos destacar alguns pontos dessa afinidade:

“É lícito considerar-se espírito e matéria como estados diversos de uma essência imutável, chegando-se dessa forma a estabelecer a unidade substancial do Universo. Dentro, porém, desse monismo físico-psíquico, perfeitamente conciliável com a doutrina dualista, faz-se preciso considerar a matéria como o estado negativo e o espírito como o estado positivo dessa substância”.³²

Se fôssemos fazer uma síntese do pensamento central da obra de Ubaldi esta citação de Emmanuel seria a escolhida. Espírito e matéria como estado de uma mesma substância e monismo físico-psíquico. A pergunta que podemos formular diante do comentário de Emmanuel é: como o Espírito, pólo positivo, se torna o pólo negativo e como a matéria, pólo negativo, se torna o pólo positivo? Qual é a base desse monismo? Centenas de páginas da teoria apresentada por Ubaldi buscam esclarecer todo esse mecanismo. A primeira fase ESPÍRITO-MATÉRIA é definida como involução ou queda, semiciclo explicativo da contraparte igual, complementar e oposta à evolução. A segunda fase MATÉRIA-ESPÍRITO é a evolução definida de uma lei de unificação em um processo físico-psíquico-dinâmico. Monismo que expressa uma unidade de conceito e a presença universal da Divindade. Deus que É a criação. Prossigamos:

“(…) Colocada por Deus, no caminho da vida, como discípulo que termina os estudos básicos, a alma nem sempre sabe agir em correlação com os bens recebidos do Criador, caindo pelo orgulho e pela vaidade, pela ambição ou pelo

egoísmo, quebrando a harmonia divina pela primeira vez e penetrando em experiências penosas, a fim de restabelecer o equilíbrio de sua existência”.³³

Da resposta de Emmanuel, gostaríamos de destacar o trecho: quebrando a harmonia divina pela primeira vez. A queda se dá outras vezes? Existem várias quedas? A visão de Ubaldi sobre o universo é de totalidade, de unificação. O que ele observou foi um fenômeno intrínseco aos mecanismos cósmicos e não um processo isolado. Uma Lei, e não um fato singular. Em uma totalidade que é indivisa, inseparável e sem fronteiras, como descrevemos acima, uma peculiaridade, seria uma derrogação ou não existiria. É exatamente por ter penetrado no âmago dos processos é que ele pode em contato com os fatos, controlar a teoria em toda a sua extensão. O princípio da queda exprime uma lei ilimitada e que não perde a validade em determinados domínios. Segundo esse preceito, a queda ocorre nos mínimos e nos máximos movimentos do ser. Está presente na bipolaridade do nosso psiquismo, nas nossas ascensões e quedas mento-emocionais diárias. Pode ser visto nas consequências dos processos reencarnatórios, fase de expansão consciencial (vida além túmulo), fase de contração consciencial (vida física) e em incontáveis outros eventos, como as destacados por Emmanuel na rota evolutiva:

“(…) nas esferas mais variadas, a alma pode cair em sua rota evolutiva, porquanto precisamos compreender que a sede de todos os sentimentos bons ou maus, superiores ou indignos, reside no âmago do Espírito imperecível e não na carne que se apodrecerá com o tempo”.³⁴

Ubaldi escreveu um volume inteiro, “Queda e Salvação”, só para pormenorizar essas possíveis outras quedas em nossa rota evolutiva. A queda primordial ou a também chamada primeira queda é a que Ubaldi descreve como a consequência da formação do nosso universo ou mesmo do metaverso. Para melhor configuração, seria simbolicamente, o período descrito na parábola do filho pródigo, do rompimento da relação do filho com o Pai e o irmão, e o gasto de suas riquezas em reinos distantes. É o acontecimento que precede à gênese da energia, matéria e o espaço-tempo. A volta do filho pródigo é o período descrito por Ubaldi como evolução ou o semicíclo da matéria ao Espírito. O ímpeto centrípeto do ser em torno de si mesmo e centrífugo em relação as suas relações originais (Deus e o próximo), em processos de egocentrismo egoísta, gera o impulso, de intensidade diversa e características próprias, para cada individualidade,

porém de semelhança em relação às escolhas primevas compartilhadas que desencadeiam toda a dinâmica do fenômeno. O esgotamento da onda de maior expressão gera o início da fase evolutiva. Mas as flutuações ou impulsos em ondas de menor intensidade continuam latentes no ser, caracterizando a dualidade presente em todos os fenômenos do nosso mundo. Iniciando-se a fase evolutiva ou o período “simples e ignorante”, porque o processo principia em sua fase de maior contração e de menor consciência: do espaço-tempo ao átomo, desde a molécula, após a substância, em seguida o mineral, ascendendo ao vegetal, desdobrando o animal, até o despertar no homem, e a consequente reconquista progressiva do livre-arbítrio. Nessa fase, os impulsos latentes dualísticos podem novamente pronunciar-se, gerando repetidas escolhas distorcidas, acarretando novas quedas na rota evolutiva. Frisamos na rota evolutiva, sempre na fase hominal, porque a evolução é invariavelmente progressiva, na dinâmica já mencionada de fases de expansão, contração, assimilação e estabilização, com três movimentos progressivos e dois regressivos. Porém a regressão nunca ocasiona a volta às fases precedentes de animal ou outra de menor expressão, o máximo que o ser em processo de impulsos em superposição, por exemplo, de revolta, consegue retornar, é o estado de monodéismo ou de ovoidização mencionado por André Luiz em suas obras. O que se conquistou na fase determinística da evolução não se perde mesmo nas possíveis contrações da consciência hominal, porque mesmo assim, as potencialidades já despertadas ficaram em estado de latência. As quedas subsequentes à primeira queda tem como mecanismo a repetição de impulsos, impulsos que geram impulsos em cadeia:

“Muitos afirmam esta verdade da reencarnação, mas poucos se perguntam por que a evolução tenha tomou essa forma de vidas alternadas com as mortes. Poderia ela perfeitamente realizar-se numa continuação progressiva, sem essas interrupções e inversões. Se fosse verdade, como alguns sustentam, que Deus houvesse criado os espíritos simples e ignorantes, para depois se tornarem completos e sábios com a própria evolução, de onde teria surgido e que significado teria esse jogo de voltar atrás, da vida para a morte, a cada novo passo? Isso não teria razão de existir e a evolução deveria ser percorrida em linha reta, que é o caminho mais breve entre o ponto de partida e o de chegada, e que logicamente desenvolve um impulso dirigido numa direção certa e precisa. Se o desenvolvimento não corresponde à natureza do impulso, quer isso dizer que outros impulsos entraram em jogo”.³⁵

O que gostaríamos de destacar dessa passagem do livro “O Sistema” de Ubaldi, não é tanto a questão da discussão do processo de criação a partir dos limites “simples e ignorante”, pois podemos recorrer ao volume mencionado para maiores esclarecimentos. O nosso pensamento é salientar as seguintes expressões: “e que significado teria esse jogo de voltar atrás, da vida para a morte, a cada novo passo? Isso não teria razão de existir, e a evolução deveria ser percorrida em linha reta”. Somado a sentença: “que é o caminho mais breve entre o ponto de partida e o de chegada, e que logicamente desenvolve um impulso dirigido numa direção certa e precisa.” E completando: “Se o desenvolvimento não corresponde à natureza do impulso, quer isto dizer que outros impulsos entraram em jogo.” Essa passagem é extraordinária porque Ubaldi vislumbra, em uma análise perfeita, uma das principais teses desenvolvida e defendida por J. B. Roustaing em sua obra “Os Quatro Evangelhos”, que explica detalhadamente a EVOLUÇÃO EM LINHA RETA, a necessidade de reencarnação em mundos de expiação e prova e em corpos grosseiros, somente se novos impulsos, geralmente centrados no orgulho, na vaidade, na ambição e no egoísmo, conforme ressaltou Emmanuel, predominarem no psiquismo do ser, caso contrário a trajetória será em linha reta, progressivamente em mundos “Ad Hoc” (expressão latina que significa “para isso”, ou preparado para esse fim). A fragmentação nesse jogo de vida e morte ocorre para aqueles que por impulsos distorcidos repetem por livre escolha os conteúdos latentes primários de egocentrismo egoísta e suas variações narcisistas. Esses serão aqueles que como nós, desprezaram grandes curvas como realça André Luiz:

“(…) Considere as criaturas como itinerantes da vida. Alguns poucos seguem resolutos, visando ao objetivo essencial da jornada. São os Espíritos nobilíssimos, que descobriram a essência divina em si mesmos, marchando para o alvo sublime, sem vacilações. A maioria, no entanto, estaciona. Temos então a multidão de almas que demoram séculos e séculos, recapitulando experiências. Os primeiros seguem por linhas retas. Os segundos caminham desprezando grandes curvas”.³⁶

Nos processos da trajetória em grandes curvas, ora estamos no plano físico e ora no plano extrafísico, na maioria das vezes agravando débitos ou gerando contínuos impulsos retrógados, alicerçando hábitos infelizes. Mas essa não é a senda de todos. A evolução contém outras tantas variáveis e possibilidades, como demonstra Roustaing:

“A encarnação humana, em princípio, é apenas conseqüente à primeira falta, àquela que deu causa à queda. A reencarnação é a pena da reincidência, da recaída, pois que todas as vossas existências são solidárias entre si. O Espírito reencarnado traz consigo a pena secreta em que incorreu na sua encarnação precedente.

Os Espíritos que, dóceis a seus guias, não se transviam, continuam a progredir no estado fluídico”.³⁷

Encontramos nos escritos de Ubaldo várias passagens sobre pontos significativos das obras Kardequianas. Em entrevista, ele chegou a comentar que o trabalho dele seria muito mais extenso e exaustivo se Kardec não o houvesse precedido. São muitos os paralelos entre os dois autores, mas creio que este poderá ser um propósito para uma outra oportunidade. No momento, gostaríamos de recorrer somente a um pequeno comentário assinado por Lammenais, constante no corpo da resposta a pergunta 1009 do “O Livro dos Espíritos”:

“Filhos pródigos, deixai o vosso voluntário exílio; enca-minhai vossos passos para a morada paterna. O Pai vos estende os braços e está sempre pronto a festejar o vosso regresso ao seio da família”.³⁸

7. UMA TEORIA INTEGRAL

“O meu trabalho não consiste em fazer ato de fé neste ou naquele grupo religioso, mas em explorar, com métodos, o que está inexplorado, em enfrentar, e possivelmente resolver perante a ciência, e o pensamento moderno, o problema do conhecimento”.³⁹

O trabalho de Ubaldo, esboçado em princípios, teorias, postulados e modelos amplia conceitos de várias áreas científicas, filosóficas e religiosas. No seu ponto central, apoia-se na teoria da relatividade geral e na teoria da evolução. Propõe uma teoria da relatividade universal e uma teoria da evolução não só das formas e reinos, mas do psiquismo, das dimensões. Da correlação já conhecida entre matéria e energia, ele a eleva às perspectivas da consciência, assim, matéria, energia e consciência estão correlacionados em um monismo universal. Os três aspectos correspondem aos três modos de ser do universo. Da matéria, ação, estrutura ou forma, deriva o segundo momento que é energia, vontade e movimento atingindo, por transformação evolutiva, o terceiro aspecto que é espírito, pensamento, princípio ou Lei. A Lei é Deus. Ele é tudo: princípio, manifestação e oni-

presença. Deus significa existir. Ele é a essência da vida. Mas esse movimento não é unilateral, efetivo, definitivo ou único, ele é apenas a metade de um ciclo que retorna ao ponto de partida. Uma grande onda de ida compensada por uma onda equivalente de volta. Um movimento descêntrico, do espírito à matéria, compensado por um movimento concêntrico inverso, da matéria ao espírito. O universo assim expressaria um funcionamento orgânico baseado em duas grandes ondas. A primeira onda que causa, desencadeia ou origina o nosso universo ou sistemas de universos ou metaversos e uma segunda, a fase que agora vivemos, a onda de regresso. A fase final do movimento descêntrico, do espírito à matéria é o que chamamos de criação. O BIG BANG expressaria este momento de alta densidade que por expansão daria origem a matéria e conseqüentemente a todas as estruturas universais. O BIG CRUNCH poderia ser visto como a fase final de regresso, a reconquista do estado original do ser. O nosso universo não é uma criação, mas um desmoronamento da criação que foi espiritual e se tornou matéria. A verdadeira criação, a perfeita obra de Deus, foi a espiritual, entendida aqui como o reino do Espírito. A criação material é uma segunda criação, posterior, imperfeita, uma contrafação da primeira. Houve um desmoronamento das dimensões do qual nasceu o espaço-tempo e a matéria. A partir de um ponto de máxima contração, oriunda de um estado originário eminentemente espiritual ocorreu uma cisão sistêmica, uma unidade cindida, uma criação contraída por involução. O egoísmo representa o impulso originário da contração do sistema que do infinito se fragmenta no finito, em partes cada vez mais isoladas. A consciência se manifesta na descida como energia e esta fecha sobre si mesma, no estado cinético vorticoso, gerando a matéria, uma espécie de concentração espaço-fluido-dinâmico. De tal forma que a energia e a matéria podem ser consideradas como fases de progressiva decadência ou corrupção do momento inicial perfeito, o espírito. Assim, este seria então o sentido que se deve dar a palavra queda no âmbito da teoria. Queda não configura um deslocamento espacial, mas um processo de corrupção progressiva que vai do estado espírito ao seu estado matéria. Um afastamento ou inversão qualitativa e não espacial. Com a queda, o ser deslocou o seu centro de existência na forma pura de substância, que é o espírito, para uma forma menos pura, que é a energia, até a condição mais corrompida, que é a matéria. A desintegração atômica evidenciando a transformação da matéria em energia expressa o início do movimento de retorno. Se com a queda o espírito adormeceu e ficou aprisionado, fechado, na forma matéria, agora no regresso altera essa forma libertando-se para a

plenitude da vida. Os espíritos possuíam não uma perfeição absoluta como a de Deus, mas subordinada à ela e relativa à sua posição nos vários círculos e em suas funções no infinito organismo sistêmico que representa a criação original. Logo que saíram do domínio daquela posição e função nas quais constituíam a sua perfeição relativa geraram a possibilidade de novos estados, inclusive o material, que de forma discreta existiam intrinsecamente como estado potencial em sua forma mais íntima e profunda. Este falso movimento gerou um processo de introversão ou contração possibilitando o desmoronamento de dimensões, o erro e por fim a imperfeição. O movimento geral ordenado do sistema orgânico, que antes da queda só se dava na dimensão infinito, congelou-se na introversão, encarcerando-se em dimensões cada vez mais fechadas sobre si mesmas pela involução, contraindo-se cada vez mais até às nossas dimensões espaciais. O deslocamento do centro vital dos espíritos, por livre escolha, nascida dessa centelha potencial, é a gênese do modo vibracional que é compartilhado pelas inúmeras forças e formas do universo. Com a vibração nasceu a onda, com suas qualidades de frequência vibratória e de comprimento. Uma vez iniciado o processo de degradação, ele continua impelindo o ser a existir em formas de vida cada vez mais involuídas, menos psíquico-espirituais e mais materiais até fechar-se na trajetória obrigatória do átomo, fenômeno para o qual se passa como um congelamento cinético da fase de energia para a fase matéria. “É assim que tudo serve, tudo se encaixa na natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo que começou pelo átomo”⁴⁰. Deste modo, as trajetórias fechadas no átomo abrem-se para a saída dos elétrons que se lançam livres no espaço, gerando um novo modo de ser da substância: energia. Na estrutura do espírito, no estado puro em que fora criado, deviam existir as dimensões através das quais foram possíveis todas as transformações daí decorrentes. Do estado latente, embrional, como uma mínima semente, surgiu um novo modelo de existir, novas posições e dimensões, desencadeado pela vontade, na feição egóica das quebras de relações primordiais, chegando aos padrões da energia e matéria. Deus estava no Todo e em todas as possibilidades do Todo. O amor absoluto é a expressão infinita de sua plena manifestação. O Ser exprime a liberdade nascida desse amor que é substância da vida. Assim, poderíamos dizer que o limite do amor é a liberdade e o limite da liberdade é o amor. A trajetória de cada ser é escolha livre no reino de todas as possibilidades possíveis e que podem existir. Uma dessas possibilidades foi a tentativa de máxima expansão da individualidade fora dos domínios de posição e função, conseqüentemente de saber, que cada um possuía e

exercia na comunhão com o Todo. Dessa possibilidade, dessa semente mínima, dessa introversão, surgiu a contração e novas formas de viver e existir se pronunciaram, uma mudança, uma auto-impulsão, um afastamento qualitativo. Desse estado profundo de contração de dimensões, a energia, a matéria, as mínimas dimensões espaciais que começam a ser descritas pela ciência, são a resultante final de um fenômeno cósmico. O processo não nasceu ao acaso, mas foi um desenvolvimento interior de umas das possibilidades do Todo, escolha consciente, da qual não se conhecia as consequências finais por estar fora do horizonte de sabedoria do ser. A queda só não ocorreria se fosse retirada a liberdade da individualidade. Uma criatura constituída pela própria essência divina não pode deixar de ser livre. Cada ser pode ser definido como unigênito: o único de sua espécie. No sistema orgânico original não há cópias, mas estrutura-se em princípios de semelhança. Semelhança do ser com todos os seres. Do ser com Deus ou força de amor, centro de atração, coesão e doação de todo o organismo. Semelhança e não identidade de força, amor e saber. A fusão em comunhão amorosa é o regime de manifestação. A identidade é do ser com o Todo e do Todo como o centro divino, oriunda do manancial do amor em regime de troca. A queda ou contração da consciência revela o erro de projetar o estado de semelhança em identidade, não pelas vias do amor, mas pela via da individualidade ou do “eu”. A base de existência da individualidade, naturalmente, há de ser o egocentrismo, força de atração e expansão derivado do centro Deus. A expansão gera o altruísmo que fundamenta o regime de troca e a contração a possibilidade de assimilação amorosa que sustenta cada ser. Porém, a expansão do egocentrismo com base apenas no “eu” gera o egoísmo e, conseqüentemente, a imperfeição e toda a reação em cadeia que desse impulso deriva. “O amor a si mesmo” que o egoísmo expressa faz com que o ser deixe de alimentar-se do Todo e se fixe apenas em si mesmo, daí nasce o afastamento já referido e deste o desmoronamento de dimensões. Nada expressa melhor essa dinâmica do que a velha lenda de Narciso. O ser só vê a si mesmo, só se alimenta da própria imagem e apenas por si mesmo apaixona-se. No primeiro momento o afastamento se dá no campo do espírito, se o impulso é reforçado e desencadeado atinge-se o domínio da energia, se amplificado fecha-se finalmente na matéria. O movimento de contração significa resistência ao fluxo natural do Todo e, portanto, atrito, que é o que desgasta o impulso individual esgotando-lhe. Como cada ser é único, a contração é única para cada individualidade. O impulso primordial, suas características, potência e intensidade definirão a dinâmica da contração. Por essa

razão é que, no nosso mundo, observando os fenômenos à nossa volta, constatamos matéria, energia e consciência em diferentes estados de manifestação. Além, vemos o silêncio de inúmeros mundos que devem abarcar vida em outras formas devido às incomensuráveis possibilidades que o evento da queda permite. Assim se explica inclusive a possível existência do multiverso. O silêncio do cosmo que nos apavora é devido a dimensão vibracional onde nos situamos. A nossa descida foi abismal e, conseqüentemente, nos fixamos em um universo que a velocidade máxima de um sinal ou vibração é definida nos limites da velocidade da luz. Não é que o universo é silencioso e ermo, somos nós que não temos ainda as possibilidades de ouvir e ver. Somente a evolução poderá alargar os nossos horizontes. Evoluir significa ampliar a velocidade de manifestação vibratória. O nosso mundo é um mundo de densidade consciencial tremenda. Somos assim feitos de infinito aprisionado no finito, de absoluto fragmentado no relativo, de felicidade que chora na dor, de sabedoria que se tornou ignorância, de vida eterna despedaçada nos ciclos das vidas e das mortes. Quando o ser desmorona na matéria ele perde a consciência e todas as demais faculdades diretivas, as quais ficam latentes. A queda provocou uma grande transformação da primeira substância em seu estado TODO-UNI-UNO-DEUS (totalidade, unigenicidade, unidade, Deus) somente nos espíritos que livremente escolheram esse caminho. Naqueles em que o egocentrismo manteve a expansão em força amorosa altruísta, não gerando impulsos distorcidos, o processo não se alterou. Nos demais, tudo ficou latente, à espera de impulsos contrários à queda para voltar a se desenvolver. Por maior que seja a contração o ser não a fará em regime externo ao Todo, pois o Todo não tem limites, é infinito, portando o tecido de amor e de possibilidades imensuráveis continua a envolver ou a conter o ser nos seus diferentes estados de manifestação: do vórtice quântico do espaço-tempo à plenitude da consciência em Deus. Daí a razão do processo já verificado pela ciência, das possibilidades intrínsecas da natureza, fazendo com que a medição de qualquer fenômeno sempre expresse uma curva de probabilidade, por mais que os instrumentos de avaliação sejam precisos. Como além do fundamento da liberdade existe o amor, a lei de Deus não podia estar ausente de todas as conseqüências da escolha do ser. O ser tinha a liberdade de alterar-se, mas não o Sistema. O ser jamais poderia ser alijado da vida por nenhuma de suas escolhas, poderia inverter as suas qualidades em opostos, mas o modelo de amor central continuaria inalterado. Deus em princípio de ordem e justiça, amor e graça, retratando sua imanência, permaneceu vivo, presente e ativo, definindo o telef-

nalismo evolutivo, guiando o ser de forma determinística da matéria à consciência hominal e a partir daí, com a manifestação gradativa do livre arbítrio, qualidade em latência, de forma compartilhada, em regime de co-criação. Assim, compreendemos que a queda se desenrolou em uma espécie de desordem ordenada e o retorno se dá dentro do mesmo escopo. A imperfeição está contida ou se acha regulada pela perfeição. Esse processo já se tornou tão evidente que a ciência já estuda o caos como expressão menor de uma ordem subjacente e se refere ao universo conhecido como criação imperfeita.

O ponto mínimo de alta densidade que originou o universo não era só densidade energética, mas igualmente consciencial. O ponto de máximo impulso involutivo e de ínfimo impulso evolutivo. Desse ponto inicia o movimento ascensional evolutivo, por oscilações, numa espécie de uma grande onda que a tudo atrai e transforma. O espírito não é inimigo, oposto à matéria: é a continuação da matéria. O ponto de atração é exercido pela presença do pensamento divino imanente e pelo fluxo contínuo da parte não desmoronada, íntegra, do sistema orgânico original que jamais cessa, embora longínqua e fraca no início é porém constante e tudo vence. O homem representa não só a medida do meio entre macros e micros dimensões, mas o ponto central desse incomensurável desdobramento. Dividido no meio desse dualismo, o homem escolhe o seu caminho, obedecendo a este ou aquele impulso, seguindo as suas preferências. Cada impulso tende a progredir até atingir a plenitude de sua realização. Qualquer coisa que queira fazer na sua liberdade, ele terá de aceitar as consequências das suas ações na moeda viva do seu sofrimento ou felicidade. A evolução é o processo de expansão de atributo cósmico, fundamento de todas as dimensões, do universo ao átomo, do átomo que desintegra ao homem, do homem ao arcanjo. É o movimento de expansão, de superação de limites, de emersão do baixo para o alto, de libertação da prisão representada pela matéria e seus estados correlatos. O processo evolutivo não é apenas de psiquismo, mas também de organicidade. A evolução pode não ter partido para todos do plano da matéria, mas também de planos mais altos, como por exemplo, do vegetal, do animal, do homem, e planos mais superiores a que todos os seres deverão chegar um dia. O ponto de chegada da evolução só pode ser o mesmo que o ser ocupava em função de amor no seio sistêmico de Deus. Ela se inicia no esgotar do maior impulso de afastamento e termina no ponto de máxima perfeição no tempo, além, a “dimensão” é a eternidade, que é a ausência do tempo e não um tempo longo. A corrida para a perfeição é penosa, mas deverá ter um fim. A grande aventura da

queda estará terminada e tudo reentrará no estado originário de perfeição. Eis a palavra que nos traça a via de retorno: sublimação, isto é, purificação e elevação de nossa personalidade.

Dessa visão geral, narrada aqui com quase a totalidade das expressões textuais de Ubaldi, nasceu não só os princípios maiores de sua teoria, mas todas as consequências que deles derivam: teológicos, filosóficos, científicos, sociais, políticos, etc.:

“De tudo isso, o leitor poderá compreender como os meus livros nascem de uma profunda elaboração. A fonte primeira e maior é a inspirativa. Ela representa a origem de onde nasce tudo. Se mais tarde, leio algo a respeito do argumento tratado, isto é só depois, para conhecer o ponto de vista da cultura contemporânea a respeito dos temas desenvolvidos. Mas jamais a opinião alheia, que chegou sempre num segundo momento, modificou ou pôde modificar a que resultara da inspiração”.⁴¹

8. CONCLUSÃO

“Ora, a razão pela qual estou desenvolvendo e aceitando a teoria da queda, não é tanto por um ato de fé cega nas origens inspirativas da mesma, quanto o fato de que ela resolveu muitas das minhas dúvidas, explicando muitos fatos e solucionando muitos problemas, num quadro orgânico e harmônico, reconduzindo, nele, tudo à unidade e ao mesmo tempo, satisfazendo as exigências da minha mente e do meu coração. Esta teoria me dá, de Deus, um conceito verdadeiramente grande e bom, que permanece tal apesar da maldade dos ruins dominar em nosso mundo humano”.⁴² - Pietro Ubaldi

Quando chegamos a praia do conhecimento, vindo displicentes de regiões superficiais do viver, e nem sequer ainda sabemos encontrar pedrinhas lisas ou conchas mais bonitas. Quando em nossa cegueira discutimos se existe um oceano da verdade estendido diante de nós. Quando um sentimento rápido de veneração nos visita dando notícias de algo sutil, inatingível e inexplicável que a natureza guarda longe dos olhares de quem não ama. Quando mancos visitamos os postulados da ciência e ficamos informados que os cientistas já sabem algo e que já formulam teorias que batem às portas do céu. Quando autoridades eminentes do saber afirmam que é possível aprender a realidade através do puro pensamento, como sonhavam os antigos. Quando ouvimos falar que existem personalidades, na busca da verdade, que sabem transferir o centro do seu psiquismo para camadas mais profundas da alma e que oferecem

o fruto do seu trabalho, sem imposições ou polêmicas. Quando nos contam histórias que grandes teorias que mudaram a face de um ramo da ciência, nasceram de pequenos e fortuitos pensamentos. Quando a lógica da vida nos mostra que nada é preciso demonstrar para quem vê a luz. Quando no inferno terrestre cai uma estrela do céu, só para chorar, amar e ensinar, eu recordo a figura serena de Pietro Ubaldi. Um ser quase totalmente solitário, que passou pelo mundo diante da indiferença dos seus que não souberam ou não quiseram reconhecê-lo. Recebeu inúmeras críticas imerecidas, colocaram suas obras no Index ou recusaram indiferentes a sua oferta. Ontem e ainda hoje, anátemas circulam vindo de diferentes grupos e regiões. Gosto de pensar, no entanto, que dado a sua natureza cristocêntrica, a sua reação será sempre a do perdão e diante das dúvidas contínuas, dos que perguntam sem estudar ou negam sem refletir, provavelmente lembrará dos versos de Gonçalves Dias, um dos maiores poetas do Brasil, terra que tanto amou:

E à noite, nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Dizia prudente: - “Meninos, eu vi!⁴³

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 – RANDALL, Lisa. Batendo À Porta do Céu. São Paulo: Companhia das Letras, 2013 parte I, cap. 1, p.39.
- 2 - A Bíblia de Jerusalém, Jó, cap. 7, v.17.
- 3 – UBALDI, Pietro. A Grande Síntese. Rio de Janeiro: Fraternidade Francisco de Assis, 2007, cap. 1, p. 14.
- 4 - UBALDI, Pietro. A Grande Síntese. Rio de Janeiro: Fraternidade Francisco de Assis, 2007, cap. 1, p. 16.
- 5 – KAKU, Michio. Mundos Paralelos. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2007, cap. I, p.25.
- 6 - RANDALL, Lisa. Batendo À Porta do Céu. São Paulo: Companhia das Letras, 2013 parte IV, cap. 15, p.361.
- 7 – UBALDI, Pietro. O Sistema. Brasília: Editora Monismo, 1984, conclusão, p. 274.
- 8 - UBALDI, Pietro. A Grande Síntese. Rio de Janeiro: Fraternidade Francisco de Assis, 2007, cap. 06, p. 31.
- 9 - UBALDI, Pietro. A Grande Síntese. Rio de Janeiro: Fraternidade Francisco de Assis, 2007, cap. 75, p. 339.
- 10 – GREENE, Brian. A Realidade Oculta. São Paulo: Companhia Das Letras, 2012, cap. 02, p.47.
- 11 - UBALDI, Pietro. O Sistema. Brasília: Editora Monismo, 1984, cap. IV, p. 52.
- 12 - KAKU, Michio. Hiperespaço, Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000, parte I, p.20.
- 13 - - KAKU, Michio. O Cosmo de Einstein. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, cap. 04, p. 73.
- 14 - UBALDI, Pietro. A Grande Síntese. Rio de Janeiro: Fraternidade Francisco de Assis, 1999, cap. 1, p. 15.
- 15 - UBALDI, Pietro. Deus e Universo. Brasília: Editora Monismo, 1985, cap. II, p.35.
- 16 - UBALDI, Pietro. Deus e Universo. Brasília: Editora Monismo, 1985, cap. VIII, p.82.
- 17 - UBALDI, Pietro. Deus e Universo. Brasília: Editora Monismo, 1985, cap. VIII, p.83.
- 18 - UBALDI, Pietro. Deus e Universo. Brasília: Editora Monismo, 1985, cap. VIII, p.83.
- 19 – HEISENBERG, Werner. A Parte e o Todo. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1996, cap.9, pag. 135.
- 20 - BOHM, David. Totalidade e a Ordem Implicada. São Paulo: Madras, 2008, introdução, p. 11.
- 21 - UBALDI, Pietro. A Grande Síntese. Rio de Janeiro: Fraternidade Francisco de Assis, 1999, cap. 35, p. 104.
- 22 - UBALDI, Pietro. Deus e Universo. Brasília: Editora Monismo, 1985, cap. XVIII, p.226.
- 23 - RADIN, Dean. Mentres Interligadas. São Paulo: Editora Aleph, 2008, cap. 03, pag. 44.
- 24 - KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Rio de Janeiro: FEB, 1991, 71ª ed., prolegômenos, p.48.
- 25 - BARBOUR, Ian G.. Quando a Ciência Encontra a Religião. São Paulo: Cultrix, 2004 prefácio.
- 26 - JAMMER, Max. Einstein e a religião. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, introdução, cap. 02, p.73.
- 27 - JAMMER, Max. Einstein e a religião. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, cap. 01, p.34.
- 28 - JAMMER, Max. Einstein e a religião. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000,

cap. 02, p.76.

29 - JAMMER, Max. Einstein e a religião. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, cap. 02, p.97.

30 - HEISENBERG, Werner. A Parte e o Todo. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1996, cap.17, pag.242.

31 - BOHM, David. Totalidade e a Ordem Implicada. São Paulo: Madras, 2008, introdução, p. 16.

32 - XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel. Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1989, 14ª ed., cap. XXXIII, p.170.

33 - XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel. O Consolador. Rio de Janeiro: FEB, 1993, 16ª ed., perg. 248.

34 - XAVIER, Francisco Cândido. Emmanuel. O Consolador. Rio de Janeiro: FEB, 1993, 16ª ed., perg. 249.

35 - UBALDI, Pietro. O Sistema. Brasília: Editora Monismo, 1984, cap. XVII, p. 226.

36 - XAVIER, Francisco Cândido Xavier. André Luiz. Nosso Lar. Rio de Janeiro: FEB, 2002, 52ª ed., cap. 44, p.244.

37 - ROUSTAING, J.B.. Os Quatro Evangelhos, Rio de Janeiro: FEB, 2008, item 59,p. 324.

38 - KARDEC, Allan. Lamennais. O Livro dos Espíritos. Rio de Janeiro: FEB, 1991, 71ª ed., perg. 1009.

39 - UBALDI, Pietro. O Sistema. Brasília: Editora Monismo, 1984, primeira parte, cap. I, p.29.

40 - KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Rio de Janeiro: FEB, 1991, 71ª ed., perg. 540.

41- UBALDI, Pietro. O Sistema. Brasília: Editora Monismo, 1984, primeira parte, cap. I, p.30.

42- UBALDI, Pietro. O Sistema. Brasília: Editora Monismo, 1984, segunda parte, cap. V, p.15.

43 - DIAS, Gonçalves. I - Juca Pirama. canto X.

**XI - A CIÊNCIA ESPIRÍTICA
LADO A LADO
COM ROUSTAING**

Pedro Silveira Martins

A CIÊNCIA ESPIRÍTICA LADO A LADO COM ROUSTAING

Pedro Silveira Martins

Sem dúvida, Roustaing foi para a Doutrina Espírita o que um grande apóstolo do Cristianismo primitivo representou na consolidação dos primeiros ideais da fé cristã.

Nascido em 1805 em Bègles, cidade da grande Bordeaux, se destacou na advocacia, chegando mesmo a ocupar o cargo de Bastonário ou Presidente da Ordem dos Advogados. Em 1858, em pleno abalo de sua saúde, por excesso de trabalho, precisou recolher-se no lar e, então, teve a oportunidade abençoada de ler e estudar “O Livro dos Espíritos” e “O Livro dos Médiuns”. Relacionando-se por carta com o Codificador da Doutrina Espírita, foi orientado a frequentar o Grupo Espírita do Sr. Émile Sabò, aonde veio conhecer o Espiritismo prático e se destacar como evocador espiritual.

Em 1861 conheceu a médium Émilie Collignon que recebeu pela mediunidade mecânica o obra “Os Quatro Evangelhos”, quando, então, Roustaing foi imbuído das tarefas de compilação, coordenação, publicação e divulgação desta revelação espírita. É bom ressaltar que esta obra explica minuciosamente todos os versículos dos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, além de explicar, em espírito e verdade, os 10 mandamentos da religião mosaica. Diz sobre ela o eminente Apóstolo do Espiritismo no Brasil, Bezerra de Menezes:

“Roustaing escreveu sua obra monumental sob a inspiração dos Espíritos Santos, dos Apóstolos e dos Evangelistas” (Gazeta da Tarde, 4.Junho.1898, p. 2).

1. A PESQUISA ESPIRÍTICA

Vamos ao tema da ciência espírita e a sua contribuição à revelação dada a Roustaing.

Paralelo aos trabalhos espíritas feitos por Kardec, Roustaing, Émilie Collignon, André Pezzani, Leon Denis, Gabriel Delanne, Camille Flammarion, fervilhava a ciência espírita e as suas reuniões psíquicas de efeitos físicos, com os estudos de renomados psiquistas, como Willian Crookes, Charles Richet, Alexandre Aksakof, Schrenck-Notzing, Gustave Geley, Alfred Wallace, Friedrich Zöllner, Albert de Rochas, Du Prel, Robert Owen, César Lombroso, Oliver Lodge, Arthur Conan Doyle, Alfred Erny,

Paul Gibier, Ernesto Bozzano e outros.

Mas, por quê imediatamente após a revelação espírita viria essa legião de pesquisadores?

Refletamos...

. Não seria necessário para a consolidação dos alicerces do Espiritismo a comprovação prática dos estudos de Kardec e de Roustaing?

. Não era preciso valorizar e contribuir para o melhor entendimento da fé raciocinada?

Abaixo, elenco alguns temas dos livros de Kardec que despertaram interesse imediato da parte da ciência, e a necessidade de explorá-los em maior profundidade:

A) “Milagres”:

“Não sendo necessários os milagres para a glorificação de Deus, nada no Universo se produz fora do âmbito das leis gerais. Deus não faz milagres, porque, sendo, como são, perfeitas as suas leis, não lhe é necessário derrogá-las.” (“A Gênese”, Cap. XIII, item 15).

B) Materialização de Corpos:

“Nalguns casos e dadas certas circunstâncias, a tangibilidade pode torna-se real, isto é, pode-se tocar, apalpar a aparição, senti-la resistente como um corpo vivo, e com o calor que se observa neste, o que não impede que ela se desvaneça com a rapidez do relâmpago” (“Obras Póstumas”, I, Cap. Manifestações dos Espíritos, item 19).

C) Materialização de objetos:

“O espírito atua sobre a matéria; da matéria cósmica universal tira os elementos de que necessita para formar a seu bel-prazer, objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra. Pode igualmente, pela ação da sua vontade, operar na matéria elementar uma transformação íntima, que lhe confira determinadas propriedades” (“O Livro dos Médiuns”, II, Cap. VIII, item 129).

Quanto à habilidade de manipulação dos fluídos:

“É fora de dúvida que quanto mais elevado é o Espírito, tanto mais facilmente o consegue” (“O Livro dos Médiuns”, II, VIII, item 128, 15ª).

D) Bicorporeidade:

“Enquanto o corpo se acha mergulhado em sono [torpor ou transe], o Espírito, transportando-se a diversos lugares, pode tornar-se visível... quer em sonho, quer em estado de vigília... pode igualmente apresentar-se sob forma tangível... por muito extraordinário que seja... decorre das propriedades de perispírito e de uma lei natural” (“Obras Póstumas”, I, Cap. Manifestação dos Espíritos, item 32).

E) Há muitos outros fenômenos de manifestação espírita estudados em “O Livro dos Médiuns”:

- Manifestações Visuais
- Transfiguração
- Pneumatografia e Pneumatofonia
- Psicografia
- Sonambulismo
- Pressentimentos
- Linguagem dos Sinais e das Pancadas

Assim, imediatamente, inúmeros questionamentos foram feitos...

Uma verdadeira avalanche de conceitos estava à beira de atropelar o ceticismo e o positivismo materialista que dominavam a Europa àquela época. Bastava, então, a comprovação experimental desses estudos para se consolidar de uma só vez a Doutrina Espírita - a 3ª Revelação - como cumprimento da promessa do Cristo - O Consolador (Jo. 16: 13-17 e 26).

No objetivo de entendermos o que se passava naquele período, faremos uma análise resumida dos trabalhos de alguns destes pesquisadores citados anteriormente.

Começamos por um dos mais respeitados cientistas da história, agraciado pelo Prêmio Nobel de Química em 1907, William Crookes (1832-1919).

Ele contribuiu com diversas pesquisas científicas, tanto que à época, dado o destaque no campo dos estudos da ciência química, a rainha Vitória, da Inglaterra, nomeou-o com o mais alto título daquele país: “Cavaleiro”.

Nas suas pesquisas psíquicas destacam-se os inúmeros registros de materialização do famoso espírito Katie King e de tantos outros fenômenos de efeitos físicos, principalmente com o médium D. Dunglas Home.

Sobre o famoso médium D. D. Home, o próprio Crookes afirma:

“Há pelo menos, cem casos bem verificados de elevação do Sr. Home, produzidos em presença de muitas pessoas diferentes; e ouvi mesmo da boca de três testemunhas: o conde Dunraven, Lord Lyndsay e o Capitão Wynne, a narração dos casos mais notáveis desse gênero acompanhados dos menores incidentes” (“Fatos Espíritas”, Cap. Fenômenos Espíritas, Elevação de Corpos Humanos, p. 36).

Gabriel Delanne (1857-1926), filho de Alexandre Delanne - um dos precursores do Espiritismo - e da destacada médium da Codificação, Sra. Alexandrina, foi um espírita francês e importante defensor da ciência espírita durante a transição do século XIX para o século XX. Auxiliou Charles Richet¹ em suas pesquisas, compreendendo que o perispírito estava no centro dos fenômenos psíquicos, e procurou distinguir o mediunismo do animismo². Em 1896, fundou a “Revista Científica e Moral do Espiritismo”, que por muitos anos levou ao público artigos científicos e filosóficos da mais alta conta.

Alexandre Aksakof (1832-1903), importante diplomata russo, conselheiro de Alexandre III, Doutor em filosofia, se notabilizou na investigação e análise dos fenômenos espíritas durante o século XIX. Ele teve inúmeros adeptos entre cientistas e filósofos. Por meio das experiências feitas com médiuns famosos, como D. D. Home, levou a Rússia a formar a primeira comissão de caráter puramente científico para o estudo dos fenômenos espíritas. Efetou numerosas experiências e observações científicas com o concurso da médium italiana Eusapia Palladino, que serviram de fundamentação para sua obra mais importante: “Animismo e Espiritismo”. Também, ao estudar a médium inglesa conhecida como Elizabeth d’Espérance, testemunhou um evento sobre o qual escreveu a famosa obra “Um Caso de Desmaterialização”.

Outro paladino da ciência espírita foi César Lombroso. Italiano, natural de Verona, era investigador, psiquiatra e criminologista e se destacou pelos estudos de fisiologia, medicina, antropologia e direito penal. Por sua dedicação e seu método investigativo, em 1871, foi agraciado com o título de Cavaleiro da Coroa pela Itália e, em 1907, com o título de Doctor Juris pela Universidade de Aberdeen na Escócia.

De início, Lombroso ridicularizava o Espiritismo e suas manifestações psíquicas. Mas, a Providencia Divina não tem pressa para mostrar a face da verdade, sabendo, que mais cedo

1 Charles Robert Richet (1850-1935), fisiologista francês, de Paris, por meio de seus trabalhos relativos à anafilaxia (reações alérgicas), em 1913, recebeu o Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina. Foi o criador da Metapsíquica.

2 Ver a sua obra “A Evolução Anímica”.

ou mais tarde ela se manifestará, como o próprio Lombroso afirmou:

“Mas, se sempre tive grande paixão pela minha bandeira científica, encontrei outra ainda mais fervorosa: a adoração da verdade, a constatação do fato” (“Hipnotismo e Mediunidade”, *Traços Biográficos*, p. 38-39).

E a verdade veio com um fato emocionante que deu uma reviravolta total nas suas convicções. Merece registro:

“Em 1902, na casa da condessa Celesia, reúne-se a um pequeno grupo de amigos, entre eles os doutores Celesia, Morselli e Porro, e obtêm novas e valiosas confirmações experimentais dos fenômenos mediúnicos de Eusápia. Neste mesmo ano, surpreso e emocionado, vê o Espírito materializado de sua própria mãe, ouvi-lhe a voz e sente-lhe o contato. Anos depois, esse fato se torna a repetir ante seus olhos e dos demais assistentes.

Referindo-se ao Dr. Pio Foà, que, por essa época, obtivera numa placa a impressão de um dos dedos de uma mão materializada, escreveu Lombroso:

- É a primeira vez, se não me engano, que nos aproximamos intimamente, experimentalmente, dos fenômenos e, por assim dizer, do organismo espírita, dessas representações passageiras, transitórias, da vida do além, cuja existência os incrédulos pretendem negar, apesar da opinião universal confirmada por milhares de fatos que se multiplicam incessantemente aos nossos olhos.

Lombroso toma conhecimento das corroborações às suas experiências com Eusápia, fornecidas por outros sábios, e prossegue mais confiantemente, ano após ano, no seu perseverante trabalho de investigação” (“Hipnotismo e Mediunidade”, *Traços Biográficos*, p. 35-36).

Paul Gibier (1851-1900) era Doutor em medicina, bacteriologista, Preparador do Museu de História Natural de Paris, Cavaleiro da Legião de Honra, aluno e substituto de Luis Pasteur e Diretor do Instituto de Microbiologia de Nova York. Ele foi um dos precursores do chamado Espiritismo Experimental e, já quase no fim de sua vida, expôs no Congresso Internacional de Psicologia, em Paris, uma memória relatando numerosas materializações de espíritos observadas em seu laboratório:

“Seria desejável que se formassem uma sociedade para o estudo deste novo ramo da “fisiopsicologia” a fim de sabermos logo o que devemos pensar a respeito do assunto, cujo alcance deve ser muito elevado. Não reecemos repetir

ainda: nada interessa tanto à humanidade como isto; por este motivo apelamos para as boas vontades sérias e, de nossa parte, ficamos à disposição dos pensadores e dos homens de iniciativa dispostos à criação de uma sociedade cujos meios de investigação formarão, no mundo, uma força poderosa” (“Materialização de Espíritos”, Dr. Paul Gieber Biografia, p. 45).

De todos estes psiquistas e estudiosos, faz-se necessário falarmos especialmente de Ernesto Bozzano, talvez por ser aquele, dentre os pesquisadores desse período, o que mais se aproximou da profundidade da Doutrina Espírita. Nele, encontramos dois momentos: antes, inteiramente cético em sua crença positivista-materialista e, depois das suas pesquisas de fenômenos metapsíquicos, completamente defensor das diferentes formas de manifestações espíritas.

Dizemos isso sem querer, de maneira alguma, elencar prioridades, numa infantil disputa de quem melhor serviu para a afirmação do Espiritismo científico através dos tempos, já que todos tiveram, igualmente, enorme importância.

Bozzano, porém, não só tinha a mesma “gana” da pesquisa experimental e da busca pela verdade, como todos os demais, mas soube aproveitar e utilizar o conhecimento aprendido, com as obras Aksakof, Delanne, Kardec, Léon Denis, Crookes e, outros, com grande poder de síntese, como ele mesmo descreve em sua autobiografia:

“Catalogava cada obra que lia, anotando os respectivos assuntos por ordem alfabética adequada, com a intenção de utilizá-los para a classificação comparativa e a análise dos fatos e casos. Guardo imorredoura lembrança desse período de fervorosas e perseverantes pesquisas, porque, por meio delas, me tornei capaz de assentar as minhas novas convicções espíritas sobre uma base cientificamente inabalável” (“Materialização de Espíritos”, Autobiografia, p. 105-106).

Procuremos ratificar esta última afirmação, com a finalidade de nos convencer da importância do gênio Ernesto Bozzano:

“Tornei-me capaz de assentar as minhas novas convicções espíritas sobre uma base cientificamente inabalável” (“Materialização de Espíritos”, Autobiografia, p. 105-106. O itálico é meu).

Assim, como nos dizia o nosso Newton Boechat - grande orador espírita e profundo estudioso de Bozzano - sem mais de-

longas – como é gostoso relembrar! - passemos ao estudo mais detalhado deste grande cientista.

Ernesto Bozzano (1862 – 1943) nasceu cidade de Genova, ao norte da Itália. Era Professor da Universidade de Turim e tinha como ídolo o filósofo e socialista Herbert Spencer, que por sua vez, admirava o trabalho de Darwin. Tanto que, a famosa frase: “só o mais apto sobrevive”, foi desenvolvida por Spencer.

Nesse período, que vai do final do século XIX para as primeiras décadas do século XX, a despeito dos estudos sobre a pesquisa espiritualista, dominava por toda parte no continente europeu a crença no positivismo e no materialismo, e como um modismo, dominava as mentes de pensadores e estudiosos. Isso teve tanto impacto na vida de Bozzano que ele chegava a afirmar:

Tornei-me um positivista-materialista convicto a tal ponto que me parecia incrível existissem pessoas de cultura intelectual, dotadas normalmente de senso comum, que pudessem crer na existência ou na sobrevivência do espírito (Materialização de Espíritos, Autobiografia, p. 101-102).

Mas, o Alto sempre sabe o que faz, como faz e quando faz para reverter o “jogo” e nos despertar para a maturidade. Lemos em O Livro dos Espíritos:

Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?

Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem (pergunta nº 459).

Vejamos, então, o que poderia ter acontecido na vida desse cientista do Espiritismo Científico, para essa tal inversão de jogo.

Bozzano descreve que assim que leu a obra de Alexandre Aksakof - “Animismo e Espiritismo” - teve um profundo abalo na sua crença positivista. Posteriormente, foi lendo outras obras e conhecendo pessoas ligadas ao estudo da mediunidade, formando grupos de pesquisas com o Dr. Giuseppe Venzano, Carlo Pereti, Luigi Arnaldo Vasallo, Enrico Morselli e a famosa médium Eusápia Paladino.

A partir daí escreveu inúmeras obras no campo das ciências espíritas, ricas em estudos de casos, analisando todas as particularidades da mediunidade.

Abaixo, procuro registrar, na íntegra, uma amostra de casos de sua vasta pesquisa.

1) Começo com um dos casos mais conhecidos de Bozzano, em que ele nos mostra variados fenômenos mediúnicos ob-

tidos com a médium Eusápia Paladino, numa reunião de efeitos físicos - são fenômenos de transporte, comunicação de espíritos, materialização e desmaterialização de objetos:

“5 de setembro de 1901 – A médium era por mim controlada à direita, e por minha irmã, à esquerda.

Para o fim da sessão, quando já obtivêramos quanto desejávamos em questão de fantasmas materializados, eis que tomba do alto, com barulhento choque, no meio da mesa, algo volumoso e pesado. Estendo o braço e apalpo a parte superior da mesa para certificar-me do que acontecera e apareceu-me debaixo da mão um objeto que não me demoro a identificar como um pão de quatro pontas, chamado “massa de solda”.

Desejoso de ver e analisar melhor este curioso “transporte” peço a “John” permissão para acender a luz, o que me é concedido, mas, com surpresa geral, apenas acesa a luz, verificamos que nada mais existe ali. Examinamos o interior dos móveis e, finalmente, as duas senhoras presentes inspecionam a médium: Tudo é inútil e o pão não é encontrado.

Só me resta recorrer a “John”, a quem perguntei se por ventura não o teria ocultado e ele, com um grande golpe desferido na mesa, respondeu afirmativamente. Rogo, então vivamente a “John” que mo restitua, pois desejo mostra-lo a meus amigos e parentes. Eis a resposta tiptológica de “John”:

“Pertence à padaria que fica perto daqui. Se quer ficar com ele, dê-me dois soldos”. Tirei logo do bolso os dois soldos, convidando “John” a recebê-los e ele ordenou tiptologicamente: “Apague a luz”. Assim fiz e, ao mesmo tempo, tornamos a formar a cadeia. Eu controlava Eusápia com a esquerda e, apertando entre os dedos da mão direita, a moeda de dois soldos, levantei o braço ao alto. E eis que uma mão desceu do alto e escamoteou-me, de entre os dedos, a moeda. Decorreram talvez vinte segundos e eis que se faz ouvir outro golpe ruidoso sobre a mesa, idêntico ao ouvido anteriormente. Acesa a luz, apareceu diante de nós o grande pão de “massa de soda”, desaparecido um pouco antes. Quanto à moeda de dois soldos essa desapareceu completamente e não a encontramos em parte alguma” (“Fenômeno de Transporte”, Categoria, I, p. 48-51)³.

2) O próximo caso é bem diferente dos demais. Bozzano mostra um animal que também possui uma espécie de “vidência”:

3 Ver Paulo e Herodes, Cap. IV: Paulo e o Rei Herodes Agripa, p. 41.

“O Sr. James Coates, autor do notável livro *Photographing the Invisible* (Fotografando o Invisível), enviou à *Light* (1915, p. 337), o seguinte episódio canino:

Eu possuía um cachorro pomerâneo chamado *Tobby*, nosso grande favorito, que havíamos levado conosco para *Rthsay*, em 1893. Cerca de dois anos depois, durante nossa ausência da casa, *Tobby* foi terrivelmente maltratado por um cão da vizinhança e não tardou a morrer das complicações sobrevindas. Depois de um mês, ou talvez seis semanas, recebi de presente uma cadela fox-terrier chamada *Katie*, e eis o estranho fato a que então assistimos. Durante várias semanas, ela não ousou se aproximar do canto da cozinha onde *Tobby* tinha costume de deitar-se e, sempre, quando entrava na cozinha, latia furiosamente naquela direção, tal como se ela visse ali outro cão.

Li, ou ouvi contar, outros fatos de cães veem fantasmas, que latem para eles e que se espantam. Em todo o caso, a minha *Katie*, durante várias semanas, manteve uma atitude como se ela visse *Tobby* e tivesse se espantando. Como explicar de outro modo à circunstância de não ousar aproximar-se e ainda menos deitar-se no canto da cozinha que *Tobby* tinha escolhido para seu leito favorito, quando vivo?

Entre as boas provas aventadas para provar a sobrevivência da alma humana, registra-se faculdades clarividentes de que o homem é dotado, observando-se, com efeito, que essas faculdades vão além de toda visão terrestre e não dependem do exercício das faculdades sensoriais. Ora, se está provado que os cães possuem, por sua vez, faculdades clarividentes, qual consequência devemos tirar delas? Limite-me a responder assim: o que constitui uma boa demonstração em favor da sobrevivência humana só pode constituir também uma boa demonstração relativamente à sobrevivência animal” (“Os Animais tem alma?” Oitava Categoria, Visão e Identificação de Fantasmas de Animais Mortos, CXXVI, p. 139).

3) Neste interessante caso, o pesquisador aborda o fenômeno de transfiguração:

“A Sra. Crooker, médium particular de Chicago, contou-me que há alguns meses, sob a direção de seu guia espiritual, iniciou uma série de sessões para o desenvolvimento de uma nova fase de sua mediunidade, as quais se realizaram no seu círculo familiar. Uma noite, à luz das velas que ardiam no recinto e ao clarão da lua, sofreu uma transformação do seu rosto, que mudou de tamanho, forma e natureza, brotando depois uma barba negra e abundante. Todos os assistentes viram a mesma transformação

e o primo do médium, que estava sentado junto ao mesmo exclamou:

- É o rosto de meu pai!

Desaparecida a manifestação, confirmou que se tratava da efígie perfeita do rosto paterno. Pouco depois, a médium se transformou em uma velhinha de cabelos brancos. Todas estas metamorfoses se realizavam sob os olhares dos presentes, que não deixaram de observá-las um instante.

A médium informa que conservou sempre a consciência de si mesma, mas que havia experimentado uma sensação muito viva de formigamento e comichão em todo o corpo, tal como se estivesse apertando com as mãos os dois polos de uma forte bateria elétrica” (“A Morte e seus Mistérios”, Impressionantes Fenômenos de Transfiguração, Caso VIII, p. 26-27).

Bozzano revela que, gradualmente, a partir das inúmeras pesquisas e investigações que se estenderam por aproximados 40 anos, foi formando a sua convicção espírita.

Por volta desse período, precisamente em 1932, surge um caso surpreendente. Era uma nova visão, totalmente na contramão da egocêntrica crença positivista-materialista que assolava a Europa. Explodia a divulgação da obra “A Grande Síntese”, do Professor Pietro Ubaldi.

Já maduro nos seus estudos experimentais de investigação espírita, Bozzano, ao estudar a obra do professor italiano, trocou com este inúmeras correspondências, das quais destacamos três:

FEVEREIRO DE 1935:

“A onda supranormal inspiradora foi a que lhe ditou a mais extraordinária, concreta e grandiosa mensagem mediúnica, de ordem científica que se conhece na casuística metapsíquica” (“Para Entender Pietro Ubaldi”, Cap. VI, p. 117).

JANEIRO DE 1937:

“As páginas em que se analisam o amor e a ascensão do amor são estupendas, pelas verdades que contêm e pela novidade da concepção. O mesmo se pode dizer acerca das que se referem ao super-homem do futuro e à missão do gênio na vida” (“Para Entender Pietro Ubaldi”, Cap. VI, p. 120-121).

OUTUBRO DE 1937:

“Trata-se, realmente, de uma grande síntese de todo o saber humano, considerando do ponto de vista positivamente transcendental, em que se estudam todos os ramos do saber, sendo esclarecidos e resolvidos numerosos problemas até hoje insolúveis, com o acréscimo de novas orientações científicas, além de considerações filosóficas, científicas, religiosas, morais e sociais, a tal ponto elevadas que induzem a reverente assombro” (“Para Entender Pietro Ubaldi”, Cap. VI, p. 123-124)

Pronto! Olha a virada de jogo de que tanto falamos.

Assim, nada melhor que ficarmos com as conclusões sobre Bozzano dadas por Guillon Ribeiro, um dos maiores divulgadores do Espiritismo no Brasil, tradutor das obras de Kardec, Roustaing e Ubaldi:

“Ele se consagrou com devotamento inexcedível o que o sagra, no plano terreno, um dos mais admiráveis paladinos da obra de salvação, que cabe ao espiritismo realizar” (“A Crise da Morte”, Prefácio, p. 13).

E para completar, vejamos o que fala o próprio Bozzano fazendo um balanço geral de suas convicções:

“Aquele que, em vez de se perder em discussões ociosas, empreende sistemáticas e aprofundadas pesquisas dos fenômenos metapsíquicos e nelas persevera por muitos anos, acumulando imenso material de casos e aplicando-lhe os métodos das investigações científicas, há de infalivelmente ficar convencido de que os fenômenos metapsíquicos constituem admirável coletânea de provas, todas convergindo para um centro: a demonstração rigorosamente científica da existência e da sobrevivência do espírito. Esta é a minha convicção inabalável e nutro a esperança de que o tempo se encarregará de demonstrar que tenho razão” (“Materializações de Espíritos”, Autobiografia, p. 108).

2. OS FENÔMENOS ESPIRÍTICOS DA VIDA DE JESUS

A) O CORPO FLUÍDICO DE JESUS E AS MATERIALIZAÇÕES:

Agora que já falamos dos psiquistas mais famosos, especificamente do período que compreende da metade do século XIX à metade do século XX, e entendemos as razões que motivaram os estudos desses incontáveis casos, vamos, mais além, em nossas iniciais reflexões. Notem que o Espiritismo - como já havíamos dito -, nos traz o método da fé raciocinada, afirmando, também, que não existe qualquer tipo de milagre.

Desta maneira, alicerçados nos postulados espíritas, vamos explicar o corpo fluídico de Jesus Cristo, quando na Terra, através da compreensão dos fenômenos de materialização.

Consideremos a seguinte pergunta:

Se espíritos e médiuns variados, de grau de evolução mediana, podiam produzir, como fizeram, inúmeros fenômenos surpreendentes, como é que Jesus Cristo, o Governador do Planeta, Espírito de máxima elevação, não dominaria os mecanismos dos fenômenos de materialização, desmaterialização, transfiguração, manipulação de fluídos, e outros, como fizeram diversas vezes os espíritos de Katie King e John King, e médiuns como Eusápia Paladino, D. D Home e d'Esperance?

Todos os 33 anos da “estada física” de Jesus na Terra, desde o seu chamado “nascimento” até sua “ressurreição”, só são explicáveis, pela Doutrina Espírita, através do que se conhece pelas pesquisas dos fenômenos de materialização e efeitos físicos.

Ressaltemos algumas das revelações corroboradas pela nossa Doutrina Espírita:

- Jesus não é Deus
- Jesus não é homem
- Jesus é criatura de Deus
- Jesus não fez milagres
- Jesus não é um milagre
- Muitos já fizeram os fenômenos que Jesus fez
- Muitos poderão fazer o que Jesus fez

Assim, veremos que todos estes postulados somente são explicáveis pela revelação sobre o “corpo fluídico” de Jesus e por sua confirmação através das pesquisas de ectoplasmia.

Em síntese, é o que diz o grande orador e poeta espírita, Kruger Mattos, sobre Jesus, no seu inspiradíssimo poema intitulado Escola:

“Concentração astral que a ciência encerra”⁴.

De fato, o poeta nos leva à profundidade do entendimento do corpo fluídico de Jesus e o assemelha - como já vimos - aos exemplos das materializações.

Seu corpo é a concentração dos mais sublimes fluidos. Mas por que “mais sublimes fluidos”? Porque, o Cristo tem o domínio completo das ciências constitutivas da matéria. Ele é - como já nos referimos - o Governador do Planeta.

Complemento ainda com a revelação dada pelo espírito Bittencourt Sampaio - vulto de elevado grau de evolução - quando comentou o texto de João Evangelista (Jo. 1:14) no seu livro “Jesus Perante a Cristandade”, através da mediunidade de Frederico Pereira da Silva Junior:

“E o verbo se fez carne, e habitou entre nós - e o Verbo se fez corpo, e habitou entre nós -, e Jesus tomou um corpo celeste, na frase do grande apóstolo dos Gentios, e veio habitar entre os homens... “(Cap. 1, p. 27).

Kardec ainda esclarece no livro “A Gênese”:

“A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudar de envoltório a seu bel-prazer, pelo que não podem passar, à vontade, de um mundo para outro”.

E mais, ainda no mesmo item...

“Os espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores, e, até encarnar neles. Tiram dos elementos constitutivos do mundo onde entram, os materiais para a formação do envoltório fluídico ou carnal apropriado ao meio em que se encontrem” (Cap. XIV, I, 9).

Vamos à contribuição de Bezerra:

“Jesus teve, com efeito, um corpo como o nosso pela forma, mas não pela natureza; teve um corpo fluídico, como tomam os anjos quando descem ao nosso mundo” (O Paíz, Seção Livre; Espiritismo - Estudos Filosóficos, 07.Maio.1893, p. 3).

“Entre a rocha e a alma ou o espírito, os dois extremos da escala, há uma variedade infinita das composições fluí-

4 Ver Paulo e Herodes, Cap. XII, p. 157-159.

dicas.

O meio donde tiram seus corpos instantâneos é o mesmo, é o fluido universal; mas a qualidade do fluido que colhem é muito importante.

Assim como o Espírito agrupa os elementos tirados do fluido universal e constitui com eles um corpo, assim, e sempre pelas mesmas leis fluidicas, ele desagrega aqueles elementos e dissolve instantaneamente o corpo fluidoico; donde uma gravidez e um parto, com perda da virgindade – verdadeiramente aparente” (O Paíz, Seção Livre, Espiritismo - Estudos Filosóficos, 15.Maio.1893, p. 3)

Portanto, considerando:

- 1) Jesus como Espírito de suprema evolução;
- 2) Que a natureza do envoltório fluídico está sempre em relação ao grau de adiantamento moral do espírito;
- 3) Que espíritos de adiantamento moral inferior – digamos mesmo: até muito inferior - a Jesus, também realizam fenômenos de materialização, inclusive do próprio corpo, como vimos, concentrando fluídos terrenos;
- 4) Que para a Doutrina Espírita não existe milagre.

Assim, os espíritas estudiosos que pararem para refletir, com calma e humildade, no assunto, verificarão a importância e o respeito que se deve às revelações sobre a natureza fluidica do corpo de Jesus.

Em 1940, na tradicional reunião do Grupo Ismael - grupo esse que começou ainda quando o Espiritismo brasileiro dava os seus primeiros passos, em 1880 - o médium J. Celani, por meio do fenômeno mediúnico conhecido como comunicação sonambúlica, recebe a seguinte mensagem do espírito Pedro Richard:

“Em toda essa questão (a natureza extracorpórea de Jesus), há mais orgulho, do que, verdadeiramente, incompreensão. É da natureza humana aferrar-se o homem aos seus pontos de vista e não abrir mão deles, embora conheça a luz e os testemunhos contrários ao que afirma” (“Trabalhos do Grupo Ismael”, Sessão de 19 de Junho de 1940, Vol. I, p. 192).

E vejamos Bezerra de Menezes novamente:

“O que é fora de questão é que repugna à razão o fato

de um espírito divino tomar a carne dos pecadores, e que a concepção espírita de ser fluídico o corpo de Jesus, não somente fala à razão e remove aquela repugnância invençível, como ainda explica, de acordo com as leis naturais, todos os fenômenos da vida do redentor – e principalmente sua concepção no ventre puríssimo de Maria Santíssima e seu nascimento, sem que a Mãe deixasse de ser Virgem”. (O Paíz, Seção Livre, Espiritismo - Estudos Filosóficos, 07.Maio.1893, p. 3).

Dada a importância do entendimento do corpo fluídico de Jesus para nós os espíritas, Guillon Ribeiro num livro muito especial, todo ele dedicado a essa questão: Jesus nem Deus nem Homem – e o título já diz tudo! - nos dá uma verdadeira aula sobre o assunto:

“Jesus, porém, sendo um puro Espírito, um espírito de pureza perfeita e imaculada, o fundador, o protetor, governador do planeta terreno, não podia e não estava adstrito, de acordo com as leis imutáveis da natureza, a tomar o corpo material do homem terrestre, corpo de lama, incompatível com a sua natureza espiritual. A encarnação humana é expiação, prova, meio, portanto, de efetivação de progresso moral. A ela, pois, não podia estar sujeito, e não estava, aquele que, antes de constituir-se a Terra, já alcançara, moralmente, a perfeição absoluta” (“Jesus nem Deus nem Homem”, p. 18).

Dois pontos para uma maior reflexão:

1) O quanto era evoluído o Espírito Jesus Cristo?

2) O tipo biológico humano é o mesmo tipo biológico de um espírito evoluído?

Fiquemos com algumas observações feitas pelo Prof. Pietro Ubaldí, situando Jesus durante a sua Missão Terrena:

“Mas Cristo que já era do Sistema pôde, contudo, vencer com a não violência, coisa incompreensível no ambiente terrestre que não pertence ao Sistema” (“Cristo”, p. 92).

Vamos a mais um comentário de Ubaldí, em uma entrevista dias antes de sua desencarnação:

“O Homem é feito de um dado tipo biológico proporcionado ao seu nível de evolução e não pode sair de repente

de lá, é como querer transformar um animal num outro, outra planta numa outra.

Quem está num nível de vida se construiu conforme um dado tipo biológico, e não pode compreender o que sucede a outro nível de evolução” (Entrevista concedida ao estudioso Eugênio Cónsoli, no hospital S. José, em S. Vicente (SP), dias antes de sua desencarnação em 1972. Produção Particular do Centro de Estudos Ubaldianos de Belo Horizonte (MG), Agosto de 2006 - www.ubaldibh.org).

Para encerrar este breve estudo sobre o corpo fluídico de Jesus, nos consolamos com o inspirado poema ditado pelo do espírito Victor Hugo intitulado Natureza Fluídica do Corpo de Jesus:

Supondes que Jesus, ao descer sobre a Terra,
Se envolvesse em matéria igual à em que se encerra
O vosso corpo? Não! isso é inadmissível.
Era sua matéria o fluído imponderável;
Do corpo, a natureza era leve e mutável,
E, para se tornar entre nós aparente,
Ele, que ocupa Além um lugar eminente,
Teve de lançar mão de meios inauditos,
Cujo segredo está lá nos céus infinitos.

Não suponhais também que, por ser diferente
Do vosso o corpo seu, a agonia pungente
Não lhe fosse infernal, nem a morte. A amargura
Tanto nalma é maior quanto mais ela é pura
O efeito é menos cruel, maiores os tormentos,
E aí está por que Jesus, de uma só vez sofria,
Mais do que todos vós uma intensa agonia.
Seja Ele abençoado e Deus lhe dê a gloria!
Nunca seu nome seja esquecido na História!

Victor Hugo

(Verités Éternelles, Tradução de Antônio Lima, A Vida de Jesus, p. 285).

3. OS FENÔMENOS ESPIRÍTICOS NOS EVANGELHOS

Agora, chegamos à última parte do nosso estudo. Propomo-nos focar os diversos fenômenos realizados por Jesus Cristo quando em nosso planeta, desde o episódio de seu “nascimento”, passando pelos registrados da sua “fase adulta”, pela sua “morte” aparente e a sua “ressurreição”, pondo por “terra” os até, então, considerados “milagres”.

A base de nosso estudo será:

1. O texto evangélico;
2. O comentário da passagem nos Quatro Evangelhos, revelados a Roustaing;
3. O caso espiritual, pesquisado cientificamente, em comparação com fenômeno examinado nos Evangelhos.

A - Do Nascimento

1. Da aparição do Anjo Gabriel à Maria:

“Alegra-te cheia de graça! O Senhor é contigo! Conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus... Maria então perguntou ao anjo: Como acontecerá isso, já que eu não convivo com um homem? O anjo respondeu: Um espírito santo descerá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer será chamado santo, Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na sua velhice. Este já é o sexto mês daquela que era chamada estéril, pois para Deus nada é impossível. Maria disse: ‘Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra’. E o anjo retirou-se” (Lc 1: 26-38).

2. O comentário da passagem de Lucas em “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing:

“Maria, porém, antes da sua encarnação, pedira, por devotamento e por amor, a graça de participar da obra de Jesus, atraindo, pela emanção de seus fluidos perispiríticos, os fluidos ambientes necessários à constituição daquele perispirito” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, pág. 161).

3. O Fenômeno do nascimento espiritual de Jesus Cristo é, sem dúvida alguma, um dos mais interessantes e marcantes. Não só pelo lindo e dramático enredo narrado, por meio da inspiração celestial, aos médiuns evangelistas, mas pela repercussão do caso.

Como um menino nasceria de uma virgem?

Se o Espiritismo exige a fé raciocinada, como encarar esta indagação?

É o que melhor elucidaremos. O fenômeno do “nascimento” de Jesus se aproxima com diversos casos de materializações de espíritos, estudados seriamente pela ciência psíquica.

Assim, vamos a um exemplo, para comparação, de uma materialização. O caso é do famoso espírito Katie King, estudado pelo grande pesquisador Willian Crookes:

“O Sr. Harrison atendeu a 25 de abril [1872] ao convite de Katie e na sua presença se verificou uma sessão de materialização. Ele tomou interessantes notas que publicou depois no seu jornal, *The Spiritualist*, donde extraímos os tópicos seguintes:

Testemunho do Sr Harrison:

- Com a minha presença, numa sessão a 25 de abril, em casa do Sr. Crook. A médium, Sra. Cook, sentou-se no interior de um gabinete escuro. De tempos a tempos, ouvia-se um ruído de raspagem com unhas. O espírito de Katie segurava um tecido leve por ela mesma fabricada e no qual procurava recolher, em torno do médium, os fluidos necessários a sua materialização completa. Para esse efeito, atritava o médium com o mencionado tecido. Dali a pouco, travou-se em voz baixa, entre o médium e o espírito, o seguinte diálogo:

Srta. Cook - Vamos, Katie, não gosto de ser friccionada assim.

Katie - Não sejas tolinha, tira o que tens na cabeça e olhe-me (E continuava a friccionar)

Srta. Cook - Não quero. Deixa-me, Katie. Já não gosto de ti. Metes-me medo.

Katie - Como és tola. (E não cessava de friccionar).

Srta. Cook - Não me quero prestar a estas manifestações. Não gosto disto. Deixa-me sossegada.

Katie - És apenas o meu médium e um médium é uma simples máquina de que os espíritos se servem.

Srta. Cook - Pois bem! Se não sou mais do que máquina, não gosto de ser assombrada deste jeito. Vai-te embora.

Katie - Não sejas estouvada.

Vê-se, por este diálogo que a aparição não é o duplo da médium, pois que, a vontade consciente da moça se revela em oposição absoluta a do espírito, que se acha na sua presença. Srta. d'Esperance, outro médium celebre, resolveu não mais cair em transe durante as manifestações e o conseguiu, o que mostra a independência da sua individualidade psíquica no curso das aludidas manifestações. O Sr. Harrison, em sessões ulteriores, pôde apreciar o desenvolvimento do fenómeno e o descreveu assim:

A figura de Katie nos apareceu com a cabeça toda envolta num pano branco, a fim, disse ela, de impedir que o fluido se dispersasse muito rapidamente. Declarou que apenas o seu rosto se achava materializado. Todos puderam ver-lhe distintamente os traços do semblante. Notamos que tinha fechados os olhos. Mostrava-se durante meio minuto e desaparecia. Depois, disse-me: Willie olha como sorrio; vê como falo. E exclamou: Cook aumenta a luz. Imediatamente isso foi feito e todos puderam observar a figura de Katie brilhantemente iluminada. Tinha uma

fisionomia jovem, linda, jovial, olhos vivos um tanto maliciosos. Sua tez já não era mate e imprecisa, como da sua primeira aparição a 22 de abril, porque, explicava ela: Já sei melhor como devo fazer. Quando sua figura se apresentou em plena luz, as suas faces pareciam naturalmente coloridas. Todos os assistentes exclamaram: Vemos-te perfeitamente. Katie manifestou a sua alegria, estendendo o braço para fora da cortina e batendo na parede com um leque achado ao seu alcance.

As sessões continuaram com bom êxito. As forças de Katie King aumentaram de mais em mais, porém, durante longo tempo, ela só conseguiu uma luz muito fraca, enquanto se materializava. A cabeça trazia sempre envolta em véus brancos, porque não a formava completamente, a fim de empregar menor quantidade de fluido e não fatigar a médium. Ao cabo de bom número de sessões, conseguiu mostrar-se em plena luz, com o rosto, os braços e as mãos descobertas” (“Materialização de Espíritos”, p.17-20).

B - Multiplicação dos Pães

1. Começamos por um fenômeno que é um dos mais famosos e o que menos se pode contestar. Afinal, esse fato foi registrado por todos os quatro evangelistas. É a conhecida multiplicação dos pães para cinco mil pessoas:

“E, tomando os cinco pães e os dois peixes, e olhando para o céu, abençoou-os, e partiu-os, e deu-os aos seus discípulos para os porem diante da multidão. E comeram todos, e saciaram-se; e levantaram, do que lhes sobejaram, doze alcofas de pedaços” (Lc. 9:16-17; Mt. 14:17; Mc. 6:38 e Jo. 6:9).

2. A explicação dada a essa passagem em “Os Quatro Evangelhos” é:

“Consegui ele, mediante transportes e o emprego de fluidos, multiplicar ao infinito a pequena quantidade de alimentos que os discípulos tinham à sua disposição” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo II, pág. 373).

3. Note que em tal passagem foram utilizados recursos de materialização, desmaterialização e transporte de objetos. Escolhemos um caso que contemple todos estes fenômenos. É mais um grande caso narrado por Ernesto Bozzano e, novamente, com a médium Eusápia Paladino:

“Data: 09/05/1903

Local: Rua Caffaro, 31, Genova – Residência do Sr. Felice Avelino

Presidente da Sessão: Prof. Enrico Morselli

Relator da Ata: Ernesto Bozzano

Testemunhas: Sr. Avelino, seu pai, seu irmão e o Sr. Giuseppe Vensano

Médium: Eusápia Paladino - Espírito: “John”

O tempo estava péssimo e chove torrencialmente. O apartamento do amigo Avelino está situado no 4º andar, porém o edifício, na parte traseira, está apoiado em um morro cortado nesse ponto e resguardado por uma alta muralha que tem a altura do referido apartamento. Em cima da muralha há um jardim com uma larga fileira de plantas colocadas em vasos. Entre essas, pela manhã, eu havia notado um magnífico pé de cravo encarnado, em plena florescência.

Dirigi-me, pois a “John” nas seguintes palavras: “John”, no jardim defronte desta janela, há um belíssimo pé de cravos em flor. Ficar-lhe-ei muito agradecido se nos trazer uma flor dele.

Ressou sobre a mesa uma forte pancada de assentimento e pouco depois uma mão colocou algumas flores em cima de meu joelho. Acendeu-se a luz, verificando-se que, efetivamente, se tratava dos cravos encarnados, cortados, sem dúvida, da planta indicada, porém o detalhe mais interessante do ‘transporte’ foi este: como, no momento, estava chovendo a cântaro, os cravos se achavam encharcados de água” (“Fenômenos de Transporte”, p. 52).

C - Transformando Água em Vinho

1. O fenômeno foi narrado por João, o Evangelista, na festa das Bodas de Caná:

“E estavam ali postas seis talhas de pedra, para as purificações dos judeus, e em cada uma cabiam dois ou três almudes. Disse-lhes Jesus: Encham de água essas talhas. E encheram-nas até em cima. E disse-lhes: Tirai agora, e levai ao mestre-sala. E levaram. E, logo que o mestre-sala provou a água feita vinho (não sabendo de onde viera, se bem que o sabiam os serventes que tinham tirado a água), chamou o mestre-sala ao esposo. E disse-lhe: Todo o homem põe primeiro o vinho bom e, quando já têm bebido bem, então o inferior; mas tu guardaste até agora o bom vinho” (Jo 2: 6-10).

2. Os evangelistas, dezoito séculos depois, em “Os Quatro Evangelhos”, explicam:

“No caso que tratamos, desde que à água foi dado o sabor de vinho, houve, por meio do magnetismo espiritual, ação sobre o pensamento dos convivas” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo IV, pág. 156).

“Quanto ao sabor do vinho, só a água que foi tirada para ser levada ao mordomo e servida aos convivas o adquiriu, por efeito da vontade de Jesus e da ação magnética que ele exerceu. Só essa porção d’água era necessária que sentisse tal sabor” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo IV, pág. 159).

3. Em Francisco de Assis encontramos um fenômeno semelhante. O fato foi narrado pelo biógrafo oficial para a canonização de S. Francisco, Tomás Celano:

“Uma vez até a sua água foi mudada em vinho, quando esteve muito doente na ermida de Santo Urbano. Quando o provou, sarou com tanta facilidade que todos acreditaram que era um milagre, como foi de verdade” (Fontes Franciscanas - 1 C. 61: 6-7).

Vale salientar que naquela época, século XIII, ainda não se tinha a contribuição da Doutrina Espírita, encerrando a questão do “milagre”. Por isso, é perfeitamente aceitável achar que tal fenômeno fosse classificado como “milagre”. Seguramente, já podemos classificar esse caso, como um fenômeno comum dentre tantos outros comprovados de mediunidade.

D - Caminhada Sobre as Águas

1. Tal episódio foi narrado pelos Evangelistas Mateus, Marcos e João:

“E, tendo navegado uns vinte e cinco ou trinta estádios, viram a Jesus, andando sobre o mar e aproximando-se do barco; e temeram. Mas Ele lhes disse: Sou Eu, não temais” (Jo. 6: 19-20; Mt. 14: 24-27 e Mc. 6: 47).

2. Vejamos a explicação em “Os Quatro Evangelhos”:

“Facilmente deveis compreender o fato de Jesus andar sobre as águas. Do mesmo modo que o espírito pode atravessar os ares, podia Jesus, unicamente pela ação da sua

vontade, privar o seu perispírito tangível do cunho humano que lhe imprimira e dar-lhe condições etéreas das nossas formas espirituais (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo II, pág. 381).

3. Quanto à levitação, além de inúmeros casos do médium D. D. Home observados por Sir. Crookes, o estudioso Albert de Rochas dedica um livro especial só abordando este assunto. A obra chama-se “A levitação” e descreve inúmeros casos dessa categoria. Vamos a um deles:

“O Sr. Luís Jacolliot refere o seguinte, de que foi testemunha:

O protagonista era um faquir chamado Covindassamy, que vinha de Frivanderam, perto do Cabo Comarin, no extremo sul do Indostão, e estava somente de passagem em Benarés. Fora encarregado de trazer para ali os restos fúnebres de um rico malabar, e habitava provisoriamente à margem do Ganges, em lugar pouco distante da casa alugada pelo Sr. Jacolliot. Havia vinte dias que se entregava ao jejum e à oração, quando se produziram, entre outras cenas prodigiosas, as duas seguintes, que copio textualmente da obra do magistrado francês:

Tendo ele pegado numa bengala de pau-ferro que eu trouxera de Ceilão, apoiou a mão no castão e, com os olhos fixos no solo, pôs-se a pronunciar conjurações mágicas e outras momices com que se esquecera de mimosear-me nos dias precedentes.

Com uma das mãos apoiada na bengala, o faquir elevou-se gradualmente cerca de dois pés acima do solo, com as pernas cruzadas à moda oriental, e ficou numa posição assaz semelhante à desses budas de bronze que todos os excursionistas trazem do Extremo Oriente.

Procurei, durante mais de vinte minutos, compreender como podia Covindassamy derrogar assim as leis ordinárias do equilíbrio... Não o pude conseguir; apenas a palma de sua mão direita esta em contato com a bengala. Nenhum outro apoio aparente havia para o seu corpo.

Cumpru notar que a cena se passava no terraço superior da casa do Sr. Jacolliot, e que o faquir estava quase inteiramente nu. Da mesma maneira sucedeu com este outro fenômeno:

No momento em que ele me deixava para ir almoçar e dormir a sesta durante algumas horas, o que era para ele da mais urgente necessidade, pois havia vinte e quatro horas que nada comera nem descanso algum tivera, o faquir parou no vão da porta que dava do terraço para a escada de saída, e, cruzando os braços no peito, elevou-se ou pareceu elevar-se pouco a pouco, sem apoio aparente, a

uma altura de cerca de vinte e cinco ou trinta centímetros. Um ponto que, durante a rápida produção do fenômeno, eu marquei com segurança, fez que eu fixasse a distância exata. Por detrás do faquir achava-se uma tapeçaria de seda que servia do reposteiro, com as cores vermelha, ouro e branca, em tiras iguais. Notei que os pés do faquir estavam na altura da sexta tira. Ao ver começar a ascensão, eu pegara no meu cronômetro. A produção completa do fenômeno, desde o momento em que o encantador começou a elevar-se até a ocasião em que de novo tocou no solo, não durou mais de oito a dez minutos. Ficou cinco minutos pouco mais ou menos imóvel na sua elevação.

Hoje, que reflito nesta cena estranha, não posso explicá-la de um modo diverso daquele pelo qual tenho interpretado todos os fenômenos que a minha razão já se recusava a admitir... isto é, por qualquer outra causa que não seja um sono magnético, sono que me deixava lúcido, permitindo-me ao mesmo tempo ver pelo pensamento do faquir tudo quanto lhe aprouvesse.

No momento em que Covindassamy me dava a saudação da partida, perguntei-lhe se lhe seria possível reproduzir à vontade este último fenômeno. O faquir, respondeu-me ele em tom enfático, poderia elevar-se até às nuvens – Como o obtém esse poder? – perguntei eu.

- É necessário que esteja em constante oração contemplativa, e que um Espírito superior desça do céu – foi a sua resposta” (“A Levitação”, p. 24-26).

Tanto na história oriental como na ocidental, tem-se inúmeros registros de levitações por médiuns de todos os tempos e lugares. Insisto ao retornar novamente a pergunta:

Se tantas pessoas puderam produzir tais fenômenos, imagina Jesus, com seu poder espiritual e magnético incalculáveis?

Imagina Ele, como Senhor dos fluidos do planeta, o maior magnetizador que já passou pela Terra, Espírito de elevada grandeza moral!

Enfim, a comparação do caso, fala por si só!

E- Transfiguração no Monte Tabor

1. Esta passagem é registrada nos textos evangélicos de Lucas, Mateus e Marcos:

“E aconteceu que, quase oito dias depois destas palavras, tomou consigo a Pedro, a João e a Tiago, e subiu ao monte a orar. E, estando ele orando, transfigurou-se a aparência do seu rosto, e a sua roupa ficou branca e muito resplandecente” (Lc. 9: 28-29; Mt. 17: 1 e Mc. 9: 2).

2. Segue a explicação dada ao caso em “Os Quatro Evangelhos”:

“Assim é que podemos, primeiro, fazer-nos visíveis e tangíveis sob a forma humana; depois, operar a transfiguração, reunindo à volta de nós os fluidos luminosos necessários, tornados visíveis aos olhares humanos” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo II, pág. 478).

3. Vamos um interessante caso de transfiguração:

“O Sr. Brackett – escultor americano e experimentador céptico e muito prudente -, citado por Alfred Erny em sua obra O Psiquismo Experimental, numa sessão de materialização, narra o interessante fato a seguir:

Vi um mancebo alto que se dizia irmão da senhora que me acompanhava. Esta lhe perguntou:

- Como poderia eu reconhecer-vos, se apenas vos vi quando éreis criança?

Imediatamente, a forma diminuiu pouco a pouco de altura até igualar à do menino que a senhora conhecera.

Constatai, acrescenta Brackett, outros casos do mesmo gênero” (“O Psiquismo Experimental”, p. 130-131).

F - Desaparecimento aos “Mestres” da Sinagoga

1. Tal registro evangélico encontra-se em Lucas. Este acontecimento se passou em Nazaré - cidade da “residência” do Mestre por cerca de trinta anos. A descrença do caso prova o dito: Santo de casa não faz “milagre”. Vamos a ele:

“E todos, na sinagoga, ouvindo estas coisas, se encheram de ira. E, levantando-se, o expulsaram da cidade, e o levaram até ao cume do monte em que a cidade deles estava edificada, para dali o precipitarem. Ele, porém, passando pelo meio deles, retirou-se” (Lc. 4: 28-30).

2. Observemos a explicação em Os Quatro Evangelhos:

“Fazendo cessar a tangibilidade do seu corpo perispirítico, aparentemente humano, ele se libertou das mãos dos que o seguravam e lhes desapareceu das vistas” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, pág. 378).

3. Antes de apresentarmos um dos mais brilhantes casos de materializações, faço complemento com a sábia contribuição de quem tanto pesquisou sobre o assunto: o nosso querido New-

ton Boechat. Em entrevista para o jornal O Povo, quando esteve na capital cearense, Boechat testemunhou:

“A doutrina espírita, nesta passagem, explica que o Divino Mestre, por efeito de sua sabedoria infinita, desmaterializou o veículo de carne que usava, de maneira muito mais perfeita do que as que são feitas de objetos em reuniões psíquicas de efeitos físicos, tais como observadas pelos famosos psiquistas, como o foram Gustav Geley, Ernesto Bozzano, Charles Richet, Alexandre Akzakof, Notizing e outros” (O Povo, Fortaleza, Quarta-feira, 7.Abril.1982).

Vamos direto ao caso comparativo:

“Alguns instantes mais tarde, as mãos da médium [Sra. d’Espérance] tornaram a cair sobre os joelhos. Vi, então, que os tateava, e observei que ela se agitava cada vez mais. Isso me pareceu curioso: inclinei-me para diante, e procurei, com o maior empenho, compreender o que se passava. A médium soltou de novo esse profundo suspiro que fazia supor alguma sensação bem desagradável. Ainda alguns segundos, e ela disse ao meu primeiro vizinho da esquerda, o Sr. Seiling:

- Dê-me a sua mão.

O Sr. Seiling levantou-se e estendeu-lhe a mão. A médium disse, então:

- Toque aqui.

O Sr. Seiling exclamou:

- É extraordinário: eu vejo a Sra. d’Espérance, ouço-a falar, mas, apalpando a cadeira, acho-a vazia; ela não está aqui; apenas cá encontro o seu vestido.

O tateamento parecia produzir uma viva dor na médium; ela, entretanto, convidou, ainda, várias pessoas a irem apalpar a cadeira” (“Um Caso de Desmaterialização”, p.46).

G - Cura ao Toque das Mãos

1. Dentre várias curas realizadas por Jesus, escolhemos esta narrada por Mateus:

“Ao sair Jesus dali, dois cegos o seguiram, clamando: - Filho de David tem piedade de nós! Quando chegou a casa, os cegos se aproximaram e ele lhes perguntou: - Credes que eu possa fazer o que me pedis? Os dois responderam: - Sim, Senhor! Ele então lhes tocou os olhos, dizendo: - Faça-se conforme a vossa fé. Os olhos de ambos se abriram e Jesus lhes proibiu terminantemente que falassem do fato, dizendo: - Vejam que ninguém o saiba. Mas, os dois se

foram e espalharam por todo o país a fama do Mestre” (Mt. 9: 27-31).

2. Vejamos a explicação dos espíritos Evangelistas e Apóstolos em “Os Quatro Evangelhos”:

Ele fez convergir, sobre os olhos dos cegos e sobre os organismos de ambos, os fluidos apropriados à natureza e à causa da cegueira que os havia atacado (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo II, pág. 152).

3. Selecionamos um caso espiritual de cura pelo toque das mãos:

“A cantora Mick Micheyl acaba de ser contratada para atuar na próxima revista do Cassino de Paris. Agora, porém, é acusada de exercer ilegalmente a medicina.

- Eu tenho eletricidade benéfica nos dedos – afirma Mick – Não vejo por que não hei de fazer com que os meus semelhantes aproveitem esse meu dom”. (“As Mulheres Médiuns”, p. 129).

“Com a simples aplicação das mãos [Mick Micheyl] sobre uma perna enferma do diretor do Cassino de St. Jean de Luz curou-o de uma descalcificação óssea, o que permitiu ao “cliente” abandonar as muletas” (“Extraordinárias Curas Espirituais”, p. 60).

H - Da Ressurreição

Chegamos à parte final do nosso estudo com o tema da “Ressurreição” de Jesus.

Veremos, nas passagens do Evangelho resgatadas, que os fenômenos aqui estudados, especialmente os de materialização e desmaterialização, se repetem diversas vezes.

Jesus, em sua missão terrena, apenas usa as suas habilidades para condensar e descondensar os fluidos que formaram o seu corpo fluídico, a seu bel prazer, como vimos diversas vezes em nosso estudo. No caso Dele é um fenômeno de ectoplasmia tão perfeito que até deixava-se tocar e, ainda, comia pão e peixe, diante de seus apóstolos.

As passagens escolhidas para retratar o grande fenômeno da “Ressurreição” – além da revelação dada a Roustaing - serão completadas pelos comentários doutrinários do espírito estrelar, Bittencourt Sampaio, no livro Jesus Perante a Cristandade.

1 - Inicialmente, situemos os fatos narrados nos Evangelhos:

“Entraram, então, no túmulo e viram um jovem sentado do lado direito, vestido de branco. E ficaram muito assustadas. Mas o jovem lhes disse:

- Não vos assusteis! Procurais Jesus, o nazareno, aquele que foi crucificado? Ele ressuscitou! Não está aqui!” (Lc. 24: 6, Mc. 16: 5 e Mt. 28: 5).

Agora, vejamos Jesus aparecendo para os discípulos:

“Ainda estavam falando, quando o próprio Jesus apareceu no meio deles e lhes disse: - A paz esteja convosco! Eles ficaram assustados e cheios de medo, pensando que estavam vendo um espírito. Mas ele disse: - Por que estais preocupados, e porque tendes dúvidas no coração? Vede minhas mãos e meus pés: sou eu mesmo! Tocai em mim e vede! Um espírito não tem carnes e ossos, como vedes que eu tenho. E dizendo isso, ele mostrou-lhes as mãos e os pés... Então Jesus disse: - Tendes aqui alguma coisa para comer? Deram-lhe um pedaço de peixe assado. Ele o tomou e comeu diante deles” (Lc 24: 36-43).

Vejamos a narração de João:

“Os discípulos estavam reunidos, com as portas fechadas por medo dos judeus. Jesus entrou e pôs-se no meio deles. Disse: - A paz esteja convosco. Dizando isso, mostrou-lhes as mãos e o lado” (Jo. 20: 19-20).

João também comenta outro fato, quando Jesus se dirige a Tomé e lhe pede para tocar-lhe, fazendo-o acreditar que o Mestre tomara forma tangível:

“Passados oito dias, estavam outra vez ali reunidos os seus discípulos, e Tomé, com eles. Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: - Paz seja convosco! E logo disse a Tomé: - Põe aqui o dedo e vê as minhas mãos; chega também a mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente. Respondeu-lhe Tomé: - Senhor meu e Deus meu! Disse-lhe Jesus: - Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creem” (Jo. 20: 26-29).

2) O comentário de Roustaing é:

“Do mesmo modo que os outros discípulos, Tomé não

conhecia a tangibilidade, sua existência, sua causa e seus efeitos.

Só se convenceu, vendo o mestre aparecer no meio deles, em lugar onde se encontravam reunidos a portas fechadas, e dar-lhe as provas que ele reclamara para acreditar que seus irmãos em Deus o tinham visto, para crer na “ressurreição” (“Os Quatro Evangelhos”, Tomo IV, pág. 512”).

Apreciemos os comentários do espírito Bittencourt Sampaio:

“Retomando o seu corpo fluídico, o mesmo que tinha servido para saciar a sede de sangue dos escribas e fariseus, deu-lhe o Senhor as suas mãos, para que as tocasse e, entreabrindo a túnica, mostrou as chagas, para que o fraco discípulo pudesse vencer a sua incredulidade...”

Bem-aventurados todos aqueles que diante dos esplendores do Universo, não precisam tocar Deus, nem N. S. Jesus-Cristo, para se considerarem criaturas do Altíssimo!” (Jesus Perante a Cristandade, Cap. XI, p. 177-178).

3) O fato científica escolhido foi narrado e vivenciado por Manuel Quintão junto à médium Anna Prado, no estado do Pará:

“Em seguida, do gabinete, diz a médium que procurássemos reconhecer a entidade que ia materializar-se... E para logo toma vulto uma linda criatura. Era uma moça esbelta, loura cabeleira solta, trazendo a tiracolo, sobre as vestes alvas, uma faixa azulada. (Note-se que a médium é morena, tipo acentuadamente nortista, de cabelos pretos e, por sinal, rigorosamente penteados). Caminhou até bem perto de nós, que lhe vimos os traços fisionômicos bem nítidos, o brilho da linda e vasta cabeleira.

Depois de nos olhar e de cumprimentar a assistência, em graciosa curvatura, afastou-se até ao centro da sala, parecendo indecisa... E logo a visão, que antes parecia pouco segura do seu corpo, caminhou resoluta até junto e sob a lâmpada, percorrendo a sala em todo o seu comprimento. Um assistente [Adalberto Macedo, funcionário do British Bank, em Recife] que, por dispositivo da colocação primitiva, lhe ficara mais próximo nessa surtida, disse-nos depois: “Eu vi até os cabelos dos braços e as veias da pele, quando ela estacionou sob a lâmpada”. Ao regressar vimos o seu andar naturalíssimo, o passo cadenciado e, por curto o vestido, as botas de atacaar, de cano alto e cor marrom-claro” (“Fenômenos de Materialização”, FEB, 1921, p. 38).

* * *

Bem aventurados todos aqueles que não precisam das provas do amor de Deus;

Bem aventurados todos que não têm preconceitos com novas revelações;

Bem aventurados aqueles que diante de tantos fatos têm a humildade de reconhecer o valor dos ensinamentos cristãos;

Bem aventurados aqueles que podem alcançar a fé raciocinada;

Bem aventurados aqueles que aliam amor e conhecimento.

Portanto, meus amigos:

Após traçarmos um paralelo das revelações espíritas com a pesquisa científica experimental, podemos entender bem o Divino Mestre, quando ensinou:

“Aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço e as fará maiores do que estas” (Jo. 14:12).

BIBLIOGRAFIA:

- Aksakof, Alexandre. Animismo e Espiritismo. FEB, 3ª Ed., I e II Vol., 3/1978, Rio de Janeiro (RJ).
- , Um Caso de Desmaterialização. FEB, 3ª Edição, 7/1979, Rio de Janeiro (RJ).
- Assis, Francisco. Fontes Franciscanas. Editora Mensageiro Santo Antônio, 2005, Santo André (SP).
- Bíblia Sagrada. Trad. da CNBB. Edições Loyola, 2001, São Paulo (SP).
- Bozzano, Ernesto e Gibier, Paul. Materialização de Espíritos. Trad. Francisco Klörs Werneck, ECO, 3ª Edição, 1976, Rio de Janeiro (RJ).
- , Fenômeno de Transporte. FEESP, 2ª Edição, 1982, São Paulo (SP).
- , Os Animais têm Alma? Publicações Lachâtre, 4ª Edição, 7/1999, Niterói (RJ).
- , A Morte e os Seus Mistérios. ECO, Rio de Janeiro (RJ).
- , A Crise da Morte. FEB, 4ª Edição, 4/1979, Rio de Janeiro (RJ).
- Crookes, William. Fatos Espiritas. FEB, 6ª Edição, 09/1971, Rio de Janeiro (RJ).
- Delanne, Gabriel. A Evolução Anímica. FEB, 4ª Edição, 1/1976, Rio de Janeiro (RJ).
- Erny, Alfred. O Psiquismo Experimental. 3ª Edição, 9/1982, Rio de Janeiro (RJ).
- Lima, Antônio. A Vida de Jesus. FEB, 3ª Edição, 10/1979, Rio de Janeiro (RJ).
- Lombroso, César. Hipnotismo e Mediunidade. Trad. Almerindo Martins de Castro. FEB, 2ª Edição, 10/1975, Rio de Janeiro (RJ).
- Loureiro, Carlos Bernardo. As Mulheres Médiuns. FEB, 1ª Edição, 12/1996, Brasília (DF).
- Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos. FEB, 1ª Edição Especial, 3/2005, Brasília (DF).
- , O Livro dos Médiuns. FEB, 1ª Edição Especial, 8/2004, Brasília (DF).
- , A Gênese. FEB, 1ª Edição Especial, 3/2005, Brasília (DF).
- , Obras Póstumas. 1ª Edição Especial, 4/2005, Brasília (DF).
- Magalhães, Samuel Nunes. Anna Prado – A Mulher que Falava Com os Mortos. FEB, 1ª Edição, 6/2012, Brasília (DF).
- , Charles Richet – O Apóstolo da Ciência e o Espiritismo. FEB, 1ª Edição, 1/2007, Brasília (DF).
- Martins, Jorge Damas e Martins, Pedro Silveira. Paulo e Herodes – A Palavra Vibrante de Newton Boechat. Editora Novo Ser, 1ª Edição, 2011, Rio de Janeiro (RJ).
- , Jorge Damas. Jean Baptista Roustaing – Apóstolo de Espiritismo. CRBBM, 2005, Rio de Janeiro (RJ).
- , Damasceno, Júlio Couto. Para Entender Pietro Ubaldi. Instituto Lachâtre. 2ª Edição, 6/2012, Bragança Paulista (SP).
- Netto, Aureliano Alves. Extraordinárias Curas Espirituais. Editora Mnêmio Túlio, 3ª Edição, 2005, São Paulo (SP).
- Quintão, M. Fenômenos de Materialização, FEB, 1921, Rio de Janeiro (RJ).
- , Fenômenos de Materialização. FEB, 1942, Rio de Janeiro (RJ).
- Ribeiro, Guillon. Trabalhos do Grupo Ismael. FEB, Vol. I, 1941, Rio de Janeiro (RJ).
- , Jesus nem Deus nem Homem. FEB, 3ª Edição, 6/2002, Brasília (DF).
- Rochas, Albert de. A Levitação. FEB, 3ª Edição, 9/1980, Rio de Janeiro (RJ).
- Roustaing, J.-B. Os Quatro Evangelhos. FEB, 5ª Edição, 1971, Rio de Janeiro (RJ).
- Silva, Frederico Pereira Júnior (Espírito: Bittencourt Sampaio). Jesus Perante a Cristandade. FEB, 5ª Edição, 12/1975, Rio de Janeiro (RJ).
- Ubaldi, Pietro. Cristo. FUNDÁPU, 2ª Edição, 1985, Campos (RJ).

PERIÓDICOS:

A Gazeta da Tarde. 1898, Rio de Janeiro (RJ).

O Paiz. 1893, Rio de Janeiro (RJ).

O Povo. 1982, Fortaleza (CE).

**XII - REFLEXÕES SOBRE O
CORPO FLUÍDICO DE JESUS
E A FÍSICA MODERNA**

Sérgio Thiesen

REFLEXÕES SOBRE O CORPO FLUÍDICO DE JESUS E A FÍSICA MODERNA

Sérgio Thiesen

“As ideias religiosas, longe de perderem alguma coisa, se engrandecem, caminhando de par com a Ciência”.
(Allan Kardec, O Livro dos Espíritos, cap. III, pág.73, ed. FEB).

“O Eleito é aquele que se elevou para Deus em linha reta, sem as quedas que nos são comuns, sendo justo afirmar que o orbe terrestre só viu um eleito, que é Jesus Cristo. (O Consolador, de Emmanuel, por Francisco Cândido Xavier, 5ª Ed. FEB, pág. 155)

“O que era impossível à Lei, visto que a carne a tornava impotente, Deus o fez. Enviando, por causa do pecado, o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado, condenou o pecado na carne.” (Paulo, Romanos, 8:3)

Estamos a 157 anos da publicação de “O Livro dos Espíritos”, a obra mais importante da grande revolução do pensamento, em prol da humanidade, que o Espírito Verdade, Jesus, o Cristo de Deus nos legou, desde a Boa Nova, os Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João.

Como não poderia deixar de ser, Allan Kardec e os espíritos da Codificação tinham na Ciência da época os conceitos e termos, as palavras e explicações dos fenômenos conhecidos da Natureza, para utilizarem nas mensagens e reflexões, notas e comentários que fariam parte da novel Doutrina.

Quando surgiu no mundo a Doutrina Espírita, em abril de 1857, os homens estavam recebendo dos planos superiores da vida universal a mais sólida e definitiva fonte de ensinamentos fundamentais sobre sua realidade, sua essência, seu destino. O monumental acervo do conhecimento superior para a evolução definitiva dos espíritos havia sido plantado no cenário parisiense para espraiar-se pelo orbe inteiro nos séculos seguintes.

Allan Kardec era educador, pesquisador e amante da Ciência e viveu em meio a matemáticos, astrônomos, botânicos e físicos que fizeram a Ciência de seu tempo.

Os Espíritos que participaram da Codificação trouxeram revelações que se configuraram nos postulados espíritas, a base

da Doutrina. E usaram os termos, as analogias, as comparações e o conhecimento da Humanidade de então para poder levá-la a um outro nível de compreensão do mundo e das coisas e facilitar-lhe a evolução.

Em 1868, com a publicação de “A Gênese”, completava-se o Pentateuco Kardequiano. A partir daí, o Espiritismo se consolidou como Doutrina e espalhou-se pelo mundo, notadamente na própria Europa e a seguir no Brasil e nas Américas.

Os Espíritos continuaram seu trabalho de revelação progressiva em que descortinaram novas ideias sobre a realidade espiritual, a complementarem aquelas da Codificação, especialmente através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, no Brasil. E o Espiritismo atravessou o século XX e distende suas luzes a todos os continentes, neste novo milênio, com vistas ao porvir.

E foi neste mesmo período de tempo que a Ciência mais progrediu, mais avançou, na busca incessante do homem de conhecer a Natureza, perscrutando-a com instrumentos cada vez mais sensíveis, revelando suas características e descrevendo as leis que regem os mais diversos fenômenos, estabelecendo novas fronteiras de conhecimento, além dos referenciais até então conhecidos, do espaço cartesiano e do tempo convencional.

As leis clássicas da Física não podiam explicar certos resultados experimentais da chamada radiação de corpo negro e, em 14 de dezembro de 1900, Max Planck publica um artigo sobre a quantização da energia, que equaciona o problema, a chamada catástrofe do ultravioleta e abre uma verdadeira revolução na Física, a mãe das Ciências. Nasce a Mecânica Quântica e com ela a Física Moderna. A Física Clássica passou a ser um caso particular da Física Moderna, para explicar os fenômenos com dimensões tais que impressionam os sentidos humanos, enquanto que aqueles de dimensões pequeninas, infinitesimais, que são a base de todo o Universo, só podem ser entendidos a partir da ideia da quantização. A compreensão do Universo que temos hoje se assenta numa realidade quântica. E a matéria que impressiona os nossos sentidos é apenas uma parte do que hoje se conhece do mundo em que vivemos.

No decorrer do século XX, Albert Einstein introduziu, de maneira notável, algo completamente novo no campo do conhecimento, a sua Teoria da Relatividade Geral e Especial, que viria a se tornar, junto da Mecânica Quântica de Planck, o outro grande pilar da Nova Física.

A teoria atômica de Dalton já era conhecida. O átomo que se pensava indivisível, era, portanto, o tijolo fundamental a estruturar a matéria universal. Mas a estrutura interna do átomo

começou a ser desvendada no final do século XIX com a descoberta do elétron e continuou no início do século XX com o trabalho de Rutherford e Chadwick e a evidência do próton e do nêutron.

O século XX foi também marcado, sucessivamente, década após década, pela descoberta das chamadas partículas elementares, em que os prótons e nêutrons foram ‘quebrados’ e as suas estruturas internas reveladas. Na sua composição surgiram os quarks “up” e “down” e os glúons. Segundo o Modelo Padrão da Física, os quarks ocorrem em seis tipos na natureza: “top”, “bottom”, “charm”, “strange”, “up” e “down”. Os dois últimos formam os prótons e nêutrons, enquanto os quatro primeiros são formados em hádrons instáveis em aceleradores de partículas. De tal maneira que a matéria do Universo é hoje e definitivamente entendida como formada por quarks (que por sua vez compõem os bárions e mésons) e os léptons (como os elétrons e neutrinos).

A antimatéria - que também é matéria - é outra importantíssima descoberta do último século. Ela introduziu a noção prevista matematicamente e comprovada de que as partículas elementares (constituintes da matéria) possuem seu análogo de carga inversa, como por exemplo, o pósitron, o antineutrino, o antipróton. O conceito de antimatéria surgiu da união entre a mecânica quântica e a relatividade especial por Paul Dirac, e sua teoria sobre o elétron e sua contraparte antimaterial, o pósitron. Em 1928, ele desenvolveu a chamada Equação de Dirac, que descreve o comportamento relativístico do elétron. Esta teoria o levou a prever a existência do pósitron, a antipartícula do elétron, que foi observado experimentalmente em 1932 por Carl David Anderson. Recebeu Dirac, em 1933, junto com Erwin Schrödinger, o Nobel de Física.

Os aceleradores de partículas já demonstraram a criação dos pares elétron-pósitron e seu aniquilamento, confirmando a teoria.

A matéria escura (dark matter) do Universo é outra noção especial e de recente verificação da Física Teórica. Há evidências crescentes de que uma grande parte da matéria que compõe o Universo não é aquela que as estrelas e as galáxias conhecidas poderiam justificar, somando-se todo o Universo detectável por todos os instrumentos conhecidos, incluindo os mais modernos telescópios e as sondas mais sofisticadas que viajaram a incalculáveis distâncias da Terra.

A partir de 50 anos de observações dos movimentos de galáxias e da expansão do Universo, a maioria dos astrônomos acredita que 90% da matéria que constitui o Universo são de objetos ou partículas que não podem ser detectados pelos inú-

meros instrumentos que vêm observando, a partir da Terra e do Espaço, o Cosmo.

Matéria escura é, pois, matéria. Esta matéria é chamada escura porque não irradia, não oferece nada que seja detectado no espectro eletromagnético, como tudo o mais que já é conhecido. Ou pelo menos, não irradia na dimensão que habitamos quando encarnados, acrescentaríamos.

Físicos e astrônomos tentam explicar esta matéria escura. Poderia tratar-se de material comum, como estrelas ultra fracas; grandes ou pequenos buracos negros, gás frio ou poeira cósmica espalhada pelo Universo. Mas podem ser partículas “exóticas” que não sabemos como observar ou mundos e estruturas materiais tão sutis e de composição não definidas.

Tão importante é a matéria escura para o entendimento do tamanho, forma e destino do Universo, que a procura por ela irá dominar a Astronomia pelas próximas décadas. Importa notar que, na medida em que a Ciência progride, poderá, através do estudo dos elementos constitutivos materiais do Universo, beirar a realidade do mundo espiritual e por este outro caminho, enfim, alcançar o Espírito imortal e definitivamente incorporar esta Verdade essencial e ingressar na maioria do conhecimento, libertando-se moralmente, a partir de mudanças em seus valores fundamentais.

Na pergunta número 27, os Espíritos introduzem a ideia de fluido universal, incluindo-o, junto com a matéria propriamente dita e o Espírito, como um dos elementos constitutivos. A matéria, sob o ponto de vista macroscópico, é dividida em sólidos e fluidos. A palavra fluido hoje só é utilizada para substâncias, como os gases, os líquidos e o plasma, que é um gás altamente ionizado e importantíssimo constituinte das estrelas. Fluidos são substâncias que podem escoar. Portanto os Espíritos estavam se referindo a outra coisa, possivelmente energia ou campo que são noções hoje bem definidas. Energia e campo permeiam todo o Universo conhecido.

A sugestão de que seria algo distinto decorre da ideia, expressa na mesma resposta, comparando o fluido elétrico e o magnético como modificações do fluido universal. Não se usa mais o termo fluido elétrico desde que se verificou que este não é contínuo e sim granular, sendo a carga elétrica o grânulo fundamental. Esse quantum de carga é tão pequeno que não se manifesta em experiências do cotidiano, assim como não percebemos que o ar que respiramos é composto de átomos. Mas isso só foi conhecido depois de Kardec, que se utilizava das noções de Franklin e de seus contemporâneos. Na mesma resposta é dito que o fluido universal ou primitivo é o princípio sem o qual a ma-

téria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá.

Nesse ponto é importante verificarmos que a teoria eletromagnética moderna é que explica essa união dos elementos que constituem a matéria. Esta teoria aborda o campo, a energia e a força elétrica, que descrevem corretamente: a) as forças que ligam os elétrons de um átomo ao seu núcleo; b) as forças que unem os átomos para formar as moléculas, e c) as forças que ligam os átomos e as moléculas entre si para formarem os sólidos e os líquidos.

Ou seja: a matéria que conhecemos é mantida assim estruturada pela união dos seus constituintes numa configuração estável pelas forças elétricas. E o universo conhecido para além da fronteira planetária – as estrelas, as galáxias, os conglomerados galácticos, o meio interestelar e intergaláctico – é permeado deste campo eletromagnético, tanto na faixa das frequências que compõem o espectro visível, como de micro-ondas, raios gama, raios cósmicos, etc.

Mas, além das forças eletromagnéticas e da gravidade, o Universo e a Natureza são sustentados por outras duas forças: a de interação fraca (quando da conversão de nêutrons em prótons com emissão de um elétron e um antineutrino, também chamado decaimento beta) e a que vamos comentar a seguir.

No núcleo dos átomos encontramos aquela força atrativa muito intensa que mantém os prótons e os nêutrons unidos e que é chamada de força nuclear ou interação forte. Caso essa força não existisse, o núcleo romper-se-ia imediatamente, por causa da forte repulsão elétrica existente entre os prótons. Como todo o Universo material é composto de núcleos, ele não seria como é se esta força não existisse.

Por exemplo, a constituição básica das estrelas que povoa o Cosmo é de hidrogênio, que é o elemento mais primordial e fundamental. No centro das estrelas, onde a temperatura é altíssima, ocorre o processo de fusão termonuclear entre núcleos de hidrogênio (prótons) formando núcleos de hélio (prótons e nêutrons) graças à presença de interações nucleares fortes. E é esse processo o responsável pela energia das estrelas e pela irradiação de energia eletromagnética, a luz que cintila no firmamento, aqui chegando depois de cruzar distâncias imensas. Assim, sem esse tipo de interação forte as estrelas não existiriam... Até agora, conhece-se apenas parcialmente a natureza desta força, a qual se constitui no problema central das atuais pesquisas no campo da Física Nuclear.

Portanto, a resposta em que os Espíritos abordam aquela característica do fluido universal de manter a matéria sem se

dividir faz-nos supor a íntima relação entre a força (ou energia, ou campo) eletromagnética e a forte (nuclear) com esse mesmo fluido. São os próprios Espíritos que afirmam ser o fluido universal de natureza material (grifo nosso) sutil e etérea.

E para que possamos continuar estabelecendo estas relações de conhecimento, sobre esta última afirmativa cabe ressaltar que a relação entre matéria e energia é hoje bem compreendida através da teoria da relatividade de Einstein, que foi desenvolvida várias décadas depois da Codificação e que postula a matéria como energia condensada.

Ainda sobre fluido universal convém colocar a importante questão da teoria da Grande Unificação, quando se busca reunir todos os quatro tipos de forças ou interações (eletromagnética, forte, fraca e gravitacional), já descritas na natureza como originadas de uma Única Força ou Interação Fundamental.

Existiria, pois, uma única grande força ou campo que deve ser aquilo que eles, os Espíritos, desejavam adiantar como sendo - rotulada com o melhor termo da época, no vocabulário humano, - o fluido universal. Convém lembrar que quem usou outro termo para aquilo que os Espíritos queriam dizer foi a Ciência, por estudos feitos depois de Kardec. Não há aí qualquer necessidade de adaptação da terminologia daquela época à dos nossos dias, até porque o termo fluido faz parte da história da Ciência e é bem conhecido também dos cientistas e leigos.

Na pergunta de número 35, Kardec questiona se o espaço universal é infinito ou limitado e os Espíritos respondem que este é infinito... “Isto te confunde a razão, bem o sei (...)”, acrescentam. Do telescópio de Monte Palomar, de cinco metros, podem ser observadas cerca de um bilhão de galáxias, algumas situadas tão longe, no espaço, que a luz que delas contemplamos é a que a expediram em nossa direção antes que a Terra existisse. Um bilhão de galáxias! Se um raio de luz começasse a percorrer a nossa modesta Via-Láctea, deslocando-se com a velocidade de 300 mil quilômetros por segundo, levaria cem milênios para atravessá-la. Existem aglomerados galácticos com mais de cem galáxias! E só a nossa possui mais de um trilhão de sóis... Foi neste último século que ficou evidente que vivemos num Universo povoado por um número gigantesco de galáxias, espalhadas pela vastidão do espaço cósmico. Nossa Via-Láctea é apenas uma entre bilhões de outras. Nosso planeta não ocupa uma posição especial no sistema solar, nosso Sol não ocupa uma posição especial em nossa galáxia e esta não ocupa uma posição especial no Universo. O que temos de especial é a sagrada oportunidade de nos maravilharmos com a beleza e profunda harmonia do Cosmo.

A Cosmologia e a Astrofísica são os ramos da Ciência que não existiam no século de Kardec e que vêm permitindo o esclarecimento destes relevantes aspectos do conhecimento sobre a criação do Universo, sua extensão e características básicas.

Numa série de descobertas notáveis na década de 20, o astrônomo americano Edwin Hubble não só mostrou que o Universo é povoado por inúmeras galáxias como a nossa Via-Láctea, como também descobriu algo de importância crucial em Cosmologia, a expansão do Universo. A plasticidade do espaço-tempo, alicerce fundamental da relatividade geral, é maravilhosamente expressa na expansão do universo. Carregados pela geometria em expansão, as bilhões de galáxias decoram, com sua infinita riqueza de luz e forma, a imensidão e infinitude crescente do espaço.

O Universo é uma entidade dinâmica, realizando a dança do devir, da transformação. Em todas as escalas, dos componentes mais minúsculos da matéria até o Universo como um todo, movimento e transformação emergem como símbolo da nova visão do mundo, substituindo a visão rígida da Física Clássica.

A pergunta seguinte é se existe o vácuo absoluto (ou a inexistência de matéria) em alguma parte do Universo e a resposta é negativa. Já se sabe que o espaço interestelar e intergaláctico é preenchido por partículas, como o neutrino, e campos que são detectáveis atualmente ou previstos teoricamente.

Na pergunta 41 Kardec interroga se um mundo completamente formado pode desaparecer e a matéria que o compõe disseminar-se de novo pelo espaço. “Sim, Deus renova os mundos, como renova os seres vivos”. A Astrofísica considera que os mundos (estrelas) são formados, nascem, envelhecem, contraem-se, “morrem”, explodem e renascem, numa incessante recriação. E sob as vistas paternais de Deus e sob o controle amoroso e decisivo dos Arcanjos Divinos, diríamos nós.

O Espiritismo é uma Ciência, que trata de uma ordem diferente de fenômenos - os fenômenos espirituais e de suas implicações morais.

Antes de tratar dos temas mais importantes sobre o Espírito imortal e chegar aos postulados espíritas, em “O Livro dos Espíritos” Allan Kardec formulou várias questões sobre os elementos constitutivos do Universo e algumas de suas características. Fazendo uma análise comparativa entre as respostas dadas pelos Espíritos e os avanços da Ciência, especialmente da Física, concluímos que estes anteciparam a Kardec várias verdades que só mais tarde, no decorrer do século seguinte, seriam verificadas pelo desenvolvimento da Ciência humana. Em geral, os Espíritos deixam ao homem os avanços do conheci-

mento científico pelo seu esforço e mérito. Mas as revelações nos chegam de Cima, a partir da ação dos Espíritos superiores, para que possamos conhecer a realidade, com alguma antecipação, com vistas à marcha mais acelerada do progresso. Isto que ocorreu com temas afeitos à Ciência oficial, que se tem dedicado aos aspectos essencialmente materiais da vida e do Universo deverá, passado mais algum tempo, repetir-se quanto às questões espirituais.

O ser humano também alcançará seu entendimento sobre a realidade do Espírito, e suas consequências, pelo esforço da própria Ciência, conquistando a crença definitiva desta realidade, revelada antes pela Doutrina Espírita, e estendendo a luz desse conhecimento ainda mais além. Assim como as leis que regem o que conhecemos do Universo até o presente foram bem estabelecidas ou desvendadas gradativamente pelos cientistas, aquelas que governam a realidade espiritual haverão de ser devidamente esclarecidas. Esta realidade é regida por leis análogas às nossas e por outras especiais porque exclusivas do mundo espiritual.

Como os elementos constitutivos são distintos, o despertar é recente para estas ideias, a instrumentalidade completamente nova, por isso conhecer estas leis requererá dedicação e tempo. Mas não nos esqueçamos de que grandes massas de criaturas poderão avançar no rumo do Espírito e do progresso moral quando a própria Ciência incorporar suas novas descobertas.

Seria, porém, rematada ingenuidade supor que a Ciência humana terrestre chegará rapidamente à solução definitiva dos seus problemas substanciais, porquanto precisará realizar antes disso e para isso, duas conquistas: primeiro, terá que reconhecer, por seus próprios meios, suas averiguações, seus cálculos e suas induções (e intuições), senão a certeza, pelo menos a probabilidade da existência do Espírito e das dimensões espirituais da Vida; e, segundo, construir novas aparelhagens e, sobretudo novos métodos de investigação para penetrar nesses novos domínios. Neste último caso, as dificuldades a vencer serão imensas. Não se trata, portanto, tão-somente de aperfeiçoar maquinismos e instrumentos técnicos, mas sim, consciências, através do desenvolvimento racional de faculdades psicofísicas capazes de serem utilizadas para a produção útil de fenômenos investigáveis.

Enquanto, porém, não houver, na Terra, condições morais que justifiquem tão elevado tipo de cooperação aberta e indiscriminada, o Governo Espiritual do Planeta não facilitará condições nem circunstâncias que favoreçam o êxito maior de tentativas desta espécie, além dos limites da educação e do incentivo

ao espírito perquiridor dos homens. É fácil compreender que o intercâmbio livre e permanente com planos e forças superiores da vida não pode ser facultado a seres predadores, de baixo senso ético e ainda espiritualmente irresponsáveis.

Por essa razão, a aceitação e a vivência dos princípios morais do Evangelho de Jesus são condições fundamentais a serem cumpridas, a fim de que as Inteligências Superiores outorguem ao Homem Terrestre o diploma de maioridade espiritual que lhe permita o ingresso efetivo no mundo de relações com a Comunidade Cósmica a que pertence.

A identificação vibratória com a natureza das sensações materiais constitui obstáculo intransponível à penetração consciente e proveitosa em outras dimensões que, para os seres assim faltos de maior sensibilidade, continuam como se não existissem, embora os influenciem decisivamente.

Diante das perplexidades da Ciência e da pressão cada vez maior dos fatos novos, que não cessam de fustigar a inteligência humana e de rumá-la para novas pesquisas e conclusões mais elevadas, cabe aos espíritas a sublime tarefa de oferecer aos pesquisadores e estudiosos humanos a contribuição substancial do Espiritismo, de modo a ajudar os cientistas sinceros a orientar-se com segurança na direção das verdadeiras soluções. Mas os espíritas só conseguirão fazer isso, com verdadeiro proveito, se se dedicarem seriamente ao estudo das realidades e dos progressos da Ciência, cotejando tudo, ponto por ponto, com as pesquisas, os conhecimentos e as revelações do Espiritismo, de modo a oferecer contribuições sérias aos pesquisadores e aos homens de pensamento que laboram fora de nossos muros.

Naturalmente, o trabalho maior dos espíritas-cristãos será sempre o da sua própria melhoria de sentimentos e de bem-fazer. O equilíbrio de atitudes cabe, porém, em toda parte, e não seria justo nos ausentássemos, a título de cultivar a humildade e as virtudes do coração, do esforço comum em prol do progresso humano. Afinal, as novas dimensões do conhecimento, que se abrem no mundo, são as grandes dimensões do Espírito imortal.

Numa indescritível profusão de luzes, cores e sons, esplende infinito e majestoso o império sideral dos universos divinos. Movem-se vertiginosamente pelos espaços sem fim incontáveis multidões de nebulosas e galáxias, carregando consigo inumeráveis aglomerados de milhares de milhões de estrelas, anãs ou gigantes, novas ou pulsantes, brancas, amarelas, azuis e vermelhas, com seus planetas e satélites, cometas e meteoros, numa sinfonia de belezas que ultrapassa todos os nossos poderes de imaginação.

E tudo se movimenta, se agita em velocidades inimagináveis.

veis, harmoniosas ou turbilhonantes, em voragens e explosões, em transformações e renascimentos, num frenesi inestancável em que tudo se equilibra sob o comando invisível da ordem suprema que a tudo preside: o Espírito de Deus.

O universo observável, que em Cosmologia é a região do espaço limitada por uma esfera, cujo centro é o observador, contém aproximadamente de 30 a 70 bilhões de trilhões de estrelas, organizadas em mais de 80 bilhões de galáxias, que formam elas mesmas aglomerados e super-aglomerados. Ainda assim é, tão somente, a ideia que fazemos hoje da Criação Universal.

A palavra “natureza” provém da palavra latina *natura*, que significa “qualidade essencial, disposição inata, o curso das coisas e o próprio universo”. *Natura* é a tradução para o latim da palavra grega *physis* (φύσις), que em seu significado original fazia referência à forma inata onde crescem espontaneamente plantas e animais. O conceito de natureza como um todo — o universo físico — é um conceito mais recente que adquiriu um uso cada vez mais amplo com o desenvolvimento do método científico moderno nos últimos séculos.

Tudo o que se sabe sobre o Universo, conhecido como matéria, em que a sua mais notável expressão são as estrelas e galáxias, é tão somente a parte constituída de matéria ordinária. Mas, o que chamamos de matéria escura e energia escura são o principal componente da Criação e a Ciência terrena não tem ainda noção alguma do que vem a ser essa colossal substância, que permanece insondável pelas limitações, mesmo dos mais refinados instrumentos já desenvolvidos pelo homem. E ainda, pelos mais notáveis voos das mentes brilhantes dos grandes missionários no campo do conhecimento. Juntas perfazem 96% da composição do Universo e tudo o mais que conhecemos, a matéria comum ou bariônica, apenas os 4% restantes. Os astrofísicos e cosmólogos que se debruçam sobre essas perspectivas, esquadrinhando as possibilidades quanto às suas definições e natureza, serão os Nobéis das próximas décadas e terão para a Humanidade o mesmo valor de quando Galileu Galilei ergueu para o céu as primeiras lunetas artesanais e abriu os novos domínios do conhecimento aos homens, há quase cinco séculos.

A partir do advento da Doutrina Espírita, passamos a entender a Natureza como sendo estruturada por duas realidades distintas, que se interpenetram e se completam - a do mundo material e a do mundo espiritual. Quando nos referimos a essa dualidade, pensamos com mais facilidade em termos do nosso planeta e nas características da distribuição da vida nos dois planos. Mas o que é válido para o orbe terreno é realidade no Universo como um todo. Mundos materiais, mundos fluidicos,

mais ou menos quintessenciados, com suas partes materiais e espirituais, elementos habitados por espíritos, as moradas infinitas a que Jesus se referiu, compondo as humanidades.

Assim como a matéria que compõe o mundo espiritual daqui não é conhecida e percebida pelos instrumentos humanos, tanto quanto os espíritos que nele vivem, a não ser pelos médiuns, o mesmo parece ocorrer com os outros mundos, por certo habitados por espíritos e constituídos de matéria sutil, que não impressionam nossos sentidos grosseiros.

Se a matéria e energia escura são - ao que se sabe - o principal elemento da constituição universal, da Criação, e nos recordando da pergunta 27 de “O Livro dos Espíritos”, em que os Espíritos disseram que os dois elementos gerais do Universo são espírito e matéria, além do fluido cósmico universal, fica como possibilidade que a grande parte que ainda está por ser definida corresponda aos mundos e realidades fluidico-espirituais, constituindo-se de matéria não ordinária, não bariônica. A matéria bariônica se refere a todo o material composto principalmente de prótons, nêutrons e elétrons.

A cadeira em que sentamos é formada por matéria bariônica. Nosso corpo é formado por matéria bariônica, assim como o computador, celular, carro, as estrelas e os planetas. A maneira como entendemos a natureza da matéria, hoje, é baseada em poucos tipos de partículas e elas podem ser divididas em três classes: quarks, léptons e os intermediadores. No entanto, em 1933, o cientista suíço Fritz Zwick, ao observar e calcular a energia de uma galáxia, percebeu que a energia acumulada era muito maior do que a quantidade de matéria bariônica visível. Quando se observa um carro em movimento, é possível calcular a energia desse carro. Quando uma galáxia está em movimento, é possível, também, calcular sua energia, que depende da quantidade de massa que a galáxia possui. Zwick chegou a dois números diferentes e percebeu que a massa visível era muito menor do que a massa invisível. Essa matéria invisível veio a se chamar matéria escura.

Mas, se a massa é invisível, como é possível saber que ela existe? Quando olhamos para um sistema, sabemos que ele tem que ter mais massa do que enxergamos, senão o movimento desses sistemas seria, fisicamente, impossível. Conseguimos explicar como a matéria bariônica funciona. Sobre a matéria escura não sabemos nada! Sua composição, tampouco como ela se encaixa no universo como um todo. Muito provavelmente, ela teve muita influência na formação das galáxias, inclusive na formação da Terra. A astrofísica estuda as dimensões macro. A física de partículas, por outro lado, estuda as dimensões micro.

A matéria escura é um dos poucos assuntos em física que consegue estabelecer conexões entre o micro e o macro, o que a torna um assunto fundamental para a Ciência.

Energia escura, no entanto, não é a mesma coisa que matéria escura. Energia escura foi uma teoria formulada para explicar a expansão acelerada do Universo. Para fazer uma analogia com a expansão do Universo, a comparamos com uma bola de aniversário que está sempre enchendo. A superfície dessa bola representa a expansão do universo. Para isso, se gasta energia. Essa energia é definida como energia escura. O termo 'escuro' entra, novamente, para definir algo que não se consegue explicar. A matéria escura é uma componente da teoria utilizada para explicar o movimento de galáxias, estrelas e outros fenômenos, tais como lentes gravitacionais, enquanto a energia escura é um segundo componente ainda desconhecido utilizado para descrever a expansão do universo.

Apesar de misteriosas, em princípio, a compreensão do que seria a matéria e energia escuras não alteraria, em nada, o cotidiano das pessoas. Mas, por outro lado, a maioria das descobertas feitas pela ciência, não foram estudadas para aplicação imediata. O clássico exemplo da descoberta da eletricidade, em princípio apenas uma curiosidade de alguns cientistas. Quando Einstein escreveu a Teoria da Relatividade, sua intenção era entender como a natureza funciona, ele queria explicá-la de uma maneira única e inovadora. Depois de muitos anos, graças a essa descoberta, temos um mundo circundado por satélites, que fazem o sistema de GPS dos navegadores de carros tão populares e úteis no nosso dia-a-dia. Sem o avanço dos fundamentos da compreensão da natureza, proporcionado pela Teoria da Relatividade, não haveria o desenvolvimento de aplicações importantes para o nosso cotidiano.

No dia 4 de julho de 2012, diante de um auditório lotado, cientistas do Centro Europeu de Pesquisas Nucleares (CERN), perto de Genebra, anunciaram ter detectado uma nova partícula subatômica com características compatíveis com as previsões para o bóson de Higgs. Apelidado 'partícula de Deus', ele era a peça que faltava para completar o quebra-cabeça do Modelo Padrão da Física - teoria formulada nos anos 60 para explicar o comportamento do Universo em escala quântica e previa a existência de 32 partículas fundamentais, das quais 31 já haviam sido geradas e detectadas em experiências. Sua constatação, uma das mais importantes da história da Ciência, desde a Teoria da Relatividade de Albert Einstein, é um marco histórico na nossa compreensão da natureza. O Modelo Padrão está 'completo' e é um privilégio acompanhar esse feito, coroando esforços de

todos aqueles que se dedicaram, nas etapas anteriores, desvendando esses, até então, mistérios da Criação.

Segundo o Modelo Padrão da Física, o bóson de Higgs seria responsável por dotar de massa todas as demais partículas. Isso teria ocorrido no primeiro trilionésimo de segundo após o Big Bang, a grande explosão que teria dado origem ao Universo - teoria mais aceita para explicar o início de tudo. A teoria do Universo Eterno é uma outra, que não exclui essa grande explosão de, aproximadamente, 13,7 bilhões de anos atrás e mais compatível, obviamente com a eternidade da Criação. O Grande Colisor de Hádrons, da sigla LHC, em inglês, serve como uma máquina do tempo capaz de nos remeter aos primeiros instantes após a grande explosão. Ele é o exercício intelectual mais bem acabado produzido pelo homem e ajuda a explicar o porquê das coisas serem o que são, desde o ser humano até as estrelas.

Químicos e físicos, geômetras e matemáticos, erguidos à condição de investigadores da verdade, são hoje, sem o desejarem, sacerdotes do Espírito, porque, como consequência de seus porfiados estudos, o materialismo e o ateísmo serão compelidos a desaparecer.

Os laboratórios são templos em que a inteligência é concitada ao serviço de Deus, e, ainda mesmo quando a cerebração se perverte, transitoriamente subornada pela hegemonia política, pelos interesses imediatistas, geradores de disputas fratricidas, o progresso da Ciência, como conquista divina, permanece na exaltação do bem, rumo a glorioso porvir. O futuro pertence ao Espírito! E, quando menos esperarmos, também pelos caminhos da Ciência, nos depararemos com a realidade do Espírito imortal e viveremos todos como irmãos, na glória das maiores transformações pessoais, que virão ao altar do coração e na consciência, resgatando a luz paternal e divina, em nossa peregrinação libertadora para os Cimos da Vida.

Filho de pais espíritas, cresci aprendendo no dia a dia sobre a Doutrina Espírita pois diversos temas de seus conteúdos surgiam naturalmente em nossa convivência. Francisco e Ruth Thiesen se conheceram, ainda jovens, na Sociedade Espírita Paz e Amor, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Eram atuantes no movimento espírita, em meio a atividades nos centros que frequentavam, nas federativas estaduais e na Federação Espírita Brasileira, onde meu pai foi presidente por 15 anos. Ouvia falar dos mais diversos títulos de livros espíritas, pois as estantes de casa eram repletas deles e foi durante a minha juventude que soube da obra Os Quatros Evangelhos, de Jean Baptiste Roustaing. Já não me recordo de quando escutei por vez primeira sobre o corpo fluídico de Jesus, mas esse tema me pareceu na-

tural, simples e lógico. A par dos livros espíritas que fui conhecendo desde então, tendo-os todos em casa para leitura ou consulta, a obra em questão pude lê-la muito cedo e voltar a ela com frequência, tendo-a como a mais importante referência sobre os Evangelhos, a par da extraordinária que pertence à Codificação.

Na biblioteca de meus pais havia os livros espíritas bem conhecidos, mas inúmeros outros pouco lidos ou divulgados entre os espíritas de um modo geral, muitas vezes nos idiomas de origem. Habitado à leitura e à pesquisa pude conhecer os demais autores que tratavam do corpo fluídico que contribuíram para que os espíritas conhecessem melhor a condição singular da presença notável de Jesus na Terra. “Vida de Jesus”, de Antônio Lima; “Jesus Perante a Cristandade”, de Bittencourt Sampaio, pelo médium do Grupo Ismael Frederico Júnior; de Antônio Luís Sayão, “Elucidações Evangélicas”; “Elos Doutrinários”, do erudito mestre Ismael Gomes Braga; “O Cristo de Deus”, do saudoso Manuel Quintão; “A Personalidade de Jesus”, produzido pelo talento invulgar de “Leopoldo Cirne”; “Jesus, nem Deus nem Homem”, de autoria de Guillon Ribeiro, por sinal o tradutor das últimas edições de “Os Quatro Evangelhos”.

Uma experiência valiosíssima e que me serviu de base para uma série de compreensões úteis sobre o Espiritismo prático foram as reuniões de materializações de espíritos que participei por uma década em casa de D. Zillah Chaves, na Rua das Palmeiras, no Rio de Janeiro. Eram encontros quinzenais em que diversos espíritos se corporificavam sucessivamente e interagiam conosco, os integrantes da equipe encarnada, através da ectoplasmia de D. Yolanda Gomes dos Santos.

Convivi com espíritos como Padre Zabeu Kauffman, José Grosso, Athanásio, Frei Onofre, Dr. Pedro Ernesto Batista (médico cirurgião e ex-prefeito do Rio de Janeiro), Dolores, Tio Paulo, Niels Bohr (o físico notável, prêmio Nobel de Física de 1922, da chamada escola de Copenhagen da Física Moderna), Dr. Túlio de Sabóia Chaves (médico homeopata, ex-presidente do Instituto Hahnemanniano do Brasil, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Filosofia), dentre muitos outros. Essa experiência me trouxe não apenas o privilégio de privar com esses espíritos de quem me tornei amigo, mas a familiaridade com o processo da tangibilidade ou corporificação. Era a mais palpável comprovação da imortalidade, bem como exemplos perfeitos de agêneres ectoplasmáticos, mesmo que de curta duração, com riqueza de detalhes dos próprios espíritos como de suas vestimentas, muitas vezes típicas, de suas culturas ‘de origem’ configurando as materializações luminosas ou as aparições tangíveis de que nos fala Allan Kardec em “O Livro dos Médiuns”.

Dolores, por exemplo, materializava-se com sua vestimenta de espanhola, da Andaluzia, completa, com seu xale sevillhano que pendia de sua cabeça aos ombros. Ao corporificar-se no ambiente, inundava-o de um perfume extraordinário, como uma marca registrada sua, junto a uma brisa fresca suave e, tomando de um par de castanholas, bailava por alguns minutos, acompanhando a música típica de sua região, de um disco de vinil. Tio Paulo se apresentava como escravo africano, idade provecta, fala revestida de ternura e mãos calejadas, de quem havia trabalhado com a enxada anos a fio. Um dos objetivos daquelas reuniões regulares era o de facultar aos espíritos uma fonte ectoplasmática para a realização de tratamento espiritual de encarnados e desencarnados enfermos, com aquele verdadeiro tesouro fluídico de reparação perispiritual e orgânica que os espíritos benfeitores movimentavam.

Vale lembrar que esses exemplos que testemunhei e tantos de mesma fenomenologia não são materializações em si. Não há criação de matéria, simples assim. Criação de pequenas quantidades de matéria requereria quantidades descomunais de energia, o que não é desse domínio ou alcance. Ela já existe, no duplo etérico dos médiuns de ectoplasmia ou de efeitos físicos, que a disponibiliza transitoriamente para os desencarnados revestirem seus perísperitos e se mostrarem aos encarnados. Após essas aparições tangíveis o ectoplasma retorna à origem, na intimidade do corpo físico do médium, no seu duplo, resgatando sua integridade fluídica. Ele é tipicamente um fluido porque pode escoar. Por definição, segundo a física, fluidos são substâncias que podem escoar, como dissemos anteriormente, a exemplo dos líquidos e gases.

Processo análogo de ectoplasmia se deu quando da presença de Jesus, visível e tangível, sempre que necessário, para o cumprimento de sua missão entre nós, há dois mil anos. Ectoplasma humano da fonte mais pura que a humanidade podia dispor. Do duplo etérico do corpo somático, de Maria de Nazaré. Além daquele, os de origem vegetal, dos vinhedos e trigais das regiões úberes da Galileia.

Se Jesus-Cristo é o Eleito, o único visto neste orbe, como quereríamos que não fossem também únicos os preparativos que lhe tornassem possível a tangibilização entre nós, “algo” que intermediasse o imenso hiato existente entre a sua grandeza e as nossas misérias? Só com um corpo sideral, fluídico, de carne apenas semelhante (não confundir com idêntica) à humana poderia ele ter-se apresentado neste planeta sem contrariar as leis naturais, hoje melhor conhecidas.

É inegável, como vimos, os avanços que tivemos nas úl-

timas décadas, no âmbito da Ciência em geral e da Física em particular. Mãe das Ciências, é a Física que nos permite estudar a Natureza e o Universo em linguagem precisa, a linguagem matemática.

No estudo das diferentes ordens ou graus de perfeição dos Espíritos, apresentada didaticamente aos homens em “O Livro dos Espíritos”, vamos encontrar os de Primeira Ordem, os que atingiram a perfeição absoluta, dentre os quais se incluem os chamados anjos, arcanjos e querubins, os puros espíritos. “Esta classificação, aliás, nada tem de absoluta. Apenas no seu conjunto cada categoria apresenta caráter definido” – disseram os Espíritos. Na sequência do processo de revelação progressiva, a Espiritualidade, através do “Evangelho de Roustaing” nos trouxe a ideia dos espíritos crísticos, diferenciando-os em relação aos demais, identificando-os no extremo da hierarquia dos espíritos, o que nos parece de suma importância para que entendêssemos as diferenças entre Jesus e os demais espíritos puros, nas suas designações comuns no vocabulário humano. Era necessário distingui-lo de todos os demais e chamar a atenção para a Sua singularíssima condição e a Sua missão.

Nesse sentido, no livro “Universo e Vida”, do espírito Áureo, edição da Federação Espírita Brasileira, prefaciado por Francisco Thiesen e publicado em 1979, vamos encontrar, no capítulo VII, “O Filho do Homem”, as ideias que vieram confirmar, de maneira extraordinariamente bela, o que a obra “Os Quatro Evangelhos” descortinava um século antes. Hernani Trindade Sant’Anna foi o médium desta e de outras obras publicadas pela FEB. E Áureo, tudo indica, fez parte da plêiade dos Espíritos da Codificação. Ele foi Blaise Pascal.

“No seio excelso do Criador Incriado, nos cimos da evolução, pontificam os Cristos Divinos, os Devas Arcangélicos, cuja sublime glória e soberano poder superam tudo quanto de magnificante e formidável possa imaginar, por enquanto, a mente humana. São eles que, sob a inspiração do Grande Arquiteto do Universo, presidem, no Infinito, à construção, ao desenvolvimento e à desintegração dos orbes, fixando-lhes as rotas, as leis físico-químicas e bio-matemáticas e gerindo seus destinos e os de seus habitantes.

Os Cristos, Espíritos Puríssimos, não encarnam. Não têm mais nenhuma afinidade essencial com qualquer tipo de matéria, que é o mais baixo estágio da energia universal. Para eles, matéria é lama fecunda, que não desprezam, sobre a qual indiretamente trabalham através dos seus prepostos, na sublime mordomia da Vida, mas coisa com que não podem associar-se contextualmente, muito menos em

íntimas ligações genéticas. Eles podem ir a qualquer parte dos Universos e atuar onde lhes ordene a Vontade Todo-Poderosa de Deus Pai; podem mesmo mostrar-se visualmente, por imenso sacrifício de amor, a seres inferiores e materializados, indo até ao extremo de submeter-se ao quase-aniquilamento de tangibilizar-se à vista e ao tato de habitantes de mundos inferiores, como a Terra; mas não podem encarnar, ligar-se biologicamente a um ovo de organismo animal, em processo absolutamente incompatível com a sua natureza e tecnicamente irrealizável.

A possibilidade de violentação das leis naturais é relativa e não chega até o ponto de permitir que um organismo celular de matéria densa resista, sem desintegrar-se instantaneamente, a mais abrandada vibração bioeletromagnética de um Espírito Crístico. Se é impraticável a um Espírito humano, inteligente e dotado de consciência, encarnar em corpo de irracional, por completa impossibilidade biológica de assimilação mútua entre a matriz perispiritica e o óvulo animal de outra espécie, para não falarmos também das impossibilidades psíquicas de semelhante absurdo de retrogradação evolutiva, muito menos poderia um Cristo encarnar em corpo humano terrícola.

A distância evolucionária que separa um orangotango de um homem terrestre é bem menor que aquela que medeia entre um ser humano terrestre e um Cristo Divino. Para apresentar-se visível e tangível na superfície da crosta terráquea, teve o Cristo Planetário de aceitar voluntariamente intraduzível tortura cósmica, indizível e imensa, ainda que quase de todo inabordável ao entendimento humano. Primeiro, obrigou-se à necessidade de abdicar, por espaço de tempo que para nós seria longuíssimo, da sua normal ilimitação de Espírito Cósmico e ao seu trono no Sol, sede do Sistema, transferindo-se do centro estelar para a fotosfera, onde lhe foi possível o primeiro e doloroso mergulho na matéria, através do revestimento consciente do seu mentespirito com um tecido energético de fótons. Depois, teve de imergir no próprio bojo do planeta Terra, em cuja ionosfera utilizou vastos potenciais eletromagnéticos para transformar seu manto fotônico em léptons e em quarks formadores de mésons e de bárions, estruturando átomos ionizados. Finalmente, concluindo a dolorosíssima operação de tangibilidade, revestiu esse corpo iônico com delicadíssima túnica molecular, estruturada à base de ectoplasma, combinado com células vegetais, recolhidas principalmente (como já captou a intuição humana) de vinhedos e trigais.”

Uma ideia a ser considerada é a realidade do espírito em si. Segundo a Doutrina Espírita, no Universo existe espírito, ma-

téria e fluido cósmico universal. Não sabemos a constituição do espírito propriamente dito. Derivado do fluido universal, há de ser algo que possa ser individualizado, claro. Há que ter estrutura interna, elementos constitutivos muito tênues, de distribuição e características desconhecidas. O espírito não é corpóreo, tendo a figura humana graças aos elementos mais densos do perísprito, como o corpo astral. Sem o perísprito ele é algo mais próximo da condição de energia pura em que a evolução espiritual individual adquirida ao longo das eras e dos milhões de anos pelo amor que se diviniza e pelas conquistas em ciência universal, intensifica a energia de patrimônio individual, irradiadora e constitutiva da mente, comparável a estrelas ou sóis de grandezas variadas, em que, processos termonucleares dispendem radiações como luz de diversos espectros, visível ou não, e calor, em todas as direções, por bilhões incontáveis de anos. São ainda, no entanto, diferentes uns dos outros ao infinito, compondo as humanidades diversas, no inesgotável e majestoso cenário da Criação.

Os espíritos de natureza crística, sem nenhuma afinidade com a matéria densa como conhecemos, vivem, a exemplo de Jesus, nos núcleos das estrelas ou em departamentos outros dos sóis do Universo. Tanto de orbes estelares identificáveis e conhecidos pela Astronomia de nosso mundo ainda tão imperfeito, como em mundos fluídicos, constituídos, talvez, de matéria e energia escura, antimatéria e campos atratores ainda insondáveis. Sua condição vibratória, apenas considerando a natureza eletromagnética, diferenciada para frequências elevadíssimas e sem parâmetros com o que conhecemos na realidade de um mundo de provas e expiações, pode apenas deixar suas realidades para estabelecerem relações físicas e psíquicas com os mundos que governam, dentro de limites que o próprio Universo divino estabeleceu desde a eternidade.

O processo de corporificação em mundo de matéria densa como o nosso, para conviver com seres desse perfil espiritual, encarnados e desencarnados, necessitaria, e foi o caso, de uma longa e progressiva adaptação, com constrangimentos vibratórios tais que, demandariam a incorporação de todos os tipos de constitutivos cada vez mais materiais, desde a condição de energia puríssima, passando por aglutinações de quarks e léptons, prótons e nêutrons, confeccionando as túnicas de íons, átomos e moléculas, até poder atrair o ectoplasma, substância já da condição do mundo denso, emprestado por Maria, a Rainha dos Anjos, e por elementos vegetais próprios daqui.

Levando em conta que, a par das adaptações possíveis, a presença de um Ser Crístico numa ligação com um óvulo fecun-

dado, seria como se um raio comum, com sua energia eletromagnética descomunal, pudesse ser contido para se filiar a uma estrutura de matéria, como a do elemento biológico primordial de um ser humano encarnado daqui. Para não desfazer o ectoplasma de requintadíssima fonte houve toda a série de túnicas preparatórias. Mas, ligar-se e manter-se ligado para uma encarnação comum, sem destruí-lo, seria impossível.

Ainda assim, somos meros aprendizes de todas as coisas que nos remetem aos mecanismos da Vida Superior concernentes à Terra e ao Universo Divino, nas questões do Espírito Imortal. Mas, vivemos, por determinação do Senhor, nesta época de profundas transformações, em ambiente social e mental do mais amplo pensamento livre e responsável, dentro do qual, à luz do Espiritismo, podemos trabalhar e lutar, sofrer e aprender, renovar e aprimorar, concordar e discordar, dentro do Mandamento Maior – “Amái-vos uns aos outros”.

**CONHEÇA TAMBÉM
OS DEMAIS VOLUMES DA COLEÇÃO
“EXAMINAI TUDO”:**

1. “JEAN BAPTISTE ROUSTAING, APÓSTOLO DO ESPIRITISMO”, de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;

2. “CONVERSAS FAMILIARES SOBRE ESPIRITISMO”, DE ÉMILIE COLLIGNON, ORGANIZAÇÃO JORGE DAMAS MARTINS E STENIO MONTEIRO DE BARROS;

3. “A EDUCADAÇÃO MATERNAL - O CORPO E O ESPÍRITO”, DE ÉMILIE COLLIGNON, ORGANIZAÇÃO DE JORGE DAMAS MARTINS E STENIO MONTEIRO DE BARROS;

4. “A EDUCADORA EMILIE COLLIGNON, GRANDE MÉDIUM DA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA”, ORGANIZAÇÃO DE JORGE DAMAS MARTINS E STENIO MONTEIRO DE BARROS;

5) “EM VERDADE VOS DIGO”, ORGANIZAÇÃO DE JULIO DAMASCENO;

6) “EXAMINAI TUDO”, ORGANIZAÇÃO DE JULIO DAMASCENO;

7) “O DOM DE DEUS”, ORGANIZAÇÃO DE JULIO DAMASCENO;

8) “AS VIRTUDES DO CÉU”, ORGANIZAÇÃO DE MARCO AURÉLIO L. DE ASSIS;

9) “JEAN BAPTISTE ROUSTAING, APOTRE DU SPIRITISME” - VERSÃO EM FRANCÊS DA BIOGRAFIA DE ROUSTAING.

**DOWNLOAD GRATUITO NO SITE WWW.CRBBM.ORG
PEDIDO GRATUITO DE VOLUMES PELO E-MAIL
CRBBM@HOTMAIL.COM**